

Vencedor do Man Booker Prize 2009

# WOLF

Um romance da era Tudor

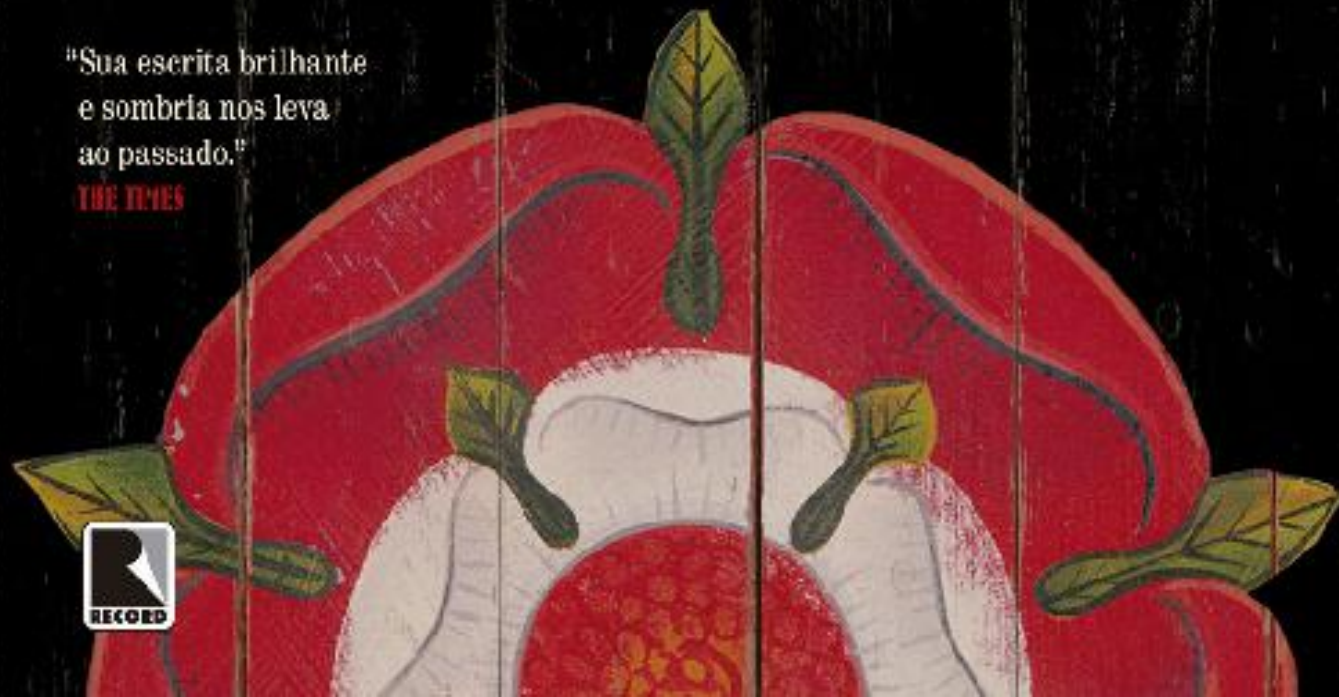
# HALL

Hilary Mantel

Autora de *A sombra da guilhotina*

"Sua escrita brilhante  
e sombria nos leva  
ao passado."

THE TIMES



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

Vencedor do Man Booker Prize 2009

# WOLF

Um romance da era Tudor

# HALL

Hilary Mantel

Autora de *A sombra da guilhotina*

“Sua escrita brilhante  
e sombria nos leva  
ao passado.”

THE TIMES



**Hilary Mantel**

**WOLF  
HALL**

*Tradução de*  
Heloisa Mourão



EDITORA RECORD  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2011

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

Mantel, Hilary, 1952-

M25w Wolf Hall [recurso eletrônico] / Hilary Mantel; tradução de Heloisa Mourão. –  
Rio de Janeiro: Record, 2011.

Recurso Digital

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-09768-2 [recurso eletrônico]

1. Romance inglês. 2. Livros eletrônicos. I. Mourão, Heloisa Cardoso. II. Título.

11-  
6399

CDD: 823  
CDU: 821.111-3

TÍTULO ORIGINAL EM INGLÊS:

Wolf Hall

Copyright © Hilary Mantel, 2009

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Editoração eletrônica da versão impressa: Abreu's System

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela  
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000

---

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-09768-2



Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

[mdireto@record.com.br](mailto:mdireto@record.com.br) ou (21) 2585-2002.

*Seja este dedicado a minha amiga ímpar,  
Mary Robertson.*

# SUMÁRIO

[Lista de personagens](#)  
[Árvores genealógicas](#)

## [PRIMEIRA PARTE](#)

[I Cruzando o Mar Estreito. \*Putney, 1500\*](#)

[II Paternidade, \*1527\*](#)

[III Em Austin Friars, \*1527\*](#)

## [SEGUNDA PARTE](#)

[I Visitação, \*1529\*](#)

[II Uma história oculta da Bretanha, \*1521-1529\*](#)

[III Tudo ou nada. \*Dia de Todos os Santos, 1529\*](#)

## [TERCEIRA PARTE](#)

[I O truque das três cartas. \*Inverno de 1529 — Primavera de 1530\*](#)

[II Meu muito estimado Cromwell. \*Primavera — Dezembro de 1530\*](#)

[III Os mortos se queixam de seu enterro. \*Natal de 1530\*](#)



## QUARTA PARTE

I Componha seu rosto, 1531

II "Ai de mim, que hei de fazer por amor?". Primavera de 1532

III Missa da Manhã. Novembro de 1532

## QUINTA PARTE

I Anna Regina, 1533

II A saliva do demônio. Outono e inverno, 1533

III O olhar de um pintor, 1534

## PARTE SEIS

I Supremacia, 1534

II O mapa da cristandade, 1534-1535

III Rumo a Wolf Hall. Julho de 1535

Nota da autora

Agradecimentos

## **LISTA DE PERSONAGENS**

### **Em Putney, 1500**

Walter Cromwell, ferreiro e cervejeiro

Thomas, filho.

Bet, filha.

Kat, filha.

Morgan Williams, esposo de Kat.

### **Em Austin Friars, de 1527 em diante**

Thomas Cromwell, advogado

Liz Wykys, sua esposa.

Gregory, filho.

Anne, filha.

Grace, filha.

Henry Wykys, pai de Liz, comerciante de lã.

Mercy, esposa de Wykys.

Johane Williamson, irmã de Liz.

John Williamson, esposo de Johane.

Johane (Jo), sua filha.

Alice Wellyfed, sobrinha de Thomas Cromwell, filha de Bet Cromwell.

Richard Williams, mais tarde Richard Cromwell, filho de Kat e Morgan.

Rafe Sadler, principal funcionário de Cromwell, criado em Austin Friars.

Thomas Avery, o contador doméstico.  
Helen Barre, uma mulher pobre acolhida pela casa.  
Thurston, o cozinheiro.  
Christophe, criado.  
Dick Purser, tratador dos cães de guarda.

### **Em Westminster**

Thomas Wolsey, Arcebispo de York, cardeal, legado papal, Lorde Chanceler: patrão de Thomas Cromwell.  
George Cavendish, principal intendente de Wolsey e, mais tarde, biógrafo.  
Stephen Gardiner, professor de Trinity Hall, secretário do cardeal, mais tarde, Secretário-Geral de Henrique VIII: inimigo mais ferrenho de Thomas Cromwell.  
Thomas Wriothesley, Guarda-Selo, diplomata, protegido de Cromwell e Gardiner.  
Richard Riche, advogado, mais tarde procurador-geral.  
Thomas Audley, advogado, presidente da Câmara dos Comuns, lorde chanceler após a renúncia de Thomas More.

### **Em Chelsea**

Thomas More, advogado e acadêmico, lorde chanceler após a queda de Wolsey.  
Alice, sua esposa.  
Sir John More, seu idoso pai.  
Margaret Roper (Meg), a filha mais velha, casada com Will Roper.  
Anne Cresare, nora.  
Henry Pattinson, criado.

### **Londres**

Humphrey Monmouth, comerciante, preso por abrigar William Tyndale, tradutor da Bíblia para o inglês.  
John Petyt, comerciante, preso por suspeita de heresia.  
Lucy, sua esposa.

John Parnell, comerciante, envolto em prolongada disputa legal com Thomas More.

O Pequeno Bilney, professor queimado por heresia.

John Frith, professor queimado por heresia.

Antonio Bonvisi, comerciante de Lucca.

Stephen Vaughan, comerciante da Antuérpia, amigo de Cromwell.

## **Na corte**

Henrique VIII.

Catarina de Aragão, sua primeira esposa, mais tarde conhecida como a Princesa Viúva de Gales.

Maria, filha do casal.

Ana Bolena, segunda esposa de Henrique.

Maria, irmã de Ana, viúva de William Carey e ex-amante de Henrique.

Thomas Bolena, pai de Ana e Maria, mais tarde conde de Wiltshire e Lorde do Selo Privado: gosta de ser chamado de "Monsenhor".

George, irmão de Anne e Mary, mais tarde lorde Rochford.

Jane Rochford, esposa de George.

Thomas Howard, duque de Norfolk, tio de Anne.

Mary Howard, sua filha.

Mary Shelton, dama de companhia.

Jane Seymour, dama de companhia.

Charles Brandon, duque de Suffolk, velho amigo de Henrique, casado com Mary, irmã do rei.

Henry Norris, Francis Bryan, Francis Weston, William Brereton, Nicholas Carew, cortesãos a serviço do rei.

Mark Smeaton, músico.

Henry Wyatt, cortesão.

Thomas Wyatt, seu filho.

Henry Fitzroy, duque de Richmond, filho ilegítimo do rei.

Henry Percy, conde de Northumberland.

## **O clero**

William Warham, o idoso arcebispo da Cantuária.

Cardeal Campeggio, enviado papal.

John Fisher, bispo de Rochester, assessor legal de Catarina de Aragão.

Thomas Cranmer, professor de Cambridge, reformista, arcebispo da Cantuária, sucessor de Warham.

Hugh Latimer, padre reformista, mais tarde bispo de Worcester.

Rowland Lee, amigo de Cromwell, mais tarde bispo de Coventry e Lichfield.

### **Em Calais**

Lorde Berners, governador, professor e tradutor.

Lorde Lisle, o governador seguinte.

Honor, sua esposa.

William Stafford, adido da guarnição.

### **Em Hatfield**

Lady Brian, mãe de Francis, encarregada da princesa infante Elizabeth.

Lady Anne Shelton, tia de Ana Bolena, encarregada da antiga princesa, Maria.

### **Os embaixadores**

Eustache Chapuys, diplomata de Saboia, embaixador do Imperador Carlos V em Londres.

Jean de Dinteville, embaixador de Francisco I.

### **Os pretendentes yorkistas ao trono**

Henry Courtenay, marquês de Exeter, descendente de uma filha de Eduardo IV.

Gertrude, sua esposa.

Margaret Pole, condessa de Salisbury, sobrinha de Eduardo IV.

Lorde Montague, seu filho.

Geoffrey Pole, filho.

Reginald Pole, filho.

## **A família Seymour, de Wolf Hall**

O velho Sir John, que tem um caso com a esposa de seu filho mais velho, Edward.

Edward Seymour, seu filho.

Thomas Seymour, filho.

Jane, sua filha; na corte.

Lizzie, sua filha, casada com o governador de Jersey.

William Butts, médico.

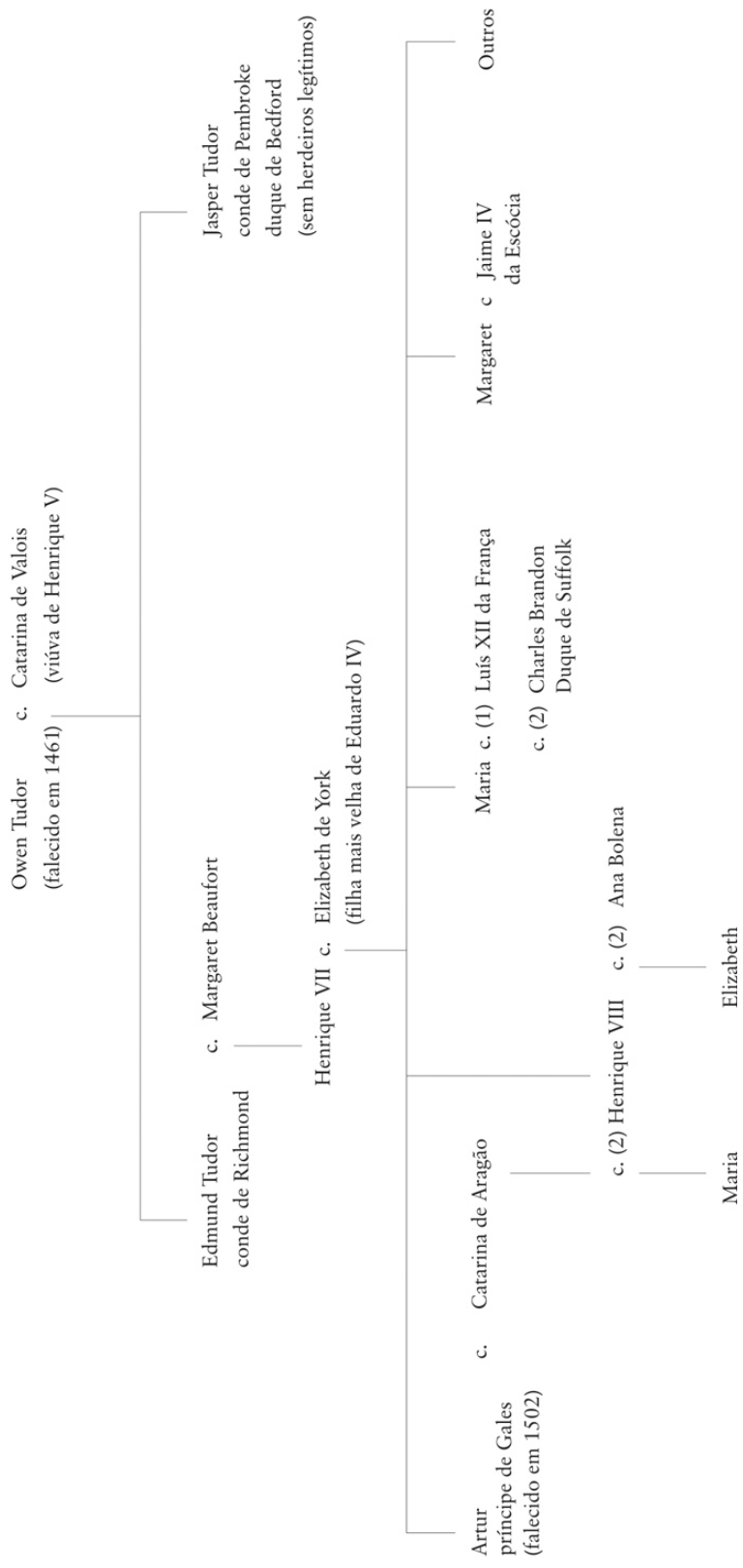
Nikolaus Kratzer, astrônomo.

Hans Holbein, artista.

Sexton, bufão de Wolsey.

Elizabeth Barton, profetisa.

# Os Tudor







“Três são as espécies de cenas: uma se chama trágica, a segunda, cômica, e a terceira, satírica. Seus cenários são diferentes e diversos entre si em esquema. Cenas trágicas se dispõem com colunas, frontispícios, estátuas e outros artefatos régios; cenas cômicas se apresentam em ambientes privados, com sacadas e vistas para diversas janelas, à maneira das habitações populares; cenas satíricas são decoradas com bosques, grutas, montanhas e outras locações campestres ao estilo de paisagem.”

VITRÚVIO, *De Architectura*, sobre o teatro, 27 a.C.



Estes, os nomes dos personagens:

<b>Felicidade</b>	O Conluio Mascarado
<b>Liberdade</b>	O Abuso Fidalgo
<b>Comedimento</b>	Loucura
<b>Magnificência</b>	Adversidade
<b>Gosto</b>	Pobreza
<b>O Falso Semblante</b>	Desespero

**A Engenhosa Partilha**    Ardil  
**A Boa Esperança**  
**Reparação**  
**Circunspecção**  
**Perseverança**

*Magnificência: um Interlúdio,*  
JOHN SKELTON, 1520.

# **PRIMEIRA PARTE**

## **I Cruzando o Mar Estreito**

*Putney, 1500*

— Agora levante-se daí.

Rendido, zozzo, ele jaz em silêncio; estatelado nas pedras do pátio. Girando a cabeça para o lado, seus olhos buscam o portão, como se alguém fosse chegar para ajudá-lo. Bastaria um só golpe, bem dado, para matá-lo.

O sangue do corte na cabeça — resultado do primeiro ataque de seu pai — escorre pelo rosto. Para piorar, está cego do olho esquerdo; mas, se forçar a vista, consegue ver as costuras desfeitas da bota do pai com o canto do olho direito. A grossa linha se desprende totalmente do couro e um nó duro atingiu sua sobancelha, abrindo mais um corte.

— Agora levante-se daí! — Walter urra para o filho no chão, escolhendo onde chutá-lo da próxima vez. O rapaz ergue a cabeça 4 ou 5 centímetros do chão e rasteja para a frente, tentando avançar sem deixar expostas as mãos, pois Walter gosta de pisoteá-las. — O que é isso, uma enguia, é o que você é? — pergunta o pai, que recua, toma impulso e acerta mais um chute.

Ele sente seu último fôlego ser arrancado; pensa ser este, talvez, seu último suspiro. A testa volta para o chão; ele espera, deitado, que o pai se lance sobre seu corpo. A cadelinha Bella late, trancada num banheiro. “Vou sentir saudades da minha cadelinha”, pensa o garoto. O pátio cheira a cerveja e a sangue. Alguém grita, lá pelas margens do rio. Não sente dor alguma, ou talvez na verdade tudo esteja doendo, tornando impossível se concentrar em uma dor específica. Mas sente frio, sente-o em um só lugar: somente nos ossos do rosto, que estão colados às pedras.

— Olhe só isso aqui, olhe só! — urra Walter. Ele pula num pé só, como se estivesse dançando. — Veja o que eu fiz. Arrebentei minha bota chutando a sua cara.

Centímetro a centímetro, adiante. Não importa se Walter o chama de enguia ou verme ou cobra. Cabeça baixa, não o provoque. O garoto tem o nariz entupido de sangue e precisa abrir a boca para respirar. A distração momentânea do pai com a bota boa que acaba de perder dá ao menino a chance de vomitar.

— Muito bem — grita Walter. — Pode cuspir à vontade por todo lado. — Pode cuspir no meu pátio limpo. — Vamos, garoto, de pé. Vamos ver se você consegue se levantar. Pelo sangue do maldito Cristo, levante-se daí agora!

O garoto pensa: maldito Cristo? O que ele quer dizer com isso? Ele vira a cabeça de lado, os cabelos chafurdando no próprio vômito; a cadela gane, Walter berra e os sinos badalam do outro lado do rio. Ele tem uma sensação de movimento, como se o chão sujo se convertesse no Tâmis. O solo cede e oscila sob seu corpo; ele exala o ar, a última grande expiração. Desta vez você conseguiu, uma voz diz a Walter. Mas o garoto cerra os ouvidos, ou é Deus quem os cerra. Ele é arrastado pela correnteza, uma grande maré negra.

Já é quase meio-dia quando recobra a consciência, e ele escora-se na parede da entrada da taberna Pégaso, o Cavalão Alado. Sua irmã Kat vem da cozinha com uma bandeja de tortas quentes nas mãos. Quando ela o vê, quase derruba a comida toda. Escancara a boca em espanto.

— Olhe só para você!

— Kat, não grite, isso dói.

Ela berra para o marido:

— Morgan Williams! — Kat dá meia-volta, os olhos em pânico, o rosto avermelhado pelo calor do forno. — Levem essa bandeja, pelo corpo de Cristo, onde estão todos?

Ele treme da cabeça aos pés, exatamente como Bella tremia quando caiu do barco naquela vez.

Uma menina aparece de súbito.

— O patrão foi para a cidade.

— Eu sei disso, idiota. — Ver o irmão naquele estado apagou a lembrança da mente de Kat. Ela enfia a bandeja nas mãos da menina. — Se deixar isso ao alcance dos gatos, você vai levar tapas na orelha até ver estrelas. — Tendo se livrado da bandeja, ela une as mãos vazias num momento de ardente oração. — Brigando de novo, ou foi seu pai?

Sim, ele indica, sacudindo a cabeça vigorosamente, o que faz caírem coágulos de sangue do nariz; sim, e aponta para si mesmo, como se dissesse: Walter andou por aqui. Kat pede uma bacia, pede água, pede uma bacia com água, um pano, pede que o diabo se levante agora mesmo e leve embora seu laçaió Walter.

— Sente-se, antes que desmaie.

Ele tenta explicar que acabou de se levantar. Estava no pátio. Pode ter acontecido há uma hora, ou mesmo há um dia inteiro, e, pelo que ele sabe, hoje talvez seja amanhã; mas não, pois se tivesse ficado no chão um dia inteiro, certamente Walter teria aparecido para matá-lo por estar no meio do caminho, ou então as feridas teriam coagulado um pouco e ele agora estaria sentindo dor por todo o corpo e quase não conseguiria se mexer; ele sabe, por sua vasta experiência com os punhos e botas de Walter, que o segundo dia pode ser pior que o primeiro.

— Sente-se. Não fale — pede Kat.

Quando chega a bacia, ela se inclina sobre ele e põe mãos à obra, limpando o olho fechado, fazendo pequenos círculos ininterruptos pela linha dos cabelos. Sua respiração é entrecortada e a mão livre repousa sobre o ombro do irmão. Kat pragueja entre

dentes, às vezes chora e afaga a nuca do irmão, sussurrando “Calma, quietinho, calma”, como se fosse ele quem estivesse chorando, o que não é o caso. É como se estivesse flutuando e Kat o prendesse à terra; ele gostaria de jogar os braços em torno da irmã, enterrar o rosto em seu avental e ali descansar, ouvindo as batidas do coração dela. Mas não quer sujá-la, espalhar sangue por toda a roupa.

Morgan Williams chega, usando seu elegante casaco de passeio. Ele tem uma aparência galesa e combativa; fica claro que já ouviu o que aconteceu. Vai para junto de Kat, olhos baixos, temporariamente sem palavras, até que diz:

— Está vendo? — Ele fecha a mão e levanta o punho três vezes no ar. — Isso aqui! — exclama. — Isso é o que ele levaria. Walter. Isso é o que ele levaria. De mim.

— Chegue para trás — Kat adverte. — Você não vai querer pedacinhos de Thomas no seu paletó de Londres.

Não mesmo; Morgan recua.

— Eu não me daria ao trabalho, mas olhe para você, rapaz! Numa luta justa, você poderia aleijar aquele animal.

— Nunca é uma luta justa — explica Kat. — Ele chega pelas costas, não é, Thomas? Com algo na mão.

— Desta vez, parece que foi uma garrafa de vidro — diz Morgan Williams. — Foi uma garrafa?

Ele balança a cabeça, negando. O nariz sangra novamente.

— Não faça isso, irmão — diz Kat, com sangue cobrindo sua mão. Ela limpa os coágulos na própria roupa. Que sujeira no avental dela; no fim das contas, ele poderia, sim, ter descansado a cabeça ali.

— Você não chegou a ver, não é? — diz Morgan. — O que exatamente ele usou?

— Mas que grande fiasco você é para a bancada dos magistrados... Essa é a vantagem de um ataque pelas costas! — comenta Kat. — Escute, Morgan, você quer que eu diga como é meu pai? Ele pega qualquer coisa que tenha à mão. E, claro, às vezes é uma garrafa. Eu via quando ele fazia isso com a minha mãe. Até nossa pequena Bet, já vi meu pai acertando a cabeça dela. E quando

não o via começar uma agressão, o que é pior, significava que quem estava prestes a ser derrubada era eu.

— Não sei que família é essa em que me meti quando me casei... — pondera Morgan Williams.

O que na verdade é algo que Morgan diz apenas da boca para fora; tem homens que cospem o tempo todo, tem mulheres que vivem com dor de cabeça: Morgan faz essas indagações. O garoto não o escuta. Ele pensa: Se meu pai fazia isso com minha mãe, morta há tanto tempo, quem sabe se não foi ele quem a matou? Não, Walter certamente seria preso por isso; Putney é uma terra sem lei, mas aqui não se escapa incólume de um assassinato. Kat é a mãe que ele tem: é quem chora por ele, quem lhe afaga a nuca.

Ele fecha os olhos, para igualar o olho esquerdo ao direito; e tenta abrir os dois.

— Kat, eu ainda tenho um olho aqui embaixo, não tenho? Porque não vejo nada com ele.

Sim, sim, sim, ela responde, enquanto Morgan Williams continua sua investigação dos fatos; ele conclui que foi usado um objeto duro, moderadamente pesado, cortante, mas talvez não uma garrafa quebrada, senão Thomas teria visto as bordas lascadas antes que Walter rasgasse sua sobrancelha e tentasse cegá-lo. O menino ouve Morgan elaborando sua teoria e gostaria de explicar sobre a bota, o nó, o nó no fio de cadarço, mas o esforço de mover a boca parece desproporcional à recompensa. No geral, ele concorda com a conclusão de Morgan; ele tenta dar de ombros, mas dói demais, e ele se sente tão esmagado e torcido que teme ter quebrado o pescoço.

— De todo modo — pergunta Kat —, o que você estava fazendo, Tom, para irritá-lo? Geralmente, quando não tem motivo, Walter só começa depois que anoitece.

— Sim — concorda Morgan Williams —, houve um motivo?

— Ontem. Eu estive brigando.

— Você brigou ontem? Em nome de Deus, com quem você andou brigando?

— Não sei.



O nome e o motivo fugiram de sua cabeça; mas é como se, ao sair, tivessem levado consigo uma lasca de osso do crânio. Ele toca o couro cabeludo, cuidadosamente. Garrafa? É possível.

— Ah — diz Kat —, eles vivem brigando. Garotos. Na margem do rio.

— Certo, deixe-me ver se entendi bem — começa Morgan. — O garoto chegou em casa ontem com as roupas rasgadas e os nós dos dedos esfolados e o velho disse: “O que é isso, andou brigando?” Então Walter esperou até o dia seguinte e atacou o garoto com uma garrafa. Em seguida, derrubou-o no pátio, cobriu ele de chutes, espancou o menino com uma tábua de madeira que estava ali perto...

— Ele fez isso?

— Toda a paróquia já sabe! Tinha gente fazendo fila no cais para me contar, eles já gritavam a história para mim antes mesmo que o barco atracasse. “Morgan Williams, escute isso, seu sogro espancou Thomas e o garoto foi rastejando à beira da morte para a casa da irmã, eles chamaram o padre...” Você chamou o padre?

— Ai, essa família Williams! — reclama Kat. — Vocês se acham tão importantes por aqui... As pessoas fazem fila para lhe contar coisas... E por quê? Porque você acredita em qualquer história.

— Mas é verdade! — exclama Morgan. — Tim-tim por tim-tim. Não é? Exceto a história do padre. E que ele ainda não morreu.

— Com esse minucioso estudo da diferença entre um cadáver e meu irmão, sem dúvida você vai acabar na bancada dos magistrados.

— Quando eu for magistrado, vou atirar seu pai nas galés. Multá-lo? Não tem multa que chegue para ele. De que adianta multar uma pessoa que simplesmente vai roubar ou extorquir o mesmo valor de algum inocente que cruzar seu caminho?

O garoto geme: mas tenta fazê-lo sem interromper a conversa.

— Calma, calma... — murmura Kat.

— Eu diria que os magistrados já tiveram o bastante — diz Morgan. — Quando ele não está aguando a cerveja que produz, está criando animais ilegalmente em território público; quando não está explorando áreas públicas, está atacando um juiz de paz; quando

não está bêbado, está desmaiado de bêbado; e se ele não for morto antes de seu tempo, não existe justiça neste mundo.

— Já acabou? — pergunta Kat. Ela dá as costas ao marido. — Tom, é melhor você ficar conosco por enquanto. Morgan Williams, o que me diz? Quando ficar bom, ele será útil no trabalho pesado. Tom pode fazer as contas para você, ele sabe somar e... qual era a outra coisa? Ora, vamos, não riam de mim, quanto tempo acham que eu tive para aprender números, com um pai daqueles? Se sei escrever meu nome, é porque o Tom aqui me ensinou.

— Ele não vai... — diz o rapaz — gostar disso.

Ele só consegue articular frases curtas, simples e declarativas.

— Gostar? Ele deveria se envergonhar — declara Morgan.

Kat comenta:

— Quando Deus fez meu pai, deixou a vergonha de fora.

O garoto diz:

— Porque... pouco mais de um quilômetro. Ele pode, fácil...

— Vir atrás de você? Ele que experimente!

Morgan exhibe o punho novamente: seu nervoso soquinho galês.

Após Kat terminar de limpá-lo e Morgan Williams deixar de se gabar e de tentar reconstituir o ataque, o garoto dormiu por uma ou duas horas para se recuperar. Durante esse tempo, Walter chegou à casa com algum conhecido e houve certa gritaria e chutes nas portas, mas o barulho chegou ao garoto de modo abafado e ele pensou que talvez fosse um sonho. Agora, a questão em sua mente é o que vou fazer?, não posso ficar em Putney. Em parte porque as lembranças de anteontem e da primeira briga estão retornando, e ele acha que talvez uma faca tenha aparecido em algum momento, que fora enterrada em alguém, e que esse alguém não era ele; resta saber se teria sido por ele. Nada disso está claro em sua mente. Apenas sua decisão sobre Walter: Para mim, chega. Se ele vier atrás de mim novamente, eu vou matá-lo, e se eu o matar, vão me enforcar, e se vão me enforcar, quero que seja por um motivo melhor.

No andar de baixo, o subir e descer das vozes. Ele não compreende todas as palavras. Morgan diz que Walter queimou seus

barcos. Kat se arrepende da primeira oferta ao irmão, um posto como ajudante de taberna, faz-tudo e leão de chácara, pois Morgan acaba de dizer: “Walter vai sempre ficar vindo aqui, não é?” E “Onde está Tom? Mandem o fedelho para casa, quem pagou ao maldito padre para ensiná-lo a ler e escrever fui eu, e vocês agora querem ficar com os malditos benefícios, seus putos, mortos de fome.”

Thomas desce as escadas. Morgan diz alegremente:

— Você parece bem, considerando o acontecido.

A verdade sobre Morgan Williams — e o garoto não deixa de gostar dele por isso — é que o plano de espancar o sogro só existe em sua mente. Na verdade, Morgan teme Walter, assim como muita gente em Putney — e, por sinal, em Mortlake e Wimbledon também.

Ele diz:

— Pois bem, vou embora.

Kat responde:

— Tem de ficar esta noite. Você sabe que o segundo dia é o pior.

— Em quem ele vai bater quando eu estiver fora?

— Não é problema nosso — responde Kat. — Bet está casada, e se livrou, graças a Deus.

Morgan Williams comenta:

— Só digo uma coisa: se Walter fosse meu pai, eu colocaria o pé na estrada. — Ele faz uma pausa. — Aliás, nós juntamos algum dinheiro vivo.

Outra pausa.

— Um dia pago a vocês.

Morgan responde rindo, aliviado:

— E como pretende fazer isso, Tom?

Ele não sabe. A respiração é difícil, o que não quer dizer grande coisa, é apenas o efeito dos coágulos dentro do nariz, que não parece estar quebrado; ele o toca, especulativamente, e Kat alerta, cuidadosa, este avental está limpo. Ela sorri um sorriso dolorido, não quer que o irmão vá, mas mesmo assim não pretende contradizer Morgan Williams, claro. Os Williams são gente importante em Putney, em Wimbledon. Morgan vive mimando Kat; ele lembra à esposa que ela tem criados para cuidar dos assados e fazer a cerveja, então por que ela não fica sentada no andar de cima como

uma dama, costurando e orando pelo sucesso do marido quando ele vai a Londres fazer negócios metido em seu casaco de cidade grande? Vez ou outra, Kat poderia dar uma volta pelo Pegasus usando um bom vestido e ajeitando alguma coisa que encontrasse fora do lugar: esta é a fantasia dele. Na opinião de Thomas, Kat ainda trabalha tão duro como trabalhava quando era criança, mas ele compreende que sua irmã gosta de ter Morgan insistindo para que ela se aquiete e viva como uma dama.

— Eu vou pagar — repete ele. — Posso me tornar um soldado. Posso mandar para vocês uma fração do meu pagamento e posso saquear também.

Morgan responde:

— Mas não estamos em guerra.

— Deve haver alguma guerra em algum lugar — comenta Kat.

— Ou eu poderia ser ajudante de navio. Mas, vocês sabem, a Bella... Vocês acham que eu deveria voltar para buscá-la? Ela estava ganindo, Walter a prendeu.

— Para que ela não ficasse mordiscando os dedinhos do pé dele? — diz Morgan. Quando o assunto é Bella, ele é sarcástico.

— Eu queria que ela viesse embora comigo.

— Já ouvi falar de gato de navio. Nunca de cachorro de navio.

— Ela é bem pequena.

— Mas não vai passar por gato — diz Morgan, rindo. — De qualquer maneira, você é grande demais para ser ajudante de navio. Os meninos têm que se pendurar pelos cabos como macacos; você já viu um macaco, Tom? Ser soldado tem mais a ver com você. Sinceramente, tal pai, tal filho: quando Deus distribuiu força, você não ficou no fim da fila.

— Muito bem — interrompe Kat. — Vamos ver se compreendemos direito? Um dia, meu irmão Tom sai para brigar. Como punição, o pai chega por trás e o acerta com alguma coisa, mas uma coisa pesada e provavelmente cortante, e depois, quando ele cai, o velho quase arranca seu olho fora, faz questão de chutar suas costelas, espanca-o com uma tábua de madeira que tem à mão, arrebenta sua cara de um modo que, se eu não fosse sua irmã, mal o reconheceria; e meu marido diz que a solução para isso,

Thomas, é virar soldado, sair e encontrar um homem que você não conhece, arrancar o olho *desse* homem e chutar suas costelas, na verdade *matá-lo*, imagino, e receber um salário por isso!

— Melhor que brigar às margens do rio, sem lucro para ninguém — argumenta Morgan. — Olhe para ele! Se dependesse de mim, eu inventaria uma guerra só para contratá-lo.

Morgan pega sua bolsa. Ele despeja moedas: ding, ding, ding, com sedutora lentidão.

Thomas toca o osso do rosto. Está intacto: mas dolorido e muito frio.

— Ouça — diz Kat —, nós crescemos aqui, provavelmente há pessoas que ajudariam Tom... — Morgan lhe dirige um certo olhar: que significa, eloquentemente, você acha que há um monte de gente que gostaria de comprar briga com Walter Cromwell? De tê-lo derrubando suas portas? Como se ouvisse os pensamentos do marido, Kat acrescenta: — Não. Talvez... Talvez, Tom, seja a melhor solução, não acha?

Ele se levanta.

Kat continua:

— Morgan, olhe para ele; Tom não pode viajar esta noite.

— Mas é preciso. Daqui a uma hora, ele vai ter entornado todas e voltará. Já teria ateado fogo a este lugar se tivesse desconfiado de que estou aqui.

Morgan pergunta:

— Você tem o que precisa para a viagem?

O garoto faz menção de se voltar para Kat e dizer: não.

Mas ela virou o rosto e está chorando. Não está chorando pelo irmão; Thomas acha que ninguém jamais choraria por ele, pois Deus não o fez dessa forma. Ela está chorando por seus sonhos do que a vida deveria ser: domingo após a igreja, todas as irmãs, cunhadas e esposas distribuindo beijos e afagos, dando broncas nas crianças da família e ao mesmo tempo mimando e acariciando suas cabecinhas redondas, mulheres trocando entre si e comparando seus bebês, e todos os homens reunidos debatendo os negócios, lã, fios, medidas, transporte, os malditos flamengos, os direitos de pesca, as cervejarias, as vendas anuais, as informações privilegiadas, uma

mão lavando a outra, pequenos subornos, certas taxas de corretagem, meu advogado diz... Assim deveria ser, casada com Morgan Williams, já que os Williams são uma família importante de Putney... Mas, de algum modo, não é assim. Walter estragou tudo.

Cuidadosamente, rigidamente, Thomas se apruma. Agora, cada parte de seu corpo dói. Mas não tanto quanto doerá no dia seguinte; no terceiro dia os hematomas aparecem, e começa-se a responder às perguntas sobre como surgiram. A essa altura ele estará longe dali, e, imagina, ninguém pedirá explicações, porque ninguém o conhecerá ou se importará com ele. Os desconhecidos pensarão que ter o rosto destruído é seu estado normal.

Ele pega o dinheiro e diz:

— *Hwyl, Morgan Williams. Diolch am yr arian.* — Obrigado pelo dinheiro. — *Gofalwch am Katheryn. Gofalwch am eich busness. Wela I chi eto rhywbryd. Pobl lwc.* — Cuide de minha irmã. Cuide de seu negócio. Até mais ver.

Morgan Williams apenas o fita.

O garoto quase sorri; ele sorriria, se isso não fosse arregaçar seu rosto. Todos aqueles dias que ele passou, em visita, nas casas da família Williams: será que pensaram que ele só aparecia para jantar?

— *Pobl lwc* — diz Morgan lentamente. Boa sorte.

Ele pergunta:

— É uma boa ideia seguir o rio?

— Aonde quer chegar?

— Ao mar.

Por um momento, Morgan Williams parece lamentar que a coisa tenha chegado a este ponto. Ele indaga:

— Você ficará bem, Tom? Ouça, se Bella aparecer procurando por você, não vamos mandá-la para casa com fome. Kat lhe dará uma torta.

Ele precisa fazer o dinheiro durar. Poderia seguir o curso do rio, mas teme que, se o virem, Walter o encontre com a ajuda de seus contatos e amigos, isto é, sujeitos que fazem qualquer coisa por bebida. A princípio, ele planeja infiltrar-se em um dos navios de

contrabando que saem de Barking, Tilbury. Mas depois pensa: é na França que estão as guerras. Algumas pessoas com quem conversa — ele tem facilidade em abordar estranhos — são da mesma opinião. Muito bem, que seja então: Dover. Ele chega à estrada.

Geralmente, quem ajuda a carregar uma carroça ganha uma carona. O que o leva a concluir: as pessoas são péssimas em carregar carroças. Tem gente que tenta passar direto por um portão estreito com um imenso baú de madeira. Uma simples rotação do objeto resolveria uma série de problemas. E há também os cavalos, ele sempre esteve rodeado de cavalos; aliás, de cavalos apavorados, porque quando Walter não está desmaiado pela manhã, dormitando os efeitos da cerveja forte que guarda para si e seus amigos, ele se dedica a seu segundo ofício, o de ferreiro e ferrador; e, por seu hálito ácido, sua voz alta ou sua maneira geral de proceder, até os cavalos bons para ferrar começam a agitar as cabeças e a se afastar do calor. Com os cascos aprisionados nas mãos de Walter, eles tremem; o trabalho dele era segurar as cabeças dos animais e falar com eles, afagar o espaço aveludado entre suas orelhas, dizer que suas mães os amavam e que ainda falavam sobre eles, e que Walter logo terminaria o serviço.

Ele passa cerca de um dia sem comer; dói demais. Mas no momento em que chega a Dover, o grande talho em seu couro cabeludo já está fechado, e ele crê que seus órgãos internos já estão curados: rins, pulmões e coração.

Pela forma como as pessoas o observam, ele sabe que seu rosto ainda está machucado. Morgan Williams fez um inventário de sua saúde antes de sua partida: dentes (miraculosamente) ainda na boca e dois olhos, que funcionavam miraculosamente bem. Dois braços, duas pernas: o que mais você quer?

Ele perambula pelas docas, perguntando às pessoas: Sabe se tem alguma guerra acontecendo por estes dias?

Cada homem a quem ele pergunta o encara, recua um passo e responde: Você é quem deve saber!

Eles ficam tão satisfeitos com isso, riem tanto da própria piada, que o garoto continua perguntando só para dar esse prazer aos outros.

Para sua surpresa, ele descobre que sairá de Dover mais rico do que chegou. Observou um homem fazendo o truque das três cartas e, tendo aprendido, passou a fazê-lo sozinho. Por se tratar de um menino, as pessoas param para tentar a sorte. E este é o azar delas.

Ele calcula o que tem e o que gastou, e separa uma pequena quantia para um encontro rápido com uma dama da noite. Não é o tipo de coisa que se possa fazer em Putney, Wimbledon ou Mortlake. Não sem que a família Williams fique sabendo e comece a fofocar a seu respeito em galês.

Ele vê três velhos das terras baixas da Escócia lutando com seus fardos e se aproxima para ajudá-los. Os pacotes são macios e volumosos, amostras de lã tecida. Um fiscal portuário exige ver os documentos deles, gritando na cara dos velhos. Fingindo ser um demente escocês, ele se coloca às costas do fiscal e, erguendo os dedos, mostra aos mercadores o que acredita ser uma propina justa.

— Por favor — diz um dos velhos ao fiscal num inglês penoso —, o senhor pode dar um jeito nestas moedas inglesas para mim? Acho que estão me sobrando.

De repente, o fiscal é todo sorrisos. E os escoceses também, pois teriam oferecido muito mais. Quando embarcam, os velhos dizem:

— O garoto está conosco.

Enquanto esperam para zarpar, perguntam a idade do rapaz. Ele diz 18, mas os velhos riem e respondem, ô criança, mas não tem mesmo. Ele então diz 15, e os outros debatem e decidem que 15 é justo; os velhos julgam que o garoto é mais novo que isso, mas não querem envergonhá-lo. Eles perguntam o que aconteceu com seu rosto. Há diversas coisas que Thomas poderia responder, mas ele se decide pela verdade. Não quer que os homens pensem que estão diante de um ladrão incompetente. Eles discutem entre si, e aquele que sabe traduzir se dirige ao menino:

— Estamos dizendo que os ingleses são cruéis com seus filhos. E insensíveis de coração. Obrigam o filho a ficar de pé quando o pai



entra no aposento. O filho sempre tem de dizer, muito corretamente, “o senhor meu pai” e “a senhora minha mãe”.

Thomas fica surpreso. Existem pessoas no mundo que não são cruéis com seus filhos? Pela primeira vez na vida, o peso em seu peito se alivia um pouco; ele pensa que talvez haja outros lugares, lugares melhores. Ele conversa, conta aos homens sobre Bella, e eles parecem tristes e não dizem nada idiota como, você pode arrumar outro cachorro. Ele fala do Pegasus, e da cervejaria de seu pai, e de como Walter é multado ao menos duas vezes por ano pela cerveja aguada; conta como o pai é multado também por roubar lenha, por cortar árvores dos outros e pelas inúmeras ovelhas que cria em terras do Estado. Os velhos se interessam por isto; eles apontam para suas amostras de lã e discutem entre si o peso e o trançado, virando-se para o garoto de vez em quando para incluí-lo e instruí-lo. Geralmente eles não têm o tecido inglês em boa conta, mas este carregamento talvez mude sua opinião... Thomas perde o fio da meada quando eles tentam explicar por que motivos vão para Calais e a enumerar as várias pessoas que conhecem por lá.

Ele fala sobre o ofício de seu pai como ferrador, e o homem versado em inglês pergunta, interessado, se ele sabe fazer uma ferradura. O garoto imita por mímica como é ter metal quente e um pai de gênio ruim num lugar apertado. Eles riem; gostam de seu jeito de contar histórias. Bom papo, diz um deles. Antes do desembarque, o mais silencioso de todos se levanta e faz um discurso estranhamente formal, enquanto um deles concorda e o outro traduz:

— Somos três irmãos. Esta é nossa rua. Se você um dia visitar nossa cidade, haverá uma cama e lareira e comida a seu dispor.

Adeus, ele diz aos três. Adeus e boa sorte com suas vidas. *Hwyl*, homens da lã. *Golfalwch eich business*. Ele não descansará enquanto não encontrar uma guerra.

O clima é frio, mas o mar está tranquilo. Kat lhe deu uma medalha consagrada para usar, ele a leva presa ao pescoço por um cordão. O objeto provoca um arrepio na pele de seu pescoço. Thomas tira o cordão. Toca a medalha com os lábios, para dar sorte. Ele larga a medalha; o objeto mergulha com um sussurro. Ele

sempre recordará sua primeira visão do mar aberto: uma vastidão rugosa de cinza, como o resíduo de um sonho.

## II Paternidade

1527

Pois bem: Stephen Gardiner. Gardiner está saindo quando ele chega. O clima é úmido e atipicamente quente para uma noite de abril, mas Gardiner usa um casaco de peles, que parecem plumas negras, densas e oleosas; ele se detém, agitando-as, cerrando as roupas em torno de sua figura alta e ereta como se fossem as asas de um anjo negro.

— Atrasado — diz o Sr. Stephen, antipático.

Ele não se abala.

— Eu, ou a sua boa pessoa?

— Você. — Gardiner espera.

— Bêbados no rio. O barqueiro disse que é véspera do dia de alguma padroeira deles.

— E você ofereceu uma prece a ela?

— Faço uma prece a qualquer um, Stephen, contanto que eu chegue a terra firme.

— Estou surpreso por não ter você mesmo remado. Deve ter feito alguns biscates pelos rios quando garoto...

Stephen sempre martela neste mesmo ponto: seu pai réprobo, seu nascimento baixo. Supostamente, Stephen é uma espécie de bastardo com um pé na realeza, criado como filho, em uma cidade pequena, por gente discreta paga para isso. Essa família, por quem Stephen tem rancor e que deseja esquecer, lida com o comércio de lã. Por conhecer ele próprio todo mundo no mercado de lã, ele sabe coisas demais sobre o passado de Stephen para lhe ser confortável. O pobre menino órfão!

O Sr. Stephen se ressentia de tudo em sua situação. Ele se ressentia porque é primo não reconhecido do rei. Ele se ressentia por ter sido colocado na Igreja, ainda que a Igreja lhe tenha sido benéfica. Ele se ressentia do fato de que outra pessoa converse até tarde da noite com o cardeal, de quem é secretário particular. Ele se ressentia por ser um daqueles homens altos, com nada de tórax, sem massa corporal para se garantir; ele se ressentia pela certeza de que, se o enfrentasse numa noite escura, seria o Sr. Thomas Cromwell quem iria embora limpando as mãos e sorrindo.

— Deus o abençoe — diz Gardiner, afastando-se na noite de calor temporão.

Cromwell responde:

— Obrigado.

Escrevendo, o cardeal diz sem erguer os olhos:

— Thomas. Ainda chovendo? Eu o esperava mais cedo.

Barqueiro. Rio. Padroeira. Em viagem desde o começo da manhã, e após passar quase duas semanas sobre uma sela a serviço do cardeal, ele chega da jornada em vários estágios — e estágios nada fáceis — desde Yorkshire. Ele já visitou seus colegas no Gray's Inn\* e tomou emprestada uma muda de roupas. Andou pelo lado leste da cidade para saber quais navios chegaram e verificar o paradeiro de uma consignação não registrada que estava esperando. Mas ainda não comeu nada e nem passou em casa.

O cardeal se ergue. Ele abre uma porta e fala com os criados à espera:

— Cerejas! Como? Não há cerejas? Abril, você diz? Só em abril? Então teremos grandes dificuldades para satisfazer meu convidado.

— Ele suspira. — Tragam o que houver. Mas não será o bastante, já sabem. Por que me servem tão mal?

Nisto, toda a sala entra em movimento: comida, vinho, lareira acesa. Um homem tira a sobrecapa molhada com um murmúrio solícito. Todos os servos do cardeal são assim: agradáveis, de passadas discretas e mantidos em permanente estado de pressa e solicitude. E todos os visitantes do cardeal são tratados da mesma maneira. Mesmo que alguém aparecesse para importuná-lo todas as noites durante dez anos e permanecesse calado e carrancudo em todas as ocasiões, ainda assim seria tratado como um convidado de honra.

Os servos desaparecem, deslizando em direção à porta.

— Deseja mais alguma coisa? — pergunta o cardeal.

— Que o sol apareça.

— Assim tão tarde? Você exige demais de meus poderes.

— Um amanhecer já serviria.

O cardeal faz um sinal de cabeça aos criados.

— Eu mesmo atenderei ao pedido — diz ele, gravemente; e gravemente eles pedem licença e se retiram.

O cardeal junta as mãos. Ele solta um grande suspiro, profundo e sorridente, como um leopardo que se instala num lugar cálido, e observa seu homem de negócios; o homem de negócios devolve o olhar. Aos 55 anos, o cardeal ainda é tão belo quanto na juventude. Nesta noite, ele não traça o escarlate de costume, mas um negro purpúreo com finas rendas brancas, como um humilde bispo. Sua altura impressiona; a barriga, que faria jus a um homem mais sedentário, é apenas mais um aspecto principesco de sua pessoa, e nela, despreocupadamente, ele às vezes descansa a mão ampla, branca e coberta de anéis. Uma grande cabeça — certamente desenhada por Deus para exibir a tiara papal — eleva-se soberba acima de ombros largos, sobre os quais repousa (embora não neste momento) o grande colar de lorde chanceler da Inglaterra. A cabeça se inclina e, em seus tons melífluos, famosos daqui até Viena, o cardeal diz:

— Pois bem, agora me diga como foi Yorkshire.

— Asqueroso. — Ele se senta. — O clima. As pessoas. Os modos. A moral.

— Bem, creio que este é o lugar certo para reclamar. Embora eu já esteja falando com Deus a respeito do clima.

— Ah, e a comida! A apenas 8 quilômetros da costa e não se encontra peixe fresco.

— Limões, então, nem pensar, suponho. O que eles comem?

— Londrinos, quando conseguem pegá-los. Nunca vi hereges como estes. São altíssimos, com testas curtas. Vivem em cavernas, mas, naquele fim de mundo, passam por aristocratas. — O cardeal deveria ver tudo isto em primeira mão, pois é arcebispo de York; contudo, ele jamais visitou sua sé. — E quanto aos negócios de Vossa Eminência...

— Estou ouvindo — diz o cardeal. — Em verdade, devo acrescentar: estou enfeitado.

Enquanto escuta, o rosto do cardeal se crispa em suas dobras afáveis e perpetuamente atenciosas. De vez em quando, anota um número mencionado. Por fim, toma um gole de seu excelente vinho e demoradamente diz:

— Thomas... O que você andou fazendo, criado terrível? Alguma abadessa engravidou? Duas, três abadessas? Ou, deixe-me ver... Você pôs fogo em Whitby, num rompante?

Quando o assunto é seu braço direito, Thomas Cromwell, o cardeal tem duas piadas, que às vezes se mesclam para formar uma só: a primeira que ele é do tipo que exige cerejas em abril e alfaces em dezembro. A outra é que ele viaja pelo campo cometendo ultrajes e colocando-os na conta do cardeal. De vez em quando o cardeal tem outras piadas, segundo a necessidade.

São aproximadamente dez horas. As chamas das velas se curvam educadamente em direção ao cardeal e tornam a se aprumar. A chuva açoita as janelas de vidro — tem chovido desde o último setembro.

— Em Yorkshire — começa ele —, seu projeto é malvisto.

O projeto do cardeal: já de posse da permissão do papa, ele planeja amalgamar cerca de trinta fundações monásticas pequenas e

mal administradas com outras maiores e desviar a receita destas — decadentes, mas em geral muito antigas — para investir nas duas faculdades que está fundando: o Cardinal College, em Oxford, e outra em sua cidade natal de Ipswich, onde ele é lembrado como o filho culto de um açougueiro próspero e religioso, homem de guilda, dono também de uma estalagem grande e organizada, do tipo usado pelos melhores viajantes. A dificuldade é... Bem, na verdade há várias dificuldades. Bacharel em artes aos 15 anos, bacharel em teologia em meados dos 20, o cardeal é versado nas leis, mas não gosta de sua lentidão; ele não aceita que não é possível converter a propriedade imobiliária em dinheiro com a mesma velocidade e facilidade com que se transforma uma bolacha no corpo de Cristo. Certa vez, como um teste, ele explicou ao cardeal apenas um ponto menor da lei de terras referente a... bem, não importa, era apenas um ponto menor, e viu o cardeal suar frio e dizer, Thomas, o que posso oferecer para persuadi-lo a jamais tocar neste assunto comigo novamente? Encontre um jeito, simplesmente resolva, dizia o cardeal quando apareciam obstáculos; e quando sabia de alguma pessoa desimportante obstruindo seus planos grandiosos, ele decretava, Thomas, dê algum dinheiro a eles para que sumam.

Ele tem tempo para pensar nestas coisas porque o cardeal está fitando sua escrivãzinha, lendo a carta que deixou pela metade. Ele ergue os olhos:

— Tom... — Mas então acrescenta: — Não, esqueça. Diga por que está fechando o cenho desse jeito.

— Lá no norte estão dizendo que vão me matar.

— Verdade? — exclama o cardeal. Sua expressão significa “estou pasmo e decepcionado”. — E vão matá-lo mesmo? Ou não? O que você acha?

Às costas do cardeal se vê uma tapeçaria, do comprimento da parede. Com as mãos estendidas nas sombras, o rei Salomão cumprimenta a rainha de Sabá.

— Acho que se alguém pretende matar um homem, que mate de uma vez. Não mande uma carta sobre o assunto. Não se vanglorie, não ameace, não o ponha em guarda.

“Se algum dia planejar baixar a guarda, avise-me. É algo que eu gostaria de testemunhar. Sabe quem foi? Bem, imagino que não assinaram as cartas. Eu não desistirei de meu projeto; selecionei essas instituições pessoalmente e com extremo critério, e Sua Santidade as aprovou sob seu selo. Os que se opõem não compreendem minhas intenções. Ninguém está propondo atirar na rua os velhos monges.”

Isso é verdade. Talvez ocorram transferências; talvez haja pensões, indenizações. Com boa vontade de ambos os lados, é possível negociar. Ele aconselha, rendam-se ao inevitável. Obedeçam ao lorde cardeal. Percebam seu cuidado observador e paternal; acreditem que seu olhar arguto está voltado para o bem supremo da Igreja. São estas as frases com que se deve negociar. Pobreza, castidade e obediência: é o que deve ser destacado quando se diz a um prior senil o que fazer.

— Eles não deixam de compreender — explica ele. — Apenas querem os rendimentos para si.

— Da próxima vez que for ao norte, terá de levar um guarda armado.

O cardeal, que pensa no destino final de um cristão, já encomendou seu túmulo com um escultor de Florença. Seu corpo descansará sob as asas estendidas dos anjos, num sarcófago de pórfiro. A pedra venosa será seu monumento quando suas próprias veias já estiverem drenadas pelo embalsamador. Quando seus membros enrijecerem como mármore, uma inscrição de suas virtudes será gravada em ouro. Mas as faculdades serão seu monumento vivo, funcionando até muito depois de sua partida; rapazes pobres, estudantes sem recursos, levando ao mundo a sabedoria do cardeal, seu sentido do belo e do sublime, seu instinto para o decoro e o prazer, sua fineza. Não surpreende que o cardeal esteja balançando a cabeça. Geralmente não é necessário providenciar um guarda-costas para um advogado. O cardeal detesta qualquer demonstração de força. Ele deplora tamanha falta de sutileza. Às vezes, um membro de seu pessoal — digamos, Stephen Gardiner — chega denunciando algum ninho de hereges na cidade. O cardeal responde seriamente: pobres almas obscurantistas. Ore



por eles, Stephen, eu também orarei, e vejamos se nós dois podemos trazê-los a um estado mental melhor. E diga-lhes que mudem seus hábitos, ou Thomas More se encarregará do caso deles e os trancará em seu calabouço. E só ouviremos o som de seus gritos.

— Mudando de assunto, Thomas. — Wolsey ergue os olhos. — Você fala algo de espanhol?

— Um pouco. Jargão militar, sabe. Coisa bruta.

— Pensei que havia servido com os exércitos espanhóis.

— Franceses.

— Ah. É verdade. E não havia convivência?

— Só até certo ponto. Eu sei insultar em castelhano.

— Eu me lembrarei disso — replica o cardeal. — Seu momento há de chegar. Por hora... Eu estive pensando, creio que seria bom ter mais amigos na casa da rainha.

Espiões, ele quer dizer. Para ver como ela receberá as notícias. Para ver o que a rainha Catarina dirá, em privado e sem restrições, quando decifrar o significado do latim diplomático no qual será informada de que o rei — após cerca de vinte anos de matrimônio — deseja casar-se com outra dama. Qualquer dama. Qualquer princesa de boa linhagem que ele imagine capaz de lhe dar um filho.

O cardeal repousa o queixo na mão. Com o indicador e o polegar, ele esfrega os olhos.

— O rei mandou me chamar esta manhã. Excepcionalmente cedo.

— O que ele queria?

— Piedade. E numa hora daquelas. Acompanhei o rei à missa da aurora e conversamos durante toda a cerimônia. Eu amo o rei. Deus sabe o quanto o amo. Mas às vezes minha capacidade de comisseração é testada. — Ele ergue a taça, olha por cima da borda.

— Pense nisso, Tom. Imagine que você é um homem de aproximadamente 30 anos. Goza de boa saúde e de um apetite exuberante, seus intestinos funcionam regularmente, suas articulações são flexíveis, seus ossos sustentam seu peso e, além disso, você é o rei da Inglaterra. Mas... — Wolsey sacode a cabeça.

— Mas! Se ao menos ele desejasse algo simples. A Pedra Filosofal. O

elixir da juventude. Um daqueles baús que aparecem nas fábulas, cheios de moedas de ouro.

— Daqueles que voltam a se encher de novo quando se tiram algumas moedas?

— Exatamente. Entenda, no baú do tesouro, no elixir e em todo o resto, até posso depositar esperanças. Mas onde vou encontrar um filho para governar o país depois dele?

Às costas do cardeal, movendo-se um pouco na brisa, o rei Salomão se curva, o rosto obscurecido. A rainha de Sabá — sorrindo, os pés mal tocando o chão — lembra a jovem viúva com quem ele se hospedou quando viveu na Antuérpia. Já que eles partilharam uma cama, será que ele deveria ter desposado a mulher? Por dever, sim. Mas se ele tivesse se casado com Anselma, não poderia ter se casado com Liz; e seus filhos seriam diferentes dos filhos que tem agora.

— Se não pode lhe arranjar um filho — diz ele —, indique algum trecho das Escrituras. Algo que lhe dê paz de espírito.

O cardeal parece procurar por isso em sua mesa.

— Bem, o Deuteronômio. Que recomenda sem rodeios que um homem se case com a esposa de seu falecido irmão. Como fez o rei.

— O cardeal suspira. — Mas ele não aprecia o Deuteronômio.

Inútil perguntar, por que não? Inútil sugerir que se o Deuteronômio ordena que um homem se case com a viúva do irmão e o Levítico determina que não se case, ou diz que não procriará, é preciso viver com a contradição e aceitar que aquele que tem prioridade entre os dois livros resultou de uma decisão tomada pelos mais importantes prelados de Roma, há vinte anos, e mediante uma polpuda soma, quando as concessões foram emitidas e entregues sob o selo papal.

— Não sei por que ele tem o Levítico em tanta consideração. Afinal, ele tem uma filha viva.

— O caso é que geralmente se assume que a palavra “filhos”, nas Escrituras, significa “meninos”.

O cardeal justifica o texto, referindo-se a Hebreus; sua voz é branda, cativante. Ele adora instruir, quando existe o desejo de ser

instruído. Já há alguns anos que os dois se conhecem, e, embora o cardeal seja bastante eminente, a formalidade se desfez entre eles.

— Eu tenho um filho — comenta o cardeal. — Você já sabe disso, claro. Deus me perdoe. Uma fraqueza da carne.

O filho do cardeal — Thomas Winter, é como o chamam — parece inclinado ao estudo e a uma vida pacata; contudo, o pai parece ter outras ideias. O cardeal também tem uma filha, uma jovem que ninguém jamais viu. Significativamente, ele a batizou de Doroteia, presente de Deus; ela vive num convento, onde rezará por seus pais.

— E você tem um filho — diz o cardeal. — Ou melhor, você tem um filho a quem deu seu sobrenome. Mas talvez haja outros que você não conhece, correndo pelas margens do Tâmis, não?

— Espero que não. Eu não tinha nem 15 anos quando fugi.

Wolsey se diverte com o fato de ele não saber com exatidão a própria idade. O olhar do cardeal atravessa as camadas da sociedade, indo examinar um estrato muito inferior ao seu, o do filho de açougueiro nutrido à base de carne de boi, e chegando ao lugar onde seu criado nasceu, num dia desconhecido, em profunda obscuridade. Sem dúvida, o pai estava bêbado no dia do nascimento; compreensivelmente, a mãe estava ocupada. Kat inventou uma data para o irmão, e ele é grato por isso.

— Certo, 15 anos... — comenta o cardeal. — Mas creio que você já podia fazer filhos nessa idade, não? Sei que eu podia. Veja só, eu tenho um filho, o barqueiro do rio tem um filho, o mendigo tem um filho, os supostos assassinos de Yorkshire sem dúvida têm filhos que farão juras de persegui-lo na próxima geração, e, como já concluímos, você gerou toda uma tribo de moleques ribeirinhos. Mas o rei, só ele, não tem um filho. De quem é a culpa?

— De Deus?

— Mais próximo que Deus.

— Da rainha?

— Mais responsável por tudo que a rainha.

Ele não contém um sorriso.

— A culpa é de Vossa Eminência.

— Eu mesmo, Minha Eminência. O que vou fazer quanto a isso? Eu lhe digo o que talvez venha a fazer. Posso enviar o Sr. Stephen a Roma para sondar a Cúria. Mas, por outro lado, preciso dele aqui...

Wolsey vê a carranca do outro e ri. Uma disputa de subalternos! O cardeal sabe muito bem que, insatisfeitos com sua ascendência original, ele e Gardiner brigam pelo posto de seu filho favorito.

— Apesar de sua opinião sobre Stephen, ele é bem versado na lei canônica e é um sujeito bastante persuasivo, exceto quando tenta persuadir você. Veja bem... — O cardeal faz uma pausa. Ele se inclina para a frente, repousa a imensa cabeça leonina nas mãos, a cabeça que realmente teria equilibrado a tiara papal se o dinheiro certo tivesse caído nas mãos certas na última eleição. — Eu implorei a ele — continua o cardeal. — Thomas, eu caí de joelhos e, naquela humilde postura, tentei dissuadi-lo. Majestade, eu disse, deixe-me guiá-lo. Se Vossa Majestade de fato abandonar sua esposa, tudo que sobrevirá será um enorme número de problemas e gastos.

— E ele respondeu...?

— Ele ergueu um dedo. Em advertência. Nunca, ele disse, descreva aquela prezada dama como minha esposa, até que seja capaz de me mostrar por que ela o é, e de que modo isto está correto. Até lá, refira-se a ela como minha irmã, minha querida irmã, considerando-se que ela foi, sem sombra de dúvida, a esposa de meu irmão, antes de contrair certa forma de casamento comigo.

Ninguém jamais arrancará de Wolsey uma palavra desleal contra o rei.

— O que está acontecendo — ele diz — é... — ele busca a palavra — ... é, em minha opinião... um disparate. Entretanto, minha opinião jamais sairá desta sala, claro. Ah, não tenha dúvidas, na época houve gente que torceu o nariz para a dispensa. E, ano após ano, houve gente a encher os ouvidos do rei sobre isso; ele não dava atenção, mas agora começo a acreditar que na verdade ele escutava. Contudo, você sabe que o rei é o mais fiel dos esposos. Ele reprimia todas as suas dúvidas. — Ele pousa a mão, lenta e firme, sobre a mesa. — Reprimia e reprimia, repetidamente.

Entretanto, não resta dúvida quanto ao atual desejo de Henrique. Uma anulação. Uma declaração de que seu casamento

nunca existiu.

— Por 18 anos — prossegue o cardeal — o rei viveu um equívoco. Ele disse ao confessor que tem 18 anos de pecados a expiar.

O cardeal espera por alguma pequena reação que o agrade. Seu criado simplesmente devolve o olhar e presume que o selo do confessionário se rompe segundo as conveniências do cardeal.

— Certo, mas se o senhor enviar o Sr. Stephen a Roma — ele responde —, isso dará ao desejo do rei, se me permite...

O cardeal assente: pode dizer.

— ... uma projeção internacional?

— Stephen pode ir discretamente. Digamos, para receber uma bênção papal em particular.

— O senhor não compreende Roma.

Quanto a isto, Wolsey não pode contra-argumentar. Ele jamais sentiu o frio na nuca que obriga um homem a olhar para trás quando abandona a luz dourada do Tibre e adentra um grande bloco de sombra. Junto a alguma coluna desmoronada, junto a alguma ruína imaculada espreitam os ladrões da integridade, a amante de algum bispo, um sobrinho-do-sobrinho, algum sedutor endinheirado com língua de veludo; ele às vezes se sente afortunado por ter escapado da cidade com a alma intacta.

— Simplificando, os espiões do papa adivinharão o que Stephen estiver tramando no momento em que ele ainda estiver fazendo as malas, e os cardeais e secretários terão tempo de estipular seus preços. Se de fato precisa mandá-lo, dê a Stephen uma boa quantia em dinheiro vivo. Esses cardeais não aceitam promessas; eles gostam mesmo é de uma bolsa de ouro para acalmar os banqueiros, pois, em sua maioria, já estouraram seus créditos. — Ele dá de ombros. — Disso eu sei.

— Eu deveria mandar você — diz o cardeal, jocosamente. — Você poderia oferecer um empréstimo ao papa Clemente.

Por que não? Ele conhece os mercados financeiros; isto poderia ser arranjado. Se estivesse no lugar de Clemente, ele tomaria um empréstimo pesado este ano para contratar soldados e cercar seus territórios. Provavelmente já é tarde demais; para os combates do

verão, é preciso recrutar soldados por ocasião da Festa da Candelária. Ele responde:

— O senhor não começará o processo legal do rei dentro de sua própria jurisdição? Faça com que ele dê os primeiros passos, e assim ele verá se realmente deseja o que diz desejar.

— Minha intenção é essa. O que pretendo fazer é convocar um pequeno tribunal aqui em Londres. Nós o abordaremos de modo escandalizado: Henrique VIII, Vossa Majestade parece ter vivido todos estes anos de modo ilegal, com uma mulher que não é sua esposa. Com todo respeito a Sua Majestade, o rei detesta parecer errado: e é nesta posição que devemos colocá-lo, com muita firmeza. Talvez assim ele esqueça que os escrúpulos originais eram seus. É possível que ele grite conosco e, num acesso de indignação, corra de volta para a rainha. Caso contrário, terei de conseguir revogar a dispensa, aqui ou em Roma, e, se tiver êxito em separá-lo de Catarina, eu o casarei rapidamente com uma princesa da França.

Não há necessidade de perguntar se o cardeal tem alguma princesa específica em mente. Não só uma, ele tem duas ou três. O cardeal não vive numa só realidade, mas numa teia efêmera e nebulosa de possibilidades diplomáticas. Enquanto faz o máximo que pode para conservar o casamento do rei com a rainha Catarina e sua família imperial espanhola, implorando a Henrique que esqueça seus escrúpulos, Wolsey também faz planos para um mundo alternativo, no qual os escrúpulos do rei devem ser respeitados e o casamento com Catarina, anulado. Uma vez que essa nulidade seja reconhecida — e os últimos 18 anos de pecado e sofrimento sejam apagados —, ele reajustará o equilíbrio da Europa, aliando Inglaterra e França, formando um bloco de poder em oposição ao jovem imperador Carlos, sobrinho de Catarina. E todos os resultados são possíveis, todos podem ser manobrados ou até remodelados para sua vantagem: oração e pressão, pressão e oração, tudo o que vier a passar, passará por vontade de Deus, uma vontade revista e redesenhada segundo as úteis correções do cardeal. Antes ele dizia “O rei fará isso ou aquilo”. Depois, começou a dizer “Nós faremos isso ou aquilo”. Agora ele diz “Isto é o que farei”.

— Mas o que acontecerá com a rainha? — pergunta ele. — Se ele a abandonar, para onde ela irá?

— Conventos podem ser confortáveis.

— Talvez ela volte para casa, a Espanha.

— Não, acho que não. Agora aquilo é outro país. Faz... quanto?... 27 anos que ela chegou à Inglaterra. — O cardeal suspira. — Eu me lembro de Catarina em sua chegada. Seus navios, como você sabe, foram atrasados pelo mau tempo, jogados de um lado a outro do Canal por dias a fio. O velho rei cavalgou para o sul, decidido a conhecê-la. Ela parou em Dogmersfield, no palácio do bispo de Bath, em seu lento progresso em direção a Londres; era novembro e, sim, estava chovendo. Na chegada do rei, o séquito de Catarina conservou suas tradições espanholas: a princesa permaneceria velada até que o noivo a visse no dia do casamento. Mas você sabe como era o velho rei!

Claro, ele não sabe, pois nasceu na época em que o velho rei, renegado e fugitivo por toda a vida, lutava por um trono improvável. Wolsey fala como se ele próprio tivesse testemunhado tudo de corpo presente; se bem que de certa forma ele testemunhou, pois o passado se organiza apenas em desenhos reconhecíveis por sua mente superior e agradáveis a seus olhos.

Wolsey sorri.

— Para o velho rei, em seus últimos anos, qualquer coisa podia levantar suas suspeitas. Ele retrocedeu ostensivamente para debater com sua escolta, e depois saltou da sela, pois ainda era um homem ágil, e disse na cara dos espanhóis que veria a princesa ou eles se arrependeriam. Minha terra, minhas leis, ele disse; aqui não admitiremos véus. Por que não posso vê-la, por acaso fui enganado, ela é deformada? Estão propondo que meu filho Arthur se case com um monstro?

Thomas pensa que o rei se comportava de modo desnecessariamente galês.

— Enquanto isso, as damas de companhia colocaram a criaturinha para dormir; ou foi o que disseram, porque acharam que na cama ela estaria a salvo do rei. Ledo engano. O rei Henrique marchou pelos corredores, aparentemente decidido a arrancar os

lençóis da cama. As mulheres cobriram a princesa com algum decoro, e depois ele irrompeu na câmara. À visão dela, o rei perdeu seu latim; ele gaguejou e recuou como um menino de língua presa. — O cardeal ri. — E depois quando ela dançou pela primeira vez na corte... Nosso saudoso príncipe Arthur tinha um sorriso fixo na tribuna, mas a mocinha mal conseguia ficar quieta em sua poltrona... Ninguém sabia as danças espanholas, e por isso ela foi ao centro do salão com uma de suas damas de companhia. Jamais esquecerei a inclinação de sua cabeça, aquele momento em que seus lindos cabelos ruivos deslizaram pelo ombro... Embora a dança fosse de fato bastante morosa, não houve um só homem que não imaginasse... Ah, meu caro. Ela tinha 16 anos e...

O cardeal olha para o nada e Thomas completa:

— Que Deus o perdoe?

— Que Deus nos perdoe a todos. O velho rei vivia falando sobre sua lubricidade no confessionário. O príncipe Arthur morreu, logo depois a rainha morreu, e, quando o velho rei se descobriu viúvo, pensou em se casar com Catarina. Mas em seguida... — Ele ergue os ombros principescos. — Eles não chegaram a um acordo quanto ao dote, compreende? A velha raposa, Ferdinando, pai dela, conseguia se desvencilhar de qualquer pagamento devido. Nossa atual majestade era um menino de 10 anos quando dançou no casamento do irmão e, em minha opinião, foi ali mesmo que ele entregou seu coração à noiva.

Eles fazem uma pausa e pensam por um momento. É triste, ambos sabem que é triste. O velho rei retendo a princesa, conservando-a no reino, empobrecida, recusando-se a perder a parte do dote que dizia ainda faltar e igualmente se negando a pagar a pensão de viúva e deixar que ela partisse. Entretanto, é também interessante observar os amplos contatos diplomáticos que a mocinha adquiriu durante esses anos, a experiência em pesar um interesse contra o outro. Quando se casou com ela, Henrique era um rapaz de 18 anos, ingênuo. Assim que o pai morreu, ele reivindicou Catarina para si. Ela era mais velha que ele, e os anos de angústia lhe deram certa seriedade e lhe tiraram algo do viço. Mas a mulher real era menos vívida que a imagem que existia na mente do



príncipe, o qual cobiçava aquilo que o irmão mais velho possuía. O jovem sentiu novamente o pequeno tremor da mão dela, como no dia em que ela pousou a palma da mão sobre seu braço quando ele era um menino de 10 anos, como se ela confiasse nele. Henrique confessou a íntimos que era como se ela admitisse que jamais esteve destinada a ser esposa de Arthur, exceto em nome; todo o seu corpo estava reservado para ele, o segundo filho, a quem ela agora voltava seus belos olhos cinza-azulados e seu sorriso dócil. Henrique dizia, ela sempre me amou. Cerca de sete anos de diplomacia — se é que se pode chamar assim — me separaram dela. Mas agora não preciso temer a mais ninguém. Roma deu sua dispensa. Os papéis estão em ordem. As alianças estão no lugar. Eu me casei com uma virgem, já que meu pobre irmão não a tocou; eu me casei com uma aliança, seus familiares da Espanha; mas, acima de tudo, eu me casei por amor.

E agora? Acabou. Ou praticamente acabou: metade de toda uma vida esperando por obliteração, por desaparecer dos registros.

— Pois bem — diz o cardeal. — Qual será o resultado disso? O rei espera que seja à sua maneira, mas ela... Será difícil convencê-la.

Há outra história sobre Catarina, uma história diferente. Henrique foi para a França, travar uma guerrinha, e deixou Catarina como regente. Os escoceses atacaram o reino; foram completamente derrotados, e seu rei, decapitado em Flodden. Foi Catarina, aquele anjo alvo e rosáceo, quem propôs mandar a cabeça dele num saco no primeiro navio que partisse rumo ao continente, para alegrar o esposo em seu acampamento. Eles a dissuadiram; disseram que seria um gesto pouco inglês. Em vez disso, ela mandou uma carta. E, com ela, a casaca que o rei escocês vestia quando morrera, que estava enrijecida, negra e rachada do sangue derramado.

A chama se apaga, um tronco carbonizado é o que resta; o cardeal, absorto em seus devaneios, ergue-se e chuta sua cadeira. Fica ali de pé, olhando para baixo, torcendo os anéis nos dedos, perdido em pensamentos. Por fim, desperta e diz:

— Foi um longo dia. Vá para casa. Não sonhe com gente de Yorkshire.

Thomas Cromwell tem agora pouco mais de 40 anos. É um homem de constituição forte; não é alto. Seu rosto demonstra várias expressões, e uma delas é legível: uma expressão contida de divertimento. Seus cabelos são escuros, pesados e ondulados; os olhos pequenos, de visão muito aguçada, iluminam-se na conversação: é o que o embaixador espanhol dirá, muito em breve. Dizem que ele sabe de cor o Novo Testamento em latim e por isso está apto a servir ao cardeal — quando os abades gaguejam, ele tem o texto na ponta da língua. Seu falar é baixo e rápido, as maneiras, seguras; ele se sente em casa num tribunal ou num cais, no palácio de um bispo ou no pátio de uma estalagem. Ele pode redigir um contrato, treinar um falcão, delinear um mapa, interromper uma briga de rua, mobiliar uma casa e comprar um júri. É capaz de citar uma passagem adequada dos antigos autores, de Platão a Plauto, de trás para a frente. Ele conhece a poesia atual e sabe recitá-la em italiano. Trabalha a todo instante; é o primeiro a se levantar e o último a ir para a cama. Ganha e gasta dinheiro. Faz apostas sobre qualquer coisa.

Ele se ergue para sair. Diz:

— Se o senhor trocasse uma palavra com Deus e o sol aparecesse, o rei poderia sair para cavalgar com seus cavaleiros; se ele não estivesse tão aflito e confinado, seu humor poderia melhorar e ele talvez não continuasse pensando em Levítico, e sua vida ficaria bem mais fácil.

— Você só o compreende em parte. Ele gosta de teologia, quase tanto quanto gosta de cavalgar.

Ele para à porta. Wolsey diz:

— Aliás, estão dizendo na corte... Sua Graça o duque de Norfolk anda reclamando que eu evoquei um mau espírito para persegui-lo por aí. Se ouvir alguém mencionando isso, apenas negue.

O outro continua à porta e abre um lento sorriso. O cardeal também sorri, como se para dizer, guardei o melhor vinho para o final. Por acaso não sei como agradá-lo? E finalmente o cardeal volta sua atenção novamente sobre os papéis. É um homem que, a serviço da Inglaterra, quase não precisa de sono; quatro horas são o bastante para renová-lo, e ele já estará de pé quando os sinos de

Westminster badalarem num amanhecer úmido, nebuloso e apagado de abril.

— Boa-noite — ele diz. — Deus o abençoe, Tom.

Do lado de fora, os homens estão esperando com archotes para acompanhá-lo até em casa. Ele tem uma casa em Stepney, mas esta noite partirá para sua residência na cidade. Alguém pousa a mão em seu braço: Rafe Sadler, um jovem esguio de olhos pálidos.

— Como foi Yorkshire? — O sorriso de Rafe bruxuleia. O vento transforma a chama do archote num trêmulo borrão.

— Não devo falar sobre isso. O cardeal teme que nos cause pesadelos.

Rafe franze a testa. Em todos os seus 21 anos, ele nunca teve sonhos ruins; dormindo sob a segurança do teto Cromwell desde os 7 anos, primeiro na Fenchurch Street e agora na Austin Friars, ele cresceu com uma mente estável, e portanto suas preocupações noturnas são todas de ordem racional: ladrões, cães vadios, buracos inesperados na estrada.

— O duque de Norfolk... — começa, mas se detém. — Não, esqueça. Quem perguntou por mim enquanto estive fora?

As ruas úmidas estão desertas; a névoa sobe do rio. As estrelas são amortecidas por neblina e nuvens. Sobre a cidade, paira o cheiro adocicado e pútrido dos pecados esquecidos de véspera. Norfolk ajoelha junto à cama, tiritando os dentes; a pena noturna do cardeal rascunha, rascunha, como um rato sob seu colchão. Enquanto Rafe oferece um resumo das notícias do escritório, ele formula sua réplica, a quem interessar possa: "Sua Eminência, o cardeal, rejeita por completo qualquer imputação de que convocou um espírito maligno para espreitar o duque de Norfolk. Ele abomina tal insinuação nos termos mais definitivos. Nenhuma mula sem cabeça, nenhum anjo caído encarnado num cão de língua frouxa, nenhuma mortalha ambulante, nenhum Lázaro ou cadáver revivido foi enviado por Sua Eminência para perseguir Sua Graça: e não há qualquer plano desta natureza em desenvolvimento."

Um grito, próximo ao cais. Os barqueiros estão cantando. Ouve-se uma agitação vaga e distante na água; talvez estejam afogando alguém. "Sua Graça, o cardeal, assim declara, sem prejuízo a seu

direito de perseguir e atormentar o duque de Norfolk através de um fantasma que poderá eleger segundo sua vontade; em qualquer data futura, sem qualquer notificação prévia; sujeito apenas à decisão do cardeal no caso.”

Este clima desperta dores em velhas cicatrizes. Mas ele entra em sua casa como se fosse meio-dia: sorrindo e imaginando o duque trêmulo de pavor. É uma da manhã. Em sua mente, Norfolk ainda está ajoelhado. Com um tridente, um diabrete de rosto negro espeta os calos de seus calcanhares.

## Nota

\* Uma das quatro instituições de advocacia de Londres, ou *Inns of Court*. São escolas e associações de advocacia, dotadas de diversos prédios para alojamento, estudo e prática legal; a filiação é obrigatória a todos os estudantes de direito, advogados praticantes e juízes. (N. da T.)

### III Em Austin Friars

1527

Lizzie ainda está de pé. Quando ouve os servos abrindo a porta para ele, ela sai com a cadelinha, que se sacode e late, embaixo do braço.

— Esqueceu onde mora?

Ele suspira.

— Como foi em Yorkshire?

Ele dá de ombros.

— O cardeal?

Ele assente.

— Comeu?

— Sim.

— Cansado?

— Na verdade, não.

— Bebida?

— Sim.

— Vinho renano?

— Por que não?

O forro das paredes foi pintado. Ele entra no ambiente de luzes douradas e verdes suaves.

— Gregory...

— Carta?

— Algo do tipo.

Lizzie entrega a carta e a cadela, e vai buscar o vinho. Ela se senta, servindo-se também de uma taça.

— Ele nos manda lembranças como se fôssemos uma só pessoa. Latim fraco.

— Ah, sei — comenta Lizzie.

— Ouça isto. Ele faz votos de que você esteja bem. Espera que eu esteja bem. Faz votos de que suas queridas irmãs Anne e a pequena Grace estejam bem. Ele próprio está bem. Sem mais, por falta de tempo, seu filho devoto, Gregory Cromwell.

— Devoto? — ela exclama. — Só isso?

— É o que ensinam a eles.

Bella mordisca as pontas dos dedos dele, os olhos redondos e inocentes brilhando para o dono como luas estranhas. Liz parece bem, ainda que exausta devido ao longo dia. Longas e eretas, velas se erguem às suas costas; ela está usando o colar de pérolas e granadas com que ele a presenteou no Ano-Novo.

— Você é mais agradável aos olhos que o cardeal — diz ele.

— Esse é o elogio mais sem graça que uma mulher já recebeu.

— E eu passei toda a viagem desde Yorkshire pensando nele. — Ele balança a cabeça. — Fazer o quê! — Ele ergue Bella no ar; ela sacode as pernas de alegria. — Como andam os negócios?

Liz faz alguns trabalhos com seda. Etiquetas para selos de documentos; toucas de tecido fino para as damas da corte. Ela tem duas jovens aprendizes na casa e tino para moda; mas, como sempre, reclama dos atravessadores e do preço do fio.

— Nós deveríamos ir a Gênova — ele diz. — Eu a ensinaria a olhar direto nos olhos dos fornecedores.

— Eu gostaria disso. Mas você nunca se afastará do cardeal.

— Esta noite ele tentou me persuadir de que eu deveria fazer contatos com gente na casa da rainha. Entre os que falam espanhol.

— Mesmo?

— Eu disse que meu espanhol não é tão bom.

— Não é tão bom? — Ela ri. — Você é uma raposa.

— Ele não precisa saber de tudo o que eu sei.

— Fiz algumas visitas na Cheapside Street — diz ela, nomeando uma de suas velhas amigas, esposa de um joalheiro. — Quer ouvir as novidades? Uma grande esmeralda foi encomendada, e mais o engaste para um anel, um anel feminino. — Ela mostra o tamanho, tão grande quanto a unha de seu polegar. — A esmeralda chegou, após algumas semanas de expectativa, e eles começaram a lapidá-la na Antuérpia. — Ela estala os dedos. — Rachada!

— E quem leva o prejuízo?

— O lapidador diz que foi ludibriado e que havia uma falha oculta na base. O importador diz: se estava tão oculta, como eu poderia saber? O lapidador respondeu: então peça indenização de seu fornecedor...

— Esse processo poderia durar anos. Será que não podem encontrar outra?

— Estão tentando. Deve ser para o rei, é o que achamos. Ninguém mais em Londres procuraria uma pedra daquele tamanho no mercado. Para quem será? Não é para a rainha.

A pequena Bella agora se aninha no braço do dono, os olhos piscando, a cauda sacudindo suavemente. Ele pensa, ficarei atento para ver se e quando aparece um anel de esmeralda. O cardeal me contará. O cardeal diz, tudo muito bem, essa história de conter os avanços do rei e pressionar por presentes, mas sem dúvida ele a levará para a cama neste verão e no outono estará cansado dela e se livrará de sua presença pagando-lhe uma pensão; se ele não fizer isso, eu farei. Se Wolsey pretende importar uma princesa fértil da França, não vai querer que suas primeiras semanas sejam estragadas por cenas de ciúmes de concubinas substituídas. Wolsey acredita que o rei deveria ser mais implacável com suas mulheres.

Liz aguarda alguns momentos, até que percebe que não ouvirá nenhuma fofoca.

— Pois bem, e quanto a Gregory: o verão está chegando. Ele virá ou não?



Gregory está chegando aos 13 anos. Ele está em Cambridge, com seu tutor. Ele enviou seus sobrinhos, filhos de sua irmã Bet, para a escola com Gregory; é algo que ele faz de bom grado pela família. O verão é para a recreação dos meninos; o que eles fariam na cidade? Até aqui, Gregory mostrou pouco interesse pelos livros, embora goste de ouvir histórias, histórias de dragões, histórias de gente verde que vive em bosques; é possível arrastá-lo penosamente por um texto em latim quando se consegue persuadi-lo de que uma serpente marinha ou um fantasma aparece mais à frente. Ele gosta de ir aos bosques e campinas e gosta de caçar. Ele ainda tem muito a crescer e todos acham que será alto. O avô materno do rei, como todos os velhos testemunham, tinha mais de 1,90m. (Seu pai, contudo, tinha a altura mais próxima da de Morgan Williams.) O rei tem 1,88m e o cardeal tem altura suficiente para olhá-lo nos olhos. Henrique gosta de estar rodeado de homens como seu cunhado Charles Brandon, de altura igualmente impressionante e ombros largos. Homens altos não são visão comum nos becos e ruelas; e, obviamente, não em Yorkshire.

Ele sorri. O que sempre diz sobre Gregory é, pelo menos ele não é como eu fui quando tinha a mesma idade. E quando as pessoas perguntam como você era?, ele responde, ah, às vezes eu esfaqueava alguém. Gregory jamais faria isso; portanto, o pai não se importa se o garoto não se entende com inflexões e conjugações — ou se importa menos do que as pessoas imaginam. Quando os outros lhe contam coisas que Gregory deixou de fazer, ele responde: “Ele está muito ocupado em crescer.” Ele compreende a necessidade do menino de dormir, pois ele mesmo jamais conseguiu repousar muito, com Walter pisando duro por perto; depois que fugiu, sempre esteve em navios ou estradas, e depois foi parar no exército. O que as pessoas não entendem sobre exércitos é a grande e ininterrupta falta de ócio: um soldado precisa vasculhar o lixo à procura de comida, acampar em qualquer lugar alagado porque o capitão louco decidiu assim, é convocado no meio da noite para lutar em alguma posição indefensável, e assim, nunca dá para dormir de fato, o equipamento é deficiente, os artilheiros vivem causando pequenas explosões acidentais, os arqueiros estão sempre bêbados ou

rezando, as flechas são encomendadas mas não chegam na hora e nossa mente só se ocupa com um medo premente de que as coisas saiam mal porque *il principe* — ou quem quer que seja a pequena autoridade encarregada na ocasião — não é muito talentoso na tarefa básica de pensar. Ele não levou muitos invernos para sair do combate e entrar para o departamento de provisões. Na Itália, sempre se pode combater no verão, se quiser. Se tiver vontade de sair em campanha.

— Dormindo? — pergunta Liz.

— Não. Mas estou sonhando.

— O sabão de Castela chegou. E seu livro da Alemanha. Eles sempre vêm embalados como se fossem outra coisa. Quase mandei embora o garoto da entrega.

Em Yorkshire, onde paira o cheiro de homens sem banho, que usam pele de ovelha e transpiram furiosamente, ele sonhava com o sabão de Castela.

Mais tarde, Liz pergunta:

— Pois bem, quem é a dama?

A mão dele, pousada no conhecido mas adorado seio esquerdo da mulher, recua em perplexidade.

— Como é?

Ela acha que ele arranjou alguma mulher em Yorkshire? Deitado de costas, ele pensa em como convencê-la de que isto não é verdade; se necessário, ele a levará a Yorkshire, e ela verá.

Liz continua:

— A dama da esmeralda. Só pergunto porque as pessoas dizem que o rei quer fazer algo muito estranho, e realmente não consigo acreditar nisso. Mas é o boato que corre na cidade.

Verdade? Os boatos avançaram bastante nas duas semanas em que ele esteve no norte, nas montanhas.

— Se ele tentar fazer isso — continua Liz —, metade das pessoas do mundo será contra.

Ele apenas tinha pensado, e Wolsey apenas tinha pensado, que o imperador e a Espanha seriam contra. Apenas o imperador. Ele sorri

no escuro, as mãos apoiando a cabeça. Ele não pergunta quais pessoas, e espera que Liz lhe diga.

— Todas as mulheres — ela conclui. — Todas as mulheres de toda parte da Inglaterra. Todas as mulheres que têm uma filha e nenhum filho. Todas que perderam um filho. Todas que perderam qualquer esperança de ter um filho. Todas que têm 40 anos.

Ela apoia a cabeça no ombro do esposo. Cansados demais para falar, eles repousam lado a lado entre os lençóis de linho fino, sob uma colcha de cetim turco amarelo. Seus corpos exalam um vago aroma emprestado de sol e ervas. Ele recorda que sabe insultar os outros em castelhano.

— Está dormindo?

— Não. Pensando.

— Thomas — exclama ela, parecendo chocada —, são três da manhã.

E depois chegam as seis horas. Ele sonha que todas as mulheres da Inglaterra estão na cama, acotovelando-se e empurrando-o para fora. Levanta-se para ler o livro alemão antes que Liz possa tomar qualquer providência a respeito.

Não que ela vá dizer algo; quando provocada, ela apenas diz: “Para mim, meu livro de preces é uma boa leitura.” E ela realmente lê o livro de preces e o leva na mão distraidamente durante o dia; mas só interrompe seus afazeres em parte, intercalando sua litania murmurada com instruções para os criados. O livro foi um presente de casamento de seu primeiro esposo, um livro de horas, e o falecido escreveu o nome da recém-casada no livro, Elizabeth Williams. Às vezes, enciumado, ele gostaria de escrever outras coisas, sentimentos antagônicos: ele conheceu o primeiro marido de Liz, mas isso não significa que gostava do homem. Ele disse a Liz, há o Novo Testamento traduzido por Tyndale, leia, aqui está a chave; ela responde, leia você para mim se está tão interessado; e ele retruca, está em inglês, leia você, é essa a questão, Lizzie. Leia, e você ficará surpresa por ver o que não há nele.

Ele achou que essa dica a interessaria; mas, pelo visto, não. Ele não se imagina lendo em voz alta para sua gente, não é um padre frustrado como Thomas More, um clérigo fracassado. Sempre que

encontra More — uma estrela de outro firmamento, que o saúda com um lúgubre cumprimento de cabeça — ele tem ganas de perguntar, qual é o seu problema? Ou qual é o meu problema? Por que você acha que tudo que conhece, tudo que aprendeu, só confirma aquilo que você já sabia? Pois, no meu caso, aquilo que me foi ensinado e em que eu acreditava é aos poucos corroído, um fragmento, depois um pedaço, depois outro pedaço. A cada mês, fazem desmoronar os alicerces das certezas deste mundo: e do próximo mundo também. Mostre-me onde a Bíblia fala de “purgatório”. Mostre-me onde fala de relicários, monges, freiras. Mostre-me onde diz “papa”.

Ele retorna a seu livro alemão. Com a ajuda de Thomas More, o rei escreveu um livro contra Lutero, e por isso o papa o presenteou com o título de Defensor da Fé. Não que ele adore o irmão Martinho Lutero; ele e o cardeal concordam que seria melhor que Lutero jamais tivesse nascido, ou melhor, que tivesse nascido com mais sutileza. Mesmo assim, Lutero se coaduna com aquilo que está escrito, com aquilo que é contrabandeado pelos portos do Canal e os pequenos estreitos da Ânglia Oriental, as enseadas onde um pequeno bote com carga duvidosa pode ancorar e depois zarpar novamente, à luz da lua, rumo ao mar aberto. Ele mantém o cardeal informado; assim, quando More e seus amigos clericais irrompem na sala, cuspidos pelas últimas heresias, o cardeal pode fazer gestos tranquilizadores e dizer, “Cavalheiros, já fui informado”. Wolsey queima livros, mas não homens. Ele só fez isso uma vez, no último outubro, na Cruz de São Paulo: um holocausto da língua inglesa, tanto papel de linho consumido, tanta tinta negra das gráficas.

O Novo Testamento que ele guarda no baú é uma edição clandestina da Antuérpia, mais fácil de conseguir que a impressão alemã apropriada. Ele conhece William Tyndale; antes que Londres ficasse perigosa demais para ele, Tyndale se hospedou por seis meses com Humphrey Monmouth, o tecelão da cidade. Tyndale é um homem de princípios, um homem duro, e Thomas More o alcunhou como A Fera, pois ele aparentava jamais ter sorrido em toda sua vida. Contudo, que motivo há para rir quando se é expulso de sua

terra natal? Seu Novo Testamento é impresso in-oitavo, em desagradável papel barato; na folha de rosto, onde normalmente estariam o colofão e o endereço da gráfica, leem-se as palavras "IMPRESSO EM UTOPIA". Bem que Thomas More poderia ver uma cópia; ele se sente tentado a mostrar ao outro, só para ver sua cara.

Ele fecha o livro novo. É hora de começar o dia. Ele sabe que não tem tempo de colocar o texto em latim para que possa circular discretamente; talvez peça a alguém que faça isso em seu lugar, por amor ou por dinheiro. É impressionante quanto amor existe, estes dias, entre os que leem alemão.

Por volta das sete da manhã, ele já está barbeado, tomou o desjejum e se vestiu perfeitamente em seus trajes de linho limpo e fina lã escura. A esta hora, às vezes, ele sente falta do pai de Liz, o bom velho que sempre acordava cedo, pronto para passar a palma da mão em sua cabeça e dizer, aproveite seu dia, Thomas, aproveite por mim.

Ele gostava do velho Wykys. Seu primeiro encontro foi por um assunto legal. Naqueles dias ele tinha... Quanto? Uns 26, 27 anos, recém-chegado do exterior, propenso a começar uma frase num idioma e terminá-la em outro. Wykys era astuto e fizera uma considerável fortuna no ramo do comércio de lã. O velho era natural de Putney; contudo, não foi por isso que o empregou, foi porque ele chegou com referências e pedindo um salário baixo. Em sua primeira entrevista, quando lhe apresentou os papéis, Wykys disse:

— Você é filho de Walter, não é? E o que aconteceu? Porque, por Deus, nunca houve alguém mais durão que você quando garoto.

Se soubesse qual tipo de explicação Wykys compreenderia, ele teria explicado. Mas o que responder? Desisti de brigar porque, quando vivi em Florença, via afrescos todos os dias? Ele finalmente disse:

— Encontrei uma forma mais fácil de viver.

Posteriormente, Wykys se cansou e deixou o negócio decair. Ele continuava a enviar tecido fino de lã para o mercado do norte da Alemanha, quando — na sua opinião, com a tosquia da lã tão demorada e a boa casimira tão difícil de tecer — deveria era entrar no comércio de sarjas, de tecidos mais leves como este, e exportar

para a Itália através da Antuérpia. Mas ele escutou — era um bom ouvinte — as queixas do velho e disse:

— As coisas estão mudando. Este ano, vou levá-lo às feiras de tecido.

Wykys sabia que deveria ter dado as caras na Antuérpia e em Bergen op Zoom, mas ele não gostava da travessia.

— Ele ficará bem comigo — garantiu à Sra. Wykys. — Conheço uma boa família com quem podemos nos hospedar.

— Tudo bem, Thomas Cromwell — respondeu ela. — Mas tome nota disto: nada de bebidas alemãs estranhas. Nada de mulheres. Nada de sermões proibidos em porões. Eu sei o que você anda fazendo.

— Não sei se consigo ficar longe dos porões.

— Vamos fazer um acordo: pode levá-lo a um sermão, contanto que não o leve a um bordel.

Ele suspeita que Mercy venha de uma família em que os escritos de John Wycliffe sempre foram preservados e citados, em que sempre houve familiaridade com as Escrituras em inglês; fragmentos de textos escondidos, versos proibidos e memorizados. Essas coisas se reproduzem por gerações, assim como olhos e narizes, como a humildade ou a passionalidade, como a força muscular ou a necessidade de correr riscos. Se é preciso correr riscos hoje em dia, melhor que seja pelo pastor que pela prostituta, e evitar monsieur Cancro, conhecido em Florença como o Mal Napolitano e em Nápoles, sem dúvida, como a Pudendagra Florentina. O bom-senso impõe abstinência — em qualquer parte da Europa, incluindo estas ilhas. Nossas vidas estão limitadas dessa forma, na mesma medida em que a existência de nossos antepassados não era.

No barco, ele ouviu as habituais queixas de outros passageiros: esses marujos canalhas, as rotas não marcadas, os monopólios ingleses. Os mercadores da Hansa preferiam que seus próprios homens conduzissem os barcos até Gravesend: os alemães podem ser um bando de ladrões, mas sabem como fazer um barco subir a correnteza. Quando saíram ao mar, o velho Wykys ficou nauseado, ao passo que ele se fez útil no convés; o senhor deve ter sido ajudante de navio quando garoto, disse um membro da tripulação.

Uma vez na Antuérpia, eles se dirigiram para o símbolo do Espírito Santo. O criado que abriu a porta gritou “Thomas retornou para nós!”, como se ele tivesse ressuscitado dos mortos. Quando os três homens apareceram, os três velhos do barco, eles exultaram:

— Thomas, nosso pobre menino perdido, nosso fugitivo, nosso amiguinho surrado. Seja bem-vindo, entre e se aqueça!

Este era o único lugar em que ele ainda era um fugitivo, ainda um garotinho surrado.

As esposas deles, as filhas e os cães o cobriram de beijos. Ele deixou o velho Wykys junto à lareira, surpreso em ver quão internacional é o idioma dos velhos — trocando dicas sobre bálsamos para dores, comiserando-se de pequenas aflições e discutindo os caprichos e exigências das esposas. O irmão mais novo traduzia, impassível como sempre, até quando os termos ficavam anatômicos.

Ele saiu para beber com os três filhos dos três irmãos.

— *Wat will je?* — eles o provocavam. — O comércio do velho? A viúva, quando ele morrer?

— Não — respondeu ele, surpreso consigo mesmo. — Acho que quero a filha dele.

— Jovem?

— Viúva. Jovem o bastante.

Quando voltou a Londres, ele sabia que poderia mudar a sorte do empreendimento comercial. Ainda assim, precisava pensar nos trâmites do dia a dia.

— Já vi seus estoques — disse ele a Wykys. — Já vi suas contas. Agora me apresente seus contadores.

Claro, esta era a chave, a chave que destrancaria os lucros. A chave está sempre nas pessoas, e quem é capaz de olhá-las no rosto sabe quando são honestas e se estão aptas para a tarefa. Ele dispensou o dúbio contador-chefe dizendo, ou você sai, ou abriremos processo, e o substituiu por um novato gago, um garoto que diziam ser burro. O rapaz era apenas tímido; ele conferia o trabalho a cada noite, indicando silenciosamente cada erro e omissão, e em quatro semanas o garoto se tornou tão competente quanto interessado e passou a segui-lo como um cachorrinho.

Quatro semanas investidas, e mais alguns dias nos portos, verificando quem estava na dianteira: ao fim do ano, Wykys já lucrava novamente.

Wykys se rendeu depois que ele lhe mostrou os números.

— Lizzie? — chamou ele. — Lizzie? Venha aqui embaixo.

Ela desceu.

— Você deseja um novo marido. Este serve?

Ela parou e o examinou de alto a baixo.

— Bem, papai, certamente o senhor não o escolheu pela aparência. — Sobrancelhas erguidas, ela se dirigiu ao pretendente:

— O senhor *quer* uma esposa?

— Devo deixar que resolvam a sós? — perguntou Wykys. Ele parecia perplexo; pelo visto, o velho pensava que eles tinham de assinar um contrato ali mesmo.

E foi quase o que fizeram. Lizzie queria filhos; ele queria uma esposa com contatos na cidade e algum dinheiro de família. Eles se casaram em poucas semanas. Gregory nasceu no mesmo ano. Chorão, forte, uma hora de vida, erguido do berço: ele beijou o crânio de cabelos suaves do bebê e disse, serei tão carinhoso com você quanto meu pai não foi comigo. Afinal, por que ter filhos se a cada geração não melhoramos o que veio antes?

Assim, nesta manhã — acordando cedo, ponderando sobre o que Liz dissera na noite anterior — ele se pergunta, por que minha esposa se preocupa com mulheres que não têm filhos? Talvez seja algo que as mulheres fazem: passam o tempo imaginando como é viver a vida das outras.

Dá para aprender com isso, ele imagina.

São oito horas. Lizzie está no andar de baixo. Ela tem os cabelos presos sob uma touca e as mangas da camisa enroladas.

— Ah, Liz — diz ele, rindo da esposa. — Você está parecendo a mulher de um padeiro.

— Veja como fala — retruca ela. — Criadinho.

Rafe entra:

— Vamos primeiro a meu lorde cardeal?



Aonde mais?, responde ele. E reúne seus papéis do dia. Afaga a mulher, beija a cadela e sai. A manhã é chuvosa, mas o tempo está abrindo e, antes mesmo de chegarem ao Palácio de York, fica claro que o cardeal cumpriu sua palavra: uma cascata de luz solar se derrama sobre o rio, pálido como a polpa de um limão.

## **SEGUNDA PARTE**

## **I Visitação**

*1529*

Estão pilhando a casa do cardeal. De cômodo em cômodo, os homens do rei arrebatam o Palácio de York de seu dono. Embalam pergaminhos, documentos e missais, memorandos e os cadernos pessoais de contabilidade; levam até a tinta e as penas. E despem as paredes das placas em que se vê pintado o brasão do cardeal.

Eles chegam num domingo, os dois vingativos aristocratas: o duque de Norfolk, uma águia de olhos claros, e o duque de Suffolk, tão ávido quanto o primeiro. Eles informam ao cardeal de sua deposição como lorde chanceler e exigem que ele entregue o Grande Selo da Inglaterra. Ele, Cromwell, toca o braço do cardeal. Discutem apressadamente. O cardeal torna a se dirigir aos outros, gracioso: ao que parece, é necessário um mandado redigido pelo rei; os senhores têm um? Ah, que descuido de sua parte. É preciso muita altivez para conservar tanta calma; mas o cardeal é altivo.

— Está sugerindo que voltemos a Windsor? — Charles Brandon está incrédulo. — Por um pedaço de papel? Quando a situação já está tão clara?

Isso é típico de Suffolk; pensar que a letra da lei é algum tipo de luxo. Ele murmura algo novamente para o cardeal, que diz:

— Não, acho que deveríamos informá-los, Thomas... E não prolongar o assunto além do necessário... Senhores, meu advogado aqui está dizendo que não posso dar-lhes o Selo, com ou sem mandado. Ele diz que só posso entregá-lo ao arquivista-mor\*, o segundo na hierarquia judicial, propriamente dito. Portanto, é melhor que os senhores o tragam junto consigo.

Ele diz, sorridente:

— Estejam gratos porque nós os informamos, senhores. Caso contrário, teriam de fazer três viagens, não?

Norfolk sorri. Ele gosta de uma rusga.

— Muitíssimo obrigado, senhor — retruca ele.

Quando eles partem, Wolsey se vira e abraça o amigo, o rosto alegre. Ainda que seja a última de suas vitórias, e eles saibam disso, é importante exibir astúcia; considerando-se que o rei é tão volúvel, vale a pena ganhar mais 24 horas. Além disso, eles se divertiram.

— Arquivista-mor — comenta Wolsey. — Você de fato sabia disso, ou inventou?

Na manhã de segunda-feira, os duques retornam. Eles têm ordens de expulsar os ocupantes no mesmo dia, pois o rei deseja que seus próprios construtores e decoradores preparem o palácio para Lady Ana, que necessita de uma casa própria em Londres.

Ele se prepara para fazer frente e contestar a decisão: por acaso perdi algo? Este palácio pertence à arquidiocese de York. Desde quando Lady Ana ocupa o cargo de arcebispo?

Mas o vagalhão de homens que invadem o palácio pela escadaria que dá acesso ao rio os arrasta consigo. Os dois duques se fizeram ausentes; não há ninguém com quem discutir. Que terrível visão, diz alguém: o Sr. Thomas Cromwell impedido de brigar. E agora o cardeal está prestes a partir, mas para onde? Sobre seu hábito escarlate, ele usa um manto de viagem de outra pessoa; eles confiscaram seu guarda-roupa, peça por peça, e por isso ele agarra

tudo que consegue. É outono, e, apesar de ser um homem robusto, ele sente frio.

Os homens reviram baús e vasculham seu conteúdo. Espalham pelo chão cartas de papas, de eruditos da Europa: de Utrecht, de Paris, de Santiago de Compostela; de Erfurt, de Estrasburgo, de Roma. Eles empacotam os evangelhos a fim de levá-los para as bibliotecas do rei. Os volumes são pesados para levar nos braços, inconvenientes como se respirassem; suas páginas são feitas de velino de bezerros natimortos, trabalhadas pelo ilustrador em tons de lápis-lazúli e verde-folha.

Eles removem as tapeçarias e despem as paredes brancas. Os monarcas de lã são enrolados, Salomão e Sabá, envolvidos numa espiral de proximidade, os olhos de um preenchendo os olhos do outro, e seus pequeninos pulmões respirando entre as fibras de ventres e coxas. Vêm abaixo as cenas de caçadas, as imagens de prazer secular do cardeal: os camponeses atléticos nadando nos lagos, os corcéis nas baías, os cães uivando, os spaniels presos por fitas de seda e os mastins com coleiras de pontas de ferro; os caçadores com seus cintos e facas, as damas cavalgando com toucados elegantes. O lago de bordas agitadas, as ovelhas tranquilas nos pastos, as copas azuladas das árvores, fugindo a uma distância longa e suave, em um cenário de escarpas fragmentadas e um céu com nuvens brancas navegado.

O cardeal observa os rapinantes em ação.

— Temos refrescos para nossos visitantes?

Nos dois grandes salões contíguos à galeria, eles instalam longas mesas. Cada mesa tem 6 metros de comprimento, e outras são trazidas. Na Câmara Dourada, enfileiraram as baixelas de ouro, as joias e pedras preciosas do cardeal, e agora decifram os inventários e conferem os pesos das peças. Na Câmara do Conselho, empilham a prata e as taças. Já que tudo está listado, até a última panela amassada das cozinhas, eles colocam cestas sob as mesas e nelas atiram todos os itens que provavelmente não atrairão os olhos do rei. Sir William Gascoigne, o tesoureiro real, desloca-se constantemente pelos quartos, ocupado, falando, dirigindo a atenção

dos comissários para cada canto, cada baú que acredita ter sido negligenciado.

Em seus calcanhares segue George Cavendish, o nobre intendente do cardeal; seu rosto exhibe evidente tristeza. Eles pegam as vestes do cardeal, suas murças. Rijos em seu bordado, aplicados com pérolas, cravejados de gemas preciosas, os hábitos parecem ficar de pé sozinhos. Os saqueadores fazem tombar cada um como se estivessem derrubando Thomas Becket; depois, registram o item e, após colocá-lo de joelhos e dobrar sua espinha, atiram-no nos caixotes de viagem. Cavendish está perplexo:

— Pelo amor de Deus, cavalheiros, forrem estes baús com uma dupla camada de cambraia. Desejam destruir o trabalho magnífico que custou toda uma vida a diversas freiras? — Ele dá meia-volta: — Sr. Cromwell, acha que podemos nos livrar dessa gente antes do anoitecer?

— Só se os ajudarmos. Já que precisa ser feito, podemos ao menos garantir que eles cumpram a tarefa direito.

É um espetáculo indecente: o homem que governou a Inglaterra, rebaixado. Eles sacam rolos de fina Holanda, de veludo e gorgorão, cetim e tafetá, metros e metros de escarlata: a seda escarlata em que o cardeal desbrava o calor do verão de Londres; os brocados carmesins que conservam o calor de seu sangue quando a neve cai sobre Westminster e gira em redemoinhos congelados sobre o Tâmisa. Em público, o cardeal veste vermelho, só vermelho, mas em vários pesos, várias tramas, vários tons de pigmentação, tudo do melhor em seu gênero, os melhores vermelhos que o dinheiro pode comprar. Houve dias em que, gabando-se, ele dizia:

— Pois bem, Sr. Cromwell, adivinhe o preço do metro!

Ao que ele respondia:

— Deixe-me ver. — E caminhava lentamente em torno do cardeal.

Dizendo “Posso?”, ele apertava a manga entre os experientes polegar e indicador; dando um passo para trás, examinava-o, para estimar o tamanho da cintura (a cada ano, o cardeal aumentava mais), e chegava a um preço. Wolsey batia palmas, deliciado.

— Que os invejosos nos vejam! Sempre, sempre, sempre!

Sua procissão se formava, as cruzes de prata, os sargentos-em-armas com seus machados dourados: em público, o cardeal não ia a lugar algum sem uma procissão.

Assim, a cada dia, a seu pedido e para diverti-lo, ele colocava uma cifra em seu senhor. Agora o rei enviava um exército de contadores para fazer o mesmo. Mas ele gostaria mesmo é de tomar suas penas à força e rabiscar por todos os inventários: *Thomas Wolsey é um homem acima de qualquer preço.*

— Ora, vamos, Thomas — diz o cardeal, afagando-o. — Tudo o que tenho, eu devo ao rei. Foi o rei quem mo presenteou, e, se ele se agrada em tomar o Palácio de York todo mobiliado, sei que possuímos outras casas, temos outros tetos sob os quais nos abrigar. Isto aqui não é Putney, sabe? — O cardeal o abraça. — Portanto, eu o proíbo de bater em alguém. — Ele finge colar os braços junto ao corpo, num comedimento sorridente. Os dedos do cardeal tremem.

O tesoureiro Gascoigne entra e diz:

— Ouvi dizer que Vossa Eminência deve ir direto para a Torre.

— Ouviu? — retruca Cromwell. — Onde ouviu isso?

— Sir William Gascoigne — diz o cardeal, medindo o nome —, o que o senhor acredita que fiz para despertar no rei o desejo de enviar-me para a Torre?

— É típico de você — Cromwell se volta para Gascoigne — espalhar qualquer história que escuta. É esse o consolo que tem a oferecer? Entrar aqui com boatos pérfidos? Ninguém vai para a Torre. Nós vamos... — os criados esperam, prendendo a respiração enquanto ele improvisa — para Esher. E seu trabalho — ele não se contém e dá um empurrão em Gascoigne — é ficar de olho em todos estes estranhos e garantir que tudo o que está para sair daqui chegue ao devido lugar e que nada se perca no caminho, pois, se isso acontecer, você vai acabar esmurrando os portões da Torre e implorando para ser posto lá dentro, só para escapar de mim.

Vários ruídos; a maioria deles, chegando do fundo da sala: uma espécie de ovação contida. É difícil fugir à sensação de que tudo isto é uma peça, e que o cardeal está nela: O cardeal e seu séquito. E trata-se de uma tragédia.

Cavendish o cutuca, nervoso, suando.

— Mas, Sr. Cromwell, a casa de Esher está vazia, não temos uma panela, uma faca, ou um espeto. E onde meu lorde cardeal vai dormir? Duvido que tenhamos um colchão recém-arejado, nem sequer temos lençóis ou lenha ou... E como vamos chegar lá?

— Sir William — diz o cardeal a Gascoigne —, não se ofenda com o Sr. Cromwell, que, devido à ocasião, peca por excessiva franqueza; mas guarde bem o que lhe digo. Já que tudo o que possuo vem do rei, tudo deve ser devolvido em ordem. — Ele dá as costas ao outro, os lábios em espasmos. Exceto quando provocou os duques no dia anterior, há um mês que ele não sorri. — Tom — diz o cardeal —, há anos que lhe digo para não falar desse jeito.

Cavendish se dirige a ele:

— Eles ainda não tomaram a barca de meu lorde cardeal. Nem seus cavalos.

— Não? — Ele põe a mão no ombro de Cavendish. — Vamos subir o rio, tantos quanto a barca suporte. Os cavalos podem nos encontrar em... em Putney, na verdade, e depois nós... pegaremos coisas emprestadas. Ora, vamos, Cavendish, use a criatividade, já fizemos coisas mais difíceis nos últimos anos do que chegar à propriedade de Esher.

Será mesmo? Ele nunca prestou muita atenção a Cavendish, um tipo de homem sensível que fala demais sobre guardanapos. Mesmo assim, ele tenta inventar alguma forma de inserir certa fibra militar no outro, e a melhor forma é sugerir que foram companheiros em alguma antiga campanha.

— Sim, sim — diz Cavendish —, vamos arrumar a barca.

Bom, ele diz, e o cardeal repete, Putney?, e tenta rir. Comenta, muito bem, Thomas, você realmente calou a boca de Gascoigne; há algo neste homem com o qual nunca simpatizei, e ele pergunta, então por que o manteve no cargo?, e o cardeal responde, ah, bem, acontece..., e repete, Putney, hein?

Ele responde:

— Não importa o que encontrarmos no fim da jornada, jamais esqueceremos como, há nove anos, para o encontro entre dois reis, Vossa Eminência criou uma cidade de ouro sobre um pântano



tenebroso na Picardia. Desde então, Vossa Eminência só se elevou em sabedoria e na estima do rei.

Ele fala para que todos escutem, mas pensa, em teoria, aquela ocasião tratava de paz; em contrapartida, não sabemos o que significa esta ocasião. É o primeiro dia de uma campanha, talvez longa, talvez curta; é melhor cavarmos nossas trincheiras e rezarmos para que nossas linhas de suprimentos se mantenham firmes.

— Acho que conseguiremos reunir alguns espetos de ferro e caldeiras de sopa e tudo mais que George Cavendish julgar essencial. Quando lembro que Vossa Eminência administrava provisões para os grandes exércitos do rei, quando partiram para combater na França...

— Sim — responde o cardeal —, e todos sabemos o que você pensava de nossas campanhas, Thomas.

— O quê? — pergunta Cavendish, e o cardeal responde:

— George, não lhe vem à mente o que meu braço direito Thomas Cromwell disse na Câmara dos Comuns há uns cinco anos, quando pleiteávamos um subsídio para a nova guerra?

— Mas ele falou contra Vossa Eminência!

Escutando a conversa avidamente, Gascoigne diz:

— Você não elevou sua situação naquela oportunidade, meu caro, falando contra o rei e meu lorde cardeal, pois eu me lembro bem de seu discurso, e asseguro que outros também lembrarão; você não conseguiu nenhum favor para si naquela ocasião, Cromwell.

Ele dá de ombros.

— Eu não estava em busca de favores. Nem todos são como você, Gascoigne. Eu queria que os Comuns extraíssem algumas lições da última vez. Que pensassem retrospectivamente.

— Você disse que seríamos derrotados.

— Eu disse que iríamos à bancarrota. Mas uma coisa eu lhe digo, todas as nossas guerras teriam acabado de modo muito pior sem meu lorde cardeal para supri-las.

— No ano de 1523... — começa Gascoigne.

— Precisamos travar esta batalha mais uma vez? — indaga o cardeal.

— ... o duque de Suffolk estava a apenas 80 quilômetros de Paris.

— Sim — ele responde —, mas você sabe o que são 80 quilômetros para um oficial de infantaria faminto no inverno, quando ele dorme no chão úmido e acorda congelado? Sabe o que são 80 quilômetros para um comboio com equipamentos, com carroças enfiadas na lama até os eixos? E, quanto às glórias de 1513, que Deus nos livre!

— Tournai! Thérouanne! — berra Gascoigne. — Não consegue ver o que aconteceu? Duas cidades francesas tomadas! O rei foi um bravo no campo de batalha!

Se estivéssemos no campo agora, ele pensa, eu cuspiria nos seus pés.

— Se você gosta tanto do rei, vá trabalhar para ele. Ou já está fazendo isso?

O cardeal limpa a garganta discretamente.

— Todos nós trabalhamos para o rei — diz Cavendish, e o cardeal conclui:

— Thomas, nós somos obra das mãos dele.

Quando eles partem para a barca do cardeal, as bandeiras estão tremulando: a rosa Tudor, os corvos da Cornualha. Cavendish diz, de olhos arregalados:

— Vejam todos esses barquinhos, subindo e descendo.

Por um momento, o cardeal pensa que os londrinos saíram para lhe desejar boa sorte. Mas, quando entra na barca, ouve vaias e apupos dos barcos; os espectadores se aglomeram na margem, e apesar de os homens do cardeal os manterem afastados, a intenção deles é bastante óbvia. Quando os remos começam a forçar a subida no rio, em vez de descer para a Torre, ouvem-se queixas e gritos de ameaça.

É aí que o cardeal desaba. Ele cai sobre seu assento e começa a falar, falar, falar, falar, por todo o trajeto até Putney.

— Eles me odeiam tanto assim? O que fiz além de promover seus negócios e mostrar minhas boas intenções? Semei o ódio?

Não. Jamais persegui ninguém. Busquei soluções a cada ano, quando o trigo foi escasso. Quando os aprendizes se rebelaram, eu implorei de joelhos e às lágrimas que o rei poupasse os manifestantes, mesmo quando eles já ostentavam os nós que os enforcariam.

Cavendish responde:

— As massas sempre desejam uma mudança. Elas nunca auxiliam a ascensão de um grande homem, mas precisam afundá-lo, apenas pela novidade da situação.

— Chanceler durante quinze anos. Vinte a serviço do rei. E do pai que o precedeu. Jamais me poupei... acordando cedo, desperto até tarde...

Cavendish exclama:

— Aí, está vendo? Isto é servir a um príncipe! Temos de nos acautelar contra suas oscilações de humor.

— Príncipes não têm obrigação de manter a coerência — resume ele. E pensa, vou acabar perdendo a razão, cruzando o barco e jogando esse sujeito no rio.

O cardeal não esqueceu a si próprio, longe disso; ele está relembando o passado, vinte anos antes, quando da ascensão do jovem rei.

— Coloque o rei para trabalhar, diziam alguns. Mas eu respondia: não, ele ainda é um rapaz. Deixem que cace, que dispute a justa e solte suas águias e falcões...

— Que toque instrumentos — diz Cavendish. — Sempre dedilhando uma coisa ou outra. E cantando.

— Você fala como se ele fosse Nero.

— Nero? — Cavendish se exalta. — Eu nunca disse isso!

— Trata-se do príncipe mais bondoso e sábio da cristandade — proclama o cardeal. — Não suportarei ouvir uma só palavra contra ele, vinda de homem algum.

— E nem ouvirá — diz ele.

— O que eu não faria por ele! Cruzaria o Canal tão rápido quanto um homem pode pular por sobre um filete de urina na rua. — O cardeal balança a cabeça. — Do despertar ao adormecer, sobre uma sela ou nas contas de meu rosário... vinte anos...

— Será algo típico dos ingleses? — pergunta Cavendish seriamente. Ele ainda está pensando na balbúrdia do momento do embarque; e, mesmo agora, ainda há gente correndo pelas margens, fazendo gestos obscenos e assobiando. — Diga-nos, Sr. Cromwell, já que esteve no exterior. Os ingleses são uma nação particularmente ingrata? A mim me parece que eles gostam da mudança apenas por mudar.

— Não acho que seja algo apenas dos ingleses. Acho que os homens são assim. Eles sempre esperam que algo melhor apareça.

— Mas o que ganham com a mudança? — insiste Cavendish. — Um cão saciado com carne é substituído por outro, mais faminto, que morde mais perto do osso. Sai o homem que engordou com honra e entra o homem voraz e raquítico.

Ele fecha os olhos. O rio se agita sob o grupo — três figuras nebulosas numa alegoria da Fortuna. A Eminência Decaída sentada ao centro. Cavendish, inclinado à sua direita como um Conselheiro Virtuoso, murmura recomendações supérfluas e tardias, às quais a infeliz magnanimidade baixa a cabeça; como um tentador, ele se senta à esquerda e tem a mão dolorosamente agarrada pela grande mão do cardeal, com os nós cobertos de granadas e turmalinas. George Cavendish certamente seria atirado no rio se o que está dizendo, apesar das banalidades, não fizesse um óbvio sentido. E por quê? Por Stephen Gardiner, pensa. Talvez não seja apropriado comparar o cardeal a um cão que engordou, mas Stephen é definitivamente raquítico e voraz, e foi promovido pelo rei ao cargo de seu secretário particular. Não é incomum que os funcionários do cardeal sejam transferidos desta maneira, após cuidadosa formação na escola Wolsey de artes e ofícios; mesmo assim, se administrar seus deveres de modo adequado, Stephen talvez se torne mais próximo do rei que qualquer outro, à exceção talvez do cavaleiro que atende o monarca em sua retrete e lhe entrega o lenço higiênico. Ele pensa, eu não me importaria tanto se Stephen ganhasse este cargo.

O cardeal fecha os olhos. Lágrimas assomam sob suas pálpebras.

— É uma grande verdade — comenta Cavendish —, que a sorte é inconstante, fugidia e mutável...

Ele só precisaria de um golpe de estrangulamento, rápido, enquanto o cardeal está de olhos fechados. Colocando a mão na garganta, Cavendish parece entender o ponto. Os dois se entreolham, encabulados. Um dos dois fala demais; o outro sente demais. Não é fácil encontrar o fiel da balança. Seu olhar varre as margens do Tâmis. O cardeal ainda chora e segura sua mão.

Enquanto sobem o rio, a confusão cessa no litoral. Não que em Putney os ingleses sejam menos volúveis; eles apenas não estão sabendo das novidades.

Os cavalos esperam. O cardeal, em sua posição de clérigo, sempre cavalgou uma mula grande e forte; contudo, por ter passado vinte anos caçando com reis, seu estábulo é a inveja de todo nobre. Lá está o animal, balançando as longas orelhas, paramentado em seus arreios escarlate de costume e, junto dele, o Sr. Sexton, o bobo do cardeal.

— Em nome de Deus, o que ele está fazendo aqui? — pergunta ele a Cavendish.

Sexton se adianta e diz algo no ouvido do cardeal; o cardeal ri.

— Muito bom, Tonto. Agora, ajude-me a montar, bom rapaz.

Mas Tonto — o Sr. Sexton — não está apto para o trabalho. O cardeal parece enfraquecido, parece sentir o peso da carne pendendo dos ossos. Ele, Cromwell, desliza de sua sela e move a cabeça para três dos servos mais robustos.

— Sr. Tonto, segure a cabeça de Christopher.

Quando Tonto finge não saber que Christopher é a mula e dá uma chave de braço no pescoço do homem ao lado, ele exclama, ah, pelo amor de Deus, Sexton, saia da frente ou vou enfiá-lo num saco e afogá-lo.

Obrigado, Sr. Cromwell, diz o homem que quase teve a cabeça arrancada, depois do que se apruma, esfregando o pescoço, e se arrasta à dianteira do bicho para segurar o freio. Com os outros dois, ele, Cromwell, içá o cardeal para a sela. Wolsey parece constrangido.

— Obrigado, Tom. — O cardeal ri, trêmulo. — Você levou uma bronca, Tonto.

Todos estão prontos para cavalgar. Cavendish ergue os olhos.

— Que os santos nos protejam! Uma prisão!

Um cavaleiro solitário se aproxima, descendo a colina a galope.

— Por um só homem?

— Um batedor — diz Cavendish, ao que ele responde, Putney é difícil, mas ninguém precisa mandar batedores. Depois alguém grita:

— É Harry Norris.

Harry se atira da sela. Não se sabe o que veio fazer, mas o fato é que ele tem os nervos à flor da pele. Harry Norris é um dos amigos mais íntimos do rei; mais exatamente, ele é o homem que entrega o lençinho higiênico.

Wolsey compreende de imediato que o rei não mandaria Norris para lhe dar voz de prisão.

— Muito bem, Sir Henry, recupere o fôlego. O que há de tão urgente?

Norris diz, perdão, meu amo, meu lorde cardeal, sacando sua boina plumada, e limpa o rosto com o braço e sorri com sua máxima simpatia. Ele diz graciosamente ao cardeal que o rei lhe deu ordens de cavalgar até alcançar Sua Eminência, de lhe dizer palavras de conforto e lhe dar um anel, que o cardeal conhece bem. Ele exhibe o anel na palma da luva.

O cardeal se desvencilha da mula e se atira ao chão. Ele pega o anel e o cola aos lábios. Está rezando. Rezando, agradecendo a Norris, pedindo bênçãos para seu soberano.

— Não tenho nada para mandar. Nada de valor para mandar ao rei! — Ele olha em torno, como se seus olhos pudessem avistar algo para mandar; uma árvore?

Norris tenta colocá-lo de pé e acaba ajoelhado junto ao cardeal, afundando — um homem tão elegante e encantador — na lama de Putney. Ao que parece, a mensagem que ele dá ao cardeal é de que o rei apenas aparenta desagrado, mas não está realmente desagrado; que o rei sabe que o cardeal tem inimigos; que ele próprio, Henricus Rex, não é um deles; que esta demonstração de poder é apenas para satisfazer os tais inimigos; e que o rei pode recompensar o cardeal com o dobro do que lhe foi tirado.

O cardeal chora. Começa a chover e o vento joga a chuva sobre todos os rostos. Wolsey fala às pressas com Norris, em voz baixa, e depois tira uma corrente do pescoço e tenta pendurá-la no cangote do outro, mas ela se embola na amarração da boina de montaria e várias pessoas correm para ajudar, sem sucesso, até que Norris finalmente se levanta e começa a se limpar com uma luva enquanto segura a corrente com a outra.

— Use isto — implora o cardeal —, e, sempre que o vir, pense em mim e me recomende ao rei.

Montado de lado, joelhos unidos, Cavendish tem um sobressalto.

— Seu relicário! — George está perturbado, atônito. — Abdicar dele desta maneira! É um pedaço da verdadeira Cruz!

— Nós arranjaremos outro pedaço para o cardeal. Conheço um homem em Pisa que vende uma dezena por 5 florins, uma dúzia se o pagamento for à vista. E você ganha um certificado com a impressão do dedo de São Pedro, para provar que são genuínos.

— Que ultraje! — diz Cavendish, afastando-se a cavalo.

Mensagem entregue, Norris também se afasta e todos tentam colocar o cardeal de volta na mula. Desta vez, quatro homens grandes se adiantam como se fosse rotina. A peça agora se transformou em uma espécie de breve interlúdio cômico. Deve ser por isso, pensa ele, que Tonto está aqui. Ele cavalga para perto e diz, olhando de cima da sela:

— Norris, pode apresentar todas estas declarações por escrito?

Norris sorri.

— Dificilmente, Sr. Cromwell; é uma mensagem confidencial para meu lorde cardeal. As palavras de Sua Majestade são apenas para ele.

— E quanto a essa recompensa que você mencionou?

Como sempre faz para desarmar hostilidades, Norris ri, e sussurra:

— Acho que deve ser no sentido figurado.

— Também acho. — Dobrar a fortuna do cardeal? Não com a renda de Henrique. — Devolva-nos o que foi tirado. Não queremos o dobro.

A mão de Norris pousa sobre a corrente, agora presa em seu pescoço.

— Mas tudo veio do rei. Não podemos chamar de roubo.

— Eu não chamei de roubo.

Norris assente, ponderado.

— Não mesmo.

— Eles não deveriam ter levado as vestes. Elas pertencem a meu amo enquanto clérigo. O que levarão depois? Suas terras?

— Esher; é para onde estão indo, não? Claro, Esher é uma das residências que meu lorde cardeal detém como bispo de Winchester.

— E?

— Por enquanto, ele permanece em posse de tal propriedade e título, mas... como dizer? Isto deve passar pela consideração do rei, não? Você sabe que, sob os Estatutos de Praemunire,\*\* meu lorde cardeal é culpado por apoiar uma jurisdição estrangeira em nossa terra.

— Não venha me ensinar a lei.

Norris faz uma mesura.

Ele pensa, desde a primavera passada, quando as coisas começaram a dar errado, eu devia ter persuadido o cardeal a deixar que eu administrasse seus rendimentos e mandasse algum dinheiro para o exterior, onde eles não poderiam pegá-lo; mas naquela época ele jamais admitiria que havia algo errado. Por que deixei que ele se acomodasse desta maneira?

A mão de Norris segura o cabresto do cavalo.

— Sempre fui uma pessoa que admirou seu amo, e espero que ele se lembre disso na adversidade.

— Pensei que ele não estava em adversidade. Segundo o que você diz.

Seria tão simples se ele tivesse permissão para esticar o braço e extorquir algumas respostas diretas de Norris. Mas não é tão simples; isso é o que o mundo e o cardeal Wolsey sempre conspiraram para lhe ensinar. Jesus Cristo, ele pensa, com a minha idade, eu já deveria saber. Ninguém progride sendo original. Ninguém progride sendo inteligente. Ninguém progride sendo forte. Só se progride sendo um patife ardiloso; mais ou menos o que



Norris é. Ele sente uma antipatia irracional criando raízes e tenta arrancá-las, pois prefere que suas antipatias sejam racionais, mas, no fim das contas, as circunstâncias são extremas, o cardeal na lama, o humilhante esforço para recolocá-lo na sela, o falatório, o falatório na barca, e pior, o falatório de joelhos, como se Wolsey se desmanchasse num grande desenovelar de fio escarlate, que talvez leve a um labirinto escarlate com um monstro em agonia no centro.

— Sr. Cromwell? — chama Norris.

Certamente, ele não pode falar o que está pensando; por isso ele baixa os olhos para Norris com expressão abrandada, e diz:

— Obrigado por tamanha consolação.

— Bem, tire meu lorde cardeal da chuva. Informarei Sua Majestade de como o encontrei.

— Conte ao rei como vocês ajoelharam juntos na lama. Talvez ele ache engraçado.

— Sim. — Norris parece triste. — Nunca se sabe o que lhe causará graça.

É neste momento que Tonto começa a gritar. Pelo visto, na busca por um regalo, o cardeal deu o bufão de presente para o rei. O cardeal sempre dizia, Tonto vale mil libras. O bobo agora partirá com Norris — que melhor momento que o presente? Para submeter Tonto, mais quatro homens do cardeal são necessários. Ele luta. Ele morde. Ele se debate socando e chutando. Até que é jogado numa mula de carga, despida de sua bagagem; por fim, o bobo começa a chorar, a soluçar, as costelas em espasmos, os estúpidos pés pendurados, o casaco rasgado e a pena no chapéu reduzida a um toco.

— Mas Tonto — diz o cardeal —, meu querido companheiro. Quando o rei e eu voltarmos a nos entender, você me verá com frequência. Meu querido Tonto, eu lhe mandarei uma carta, uma carta só para você. Vou redigi-la esta noite e marcá-la com meu grande selo. O rei vai gostar de você; ele é a alma mais bondosa da cristandade.

Tonto geme numa única nota fina, como um sujeito aprisionado e empalado pelos turcos.

Viu só?, ele diz a Cavendish, Sexton não é tonto só na profissão. Ele não deveria ter chamado atenção para si, não é verdade?

Esher: o cardeal desmonta sob a sombra da velha fortaleza do bispo Wayneflete, cercada por torres octogonais. O portão é embutido numa muralha defensiva, encimada por um parapeito; severa à primeira vista, toda a estrutura é, entretanto, feita de tijolos, ornamentada e coberta de belos apliques.

— Não há como fortificá-la — ele diz. Cavendish permanece em silêncio. — George, você deveria replicar: “Mas talvez nunca haja necessidade.”

O cardeal não usa este lugar desde que construiu o Palácio de Hampton Court. Mandaram mensagens de antemão, mas por acaso algo foi arrumado? Ele ordena, façam com que meu amo se sinta confortável, e desce direto para as cozinhas. Em Hampton Court, as cozinhas têm água corrente; aqui, tudo que escorre são os narizes dos cozinheiros. Cavendish tinha razão. Na verdade, é pior do que ele pensava. As despensas são pobres e os suprimentos que abrigam dão sinais de má conservação e roubo. Há bichos na farinha. Há fezes de ratos onde as massas são preparadas. Já estão quase na Festa de São Martinho e os criados nem sequer pensaram em salgar a carne. A *batterie de cuisine* é um insulto e os caldeirões estão cobertos de mofo. Há alguns meninos sentados junto à fornalha, que, por dinheiro vivo, são induzidos a arear e esfregar; crianças se entregam prontamente a novidades e, ao que parece, a ideia de limpar é novidade para estes garotos.

Meu amo, ele diz, precisa comer e beber agora; e precisará comer e beber por... não sabemos quanto tempo. Esta cozinha deve estar em ordem para o inverno que se aproxima.

Ele encontra alguém que sabe escrever, e pode então ditar suas ordens. Seus olhos estão fixos no chefe de cozinha. Com a mão esquerda, ele enumera os itens: você faz isso, depois isso e, em terceiro, aquilo. Com a mão direita, ele quebra ovos numa bacia com impacto profissional e, entre seus dedos, a clara se separa da gema, pegajosa e lenta.

— Qual é a idade desse ovo? Mude seu fornecedor. Eu quero noz-moscada. Tem noz-moscada? Açafreão?

Eles o encaram como se ele estivesse falando grego. Os gritos agudos de Tonto ainda lhe doem nos ouvidos. Anjos empoeirados o observam quando ele marcha de volta ao salão.

Já é tarde quando eles colocam o cardeal numa cama minimamente digna de assim ser chamada. Onde está o intendente de sua casa? Onde está seu superintendente? A esta altura, ele de fato se sente veterano de uma campanha de guerra com Cavendish. Ele fica acordado com George — mesmo que quisessem dormir, não há camas —, definindo o que precisam para prover o cardeal de um conforto razoável; precisam de prataria, senão o cardeal terá que comer em vasilhas de cobre amassadas, precisam de lençóis, toalhas de mesa, lenha.

— Eu mandarei algumas pessoas — diz ele — para organizar as cozinhas. Serão italianos. No começo pode ser um tanto difícil, mas após três semanas estará funcionando.

Três semanas? Ele quer colocar os meninos para polir os pratos de cobre agora mesmo. Ele pergunta:

— Podemos conseguir limões?

Exatamente quando Cavendish diz:

— E agora, quem será chanceler?

Será que há ratos lá embaixo?, ele se pergunta, enquanto Cavendish indaga:

— Será que tornarão a nomear Sua Eminência da Cantuária?

Nomeá-lo outra vez? Quinze anos depois que o cardeal o derrubou do cargo?

— Não, Warham está velho demais. — E teimoso demais, e refratário demais aos desejos do rei. — E o duque de Suffolk também não. — Porque, em sua opinião, Charles Brandon não é mais inteligente que Christopher, a mula, embora seja melhor em combates, em moda e em aparecer de modo geral. — Suffolk não, porque o duque de Norfolk não admitiria isso.

— E vice-versa — concorda Cavendish. — O bispo Tunstall?

— Não. Thomas More.

— Mas, um homem laico e plebeu? E que tanto se opõe à anulação do casamento do rei?

Ele insiste, anuindo, sim, sim, será More. O rei é conhecido por obliterar sua própria consciência em prol de determinadas autoridades. Talvez ele pense que estará a salvo de si mesmo.

— Se o rei oferecer o cargo, e acredito que, como gesto, talvez ofereça, Thomas More certamente declinará, não?

— Ele aceitará.

— Quer apostar? — diz Cavendish.

Eles combinam os termos da aposta e trocam um aperto de mãos. Isso afasta o pensamento dos problemas prementes, que são os ratos e o frio e a questão de como acomodar uma equipe doméstica de diversas centenas de pessoas, retidas em Westminster, no espaço muito mais exíguo de Esher. A criadagem do cardeal, se incluídas as casas principais e contados desde padres e advogados até faxineiros e lavadeiras, soma aproximadamente seiscentas almas, das quais se espera que trezentas os sigam para Esher imediatamente.

— Do jeito que estão as coisas, teremos de reduzir a criadagem — diz Cavendish. — Mas não temos dinheiro vivo para as indenizações.

— Se eles partirem sem o pagamento devido, estou acabado — diz ele.

— Acho que você está acabado de qualquer maneira. Depois do que disse sobre o relicário.

Ele fixa os olhos em George. Os dois começam a rir. Ao menos eles têm algo que presta para beber; as adegas estão cheias, o que é uma sorte, segundo Cavendish, pois certamente precisarão de alguns drinques ao longo das próximas semanas.

— O que você acha que Norris realmente quis dizer? — pergunta George. — Como o rei pode ter duas caras? Como meu lorde cardeal acabou deposto se o rei não queria de fato dispensá-lo? Como o rei pôde ceder aos inimigos de meu amo? O rei não é o senhor, acima de todos os inimigos?

— É o que se espera.

— Ou seria *ela*? Deve ser. O rei tem medo dela, sabe? A mulher é uma bruxa.

Ele replica, não seja infantil. George responde, ela é muito bruxa: quem disse foi o duque de Norfolk, e ele é tio dela, ele deve saber.

São duas horas, e logo batem as três; às vezes é libertador lembrar que não é preciso ir para a cama porque não há uma cama. Ele não precisa pensar em voltar para casa; não há casa para onde voltar, não lhe resta família alguma. Ele prefere beber com Cavendish, encolhido num canto da grande câmara de Esher, com frio, cansado e temendo o futuro, do que pensar em sua família e no que perdeu.

— Amanhã mandarei buscar meus assistentes de Londres e vamos tentar compreender o que meu amo ainda possui em termos de bens, o que não será fácil, já que eles confiscaram toda a papelada. Seus devedores não ficarão inclinados a pagar quando souberem do que aconteceu. Mas o rei francês paga uma pensão ao cardeal e, se lembro bem, vive em atraso... Talvez ele queira enviar uma bolsa de ouro, até que meu amo retorne ao favor do rei. E você... você pode sair para fazer pilhagens.

Cavendish tem as faces e os olhos encovados quando ele o coloca sobre um cavalo no romper da aurora.

— Peça o retorno de alguns favores. Praticamente não há nobre neste reino que não deva algo a meu lorde cardeal.

É fim de outubro e o sol é uma moeda recém-lançada sobre o horizonte.

— Alegre o cardeal — recomenda Cavendish. — Faça com que ele fale. Faça com que fale sobre o que Harry Norris disse...

— Vá agora. Se você encontrar os carvões em que São Lourenço foi torrado, faremos bom uso deles por aqui.

— Ah, não faça isso — implora Cavendish. Desde o dia anterior, ele avançou muito e já consegue fazer piadas sobre mártires sagrados; mas George bebeu demais na última noite e, quando ri, sente dor. Mas não rir também é dolorido. A cabeça de George

pende, o cavalo se agita sob o dono e seus olhos são pura perplexidade. — Como chegamos a este ponto? Meu lorde cardeal ajoelhado na lama. Como isso pôde acontecer? Como é possível?

Ele continua:

— Açafrão. Passas. Maçãs. E gatos, arranje gatos, gatos enormes e famintos. Não sei, George, de onde vêm os gatos? Ah, outra coisa! Você acha que podemos conseguir perdizes?

Se conseguirmos perdizes, podemos fatiar a carne do peito e assar à mesa. Tudo o que der para fazer desse jeito, nós faremos; e assim, se pudermos evitar, nosso amo não será envenenado.

## Notas

\* Arquivista-mor (Master of the Rolls): cargo que ainda subsiste na Inglaterra, de alta função judiciária. No século XVI, era encarregado de substituir o ministro nas suas atribuições legais. (N. do E.)

\*\* Decreto parlamentar do século XIV que criminalizava o apoio ou obediência a jurisdição "estrangeira", isto é, papal, em território inglês; o objetivo do ato era reduzir o poder do Vaticano na política inglesa. (N. da T.)

## **II Uma história oculta da Bretanha**

*1521-1529*

Era uma vez, em tempos imemoriais, um rei da Grécia que tinha 33 filhas. Cada uma das filhas se revoltou e assassinou o marido. Perplexo por ter dado vida a rebeldes desta natureza, mas sem querer matar seu próprio sangue e carne, o principesco pai exilou e lançou as filhas à deriva num navio sem leme.

O navio tinha provisões para seis meses. Ao fim desse período, os ventos e marés já haviam empurrado as irmãs até os limites do mundo conhecido. Elas aportaram numa ilha encoberta por bruma. Como o lugar não tinha nome, a mais velha das assassinas batizou a ilha: Albina.

Quando chegaram à praia, as irmãs estavam famintas e ávidas por carne masculina. Mas não havia homens à vista. A ilha era habitada apenas por demônios.

As 33 princesas acasalaram com os demônios e deram à luz uma raça de gigantes que, por sua vez, acasalaram com suas mães e produziram outros de sua espécie. Estes gigantes se espalharam por



todo o território da Bretanha. Não havia padres, nem igrejas ou leis. Também não havia qualquer forma de contagem do tempo.

Após oito séculos de domínio, eles foram derrubados pelo troiano Brutus.

Bisneto de Eneias, Brutus nasceu na Itália; sua mãe morreu durante o parto, e, por acidente, Brutus matou o pai com uma flecha. Ele abandonou seu local de nascença e tornou-se líder de um grupo de ex-escravos de Troia. Juntos, embarcaram numa viagem para o norte, e os caprichos dos ventos e das marés os levaram à costa de Albina, assim como as irmãs foram levadas outrora. Quando aportaram, os homens foram forçados a batalhar contra os gigantes liderados por Gogmagog. Os gigantes foram derrotados e seu líder foi atirado ao mar.

Não importa sob qual prisma observamos: tudo sempre começa em massacre. O troiano Brutus e seus descendentes governaram até a chegada dos romanos. Antes de ser nomeada Lud's Town, Londres se chamava Nova Troia. E nós éramos troianos.

Alguns dizem que os Tudor surgiram dessa história, tão sangrenta e demoníaca: que descendem de Brutus a partir da linhagem de Constantino, filho de Santa Helena, que era bretã. Artur, alto rei da Bretanha, era neto de Constantino. Ele se casou com três mulheres, todas chamadas Guinevere, e seu túmulo fica em Glastonbury; contudo, entenda-se, ele não está realmente morto, apenas espera pela hora de seu retorno.

Seu abençoado descendente, príncipe Artur da Inglaterra, nasceu no ano de 1486, filho mais velho de Henrique, o primeiro rei Tudor. Este Artur se casou com Catarina, princesa de Aragão, morreu aos 15 anos e foi enterrado na Catedral de Worcester. Se estivesse vivo hoje, seria rei da Inglaterra. Seu irmão mais novo, Henrique, provavelmente seria arcebispo da Cantuária, e não (ao menos esperamos devotamente que não) se disporia a correr atrás de uma mulher de quem o cardeal jamais ouviu nada de bom: uma mulher a quem ele teve de voltar sua atenção muitos anos antes do dia em que os duques apareceram para desapropriá-lo; uma mulher cuja história ele precisará compreender, antes de ser arrebatado pela ruína.

Por trás de toda história, outra história.

A dama apareceu na corte no Natal de 1521, dançando num vestido amarelo. Ela tinha — quanto? — cerca de 20 anos. Filha do diplomata Thomas Bolena, ela foi criada desde a infância na corte da Borgonha em Mechelen e Bruxelas, e mais recentemente em Paris, seguindo a rainha Cláudia entre os belos castelos do Loire. Agora ela fala sua língua nativa com um sotaque leve e indecifrável, entremeando suas frases com palavras francesas quando finge que não se recorda da versão em inglês. Em Shrovetide, ela dança num baile de máscaras da corte. As damas estão fantasiadas como Virtudes e ela representa a Perseverança. Ela dança com graça, embora com energia, com uma expressão divertida no rosto, um sorriso duro e impessoal de não-me-toques. Logo ela é seguida por uma fileira de senhores da pequena nobreza; e por um senhor de nobreza não tão pequena. Boatos se espalham de que ela se casará com Harry Percy, o herdeiro do conde de Northumberland.

O cardeal manda chamar o pai dela.

— Sir Thomas Bolena, fale com sua filha, senão eu o farei. Nós a trouxemos de volta da França para casá-la com a Irlanda, com o herdeiro dos Butler. Por que ela está protelando?

— Os Butler... — começa Sir Thomas, e o cardeal o interrompe:

— Ah, sim? Os Butler o quê? Qualquer problema que tiver lá, eu darei um jeito nos Butler. O que quero saber é, persuadiu-a a fazer isto? A armar conluios pelos cantos com aquele garoto estúpido? Pois, Sir Thomas, serei bem claro: eu não admito isto. O rei não admitirá isto. É preciso acabar com essa história.

— Praticamente não estive na Inglaterra nestes últimos meses. Vossa Eminência não pode imaginar que sou parte desse esquema.

— Não? Ficaria surpreso com o que sou capaz de imaginar. Esta é a sua melhor desculpa? Que não sabe governar seus próprios filhos?

Sir Thomas parece desgostoso e estende as mãos. Está à beira de dizer, os jovens de hoje... Mas o cardeal o detém. O cardeal desconfia (e já explicitou sua suspeita) de que a jovem não está

interessada na perspectiva de viver no Castelo de Kilkenny com suas amenidades frugais e nem no tipo de vida social que terá à sua disposição quando, em ocasiões especiais, tiver de viajar tossindo pelas péssimas estradas de terra até Dublin.

— Quem é aquele? — pergunta Sir Thomas. — Ali no canto?

O cardeal meneia a mão.

— Apenas um de meus representantes legais.

— Coloque-o para fora.

O cardeal suspira.

— Ele está tomando notas desta conversa?

— Você está, Thomas? — pergunta o cardeal. — Se estiver, pare imediatamente.

Meio mundo se chama Thomas. Em pouco tempo, Sir Thomas não saberá de quem se trata.

— Ouça, meu amo — diz ele, a voz subindo e descendo com entonação diplomática: ele é franco, um homem vivido, e seu sorriso diz, ora vamos, Wolsey, você também é um homem vivido. — Eles são jovens. — Faz um gesto com o intuito de simbolizar franqueza. — Ela chamou a atenção do garoto. É natural. Eu já falei com ela, a menina sabe que isso não pode continuar. Ela conhece seu lugar.

— Acho bom — diz o cardeal —, porque o lugar dela é abaixo de um Percy. Isto é, abaixo no sentido dinástico. Não me refiro àquilo que se pode vir a fazer num celeiro numa noite quente.

— Ele não aceita, o jovem. Dizem que ele deve se casar com Mary Talbot, mas... — Sir Thomas solta uma risadinha descuidada — ele não tem interesse em se casar com Mary Talbot. Ele acha que é livre para escolher a esposa.

— Escolher a...! — O cardeal se detém. — Nunca ouvi coisa igual. Ele não é um agricultor. É o homem que terá de segurar o norte para nós no futuro e, se ele não compreende sua posição no mundo, deve aprendê-la ou perdê-la. O casamento já combinado com a filha de Shrewsbury é um bom partido para ele, é um casamento arranjado por mim e tem a aprovação do rei. E eu lhe garanto que o conde de Shrewsbury não terá paciência com esta palhaçada de amor do rapaz que está prometido para sua filha.

— A dificuldade é... — Sir Thomas se permite uma discreta pausa diplomática. — Acho que, Harry Percy e minha filha, talvez os dois tenham ido um pouco longe demais no assunto.

— Como é? Está dizendo que realmente se trata de um celeiro numa noite quente?

Ele observa das sombras; ele pensa que Sir Thomas é o homem mais frio e ardiloso que já viu.

— Pelo que me dizem, eles fizeram votos diante de testemunhas. Como pode ser desfeito agora?

O cardeal esmurra a mesa.

— Eu lhe digo como! Mandarei buscar o pai dele na fronteira, e se o filho pródigo o desafiar, será destituído dos seus direitos de herança bem diante de seu pródigo nariz. O conde tem outros filhos, e melhores. E se você não quer o cancelamento do casamento com Butler nem que sua honrada filha envelheça solteira em Sussex, custando-lhe casa e comida pelo resto da vida, esqueça toda esta conversa sobre votos e testemunhas; quem são elas, essas testemunhas? Conheço bem essas testemunhas que nunca mostram a cara quando mando procurá-las. Portanto, não me venha mais falar disso. Votos. Testemunhas. Contratos. Deus do céu!

Sir Thomas ainda está sorrindo. É um homem espigado, franzino; cada músculo perfeitamente afinado de seu corpo se esforça para conservar o sorriso no rosto.

— Nem vou perguntar — continua Wolsey, incansável — se você buscou conselho entre seus parentes da família Howard neste tema. Eu relutaria em acreditar que você se lançou neste esquema com a concordância deles. E lamentarei saber que o duque de Norfolk é conivente: ah, lamentarei muito. Portanto, não quero saber disso, compreende? Saia daqui e peça algum conselho útil a seus parentes. Case a moça com a Irlanda antes que os Butler ouçam qualquer boato de que ela já está usada. Não que eu mencionaria algo do tipo. Mas a corte fala demais.

Sir Thomas tem duas manchas de um furioso rubor em suas faces.

— Já terminou, meu lorde cardeal?

— Sim. Fora.

Sir Thomas dá meia-volta, um giro de seda escura. Seriam lágrimas de ira o que se vê em seus olhos? A luz é fraca, mas ele, Cromwell, tem visão muito aguçada.

— Ah, um momento, Sir Thomas... — diz o cardeal. Sua voz se alonga pelo cômodo, enlaça e arrasta de volta sua vítima. — Lembre-se de sua linhagem. A família Percy é composta, creio eu, dos mais nobres deste reino. Ao passo que, apesar de sua notável sorte por se casar com uma Howard, outrora os Bolena eram comerciantes, não? Uma pessoa com seu nome foi lorde governador de Londres, não? Ou eu estaria confundindo sua família com outros Bolena mais distintos?

O sangue é drenado do rosto de Sir Thomas; os pequenos círculos vermelhos desaparecem das suas bochechas e ele está quase desmaiando de ódio. Saindo da sala, ele murmura: “Filho de açougueiro.” E quando passa pelo advogado, cuja mão robusta repousa distraidamente sobre a mesa, ele rosna: “Cachorro de açougueiro.”

A porta bate. O cardeal exclama:

— Aproxime-se, cachorro. — E se senta, rindo, os cotovelos fincados na mesa e a cabeça nas mãos. — Ouça e toma nota de minhas palavras. Nunca se pode elevar o próprio pedigree, e Deus sabe, Tom, que você nasceu em situação mais desonrada que a minha, portanto o truque é mantê-los sempre abaixo de seus próprios padrões. Eles inventaram as regras; não podem reclamar se as sigo estritamente. Os Percy estão acima dos Bolena. Quem ele pensa que é?

— Irritar os outros é uma boa política?

— Ah, não. Mas me diverte. Minha vida é difícil e eu descobri que quero diversão.

O cardeal lhe dirige um olhar bem-humorado e ele suspeita que talvez seja a diversão da noite agora que Sir Thomas foi feito em pedaços e atirado ao chão como uma casca de laranja.

— A quem se deve prestar deferência? Aos Percy, aos Stafford, Howard, Talbot: sim. E, se preciso for, cutuque-os com uma vara

longa. Quanto a Sir Thomas, bem, o rei o aprecia e ele é um homem capaz. E é por isso que eu abro todas as suas correspondências, há anos.

— Então meu amo deve saber... Ah, perdão, isto não é apropriado para seus ouvidos.

— O quê? — pergunta o cardeal.

— São apenas rumores. Eu não gostaria de confundir Vossa Eminência.

— Você não pode falar e depois se calar. Diga-me agora.

— É só o que as mulheres andam dizendo. As mulheres da seda. E as esposas dos comerciantes de tecido. — Ele espera, sorrindo. — O que não é de interesse algum para o senhor, tenho certeza.

Rindo, o cardeal empurra a cadeira para trás e sua sombra se eleva com ele. Animada pelo fogo, a sombra salta. Seu braço se atira à frente, o alcance é longo, a mão é como a mão de Deus.

Mas quando a mão de Deus se cerra, seu súdito já está do outro lado da sala, com as costas contra a parede.

O cardeal recua. Sua sombra se agita, treme, e depois volta ao repouso. Ele está imóvel. A parede reproduz o movimento de sua respiração. Sua cabeça se inclina. Sob um halo de luz, ele se detém para examinar o punho vazio. O cardeal abre os dedos, a gigantesca mão iluminada pelo fogo. Ele pousa a mão aberta sobre a mesa e ela desaparece, mesclada ao tecido de damasco. Ele torna a se sentar. A cabeça está baixa; o rosto, à meia-luz.

Ele, Thomas, também conhecido como Tomos, Tommaso e Thomaes Cromwell, torna a enterrar suas personalidades passadas no corpo presente e se desloca para onde estava antes. Sua sombra desliza pela parede, como um visitante incerto de sua acolhida. Dentre todos, qual Thomas viu o golpe chegando? Há momentos em que uma lembrança se move através de seu corpo. Ele se desvia, agacha, foge; caso contrário, o passado domina seu punho e o impele à ação, sem intervenção da vontade. Imagine quando há uma adaga em punho? É assim que os assassinatos acontecem.

Ele diz algo, o cardeal diz algo. Eles se calam. As duas frases não chegam a lugar nenhum. O cardeal puxa a cadeira de volta ao lugar. Ele hesita diante dele, mas se senta. O cardeal diz:

— Eu realmente quero ouvir as fofocas de Londres. Mas não tinha intenção de espancá-lo para conseguí-las.

O cardeal abaixa a cabeça e franze a testa para um papel sobre a mesa, deixando que passe o momento difícil; quando volta a se pronunciar, seu tom é comedido e agradável, como um homem que conta anedotas depois de um jantar.

— Quando eu era criança, havia um amigo de meu pai... na verdade um cliente... que tinha a tez enrubescida. — Ele toca a manga, em demonstração. — Como este... escarlate. Revell era o nome dele, Miles Revell. — Sua mão se desloca para voltar à inércia, a palma deitada sobre o damasco negro. — Embora ele fosse um cidadão honesto, que gostava de uma taça de um bom renano, por alguma razão, eu acreditava... eu acreditava que ele bebia sangue. Não sei... uma história que creio ter ouvido de minha babá, ou de alguma outra criança tola... E assim, quando os aprendizes de meu pai ficaram sabendo, porque fui tonto demais para chorar e me queixar, eles passaram a gritar: "Aí vem Revell para tomar sua taça de sangue, corra, Thomas Wolsey!" Eu disparava como se o diabo estivesse atrás de mim, escapava pelo mercado. Fico pasmo por não ter sido atropelado por uma carroça. Eu corria sem sequer olhar. Até hoje — ele pega da mesa um carimbo para cera, gira entre as mãos, gira, gira e o deposita de volta — até hoje, quando vejo um homem louro e corado, digamos, o duque de Suffolk, sinto vontade de me desfazer em lágrimas. — Ele para. Seu olhar se detém. — Diga-me, Thomas... Um clérigo não pode se erguer sem que você pense que ele quer beber seu sangue? — Ele pega o carimbo e torna a girá-lo entre os dedos; ele desvia os olhos, e começa a brincar com as palavras. — Um bispo seria capaz de apavorá-lo? Um pároco poderia atormentá-lo? Um diácono o desconcertaria?

Ele responde:

— Qual é a palavra? Não sei como se diz... um estoc...

Talvez não exista palavra para isso: a adaga curta que, a pouca distância, é enterrada sob as costelas. O cardeal diz:

— E isso foi...?

Isso foi há vinte anos. A lição foi aprendida, e bem aprendida. Noite, gelo, no coração paralisado da Europa; uma floresta, lagos de

prata sob um desenho de estrelas de inverno; um cômodo, lareira, uma forma deslizando pela parede. Ele não chegou a ver seu assassino, mas viu o movimento de sua sombra.

— Não muda nada... — comenta o cardeal. — Faz quarenta anos desde que vi o Sr. Revell pela última vez. Ele deve estar morto há algum tempo, suponho. E seu homem? — Ele hesita. — Também está morto há muito tempo?

Não se poderia divisar forma mais delicada de perguntar a um homem se ele matou alguém.

— E no inferno, acho, se Vossa Eminência assim determinar.

A frase provoca um sorriso em Wolsey; não a menção ao inferno, mas a reverência à amplitude de sua autoridade.

— Quer dizer que quem quer que atacasse o jovem Cromwell desceria direto ao poço de chamas?

— Se o senhor tivesse visto este homem, meu amo... Ele era imundo demais para o purgatório. O Sangue do Cordeiro pode fazer muitas coisas, é o que ouvimos, mas tenho minhas dúvidas de que conseguiria limpar aquele sujeito.

— Eu sou a favor de um mundo sem máculas — comenta Wolsey. Ele parece triste. — Você fez uma boa confissão depois disso?

— Já faz muito tempo.

— Fez uma boa confissão?

— Meu lorde cardeal, eu era um soldado.

— Soldados também têm esperança de entrar no Paraíso.

Ele ergue os olhos para o rosto de Wolsey. Não há como decifrar em que ele acredita. Thomas responde que “todos temos”. Soldados, mendigos, marujos, reis...

— Quer dizer que você foi um rufião em sua juventude? — diz o cardeal. — *Ça ne fait rien*. Este sujeito imundo que o atacou... Será que, na verdade, ele não pertencia a alguma ordem religiosa?

Ele sorri.

— Não perguntei.

— Esses truques da memória... Thomas, a partir de agora evitarei fazer movimentos sem lhe dar um aviso. Assim nós nos daremos muito bem.



Mas o cardeal o examina; ele ainda está intrigado. Ainda estão no começo de sua associação, e o caráter dele, a ser modelado pelo cardeal, ainda é um trabalho em andamento neste estágio; na verdade, talvez a criação tenha iniciado naquela noite? Nos anos por vir, o cardeal dirá:

— Muitas vezes questiono o ideal monástico, sobretudo quando aplicado aos jovens. Meu funcionário Cromwell, por exemplo: sua juventude foi restrita, passada quase inteiramente em jejuns, preces e estudando os Patriarcas da Igreja. Por isso ele é tão indomável hoje em dia.

E quando as pessoas perguntam, É mesmo?, recordando da melhor maneira possível um homem que lhes parece peculiarmente discreto; quando dizem, Sério? Seu braço direito Cromwell?, o cardeal balança a cabeça e diz:

— Eu tento consertar as coisas, claro. Quando ele quebra a janela, nós chamamos os vidraceiros e pagamos o preço. E quanto à procissão de mocinhas prejudicadas... Pobres criaturas, eu pago e elas se vão...

Mas nesta noite o cardeal quer saber de negócios; ele tem as mãos entrelaçadas sobre a mesa, como se dominassem as horas passadas.

— Voltando ao assunto, Thomas, você me contava sobre um boato.

— Devido a certas ordens dos mercadores de seda, as mulheres julgam que o rei tem uma nova... — Ele se interrompe. — Meu amo, que nome dar a uma vadia quando ela é filha de um cavaleiro condecorado?

— Ah — diz o cardeal, compreendendo o problema. — Diante dela, dizemos “cara dama”. Nas costas... Bem, qual é o nome dela? Que cavaleiro?

Ele meneia a cabeça para o local onde, dez minutos antes, Sir Thomas estava plantado.

O cardeal parece alarmado.

— Por que não falou logo, então?

— Como eu poderia abordar esse assunto?

O cardeal compreende a dificuldade.

— Mas não se trata da dama Bolena que acabou de chegar à corte. Não é a paixão de Harry Percy. É a irmã dela.

— Entendo. — O cardeal se recosta em sua poltrona. — Claro.

Maria Bolena é uma lourinha dócil que dizem ter circulado entre toda a corte francesa antes de voltar para a corte de sua terra natal, distribuindo boa vontade, com a crítica irmã caçula sempre trotando em seus calcanhares.

— Claro, eu percebi a direção do olhar de Sua Majestade — diz o cardeal. Ele concorda consigo mesmo. — Eles são íntimos agora? A rainha está ciente? Ou você não saberia dizer?

Ele balança a cabeça. O cardeal suspira.

— Catarina é uma santa. Mas se eu fosse uma santa, e rainha, provavelmente não pensaria que Maria Bolena representa alguma ameaça. Presentes, hein? De que tipo? Nada muito pródigo, você diz? Então sinto muito pela moça; ela deveria aproveitar sua vantagem enquanto dura. Não que nosso rei viva metido em aventuras, mas corre por aí... corre por aí que, quando Sua Majestade era jovem, ainda príncipe, foi a esposa de Thomas Bolena quem o libertou de seu estado virginal.

— Elizabeth Bolena? — Não é sempre que ele se surpreende. — A mãe dessa outra?

— Exatamente. Talvez falte ao rei alguma imaginação nesse sentido. Não que eu acredite no boato... Se estivéssemos do outro lado, sabe — ele gesticula na direção da França —, nem sequer tentaríamos manter uma conta de todas as mulheres. Meu amigo, o rei Francisco, dizem que certa vez ele se aproximou de uma dama com quem estivera na noite anterior, deu-lhe um beijo formal na mão, perguntou seu nome e expressou o desejo de que pudessem ser amigos mais chegados. — Ele meneia a cabeça, apreciando o sucesso de sua história. — Mas Maria não causará dificuldades. Ela é tarefa fácil. A escolha do rei poderia ter sido pior.

— Mas a família dela vai querer lucrar alguma coisa com isso. O que eles tinham antes?

— A chance de se fazerem úteis. — Wolsey se detém e faz uma anotação. Ele pode até imaginar o conteúdo: o que pode conceder a Sir Thomas, se o homem pedir com jeito. O cardeal ergue os olhos.

— Quer dizer que, em minha entrevista com Sir Thomas, eu deveria ter sido... como colocar... mais dócil?

— Não acho que meu amo poderia ter sido mais suave. Sou testemunha da feição que ele tinha quando nos deixou. A imagem da mais plácida satisfação.

— Thomas, de agora em diante, qualquer fofoca de Londres — o cardeal toca o forro de damasco —, traga-a aqui para mim. Não importa a fonte. Deixe que eu me preocupo com isso. E prometo que jamais atacarei você. Sério.

— Já está esquecido.

— Duvido muito. Não se você carregou esta lição por todos estes anos. — O cardeal se recosta; ele pondera. — Pelo menos ela é casada. — Maria Bolena, ele quer dizer. — Ou seja, se ela emprenhar, o rei pode reconhecer o filho ou não, como desejar. Ele tem um menino com a filha de John Blount e não desejará muitos outros.

Um berçário real muito numeroso pode ser um estorvo para um rei. O exemplo da história e de outras nações mostra que as mães brigam por posição social e tentam introduzir seus fedelhos na linha de sucessão de alguma forma. O filho que Henrique reconhece é conhecido como Henry Fitzroy; é uma bela criança loura, feita à imagem e semelhança do rei. O pai o nomeou duque de Domerset e duque de Richmond; o menino não tem nem sequer 10 anos e já é o nobre mais elevado da Inglaterra.

A rainha Catarina, cujos filhos morreram todos, aceita a situação com paciência; ou seja, ela sofre.

Ao deixar o cardeal, ele está terrivelmente furioso. Quando pensa em sua vida pregressa — aquele garoto quase morto sobre o calçamento de Putney —, ele não sente qualquer compaixão por si, apenas uma vaga impaciência: por que o garoto não se levanta? Já por seu eu mais recente — ainda propenso a entrar em brigas, ou pelo menos a estar em situações em que uma briga pode acontecer —, ele sente algo próximo a desprezo, coberto por uma nauseante ansiedade. Disto está feito o mundo: uma faca no escuro, um

movimento no canto dos olhos, uma série de advertências que atravessam a carne. Ele chocou o cardeal, e este não é seu trabalho; seu trabalho, como definido neste momento, é alimentar Wolsey com informações e apaziguar seu temperamento e compreendê-lo e enriquecer suas piadas. O que deu errado foi apenas uma questão de momento; quem dera o cardeal não tivesse gesticulado tão rápido; quem dera ele próprio não estivesse tão aflito, sem saber como fazer um sinal para que o cardeal fosse menos despótico com Sir Thomas. O problema com a Inglaterra, pensa, é que ela é pobre em gestual. Deveríamos desenvolver um gesto de mão que signifique "Contenha-se, nosso príncipe está trepando com a filha deste homem." Ele estranha que os italianos não hajam inventado algo assim. Talvez tenham algo do tipo, e ele é que nunca ficou sabendo.

No ano de 1529, meu senhor cardeal recém-derrubado, ele se recordará daquela noite.

Ele está em Esher; é aquela noite sem luz ou fogo, quando o grandioso cardeal se recolheu à sua cama (possivelmente úmida) e só há George Cavendish para animar seu espírito. Ele pergunta a George, o que aconteceu depois com Harry Percy e Ana Bolena?

Ele só conhecia a história na interpretação gélida e depreciativa do cardeal. Mas George diz:

— Vou contar como foi. Agora fique de pé, Sr. Cromwell. — Ele fica de pé. — Um pouco para a esquerda. Certo, quem você quer ser? Meu lorde cardeal ou o jovem herdeiro Percy?

— Ah, entendi, é uma peça? Seja o cardeal. Eu não me sinto à altura.

Cavendish ajusta a posição do outro, afastando-o imperceptivelmente da janela, onde a noite e as árvores desfolhadas são sua plateia. Seu olhar paira no ar, como se ele revisse o passado: corpos sombreados, movendo-se neste cômodo sem luz.

— Você consegue parecer preocupado? — pergunta George. — Como se elaborasse um discurso revoltado, mas não tivesse coragem de falar? Não, não, desse jeito não. Você é jovem,

desengonçado, sua cabeça pende, você cora à toa. — Ele suspira. — Acho que você nunca corou em sua vida, Sr. Cromwell. Ouça. — Cavendish descansa as mãos suavemente sobre os antebraços. — Vamos trocar os papéis. Sente-se aqui. Você vai ser o cardeal.

Imediatamente, ele vê Cavendish transformado. George se contorce, atrapalhado, só falta chorar; ele se torna o trêmulo Harry Percy, um jovem apaixonado.

— Por que não devo unir-me a ela? — Ele chora. — Embora ela não seja mais que uma simples criada...

— Simples? — ele diz. — Criada?

George lhe crava os olhos.

— O cardeal nunca disse isso!

— Não naquele momento, concordo.

— Agora eu sou Harry Percy de novo. “Embora ela não seja mais que uma simples criada, e seu pai um mero cavaleiro, na verdade sua linhagem tem qualidade”...

— Ela é uma espécie de prima do rei, não é?

— Uma espécie de prima? — Indignado, Cavendish volta a interromper sua interpretação. — Se fosse, meu lorde cardeal teria esta ascendência desfraldada diante de seus olhos, anunciada pelos arautos.

— Então o que devo fazer?

— Apenas finja! Agora ouça: o jovem Percy alega que não faltam méritos aos antepassados da moça. Contudo, quanto mais o jovem argumenta, mais meu lorde cardeal perde a paciência. O garoto diz, “Nós fizemos um contrato de matrimônio, que é tão válido quanto um verdadeiro casamento”...

— Ele diz isso? Isto é, disse isso?

— Sim, foi o sentido do que ele falou. Tão válido quanto um verdadeiro casamento.

— E o que o cardeal fez então?

— Ele exclamou, meu Deus, garoto, o que está me dizendo? Se você se envolveu num procedimento falso desta natureza, o rei precisa saber. Eu convocarei seu pai, e juntos nós trabalharemos para anular esta tolice sua.

— E Harry Percy respondeu?

— Não muita coisa. Ele baixou a cabeça.  
— Eu me pergunto se a garota tinha algum respeito por ele.  
— Não tinha. Ela gostava do título dele.  
— Entendo.  
— E aí o pai dele veio do norte; você quer ser o conde ou quer ser o garoto?

— O garoto. Agora já sei como interpretá-lo.

Ele fica de pé e simula arrependimento. Ao que parece, o conde e o cardeal tiveram uma longa conversa numa longa galeria; depois, tomaram uma taça de vinho. Algo forte, deve ter sido. O conde marchou por toda a extensão da galeria, depois se sentou, segundo Cavendish, num banco onde os pajens costumavam repousar entre as ordens. Ele chamou seu herdeiro para sentar ao seu lado e o humilhou na frente dos criados.

— “Senhor” — representa Cavendish —, “sempre foste um perdulário, orgulhoso, presunçoso, desdenhoso e deveras imprestável.” Foi um bom começo, não foi?

— Gosto da forma como você relembra as palavras exatas. Você anotou o diálogo naquela época? Ou está usando certa licença poética?

Cavendish tem uma expressão marota.

— Ninguém excede o poder de sua memória — diz ele. — Se meu lorde cardeal pede a conta de uma ou outra coisa, você tem todos os números na ponta dos dedos.

— Talvez eu os invente.

— Ah, eu não acredito nisso. — Cavendish fica chocado. — Você não conseguiria fingir por muito tempo.

— É um método de memorização que aprendi na Itália.

— Há gente, tanto nesta casa como em outras partes, que daria muita coisa para saber a totalidade do que você aprendeu na Itália.

Ele meneia a cabeça, concordando. É claro que dariam.

— Pois bem, onde estávamos? Você disse que Harry Percy, praticamente casado com Lady Ana Bolena, estava parado diante do pai. O conde diz...?

— Diz que se o filho assumir o título, será a morte de sua casa nobre; que ele seria o último conde de Northumberland a existir. E

“Louvado seja Deus”, ele disse, “pois tenho outras opções de filhos...”. E o conde saiu num rompante. O garoto foi deixado às lágrimas. Seu coração já se decidira por Lady Ana. Mas o cardeal o casou com Mary Talbot, e agora eles são infelizes como a manhã da Quarta-Feira de Cinzas. E todos rimos na época porque Lady Ana disse que, se pudesse oferecer qualquer desprazer a meu lorde cardeal, ela o faria. Pode imaginar como nós rimos dela? Uma rapariga azeda, perdão, uma filha de cavaleiro, ameaçando meu lorde cardeal! Torcendo o nariz porque não conseguiu um conde! Mas não tínhamos como saber o quanto ela subiria.

Ele sorri.

— Pois bem, diga-me — continua Cavendish —: o que fizemos de errado? Eu mesmo direi. Durante todo o tempo, nós fomos enganados, o cardeal, o jovem Harry Percy, o pai dele, você, eu; pois quando o rei disse, a Srta. Ana não ingressará na família Northumberland, eu imagino, imagino que o rei já tinha o olho posto nela, durante todo aquele tempo.

— Enquanto tinha intimidades com Maria, ele estava pensando na irmã Ana?

— Sim, sim!

— Eu me pergunto como pode ser que, embora haja tantas pessoas que pensam saber o que agrada ao rei, ele sempre se encontre atrapalhado em cada oportunidade?

Em cada oportunidade, frustrado, enfurecido e perplexo. Lady Ana, a quem o rei escolheu para diverti-lo enquanto a velha esposa é dispensada e uma nova é introduzida, recusa-se a fazer as vontades dele. Como ela consegue recusar? Ninguém sabe.

Cavendish parece cabisbaixo porque eles não continuaram a peça.

— Você deve estar cansado — diz ele.

— Não, só estou pensando. Como foi que meu lorde cardeal... — pôde ser tão tolo?, ele deseja completar. Mas essa não é uma forma respeitosa de se referir a um cardeal. Ele ergue os olhos. — Prossiga. O que aconteceu em seguida?

Em maio de 1527, sentindo-se beligerante e irritado, o cardeal abre um tribunal de inquérito no Palácio de York para verificar a validade do casamento do rei. É secreto; a rainha não é convocada a comparecer, tampouco necessita enviar representante; ela nem sequer é obrigada a saber, embora toda a Europa já saiba. Henrique é quem deve aparecer e apresentar a dispensa que lhe permitiu desposar a viúva de seu irmão. Ele o faz, e tem certeza de que o tribunal julgará o documento inválido de alguma forma. Wolsey está pronto para dizer que o casamento está aberto a dúvidas. Mas, como diz a Henrique, ele não sabe o que mais o tribunal pode fazer pelo rei além deste passo preparatório, já que Catarina certamente apelará a Roma.

Por seis vezes (até onde o público sabe), Catarina e o rei viveram a esperança de ter um herdeiro.

— Eu me lembro do filho do inverno — diz Wolsey. — Suponho, Thomas, que você ainda não havia retornado à Inglaterra. A rainha foi inesperadamente tomada por dores e o príncipe nasceu prematuro, logo na virada do ano. Quando ele tinha menos de uma hora de vida, eu o segurei em meus braços, com a chuva caindo do lado de fora, a câmara animada pela lareira, a escuridão chegando por volta das três horas e os rastros de aves e feras cobertos pela neve daquela noite; cada marca do velho mundo apagada e toda a nossa dor abolida. Nós o chamamos de Príncipe do Ano-Novo. Dizíamos que ele seria o mais rico, o mais belo, o mais devoto. Toda Londres se iluminou em celebração... Ele respirou por 52 dias, eu contei cada um deles. Acho que se ele tivesse sobrevivido, talvez nosso rei hoje seria... não digo um rei melhor, pois isso é praticamente impossível, mas um cristão mais satisfeito.

A criança seguinte foi um menino que morreu no intervalo de uma hora. No ano de 1516, uma menina nasceu, a princesa Maria, pequena mas vigorosa. No ano seguinte, a rainha abortou um menino. Outra pequena princesa viveu apenas por alguns dias; seu nome teria sido Elizabeth, como a própria mãe do rei.

Às vezes, diz o cardeal, o rei fala da mãe, Elizabeth Plantageneta, e lágrimas aparecem em seus olhos. Sabe, ela foi uma dama de grande beleza e calma, sempre humilde diante dos



infortúnios que Deus lhe enviou. Ela e o velho rei foram abençoados com muitos filhos, e alguns deles morreram. Contudo, diz o rei, meu irmão Artur chegou para meus pais após um ano de casamento, e foi seguido, em tempo não muito longo, por outro filho saudável, que sou eu. Por que então fui deixado, após vinte anos, com uma só filha e frágil, que qualquer vento errante pode destruir?

A esta altura, e após tanto tempo de vida em comum, este casal é afligido pela consciência aviltada pelo pecado. Talvez, sugerem alguns, seria misericordioso libertá-los?

— Duvido que Catarina concorde com isso — diz o cardeal. — Se a rainha tem um pecado instalado em sua consciência, acredite em mim, ela se absolverá. Mesmo que leve mais vinte anos.

O que foi que eu fiz?, Henrique pergunta ao cardeal. O que fiz, o que ela fez, o que fizemos juntos? Não há resposta alguma que o cardeal possa dar, ainda que seu coração sangre por seu benevolente príncipe; não há nenhuma resposta que possa dar, e ele detecta algo não exatamente sincero nestas indagações. Ele pensa, embora não vá dizer em voz alta — a não ser a sós numa câmara com seu secretário — que nenhum homem racional poderia adorar um Deus tão vingativo, e ele acredita que o rei é um homem racional.

— Veja os exemplos diante de nós — diz o cardeal. — O Deão Colet, o grande erudito. Ele foi um de 22 irmãos, e o único a ultrapassar a infância. Alguns diriam que, para merecer tamanha vingança dos céus, Sir Henry Colet e sua esposa eram monstros de iniquidade, infames por toda a cristandade. Mas, na verdade, Sir Henry foi lorde governador de Londres...

— Duas vezes.

— ...e fez uma fortuna considerável, portanto, ele não foi desprezado pelo Todo-Poderoso, de forma alguma, eu diria; na verdade, ele recebeu todas as marcas de favor divino.

Não é a mão de Deus que mata nossos filhos. É a doença e a fome e a guerra, as mordidas de ratos, o ar contaminado e o miasma de focos da peste; são as más colheitas, como a colheita deste ano, e do ano passado; são as amas-secas descuidadas. Ele pergunta a Wolsey:

— Que idade tem a rainha agora?

— Ela fará 42, acho.

— E o rei diz que ela não pode mais ter filhos? Minha mãe tinha 52 quando eu nasci.

O cardeal o encara.

— Tem certeza? — pergunta ele. E depois ri, uma risada alegre e fácil que faz pensar que é bom ser um príncipe da Igreja.

— Bem, mais ou menos isso. Mais de 50. — Ninguém era exato com essas coisas na família Cromwell.

— E ela sobreviveu à provação? Mesmo? Eu os parablenizo. Mas não conte aos outros, certo?

O produto vivo das dores de parto da rainha é a diminuta Maria — não exatamente uma princesa completa, mas talvez dois terços de uma. Ele a viu quando esteve na corte com o cardeal e julgou que ela tinha mais ou menos a mesma altura de sua filha, Anne Cromwell, que é dois ou três anos mais nova.

Anne Cromwell é uma mocinha obstinada. Ela poderia engolir uma princesa na ceia da manhã. Como o Deus de São Paulo, ela não tem respeito pelos indivíduos, e seus olhos, pequenos e firmes como os do pai, deitam-se friamente sobre aqueles que a desafiam; a piada da família é, como será Londres quando nossa Anne se tornar lorde governador? Maria Tudor é uma bonequinha pálida e atenta, com cabelos cor de raposa, que fala com mais gravidade que um bispo. Ela mal tinha 10 anos quando seu pai a enviou para Ludlow, para reger sua corte como princesa de Gales. Foi o lugar onde Catarina foi recebida como noiva; onde seu esposo Artur morreu; onde ela quase morreu na epidemia daquele ano, e onde sofreu privações, enfraquecida e esquecida, até que a esposa do velho rei financiou de sua própria renda particular para trazê-la de volta a Londres numa liteira, dia após dia de dor. Catarina escondera — ela esconde muitas coisas — toda a tristeza de ser separada da filha. Ela mesma, Catarina, é filha de uma rainha regente. Por que Maria não haveria de governar a Inglaterra? Catarina tomou a separação como um sinal de que o rei estava satisfeito.

Mas agora ela pensa diferente.

Assim que a audiência secreta se congrega, as dores acumuladas de Catarina se derramam num vagalhão. Segundo ela, todo o problema é culpa do cardeal.

— Eu lhe disse — comentou Wolsey. — Eu lhe disse que seria assim. Procurar pela mão do rei nisso? Procurar pela vontade do rei? Não, ela não pode fazer isso. Pois o rei, aos olhos dela, é imaculado.

A rainha alega que, desde que Wolsey caiu nas graças do rei, ele vem trabalhando para enxotá-la de seu lugar de direito como confidente e conselheira de Henrique. Ela diz que o cardeal vem usando de todos os meios disponíveis para afastá-la do rei, para que ela não saiba nada de seus projetos e para que ele, o cardeal, tome a direção de tudo. Ele impede minhas reuniões com o embaixador da Espanha. Ele colocou espiões em minha casa; minhas criadas são todas espiãs dele.

O cardeal responde, farto, Jamais favoreci os franceses, nem o imperador; eu favoreci a paz. Não impedi as reuniões da rainha com o embaixador espanhol, só fiz o pedido bastante razoável de que ela não o visse a sós, para que eu pudesse ter algum controle sobre as insinuações e mentiras que ele apresentaria a ela. As damas da casa da rainha são nobres inglesas que têm o direito de atender à monarca; após quase trinta anos na Inglaterra, ela não aceitaria nada além de espanholas? E quanto a afastá-la da companhia do rei, como eu poderia fazer isso? Por anos, as palavras do rei sempre foram “A rainha precisa ver isso” e “Catarina gostará de ouvir isso, precisamos vê-la imediatamente”. Jamais houve uma dama que conhecesse tão bem as necessidades de seu esposo.

A rainha conhece tais necessidades, mas, pela primeira vez, não quer aceitá-las.

Estará uma mulher obrigada à obediência marital quando o resultado a privará da própria posição de esposa? Ele, Cromwell, tem admiração por Catarina: gosta de ver a rainha transitando pelos palácios reais, tão larga quanto alta, costurada em vestidos tão cravejados de pedras preciosas que parecem ter sido desenhados menos por sua beleza e mais para resistir a golpes de espada. Seus cabelos castanhos estão apagados e estriados de cinza, ocultos sob a mantilha como as modestas asas de um pardal da cidade. Sob os

vestidos, ela usa o hábito de uma freira franciscana. Wolsey costuma dizer, sempre tente descobrir o que as pessoas usam sob as roupas. Num estágio anterior de sua vida, teria ficado surpreso com isso, pois achava que, sob as roupas, as pessoas usavam apenas a pele.

Há muitos precedentes, diz o cardeal, que podem ajudar o rei com suas preocupações atuais. O rei Luís XII teve permissão para dispensar sua primeira esposa. Mais perto de casa, a própria irmã do rei, Margaret, cujo primeiro casamento foi com o rei da Escócia, divorciou-se do segundo marido e tornou a se casar. E o grande amigo do rei, Charles Brandon, que agora é casado com a irmã mais nova de Henrique, Maria, teve uma aliança anterior anulada em circunstâncias que pouco exigem investigação.

Entretanto, contra isto pesa o fato de que a Igreja não atua em dar fim a casamentos estabelecidos ou de deserdar crianças. Se a dispensa é tecnicamente inválida, ou inválida de qualquer outra maneira, por que não pode ser reparada via uma nova dispensa? Assim pensará o papa Clemente, comenta Wolsey.

Quando ele diz isso, o rei começa a berrar. Mas o cardeal apenas ouve, impassível; as pessoas se acostumam a tudo, e ele observa como o cardeal se comporta quando a tempestade irrompe sobre sua cabeça; com um sorriso discreto, civilizado, humilde, ele espera a chegada da calma que logo sucederá. Contudo, torna-se cada vez mais inquieto. Ele espera que a filha do Sr. Bolena — não a que seria tarefa fácil, mas a caçula, a de peito reto — desista de suas esquivas e atenda o rei. Se ela assim procedesse, o rei encararia a vida com maior tranquilidade e falaria menos sobre sua consciência; afinal, como pensar em consciência no meio de uma paixão? Mas alguns sugerem que ela está barganhando com o rei; alguns dizem que ela quer ser a nova esposa, o que é risível, diz Wolsey. Contudo, o rei está apaixonado e por isso talvez não apresente objeções, não diante dela. Ele chamou a atenção do cardeal para o anel de esmeralda que Lady Ana agora usa, informando o preço e a proveniência. O cardeal pareceu chocado.

Depois do fracasso de Harry Percy, o cardeal conseguiu enviar Ana para a casa da família em Hever, mas ela se insinuou de volta à corte de alguma maneira, infiltrando-se entre as damas de companhia da rainha, e agora Wolsey nunca sabe onde ela estará e se Henrique fugirá de seu controle para persegui-la pelo país. Wolsey pensa em convocar o pai dela, Sir Thomas, e repreendê-lo novamente. Contudo, mesmo sem mencionar o velho rumor sobre Henrique e a mãe Bolena, como explicar a um homem que, uma vez que sua primeira filha é uma prostituta, a segunda deve ser outra? Indicando que é algum tipo de negócio de família em que o pai as emprega?

— Bolena não é rico — diz ele. — Eu mandaria chamá-lo e discutiria preços com ele. A previsão de créditos. E de débitos.

— Ah, sim — responde o cardeal —, mas você é o mestre das soluções práticas, ao passo que eu, como homem da Igreja, devo tomar cuidado para não recomendar diretamente que meu monarca embarque num curso deliberado de adultério. — Ele move as penas pela mesa, revira alguns papéis. — Thomas, se um dia você... como colocar? — Ele não imagina o que o cardeal pretende dizer agora. — Se um dia você se tornar próximo do rei, se descobrir, talvez depois de minha morte... — Não é fácil falar da não existência, mesmo após encomendar o próprio túmulo. Wolsey não consegue imaginar um mundo sem Wolsey. — Ah, bem. Você sabe que eu preferiria que você estivesse a serviço dele, e eu jamais o impediria, mas a dificuldade é...

Putney, ele quer dizer. O fato incontornável. E, já que ele não é um homem da Igreja, não há títulos eclesiásticos para abrandar sua origem, assim como abrandaram a incontornável Ipswich do cardeal.

— Será que — diz Wolsey — você teria paciência com nosso lorde soberano? Quando for meia-noite e ele estiver no andar de cima, bebendo e rindo com Brandon, ou cantando, deixando os papéis do dia sem assinatura; quando você pressioná-lo e ele disser, vou para a cama agora, amanhã nós vamos caçar; se chegar sua chance de servir, você terá de aceitá-lo como ele é, um príncipe devoto dos prazeres. E ele o aceitará como você é, um daqueles cães de briga de corpo quadrado, que os rufiões rebocam amarrados

em cordas. Não que você seja desprovido de certo encanto intermitente, Tom...

A possibilidade de que ele ou qualquer outro venha a ter o mesmo domínio que Wolsey possui sobre o rei é tão provável quanto a de Anne Cromwell tornar-se lorde governador. Mas ele não a descarta completamente. Há o caso de Joana d'Arc; e não é necessário acabar em chamas.

Ele volta para casa e conta a Liz sobre os cães de briga. Ela também acha que a analogia é incrivelmente adequada. Ele não menciona o tal encanto intermitente, temendo que seja algo que só o cardeal consegue ver.

O tribunal de inquérito está prestes a se dispersar e deixar o assunto para deliberação posterior quando chega de Roma a notícia de que as tropas espanholas e alemãs do imperador, há meses sem pagamento, se descontrolaram na Santa Sé, compensando seus prejuízos, saqueando os tesouros e apedrejando as obras de arte. Satiricamente vestidos com hábitos roubados, eles estupraram as esposas e virgens de Roma, derrubaram ao chão estátuas e freiras e esmagaram seus crânios no pavimento. Um soldado raso roubou a ponta da lança que se enterrara no dorso de Cristo e a prendeu ao cabo de sua própria arma assassina. Seus camaradas depredaram túmulos antigos e espalharam cinzas humanas ao vento. O Tibre se encheu de corpos recém-mortos, esfaqueados e estrangulados, batendo-se contra as margens. A notícia mais alarmante é a de que o papa foi feito prisioneiro. Como o jovem imperador Carlos está nominalmente encarregado dessas tropas, e presumivelmente afirmará sua autoridade e tirará vantagem da situação, o problema matrimonial do rei Henrique é postergado. Carlos é sobrinho da rainha Catarina, e, enquanto estiver nas mãos do imperador, o papa Clemente não se encontrará inclinado a avaliar favoravelmente qualquer apelo apresentado pelo embaixador da Inglaterra.

Thomas More diz que as tropas imperiais assam bebês vivos em espetos por pura diversão. Ah, mas ele bem diria coisa do gênero!, comenta Thomas Cromwell. Ouçam, soldados não fazem essas

coisas. Eles vivem ocupados demais pegando tudo que possam transformar em dinheiro vivo.

É bem sabido que, sob suas roupas, Thomas More usa um colete de pelo de cavalo e que se flagela com um pequeno chicote, do tipo usado por muitas ordens religiosas. Mas o que chama a atenção dele, de Thomas Cromwell, é que alguém de fato confeccione tais instrumentos de tortura diária. Alguém penteia os pelos do cavalo em ásperos tufos, ata e corta as pontas duras, sabendo que o propósito é farpear a pele e irritá-la até causar feridas abertas. Seriam feitas por monges, que as amarram e retalham em furiosa pudicícia, rindo ao pensar na dor que causarão a desconhecidos? Seriam simples aldeões pagos (por dúzia, talvez?) para fazer chibatas com rijos nós de cera? Será que o ofício ocupa os lavradores nos meses de inércia do inverno? Quando o dinheiro de seu honesto trabalho cai em suas mãos, será que os produtores pensam nas mãos que receberão o produto?

Não se deve convidar a dor, ele pensa. Ela já espera por nós: mais cedo ou mais tarde. Pergunte às virgens de Roma.

Ele também pensa que as pessoas deveriam encontrar melhores ocupações.

A esta altura, o cardeal diz, avaliemos a situação com certo distanciamento. Ele sente um alarme genuíno; sempre esteve claro para Wolsey que um dos segredos da estabilidade da Europa é a conservação da independência do papado, fora das garras da França e do imperador. Mas sua mente ágil já se dirige a algum tipo de vantagem para Henrique.

Suponhamos, diz ele — pois, nesta emergência, eu serei aquele com quem o papa Clemente contará para conservar a coesão da cristandade —, suponhamos que eu cruze o Canal, pare em Calais para tranquilizar nossa gente de lá e suprimir qualquer boato inconveniente, e depois viaje à França para conversar pessoalmente com o rei do país, partindo em seguida para Avignon, onde o povo sabe como receber uma corte papal e onde os açougueiros e padeiros, os fabricantes de velas, estalajadeiros e até as prostitutas

esperam por isso há tantos anos: eu convidaria os cardeais a uma reunião e formaria um conselho, para que a tarefa de governar a igreja siga em frente enquanto Sua Santidade é submetida à hospitalidade do imperador. Se os temas levados a este conselho podem incluir o assunto particular do rei, que justificativa teríamos para deixar um monarca tão devoto esperando pela resolução dos eventos militares da Itália? Será que não podemos arbitrar? Enviar uma mensagem para o papa Clemente, mesmo em cativo, não há de ser algo acima da inteligência de homens ou anjos; os mesmos homens ou anjos trarão uma mensagem de volta, certamente endossando nosso governo, pois nós teremos total conhecimento dos fatos. E, claro, quando, em seu devido tempo (e com que ansiedade todos esperamos por esse dia!), o papa Clemente for restaurado à perfeita liberdade, ele estará tão agradecido pela boa ordem mantida em sua ausência que qualquer pequeno assunto de assinaturas ou selos será uma formalidade. E *voilà*: o rei da Inglaterra será um homem solteiro.

Antes que isso aconteça, o rei precisa conversar com Catarina; ele não vai poder viver sempre caçando em outro lugar enquanto ela espera por ele, paciente, implacável, com o trono do rei preparado para o jantar nos aposentos particulares da rainha. É junho, 1527; bem barbeado e penteado, alto e ainda esbelto em certos ângulos, vestindo seda branca, o rei percorre o caminho para a câmara de sua esposa. Henrique VIII se move numa nuvem perfumada de essência de rosas, como se fosse o dono de todas as rosas, de todas as noites de verão.

Sua voz é baixa, doce, persuasiva e cheia de remorso. O rei diz que, se fosse livre, se não houvesse qualquer impedimento, ela seria a mulher que ele escolheria para sua esposa, acima de todas as outras. A falta de filhos não importaria; que fosse feita a vontade de Deus. Nada o agradaria mais que desposá-la novamente; desta vez, dentro da lei. Mas aí está: isso não pode ser arranjado. Ela foi esposa de seu irmão. A união entre o rei e ela agora ofende a lei divina.



Já podemos ouvir o que Catarina replica. Aquele corpo devastado, sustentado por rendas e espartilhos, encerra uma voz que pode ser ouvida até em Calais: uma voz que retumba daqui até Paris, daqui a Madri, a Roma. Ela defende sua posição, defende seus direitos; trepidam as janelas, desde aqui até Constantinopla.

Que grande mulher ela é, comenta Thomas Cromwell em espanhol: a ninguém especificamente.

Em meados de julho, o cardeal faz os preparativos para a viagem pelo Mar Estreito. O clima quente trouxe a doença do suor para Londres, e a cidade está esvaziando. Alguns já pereceram e muitos outros imaginam que se contaminaram, reclamando de dores de cabeça e dores nos membros. A conversa nas oficinas é toda sobre pílulas e infusões, e os freis fazem girar pelas ruas um comércio lucrativo de medalhas sagradas. Esta praga chegou para nós no ano de 1485, com os exércitos que nos trouxeram o primeiro Henrique Tudor. Desde então, de poucos em poucos anos, ela enche os cemitérios. A doença mata em 24 horas. É como dizem: alegre no desjejum, morto ao meio-dia.

De modo que o cardeal fica aliviado por deixar a cidade, embora não possa embarcar sem a comitiva apropriada para um príncipe da igreja. Ele deve persuadir o rei Francisco a dirigir uma ação militar para libertar o papa Clemente na Itália; deve garantir a Francisco a amizade e a assistência do rei da Inglaterra, contudo, sem prometer tropas ou fundos. Se Deus fizer soprar um vento favorável, o cardeal não apenas trará de volta uma anulação de casamento, mas também um tratado de ajuda mútua entre Inglaterra e França que fará tremer a grande mandíbula do jovem imperador e arrancará uma lágrima de seu ardiloso olho habsburgo.

Sendo assim, por que Wolsey não está mais satisfeito enquanto marcha de um lado a outro de sua câmara particular no Palácio de York?

— O que ganho eu, Cromwell, se conquistar tudo o que peço? A rainha, que não gosta de mim, será despachada, e, se o rei persistir em sua tolice, os Bolena, que tampouco me apreciam, serão

elevados; a garota tem uma rixa comigo, pois eu ridicularizei seu pai durante anos, e o tio, Norfolk, atiraria meu cadáver numa vala. Você acha que esta praga estará acabada quando eu retornar? Dizem que estas visitas são todas de Deus, mas não posso fingir que conheço os propósitos do Senhor. Enquanto estou fora, você também deveria sair da cidade.

Ele suspira; por acaso o cardeal é seu único trabalho? Não, é apenas o patrão que exige a atenção mais constante. Os negócios sempre aumentam. Quando está trabalhando para o cardeal, em Londres ou em outro lugar, ele custeia as próprias despesas e as da equipe que emprega a serviço de Wolsey. O cardeal diz, reembolse a si mesmo, e confia que ele acrescentará para si uma percentagem justa sobre o total; ele não argumenta, pois o que é bom para Thomas Cromwell é bom para Thomas Wolsey — e vice-versa. Suas atividades como advogado prosperam, e ele tem condições de emprestar dinheiro a juros e levantar empréstimos maiores no mercado internacional, recebendo uma comissão por corretagem. O mercado está volátil — as notícias da Itália nunca são boas por dois dias seguidos —, mas assim como alguns homens têm olho para a qualidade dos cavalos ou para a engorda do gado, ele tem olho para o risco. Alguns nobres estão em dívida com ele, não apenas por empréstimos concedidos, mas porque ele fez suas propriedades renderem mais. Não se trata de extorquir inquilinos, mas, antes, de fornecer ao senhorio uma contabilidade acurada sobre os valores das terras, o rendimento das colheitas, o suprimento de água e instalações construídas, e examinar o potencial do conjunto; em seguida, de colocar gente inteligente para administrar as propriedades e estabelecer com eles um sistema de contabilidade que faça sentido anualmente e possa ser auditado. Entre os mercadores da cidade, ele vive sendo solicitado por seus conselhos sobre parceiros comerciais no exterior. Ele tem uma atividade paralela como árbitro de disputas (geralmente) comerciais, já que sua habilidade em avaliar os fatos de um caso e oferecer uma decisão rápida e imparcial é conhecida aqui, em Calais e na Antuérpia. Se você e seu oponente ao menos puderem concordar quanto à necessidade de poupar os custos e os atrasos de uma

audiência judicial, então Cromwell será seu homem, mediante pagamento; e não raro ele tem o agradável privilégio de mandar os dois lados para casa satisfeitos.

São bons tempos para ele: todo dia traz uma briga que ele pode vencer.

— Ainda servindo a seu Deus hebreu, estou vendo — alfineta Thomas More. — Ou seja, seu ídolo da Usura.

Enquanto More, um erudito reverenciado por toda a Europa, acorda em Chelsea com a perspectiva de se dedicar a orações matinais em latim, ele desperta para um criador que fala o dialeto rápido dos mercados; quando More se prepara para uma sessão de autoflagelação, ele e Rafe correm para a Lombard Street para anotar as taxas de câmbio do dia. Não que ele corra de verdade; às vezes uma velha ferida o atrasa e, quando está cansado, o pé se torce para dentro, como se ele estivesse caminhando para si mesmo. Há quem insinue que se trata do legado de um verão com César Bórgia. Ele gosta das histórias que contam a seu respeito. Mas onde está César agora? Está morto.

“Thomas Cromwell?”, dizem as pessoas. “Eis aí um homem engenhoso. Sabia que ele conhece o Novo Testamento de cor?” Se surge um bate-boca sobre Deus, ele é o homem ideal para mediá-lo. Ele é o homem que dará a seus inquilinos uma dúzia de razões para explicar por que seus aluguéis são justos. Ele é o homem para desfazer algum embaraço jurídico que aprisiona sua família há três gerações, ou para convencer sua filha chorosa a contrair o casamento que ela jura que jamais fará. Com animais, mulheres e litigantes tímidos, seus modos são dóceis e fáceis; mas ele arrancará lágrimas de seus credores. Ele pode conversar sobre os césaes ou conseguir cristais de Veneza por uma taxa muito razoável. Ninguém pode falar mais que ele, quando ele está disposto a falar. Ninguém além dele consegue manter a cabeça tão fria quando os mercados estão caindo e há homens chorando pelas ruas, rasgando cartas de crédito.

— Liz — diz ele certa noite —, acredito que em um ano ou dois seremos ricos.

Ela está bordando camisas para Gregory numa geometria em preto; é o mesmo padrão que a rainha usa, pois ela borda as camisas do rei.

— Se eu fosse Catarina, mandaria esquecer a agulha nas camisas dele — ele diz.

Ela sorri.

— Sei muito bem que faria isso.

Lizzie ficou silenciosa e séria quando ele lhe contou o que o rei disse no encontro com Catarina. O rei afirmou que eles deveriam se separar enquanto aguardam a decisão do julgamento de seu matrimônio; talvez a rainha queira se retirar da corte? Catarina respondeu que não; que isto não seria possível; disse que procuraria a orientação de advogados conhecedores da lei canônica, e que o próprio rei deveria cercar-se dos melhores advogados e clérigos; e depois, quando a gritaria acabou, todos que tinham as orelhas coladas às paredes ouviram Catarina chorando.

— O rei não gosta que ela chore.

Liz pega sua tesoura.

— Os homens dizem “Não aguento quando as mulheres choram”, assim como as pessoas dizem “Não aguento esse tempo chuvoso”. Como se o choro não tivesse nada a ver com eles, como se fosse uma dessas coisas que acontecem por acaso.

— Eu nunca fiz você chorar, fiz?

— Só de rir — responde ela.

A conversa termina num confortável silêncio; ela tece seus próprios pensamentos, ele trama o que fazer com seu dinheiro. Ele patrocina dois jovens estudantes da Universidade de Cambridge, que não pertencem à família; a doação abençoa o doador. Eu poderia aumentar o patrocínio, ele pensa, e diz:

— Creio que preciso fazer um testamento.

Ela busca a mão do esposo.

— Tom, não morra.

— Por Deus, não, não estou planejando isso.

Ele pensa, talvez eu ainda não seja rico, mas tenho sorte. Veja como saí de baixo das botas de Walter, do verão de César Bórgia e de uma série de noites tétricas em becos. Acredita-se que os

homens desejam passar sua sabedoria para os filhos; ele faria muitas coisas para evitar que seu próprio filho conhecesse um quarto daquilo que ele passou. De onde vem a natureza doce de Gregory? Deve ser resultado das preces de sua mãe. Richard Williams, o filho de Kat, é inteligente, interessado e ativo. Christopher, filho de sua irmã Bet, também é esperto e arrojado. Se bem que ele tem Rafe Sadler, em quem confia como um filho; não é uma dinastia, ele pensa, mas é um começo. E momentos tranquilos como este são raros, porque esta casa vive cheia de gente todos os dias: gente que deseja ser levada ao cardeal; artistas procurando por um tema; solenes eruditos alemães com livros sob o braço e comerciantes de Lübeck desfraldando soturnas piadas alemãs; músicos em trânsito afinando instrumentos estranhos e ruidosos conchaves de agentes bancários italianos; alquimistas oferecendo receitas e astrólogos oferecendo destinos favoráveis; solitários mercadores poloneses de peles, que dão uma passada para ver se há alguém que fale sua língua; há impressores, gravadores, tradutores e cifradores; poetas, jardineiros, cabalistas e geômetras. Onde estão todos esta noite?

— Silêncio — diz Liz. — Ouça a casa.

De início, não há som algum. Mas logo as vigas de madeira estalam, respiram. Nas chaminés, pássaros aninhados se agitam. Uma brisa sopra do rio, sussurrando discretamente através das copas das árvores. Eles ouvem a respiração das crianças adormecidas, imaginadas nos outros cômodos.

— Venha para a cama — diz ele.

O rei não pode dizer o mesmo à esposa. Ou, com qualquer efeito positivo, à mulher que, dizem, ele ama.

Agora as muitas malas do cardeal estão prontas para a França; sua comitiva não deve quase nada em esplendor ao séquito de sua viagem ao Campo do Pano de Ouro, sete anos antes. Seu itinerário antes do embarque é folgado: Dartford, Rochester, Faversham, Cantuária por três ou quatro dias; preces no santuário de Becket.

Ele diz, pois bem, Thomas, se você ficar sabendo que o rei desfrutou de Ana, mande-me uma carta no mesmo dia. Só vou acreditar se ouvir de você. Como você saberá que aconteceu? Creio que pelo rosto dele. E se você não tiver a honra de ver o seu rosto? Bom argumento. Eu gostaria de tê-lo apresentado ao rei; pena que não aproveitei a chance enquanto havia.

Ele responde:

— Se o rei não se cansar de Ana rapidamente, não sei o que o senhor pode fazer. Sabemos que príncipes se entregam aos prazeres, e geralmente é possível jogar certo verniz sobre suas ações. Mas que argumento se pode apresentar em prol da filha de Bolena? O que ela traz para o rei? Nenhum tratado. Nenhuma terra. Nenhum dinheiro. Como apresentar esta união de modo que pareça um enlace com alguma credibilidade?

Wolsey está sentado com os cotovelos na mesa, os dedos esfregando as pálpebras fechadas. Ele respira fundo, e começa a falar: começa a falar sobre a Inglaterra.

Você não pode conhecer Albion, ele diz, a menos que retroceda a um tempo anterior à época em que Albion foi pensada. É preciso retroceder a um passado anterior às legiões dos césores, aos dias em que ossos de homens e animais gigantescos jaziam no solo em que Londres viria a ser erguida. É preciso retroceder à Nova Troia, à Nova Jerusalém e aos pecados e crimes de reis que cavalgavam sob as flâmulas esfarrapadas de Artur e que se casavam com mulheres que saíam do mar ou que punham ovos, mulheres com escamas e barbatanas e plumas; ao lado destes, o casamento com Ana parece menos incomum. São histórias antigas, mas não esqueçamos que certas pessoas realmente acreditam nelas.

O cardeal fala das mortes dos reis: de como o segundo Ricardo desapareceu no Castelo Pontefract e lá foi assassinado ou morreu de fome; de como o quarto Henrique, o usurpador, morreu de uma lepra que marcou e contorceu seu corpo a um ponto tal que ele ficou do tamanho de um pigmeu ou uma criança. Ele fala das vitórias do quinto Henrique na França, e do preço — não em dinheiro — a ser pago por Agincourt. Ele fala da princesa da França com quem aquele grande príncipe se casou; era uma dama

adorável, mas filha de um pai insano que acreditava ser feito de vidro. Deste casamento — do quinto Henrique com a Princesa de Vidro — nasceu outro Henrique, que governou uma Inglaterra negra como o inverno, fria, estéril, calamitosa. Eduardo Plantageneta, filho do duque de York, chegou como o primeiro sinal da primavera: era nativo de Áries, signo sob o qual todo o mundo foi feito.

Aos 18 anos, Eduardo tomou o reino, e o fez devido a um sinal que recebeu. Suas tropas estavam perdidas e exaustas da guerra, era o momento mais sombrio de um dos anos mais obscuros de Deus, e ele acabara de ouvir uma notícia que poderia tê-lo destruído: seu pai e seu irmão mais novo haviam sido capturados, escarnecidos e trucidados por forças lancastrianas. Corria a Festa da Candelária. Abrigado em sua tenda com seus generais, ele rezou pelas almas massacradas. Veio o Dia de São Brás, um 3 de fevereiro escuro e gélido. Às dez da manhã, três sóis se elevaram no céu: três incertos discos de prata, bruxuleantes e nebulosos através das partículas de neve. Sua guirlanda de luz se espalhou sobre os tristes campos, sobre as florestas pantanosas das fronteiras galesas, sobre as tropas desmoralizadas e empobrecidas. Seus homens se curvaram em prece no chão congelado. Os cavaleiros ajoelharam aos céus. Toda sua vida abriu asas e alçou voo. Naquela cascata de luz alva, ele enxergou seu futuro. Aquilo que ninguém mais podia ver, ele viu: e isto é o que significa ser rei. Na Batalha da Cruz de Mortimer, ele aprisionou um certo Owen Tudor, decapitou-o no mercado de Hereford e deixou a cabeça a apodrecer na cruz da praça. Uma desconhecida trouxe uma bacia de água, lavou a cabeça decepada e penteou os cabelos ensanguentados.

Desde então — Dia de São Brás, o dia dos três sóis refulgentes —, a cada vez que Eduardo desembainhava sua espada, era para vencer. Três meses depois, ele já estava em Londres e era rei. Mas jamais tornou a ver o futuro, não tão claro quanto naquele ano. Perturbado, foi levando o seu reinado como se imerso em neblina. Tornou-se uma marionete de astrólogos, de clérigos e fantasistas. Não se casou como deveria, por vantagem internacional, mas chafurdou numa série de promessas malfeitas e quebradas para um sem-número de mulheres. Uma delas era uma moça de Talbot, de

nome Eleanor, e o que havia de especial nela? Dizia-se que ela descendia — por parte de mãe — de uma mulher que era um cisne. E por que ele dedicou sua afeição à viúva de um cavaleiro lancastriano? Será que aquela beleza loura e fria acelerava sua pulsação, como pensavam alguns? Não exatamente; foi porque ela alegava descender da mulher-serpente, Melusine, que se vê em velhos pergaminhos a enrodilhar seus anéis em torno da Árvore do Conhecimento e presidindo sobre a união da Lua com o Sol. Melusine fingia ser uma princesa comum, uma mortal, mas um dia seu esposo a viu nua e descobriu sua cauda de serpente. Livrando-se do punho dele, ela predisse que seus filhos fundariam uma dinastia que reinaria para sempre: poder sem limites, garantido pelo demônio. Ela rastejou para longe, diz o cardeal, e ninguém a viu novamente.

Algumas velas se apagaram; Wolsey não mandou acender novas chamas.

— Está vendo? Os conselheiros do rei Eduardo planejavam casá-lo com uma princesa francesa. Assim como eu... como eu pretendia. E veja o que aconteceu em lugar disso. Veja o que o rei escolheu.

— Quanto tempo faz isso? Desde Melusine?

Já é tarde; todo o grande Palácio de York está quieto e a cidade dorme; o rio desliza em seus canais, revolve suas margens. Nestes assuntos, diz o cardeal, não há medida de tempo; estes espíritos escapam de nossas mãos através das eras, serpentinos, mutáveis, ludibriosos.

— Mas a mulher com quem o rei Eduardo se casou; ela tinha uma ligação com o trono de Castela, não? Muito antiga, muito obscura?

O cardeal concorda.

— Este é o significado dos três sóis. O trono da Inglaterra, o trono da França e o trono de Castela. Assim, quando nosso presente rei se casou com Catarina, ele se aproximou de seus direitos ancestrais. Não que alguém tenha ousado colocar a situação nestes termos para a rainha Isabela e o rei Ferdinando, suponho. Mas serve para lembrar, e mencionar de vez em quando, que nosso rei é governante de três reinos. Se reclamasse o que lhe é de direito.



— Segundo seu relato, meu amo, o avô Plantageneta de nosso rei decapitou seu bisavô Tudor.

— Uma coisa que se deve saber. Mas que não se deve mencionar.

— E os Bolena? Eu pensava que eram comerciantes, mas eu deveria saber que eles têm presas de serpente, ou asas?

— Está fazendo troça de mim, Sr. Cromwell.

— De modo algum. Mas, se Vossa Eminência me deixará encarregado da situação em seu lugar, quero as melhores informações.

Nisto, o cardeal fala sobre assassinatos. Ele fala sobre pecado: sobre o que é preciso expiar. Ele fala sobre o sexto rei Henrique, assassinado na Torre; do rei Ricardo, nascido em Escorpião, signo dos assuntos secretos, das tribulações e vícios. Em Bosworth, onde o escorpiano morreu, más escolhas se sucederam; o duque de Norfolk lutou no lado que saiu derrotado e seus herdeiros foram destituídos de seu ducado. Tiveram de trabalhar duro, longa e arduamente, para recuperá-lo. Assim, diz o cardeal, você pergunta: por que o atual Norfolk se apavora quando o rei está de mau humor? Porque ele pensa que perderá tudo que tem, num capricho de um homem irritado.

O cardeal vê seu funcionário fazendo uma anotação mental; e fala dos ossos soltos que tiritam sob o calçamento da Torre, aqueles ossos emparedados em escadarias e ocultos sob a lama do Tâmsa. Ele fala sobre os dois filhos desaparecidos do rei Eduardo, sendo o mais jovem deles propenso a insistentes ressurreições que quase roubaram o reino de Henrique Tudor. Ele fala das moedas cunhadas pelo Pretendente, gravadas com a mensagem para o rei Tudor: "Teus dias estão contados. Tu és pesado na balança; e estás em falta."

Ele fala do medo que havia na época, do retorno da guerra civil. Firmou-se um acordo para casar Catarina na Inglaterra; desde os 3 anos, ela foi chamada de "Princesa de Gales". Mas antes que a família lhe permitisse embarcar de La Coruña, estipularam para ela um preço em sangue e ossos. Eles pediram a Henrique Tudor que resolvesse o problema do principal pretendente Plantageneta,

sobrinho do rei Eduardo e do pérfido rei Ricardo, que Henrique mantinha aprisionado na Torre desde os 10 anos. Sob sub-reptícia pressão, o rei Henrique capitulou; a Rosa Branca, contando então 24 anos, foi levada ao ar livre e à luz de Deus, para ter sua cabeça cortada. Mas sempre há outra Rosa Branca; os Plantageneta se multiplicam, mesmo que sob certa supervisão. Sempre haverá necessidade de mais assassinatos. É preciso, suponho, ter estômago para isso, diz o cardeal, mas eu não sei se tenho; sempre fico doente quando há uma execução. Oro por eles, por estes mortos do passado. Às vezes oro até pelo famigerado rei Ricardo, embora Thomas More me diga que ele agora arde no Inferno.

Wolsey baixa os olhos para as próprias mãos, torce os anéis nos dedos.

— Eu me pergunto — murmura ele. — Eu me pergunto qual destes anéis.

Aqueles que invejam o cardeal dizem que ele tem um anel que permite ao dono voar e provocar a morte de seus inimigos. O objeto detecta veneno, amansa animais ferozes, ganha o favor dos príncipes e protege contra afogamentos.

— Imagino que outras pessoas devem saber qual é, senhor. Porque eles empregaram feiticeiros para tentar copiá-lo.

— Se eu soubesse, eu mesmo mandaria copiá-lo e daria o outro para você.

— Certa vez, segurei uma cobra. Na Itália.

— Por que fez isso?

— Foi uma aposta.

— Era venenosa?

— Não sabíamos. A ideia da aposta era essa.

— Ela mordeu você?

— Claro.

— Por que “claro”?

— Não seria uma história interessante, seria? Se eu largasse o bicho sem nenhum arranhão e ele fosse embora deslizando?

Sem poder se conter, o cardeal ri.

— O que farei sem você — diz ele — entre aqueles franceses viperinos?

Na casa de Austin Friars, Liz está na cama, mas ela se agita em seu sono. Ela acorda vagamente, diz o nome dele e se aninha entre seus braços. Ele beija seus cabelos e diz:

— O avô de nosso rei se casou com uma serpente.

Liz murmura:

— Estou dormindo, ou acordada?

Num piscar de olhos, ela se afasta dele e se vira, jogando um braço para fora da cama; ele se pergunta com o que ela sonhará. Fica acordado, pensando. Tudo o que Eduardo fez, suas batalhas, suas conquistas, fez financiado pelo dinheiro dos Médici; suas cartas de crédito eram mais importantes que sinais e portentos. Se o rei Eduardo não era filho de seu pai, como muitos dizem, se não era filho do duque de York; se a mãe de Eduardo o gerou com um honesto soldado inglês, um arqueiro chamado Blaybourne, como alguns acreditam; e depois, se Eduardo se casou com uma serpente, então sua prole seria... Inverossímil, é a palavra que lhe vem à mente. Se é possível acreditar em todas essas velhas histórias, e considerando-se que algumas pessoas de fato acreditam nelas, lembremos então que nosso rei é em parte bastardo de um arqueiro, em parte uma serpente disfarçada, em parte galês, e todas as partes estão em dívida com os bancos italianos. Ele também se vira na cama, aproximando-se do sono. Suas contas falham; o mundo espectral invade as páginas cheias de números. O cardeal diz, sempre tente descobrir o que as pessoas usam sob suas roupas, pois nunca é apenas a própria pele. Vire o rei do avesso, e você encontrará seus ancestrais escamosos: sua pele serpentina, quente e sólida.

Na Itália, quando segurou uma cobra ao fazer uma aposta, teve de segurá-la até que contassem de um a dez. Eles contaram, muito devagar, nos idiomas mais arrastados: *eins, zwei, drei*... No quatro, a cobra assustada deu um bote e o mordeu. Entre o quatro e o cinco, ele cerrou mais o punho. Neste ponto, alguém gritou: "Pelo sangue de Cristo, largue esse bicho!" Alguns rezaram, outros praguejaram, alguns só continuaram a contar. A cobra parecia nauseada. Quando todos chegaram a dez, e não antes, ele baixou o corpo enroscado suavemente ao chão e deixou a cobra deslizar para seu futuro.

Não havia dor, mas dava para ver uma clara perfuração. Por instinto, ele sugou a ferida, quase mordeu o próprio pulso. Surpreso, atentou para a alva carne inglesa na parte interna de seu braço e as finas veias verde-azuladas nas quais a cobra inoculou seu veneno.

Ele recolheu seus ganhos. Esperou pela morte, mas não morreu. No máximo, tornou-se mais forte, mais rápido para se esquivar e mais rápido para atacar. Não havia mestre de armas em Milão que pudesse berrar mais alto, nenhum mercenário bernês que não recuasse ante sua sinistra reputação de buscar sangue primeiro e conversa depois. A noite está quente, é julho; ele dorme. Em algum lugar da Itália, uma serpente tem filhotes. Ela chama seus filhos de Thomas; eles levam na cabeça imagens do Tâmis, de margens rasas e lodosas, fora da correnteza, além do alcance das águas.

Na manhã seguinte, quando ele acorda, Liz ainda dorme. Os lençóis estão úmidos. Ela está quente e afogueada, o rosto sereno como de uma menina. Ele beija a linha dos cabelos dela. Liz está salgada. Ela murmura:

— Diga-me quando vai voltar para casa.

— Liz, não vou viajar. Não vou com Wolsey.

Ele a deixa. O barbeiro chegou para aprontá-lo. Ele vê seus próprios olhos no espelho polido. Parecem alerta; olhos de serpente. Que sonho estranho, diz a si mesmo.

Quando desce para o térreo, ele pensa ter visto Liz em seu rastro. Pensa ter visto sua touca branca num relance. Ele se vira e diz, "Liz, volte para a cama...", mas ela não está lá, foi um engano. Ele pega seus papéis e parte para o Gray's Inn.

É recesso. O assunto não é o direito; a discussão é sobre textos, sobre o paradeiro de Tyndale (algum lugar da Alemanha), e o problema imediato é um colega advogado (ou seja, quem pode dizer que ele não tem direito de frequentar o Gray's Inn?) chamado Thomas Bilney, que também é padre e professor em Trinity Hall. Chamam-no de "Pequeno Bilney", devido à sua pouca estatura e ao seu aspecto macilento; ele se senta, e fica retorcendo-se no banco, e falando sobre sua missão para com os leprosos.

— As Escrituras, para mim, são como mel — diz o Pequeno Bilney, remexendo o traseiro magro e balançando as pernas murchas. — Fico ébrio com a Palavra de Deus.

— Pelo amor de Deus, homem — responde ele. — Não pense que pode sair de seu buraco só porque o cardeal está viajando. Pois agora o bispo de Londres tem as mãos livres, sem falar de nosso amigo em Chelsea.

— Missas, jejuns, vigílias, absolvições do Purgatório... Tudo inútil — diz Bilney. — Isto me foi revelado. Tudo o que resta, com efeito, é ir a Roma e debater o tema com Sua Santidade. Tenho certeza de que ele aceitará meu modo de pensar.

— Você realmente acha que seu ponto de vista é original? — continua ele, mal-humorado. — Bem, numa coisa ele é, padre Bilney, se acredita que o papa escutaria seus conselhos neste assunto.

Ele sai, dizendo, aí está alguém que se jogaria na fogueira, se fosse incitado a isso. Senhores, tenham cuidado com ele.

Ele não leva Rafe a estas reuniões, não expõe qualquer membro de sua casa a companhias perigosas. A casa Cromwell é tão ortodoxa e religiosa quanto as mais típicas de Londres. Ele diz, temos que ser irrepreensíveis.

O resto do dia não é nada digno de ser lembrado. Ele teria retornado a casa mais cedo se não fosse pelo encontro marcado no enclave alemão, o Steelyard, com um homem de Rostock que traria consigo um amigo de Stettin, que se ofereceu para lhe ensinar um pouco de polonês.

É pior que galês, ele diz ao fim da aula. Precisarei de muita prática. Venha à minha casa. Mande o recado e nós colocaremos alguns arenques em salmoura. Caso contrário, será o que houver.

Há algo errado se você chega em casa ao entardecer e as tochas já estão queimando. O ar é adocicado e você se sente bem quando entra, sente-se jovem, imaculado. É quando percebe os rostos desolados; os rostos que se desviam quando o veem.

Mercy se aproxima e se posiciona à frente dele, mas não há misericórdia aqui.

— Diga logo — implora ele.

Ela desvia o olhar ao dizer, sinto muito.

Ele pensa que foi algo com Gregory; pensa que o filho está morto. Depois ele quase adivinha a verdade, pois, afinal, onde está Liz? Ele implora:

— Diga!

— Nós procuramos por você. Nós dissemos ao Rafe: vá ver se ele está no Gray's Inn, traga-o de volta, mas os vigias afirmaram que não o viram durante todo o dia. Rafe disse, confie em mim, vou encontrá-lo, mesmo que tenha de revirar a cidade inteira, mas não havia qualquer sinal seu.

Ele se lembra da manhã: os lençóis úmidos, a testa úmida. Liz, ele pensa, você não lutou? Se eu tivesse visto a morte chegando, eu a agarraria e esmagaria sua cabeça funesta; eu a crucificaria contra a parede.

As meninas ainda estão acordadas, mas alguém as vestiu com camisolas, como se fosse uma noite qualquer. Suas pernas e pés estão descobertos e suas toucas de dormir, toucas redondas de filó costuradas por sua mãe, foram amarradas sob os queixos por uma mão resoluta. O rosto de Anne é uma pedra. Ela tem a mão de Grace escondida na sua. Grace ergue os olhos para o pai, duvidosa. Ela quase nunca o vê; por que ele está aqui? Mas Grace confia nele e deixa que ele a pegue em seus braços, sem protestar. A criança se entrega ao sono agarrada ao ombro paterno, os braços em torno de seu pescoço, o topo da cabeça aninhado sob o queixo.

— Anne — diz ele —, temos de levar Grace para a cama, ela é pequena. Sei que você não está com sono, mas deite-se junto de sua irmã, porque ela pode acordar e sentir frio.

— Eu também posso sentir frio — responde Anne.

Mercy se dirige ao quarto das crianças à frente do genro. Grace é posta na cama sem acordar. Anne chora, mas em silêncio. Eu fico com elas, diz Mercy, mas ele responde:

— Eu ficarei.

Ele espera até que as lágrimas de Anne parem de rolar e que a mão da filha relaxe em sua palma.

Estas coisas acontecem; mas não conosco.

— Agora, deixem-me ver Liz.

O cômodo — que até aquela manhã era apenas seu quarto de dormir — é dominado pelo aroma das ervas que são queimadas para prevenir o contágio. Acenderam velas junto à cabeça e aos pés de Liz e amarraram seu maxilar com linho, e por isso ela já não parece a mesma. Está como os mortos; parece destemida, como se pudesse julgá-lo; parece mais simples e mais morta que as pessoas que ele via nos campos de batalha, com as tripas derramadas.

Ele desce as escadas para ouvir a história do leito de morte da esposa; para lidar com a casa. Mercy conta: às dez horas, ela se sentou. Céus, estou tão cansada. No meio dos afazeres do dia. Não é do meu feitio, é?, ela perguntou. Eu respondi, não é do seu feitio, Liz. Coloquei a mão na testa dela e disse, Liz, minha querida... Recomendei, vá se deitar, vá para a cama, você precisa suar essa friagem. Ela disse, não, só preciso de alguns minutos, estou tonta, talvez precise comer alguma coisinha, mas nós nos sentamos à mesa e ela recusou a comida...

Ele gostaria que Mercy resumisse seu relato, mas compreende sua necessidade de recontar, momento a momento, de repetir em voz alta. É como um pacote de palavras que ela está fazendo para entregar a ele: agora isto é seu.

Ao meio-dia, Elizabeth se deitou. Ela tremia, embora sua pele ardesse em febre. Ela perguntou, Rafe está na casa? Diga a ele para ir procurar Thomas. E Rafe saiu, e um monte de gente saiu depois, e ninguém o encontrou.

Ao meio-dia e meia, Liz declarou: diga a Thomas para cuidar das crianças. E depois, como foi mesmo? Ela reclamou que a cabeça doía. Mas nada para mim, nenhuma mensagem? Não; ela disse que tinha sede. Mais nada. Se bem que Liz, bem, ela nunca foi de falar muito.

Às 13 horas, ela pediu um padre. Às 14, ela fez sua confissão. Ela disse que certa vez segurou uma cobra, na Itália. O padre disse que era delírio da febre. Ele lhe deu a extrema-unção. O padre não via a hora, contou Mercy, não via a hora de sair da casa, estava apavorado com a possibilidade de pegar a doença e morrer.

Às 15 horas, ela piorou. Às 16, ela se libertou do fardo desta vida.

Imagino, ele diz, que ela gostaria de ser enterrada com seu primeiro marido.

Por que você pensa isso?

Porque eu cheguei depois. Ele se afasta. Não há razão para escrever as instruções de costume sobre roupas de luto, carpideiras, velas. Como todas as vítimas da doença, Liz deve ser enterrada às pressas. Não haverá tempo para trazer Gregory ou reunir a família. A regra dita que a família deve pendurar um feixe de palha do lado de fora da porta como sinal de infecção, restringir a entrada por quarenta dias e sair da casa o mínimo possível.

Mercy se aproxima e diz, uma febre pode ser qualquer febre, não precisamos confessar que foi a doença do suor... Se todos ficassem em casa, Londres pararia.

— Não — responde ele. — Temos de cumprir. Foi meu lorde cardeal quem criou essas regras, e não seria adequado que eu as ignorasse.

Mercy pergunta, onde você estava, afinal? Ele a encara; você conhece o Pequeno Bilney?, pergunta ele. Eu estava com ele; eu lhe fiz uma advertência, disse que ele está prestes a saltar na fogueira.

E depois? Depois eu fui aprender polonês.

Claro. É algo que você faria.

Mercy não espera extrair nenhum sentido de tudo isso. E ele nunca espera compreender mais do que compreende agora. Ele sabe o Novo Testamento de cor, mas vá encontrar ali um texto, vá encontrar um só texto para isto.

Mais tarde, ao pensar sobre aquela manhã, ele quer recobrar o vislumbre daquela touca branca: mas, quando se virou, não havia ninguém. Ele gostaria de imaginá-la com o burburinho e o calor da casa às suas costas, parada à porta, dizendo Diga-me quando vai



voltar. Mas só consegue imaginá-la sozinha, à porta; e às suas costas há um deserto, e uma luz azulada.

Ele pensa em sua noite de núpcias; no vestido de tafetá com cauda, no gesto acanhado de Liz, segurando os cotovelos. No dia seguinte ela disse:

— Está tudo bem.

E sorriu. Isso foi tudo o que ela lhe deixou. Liz, que nunca foi de falar muito.

Por um mês, ele fica em casa: ele lê. Lê seu Testamento, mas já sabe o que diz. Lê Petrarca, que adora, lê como o homem desafiou os médicos: mesmo depois que o condenaram pela febre, ele seguiu vivendo, e quando os doutores chegaram na manhã seguinte, ele estava sentado, escrevendo. Depois disso, o poeta jamais confiou em qualquer médico; mas Liz partiu antes mesmo de receber cuidado médico, bom ou mau, ou de ver o boticário com sua cássia, seu gengibre, sua artemísia e seus cartões impressos com orações.

Ele tem o livro de Nicolau Maquiavel *O príncipe*: é uma edição em latim, pobremente impressa em Nápoles, que parece ter passado por muitas mãos. Ele imagina Nicolau no campo de batalha; Nicolau na câmara de tortura. Ele sente que está na câmara de tortura, mas sabe que um dia encontrará a porta de saída, porque sabe quem tem a chave. Alguém pergunta, o que há neste seu livrinho?, e ele responde, alguns aforismos, alguns truísmos, nada que não saibamos.

Sempre que ele ergue os olhos do livro, Rafe Sadler está lá. Rafe é um rapaz magro, e a brincadeira entre Richard e os outros é fingir que não o veem e dizer: “Onde será que está Rafe?” Eles se divertem com essa piada como crianças de 3 anos. Rafe tem olhos azuis, o cabelo é em tom de areia e ninguém o confundiria com um Cromwell. Ainda assim, ele é um tributo ao homem que o criou: questionador, sardônico, de entendimento rápido.

Ele e Rafe leem um livro sobre xadrez. É um livro impresso antes de seu nascimento, mas tem imagens. Eles estudam as ilustrações,

aperfeiçoando seu jogo. Nenhum dos dois faz qualquer movimento pelo que parecem horas.

— Fui um idiota — diz Rafe, um dedo pousado na cabeça de um peão. — Eu deveria ter encontrado você. Quando disseram que você não estava no Gray's Inn, eu deveria ter adivinhado que estava.

— E como você poderia saber? Não seria possível estar onde não deveria. Vai mover esse peão ou só está fazendo um mimo na cabeça dele?

— *J'adoube*. — Rafe tira a mão da peça.

Eles seguem por um longo tempo, examinando as peças, a configuração que as conserva no lugar. Já sabem o resultado: empate.

— Somos bons demais um para o outro.

— Talvez devêssemos jogar com outras pessoas.

— Mais tarde. Quando pudermos fazer a limpa em todos os desafiantes.

Rafe exclama:

— Ah, espere! — Ele pega seu cavalo e o faz saltar. E depois vê o resultado, abismado.

— Rafe, você está *foutu*.

— Não necessariamente. — Rafe coça a testa. — Você ainda pode fazer alguma coisa estúpida.

— Claro. A esperança é a última que morre.

Murmúrio de vozes. Luz do sol lá fora. Ele sente que quase pode dormir, mas quando dorme, Liz Wykys retorna, alegre e animada, e quando acorda, precisa redescobrir a falta dela, tudo outra vez.

Num quarto distante, uma criança chora. Ouvem-se passos. O choro para. Ele pega seu rei e examina a base da peça, como se para ver do que é feita. Ele murmura "*J'adoube*" e a põe de volta.

Enquanto cai a chuva, Anne Cromwell senta ao lado do pai e escreve seu latim de principiante no caderno de exercícios. Quando chegar o Dia de São João, ela já saberá todos os verbos comuns. Anne é mais rápida que o irmão e o pai lhe diz isso.

— Deixe-me ver — solicita ele, esticando a mão para pegar o caderno. Ele descobre que ela escreveu seu nome sem parar, “Anne Cromwell, Anne Cromwell...”.

Chegam notícias da França sobre os triunfos, procissões, missas públicas e orações improvisadas em latim pelo cardeal. Ao que parece, uma vez que desembarcou, Wolsey esteve em todos os maiores altares da Picardia, absolvendo os devotos de seus pecados. Isto significa que há alguns milhares de franceses livres para começar tudo de novo.

O rei se instala principalmente em Beaulieu, uma casa em Essex que comprou recentemente de Sir Thomas Bolena, a quem deu o título de visconde de Rochford. Ele passa o dia caçando, inabalável diante do tempo úmido. À noite, ele promove recepções. O duque de Suffolk e o duque de Norfolk o acompanham em jantares privados, compartilhados com o novo visconde. O duque de Suffolk é seu velho amigo; se o rei dissesse, tricote asas para que eu possa voar, Suffolk diria, de que cor? Claro, o duque de Norfolk é o chefe da família Howard e cunhado de Bolena: um vigoroso maquinador, sempre maquinando em benefício próprio.

Ele não escreve ao cardeal para informar o que todos estão dizendo na Inglaterra, que o rei pretende casar-se com Ana Bolena. Ele não tem as notícias que o cardeal deseja, portanto não escreve coisa alguma. Para isso ele tem seus funcionários, para manter ao cardeal informado sobre assuntos legais e financeiros. Informem ao cardeal de que estamos todos bem por aqui. Mandem meus respeitos e minha lealdade. Digam o quanto gostaríamos de vê-lo pessoalmente.

Ninguém mais fica doente em sua casa. Esse ano, Londres sofreu pouco — ao menos é o que todos dizem. Preces em gratidão são proferidas nas igrejas da cidade; ou deveriam chamar-se preces de alívio? Nos pequenos conclaves reunidos à noite, o propósito de Deus é discutido. Londres sabe que peca. Assim como a Bíblia nos diz, “Aquele que negocia dificilmente evitará os erros”, e em outro lugar afirma, “O que se apressa em enriquecer não ficará impune”. É um sinal certo de uma mente angustiada, o hábito da citação. “Porque o Senhor corrige o que ama.”

No começo de setembro, a praga já seguiu seu curso e a família pode reunir-se para orar por Liz. Agora ela receberá as homenagens que lhe foram negadas quando os deixou tão de repente. Capotes negros são doados a 12 homens pobres da paróquia, os mesmos carpideiros que teriam acompanhado o caixão dela; E cada homem da família custeou sete anos de missas por sua alma. No dia marcado, o tempo se abre brevemente, e há gelo no ar. “A colheita passou, o verão acabou, e não estamos salvos.”

A pequena Grace acorda à noite e diz que vê a mãe em sua mortalha. Ela não chora como uma criança, berrando e soluçando, mas como uma mulher adulta, derramando lágrimas de pavor.

“Todos os rios correm para o mar, mas os mares ainda não estão cheios.”

Morgan Williams encolhe a cada ano. Hoje ele parece especialmente pequeno, pálido e angustiado quando segura o braço dele e diz:

— Por que os melhores são levados? Ai, por quê? — E depois: — Sei que você foi feliz com ela, Thomas.

A família está de volta a Austin Friars, um enxame de mulheres e crianças e homens robustos para quem o luto praticamente repete o negro de costume, o uniforme dos advogados, comerciantes e corretores. Lá está sua irmã Bet Wellyfed, seus dois filhos e a pequena menina Alice. Lá está Kat; as irmãs cochicham, decidindo quem se mudará para ajudar Mercy com as meninas, “até que você se case novamente, Tom”.

Suas sobrinhas, duas boas menininhas, ainda apertam seus rosários. Elas olham em torno, sem saber o que fazer. Ignoradas, enquanto as pessoas falam acima de suas cabeças, elas se encostam contra a parede e trocam olhares entre si. Vagarosamente, as duas deslizam pela parede, costas retas, até que ficam da altura de crianças de 2 anos, sentadas sobre os calcanhares. “Alice! Johane!”, alguém ralha; lentamente, elas se levantam, os semblantes sérios. Grace se aproxima delas; silenciosamente, elas seguram a menina, tiram sua touca, soltam seus cabelos louros e começam a trançá-los. Enquanto os cunhados falam sobre o que o cardeal está fazendo na

França, sua atenção se desvia para a filha. Os olhos de Grace se arregalam quando as primas esticam seu cabelo para trás. Sua boca está aberta e silenciosa, como a boca de um peixe. Quando um gritinho escapa dela, quem cruza o salão e a pega no colo é a irmã de Liz, a Johane adulta. Observando Johane, ele nota, o que faz com frequência, como as irmãs são parecidas: isto é, foram.

Sua filha Anne dá as costas para as mulheres e dá o braço ao tio.

— Estamos falando sobre o comércio dos Países Baixos — diz Morgan à menina.

— Uma coisa é certa, tio: na Antuérpia não vão gostar se Wolsey assinar um tratado com os franceses.

— É o que estamos dizendo a seu pai. Mas, ah, ele sempre fica do lado de seu cardeal. Faça-me o favor, Thomas! Você não gosta dos franceses nem um pouco mais que nós.

Ele sabe, embora os outros não saibam, o quanto o cardeal necessita da amizade do rei Francisco; sem um dos grandes poderes da Europa para apoiá-lo, como o rei conseguirá seu divórcio?

— Tratado de Paz Perpétua? Vamos pensar, quando foi a última paz perpétua? Eu dou três meses de vida. — Quem fala é seu cunhado Wellyfed, rindo; e John Williamson, que é marido de Johane, pergunta se vão apostar: três meses, seis? Depois ele lembra que estão numa ocasião solene. — Perdão, Tom — ele diz, e sofre um acesso de tosse.

A voz de Johane interrompe o diálogo:

— Se esse velho jogador continuar tossindo desse jeito, o inverno acabará com ele, e aí eu caso com você, Tom.

— Casa mesmo?

— Certamente. É só conseguir o documento certo em Roma.

O grupo sorri, mas contém o riso. Eles trocam olhares cúmplices. Gregory pergunta, por que isso é tão engraçado? Você não pode casar com a irmã da própria mulher, pode? Ele se dirige a um canto para conversar sobre assuntos particulares com os primos — os filhos de Bet, Christopher e Will, e os filhos de Kat, Richard e Walter; por que deram àquela criança o nome de Walter? Será que precisavam de um lembrete do pai, perdurando depois de sua morte para lembrá-los de que não podem ser felizes demais? A família

nunca se reúne, mas dá graças a Deus por Walter não estar mais ali. Ele diz a si mesmo que deveria ter sido mais piedoso com o pai, mas sua boa vontade só se estende a pagar por missas pela alma do falecido.

No ano anterior à sua volta definitiva para a Inglaterra, ele cruzou e tornou a cruzar o mar, indeciso; ele tinha diversos amigos na Antuérpia, além de bons contatos de negócios, e, à medida que a cidade se expandia, o que ocorria a cada ano, mais parecia ser o lugar certo onde estar. Quando tinha saudades do lar, era da Itália que ele sentia falta: a luz, o idioma, "Tommase", como era chamado por lá. Veneza o curara de qualquer nostalgia pelas margens do Tâmis. Florença e Milão lhe deram uma visão de mundo mais flexível que a das pessoas que ficaram na Inglaterra. Mas algo o chamava — a curiosidade de saber quem estava morto e quem havia nascido, um desejo de rever suas irmãs e rir (de algum modo, sempre dá para rir) de sua criação. Ele escreveu a Morgan Williams para dizer, estou pensando em viajar para Londres da próxima vez. Mas não conte a meu pai. Não lhe diga que estou voltando para casa.

Durante os primeiros meses, eles tentaram convencê-lo. Veja bem, Walter se aquietou, você nem o reconheceria. Ele reduziu a bebida. Na verdade, ele sabia que o estava matando. Agora ele fica longe dos tribunais e até serviu durante um período como guardião na igreja.

Ele disse, o quê? E ele não se embebedava com o vinho do altar? Não fugia com o dinheiro para as velas?

Nada que dissessem poderia persuadi-lo a voltar a Putney. Ele esperou por mais um ano, até se casar e ser pai. Foi aí que se sentiu seguro para retornar.

Foram mais de 12 anos fora da Inglaterra. Ele ficou perplexo com a mudança nas pessoas. Ele as deixara jovens, e, na meia-idade, elas estavam amolecidas ou enrijecidas. Os esbeltos eram agora magros e ressequidos. Os gorduchos ficaram mais gordos. Feições agudas estavam suavizadas e abrandadas, olhos brilhantes se apagaram. À primeira vista, ele nem sequer reconheceu certas pessoas.

Mas ele teria reconhecido Walter em qualquer lugar. Quando o pai se aproximou, ele pensou, estou vendo a mim mesmo dentro de vinte ou trinta anos, se for poupado. Disseram que a bebida quase acabara com Walter, mas não parecia que estava morrendo nem de longe. Walter estava como sempre esteve: como se pudesse nocauteá-lo, e talvez realmente decidisse fazê-lo. Seu corpo baixo e forte se ampliara e enrijecera. Os cabelos, espessos e cacheados, mal exibiam algum fio grisalho. O olhar era lancinante; olhos pequenos, brilhantes e castanho-dourados. Um ferreiro precisa de bons olhos, Walter costumava dizer. Precisa de bons olhos aonde quer que vá, senão será roubado descaradamente.

— Por onde você andou? — perguntou Walter. Outrora, ele teria soado furioso; agora, parecia apenas irritado. Como se o filho tivesse saído para levar um recado em Mortlake e se prolongado demais no percurso.

— Ah... por aí — respondeu Thomas.

— Está parecendo um estrangeiro.

— Eu sou um estrangeiro.

— Então, o que anda fazendo?

Ele se imaginou respondendo “Umas coisas”. E foi o que disse.

— E que tipo de coisas está fazendo agora?

— Estudando direito.

— Direito! — repetiu Walter. — Se não fosse pela tal da lei, nós seríamos lordes. Do município. E de um monte de outros municípios por aqui.

Thomas pensa: é um argumento interessante. Se alguém consegue ser lorde por brigar, gritar, ser o maior, o mais forte, o mais ousado e o mais inescrupuloso que o outro, Walter deveria ser um lorde. Mas é pior que isso; Walter pensa que tem o direito. Thomas passou a infância ouvindo, os Cromwell já foram uma família rica, nós tínhamos posses. “Quando, onde?”, ele perguntava, e Walter respondia: “Em algum lugar do norte, lá em cima!”, e berrava com o filho por questionar. Walter Cromwell não gostava de ser desacreditado nem mesmo quando contava uma mentira descarada. “Se é assim, como viemos parar num lugar tão inferior?”, Thomas perguntava, e Walter respondia que era culpa de

advogados, de charlatães, de advogados que não passavam de charlatães que roubavam a terra de seus proprietários. Entenda se puder, Walter dizia, porque eu não entendo — e eu não sou idiota, garoto. Como eles ousam me arrastar para o tribunal e me multar por criar os bichos na tal da área pública? Se todos tivessem o que é de direito, aquela terra seria minha.

Ora, se a terra da família ficava no norte, como aquela área poderia ser sua? Mas não havia motivo para indagar em voz alta; na verdade, era esta a forma mais rápida de receber uma lição do punho de Walter.

— Mas não havia nenhum dinheiro? — insistia Thomas. — O que aconteceu com o dinheiro?

Uma vez, quando estava sóbrio, Walter disse algo que soou verdadeiro e, vindo de quem veio, eloquente: eu acho, ele disse, acho que nós jogamos tudo fora. Uma vez que acaba, acaba e pronto. Acho que a fortuna, quando perdemos, nunca mais volta a nos visitar.

Ele pensou sobre isso por anos. No dia em que voltou a Putney, perguntou:

— Se os Cromwell foram realmente ricos no passado, e eu saísse para procurar o que restou, isso o deixaria satisfeito?

Seu tom de voz tinha intenções pacíficas, mas Walter não era facilmente pacificado.

— Ah, sim, procurar e partilhar, não? Você e seu maldito Morgan, com quem é unha e carne. É meu dinheiro, se todos têm o que é de direito.

— Seria dinheiro da família. — O que estamos fazendo, pensou Thomas, brigando logo de cara? Cinco minutos e já estamos batendo boca sobre uma fortuna que não existe? — O senhor agora tem um neto — acrescentou ele, não em voz alta —, e não chegará nem perto dele.

— Ah, eu já tenho disso aí — retrucou Walter. — Netos. E a mãe é o quê, alguma garota alemã?

Thomas contou ao pai sobre Liz Wykys, admitindo assim que esteve na Inglaterra por tempo suficiente para se casar e ter um filho.



— Arranjou uma viúva rica — disse Walter, abafando uma risada.  
— Imagino que isso era mais importante do que vir aqui me visitar. Tinha que ser. Suponho que você me imaginava já morto. Advogado, não? Você sempre falou demais. Um tapa na boca não foi o bastante para curar isso.

— Mas Deus sabe que o senhor tentou.

— Imagino que agora você não admite que trabalhava de ferreiro. E nem que ajudava seu tio John e dormia entre as cascas de nabo.

— Pelo amor de Deus, pai, ninguém comia nabos no palácio de Lambeth. O cardeal Morton comendo nabos! Onde está com a cabeça?

Quando Thomas era criança e seu tio John era cozinheiro da grande eminência, o menino costumava fugir para o palácio de Lambeth, porque lá havia mais chances de ser alimentado. Ele circulava perto da entrada mais próxima do rio — naquela época, Morton ainda não havia construído seu grande portão — e via gente entrando e saindo, perguntava quem era quem e os reconhecia em outras oportunidades pelas cores de suas roupas e pelos animais e objetos pintados em seus brasões. “Não fique à toa”, gritavam para ele, “vá fazer algo útil!”

Outras crianças se faziam úteis na cozinha, levando e trazendo, empregando seus dedinhos em depenar faisões e limpar morangos. A cada jantar, os funcionários da casa se enfileiravam numa procissão pelos corredores que saíam das cozinhas, levando as toalhas de mesa e o sal. Seu tio John media os pães e os que não tinham o tamanho correto ele atirava numa cesta para a criadagem. Ele contava os pães que passavam no teste quando saíam para o salão; parado junto ao tio, fingindo ser seu auxiliar, Thomas aprendeu a contar. No grande salão entravam as carnes e os queijos, as frutas açucaradas e os biscoitos temperados, direto para a mesa do arcebispo — ele ainda não era cardeal na época. Quando as sobras e migalhas voltavam, eram divididas. Primeiro entre a equipe da cozinha. Depois para o asilo e o hospital, e para os mendigos nos portões. O que não servia para nenhum destes descia ao fim da fila, para as crianças e os porcos.

A cada manhã e noite, os meninos ganhavam seu sustento subindo as escadas dos fundos com cerveja e pão para encher os guarda-comidas dos jovens da nobreza que trabalhavam como pajens do cardeal. Os pajens vinham de boas famílias. Eles serviam à mesa e assim se tornavam conhecidos de homens importantes; ouviam as conversações e aprendiam com elas. Quando não atendiam à mesa, os rapazes estudavam os grandes livros de seus professores de música e outros mestres, que passavam de um lado ao outro da casa portando ramalhetes e frascos de perfume e conversando em grego. Um dos pajens foi apontado ao menino: era o Sr. Thomas More, que o próprio arcebispo dizia destinado a ser um grande homem, já tão profundo em conhecimento e de inteligência tão agradável.

Um dia, o garoto levou uma broa de trigo ao guarda-comida e se demorou, e o Sr. Thomas More disse:

— Por que está parado aí? — Mas ele não atirou nada contra o menino.

— O que tem nesse livro grande? — perguntou o garoto, e More respondeu sorrindo:

— Palavras, palavras, só palavras.

Este ano, o Sr. More fará 14 anos, alguém disse, e partirá para Oxford. Thomas não sabia onde ficava Oxford, nem se ele queria ir para lá ou se estava viajando apenas por obrigação. Só um garoto pode ser mandado por obrigação, e o Sr. Thomas More ainda não era um homem.

Catorze é duas vezes sete. O menino perguntou, eu tenho 7 anos? Não responda sim só por responder. Diga, eu tenho mesmo? O pai retrucou, pelo amor de Deus, Kat, invente uma data de aniversário para ele. Diga qualquer coisa, só para que ele cale essa boca.

Quando o pai exclamava, estou farto de ver a sua cara, Thomas sumia de Putney e se instalava em Lambeth. Quando o tio John dizia, já temos garotos suficientes esta semana, e cabeça vazia é oficina do diabo, ele voltava para Putney. De vez em quando, ele recebia um presente para levar de volta para casa. Às vezes era uma braçada de pombos atados pelos pés, com bicos abertos e

ensanguentados. Ele caminhava pela margem do rio rodopiando os pombos sobre a cabeça, e eles pareciam voar, até que alguém gritava, pare com isso! Ele não podia fazer nada sem que alguém gritasse. E por acaso isso é alguma surpresa?, indagava o tio John, se você se mete em qualquer confusão que aparece, se tem mania de dar respostas atravessadas e indubitavelmente se mete onde não deve?

Numa pequena câmara fria ligada aos corredores da cozinha, havia uma mulher chamada Isabella que fazia figuras de marzipã para que o arcebispo e seus amigos fizessem peças de teatro depois da ceia. Algumas figuras eram heróis, como o príncipe Alexandre, o príncipe César. Alguns eram santos. Hoje estou fazendo São Tomás, ela dissera. Em certa ocasião, ela fez animais de marzipã e deu ao menino um leão. Pode comer, ela instruiu. Ele queria guardar o leão, mas Isabella disse que a figura logo se desmancharia em pedaços, e perguntou:

— Você não tem mãe?

Ele aprendia a ler com as ordens rabiscadas para trazer farinha ou feijões secos, cevada e ovos de pata que saíam das despensas dos intendentess. Para Walter, a utilidade de saber ler era tirar vantagem das pessoas que não sabiam; com o mesmo propósito, seu filho deveria aprender a escrever. Assim, o pai mandou-o tomar aulas com o padre. Contudo, Thomas vivia levando novas broncas, pois os padres tinham regras muito estranhas; o garoto deveria ir exclusivamente para a aula, e não no caminho para qualquer outra coisa que estivesse fazendo; não podia levar um sapo na bolsa, nem canivetes que precisavam de afiação; também não podia aparecer cortado ou machucado por uma daquelas portas (portas chamadas Walter) com que ele vivia trombando. O padre gritava, esquecia de alimentá-lo, e assim ele tornou a voltar para Lambeth.

Nos dias em que Thomas aparecia em Putney, o pai dizia, por todos os santos, por onde você andou?, isto é, quando não estava ocupado dentro de casa, em cima de alguma madrasta. Algumas madrastas duravam tão pouco que o pai se fartava delas e lhes dava um chute no traseiro antes mesmo que o garoto voltasse para casa, mas Kat e Bet depois lhe contavam sobre as mulheres, às

gargalhadas. Certa vez, quando ele entrou, sujo e molhado, a madrastra daquele dia disse “Quem é esse menino?”, e tentou enxotá-lo para fora.

Um dia, quando Thomas estava quase chegando em casa, ele descobriu a primeira Bella jogada na rua e viu que ninguém a queria. Ela não era maior que um camundongo e estava tão chocada e gelada que nem mesmo conseguia chorar. Thomas a levou para casa numa só mão, na outra um pequeno queijo envolto em folhas de salva.

A cadela morreu. Sua irmã Bet disse, você pode arranjar outra. Ele procurou nas ruas, mas não encontrou qualquer cãozinho. Há cães, mas eles pertencem a outras pessoas.

O trajeto de Lambeth a Putney podia levar muito tempo, e às vezes Thomas terminava por comer o presente, se não era algo cru. Mas quando só ganhava um repolho, ele o chutava e rolava e despedaçava até que a verdura ficava completamente imprestável.

Em Lambeth, seguia os intendentess por todo lado, e quando eles diziam um número ele sempre lembrava; assim, as pessoas passaram a falar, se não tiver tempo de anotar, apenas repita para o sobrinho de John. Ele batia o olho num saco de qualquer coisa encomendada e depois aconselhava o tio a verificar se o peso estava adulterado.

Em Lambeth, à noite, quando ainda havia luz e todas as panelas já estavam areadas, os meninos saíam para o pátio e jogavam futebol. Seus gritos se erguiam no ar. Eles se xingavam e se trombavam e, até que alguém mandasse parar, às vezes trocavam socos e mordidas. Da janela aberta no alto, os jovens fidalgos entoavam uma cantiga nos agudos cuidadosos que aprendiam.

Às vezes, o rosto do Sr. Thomas More aparecia. O menino Thomas acenava para ele, mas More olhava para baixo sem reconhecer as crianças. Ele sorria de maneira imparcial; sua mão branca de erudito se aproximava dos quebra-ventos. A lua se elevava; os pajens se deitavam em seus beliches; os meninos da cozinha se enrolavam em sacos e dormiam junto ao fogão.

Ele recorda uma noite de verão em que os jogadores pararam em silêncio, olhando para o céu. Era crepúsculo. A nota de uma

flauta doce pairava no ar, aguda e penetrante. Um rouxinol pegou a nota e cantou de um arbusto junto ao portão marginal. Um barqueiro assoviou do rio.

1527: quando o cardeal retorna da França, imediatamente começa a ordenar banquetes. Embaixadores franceses são esperados para cravar o selo em sua concordata. Nada, ele diz, nada será o bastante para estes cavalheiros.

A corte deixa Beaulieu no dia 27 de agosto. Pouco depois, Henrique reencontra o recém-chegado cardeal, frente a frente pela primeira vez desde junho.

— Você ouvirá que o rei me recebeu friamente — diz Wolsey —, mas garanto que não foi o caso. Ela, Lady Ana, estava presente... isto é verdade.

Pelo visto, grande parte de sua missão foi um fracasso. Os cardeais não quiseram encontrá-lo em Avignon: deram a desculpa de que não desejavam descer para o sul no calor.

— Mas agora — diz ele — eu tenho um plano melhor. Pedirei ao papa que me envie um emissário, e tentarei avançar o assunto do rei na Inglaterra.

Enquanto o senhor estava na França, diz, minha mulher faleceu.

O cardeal ergue os olhos. Suas mãos voam para o coração. A direita desliza para o crucifixo e ele pergunta como ocorreu. Ele ouve. Seu polegar corre pelo corpo torturado de Deus: incessantemente, como se fosse um pedaço de metal qualquer. Ele baixa a cabeça. Murmura: "Aquele a quem o Senhor ama..." Os dois ficam em silêncio. Para romper o silêncio, ele começa a fazer perguntas desnecessárias ao cardeal.

Para ele, um relato das táticas do verão recém-encerrado era quase desnecessário. O cardeal prometeu ajudar a financiar um exército francês que invadirá a Itália e tentará expulsar o imperador. Enquanto isso, o papa, que perdeu não apenas o Vaticano mas também os estados papais e viu Florença expulsar seus parentes Médici, ficará grato e compromissado com o rei Henrique. Mas, quanto a qualquer aproximação de longo prazo com os franceses —

ele, Cromwell, partilha do ceticismo de seus amigos da cidade. Qualquer um que já caminhou pelas ruas de Paris ou Rouen e viu uma mãe puxando o filho pela mão e dizendo, “Pare essa gritaria ou vou chamar um inglês”, tende a acreditar que qualquer acordo entre os dois países será formal e efêmero. Os ingleses jamais serão perdoados pelo talento para a destruição que sempre exibem quando saem de sua própria ilha. Os exércitos ingleses devastaram todas as terras que atravessaram. É como se, sistematicamente, executassem cada ação proibida pelos códigos da cavalaria e rompessem cada uma das leis da guerra. As batalhas não eram nada; o que deixava sua marca era o que eles faziam entre cada uma delas. Eles roubavam e estupravam num raio de 60 quilômetros em torno da linha de sua marcha. Queimavam as plantações nos campos e casas com as pessoas dentro. Recebiam suborno em moedas e em posses e quando acampavam num distrito, obrigavam o povo a pagar por cada dia em que escapava ileso. Matavam padres e os penduravam nus nas praças dos mercados. Como se fossem infiéis, saqueavam as igrejas, embalavam os cálices entre sua bagagem, alimentavam as fogueiras com livros preciosos; atiravam fora os relicários e depenavam altares. Encontravam as famílias dos mortos e exigiam resgate pelos corpos; se os vivos não podiam pagar, ateavam fogo aos cadáveres sob seus olhos, sem cerimônia, sem uma única prece, livrando-se dos mortos como alguém faria com carcaças de gado doente.

Assim sendo, os reis podem conceder perdão uns aos outros; o povo dificilmente fará o mesmo. Ele não diz isso a Wolsey, que já tem suficientes más notícias com que lidar. Durante a ausência do cardeal, o rei mandou seu enviado pessoal para Roma, para negociações secretas. O cardeal descobriu; e a ação não deu em coisa alguma, claro.

— Se o rei não é franco o suficiente comigo, isso não ajuda em nada nossa causa.

Ele jamais lidara com tamanha hipocrisia. Fato é que o rei sabe que seu caso é fraco em termos legais. Ele sabe, mas não quer admitir. Em sua cabeça, ele se convenceu de que jamais esteve casado e, portanto, é livre para se casar agora. Melhor dizendo, sua

vontade está convencida, mas sua consciência não. Ele conhece a lei canônica e, em certos pontos, mais que conhecedor, é um especialista. Como irmão mais novo, Henrique foi criado e treinado para a igreja e para seus mais altos postos.

— Se o irmão de Sua Majestade, Artur, tivesse sobrevivido — diz Wolsey —, Henrique teria sido cardeal, e não eu. É algo a se pensar. Sabe, Thomas, eu não tiro um dia de folga desde... desde que entrei naquela barca, acho. Desde o dia em que comecei a enjoar no mar, começando em Dover.

Certa vez, eles cruzaram juntos o Mar Estreito. O cardeal ficou enclausurado em sua cabine, clamando por Deus, mas ele, acostumado à viagem, passou o tempo no convés, fazendo desenhos das velas e cordames, de barcos imaginários com cordames imaginários, e tentando persuadir o capitão — “sem querer ofender sua pessoa” — de que havia uma forma de viajar mais rápido. O capitão pensou a respeito e respondeu:

— Quando você arranjar um navio mercante de sua propriedade, pode fazer do seu jeito. Claro, qualquer navio cristão achará que vocês são piratas, então não venha procurar ajuda quando se meter em dificuldades. Marujos — explicou o capitão — não gostam de novidades.

— Ninguém gosta — respondeu ele. — Não pelo que eu sei.

Na Inglaterra, nada pode ser novidade. Coisas velhas podem ser apresentadas de modo novo, ou coisas novas podem fingir ser velhas. Para ganhar confiança, novos homens devem forjar para si uma linhagem antiga, como no caso de Walter, ou entrar no serviço das famílias antigas. Não tente chegar lá por conta própria, ou pensarão que você é um pirata.

Este verão, com o cardeal de volta à terra firme, ele recorda aquela viagem. Quase espera que o inimigo emparelhe e comece uma batalha corpo a corpo.

Mas, por hora, ele desce até a cozinha para ver como os criados estão preparando as obras-primas que impressionarão os enviados franceses. Eles já têm o campanário instalado sobre um modelo de pasta açucarada da Catedral de São Paulo, mas têm problemas com a cruz e a esfera no alto. Ele diz:

— Façam leões de marzipã; o cardeal quer leões.

Os criados reviram os olhos e pensam, será que não vai acabar nunca?

Desde que retornou da França, seu amo anda atipicamente mal-humorado. Não são apenas os evidentes fracassos que o irritam, mas o trabalho sujo nos bastidores. Sátiras e calúnias foram impressas contra ele e, tão rápido quanto ele as compra, já há outro lote nas ruas. Cada ladrão da França parecia convergir para seu comboio de bagagens; em Compiègne, embora ele postasse uma guarda dia e noite para cuidar de suas baixelas de ouro, descobriram depois que um garotinho subia e descia as escadas dos fundos, passando os pratos para algum ladrão adulto que o treinara.

— O que aconteceu? Vocês o pegaram?

— O ladrão foi colocado no tronco. O menino fugiu. Depois, em certa noite, um vilão entrou em minha câmara e talhou uma fenda junto à janela...

E, na manhã seguinte, atravessando névoa e chuva, um raio do sol nascente iluminou uma forca da qual pendia um barrete de cardeal.

Mais uma vez, o verão foi chuvoso. Ele podia jurar que jamais houve luz na terra. A colheita está arruinada. O rei e o cardeal trocam receitas de pílulas. Se por acaso espirra, o rei determina que se trata de segurança de Estado e prescreve para si um dia tranquilo de composição musical ou passeios — se a chuva estiar — em seus jardins. À tarde, ele e Ana às vezes se recolhem em privado. A fofoca que corre é de que ela deixa que ele tire suas roupas. À noite, o bom vinho afasta o frio e Ana, que lê a Bíblia, destaca importantes citações das escrituras para ele. Depois do jantar, Henrique fica pensativo, confessa que imagina o rei da França rindo dele, e acha que o imperador também ri. Após o anoitecer, o rei está desesperado de amor. Ele fica melancólico, às vezes inalcançável. Ele bebe e dorme pesadamente; dorme só. Ele acorda e, por ser um homem forte e ainda jovem, encontra-se otimista, lúcido, pronto para o novo dia. À luz do dia, sua causa parece possível.



Mesmo adoentado, o cardeal não para de trabalhar. Ele segue diante de sua mesa, espirrando, sentindo dor e reclamando.

Em retrospecto, é simples ver onde começou o declínio do cardeal, ainda que na época não tenha sido fácil. Olhando para trás, ele recorda uma viagem pelo mar. O horizonte escapava confusamente, e a terra firme se perdia em meio à névoa.

Outubro chega e suas irmãs, Mercy e Johane, pegam as roupas de sua falecida esposa e as refazem cuidadosamente em novas vestes. Nada é descartado. Cada pedaço de bom tecido é transformado em outra coisa.

No Natal, a corte canta:

As the holly groweth green  
And never changes hue  
So I am, and ever hath been  
Unto my lady true.

Green groweth the holly, so doth the ivy.  
Though winter blasts blow ever so high.

As the holly growth green,  
With ivy all alone,  
When flowers cannot be seen  
And green-wood leaves be gone,  
Green growth the holly.\*

Primavera, 1528: Thomas More se aproxima num passo lento, sorridente e desleixado.

— O homem certo — diz ele. — Thomas, Thomas Cromwell. Exatamente o homem que eu queria ver.

Ele é afável, sempre afável; o colarinho de sua camisa está encardido.

— Pretende ir a Frankfurt este ano, Sr. Cromwell? Não? Pensei que o cardeal o enviaria à feira, para metê-lo entre os livreiros heréticos. Ele anda gastando um bom dinheiro comprando os escritos deles, mas a maré de imundície nunca diminui.

Em seus panfletos contra Lutero, More chama o alemão de merda e diz que sua boca é como o ânus do mundo. Ninguém imaginaria que tais palavras poderiam brotar de Thomas More, mas brotam. Ninguém jamais fizera do latim um idioma tão obsceno.

— Não é problema meu — ele diz —, livros de hereges. A questão dos hereges do exterior se resolve no exterior. A igreja é universal.

— Ah, mas quando estes homens da Bíblia chegarem à Antuérpia, o senhor sabe... Que cidade aquela! Nenhum bispo, nenhuma universidade, nenhum local de aprendizado adequado, nenhuma autoridade apropriada para deter a proliferação das pretensas traduções, traduções das escrituras que, em minha opinião, são maliciosas e deliberadamente enganosas... Mas já sabe disso, claro, o senhor passou alguns anos por lá. E agora Tyndale foi visto em Hamburgo, dizem. O senhor o reconheceria se o visse, não?

— Tanto quanto o bispo de Londres. E o senhor mesmo, talvez.

— Verdade. Verdade. — More pondera. Ele morde o lábio. — E o senhor me dirá, “ora, isso não é trabalho para um advogado, correr atrás de traduções falsas”. Mas eu espero conseguir meios de agir contra os irmãos por sedição, está entendendo?

Os irmãos, ele diz, sua piadinha particular; More exala desprezo.

— Se isto configurar crime contra o Estado, nossos tratados entram em cena e posso mandar extraditá-los para que respondam por si mesmos numa jurisdição mais severa.

— Encontrou sedição nos escritos de Tyndale?

— Ah, Sr. Cromwell! — More esfrega as mãos. — Eu me divirto com o senhor, realmente me divirto. Agora sei como se sente uma noz-moscada quando é ralada. Um homem menos talentoso... um advogado menos talentoso diria: “Eu li o trabalho de Tyndale e não vi nenhuma falha nele.” Mas ninguém passa a perna em Thomas Cromwell; ele devolve a pergunta e me diz, o senhor leu Tyndale?. E eu admito. Eu estudei o homem. Revirei suas supostas traduções e o fiz letra por letra. Eu o li, claro que sim. Com permissão. De meu bispo.

— Diz o Eclesiastes, “aquele que toca no pez ficará manchado”. A menos que seu nome seja Thomas More.

— Ora, ora, eu sabia que o senhor era um leitor da Bíblia! Muito hábil. Mas se um padre ouve uma confissão, e o assunto é depravado, isto faz do padre um sujeito depravado? — Por distração, More tira o chapéu e o dobra nas mãos casualmente, amassando-o em dois; seus olhos claros e cansados olham em torno, como se ele pudesse ser questionado de todos os lados. — E acredito que o cardeal de York em pessoa permitiu que seus jovens teólogos do Cardinal College lessem os panfletos sectários. Talvez ele inclua o Sr. Thomas Cromwell em sua dispensa. Sim?

Seria estranho que o cardeal incluísse seu advogado; mas, de qualquer modo, o trabalho dos advogados é estranho de maneira geral.

— Estamos andando em círculos — responde ele.

More sorri para o outro.

— Bem, em todo caso, é primavera. Logo, todos nós dançaremos em torno do mastro das festas de maio. Bom clima para uma viagem marítima. O senhor poderia aproveitar a oportunidade para fazer alguns negócios no mercado de lã, a não ser que ultimamente só esteja tirando o couro de homens. E se o cardeal lhe pedisse para ir a Frankfurt, imagino que iria, não? Afinal, quando o cardeal quer derrubar algum pequeno monastério, quando acha que lá encontrará doações polpudas, que os monges estão velhos e, Deus os abençoe, um pouco instáveis em sua lucidez; quando acha que os celeiros estão cheios e os lagos repletos de peixes, o gado gordo e o abade velho e esquelético... lá vai ele, Thomas Cromwell. Norte, sul, leste ou oeste. O Sr. Cromwell e seus pequenos aprendizes.

Se outro homem dissesse estas coisas, estaria procurando briga. Quando é Thomas More quem fala, tudo termina num convite para jantar.

— Venha a Chelsea — continua ele. — A conversa é excelente e, se o senhor aparecer para abrilhantá-la, nós apreciaremos. Nossa comida é simples, mas boa.

Tyndale diz que um menino lavando pratos na cozinha é tão agradável aos olhos de Deus quanto um pregador no púlpito ou o

apóstolo no mar da Galileia. Talvez, ele pensa, eu não deva mencionar a opinião de Tyndale.

More pousa a mão no braço do outro.

— Não tem planos de se casar novamente, Thomas? Não? Talvez seja sábio. Meu pai sempre diz, escolher uma esposa é como colocar a mão num saco cheio de bichos, com um peixe para cada seis serpentes. Quais são as chances de tirar o peixe?

— Seu pai se casou o quê, três vezes?

— Quatro. — Ele sorri. O sorriso é real; enruga os cantos de seus olhos. — Seu criado, Thomas — diz ele, afastando-se lentamente.

Quando a primeira esposa de More faleceu, a sucessora já estava na casa antes que o cadáver esfriasse. More quase foi padre, mas a carne humana o chamou com suas exigências inconvenientes. Ele não desejava ser um mau padre e, portanto, tornou-se um marido. More se apaixonara por uma garota de 16 anos, mas a irmã dela, aos 17, ainda não estava casada; ele escolheu a mais velha, para que o orgulho da moça não ficasse ferido. Ele não a amava; ela não sabia ler nem escrever. More acalentara esperanças de que isto poderia ser consertado, mas, pelo visto, não. Ele tentou obrigá-la a decorar os sermões, mas ela reclamava e era teimosa em sua ignorância; ele a levou para a casa do pai, que sugeriu espancá-la, o que a apavorou tanto que ela jurou nunca mais reclamar. “E ela nunca mais reclamou”, dissera More. “Mas também não aprendeu sermão algum.” Ao que parece, ele considerou as negociações satisfatórias: a honra foi preservada em todos os lados. A mulher teimosa lhe deu filhos, e quando ela faleceu, aos 24 anos, ele se casou com uma viúva da cidade, já avançada em anos e em teimosia: outra que não sabia ler. Aí está: se o homem é tão complacente consigo mesmo a ponto de insistir em viver com uma mulher, então, pelo bem de sua alma, que viva com alguma de quem realmente não goste.

O cardeal Campeggio, a quem o papa enviou à Inglaterra a pedido de Wolsey, foi um homem casado antes de ser padre, o que o torna especialmente adequado para auxiliar o cardeal — que, é claro, não tem qualquer experiência em problemas conjugais — no próximo estágio da jornada para frustrar o desejo do coração do rei.

Embora o exército imperial tenha recuado de Roma, uma primavera inteira de negociações fracassou em produzir qualquer resultado definitivo. Stephen Gardiner esteve em Roma com uma carta do cardeal, enaltecendo Lady Ana, tentando dissuadir o papa de qualquer opinião que ele talvez acalente de que o rei se comporta de modo voluntarioso e caprichoso em sua escolha de noiva. O cardeal ponderou longamente sobre a carta, listando as virtudes de Ana, escrevendo de próprio punho.

— “Modéstia feminina... castidade...” Posso dizer castidade?

— Melhor dizer.

O cardeal ergueu os olhos.

— Você sabe de alguma coisa? — Ele hesitou, depois voltou à carta. — Apta a produzir filhos? Bem, a família dela é fértil. Filha amável e fiel à igreja... Talvez exagerando um pouco... dizem que ela tem as escrituras em francês instaladas em sua câmara, e que deixa que suas criadas leiam, mas eu não tenho certeza a esse respeito...

— O rei Francisco permite traduções da Bíblia em francês. Ela aprendeu as escrituras na França, suponho.

— Ah, mas veja bem, mulheres. Mulheres lendo a Bíblia, aí há outro ponto de contenda. Ela sabe qual é o lugar que o Irmão Martinho considera apropriado para a mulher? Não deveríamos chorar, ele diz, se nossa esposa ou filha morre no parto: ela está apenas cumprindo a função para a qual Deus a criou. Muito severo, o Irmão Martinho, muito intratável. E talvez ela não seja uma herege. Talvez sejam apenas calúnias contra ela. Talvez ela apenas não tenha paciência com os homens da igreja. Eu gostaria que ela não me culpasse por suas dificuldades. Que não me culpasse tanto.

Lady Ana envia mensagens amigáveis ao cardeal, mas ele acredita que ela não é sincera.

— Se — diz Wolsey — eu visse uma perspectiva de anulação para o rei, iria ao Vaticano em pessoa, abriria minhas veias e permitiria que os documentos fossem escritos com meu próprio sangue. Você acha que se Lady Ana soubesse disso, ficaria satisfeita? Não, também não imaginei que sim, mas se vir qualquer um dos Bolena, proponha isto a eles. Aliás, imagino que conhece

uma pessoa chamada Humphrey Monmouth? Ele é o homem que hospedou Tyndale em sua casa por seis meses, antes que este fugisse para outro lugar qualquer. Dizem que Monmouth ainda manda dinheiro a Tyndale, mas não há como ser verdade, afinal, de que forma ele saberia para onde mandar? Monmouth... Só estou mencionando o nome dele porque... bem, por que estou mencionando mesmo? — O cardeal fechou os olhos. — Estou mencionando por mencionar.

O bispo de Londres já encheu suas próprias prisões. Ele tem luteranos e sectários sob custódia nas prisões de Newgate e Fleet, junto aos criminosos comuns. Lá eles ficam até que abjurem e façam uma penitência pública. Se reincidirem, serão queimados; não há segunda chance.

Quando é vasculhada, a casa de Monmouth está livre de qualquer escrito suspeito, quase como se ele tivesse recebido um aviso. Não há livros e nem cartas que o liguem a Tyndale e seus amigos. Mesmo assim, ele é levado para a Torre. Sua família fica aterrorizada. Monmouth é um homem bondoso e paternal, um mestre tecelão admirado em sua guilda e na cidade inteira. Ele ama os pobres e compra tecido mesmo quando o mercado anda mal, para que os tecelões sigam trabalhando. Sem dúvida, o objetivo da detenção é arruiná-lo; quando ele é finalmente solto, seu negócio está vacilante. As autoridades têm de libertá-lo por falta de provas, pois não se pode inventar uma acusação a partir de um monte de cinzas na lareira.

Se Thomas More pudesse decidir sobre o tema, o próprio Monmouth já seria um monte de cinzas.

— Ainda não se decidiu a nos visitar, Sr. Cromwell? — pergunta ele. — Continua partilhando pão seco em porções? Bem, minha língua é mais ferina do que merece. Temos que ser amigos, sabe?

Soa como uma ameaça. More se afasta, balançando a cabeça:

— Devemos ser amigos.

Cinzas, pão seco. A Inglaterra sempre foi, segundo o cardeal, um país miserável, lar de um povo errante e abandonado, que vive a trabalhar vagarosamente por sua libertação e recebe de Deus tribulações especiais. Se a Inglaterra se encontra sob a maldição de

Deus ou sob algum feitiço maligno, durante certa época o feitiço pareceu romper-se por obra do rei dourado e de seu dourado cardeal. Mas os anos dourados acabaram e, neste inverno, o mar congelará; aqueles que virem, lembrarão pelo resto de suas vidas.

Johane se mudou para a casa de Austin Friars com o marido, John Williamson, e a filha, a pequena Johane — Jo, como as crianças a chamam, vendo que ela é pequena demais para ter um nome inteiro. John Williamson é necessário nos negócios dos Cromwell.

— Thomas — pergunta Johane —, qual é exatamente o seu negócio hoje em dia?

Dessa forma ela o detém para uma conversa.

— Nosso negócio — responde ele — é enriquecer pessoas. Há muitas formas de fazer isso, e John me ajudará com elas.

— Mas John não terá de lidar com o lorde cardeal, terá?

O boato é de que certas pessoas — pessoas de influência — reclamaram com o rei sobre as casas monásticas que o cardeal mandou fechar, e o rei reclamou com Wolsey. Eles não pensam no bom uso que o cardeal deu aos bens; não pensam nas faculdades, nos estudantes que ele patrocina, nas bibliotecas que está fundando. Só estão interessados em meter a própria mão nos espólios. E, por terem sido cortados do negócio, fingem crer que os monges foram deixados à míngua e aos prantos na rua. Pois não foram. Eles foram transferidos para outros locais, outras casas com administração mais eficiente. Alguns mais jovens foram dispensados, garotos que não têm qualquer vocação para a vida monástica. Questionando-os, ele geralmente descobre que os rapazes não sabem nada, o que invalida as alegações dos abades de que são as luzes do aprendizado. Os meninos conseguem gaguejar certa prece em latim, mas quando ele pede “Vamos, diga qual é o significado”, eles respondem “Significado, senhor?”, como se pensassem que a relação entre palavras e seus significados é tão frouxa que o fio pode se romper ao primeiro puxão.

— Não se preocupe com o que dizem os outros — ele aconselha Johane. — Eu me responsabilizo por tudo, eu, sozinho.

O cardeal recebeu as reclamações com suprema altivez. Implacável, anotou em seu arquivo o nome de cada um dos queixosos. Depois, tirou a lista de seu arquivo e a entregou a seu braço direito com um sorriso contido. Tudo que lhe importa são seus novos prédios, seus estandartes ao vento, seu brasão gravado na fachada de tijolos, seus estudantes de Oxford; ele faz incursões em Cambridge para levar os jovens médicos mais brilhantes para o Cardinal College. Houve problemas antes da Páscoa, quando o reitor descobriu que seis dos novos estudantes estavam de posse de certa quantidade de livros proibidos. Não hesite em prendê-los, disse Wolsey; prenda os rapazes e os chame à razão. Se o clima não estiver quente demais, ou úmido demais, talvez eu apareça para argumentar pessoalmente com eles.

Tentar explicar isso a Johane é inútil. Ela só quer saber se seu marido não está ao alcance das calúnias que dardejам lá e cá.

— Imagino que saiba o que está fazendo. — Ela lança o olhar para o alto. — Ou pelo menos você sempre parece saber, Tom.

Sua voz, seu passo, a sobranceira erguida, o sorriso pontual, tudo nela faz lembrar Liz. Às vezes ele se vira, achando que Lizzie entrou na sala.

Os novos arranjos confundem Grace. Ela sabe que o primeiro marido da mãe se chamava Tom Williams; eles o mencionam nas preces da casa. Então o tio Williamson é filho dele?, ela pergunta. Johane tenta explicar.

— Poupe saliva — diz Anne. Ela toca a cabeça da menina. Seus dedos ágeis saltitam das pérolas-arroz no toucado da menina. — Lerda.

Mais tarde, ele censura a filha mais velha.

— Grace não é lerda, só é muito pequena.

— Não me lembro de ter sido tonta desse jeito.

— Quer dizer que todos são lerdos, menos nós dois? É isso mesmo?

De certa forma, a expressão de Anne insinua que é isso mesmo.

— Por que as pessoas se casam?



- Para que nasçam crianças.
- Cavalos não se casam. Mas nascem potros.
- A maioria das pessoas sente que casar aumenta a felicidade.
- Ah, sim, claro — retruca Anne. — Posso escolher meu marido?
- Claro — responde ele, até certo ponto com sinceridade.
- Então eu escolho Rafe.

Por um minuto, por dois minutos até, ele sente que sua vida talvez tenha remédio. Mas depois pensa, como eu poderia pedir a Rafe que espere por ela? O rapaz precisa construir a própria família. Mesmo daqui a cinco anos, Anne ainda será uma noiva muito jovem.

— Eu sei — ela diz. — E o tempo passa tão devagar...

É verdade; sempre parece que estamos esperando por alguma coisa.

— Pelo visto, você já pensou em tudo — diz ele.

Ele não precisa dizer a ela, guarde o assunto para si, porque ela sabe fazer isso; não é necessário guiar esta menina por uma conversa cheia dos pequenos enredos e protelações que a maioria das mulheres exige. Anne não é uma flor, um rouxinol; ela é como... como um mercador ousado, ele pensa. Olhos nos olhos para decifrar as intenções do outro, e um acordo selado com um aperto de mão.

Anne tira a touca; ela torce o fio de pérolas entre os dedos e puxa uma mecha de seus cabelos escuros, esticando e desfazendo sua ondulação. Ela reúne o resto do cabelo, torce e o enrola em torno do pescoço.

— Eu poderia dar duas voltas se meu pescoço fosse menor. — Ela soa receosa. — Grace acha que não posso me casar com Rafe porque somos parentes. Ela acha que todo mundo que mora na mesma casa é primo.

— Você não é prima de Rafe.

— Tem certeza?

— Certeza. Anne... coloque sua touca de volta. O que sua tia vai dizer?

Ela faz uma carranca. É uma expressão que imita à de tia Johane.

— Ah, Thomas — murmura ela —, sempre tem certeza de tudo!

Ele ergue a mão para cobrir seu sorriso. Por um momento, Johane parece menos preocupante.

— Coloque a touca — diz ele, delicadamente.

Anne enfia a touca de volta na cabeça. Tão nova, pensa ele, e, mesmo assim, combinaria mais com um elmo.

— Como Rafe veio parar aqui? — pergunta ela.

Rafe veio de Essex, porque é o lugar em que seu pai por acaso vivia na época. O pai, Henry, foi intendente de Sir Edward Belknap, que era primo da família Grey e assim parente do marquês de Dorset, e o marquês foi patrono de Wolsey quando o cardeal estudou em Oxford. Portanto, sim, há primos nesta história; e também o fato de que, quando fazia apenas dois ou três anos que ele retornara à Inglaterra, ele já pertencia, de algum modo, ao círculo de relações do cardeal, embora jamais tivesse visto o grande homem em pessoa; Cromwell era um homem útil a se empregar. Ele trabalhou para a família Dorset em vários de seus emaranhados processos penais. A velha marquesa o fazia procurar cortinados para a cama e tapetes para ela. Mande isto para lá. Esteja acolá. Para ela, todo mundo era serviçal. Se ela queria uma lagosta ou um esturjão, mandava encomendar, e se queria bom gosto, mandava encomendar do mesmo jeito. A marquesa passava a mão por sedas florentinas, soltando gritinhos de prazer.

— O senhor conseguiu, Sr. Cromwell — dizia ela. — E são lindíssimas. Sua próxima tarefa é descobrir como vamos pagar por elas.

Em algum lugar deste labirinto de obrigações e deveres, ele conheceu Henry Sadler, e concordou em levar o menino para sua casa.

— Ensine a ele tudo o que sabe — propôs Henry, um tanto temerosamente.

Ele combinou que buscaria Rafe quando retornasse dos negócios que faria naquela parte do país, mas escolheu um péssimo dia para isso: lama e chuva torrencial, nuvens assomando da costa. Não passava muito das duas horas quando ele chegou ensopado à porta,

mas a luz já sumia; não acha melhor ficar?, sugeriu Henry Sadler, não conseguirá chegar a Londres antes que fechem os portões. Vou tentar chegar em casa esta noite, ele respondeu. Tenho de me apresentar à corte, e também há os credores da Sra. Dorset para enxotar, sabe como é isso... A Sra. Sadler olhou para fora, apavorada, e baixou os olhos para seu filho, de quem ela teria de se separar, confiando-o, à idade de 7 anos, ao clima e às estradas.

Não se trata de falta de piedade, estes arranjos são habituais. Mas Rafe era tão pequeno que ele quase pensou que era. Seus cachos de criança foram tosados e seu cabelo ruivo se eriçava no topo da cabeça. A mãe e o pai se ajoelharam e fizeram carinhos. Depois, eles o cobriram, repuxaram e ataram com múltiplas camadas de vestes superpostas, tanto que a silhueta franzina se inflou até o formato de um pequeno barril. Ele baixou os olhos para a criança, examinou a chuva lá fora e pensou, de vez em quando eu deveria estar aquecido e seco como os outros homens; por que eles vivem assim e eu jamais consigo? A Sra. Sadler ajoelhou e prendeu o rosto do filho entre as mãos.

— Lembre-se de tudo que nós lhe dissemos — murmurou ela. — Faça suas preces. Sr. Cromwell, por favor, assegure que ele faça suas preces.

Quando ela ergueu os olhos, ele viu que estavam turvados por lágrimas e que a criança mal podia tolerar o momento, tremendo dentro de seu enorme envoltório, a ponto de chorar. Ele jogou sua capa nos ombros, despegando algumas gotas de chuva e batizando a cena.

— Bem, Rafe, o que acha? Se você for homem o bastante... — Ele ergueu a mão enluvada. A mão da criança se encaixou na sua. — Vamos ver até onde conseguimos chegar?

Pensou, melhor fazer isso rápido para que você não olhe para trás. O vento e a chuva empurraram os pais de volta para dentro. Ele alçou Rafe para a sela. A chuva os fustigava horizontalmente. Nos limites de Londres, o vento diminuiu.

Nesta época, ele morava na Fenchurch Street. À porta, um criado abriu os braços, oferecendo-se para pegar Rafe, mas ele disse:

— Nós, os afogados, vamos nos manter juntos.

A criança se tornou um peso morto em seus braços, um corpo encolhido dentro de sete camadas ensopadas de lã. Ele colocou Rafe de pé junto ao fogo; vapores se elevaram do menino. Animado pelo calor, ele abriu os dedinhos gelados e começou a se desatar e desenovelar. Que lugar é esse?, perguntou Rafe, num tom distinto e educado.

— Londres — respondeu ele. — Fenchurch Street. Nossa casa.

Ele pegou uma toalha de linho e delicadamente limpou do rosto do menino a jornada recém-concluída. Ele esfregou a cabeça. Os cabelos de Rafe se eriçaram como espetos. Liz entrou.

— Deus me guie: menino ou porco-espinho?

Rafe virou o rosto para ela. Ele sorriu. E, de pé, desmaiou de sono.

Quando a doença do suor retorna no verão de 1528, as pessoas dizem, como disseram no ano anterior, que quem não pensar no assunto, não vai pegar. Mas como não pensar? Ele manda as meninas para Londres; primeiro para a casa de Stepney e depois mais longe. Desta vez, a corte é infectada. Henrique tenta fugir da peste, movendo-se de um refúgio de caça ao outro. Ana Bolena é mandada para Hever. Lá, a febre irrompe entre os Bolena, e o primeiro a adoecer é o pai da moça. Ele sobrevive; o esposo de Maria, irmã de Ana, morre. Ana caiu doente, mas dizem que após 24 horas ela já estava de pé. Mesmo assim, a doença pode devastar a aparência de uma mulher. Não sei por qual resultado rezar, diz ele ao cardeal.

O cardeal comenta:

— Eu oro pela rainha Catarina... e também pela estimada Lady Ana. Estou orando pelos exércitos do rei Francisco na Itália, que tenham êxito, mas não tanto êxito a ponto de esquecer o quanto precisam de seu amigo e aliado, o rei Henrique. Eu oro por Sua Majestade e todos os seus conselheiros, e pelos animais no campo, e pelo Santo Padre e a Cúria, que suas decisões sejam guiadas do alto. Rezo por Martinho Lutero e por todos os corrompidos por sua heresia, e por todos aqueles que o combatem, principalmente o

chanceler do ducado de Lancaster, nosso querido amigo Thomas More. Contra toda a lógica e a observação, também peço por uma boa colheita, e que a chuva pare. Rezo por todos. É o que significa ser um cardeal. Mas só quando digo ao Todo-Poderoso, “bem, e quanto a Thomas Cromwell?”, é que Deus me responde: “Wolsey, já não disse a ti? Não sabes quando desistir?”

Quando a infecção alcança Hampton Court, o cardeal se isola do mundo. Somente quatro servos têm permissão de se aproximar dele. Quando ele reaparece, de fato parece ter passado o tempo em orações.

Ao fim do verão, quando voltam de Londres, as meninas estão crescidas, e o cabelo de Grace está clareado pelo sol. Ela fica tímida na presença do pai, e ele se pergunta se a menina agora só consegue associá-lo àquela noite em que ele a pôs na cama depois que ela recebeu a notícia de que sua mãe havia morrido. Anne diz, No próximo verão, não importa o que aconteça, prefiro ficar com você. A doença deixou a cidade, mas as preces do cardeal tiveram êxito irregular. A colheita foi pobre; os franceses são amargamente derrotados na Itália e seu comandante morre da peste.

O outono chega. Gregory voltará a seu tutor; sua relutância fica bastante evidente, ainda que poucas coisas em Gregory sejam evidentes para o pai.

— O que foi? — pergunta ele. — Qual é o problema?

O garoto não diz. Com outras pessoas ele é expansivo e vivaz, mas com o pai é reservado e polido, como se desejasse manter uma distância formal entre os dois. Ele pergunta a Johane:

— Gregory tem medo de mim?

Rápida como um dardo ao alvo, ela responde:

— Ele não é um monge; por acaso teria motivos? — Depois ela abrandava o tom. — Thomas, por que ele teria medo? Você é um bom pai; na verdade, acho que é bom até demais.

— Se ele não quer voltar para o tutor, eu posso mandá-lo para a Antuérpia, para meu amigo Stephen Vaughan.

— Gregory nunca será um homem de negócios.

— Não. — Não dá para imaginá-lo fechando um acordo sobre taxas de juros com um agente dos Fuggers ou um funcionário

ardiloso dos Médici. — Então o que faço com ele?

— Eu lhe digo o que fazer: quando ele estiver na idade certa, case-o bem. Gregory é um cavalheiro. Qualquer um vê isso.

Anne está ansiosa para começar a aprender grego. Ele imagina quem seria ideal para ensiná-la, e pergunta aos conhecidos. Ele quer alguém agradável, com quem possa bater papo durante o jantar, um jovem estudioso que venha morar na casa. Ele se arrependeu do tutor que escolheu para o filho e os sobrinhos, mas, a esta altura, já não pretende mandá-los a outro lado. O homem é encenqueiro. Houve um episódio lamentável em que um dos garotos ateou fogo no quarto porque estava lendo na cama com uma vela.

— Não teria sido Gregory, teria? — perguntou, sempre esperançoso; o professor achou que o pai estava tratando do assunto como uma piada. O homem vive mandando contas que ele acha que já pagou. Preciso de um contador doméstico, ele pensa.

Ele se senta diante de sua mesa, coberta por pilhas de desenhos e plantas para Ipswich e o Cardinal College, com estimativas dos construtores e contas para os projetos paisagísticos de Wolsey. Ele examina uma cicatriz na palma de sua mão; é uma marca antiga de queimadura, parecendo uma corda torcida. Ele pensa em Putney. Pensa em Walter. Pensa nas inquietas evasões de um cavalo arisco, no cheiro da cerveja em fermentação. Pensa na cozinha de Lambeth e no garoto de cabelos claros que costumava levar os peixes. Ele lembra como arrastou o garoto dos peixes pelos cabelos e como enfiou sua cabeça numa tina de água, mantendo-a submersa, e pensa, eu realmente fiz isso? Por que será? O cardeal provavelmente tem razão, já não há redenção para mim. A cicatriz às vezes coça; dura como um esporão ósseo. Ele pensa, preciso de um contador. Preciso de um professor de grego. Preciso de Johane, mas quem disse que posso ter o que preciso?

Ele abre uma carta. É de um padre chamado Thomas Byrd, que precisa de dinheiro; ao que parece, o cardeal lhe deve um pouco. Ele faz uma anotação para quitar a dívida e depois torna a pegar a carta. Ela menciona dois homens, dois estudantes, Clerke e Sumner. Ele conhece os nomes. São dois dos seis estudantes de Oxford que tinham livros luteranos. Prenda-os, chame-os à razão, dissera o

cardeal. Ele segura a carta, mas desvia os olhos. Ele sabe que algo tenebroso está chegando; a sombra vem deslizando pela parede.

Ele lê. Clerke e Sumner estão mortos. O cardeal deve ser informado, diz o correspondente. Sem nenhum outro lugar seguro, o reitor achou adequado trancá-los nos porões da faculdade, os porões frios e profundos usados para estocar peixes. Mesmo naquele lugar silencioso, secreto, gelado, a praga do verão os alcançou. Eles morreram no escuro e sem um padre.

Nós rezamos por todo o verão, e não foi suficiente. O cardeal simplesmente se esqueceu de seus hereges? Preciso informá-lo, ele pensa.

É a primeira semana de setembro. Sua dor reprimida se transforma em ira. Mas o que ele pode fazer com a ira? Ela também deve ser reprimida.

Contudo, quando o ano finalmente acaba e o cardeal diz, Thomas, o que deseja como presente de ano-novo?, ele responde:

— Que o senhor me dê o Pequeno Bilney. — E, sem esperar pela resposta do cardeal, acrescenta: — Meu amo, ele passou um ano na Torre. A Torre apavoraria qualquer um, mas Bilney é um homem tímido e nada forte, temo que ele seja tratado com demasiada severidade; o senhor, meu amo, se lembra de Sumner e Clerke e de como eles morreram. Senhor, use seu poder, escreva cartas, se preciso, faça uma petição ao rei. Liberte-o.

O cardeal se recosta. Ele junta as pontas dos dedos.

— Thomas. Meu querido Thomas Cromwell. Está bem. Mas padre Bilney deve retornar a Cambridge. Ele precisa desistir de seu plano de ir a Roma e se dirigir ao papa para levá-lo a um modo correto de pensar. Há calabouços muito profundos sob o Vaticano, e meu braço não poderá alcançá-lo em tais lugares.

Ele tem a resposta na ponta da língua: “O senhor não tentou alcançar os porões de seu próprio colégio”, mas se contém. A heresia — seu flerte com ela — é uma pequena indulgência que o cardeal lhe permite. Ele sempre fica contente por ter uma seleção dos mais recentes livros e todas as fofocas do Steelyard, onde vivem os mercadores alemães. Ele gosta de trocar textos e desfrutar de uma conversa após o jantar. Mas para o cardeal, qualquer ponto

conflituoso deve ser embalado em diversas camadas de um fino filamento de palavras, fino como fios de cabelo. Qualquer opinião perigosa deve ser acolchoada com sorridentes pedidos de perdão, até que se torne macia e inofensiva como as almofadas em que as pessoas se recostam. É verdade que quando soube das mortes nos porões, o cardeal se comoveu até as lágrimas.

— Como eu não fiquei sabendo? — indagava ele. — Aqueles jovens tão capazes!

Nos últimos meses, o cardeal tem chorado com facilidade, embora isto não signifique que suas lágrimas sejam menos genuínas; e, com efeito, ele agora enxuga uma lágrima, porque conhece a história; o Pequeno Bilney no Gray's Inn, depois o homem que falava polonês, os mensageiros fracassados, as crianças perplexas e o rosto de Elizabeth Cromwell congelado na fixa severidade da morte. Ele se inclina sobre a mesa.

— Thomas, por favor, não se desespere. Você ainda tem suas filhas. E, com o tempo, talvez queira casar-se novamente.

Eu sou uma criança que não pode ser consolada, pensa. O cardeal pousa a palma da mão sobre a mão do amigo. As estranhas pedras cintilam sob a luz, exibindo suas profundezas: uma granada como uma bolha de sangue; uma turquesa com um brilho de prata; um diamante com uma centelha de ouro acinzentado, como o olho de um gato.

Ele jamais contará ao cardeal sobre Maria Bolena, ainda que surja o impulso. Talvez Wolsey risse, talvez ficasse escandalizado. Ele deve transmitir o conteúdo, e omitir o contexto.

Outono, 1528: ele está na corte, a serviço do cardeal. Maria está correndo em sua direção, as saias erguidas, mostrando um fino par de meias de seda verdes. A irmã, Ana, estaria em seu encalço? Ele espera para ver.

Ela para abruptamente.

— Ah, é o senhor!

Ele não imaginou que Maria o reconheceria. Ela apoia a mão contra o forro da parede, recuperando o fôlego, e pousa a outra no



ombro dele, como se fosse apenas parte do muro. Maria ainda é deslumbrante em sua beleza; loura, de feições suaves.

— Meu tio, nesta manhã... — diz ela. — Meu tio Norfolk. Ele estava praguejando contra o senhor. Eu perguntei à minha irmã, quem será este homem terrível?, e ela respondeu...

— É aquele homem que se parece com uma parede?

Maria retira a mão. Ela ri, enrubesce e, com ligeira elevação de seu peito, tenta recuperar o fôlego mais uma vez.

— Qual era a queixa de meu lorde de Norfolk?

— Ah... — Ela sacode a mão para se abanar. — Ele disse, cardeais, legados, nunca houve felicidade na Inglaterra quando tivemos cardeais entre nós. Ele diz que o cardeal de York está espoliando as casas nobres, diz que ele terá todos os meios para governar diretamente e os lordes serão como meninos de escola fugindo de uma surra. Não que se deva levar a sério algo do que eu digo...

Maria parece frágil, ainda sem fôlego: mas o olhar do outro a incita a falar. Ela solta uma risadinha e continua.

— Meu irmão George também esbravejava. Ele disse que o cardeal de York nasceu num asilo de miseráveis e que emprega um homem que nasceu no esgoto. O senhor meu pai disse: "Ora vamos, meu caro rapaz, não perde nada por ser exato: ele não nasceu exatamente no esgoto, mas creio que no pátio de um cervejeiro, pois certamente não se trata de um cavalheiro." — Maria recua um passo. — O senhor parece um cavalheiro. Gosto de seu veludo cinza, onde encontrou isto?

— Itália.

Ele foi promovido, na sua função de parede. A mão de Maria se insinua novamente; distraída, ela o afaga.

— Poderia me conseguir um pouco? Embora talvez seja um pouco sóbrio para uma mulher, não?

Não para uma viúva, ele pensa. O pensamento deve estar estampado em sua testa, porque Maria comenta:

— Vê? É isso mesmo. William Carey está morto.

Ele faz uma medida de cabeça e é muito correto; Maria o alarma:

— A corte sente muita falta dele. Como também deve sentir.  
Ela suspira.

— Ele era bondoso. Dadas as circunstâncias.

— Deve ter sido difícil para a senhora.

— Quando voltou sua atenção para Ana, o rei achou que, sabendo como são as coisas na França, ela aceitaria uma... determinada posição, na corte. E em seu coração, como colocou o rei. Ele disse que abandonaria todas as outras cortesãs. As cartas que escreveu, de próprio punho...

— Sério?

O cardeal sempre diz que ninguém consegue fazer o rei escrever uma carta pessoalmente. Nem mesmo a outro rei. Nem ao papa. Nem quando poderia fazer diferença.

— Sim, desde o verão passado. Ele escreve e, às vezes, onde assinaria Henricus Rex... — Ela pega a mão dele, vira a palma da mão e, com o indicador, traceja uma forma. — No lugar onde assinaria o nome, em vez disso ele desenha um coração, e dentro ele coloca suas iniciais. Ah, não ria... — Ela não consegue conter o sorriso em seu rosto. — O rei diz que está sofrendo.

Ele tem ganas de dizer, Maria, estas cartas, você pode roubá-las para mim?

— Minha irmã diz, isto aqui não é a França, e eu não sou uma idiota como você, Maria. Ela sabe que fui amante de Henrique e vê como fui abandonada. E tirou uma lição disso.

Ele quase não ousa respirar: mas Maria já não se controla, ela dirá o que bem quiser.

— É o que eu lhe digo, esses dois cruzarão o inferno por este matrimônio. Eles fizeram um juramento. Ana diz que o rei será dela e não se importa se Catarina e todos os espanhóis acabem afogados no mar. E o que Henrique quer, ele terá, e o que Ana quer, ela terá e, como conheço os dois, eu posso afirmar isto, quem melhor? — Seus olhos são frágeis e se enchem de lágrimas. — É por isso — continua ela —, que sinto falta de William Carey, porque agora Ana é tudo, e eu serei varrida após o jantar como forração velha. Agora que não sou esposa de ninguém, eles me dizem tudo o que lhes

ocorre. Meu pai diz que sou apenas uma boca a alimentar e meu tio Norfolk diz que sou uma meretriz.

Como se ele mesmo não a tivesse transformado nisto.

— Está precisando de dinheiro?

— Ah, sim! — exclama ela. — Sim, sim, sim, e ninguém nem sequer pensou nisso! Até agora, ninguém havia me feito esta pergunta. Eu tenho filhos. O senhor sabe. Eu preciso... — Ela pressiona os dedos contra a boca para impedi-la de tremer. — Se visse meu filho... bem, por que acha que eu o batizei como Henrique? O rei o teria admitido como filho, assim como reconheceu Richmond, mas minha irmã o proibiu, e ele faz o que ela manda. Ela pretende dar um príncipe ao rei, e por isso não quer meu menino entre os filhos legítimos.

Relatórios sobre o tema foram enviados ao cardeal: o filho de Maria Bolena é um menino saudável, com cabelos de ouro-rubro e apetite voraz. Ela tem uma filha, mais velha, mas, nestas circunstâncias, uma filha não é tão interessante.

— Quantos anos tem seu filho agora, Lady Carey?

— Fará 3 em março. Minha menina, Catarina, tem 5. — Mais uma vez, ela toca os lábios, consternada. — Eu esqueci... Sua esposa faleceu. Como pude esquecer?

Ele se pergunta como ela chegou a saber, mas ela dá a resposta imediatamente.

— Ana sabe de tudo o que acontece com as pessoas que trabalham para o cardeal. Ela faz perguntas e anota as respostas num caderno. — Ela o encara. — E o senhor, tem filhos?

— Sim... ninguém pensa em me fazer esta pergunta também, sabe? — Ele encosta um ombro contra o forro, ela se aproxima um centímetro e seus rostos se abrandam, talvez, de sua habitual tensão, adentrando a cumplicidade dos castigados. — Tenho um rapaz — responde. — Está em Cambridge com um tutor. Tenho uma menina chamada Grace; ela é linda e tem cabelos louros, embora eu não... Minha esposa não era uma beldade, e eu sou como está vendo. E tenho Anne; Anne quer aprender a falar grego.

— Que coisa — comenta ela. — Para uma mulher, sabe...

— Sim, mas ela diz: “Por que a filha de Thomas More deveria ter a preeminência?” Ela tem palavras ótimas. E usa todas.

— É sua preferida.

— A avó dela vive conosco, e também a irmã de minha mulher, mas não é... para Anne, não é a melhor solução. Eu poderia mandá-la para alguma outra família, mas aí... bem, o grego dela... e, já desta forma, eu quase nunca a vejo. — À exceção de Wolsey, parece o discurso mais longo que ele faz a alguém há muito tempo. Ele diz:

— Seu pai deveria sustentá-la apropriadamente. Vou pedir ao cardeal para falar com ele. — O cardeal vai adorar isso, ele pensa.

— Mas eu preciso de um novo marido. Para que eles parem de me insultar. O cardeal pode conseguir maridos para as mulheres?

— O cardeal consegue qualquer coisa. Que tipo de marido deseja?

Ela pondera.

— Alguém que tome conta de meus filhos. Alguém que possa fazer frente à minha família. Alguém que não morra. — Ela torna a apertar os lábios.

— A senhora também deveria pedir alguém jovem e bonito. Quem não pede, não ganha.

— É mesmo? Eu fui criada na outra tradição.

Então provavelmente foi uma criação diferente de sua irmã, ele pensa.

— No baile de máscaras, no Palácio de York, lembra? A senhora foi a Beleza, ou a Bondade?

— Ah... — ela sorri —, isso deve fazer, o quê? Sete anos? Não lembro. Eu me fantasiei tantas vezes.

— Claro, mas ainda é ambas as coisas.

— Isso era tudo que me interessava. Fantasias. Mas eu me lembro de Ana. Ela foi a Perseverança.

— A virtude particular de sua irmã talvez venha a ser testada.

O cardeal Campeggio chegou com ordens de Roma para obstruir; obstruir e adiar. Fazer qualquer coisa, mas evitar um veredicto.

— Ana vive escrevendo cartas ou rabiscando em seu caderninho. Ela anda de lá para cá, de cá para lá. Quando vê meu pai, ela ergue a palma da mão para ele, não ouse falar... E quando me vê, ela me

dá um beliscão. Assim... — Maria pinça o ar com os dedos da mão esquerda. — Desse jeito. — Ela passa os dedos de sua mão direita pelo pescoço, até chegar à artéria pulsante acima da clavícula. — Bem aqui — diz ela. — Às vezes me machuca. Ela quer me deixar desfigurada.

— Eu falarei com o cardeal.

— Por favor.

Ela espera. Mas ele precisa partir. Tem coisas a fazer.

— Eu não quero mais ser uma Bolena — conclui Maria. — Ou uma Howard. Se o rei reconhecesse meu filho, seria diferente, mas do jeito que estão as coisas, não quero mais nenhum baile de máscaras ou festas e fantasias de virtudes. Eles não têm virtude alguma. É tudo um teatro. Se não querem me aceitar, eu não quero aceitá-los. Prefiro virar mendiga.

— Sinceramente... Não é preciso chegar a este ponto, Lady Carey.

— Sabe o que quero? Quero um marido que irrite essa gente. Quero me casar com um homem que os apavore.

Uma súbita chama surge no azul dos olhos dela. Uma ideia se acende. Ela pousa um dedo delicado sobre o veludo cinza que tanto admira, e diz suavemente:

— Quem não pede, não ganha.

Thomas Howard como tio? Thomas Bolena como pai? Com o tempo, o rei como cunhado?

— Eles a matariam — conclui ele.

Ele acha que não deve ampliar a declaração, mas apenas deixar que pareça como um fato.

Ela ri, morde o lábio.

— Claro. Claro que matariam. O que estou pensando? De qualquer modo, fico grata pelo que já fez. Pelo intervalo de paz que me proporcionou esta manhã; pois enquanto eles estão esbravejando sobre o senhor, não estão esbravejando a meu respeito. Um dia, Ana vai querer falar com o senhor. Ela mandará chamá-lo, e o senhor ficará lisonjeado. Ela terá um trabalhinho para o senhor ou buscará alguma recomendação. Portanto, antes que isso

aconteça, ouça este conselho. Dê meia-volta e corra na direção contrária.

Ela beija a ponta de seu indicador e leva o dedo aos lábios dele.

Aquela noite o cardeal não necessita dele, que, portanto, parte para sua casa em Austin Friars. Sua vontade é de colocar distância entre si e todos os Bolena. Certos homens ficariam fascinados por uma mulher que foi amante de dois reis, mas ele não pertence àquele grupo. Ele pensa na irmã, Ana, e questiona por que ela teria algum interesse em sua pessoa: é possível que ela receba informações por meio do que Thomas More chama de "sua angelical confraria", mas mesmo assim é intrigante: os Bolena não parecem ser uma família que se preocupa muito com suas almas. Tio Norfolk tem padres para fazer esse trabalho em seu lugar. Ele detesta pensamentos e jamais lê um livro. O irmão George tem interesse em mulheres, caçadas, roupas, joias e partidas de tênis. Sir Thomas Bolena, o encantador diplomata, só se interessa por si mesmo.

Ele quer contar a alguém o que aconteceu. Não há ninguém com quem ele possa falar, e portanto ele conta para Rafe.

— Acho que o senhor está imaginando — responde Rafe severamente. Seus olhos pálidos se arregalam com a história das iniciais dentro do coração, mas ele nem sequer sorri. Ele restringe sua incredulidade para a proposta de casamento. — Provavelmente, ela quis dizer outra coisa.

Ele dá de ombros; difícil saber que outra coisa.

— O duque de Norfolk cairia sobre nós como uma matilha de lobos — comenta Rafe. — Ele viria até aqui e atearia fogo à nossa casa. — O rapaz balança a cabeça.

— Mas e os beliscões: para quê?

— Proteção. Evidentemente — retruca Rafe.

— Pode levantar suspeitas.

— Ninguém presta atenção em Maria hoje em dia. — Rafe acrescenta, acusatório: — Exceto o senhor.

Com a chegada do enviado papal a Londres, a casa quase régia de Ana Bolena é dispersada. O rei não quer os assuntos misturados; o cardeal Campeggio está aqui para lidar com as tribulações de seu casamento com Catarina, que são completamente distintas, ele

insistirá, de qualquer sentimento que nutre por Lady Ana. Ela é mandada para Hever e sua irmã parte com ela. Um boato retorna a Londres, de que Maria está grávida. Rafe comenta:

— Com todo o respeito, senhor, tem certeza de que só ficou encostado na parede?

A família do marido morto alega que não pode ser filho do falecido, e o rei também nega. É triste ver a rapidez com que o povo presume que o rei está mentindo. O que Ana pensa do assunto? Ela levará algum tempo para sair de seu mau humor, enquanto desfruta da zona rural.

— Maria levará beliscões até ficar roxa — diz Rafe.

Sem saber exatamente o quanto ele está interessado, gente de toda a cidade lhe conta a fofoca. Ele se entristece, duvida, pondera sobre os Bolena. Agora ele vê e ouve de modo diferente tudo o que aconteceu entre ele e Maria. Sua pele se arrepia quando ele pensa que, caso tivesse ficado orgulhoso e suscetível, se tivesse dito sim para ela, em breve se tornaria pai de um filho nada semelhante a um Cromwell e muito semelhante a um Tudor. Como um stratagema, cabe até admirar. Maria pode parecer uma boneca, mas não é burra. Quando correu pela galeria mostrando as meias verdes, ela já tinha o olho afiado sobre sua presa. Para os Bolena, as pessoas são para usar e descartar. Os sentimentos dos outros nada significam, ou suas reputações, ou os nomes de suas famílias.

Ele sorri à ideia de que os Cromwell têm um nome de família. Ou alguma reputação a defender.

Qualquer que seja a verdade, no fim das contas nada aconteceu. Talvez Maria tenha se enganado ou o boato não passou de maldade; Deus sabe que a família dá ensejo. Talvez tenha havido um bebê e ela o perdeu. A história perde força, sem qualquer conclusão definitiva. Não há bebê algum. É como um dos estranhos contos de fada do cardeal, onde a própria natureza é pervertida e as mulheres são serpentes e aparecem e desaparecem segundo sua vontade.

A rainha Catarina teve um filho que desapareceu. No primeiro ano de seu casamento com Henrique, ela abortou um feto, mas os médicos disseram que ela estava grávida de gêmeos, e o próprio cardeal se lembra da rainha na corte com os espartilhos afrouxados

e um sorriso secreto no rosto. Ela se recolheu aos aposentos para confinamento de parto e, após algum tempo, emergiu com os laços apertados, o ventre reto e sem bebê.

Deve ser uma especialidade Tudor.

Pouco tempo depois, ele ouviu dizer que Ana tomara a custódia do filho de sua irmã, Henry Carey. Ele se pergunta se ela tem intenção de envenená-lo. Ou devorá-lo.

1529, Ano-Novo: Stephen Gardiner está em Roma, enviando certas ameaças ao papa Clemente, em nome do rei; o conteúdo das ameaças não foi divulgado ao cardeal. Clemente já se desespera com facilidade em épocas mais auspiciosas, e, com o Sr. Stephen Gardiner bafejando enxofre em seus ouvidos, não é surpresa quando o papa adocece. Dizem que é muito provável que ele morra, e os agentes do cardeal se encontram em ação por toda a Europa, fazendo sondagens e contando aliados, tilintando suas bolsas alegremente. Aí está uma solução rápida para o problema do rei: Wolsey como papa, embora este resmungue um pouco sobre sua possível eleição; o cardeal ama seu país, as guirlandas de maio, o terno canto dos pássaros. Em seus pesadelos, ele vê italianos cuspiendo, uma floresta de forcas, uma planície coberta de cadáveres.

— Talvez eu o leve comigo, Thomas. Você pode ficar a meu lado e fazer um movimento rápido se um cardeal daqueles tentar me apunhalar.

Ele imagina seu senhor cravejado de punhais, como São Sebastião trespassado por flechas.

— Por que o papa tem de viver em Roma? Onde está escrito isso?

Um lento sorriso se espalha sobre o rosto do cardeal.

— Trazer a Santa Sé para casa... Por que não? — Wolsey adora um plano ousado. — Eu não poderia trazê-la para Londres, poderia? Ah se eu fosse arcebispo da Cantuária... eu poderia instalar minha corte papal no Palácio de Lambeth... mas o velho Warham dura, e dura, e sempre me frustra...

— Vossa Eminência poderia se mudar para sua própria Sé.



— York é muito remota. Eu não poderia levar o papado para Winchester, poderia? O que você acha? Nossa antiga capital inglesa? E mais perto do rei?

Que regime incomum seria este. O rei jantando com o papa, que também é seu lorde chanceler... Será que o rei teria de entregar o guardanapo a Wolsey, e servi-lo primeiro?

Quando chegam as notícias da recuperação de Clemente, o cardeal não diz, uma gloriosa chance perdida. Ele diz, Thomas, o que faremos agora? Precisamos abrir a corte legal, isto já não pode ser adiado. Vá e encontre um homem chamado Anthony Poynes para mim.

Ele se ergue, os braços cruzados, esperando por mais e melhores detalhes.

— Tente a Ilha de Wight. E traga-me Sir William Thomas, a quem creio encontrará em Carmarthen; ele é um ancião, então diga a seus homens que sejam pacientes.

— Eu não emprego nenhum homem paciente. — Ele assente com a cabeça. — Mesmo assim, entendo a questão: não matar as testemunhas.

O julgamento do grande drama do rei está chegando. Henrique pretende provar que a rainha Catarina já não era mais virgem quando se tornou sua esposa, tendo consumado o casamento com seu irmão Artur. Para este fim, ele está reunindo os cavaleiros que deram assistência ao casal real após o matrimônio no Castelo de Baynard, e depois em Windsor, para onde a corte se mudou em novembro daquele ano, e mais tarde em Ludlow, onde foram enviados para apresentações como príncipe e princesa de Gales.

— Artur — diz Wolsey — teria mais ou menos a sua idade se estivesse vivo, Thomas. — Os presentes, as testemunhas, são no mínimo de uma geração anterior. E tantos anos se passaram... Vinte e oito, para ser preciso. Quão precisas serão suas memórias?

A situação jamais deveria ter chegado a este ponto — a esta exposição pública e detestável. O cardeal Campeggio implorou que Catarina aceitasse o desejo do rei, que aceitasse que seu casamento é inválido e se recolhesse a um convento. A rainha respondeu que certamente se converteria a freira se o rei se convertesse a monge.

Enquanto isso, ela apresenta razões por que a corte não deveria julgar o caso. Primeiro de tudo, o tema ainda está sub judice em Roma. Além disso, alega a rainha, ela é uma estrangeira num país estrangeiro — ela ignora as décadas em que foi íntima de cada detalhe da política inglesa. A rainha diz que os juízes têm preconceito contra ela; certamente, ela tem razões para crer nisso. Campeggio põe a mão no coração e lhe garante que dará um veredicto honesto, mesmo temendo por sua vida. Catarina o considera íntimo demais de seu emissário; para ela, qualquer um que passa muito tempo com Wolsey já não sabe mais o que é honestidade.

Quem está aconselhando Catarina? John Fisher, o bispo de Rochester.

— Sabe o que não suporto neste homem? — pergunta o cardeal.  
— Ele é só pele e osso. Eu abomino esse prelado esquelético. Faz com que o resto de nós pareça indigno. Parecemos demasiado... materialistas.

Vestido em seus mais belos escarlates, Wolsey exhibe toda sua pompa quando o rei e a rainha são levados à presença dos dois cardeais em Blackfriars. Todos imaginavam que Catarina enviaria um representante, mas, em vez disso, ela apareceu pessoalmente. Toda a bancada de bispos estava presente. O rei respondeu à chamada de seu nome, numa voz completa e retumbante que emergiu de seu grande peitoral adornado de joias. Ele, Cromwell, teria aconselhado um gesto de mão, um murmúrio, uma mesura de cabeça para a autoridade da corte. A maior parte das demonstrações de humildade é falsa, mas, em sua opinião, a falsidade pode ser vitoriosa.

O salão está lotado. Ele e Rafe são espectadores distantes. Mais tarde, quando a rainha conclui seu discurso — alguns homens foram vistos chorando —, os dois saem à luz do sol.

— Se estivéssemos mais perto, teríamos visto se o rei ousou encarar a rainha — diz Rafe.

— Verdade. Realmente, isto é tudo que importa saber.

— Sinto em dizer, mas eu acredito em Catarina.

— Shhh. Não acredite em ninguém.

Algo bloqueia a luz. É Stephen Gardiner, vestindo negro e uma carranca, com aparência nada favorecida pela recente viagem a Roma.

— Sr. Stephen! — cumprimenta ele. — Como foi a viagem de volta? Nunca é agradável voltar de mãos vazias, não é mesmo? Ando sentindo pena do senhor. Em todo caso, acho que fez o melhor que pôde.

A carranca de Gardiner se acentua.

— Se esta corte não der ao rei o que ele quer, seu amo estará acabado. E aí será minha vez de ter pena do senhor.

— Só que jamais teria.

— Eu jamais teria — concorda Gardiner; e se vai.

A rainha não retorna à corte para a parte sórdida dos procedimentos. Seu conselheiro fala em seu nome; ela disse ao confessor como permaneceu intocada após suas noites com Artur e lhe deu permissão para romper o sigilo do confessor e tornar pública sua afirmação. A rainha já se pronunciou diante da maior corte que existe, a corte de Deus; por acaso ela mentiria, arriscando-se à danação de sua alma?

Além disso, há outro ponto, que todos têm em mente. Depois que Artur morreu, ela foi apresentada aos possíveis noivos — no caso, o velho rei ou o jovem príncipe Henrique — como carne fresca. Eles poderiam ter chamado algum médico para examiná-la. Ela se assustaria, choraria; mas teria aceitado. Talvez agora Catarina sinta que seria preferível desta forma; que eles tivessem convocado um homem de mãos frias. Mas nunca pediram que ela provasse o que alegava; talvez as pessoas não fossem tão descaradas naquele tempo. A dispensa para seu casamento com Henrique cobria as duas hipóteses: virgem ou não virgem. Os documentos espanhóis são diferentes dos documentos ingleses, e é nisto que a corte deveria concentrar-se agora, nas subcláusulas, examinando documentos e assinaturas, e não batendo boca numa corte sobre um pedaço de pele e uma mancha de sangue num lençol de linho.

Se ele fosse seu conselheiro, teria conservado a rainha no tribunal, por mais que ela protestasse. Afinal, por acaso as testemunhas falariam diante dela como falaram pelas suas costas?

Ela temeria encará-los, cada um enrugado, grisalho e equipado com uma memória perfeita, mas ele a incitaria a cumprimentá-los cordialmente e declarar que jamais poderia reconhecê-los depois de tanto tempo, a perguntar se tinham netos e se o calor do verão aliviava suas dores e fadigas de velhos. A maior vergonha seria deles: será que não hesitariam, não vacilariam, sob o firme escrutínio dos olhos honestos da rainha?

Sem a presença de Catarina, o julgamento se torna um espetáculo obscuro. O conde de Shrewsbury se apresenta à corte, um homem que batalhou ao lado do velho rei em Bosworth. Ele recorda sua própria e remota noite de núpcias, quando era, como o príncipe Artur, um rapaz de 15 anos; declara que nunca havia possuído uma mulher, mas que cumpriu seu dever para com sua noiva. Na noite de núpcias de Artur, Shrewsbury e o conde de Oxford conduziram o príncipe à câmara de Catarina. “Sim”, diz o marquês de Dorset, “e eu também estava lá; Catarina se deitou sob o lençol, o príncipe deitou na cama junto dela.”

— Ninguém vai jurar que deitou na cama com eles — sussurra Rafe. — Mas eu me pergunto se não acharam alguém...

A corte terá de se contentar com o que foi dito na manhã seguinte. O príncipe, saindo da câmara da noiva, disse que tinha sede e pediu uma taça de cerveja a Sir Anthony Willoughby. “Ontem à noite, visitei a Espanha”, declarara Artur. A piada rude de um rapaz arrastada de volta à luz; sendo que, durante trinta anos, o rapaz foi um cadáver. Quão solitário é morrer jovem, descer à escuridão sem qualquer companhia! Maurice St. John não partiu com ele para seu mausoléu na Catedral de Worcester: e nem o Sr. Cromer e nem William Woodall, e nem qualquer dos homens que ouviram suas palavras: “Senhores, ter uma esposa é um bom passatempo.”

Após escutar tudo isso e sair ao ar livre com Rafe, ele se sente estranhamente gelado. Ele põe a mão na bochecha, toca o osso do rosto. Rafe comenta:

— Se alguém saísse pela manhã e dissesse, “Bom-dia, senhores, nada feito!”, seria um noivo bastante lastimável. Ele estava se gabando, não estava? Isso é tudo. Esta gente se esquece de como é ter 15 anos.

Exatamente enquanto a corte está em sessão, o rei Francisco sofre uma derrota na Itália. O papa Clemente está prestes a assinar um novo tratado com o imperador, sobrinho da rainha Catarina. Ele não sabe disto quando diz:

— Este é o resultado de um dia ruim. Se queríamos que a Europa risse de nós, agora eles têm todos os motivos.

Ele olha para Rafe de soslaio, cujo problema é, evidentemente, que ele não consegue imaginar alguém desejando penetrar Catarina, nem mesmo um rapaz ansioso de 15 anos. Seria o mesmo que copular com uma estátua. Claro, Rafe não ouviu o cardeal falando sobre os antigos atrativos da rainha.

— Bem, eu não emitirei nenhuma conclusão. E é isto mesmo que a corte fará. É tudo que podem fazer... Rafe, você está bem mais próximo destas questões. Eu já não recordo como era ter 15 anos.

— Sério? O senhor não tinha mais ou menos 15 anos quando foi parar na França?

— Sim, provavelmente tinha.

Wolsey:

— Artur teria mais ou menos sua idade, Thomas, se tivesse sobrevivido.

Ele se lembra de uma mulher de Dover, apoiada contra uma parede; seus pequenos ossos frágeis, seu rosto jovem, vazio, pálido. Ele tem uma vaga sensação de pânico, de perda; e se a piada do cardeal não for uma piada, e se a terra estiver coberta de filhos seus e ele jamais fez coisa alguma por eles? Esta é a única coisa honesta a se fazer: cuidar de seus filhos.

— Rafe — diz ele —, sabia que não fiz meu testamento? Eu disse que faria, mas nunca fiz. Acho que preciso ir para casa e esboçá-lo.

— Por quê? — Rafe parece pasmo. — Por que agora? O cardeal vai querer sua presença.

— Vamos para casa.

Ele pega o braço de Rafe. À sua esquerda, uma mão toca a sua: dedos descarnados. Um fantasma passa: Artur, deliberado e pálido. Ele pensa, o rei Henrique, você o coroou; e agora você o derruba.

Julho, 1529: Thomas Cromwell de Londres, varão. De posse de todas as faculdades de corpo e memória. A seu filho Gregory, 666 libras, 13 xelins e 4 pence. Colchões de plumas, travesseiros e a colcha turca de cetim amarelo, a cama de carpintaria de Flandres e a cômoda talhada e as cristaleiras, as pratas, os folheados e 12 colheres de prata. E os arrendamentos de terras a serem administradas pelos executores em seu nome até que ele atinja a maioridade, e outras 200 libras em ouro naquela data. Dinheiro para os executores para a criação e o dote de casamento de sua filha Anne e sua caçula Grace. Um dote de casamento para sua sobrinha Alice Wellyfed; roupas, paletós e coletes para seus sobrinhos; para Mercy, todos os tipos de coisas domésticas e alguma prataria e tudo o mais que os executores julgarem de direito. Uma herança a Johane, irmã de sua esposa morta, e seu marido John Williamson, e um dote de casamento para a filha dos mesmos, também Johane. Dinheiro para seus criados. Quarenta libras a serem divididas entre quarenta donzelas pobres em seus casamentos. Vinte libras para consertos das estradas. Dez libras para alimentar prisioneiros pobres nas prisões de Londres.

Seu corpo deve ser enterrado na paróquia onde ele falecer: ou segundo decisão dos executores.

O restante de seu patrimônio deve ser gasto em missas para seus pais.

A Deus, sua alma. A Rafe Sadler, seus livros.

Quando a peste do verão retorna, ele pergunta a Mercy e Johane, será que devemos mandar as crianças para longe daqui?

Para onde, pergunta Johane: não em desafio a ele, apenas querendo saber.

Mercy diz: será que alguém consegue ser mais rápido que a peste? Eles se confortam com a crença de que, após matar tanta gente no ano anterior, a infecção não será tão violenta naquele ano, coisa que ele não acredita ser necessariamente verdade. Em sua opinião, todos parecem dotar a peste de uma inteligência humana, ou pelo menos animal: o lobo ataca as ovelhas, mas não nas noites

em que os homens e os cães estão montando guarda. Talvez pensem que a peste é mais que animal ou humana — que Deus está por trás dela, Deus, aplicando seus velhos truques. Quando ouve as más notícias da Itália sobre o novo tratado de Clemente com o imperador, Wolsey baixa a cabeça e diz: “Meu Senhor é caprichoso.” Ele não se refere ao rei.

No último dia de julho, o cardeal Campeggio declara recesso da corte legatina. É o feriado romano, ele diz. Chegam notícias de que o duque de Suffolk, o grande amigo do rei, esmurrou a mesa diante de Wolsey e o ameaçou explicitamente. Todos sabem que a corte jamais se reunirá novamente. Todos sabem que o cardeal falhou.

Naquela noite com Wolsey, pela primeira vez ele acredita que o cardeal será derrubado, e pensa, se ele cair, eu caio com ele; minha reputação é negra.

É como se a piada do cardeal se materializasse: como se ele chafurdasse em córregos de sangue, deixando em seu rastro uma trilha de janelas esvaçadas e incêndios, de viúvas e órfãos. O povo diz, Cromwell: aí está um homem mau. O cardeal não fala sobre o que está acontecendo na Itália ou o que aconteceu na corte legal. Ele comenta:

— Fui informado de que a doença do suor está de volta. O que devo fazer? Devo morrer? Já lutei quatro batalhas com ela. No ano... qual ano?... Acho que foi 1518... Agora você vai achar graça, mas é tudo verdade: quando o suadouro me abandonou, eu estava igual ao bispo Fisher. Minha carne desapareceu. Mas Deus me ergueu e me sacudiu.

— Vossa Eminência ficou esquelético? — diz ele, tentando forçar um sorriso. — Gostaria que tivesse encomendado um retrato naquela ocasião.

Pouco antes que os feriados romanos chegassem, o bispo Fisher disse na corte que nenhum poder, humano ou divino, pode dissolver o casamento entre um rei e uma rainha. Se há uma coisa que ele gostaria de ensinar a Fisher é que nunca se deve fazer grandes proclamações. Ele tem uma ideia do que a lei é capaz de fazer, e é diferente do que pensa o bispo Fisher.

Até aquele dia, todos os dias, todas as noites, se alguém dissesse a Wolsey que uma coisa era impossível, ele apenas riria. Aquela noite, quando conseguiram encorajá-lo a pronunciar alguma coisa, ele disse, o rei Francisco, meu amigo, está derrotado, e eu também estou derrotado. Não sei o que fazer. Com peste ou sem peste, acho que vou morrer.

— Preciso ir para casa — diz ele. — Mas o senhor me daria uma bênção?

Cromwell se ajoelha diante do cardeal. Wolsey ergue a mão e, como se tivesse esquecido o que estava prestes a fazer, deixa que ela paire no ar. Ele diz:

— Thomas, não estou preparado para ir ao encontro de Deus.

Ele ergue os olhos, sorrindo.

— Talvez Deus também não esteja pronto para encontrá-lo.

— Espero que você esteja comigo quando eu morrer.

— Mas isto acontecerá numa data consideravelmente distante.

Ele balança a cabeça.

— Se você tivesse visto como Suffolk me atacou hoje. Ele, Norfolk, Thomas Bolena, Thomas Lord Darcy, todos apenas aguardavam por isso, por meu fracasso nesta corte, e agora fico sabendo que estão elaborando uma série de artigos, compondo uma lista de acusações de como prejudiquei a nobreza e assim por diante; eles escrevem um compêndio chamado... como vão chamá-lo mesmo? "Vinte Anos de Insultos"? Estão remexendo um caldeirão em que despejam os restos de cada ofensa, segundo a versão deles, ou seja, de cada porção de verdade que eu lhes disse... — Ele emite um suspiro profundo, crepitante, e olha para o teto, com a Rosa Tudor em relevo.

— Não haverá qualquer caldeirão desta espécie na cozinha de Vossa Eminência — responde ele. Ele se levanta, olha para o cardeal e tudo o que enxerga é mais trabalho a ser feito.

— Liz Wykys — diz Mercy — não teria gostado que suas filhas fossem exiladas no campo. Especialmente porque, até onde sei, Anne chora se não vê você.



— Anne? — Ele está pasmo. — Anne chora?

— O que você acha? — pergunta Mercy, com certa aspereza. — Acha que seus filhos não amam você?

Ele deixa que ela mesma decida. As meninas ficam em casa. É a decisão errada. Mercy pendura os sinais da doença dos suores na porta da frente. Ela se pergunta, como isto aconteceu? Nós areamos, esfregamos o chão, não acho que dê para encontrar uma casa mais limpa que a nossa em toda Londres. Fazemos nossas preces. Nunca vi uma criança orar como Anne. Ela reza como se fosse para a guerra.

Anne é a primeira a cair doente. Mercy e Johane gritam e sacodem a menina para mantê-la acordada; dizem que, se a pessoa dorme, ela morre. Mas a força da doença é mais forte que elas e, exausta, Anne desmaia contra o travesseiro, lutando para respirar, e piora mais ainda, em negra rigidez, movendo apenas a mão, abrindo e contraindo os dedos. Ele segura a mão da filha e tenta pará-la, mas é como a mão de um soldado, ávida por uma luta.

Mais tarde, Anne se ergue, pergunta pela mãe. Ela pede o caderno em que escrevera seu nome. Ao amanhecer, a febre diminui. Johane se desfaz em lágrimas de alívio e Mercy a dispensa para dormir. Anne se esforça para sentar, ela vê o pai claramente, sorri, diz o nome dele. As mulheres trazem uma bacia de água salpicada de pétalas de rosa e lavam seu rosto; ela estica os dedos, hesitante, e empurra as pétalas para o fundo; cada uma se torna uma barca transportando água, uma taça, um graal perfumado.

Mas quando o sol se levanta, a febre ataca novamente. Ele não deixa que comecem tudo outra vez, os beliscões e cutucões, as sacudidas; ele a entrega às mãos de Deus, e pede a Deus que tenha misericórdia. Ele fala com a filha, mas ela não dá sinais de que ouve. Ele não tem medo do contágio, pois pensa, se o cardeal pôde sobreviver a esta praga por quatro vezes, tenho certeza de que não corro riscos, e, se morrer, já fiz meu testamento. Ele se senta com a filha, observando o peito agitado, assistindo enquanto ela luta e é derrotada. O pai não está lá quando ela morre — Grace já caiu doente e ele está ocupado em pô-la na cama. Assim, ele está fora do quarto, logo ali, e quando o chamam para dentro, o rostinho

severo da filha já se abrandou em doçura. Ela parece passiva, plácida; a mão já está pesada, mais pesada do que ele pode carregar.

Ele sai do quarto.

— Ela estava aprendendo grego...

Claro, diz Mercy, ela era uma criança maravilhosa, sua verdadeira filha. Ela se apoia no ombro dele e chora.

— Anne era inteligente e boa, e, você sabe, era linda à sua maneira.

O pensamento que ele não concluiu: Anne estava aprendendo grego; talvez agora ela saiba.

Grace morre nos braços dele; ela morre tranquilamente, tão naturalmente quanto nasceu. Ele a deita de volta nos lençóis úmidos: uma criança de impossível perfeição, os dedos se abrindo como finas folhas brancas. Jamais a conheci, ele pensa; nunca me dei conta de que a tive. Para ele, sempre pareceu inexplicável que algum ato seu, algo impensado que fez com Liz em alguma noite imemorial, tivesse dado vida a Grace. Eles haviam escolhido o nome Henry para um menino, Katherine para uma menina, e, Liz dissera, isso também honrará sua irmã Kat. Mas quando ele a viu, embalada, bela, completa e perfeita, pensou em algo bastante diferente, e Liz concordou. Mas não podemos ter a graça. Não merecemos.

Ele pergunta ao padre se sua filha mais velha pode ser enterrada com seu caderno de exercícios, onde ela escreveu seu nome: Anne Cromwell. O padre diz que nunca ouviu falar de uma coisa assim. Ele está cansado e furioso demais para brigar.

Suas filhas estão agora no Purgatório, um país de fogueiras lentas e escarpas de gelo. Em que parte dos Evangelhos se fala em “Purgatório”?

Tyndale diz, agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; mas o maior destes é o amor.

Thomas More pensa que é uma tradução deliberadamente equivocada. Ele insiste que o correto é “a caridade”. More seria capaz de acorrentar alguém por uma tradução diferente. Por uma diferença em seu grego, seria capaz de matar.

Mais uma vez, ele se pergunta se os mortos precisam de tradutores; talvez em algum momento, na simples passagem ao não ser, eles aprendam tudo que precisam saber.

Tyndale diz:

— “O amor nunca falha.”

Chega outubro. Wolsey preside, como sempre, as reuniões do conselho do rei. Mas nas cortes de justiça, quando inicia o período de festas de São Miguel, ordens judiciais são movidas contra o cardeal. Ele é acusado de enriquecimento. É acusado de exercer poder. Especificamente, é acusado de apoiar uma jurisdição estrangeira no território do rei — isto é, de cumprir sua função como legado papal. O que eles querem dizer é isto: ele é alter rex. Ele é, e sempre foi, mais imperioso que o rei. Se isto é um crime, ele é culpado.

Assim, agora eles se pavoneiam pelo Palácio de York, o duque de Suffolk, o duque de Norfolk: os dois maiores nobres do reino. Suffolk, com sua barba loura eriçada, parece um porco entre trufas; ele recorda como um homem rubro provocava náuseas em seu lorde cardeal. Norfolk parece apreensivo e, enquanto revira as posses do cardeal, fica evidente que espera encontrar bonecos de cera, talvez de si mesmo, talvez com longos alfinetes enfiados por todo o corpo. O cardeal realizou seus feitos graças a um pacto com o demônio: esta é a opinião arraigada de Norfolk.

Ele, Cromwell, manda os homens embora. Mas eles retornam. Retornam com mandados mais altos e complexos e assinaturas mais importantes, e trazem consigo o Arquivista-mor. Eles se apoderam do Grande Selo do lorde cardeal.

Norfolk o olha de soslaio e lhe dirige um sorriso rápido, matreiro. Ele não sabe por quê.

— Venha visitar-me — diz o duque.

— Por quê, meu senhor?

Norfolk deixa cair os cantos da boca. Ele não se explica.

— Quando?

— Não há pressa — responde Norfolk. — Venha quando tiver modos melhores.

É 19 de outubro de 1529.

## Nota

\* Tal qual brota o azevinho/ E jamais perde a cor/ Sempre fui, eu também/ Fiel a meu amor.// Verde brota o azevinho/ assim também nasce a hera./ Mesmo quando o inverno sopra ventos bravios.// Tal qual brota o azevinho/ Com a hera tão só/ Quando flores não se veem/ E as folhas se tornam pó//Verde brota o azevinho. (N. da T.)

### **III Tudo ou nada**

*Dia de Todos os Santos, 1529*

Véspera de Todos os Santos: os limites do mundo exsudam e sangram. Esta é a época em que os encarregados do Purgatório, seus funcionários e carcereiros, escutam os vivos, que oram pelos mortos.

Nesta época do ano, ele e Liz fariam vigília junto com sua paróquia. Eles rezariam por Henry Wykys, pai dela; pelo esposo morto de Liz, Thomas Williams; por Walter Cromwell e primos distantes; por nomes já semiesquecidos, meio-irmãs mortas há muito e enteados perdidos.

Na noite passada, ele fez a vigília sozinho. Ficou acordado, desejando que Liz estivesse de volta; esperando que ela chegasse e se deitasse a seu lado. É verdade que ele está em Esher com o cardeal, e não em casa, em Austin Friars. Mas, ele pensa, Liz sabe como me encontrar. Ela procurará pelo cardeal, atraída pelo incenso e pelas velas para o espaço entre os dois mundos. Onde quer que o cardeal esteja, lá estarei eu.

Neste ponto, ele deve ter adormecido. Quando chega a luz do dia, o quarto está tão vazio que parece vazio até de seu ocupante.

Dia de Todos os Santos: a tristeza chega em vagalhões. Agora ela ameaça derrubá-lo. Ele não acredita que os mortos retornem; mas isto não o impede de sentir o resvalar das pontas dos dedos delas, de suas asas contra seu ombro. Desde a noite anterior, elas não parecem formas e rostos individuais, mas uma massa sólida agregada, carnes batendo entre si, a textura densa como criaturas do mar, os rostos nauseados com um lustro submarino.

Agora ele se coloca junto a uma fresta da janela, com o livro de preces de Liz na mão. Sua filha Grace gostava de observar o pai, e hoje ele sente a pressão dos dedinhos dela sob os seus. Aqui estão as preces de Nossa Senhora para as horas canônicas, as páginas ilustradas com uma pomba, um vaso de lírios. O ofício é Matinas, e Maria ajoelha num piso de lajotas pretas e brancas. O anjo a saúda e as palavras de seu louvor estão escritas num pergaminho, que se desenrola de suas mãos cerradas como se suas palmas falassem. Suas asas são coloridas: azul-celeste.

Ele vira a página. O ofício é Laudes. Aqui há uma imagem da Visitação. Maria, com seu ventre pequenino, é saudada por sua prima grávida, Santa Isabel. Suas testas são altas, as sobrelhas precisas e elas parecem surpresas, como certamente ficaram, pois uma era virgem, a outra, idosa. Flores da primavera crescem a seus pés e cada mulher usa uma coroa translúcida, feita de fios cintilantes tão finos quanto cabelos de ouro.

Ele vira a página. Grace, silenciosa e pequenina, vira a página com ele. Oração da Hora Prima. A imagem é da Natividade: um alvo menino Jesus repousa nas dobras do manto de sua mãe. Oração da Hora Sexta: os magos oferecem taças preciosas; às suas costas há uma cidade num monte, uma cidade da Itália, com seus campanários, sua vista das campinas onduladas e a linha nebulosa das copas das árvores. Oração da Hora Nona: José leva uma cesta de pombas para o Templo. Ofício de Vésperas: uma adaga enviada por Herodes abre uma ferida num bebê horrorizado. Uma mulher

ergue as mãos em protesto, ou prece: as palmas eloquentes, desamparadas. O cadáver do bebê derrama três gotas de sangue, cada uma na forma de uma lágrima. Cada lágrima de sangue é de um preciso carmim.

Ele ergue os olhos. Como um resíduo da ilustração, a forma das lágrimas flutua em seus olhos; a imagem se turva. Ele pisca. Alguém está caminhando em sua direção. É George Cavendish. Suas mãos juntas se torcem, o rosto é uma máscara de preocupação.

Ele reza, não deixe que ele fale comigo. Que George passe direto.

— Sr. Cromwell — diz Cavendish. — Creio que está chorando. O que há? Recebeu más notícias sobre seu amo?

Ele tenta fechar o livro de Liz, mas Cavendish o detém.

— Ah, está rezando. — Ele parece impressionado.

Cavendish não consegue ver os dedos da menina tocando as páginas, ou as mãos da esposa que segura o livro. George simplesmente vê as imagens, de cabeça para baixo. Ele respira fundo e diz:

— Thomas...?

— Estou chorando por mim mesmo. Vou perder tudo, tudo pelo que trabalhei, toda a minha vida, porque serei derrubado com o cardeal e... não, George, não me interrompa... porque fiz o que ele me pediu para fazer, e fui seu amigo e seu braço direito. Se eu tivesse continuado em meu trabalho na cidade, em vez de perambular pelo campo fazendo inimigos, seria um homem rico; e você, George, eu o convidaria para minha nova casa de campo e pediria conselhos sobre mobília e canteiros de flores. Mas olhe para mim! Estou arruinado.

George tenta falar: ele balbucia um gemido em consolo.

— A não ser que... George, a não ser que... O que você acha? Eu mandei meu garoto Rafe para Westminster.

— O que ele vai fazer lá?

Mas ele está chorando novamente. Os fantasmas se reúnem, ele sente frio, sua posição é irreversível. Na Itália, ele aprendeu um sistema de memória, de modo que pode recordar qualquer coisa: cada estágio de como chegou até aqui.



— Acho que eu deveria ir até lá ficar com ele.  
— Por favor — replica Cavendish —, não antes do jantar.  
— Não?  
— Porque precisamos pensar em como pagar aos criados de meu lorde cardeal.

Um momento passa. Ele fecha o livro de preces para si e o aninha em seus braços. Cavendish trouxe aquilo que ele precisava: um problema contábil.

— George, você sabia que os capelães de meu amo enxamearam para cá atrás dele, cada um ganhando... quanto? Cem, 200 libras por ano, devido à liberalidade do cardeal? Assim, eu acho... Vamos obrigar os capelães e padres a pagarem o soldo aos criados domésticos, pois o que eu acho, o que eu notei, é que os criados amam meu lorde cardeal, mais que seus padres. Pois bem, vamos jantar agora, e depois do jantar eu passarei uma descompostura nos padres e farei com que rasguem suas veias e sangrem dinheiro. Precisamos pagar ao menos um trimestre aos criados, e um sinal para conservá-los até o dia da restauração de meu amo.

— Bem — diz George —, se há alguém capaz de fazer isso, esse alguém é você.

Ele se vê sorrindo. Talvez seja um sorriso tenebroso, mas ele jamais imaginou que sorriria neste dia.

— Quando isto estiver resolvido, vou deixá-lo. Estarei de volta assim que assegurar uma cadeira no Parlamento.

— Mas o Parlamento se reúne em dois dias... Como conseguirá isso agora?

— Não sei, mas alguém precisa representar meu amo. Ou eles vão trucidá-lo. — Ele vê a mágoa e o choque do outro, e tem ganas de retirar o que disse, mas é a verdade. — Só me resta tentar. Antes de tornar a vê-lo, vai ser tudo ou nada.

George quase se curva.

— Tudo ou nada — murmura ele. — Sempre foi seu lema.

Cavendish perambula entre os criados, dizendo, Thomas Cromwell estava lendo um livro de preces, Thomas Cromwell estava chorando. Só então George percebe como a situação é realmente terrível.

Era uma vez, na Tessália, um poeta chamado Simônides. Ele foi convocado a comparecer a um banquete dado por um homem chamado Escopas e recitar um poema em homenagem a seu anfitrião. Poetas têm estranhos caprichos, e em seus versos Simônides incorporou estrofes em louvor de Castor e Pólux, os Gêmeos Celestiais. Escopas ficou insatisfeito e disse que só pagaria metade do valor: “Quanto ao resto, peça aos Gêmeos”.

Pouco depois, um servo entrou no salão. Ele murmurou a Simônides que havia dois jovens do lado de fora, perguntando por ele pelo nome.

Simônides se ergueu e deixou o salão de jantar. Ele procurou os dois jovens, mas ninguém encontrou.

Quando deu meia-volta para retornar e terminar seu banquete, Simônides ouviu um terrível barulho de pedras rachando e desmoronando. Ouviu os gritos das vítimas quando o teto do salão desabou. De todos os convivas, ele foi o único a escapar com vida.

Os corpos foram tão esmagados e desfigurados que os parentes dos mortos não puderam identificá-los. Mas Simônides era um homem notável. Tudo que ele via ficava gravado em sua mente. Ele orientou cada um dos parentes através das ruínas e, apontando para os restos mortais esmagados, dizia, aí está seu homem. Para ligar os mortos a seus nomes, ele se guiou pela disposição dos assentos em sua lembrança.

É Cícero quem nos conta esta história. Ele nos ensina como Simônides inventou a arte da memorização naquele dia. O poeta recordava nomes, rostos, alguns azedos e inchados, outros alegres, outros enfadados. Ele lembrava exatamente onde todos estavam sentados no momento em que o teto desabou.

## **TERCEIRA PARTE**

## **I O truque das três cartas**

*Inverno de 1529 — Primavera de 1530*

Johane:

— Você diz: “Rafe, arranje-me uma cadeira no novo Parlamento.” E lá vai ele, feito uma menina que recebeu ordem de trazer a roupa lavada para dentro.

— Foi mais difícil que isso — retruca Rafe.

Johane pergunta:

— E como você poderia saber?

Na grande maioria, os assentos na Câmara dos Comuns são outorgados por lordes; por nobres, bispos, o próprio rei. Quando pressionados de cima, um magro punhado de eleitores geralmente faz o que lhes é ordenado.

Rafe conseguiu-lhe o condado de Taunton. É terreno de Wolsey; eles não teriam lhe dado o assento se o rei não tivesse aprovado, se Thomas Howard não tivesse aprovado. Ele mandou Rafe a Londres para testar o incerto território das intenções do duque, para descobrir o que havia por trás daquele sorriso ardiloso. “Muitíssimo obrigado, senhor.”

Agora ele sabe.

— O duque de Norfolk — diz Rafe — acredita que meu lorde cardeal tem tesouros enterrados, e acha que o senhor sabe onde estão.

Eles conversam a sós. Rafe:

— Norfolk vai pedir que o senhor trabalhe para ele.

— Sim. Talvez não com tantas palavras.

Ele observa o rosto de Rafe enquanto avalia a situação. À exceção do filho bastardo do rei, Norfolk já é o nobre mais elevado do reino.

— Eu garanti a Norfolk que ele tem o seu respeito — diz Rafe —, sua... sua reverência, seu desejo de estar a seu... sua... hã...

— Às suas ordens?

— Mais ou menos isso.

— E o que ele falou?

— Ele disse, Hmm.

Ele ri.

— E qual foi o tom dele?

— O de sempre.

— Com aquele sorriso tétrico?

— Sim.

Pois bem. Secarei minhas lágrimas, as lágrimas do Dia de Todos os Santos. Sentarei com o cardeal junto à lareira de Esher, num salão com uma chaminé fumegante. Direi, meu amo, acha que eu o abandonaria? Localizarei o homem encarregado de chaminés e lareiras e lhe darei ordens. Partirei para Londres, para Blackfriars. O dia será nebuloso, Dia de São Humberto. Norfolk está à espera, para dizer que será um bom amo para mim.

O duque está agora perto de completar 60 anos, mas não faz concessões ao calendário. De rosto severo e olho afiado, tão esbelto quanto um osso roído e tão frio quanto a cabeça de um machado, suas articulações parecem atadas por delgados elos de corrente — de fato, há um chocalhar quando ele caminha, pois suas roupas

escondem relicários, pequenos porta-joias em que leva sobras de pele e mechas de cabelos, e medalhões engastados com lascas de ossos de mártires. “Ave Maria!”, ele diz, como uma praga, e “Creio em Deus Pai!”, e às vezes faz surgir uma medalha ou um amuleto de onde quer que esteja pendurado em sua pessoa e o beija com fervor, clamando que algum santo ou mártir impeça que sua ira momentânea o domine por completo. “São Judas, dai-me paciência!”, ele berra, provavelmente confundindo o santo com Jó, de quem ouvia falar quando menino, escutando a história no colo de seu primeiro padre. É difícil imaginar o duque como uma criança pequena, ou em qualquer forma mais jovem ou diferente do que é agora. Norfolk acha que a Bíblia é um livro desnecessário para o povo leigo, mas compreende que os padres tenham alguma utilidade para ela. O duque acha que ler livros é uma completa afetação e gostaria que houvesse menos destas coisas na corte. Sua sobrinha, Ana Bolena, vive lendo, o que talvez explique por que está solteira aos 28 anos. Ele não vê por que seria trabalho de um nobre escrever cartas; para isto, existem secretários.

Agora ele fixa seu olhar vermelho e irascível.

— Cromwell, alegre-me em saber que é um parlamentar.

Ele faz uma mesura.

— Meu amo.

— Falei com o rei a seu respeito, e ele também está satisfeito. Seguirá as ordens de Henrique nos Comuns. E as minhas.

— E elas serão as mesmas, meu amo?

O duque franze as sobrancelhas. Ele marcha de um lado ao outro; ouve-se o chocalho; por fim, ele explode:

— Maldito seja, Cromwell, por que tem que ser esse tipo de... indivíduo? Você não está exatamente em posição de escolher.

Ele espera, sorrindo. Sabe o que o duque quer dizer. Ele é um indivíduo, uma presença. Sabe como se infiltrar obscuramente num salão sem que ninguém o veja, mas talvez estes dias estejam acabados.

— Sorria o quanto quiser — retruca o duque. — A casa de Wolsey é um ninho de víboras. Não que eu... — Ele toca uma medalha, estremecendo. — Deus me livre...

Ele compara um príncipe da Igreja a uma serpente. O duque quer o dinheiro do cardeal e a posição do cardeal junto ao rei; por outro lado, porém, não deseja arder no inferno. Ele perambula pela sala, bate palmas, esfrega as mãos, dá meia-volta.

— O rei está preparado para confrontá-lo, meu caro. Ah, sim. Ele lhe concederá uma entrevista porque deseja compreender os assuntos do cardeal, mas, como descobrirá, Henrique tem uma memória muito longa e precisa, e o que ele recorda, senhor, é a outra ocasião em que foi representante parlamentar e se manifestou contra a guerra.

— Espero que ele não continue pensando em invadir a França.

— Maldito seja! E qual inglês não pensa nisso? Nós somos donos da França. Temos que recuperar o que é nosso. — Um músculo salta em seu rosto; ele marcha, agastado, dá meia-volta, esfrega o rosto e, quando o espasmo acaba, diz, numa voz perfeitamente casual:

— Veja bem, o senhor tem razão.

Ele espera.

— Não podemos vencer — diz o duque —, mas temos que lutar como se pudéssemos. Ignorar as despesas, ignorar as perdas: dinheiro, homens, cavalos, navios. É isso que está errado com Wolsey, vê? Sempre na mesa de negociação. Como um filho de açougueiro poderia entender...

— *La gloire?*

— Seu pai era açougueiro?

— Ferreiro.

— É mesmo? Ferra cavalos?

Ele dá de ombros.

— Se tiver de fazê-lo, meu senhor... Mas não posso imaginar...

— Não pode? O que não pode imaginar? Um campo de batalha, um acampamento, a noite antes do confronto... Conseguir imaginar isso?

— Eu já fui soldado.

— Foi mesmo? Não em qualquer exército inglês, eu aposto. Aí está, vê? — O duque sorri, quase sem animosidade. — Eu sabia que havia algo errado. Eu sabia que não gostava de algo, mas não conseguia desvendar a razão. Onde lutou?

— Garigliano.

— Com?

— Os franceses.

O duque assovia.

— Lado errado, amigo.

— Já notei.

— “Com os franceses”. — Ele ri. — “Com os franceses”. E como conseguiu se arrastar para fora daquele desastre?

— Parti para o norte. Entrei para o ramo do... — Ele quase fala “dinheiro”, mas o duque não compreenderia o que seria o ramo do dinheiro. — Tecido. Seda, em geral. O senhor sabe como é o mercado, com os soldados por lá.

— Por Deus Pai! Pois é! João Mascate. Encheu a burra de dinheiro. Aqueles suíços! Parecem uma trupe de atores mambembes. Rendas, listras, chapéus bonitos. Alvo fácil, só isso. Arqueiro?

— De vez em quando. — Ele sorri. — Não fui muito agraciado neste quesito.

— Nem eu. Mas Henrique maneja um arco, e muito bem. Ele tem a altura para isso. Tem o braço. Mesmo assim, não venceremos mais tantas batalhas como aquela.

— E que tal não lutar em batalha alguma? Negocie, senhor. É mais barato.

— Eu vou lhe dizer uma coisa, Cromwell, tem muita coragem de aparecer por aqui.

— Senhor... O senhor mandou me chamar.

— Mandei? — Norfolk parece alarmado. — Chegamos a esse ponto?

Os conselheiros do rei estão preparando nada menos que 44 acusações contra o cardeal. Elas variam da violação dos Estatutos de Praemunire — ou seja, o estabelecimento de uma jurisdição estrangeira dentro do território do rei — à compra de carne para sua casa pelo mesmo preço pago pelo rei; de malversação financeira ao fracasso em deter o avanço das heresias luteranas.



A Lei de Praemunire data de outro século. Ninguém mais sabe exatamente o que ela significa. Com o passar do tempo, a lei passa a significar aquilo que o rei bem quiser. O assunto é discutido em cada mesa de debates da Europa. Enquanto isso, o cardeal senta e ora murmura para si mesmo, ora fala em voz alta:

— Thomas, minhas universidades! Não importa o que aconteça com a minha pessoa, as universidades têm de ser salvas. Vá até o rei. Não importa que vingança ele esteja a planejar para mim, seja qual for o motivo imaginário, ele certamente não pretende instaurar as trevas sobre o aprendizado, certo?

No exílio de Esher, o cardeal perambula e se desespera. A grande mente que outrora revolveia os assuntos da Europa agora pondera incessantemente sobre as próprias perdas. Ele mergulha em silenciosa inatividade, refletindo enquanto a luz do dia se apaga; pelo amor de Deus, Thomas, implora Cavendish, não diga ao cardeal que você vai chegar se na verdade não virá.

Eu não direi, responde ele, mas chegarei, embora às vezes fique retido. A Câmara se reúne até tarde, e antes de sair de Westminster tenho de reunir as cartas e petições para o cardeal e falar com todas as pessoas que desejam enviar mensagens sem colocá-las por escrito.

Entendo, Thomas, diz Cavendish, mas..., Cavendish geme, ...você não imagina como estão as coisas aqui em Esher. Que horas são?, o cardeal vive perguntando. A que horas Cromwell estará aqui? E uma hora depois, repete: Cavendish, que horas são? Ele nos manda esperar do lado de fora com tochas, e pede pareceres sobre o clima; como se Thomas Cromwell fosse homem de ser detido por granizo ou neve. Depois, ele indaga, e se Thomas sofreu algum acidente na estrada? A estrada que vem de Londres é cheia de ladrões. Quando o sol se vai, os agentes do malefício fervilham pelos descampados e charnecas. Então ele começa a dizer, este mundo é cheio de armadilhas e ilusões, e eu caí em muitas delas, miserável pecador que sou.

Quando ele, Cromwell, finalmente tira sua capa de montaria e desaba numa poltrona junto ao fogo — pelo sangue de Cristo, aquela chaminé fumegante! —, antes que ele consiga recuperar o

fôlego, o cardeal já o interroga. O que disse o lorde de Suffolk? Como lhe pareceu meu amo de Norfolk? O rei, você o viu? Ele falou com você? E Lady Ana, ela está bem de saúde, tem boa aparência? Você inventou algum método para agradá-la? Pois nós precisamos agradá-la, você sabe, não?

Ele responde:

— Há uma forma rápida de agradar a dama, e é coroando-a rainha.

Ele se cala sobre o assunto de Ana e não tem mais nada a dizer. Maria Bolena diz que Ana o notou, embora, até há pouco, não desse mostras disso. Seus olhos passavam por ele no caminho para observar alguém que lhe interessava mais. São olhos negros, ligeiramente protuberantes, cintilantes como as contas de um ábaco; são vívidos e estão sempre em movimento, como se ela se ocupasse dos cálculos de sua própria ascensão. Entretanto, tio Norfolk deve ter dito a ela: “Lá vai o homem que conhece os segredos do cardeal”, porque agora, quando ele entra em seu campo de visão, o longo pescoço de Ana se vira rápido; as contas negras e cintilantes fazem clic, clic, enquanto ela o examina de alto a baixo e decide que utilidade pode ser extraída daquela pessoa. Ele supõe que Ana se encontra em bom estado de saúde quando o ano se aproxima de seu término; por exemplo, ela não tosse como um cavalo doente, nem manca. E julga que, dependendo do gosto do freguês, ela tem boa aparência.

Certa noite, pouco antes do Natal, ele chega tarde a Esher e o cardeal está sentado, ouvindo um rapaz tocando alaúde.

— Mark, obrigado, pode ir agora.

O garoto se curva para o cardeal; ele meneia a cabeça vagamente, o cumprimento adequado a um membro do Parlamento. Enquanto o músico se retira da sala, o cardeal diz:

— Mark é muito habilidoso, e um rapaz agradável; no Palácio de York, ele era um de meus coristas. Acho que não deveria mantê-lo aqui, mas enviá-lo ao rei. Ou a Lady Ana, talvez, já que ele é um jovem tão belo. Será que ela o apreciaria?

O menino se demora na saída, para absorver os elogios. Um duro olhar cromwelliano — o equivalente a um chute — o toca para

fora. Ele gostaria que as pessoas não lhe perguntassem o que Lady Ana aprecia ou deixa de apreciar.

— O lorde chanceler More me enviou alguma mensagem? — indaga o cardeal.

Ele derruba um maço de papéis sobre a mesa.

— O senhor parece indisposto, meu amo.

— Sim, estou indisposto. Thomas, o que faremos?

— Subornaremos pessoas. Seremos pródigos e generosos com os bens que restam a Vossa Eminência; pois o senhor ainda tem benefícios a utilizar, ainda tem terras. Ouça, meu amo: mesmo que o rei tome tudo que é seu, as pessoas perguntarão, o rei pode realmente dar a outros o que pertence ao cardeal? Ninguém a quem ele conceda terras terá confiança em sua propriedade, a menos que o senhor dê sua confirmação. Assim, meu amo, ainda lhe restam... o senhor ainda tem cartas na manga.

— E se no fim, se ele quisesse fazer uma acusação de traição...

— A voz falha ao cardeal. — Se ele...

— Se ele quisesse acusá-lo de traição, a esta hora o senhor já estaria na Torre.

— De fato; e com a cabeça separada do corpo, que utilidade eu teria para ele? Assim são as coisas: ao me degradar, o rei pretende dar uma dura lição ao papa. Ele quer indicar, "Eu, rei da Inglaterra, sou senhor em minha própria casa". Ah, mas será mesmo? Ou Lady Ana é a senhora? Ou Thomas Bolena é o senhor? Uma pergunta que não deve ser feita, pelo menos não fora desta sala.

A batalha agora é falar a sós com o rei; descobrir suas intenções — se é que o próprio rei sabe quais são — e negociar um acordo. O cardeal necessita urgentemente de dinheiro vivo, esta será a primeira escaramuça. Dia após dia, ele espera por uma entrevista. O rei estende uma das mãos, recebe toda a correspondência que ele lhe oferece, examina o selo do cardeal. Ele não olha para o outro, apenas murmura um distraído "Obrigado".

Um dia o rei o encara e diz:

— Sr. Cromwell, sim... Não posso falar sobre o cardeal. — E quando ele abre a boca para falar, o rei declara: — Não compreendeu? Não posso falar sobre ele. — Seu tom é polido,

intrigado. — Outro dia — ele conclui. — Eu o convocarei. É uma promessa.

Quando o cardeal pergunta: “Como o rei lhe pareceu hoje?”, responde ele, como se não dormisse.

O cardeal ri.

— Se ele não dorme, é porque não está caçando. Esta terra congelada é muito dura para as patas dos cães, eles não podem sair. É a falta de ar fresco, Thomas. Não é sua consciência.

Mais tarde, ele se lembrará daquela noite no fim de dezembro, quando encontrou o cardeal ouvindo música. Ele a passará por sua mente, duas vezes, várias vezes.

Isso porque, quando deixou o cardeal e começou a pensar na estrada à frente, na noite, ele ouviu a voz de um rapaz falando atrás de uma porta entreaberta: era Mark, o alaudista.

— Pois então, por minhas habilidades, ele diz que me mandará para Lady Ana. E eu tenho é que ficar satisfeito, pois que razão há em continuar aqui se qualquer dia desses o rei vai acabar decapitando o velho? Acho que ele deveria fazer isso, porque o cardeal é orgulhoso demais. Hoje foi o primeiro dia em que ele me fez um elogio.

Uma pausa. Alguém fala, uma voz abafada; ele não consegue identificar quem. Depois, Mark novamente:

— Sim, é claro que o advogado cairá com ele. Eu o chamo de advogado, mas quem ele é? Ninguém sabe. Dizem que ele matou homens com suas próprias mãos e nunca se purgou no confessionário. Mas esses homens endurecidos, eles sempre choram quando veem o carrasco.

Ele não tem dúvidas de que é sua própria execução o que Mark está prevendo. Do outro lado da parede, o garoto continua:

— Assim, quando eu estiver com Lady Ana, ela certamente me notará e me dará presentes. — Uma risadinha. — E me favorecerá. Não acha? Enquanto ela ainda está recusando o rei, quem sabe a quem poderia recorrer?

Uma pausa. E novamente Mark.

— Ela não é donzela. Não mesmo.

Um diálogo fascinante: conversa de criados. Mais uma vez se ouve uma réplica abafada, e depois Mark:

— E você acredita que ela poderia passar pela corte francesa e voltar donzela? Mais que a irmã? E Maria foi cavalgada de tudo quanto é homem.

Mas isto não é nada. Ele está decepcionado. Esperava especificidades; isto é apenas o *on dit*. Mas ele ainda hesita, e não se move.

— Além do mais, Tom Wyatt a usou e todo mundo sabe disso, até em Kent. Eu estive em Penshurst com o cardeal, e você sabe que o palácio é perto de Hever, onde vive a família da dama; a casa dos Wyatts fica a uma cavalgada rápida.

Testemunhas? Datas?

Mas, em seguida, ouve-se um “Shh!” da pessoa desconhecida e novamente uma risada baixa.

Não se pode fazer nada com isso. A não ser guardar na memória. A conversa é em flamengo: língua da terra natal de Mark.

Chega o Natal, e o rei permanece em Greenwich com a rainha Catarina. Ana está no Palácio de York; o rei pode subir o rio para encontrá-la. Dizem as mulheres que a companhia dela é restrita: as visitas do rei são curtas, poucas e discretas.

Em Esher, o cardeal se recolhe à cama. Outrora, ele jamais faria isso, mas agora sua aparência adoentada é suficiente justificativa. Ele diz:

— Nada acontecerá enquanto o rei e Lady Ana estiverem trocando seus beijos de Ano-Novo. Estamos a salvo de incursões até o Dia de Reis. — Ele vira a cabeça, enterrada nos travesseiros e diz, veemente: — Pelo corpo de Cristo, Cromwell. Vá para casa.

A casa de Austin Friars está decorada com guirlandas de hera e azevinho, de loureiro e ramalhetes de teixos. A cozinha está movimentada, alimentando os vivos, mas este ano eles omitem suas canções e brincadeiras habituais do Natal. Nenhum ano trouxe tanta devastação quanto o que terminara. Sua irmã Kat e seu cunhado Morgan Williams foram ceifados da vida tão rápido quanto suas

filhas — num dia caminhando e conversando, no dia seguinte frios como pedras, atirados em suas covas junto ao Tâmis e enterrados fora do alcance das cheias, além das vistas e do cheiro do rio, surdos agora para o som do sino rachado da igreja de Putney, para o cheiro de tinta fresca, de lúpulo, de cevada maltada, e o odor ainda animal de fardos de lã; mortos para o aroma outonal de resina de pinho, das velas de maçã, dos bolinhos das almas no forno. Quando o ano acaba, dois órfãos são acrescentados à casa, Richard e o menino Walter. Morgan Williams era um falastrão, mas à sua maneira era inteligente e trabalhara duro por sua família. E Kat — bem, nos últimos tempos ela compreendia o irmão quase tão bem quanto compreendia os movimentos das estrelas; “Nunca consigo decifrá-lo, Thomas”, ela dizia, o que ele sentia ser um fracasso seu, pois afinal, quem ensinou Kat a contar nos dedos e desvendar uma conta de mercado?

Se quisesse dar a si mesmo um conselho de Natal, ele diria: deixe o cardeal agora ou logo você estará nas ruas novamente com o truque das três cartas. Mas ele só dá conselhos a pessoas que os seguirão.

A família tem uma grande estrela dourada em Austin Friars, que é pendurada no salão na noite de Ano-Novo. Por uma semana ela brilha, para receber os convidados na Epifania. Desde o verão, Thomas e Liz começavam a pensar nas fantasias dos Três Reis Magos, cobijando e estocando cada retalho de todos os tecidos estranhos que viam, todos os novos enfeites; em outubro, Liz costurava em segredo, melhorando as vestimentas do ano anterior, agregando novos apliques brilhosos, forrando um ombro e aumentando uma barra, montando fantásticas coroas a cada ano. A parte dele era pensar nos presentes que os reis trariam em suas caixas. Uma vez um dos reis deixou cair sua cesta, espantado, quando o presente começou a cantar.

Este ano ninguém tem coragem de pendurar a estrela; mas ele a visita na despensa escura. Ele abre a capa que embala seus raios e verifica que continuam intactos e vistosos. Haverá anos melhores, quando então tornarão a alçar a estrela; mas ele não consegue imaginá-los. Ele volta a fechar a capa, contente por ver o engenho

com que foi feita e como se ajusta com exatidão. Os mantos dos Três Reis estão guardados num baú, assim como as fantasias das crianças que interpretam as ovelhas. Os cajados dos pastores estão apoiados num canto; asas de anjo pendem de um gancho. Ele as toca. Seus dedos retornam com pó. Ele afasta sua vela por precaução, tira as asas do gancho e as sacode suavemente. Elas emitem um suave cício e um leve perfume de âmbar se derrama no ar. Ele devolve as asas ao gancho e passa nelas a palma da mão, para alisá-las e deter sua trepidação. Ele pega sua vela, recua, fecha a porta, apaga a vela entre os dedos, vira a fechadura e dá a chave a Johane.

— Eu gostaria que tivéssemos um bebê. Já faz tanto tempo desde que tivemos um bebê nesta casa.

— Não olhe para mim — responde Johane.

Ele olha, claro. E diz:

— John Williamson não tem cumprido seus deveres com você ultimamente?

— O dever dele não é o meu prazer.

Enquanto se afasta, ele pensa, esta é uma conversa que não poderia ter acontecido.

No Ano-Novo, quando a noite cai, ele está sentado à escrivaninha; ele escreve cartas para o cardeal e às vezes cruza a sala até a mesa de ábacos e empurra as contas de um lado a outro. Ao que parece, em troca de uma confissão formal de culpa pelas acusações de Praemunire, o rei permitirá que o cardeal siga vivendo e lhe concederá certa medida de liberdade; mas todo o dinheiro que restar ao cardeal para manter suas propriedades será apenas uma fração de sua antiga renda. O Palácio de York já foi tomado, Hampton Court já se foi há muito, e o rei planeja como extorquir impostos e confiscar o rico bispado de Winchester.

Gregory entra.

— Trouxe velas. Minha tia Johane disse, vá ficar com seu pai.

Gregory senta. Espera. Ele se remexe. Suspira. Fica em pé e se aproxima da escrivaninha, passando diante do pai. Depois, como se alguém tivesse dito, “faça alguma coisa”, ele estica a mão timidamente e começa a arrumar os papéis.

Ele levanta os olhos para o filho, mas conserva a cabeça baixa sobre sua tarefa. Quiçá pela primeira vez desde a primeira infância de Gregory, ele nota suas mãos e fica impressionado com o que se tornaram: não são mãozinhas infantis, mas as mãos brancas, grandes e imperturbáveis do filho de um nobre. O que Gregory está fazendo? Ele arruma os documentos numa pilha. Mas que princípio está usando? Gregory não pode ler os papéis porque estão de cabeça para baixo. E também não está enfileirando de acordo com o assunto. Seria pela data? Pelo amor de Deus, o que ele está fazendo?

Ele precisa terminar esta frase, com suas muitas subcláusulas vitais. Ele levanta os olhos novamente e compreende o esquema de Gregory. É um sistema de sagrada simplicidade: os papéis grandes vão embaixo, os pequenos acima.

— Pai... — diz Gregory.

Ele suspira. Ele se move para a mesa de ábacos. Com o indicador ele move os ábacos por alguns centímetros. Depois reúne todas as contas num conjunto organizado.

Ele finalmente ergue os olhos.

— Isto era um cálculo. Não estavam num lugar qualquer em que as deixei.

— Ah, desculpe — diz Gregory educadamente. Ele se senta junto ao fogo e tenta não agitar o ar enquanto respira.

Mesmo os olhos mais ternos podem ser exigentes: sob o olhar do filho, ele pergunta:

— O que foi?

— Será que pode parar de escrever?

— Um minuto — responde ele, erguendo uma mão protetora; ele assina a carta, de sua forma habitual: “Seu fiel amigo, Thomas Cromwell.” Se Gregory está aqui para dizer que há outra pessoa na casa à beira da morte, ou que ele, Gregory, pediu a lavadeira em casamento, ou que a Ponte de Londres desabou, ele resolve se preparar para receber a notícia como um homem; mas antes tem que selar a carta. Ele ergue os olhos. — Sim?

Gregory vira o rosto. Está chorando? Uma vez que o próprio Cromwell derramou lágrimas, e em público, isto não seria de



surpreender, seria? Ele cruza a sala e se senta diante do filho, junto à lareira. Ele tira sua boina de veludo e passa as mãos pelos cabelos.

Por um longo tempo, ninguém fala. Ele baixa os olhos para as próprias mãos de dedos grossos, cicatrizes e queimaduras escondidas nas palmas. Ele pensa, cavalheiro? É o que você diz de si mesmo, mas a quem pretende enganar? Só as pessoas que jamais o viram, ou as pessoas das quais se mantém cordialmente a distância, clientes legais e seus colegas na Câmara, companheiros do Gray's Inn, os criados domésticos de cortesãos, os próprios cortesãos... Sua mente vaga em direção à próxima carta que precisa escrever. Depois Gregory diz, com a voz baixa como se tivesse afundado no passado:

— Lembra-se daquele Natal, quando houve um gigante no cortejo?

— Aqui na paróquia? Lembro.

— Ele disse: "Eu sou um gigante, meu nome é Marlinspike." Dizem que ele era tão alto quanto o mastro de Cornhill. O que é o mastro de Cornhill?

— Eles derrubaram o mastro. No ano das revoltas. O Primeiro de Maio Negro, foi como chamaram. Você era só um bebê naquela época.

— Onde está o mastro agora?

— A prefeitura o guardou.

— No ano que vem nós vamos pendurar nossa estrela de novo?

— Se nossa sorte melhorar.

— Nós seremos pobres, agora que o cardeal está acabado?

— Não.

As pequenas chamas se atizam e se elevam, observadas por Gregory.

— Lembra o ano em que pintaram minha cara de preto e me vestiram de couro de bezerro preto? Quando fui o diabo na peça de Natal?

— Lembro. — Seu rosto se abrandava. — Eu lembro.

Anne quis ser pintada, mas a mãe disse que não era adequado para uma garotinha. Agora ele gostaria de ter decidido que Anne tivesse sua vez como anjo da paróquia — mesmo que, sendo

morena, ela tivesse que usar uma das perucas de lã amarela da paróquia, que caíam de lado e atrapalhavam os olhos das crianças.

No ano em que Grace foi um anjo, ela usou asas feitas de plumas de pavão. Ele mesmo projetou o adereço. As outras meninas foram desmazeladas criaturas de penas de ganso, e suas asas caíam se roçassem nos cantos do estábulo. Mas Grace se apresentou em esplendor, os cabelos trançados com fios de prata; os ombros apoiavam uma glória espriada e fulgurante, e o ar agitado se perfumava com sua respiração. Lizzie disse, Thomas, você não conhece limites, não? Ela tem as melhores asas que essa cidade já viu.

Gregory se levanta; ele se aproxima para dar um beijo de boa-noite. Por um momento, o filho se recosta contra o pai, como se fosse uma criança; ou como se o passado, as imagens no fogo, fossem uma intoxicação.

Quando o rapaz vai para a cama, o pai desarma a pilha ordenada que Gregory compôs com seus papéis. Ele torna a dobrá-los, organizando-os com a assinatura para fora, prontos para o arquivamento. Ele pensa no Primeiro de Maio Negro. Gregory não perguntou, por que houve revoltas? As revoltas foram contra estrangeiros. Fazia pouco que ele mesmo retornara para casa.

Quando o ano de 1530 começa, ele não celebra com um banquete na Epifania, porque muitas pessoas, sensíveis à desgraça do cardeal, seriam obrigadas a recusar seu convite. Em vez disso, ele leva os jovens para o Gray's Inn, para as festividades do Dia de Reis. Ele se arrepende quase de imediato; é o ano em que elas estão mais barulhentas e mais obscenas que em qualquer outro ano de que ele se lembre.

Os estudantes de direito encenam uma peça sobre o cardeal. Eles o mostram fugindo de seu palácio em York até a barca no Tâmis. Alguns acadêmicos agitam lençóis pintados para representar o rio, e outros se adiantam e atiram água de tinas de couro na plateia. Quando o cardeal entra aos tropeções em sua barca, ouvem-se gritos de perseguição e um bobo corre para dentro do salão com

uma matilha de lontras na coleira. Outros chegam com redes e varas de pescar, para arrastar o cardeal de volta para a margem.

A cena seguinte mostra o cardeal chafurdando na lama em Putney, enquanto corre para sua caverna em Esher. Os estudantes vão e gritam quando o cardeal chora e fecha as mãos em prece. De todas as pessoas que de fato testemunharam aquele momento, quem, ele se pergunta, teria relatado a história como comédia? Se ele descobrir, ou adivinhar, pior para eles.

O cardeal se deita de costas, uma montanha escarlate; ele sacode as mãos; ele oferece seu bispado de Winchester a qualquer um que consiga colocá-lo de volta em sua mula. Sob uma estrutura coberta com couro de burro, alguns estudantes representam a mula, que saltita, faz piadas em latim e peida na cara do cardeal. Há muitos trocadilhos com bispados, bispos e paus que poderiam passar por inteligentes se estes rapazes fossem varredores de rua; contudo, ele acha que estudantes de direito deveriam fazer melhor que isso. Ele se ergue de seu assento, repugnado, e seus acompanhantes não têm escolha a não ser levantar e sair com ele.

Ele se detém para trocar uma palavra com alguns magistrados: como permitiram que isto acontecesse? O cardeal de York é um homem doente, ele pode morrer; como vocês e seus estudantes ficarão diante de Deus nessa situação? Que tipo de jovens vocês estão criando aqui, que têm a coragem de humilhar um grande homem arruinado em tempos traiçoeiros — e por cujo favor todos teriam implorado algumas semanas atrás?

Os magistrados o seguem, pedindo desculpas; mas suas vozes se perdem no rugido das gargalhadas que se derramam do salão. Seus jovens acompanhantes se demoram, lançando olhares para trás. O cardeal oferece seu harém de quarenta virgens para qualquer um que o ajude a montar; ele se senta no chão e lamenta, enquanto um membro flácido e serpentino, tricotado em lã vermelha, aparece sob seu hábito.

Do lado de fora, as tochas são fracas no ar gelado.

— Para casa — diz ele, e ouve Gregory murmurando: “Só podemos rir se ele nos dá permissão.”

Ele ouve a resposta de Rafe:

— Bem, no fim das contas, é ele o homem que está no comando.

Ele atrasa um passo, para falar com os dois.

— Além do mais, foi o perverso papa Bórgia, Alexandre, quem teve quarenta mulheres. E garanto que nenhuma era virgem.

Rafe o toca no ombro. Richard caminha à sua esquerda, mantendo a proximidade. Ele diz, delicadamente:

— Não precisa me amparar. Não sou como o cardeal. — Ele para. E ri. — Suponho que estava...

— Pois é, estava bastante divertido — diz Richard. — Aquela Eminência provavelmente tinha um metro e meio de cintura.

A noite é animada com os ruídos de chocalhos e iluminada pela chama de tochas. Uma tropa de cavaleiros de pau cruza o caminho deles, cantando, e um grupo de homens usando chifres, com sinos nos calcanhares. Quando se aproximam de casa, um menino fantasiado de laranja passa saltando com seu amigo, um limão.

— Gregory Cromwell! — gritam, e para ele, como chefe da família, eles erguem educadamente um pedaço de casca que faz as vezes de chapéu. — Que Deus lhes dê um bom Ano-Novo.

— O mesmo para vocês — responde ele. E, para o limão: — Diga a seu pai para me procurar e conversar sobre aquele arrendamento de Cheapside.

Eles chegam em casa.

— Vão dormir, já é tarde. — Ele sente que é melhor acrescentar: — Que Deus os guarde até a manhã.

Os meninos o deixam. Ele se senta diante da escrivaninha e se lembra de Grace, no fim de sua noite como anjo: parada à luz do fogo, o rosto pálido de fadiga, as íris cintilantes e os olhos das penas de pavão brilhando à luz, como topázios, dourados, fumês. Liz disse: "Fique longe da lareira, meu amor, ou suas asas vão pegar fogo." Sua menininha recuou para as sombras; as plumas adquiriram tons de cinzas e pó quando ela se deslocou para a escada, e o pai disse:

— Grace, você vai dormir com suas asas?

— Só até fazer as preces — disse a menina, com um olhar rápido sobre o ombro.

Ele a seguiu, temendo por ela, temendo pelo fogo ou algum outro perigo, sem saber qual. Ela subiu a escadaria, as asas ciciando, as plumas desaparecendo no escuro.

Ah, Cristo, ele pensa, pelo menos eu jamais terei de entregá-la a outra pessoa. Ela está morta e não terei de passá-la a nenhum pequeno aristocrata de boca enrugada e de olho no dote dela. Grace teria gostado de um título. Teria pensado que o pai deveria comprar um título para ela, por ser bonita: Lady Grace. Eu gostaria que minha filha Anne estivesse aqui, ele pensa, gostaria que Anne estivesse aqui e estivesse prometida a Rafe Sadler. Quem dera Anne fosse mais velha. Quem dera Rafe fosse mais jovem. Quem dera Anne ainda estivesse viva.

Mais uma vez, ele baixa a cabeça sobre as cartas do cardeal. Wolsey está escrevendo para os governantes da Europa, pedindo que o apoiem, que o inocentem, que lutem por sua causa. Ele, Thomas Cromwell, preferiria que o cardeal não fizesse isto, ou, se é de fato necessário, será que a cifragem poderia ser mais complexa? Não seria um ato de traição da parte de Wolsey, incitá-los a obstruir a intenção do rei? Henrique julgaria desta forma. O cardeal não está pedindo que declarem guerra a Henrique, em seu nome: está apenas pedindo que retirem sua aprovação a um rei que gosta muito de ser adorado.

Ele se recosta em sua poltrona, mãos sobre a boca, como se para silenciar sua opinião para si mesmo. Ele pensa, fico feliz por gostar de meu lorde cardeal, porque se não gostasse, e fosse seu inimigo — digamos, se eu fosse Suffolk, se eu fosse Norfolk, se eu fosse o rei — eu o levaria a julgamento na semana que vem.

A porta se abre.

— Richard? Não consegue dormir? Bem, eu sabia. A peça foi agitada demais para você.

Seria fácil sorrir agora, mas Richard não ri; seu rosto está na penumbra. Ele diz:

— Senhor, tenho uma pergunta a fazer. Nosso pai está morto e o senhor é nosso pai agora.

Richard Williams e Walter-batizado-como-o-velho-Walter-Williams: são seus novos filhos.

— Sente-se — diz ele.

— Pois bem, nós temos de mudar de sobrenome e adotar o seu?

— Você me surpreende. Do jeito que vão as coisas comigo, quem se chama Cromwell logo vai querer mudar o nome para Williams.

— Se eu tivesse seu nome, nunca o abandonaria.

— O seu pai gostaria disso? Você sabe que ele acreditava que descendia de uma princesa de Gales.

— Ah, acreditava. Quando tomava um drinque, ele dizia: quem me dá 1 xelim por meu principado?

— Mesmo assim, você tem o nome Tudor em sua linhagem. Segundo dizem alguns.

— Não diga isso — reclama Richard. — Faz com que gotas de sangue apareçam na minha testa.

— Não é tão sério. — Ele ri. — Ouça. O velho rei tinha um tio, Jasper Tudor. Jasper teve duas filhas bastardas, Joan e Helen. Helen era a mãe de Gardiner. Joan casou-se com William ap Evan: ela era sua avó.

— Só isso? Por que meu pai fazia essa história soar como algo tão profundo? Mas se sou primo do rei — Richard faz uma pausa — e primo de Stephen Gardiner... de que me serve isso? Não estamos na corte e provavelmente nunca estaremos, agora que o cardeal... bem... — Ele desvia os olhos. — Senhor... Quando estava em suas viagens, o senhor chegou a pensar que ia morrer?

— Sim. Ah, sim.

Richard o encara.

— Como se sentiu?

— Eu me senti... irritado. Parecia um desperdício, acho. Chegar tão longe. Cruzar o mar. Morrer por... — Ele dá de ombros. — Deus sabe por quê.

Richard comenta:

— Eu acendo uma vela para meu pai todo dia.

— Isso ajuda você?

— Não. Faço por fazer.

— Ele sabe que você faz isso?

— Não faço ideia do que ele sabe. O que sei é que os vivos têm que consolar uns aos outros.

— Isto me conforta, Richard Cromwell.

Richard se levanta e beija seu rosto.

— Boa-noite. *Cysga'n dawel.*

Durma bem; é a forma familiar para os que são íntimos da casa. É o uso para os pais, para os irmãos. O nome que escolhemos, o nome que construímos, faz diferença. As pessoas que morrem no campo de batalha perdem seus nomes, os cadáveres comuns sem qualquer linhagem, sem qualquer herança para si e nenhuma missa paga, nenhuma prece perpétua. A linhagem de Morgan não se perderá, disto ele está certo, embora Morgan tenha falecido num ano carregado de mortes, quando Londres jamais despia o luto. Ele toca a garganta, onde a medalha estaria, a medalha sagrada que Kat lhe dera; seus dedos se surpreendem por não encontrá-la ali. Pela primeira vez ele compreende porque a sacou e a atirou no mar. Foi para que nenhuma mão pudesse pegá-la. As ondas a levaram, e as ondas ainda a têm.

A chaminé em Esher continua a fumegar. Ele procura o duque de Norfolk — que está sempre pronto a recebê-lo — e pergunta o que será feito da criadagem do cardeal.

Neste assunto, ambos os duques são prestativos.

— Nada é mais triste — diz Norfolk — do que um homem sem senhor. Nada mais perigoso. Não importa o que pensemos do cardeal de York, fato é que ele sempre foi bem servido. Envie os servos para mim, mande-os em minha direção. Eles serão meus criados.

Ele lhe dirige um olhar inquisitivo. Ele desvia o rosto. Sabe que é cobiçado. Ele tem a expressão de uma herdeira: dissimulada, acanhada, fria.

Ele está trabalhando num empréstimo para o duque. Seus contatos estrangeiros ficaram menos que entusiasmados, ao que ele respondeu: caiu o cardeal, ergue-se o duque, como o sol da manhã, situado como braço direito de Henrique. Tommaso, eles dizem, sério,

que garantia você está oferecendo? Um velho duque que pode morrer amanhã — dizem que é colérico. Você oferece um ducado como garantia, naquela sua ilha bárbara, que vive irrompendo em guerra civil? E se seu rei obstinado dispensar a tia do imperador e instalar sua prostituta como rainha, com outra guerra chegando?

Mesmo assim, ele conseguirá um acordo. Em algum lugar.

Charles Brandon diz:

— Por aqui novamente com sua lista de nomes, Sr. Cromwell? Há alguém que recomende especificamente para mim?

— Sim, mas creio que se trata de um homem de rude estampa, e é mais adequado que eu o discuta com seu intendente de cozinha...

— Não, diga-me — diz o duque. Ele não aguenta o suspense.

— É apenas o limpador de chaminés, não se trata de assunto para Vossa Graça...

— Eu fico com ele, eu fico — diz Charles Brandon. — Gosto de um bom fogo.

Thomas More, o lorde chanceler, foi o primeiro a colocar sua assinatura em todos os artigos contra Wolsey. Dizem que, a seu pedido, uma estranha alegação foi acrescentada. O cardeal é acusado de sussurrar no ouvido do rei e bafejar em seu rosto; considerando-se que o cardeal já teve o mal-francês, sua intenção era infectar nosso monarca.

Ouvindo isso, ele pensa, imagine como é viver dentro da mente do lorde chanceler. Imagine escrever uma acusação como esta, levá-la à gráfica e fazê-la circular pela corte e pelo reino, lançá-la ao mundo, onde as pessoas acreditam em qualquer coisa; atirá-la para os pastores nas colinas, para o agricultor de Tyndale, para o mendigo das ruas e o paciente animal em seu curral ou estábulo; lá fora, para os duros ventos do inverno, e para o fraco sol da manhã, e os flocos de neve nos jardins de Londres.

\* \* \*



É uma manhã apagada, de nuvens baixas e contínuas; a luz, filtrando-se raramente pelo vidro, tem a cor do peltre manchado. Que luminosas são as cores do rei, como se fora o rei de um novo baralho de cartas: quão pequeno é seu impassível olho azul.

Há um grupo de nobres em torno de Henrique Tudor; eles ignoram sua aproximação. Só Harry Norris sorri e lhe dá um educado bom-dia. A um sinal do rei, os cavalheiros recuam a certa distância; elegantes em suas capas de montaria — é uma manhã de caça —, eles passeiam, rodopiam, agrupam-se; eles sussurram entre si, envolvidos num diálogo de cabeças meneadas e ombros erguidos.

O rei olha pela janela.

— Pois então, como está o...? — Ele parece relutar em mencionar o cardeal.

— Ele só ficará bem quando recobrar os favores de Vossa Majestade.

— Quarenta e quatro acusações — diz o rei. — Quarenta e quatro, senhor.

— Com todo o respeito, Majestade, há uma explicação para cada uma delas, e nós as apresentaremos se uma audiência nos for concedida.

— Você poderia enumerá-las aqui e agora?

— Se Vossa Majestade tiver a bondade de se sentar.

— Ouvi dizer que você é um homem preparado.

— Eu viria até aqui despreparado?

Ele responde quase sem pensar. O rei sorri. Aquela fina curvatura de lábios vermelhos. Henrique tem uma bela boca, quase feminina; é muito pequena para seu rosto.

— Em qualquer outro dia, eu o testaria — diz o rei. — Mas o lorde de Suffolk me aguarda. Acredita que a nuvem se dissipará? Eu gostaria de sair antes da missa.

— Acho que o sol sairá — responde ele. — Um bom dia para perseguir alguma coisa.

— Sr. Cromwell? — O rei se volta e o encara, abismado. — Não partilha da opinião de Thomas More, partilha?

Ele espera, sem a menor ideia do que o rei está prestes a dizer.

— *La chasse*. Ele crê que é barbarismo.

— Ah, compreendo. Não, Majestade, apoio qualquer esporte que seja mais barato que a batalha. A questão é que... — Como colocar? — Em alguns países, eles caçam ursos, lobos e javalis. Outrora encontrávamos estes animais na Inglaterra, quando tínhamos nossas grandes florestas.

— Meu primo na França diz que há javalis para caçar. De vez em quando ele diz que me enviará alguns. Mas sinto que...

Sente que ele está zombando de você.

— Geralmente dizemos... — Henrique o olha com firmeza. — Geralmente dizemos, nós nobres, que a caça nos prepara para a guerra. O que nos leva a um ponto complicado, Sr. Cromwell.

— De fato — confirma ele, animado.

— Há cerca de seis anos, o senhor disse no Parlamento que eu não poderia custear uma guerra.

Foram sete anos: 1523. E quanto tempo se passou na presente audiência? Sete minutos? Sete minutos e ele já está seguro de que não pode recuar: faça isso e Henrique o perseguirá. Avance, e o rei talvez vacile. Ele responde:

— Jamais houve um só governante na história do mundo que teve condições de custear uma guerra. Guerras não são coisas custeáveis. Nenhum príncipe jamais disse: “Este é meu orçamento, portanto este é o tipo de guerra que posso travar.” O governante entra numa guerra e ela consome todo o dinheiro que ele possui, e depois o arruína e o leva à bancarrota.

— Quando fui à França no ano de 1513, conquistei a cidade de Théroouanne, que em seu discurso você chamou de...

— Canil, Majestade.

— Um canil — repete o rei. — Como pôde dizer isso?

Ele dá de ombros.

— Eu estive lá.

Uma centelha de ira.

— Eu também estive, à frente de meu exército. Ouça, meu caro: disse que eu não deveria lutar porque os custos destruiriam o país. Mas para que serve o país, se não para apoiar o príncipe em suas realizações?

— Com todo respeito por Vossa Majestade, creio que eu disse que não tínhamos ouro para sustentá-lo numa campanha de um ano. Todo o metal no país seria engolido pela guerra. Eu li que houve um tempo em que as pessoas trocavam peças simbólicas de couro, por falta de moedas de metal, e disse que nós retornaríamos àqueles tempos.

— E também disse que eu não deveria liderar minhas tropas. Disse que se eu fosse capturado, o país não poderia pagar o resgate. Pois bem, o que quer? Quer um rei que não lute? Quer que eu me recolha aos interiores como uma mocinha enferma?

— Em termos fiscais, isto seria o ideal.

O rei respira profunda e asperamente. Ele estava gritando. Então (e é uma fronteira estreita), ele decide rir.

— O senhor me aconselha prudência. Prudência é uma virtude. Mas há outras virtudes que pertencem aos príncipes.

— Fortitude.

— Sim. Há preço para isso?

— Não significa coragem em batalha.

— Pretende dar-me uma aula?

— Significa fixidez de propósito. Significa resistência. Significa ter a força para viver com aquilo que o restringe.

Henrique cruza o salão. Um passo, outro passo, mais um passo em suas botas de montaria; ele está pronto para *la chasse*. Ele dá meia-volta, mui vagarosamente, para exibir sua majestade da melhor maneira: vasta, reta e refulgente.

— Continuemos nesta linha. O que me restringe?

— A distância — responde ele. — Os portos. O terreno. O povo. As chuvas de inverno e a lama. Quando os ancestrais de Vossa Majestade lutaram na França, províncias inteiras foram dominadas pela Inglaterra. De lá, nós podíamos suprir, prover. Agora que só temos Calais, como podemos sustentar um exército no interior do continente?

O rei contempla a manhã cor de prata. Ele morde o lábio. Estaria ele sentindo uma fúria lenta, em fogo brando, mas borbulhando à beira da fervura? Ele se vira, e seu sorriso é ensolarado.

— Eu sei — diz ele. — Assim, quando formos para a França da próxima vez, precisaremos de uma parte da costa.

Claro. Precisamos tomar a Normandia. Ou a Bretanha. Só isso.

— Bem pensado — diz o rei. Não guardo rancores para com sua pessoa. Só creio que não possui qualquer experiência em política, ou na direção de uma campanha.

Ele balança a cabeça.

— Nenhuma.

— O senhor afirmou... isto é, no passado, naquele seu discurso para o Parlamento... que havia 1 milhão de libras em ouro no reino.

— Dei um número arredondado.

— Mas como chegou a este número?

— Fui treinado nos bancos florentinos. E em Veneza.

O rei o encara.

— Howard disse que foi um soldado comum.

— Também.

— Algo mais?

— O que Vossa Majestade quer que eu seja?

O rei o encara com firmeza: coisa rara para Henrique. Ele devolve o olhar: é seu costume.

— Sr. Cromwell, sua reputação é ruim.

Ele inclina a cabeça.

— Não se defende?

— Vossa Majestade tem condições de formar sua própria opinião.

— Tenho. E formarei.

À porta, os guardas separam suas lanças; os nobres se põem de lado e se curvam; o duque de Suffolk entra em largas passadas. Charles Brandon parece acalorado demais em suas roupas.

— Está pronto? — ele pergunta ao rei. — Ah, Cromwell. — Ele sorri. — Como vai seu padreco gordo?

O rei cora com desagrado. Brandon não nota.

— Sabe — ele ri —, dizem que certa vez, quando o cardeal cavalgava com seu servo e deteve seu cavalo na entrada de um vale, ele baixou os olhos e viu uma belíssima igreja e suas terras ao redor. Ele perguntou ao servo, Robin, a quem pertence aquilo? Eu gostaria

que fizesse parte de meus domínios! Robin responde, já faz, meu amo, já faz.

A história recebe pouca aclamação, mas Suffolk ri sozinho.

Ele diz:

— Meu amo, essa história é contada por toda a Itália. Sobre este ou aquele cardeal.

O sorriso de Brandon desaba.

— Como? A mesma história?

— *Mutatis mutandis*. O servo não se chama Robin.

O rei o encara. Ele sorri.

Ao sair, ele passa entre os nobres e quem encontra? O secretário do rei!

— Bom-dia, bom-dia! — ele diz. Geralmente ele não repete coisas, mas o momento parece exigir isto.

Gardiner esfrega as grandes mãos azuis.

— Frio, não? E como foi, Cromwell? Desagradável, imagino.

— Pelo contrário — responde ele. — Ah, e o rei sairá com Suffolk; você vai ter que esperar. — Ele segue caminhando, mas logo dá meia-volta. Há uma dor dentro de seu peito, como uma ferida embotada. — Gardiner, não podemos fazer uma trégua?

— Não — responde Gardiner. Suas pálpebras caídas estremecem. — Não, não creio que possamos.

— Muito bem — diz ele, e segue seu caminho. Ele pensa, você não perde por esperar. Talvez tenha de esperar um ano ou dois, mas espere só.

\* \* \*

Esher, dois dias depois: ele mal passa pelo portão e Cavendish já cruza o pátio aos tropeções.

— Sr. Cromwell! Ontem o rei...

— Com calma, George — aconselha ele.

— ... ontem ele nos mandou quatro carroças de mobília. Venha ver! Tapetes, baixelas, cortinado para as camas. Foi a seu pedido?

Quem sabe? Ele não pediu coisa alguma diretamente. Se tivesse que pedir, teria sido mais específico. Não aquela tapeçaria, mas esta tapeçaria que meu amo aprecia; ele gosta das deusas mais que das mártires virginais, portanto, fora com Santa Inês e fiquemos com esta Vênus num bosque. Meu amo gosta de cristais de Veneza, levem daqui estas taças de prata usadas.

Ele inspeciona os novos objetos com o que parece ser um ar de desdém.

— Só do bom e do melhor para os garotos de Putney — diz Wolsey. — É possível — acrescenta, quase se desculpando — que as coisas que o rei designou para mim não foram as que acabaram enviadas, talvez tenham ocorrido substituições inferiores, por pessoas inferiores.

— É perfeitamente possível — responde ele.

— Mesmo assim. Ficamos mais confortáveis com isto.

Cavendish comenta:

— A dificuldade é: temos de nos mudar. Toda esta casa precisa de uma faxina e arejamento.

— Verdade — diz o cardeal. — Santa Inês, que Deus a abençoe, perderia os sentidos com o cheiro dos toaletes.

— Você vai fazer o pedido aos conselheiros do rei?

Ele suspira.

— George, de que serviria? Ouça, eu não estou falando com Thomas Howard. Não estou falando com Brandon. Eu estou falando com ele.

O cardeal sorri. Um sorriso gordo e paternal.

Quando negociam um acordo financeiro para o cardeal, ele fica surpreso com a atenção de Henrique para os detalhes. Wolsey sempre dizia que o rei tem uma mente aguçada, tão rápida quanto a do pai, só que mais abrangente. O velho rei se tornou limitado quando envelheceu; ele conservava a Inglaterra com mão de ferro; não havia nobre que não controlasse, por dívida ou obrigação, e ele dizia francamente que, se não podia ser amado, seria temido. Henrique tem natureza diferente, mas qual é? Wolsey ri e diz, eu

deveria escrever um manual para você. Mas enquanto ele caminha nos jardins do pequeno alojamento de Richmond em que o rei lhe deu permissão de se instalar, a mente do cardeal se nubla e ele fala sobre profecias e sobre a queda dos sacerdotes da Inglaterra, que diz prognosticada, e que acontecerá agora.

Mesmo quando não se acredita em portentos — e ele pessoalmente não acredita —, ele compreende o problema. Pois se o cardeal é culpado de um crime ao exercer sua jurisdição como legado, não seriam também culpados todos os clérigos, de bispo para baixo, que reconhecem sua autoridade? Não é possível que ele seja o único que pense isto; mas seus inimigos geralmente não conseguem ver nada além do cardeal, de sua vasta presença escarlate no horizonte; eles temem que Thomas Wolsey se erga novamente, pronto para a vingança.

— São tempos difíceis para prelados orgulhosos — diz Brandon, quando se encontram pouco depois. Ele afeta diversão, como um homem que assobia para conservar a coragem. — Não precisamos de cardeais neste reino.

— E ele — diz o cardeal, furioso —, ele, Brandon, quando se casou às pressas com a irmã do rei, quando se casou com ela nos primeiros dias de sua viuvez, sabendo que o rei pretendia destiná-la a outro monarca; hoje ele teria a cabeça separada do corpo, se um simples cardeal não tivesse intercedido por ele junto ao rei.

Eu, um simples cardeal.

— E que desculpa Brandon apresenta? — continua o cardeal. — “Ah, Majestade, sua irmã Maria chorou tanto. Como ela chorou e me implorou que a desposasse! Jamais vi uma mulher chorar tanto!” E portanto ele secou as lágrimas dela e se elevou a um ducado! E agora ele fala como se possuísse o título desde o Jardim do Éden. Ouça, Thomas, se homens de sólida educação e boa vontade me procuram, como o bispo de Tunstall, como Thomas More, e me pedem que haja uma reforma na Igreja, pois bem, eu escuto. Mas Brandon! Falando sobre prelados orgulhosos! O que era Brandon? Cavaliço do rei! E eu já conheci cavalos mais inteligentes.

— Meu amo — implora Cavendish —, seja mais paciente. E Charles Brandon, o senhor sabe, ele vem de uma família antiga,

nasceu nobre.

— Nobre, ele? Um fanfarrão arrogante. Esse é Brandon. — O cardeal se senta, exausto. — Minha cabeça dói — diz ele. — Cromwell, vá para a corte e me traga notícias melhores.

Dia após dia, ele ouve instruções de Wolsey em Richmond e cavalga para onde quer que o rei esteja. Ele pensa no rei como um terreno em que precisa avançar, sem qualquer região costeira para lhe enviar suprimentos.

Ele sabe o que Henrique aprendeu com o cardeal: sua diplomacia flutuante, sua ciência da ambiguidade. Ele vê como o rei aplicou esta ciência para a ruína vagarosa e dúbia de seu ministro. Cada gentileza, Henrique contrabalança com alguma crueldade, alguma nova incumbência ou confisco. Até que o cardeal geme: “Eu quero ir embora.”

— Winchester — ele sugere, aos duques. — Meu lorde cardeal deseja mudar-se para seu palácio em Winchester.

— Como, tão perto do rei? — questiona Brandon. — Nenhum de nós é tolo, Sr. Cromwell.

Desde que ele, Thomas Cromwell, o braço direito do cardeal, passou a ser visto em companhia de Henrique com tanta frequência, rumores de que Wolsey está prestes a ser restaurado percorrem toda a Europa. O povo diz que o rei selará um acordo para conquistar as riquezas da igreja em troca do retorno de Wolsey em favor da coroa. Boatos vazam da câmara do conselho, da câmara privada: diz-se que o rei não gosta do novo arranjo. Que Norfolk lhe parece ignaro; que Suffolk tem uma risada irritante.

Ele diz:

— Meu amo não se mudará para o norte. Ele não está pronto para isso.

— Mas eu o quero no norte — diz Howard. — Diga a ele que vá. Fale que Norfolk ordenou que ele pegue a estrada e suma daqui. Ou eu aparecerei onde ele estiver e, diga isso a ele, vou destroçá-lo com meus próprios dentes.

— Senhor — ele faz uma mesura —, posso omitir a menção à “mordida”?



Norfolk se aproxima. Ele para perto demais. Seus olhos estão injetados. Cada músculo salta.

— Não omita coisa alguma, seu bastardo... — O duque enterra um indicador no ombro do outro. — Seu... tipinho! Coisa insignificante do inferno, filhote de meretriz, cria do mal, seu... advogado.

Ele continua lá, dedo em riste, como um padeiro fazendo covinhas numa massa de pão branco. Sua carne é firme, densa e impermeável. O dedo ducal é apenas rechaçado.

Antes que partissem de Esher, uma das gatas que fora trazida para matar ratos deu à luz uma ninhada nos próprios aposentos do cardeal. Que presunção, e num animal! Mas espere... Nova vida, na suíte do cardeal? Será um sinal? Um dia, ele teme, haverá um sinal de outra natureza: um pássaro morto cairá daquela chaminé fumegante, e então... Ai de nós! Ele não quer nem pensar no resto.

Mas por enquanto, o cardeal se diverte: ele coloca os gatinhos numa almofada num baú aberto e assiste seu crescimento. Um dos filhotes é preto e faminto, o pelo como lã e olhos amarelos. Quando ele é desmamado, Cromwell o leva para casa. Ele tira o filhote de dentro de seu casaco, onde dormia enroscado contra seu pescoço.

— Gregory, veja. — Ele mostra o gato para o filho. — Eu sou um gigante, meu nome é Marlinspike.

Gregory o encara, alarmado, intrigado. Seu olhar vacila; suas mãos recuam.

— Os cães vão matá-lo — diz ele.

Marlinspike é levado para morar na cozinha, para tornar-se forte e viver de acordo com sua natureza animal. O verão se aproxima, ainda que ele não consiga imaginar seus prazeres; às vezes, quando está caminhando no jardim, ele vê o gato já um pouco crescido, empoleirado e vigilante numa macieira ou ronronando num muro sob o sol.

Primavera, 1530: Antonio Bonvisi, o comerciante, o convida para a ceia em sua bela mansão em Bishopsgate.

— Não chegarei tarde — ele diz a Richard, considerando que será uma reunião tensa como de hábito, todos irritados e famintos: pois até um italiano abastado com uma cozinha proficiente não consegue encontrar cem maneiras de cozinhar peixe defumado ou bacalhau salgado. Na Quaresma, os mercadores sentem falta da carne de cordeiro e do vinho da Madeira, dos gemidos noturnos numa cama de plumas com a esposa ou a amante; da Quarta-Feira de Cinzas em diante, as facas estão afiadas em busca de alguma informação mortífera, alguma vantagem comercial escusa.

Contudo, trata-se de uma ocasião mais grandiosa do que ele imaginava; o lorde chanceler está lá, entre uma comitiva de advogados e conselheiros. Humphrey Monmouth, a quem More mandou prender, está sentado a considerável distância do grande homem; More parece à vontade, sendo o centro de atenção da reunião com histórias sobre o grande erudito Erasmo, seu querido amigo. Mas quando ele ergue os olhos e o vê, cai em silêncio no meio de uma frase; baixa os olhos, e uma expressão pétrea e opaca domina seu rosto.

— O senhor desejava falar de mim? — pergunta ele. — Pode falar enquanto estou aqui, lorde chanceler. Eu tenho o couro forte. — Ele engole uma taça de vinho e ri. — Sabe o que Brandon anda dizendo? Que não consegue concatenar os eventos da minha vida, diz que não batem. Minhas viagens. Outro dia, ele me chamou de ambulante judeu.

— E ele disse isso em sua presença? — pergunta o anfitrião educadamente.

— Não. O rei me contou. Mas, em contrapartida, meu lorde cardeal chama Brandon de cavalariaço.

Humphrey Monmouth diz:

— Você tem o direito de *entré* hoje em dia, Thomas. E quais são suas impressões, agora que é um cortesão?

Sorrisos se abrem por toda a mesa. Pois, claro, a ideia é tão ridícula, a situação tão temporária. Os homens de More são conselheiros municipais, não mais importantes; mas ele é *sui generis*, um acadêmico, um gênio. E More diz:

— Talvez não devêssemos insistir neste tema. Há assuntos delicados aqui. Assim como uma hora certa para o silêncio.

Um senhor da guilda dos tecelões se inclina sobre a mesa e adverte, em voz baixa:

— Quando tomou seu assento, Thomas More disse que não discutiria o cardeal, e tampouco Lady Ana.

Ele, Cromwell, passa os olhos pelos convivas.

— Entretanto, o rei me surpreende. O que ele é capaz de tolerar.

— Do senhor? — pergunta More.

— Eu falo de Brandon. Digamos, eles saem para caçar: Brandon entra na sala e exclama, está pronto?

— Nos primeiros anos do reinado, seu amo, o cardeal, sentia que esta era uma constante batalha — comenta Bonvisi. — Impedir que as companhias do rei se tornassem demasiado íntimas dele.

— Ele queria ser o único íntimo — sugere More.

— Contudo, claro, o rei pode elevar quem ele quiser.

— Até certo ponto, Thomas — diz Bonvisi; ouvem-se algumas risadas.

— E o rei aprecia suas amizades. É uma coisa boa, não?

— Vindo do senhor, são palavras deveras doces, Sr. Cromwell.

— De maneira alguma — diz Monmouth. — O Sr. Cromwell é conhecido como alguém que faz de tudo por seus amigos.

— Eu acho... — More se interrompe, baixando os olhos para a mesa. — Sinceramente, não estou seguro de que é possível ver um príncipe como amigo.

— Mas certamente — diz Bonvisi — conhece Henrique desde que ele era uma criança.

— Sim, mas a amizade deveria ser algo menos exaustivo... Deveria ser restauradora. E não como... — More se vira para ele, pela primeira vez, como se convidasse um comentário. — Às vezes sinto que é como... como Jacó lutando com o anjo.

— E quem sabe — replica ele — qual foi o motivo para aquela luta?

— Certo, o texto não revela. Assim como com Caim e Abel. Quem sabe?

Ele sente certa inquietação em torno da mesa, entre os mais religiosos e menos joviais; ou apenas entre os ansiosos pelo próximo prato. O que será? Peixe!

— Quando falar com Henrique — diz More —, eu lhe imploro, apele para o coração terno. E não para seu lado obstinado.

Ele seguiria no tema, mas o idoso mestre tecelão acena por mais vinho e pergunta:

— Como vai seu amigo, Stephen Vaughan? Quais são as novas da Antuérpia?

A conversa então passa a ser sobre comércio; transporte, taxas de juros; nada mais que um murmúrio de fundo para especulações descontroladas. Se alguém entra numa sala e diz, nós não falaremos sobre isso, o resultado é que não se pode falar de qualquer outra coisa. Se o lorde chanceler não estivesse presente, a conversa seria apenas sobre taxas de importação e depósitos retém; ninguém estaria pensando no aflito cardeal escarlata, e as mentes famintas da Quaresma não estariam ocupadas com a imagem dos dedos do rei insinuando-se a um par de seios hesitantes, ofegantes e virginais. Ele se recosta e fixa o olhar em Thomas More. Com o tempo, há uma pausa natural na conversa, um arrefecer; e após um quarto de hora sem falar, o lorde chanceler retorna à conversa, a voz baixa e irritada, os olhos sobre os restos do que comeu.

— O cardeal de York — diz ele — possui uma sede que jamais será aplacada, uma sede de governar outros homens.

— Meu lorde chanceler — comenta Bonvisi —, o senhor está olhando para seu arenque como se o odiasse.

O gracioso convidado replica:

— Não há nada de errado com o arenque.

Ele se inclina à frente, pronto para a briga; não pretende deixar passar esta.

— O cardeal é um homem público. Assim como o senhor. Por acaso ele deveria recuar de seu papel público?

— Sim. — More ergue os olhos. — Sim, eu acho, um pouco, que deveria. Ou que tivesse um apetite menos evidente, talvez.

— Tarde demais — diz Monmouth — para dar ao cardeal uma lição de humildade.

— Os amigos verdadeiros já deram a lição há muito, e foram ignorados.

— E o senhor se considera um amigo dele? — Cromwell se recosta, os braços cruzados. — Eu darei esta informação ao cardeal, lorde chanceler, e, pelo sangue de Cristo, ele se sentirá reconfortado enquanto definha no exílio e se pergunta por que o senhor o caluniou para o rei.

— Cavalheiros... — Bonvisi se apruma em sua cadeira, preocupado.

— Não — continua ele —; sente-se. Vamos esclarecer as coisas. Nosso Thomas More aqui diz, “eu teria sido um simples monge, mas meu pai me colocou no direito. Eu teria passado minha vida na Igreja, se tivesse escolha. Eu sou, como os senhores sabem, indiferente à fortuna. Sou devoto das coisas do espírito. A estima mundana nada representa para mim. — Ele olha em torno na mesa. — Então como se tornou lorde chanceler? Foi um acidente?

As portas se abrem. Bonvisi se põe de pé, num salto; o alívio corre por seu rosto.

— Seja bem-vindo, bem-vindo! Cavalheiros: o embaixador do imperador.

É Eustache Chapuys, entrando com as sobremesas; ele é chamado de “o novo embaixador”, apesar de já ocupar o posto desde o outono. Ele faz uma pose no pórtico para que todos o conheçam e admirem: um homenzinho torto, numa casaca talhada e bufante, com cetim azul entremeado entre o negro; abaixo, as perninhas finas e cobertas de preto.

— Sinto por estar tão atrasado — diz ele. E sorri. — *Les dépêches, toujours lês dépêches.*

— É a vida de um embaixador. — Ele ergue os olhos e sorri. — Thomas Cromwell.

— Ah, *c’est le juif errant!*

O embaixador se desculpa imediatamente, ao mesmo tempo em que sorri para a mesa, como se satisfeito com o sucesso de sua piada.

Sente-se, sente-se, diz Bonvisi, e os criados se agitam, as toalhas são levadas, os convivas se rearranjam mais informalmente,

exceto pelo lorde chanceler, que continua plantado onde está. Chegam as compotas do outono e o vinho temperado, e Chapuys ocupa um lugar de honra junto a More.

— Falemos francês, cavalheiros — diz Bonvisi.

O francês é a primeira língua do embaixador do Império e da Espanha; e, como qualquer outro diplomata, ele jamais se dará ao trabalho de aprender inglês, pois que utilidade teria em seu próximo posto? Que gentileza, que gentileza, ele diz, enquanto se instala na poltrona esculpida que o anfitrião desocupou; seus pés não chegam a tocar o chão. More se entusiasma; ele cochicha com o embaixador. Ele os observa; os dois retribuem com um olhar de desagrado; mas olhar é de graça.

Numa fração de segundo em que os dois fazem uma pausa, ele se intromete.

— Monsieur Chapuys? Sabe, andei conversando com o rei recentemente sobre aqueles eventos tão lamentáveis, quando as tropas de seu amo atacaram a Santa Sé. Talvez o senhor saiba como nos aconselhar? Até hoje, não conseguimos compreendê-los.

Chapuys balança a cabeça.

— Eventos deveras lamentáveis.

— Thomas More pensa que foram os maometanos ocultos em seu exército que fugiram ao controle; ah, e meu próprio povo, claro, os judeus ambulantes. Mas, antes disso, ele disse que foram os alemães, os luteranos, que estupraram as pobres virgens e conspurcaram os altares. Em todo caso, como diz o lorde chanceler, o imperador deve sentir-se culpado; mas a quem deveríamos de fato imputar a culpa? Será que o senhor nos ajudaria a saber?

— Meu caro lorde chanceler! — O embaixador está chocado. Seus olhos se voltam para Thomas More. — O senhor falou isto, de meu amo imperial? — Ele lança um olhar sobre o ombro e passa a falar em latim.

Idiomáticamente capazes, todos os convivas esperam e sorriem para ele. Ele aconselha, delicadamente:

— Se deseja conservar algum sigilo, tente o grego. *Allez*, monsieur Chapuys, pode falar à vontade! O lorde chanceler o compreenderá.

O jantar é encerrado logo depois, quando o lorde chanceler se ergue para sair; mas, antes de partir, ele faz um pronunciamento à mesa, em inglês.

— A posição do Sr. Cromwell é indefensável, em minha opinião. Como todos sabemos, ele não é amigo da Igreja, é amigo de um só sacerdote. E o sacerdote mais corrupto da cristandade.

Com a mais curta mesura, ele se retira. Nem Chapuys diz algo. O embaixador o observa, dúbio, mordendo o lábio: como se dissesse, eu esperava mais ajuda e amizade aqui. Ele nota que tudo que Chapuys faz é algo que um ator faria. Quando pensa, ele baixa os olhos, põe dois dedos na testa; quando lamenta, ele suspira. Quando fica perplexo, ele tremelica o queixo, abre um meio sorriso. É como um homem que entrou inadvertidamente numa peça, descobriu que se trata de uma comédia e decidiu ficar até o final.

A ceia termina; os convivas se retiram aos poucos para o anoitecer precoce.

— Talvez mais cedo do que você gostaria? — ele pergunta a Bonvisi.

— Thomas More é um velho amigo meu. Não deveria vir aqui para importuná-lo.

— Ah, eu estraguei sua festa? Mas o senhor convidou Monmouth; isto não foi para provocá-lo?

— Não, Humphrey Monmouth também é meu amigo.

— E quanto a mim?

— É claro.

Eles retornaram naturalmente ao italiano.

— Explique-me algo que me intriga — diz ele. — Quero saber de Thomas Wyatt.

Três anos atrás, Wyatt foi à Itália, após associar-se repentinamente a uma missão diplomática. Lá, ele passou por situações desastrosas, mas isto ficará para outra noite; a questão é, por que ele fugiu da corte inglesa com tanta pressa?

— Ah. Wyatt e Lady Ana — comenta Bonvisi. — Um velho boato, imagino?

Bem, pode ser, responde ele, mas ele conta a Bonvisi sobre o garoto Mark, o músico, que parece seguro de que Wyatt se deitou com Ana; se a história está ricocheteando pela Europa, entre criados e subalternos, quais são as chances de que o rei ainda não tenha ouvido?

— Creio que uma parcela da arte de governar é saber quando tapar os ouvidos. E Wyatt é belo — explica Bonvisi —, no estilo inglês, claro. É alto, louro, meus conterrâneos ficam maravilhados com ele; onde vocês criam estas pessoas? E tão seguro de si, claro. E um poeta!

Ele ri do amigo porque, como todos os italianos, Bonvisi não consegue dizer “Wyatt”: a palavra sai como “Guiett” ou algo assim. Houve um homem chamado Hawkwood, um cavaleiro de Essex, que estuprou, queimou e assassinou pela Itália nos tempos da cavalaria; os italianos o chamavam Acuto, A Agulha.

— Sim, mas Ana... — Pelo pouco que a viu, ele sente que Ana não se deixaria levar por algo tão efêmero quanto a beleza. — Nos últimos anos, ela tem necessitado de um marido, mais que qualquer coisa: um nome, um domicílio, um lugar onde se estabelecer e de onde negociar com o rei. Mas Wyatt está casado. O que ele poderia oferecer a ela?

— Versos? — diz o comerciante. — O que tirou Wyatt da Inglaterra não foi a diplomacia. Ele partiu porque ela o torturava. Ele já não ousava ficar no mesmo cômodo que ela. No mesmo castelo. No mesmo país. — Ele balança a cabeça. — Os ingleses não são estranhos?

— Deus, são mesmo, não? — concorda ele.

— Precisa tomar cuidado. A família de Lady Ana, essa gente está passando um pouco dos limites daquilo que se pode fazer. Eles estão dizendo, por que esperar pelo papa? Não podemos redigir um contrato de casamento sem ele?

— Este parece ser o rumo a seguir.

— Prove uma destas amêndoas açucaradas.

Ele sorri. Bonvisi diz:

— Tommaso, posso oferecer um conselho? O cardeal está acabado.



— Não tenha tanta certeza.

— Sim, e se você não tivesse afeição por ele, saberia que é verdade.

— O cardeal sempre foi bom para mim.

— Mas ele precisa ir para o norte.

— O mundo o perseguirá. Pergunte só aos embaixadores. Pergunte a Chapuys. Pergunte a quem eles se reportam. Nós os recebemos em Esher, em Richmond. *Toujours les dépêches*. Somos nós.

— Mas é disso que ele é acusado! De criar um Estado dentro do Estado.

Ele suspira.

— Eu sei.

— E o que você vai fazer a respeito?

— Pedir a ele que seja mais humilde?

Bonvisi ri.

— Ah, Thomas. Por favor, você sabe que, quando o cardeal for para o norte, você será um homem sem senhor. Esta é a questão. Tem se encontrado com o rei, mas é apenas por hora, enquanto ele inventa uma forma de punição que cale a boca do cardeal. Mas e depois?

Ele hesita.

— O rei gosta de mim.

— O rei é um homem de amores inconstantes.

— Não para Ana.

— E é nisso que devo adverti-lo. Ah, mas não por causa de Guiett... Não por qualquer fofoca, qualquer coisa leviana dita por aí... Mas porque logo tudo estará acabado... ela cederá, é apenas uma mulher... Pense quão tolo seria um homem que tivesse amarrado seu destino ao da irmã de Lady Ana, que veio antes dela.

— Sim, imagine só.

Ele passa os olhos pela sala. Ali foi onde se sentou o lorde chanceler. À sua esquerda, os comerciantes famintos. À direita, o novo embaixador. Ali, Humphrey Monmouth, o herege. Ali, Antonio Bonvisi. Aqui, Thomas Cromwell. E havia assentos vazios, preparados para o duque de Suffolk, grande e afável; para Norfolk,

chocalhando suas medalhas sagradas e gritando “Creio em Deus Pai!”; há um lugar para o rei, e para a pequena e robusta rainha, esfaimada nesta estação penitente, o estômago rosnando dentro da rija armadura de seus vestidos. Há um lugar para Lady Ana, varrendo o ambiente com seus inquietos olhos negros, sem comer coisa alguma, nada deixando escapar, manipulando as pérolas em torno de seu pescoço delgado. Há um lugar para William Tyndale, e um para o papa; Clemente observa os marmelos cristalizados, cortados em pedaços demasiadamente grosseiros, e seus lábios Médici se crispam. E ali senta o Irmão Martinho Lutero, gorduroso e balofo; rosnando com todos, cuspidando suas espinhas de peixe.

Um criado entra.

— Há dois jovens cavalheiros lá fora perguntando pelo senhor.

Ele ergue os olhos.

— Sim?

— Sr. Richard Cromwell e Sr. Rafe. Estão com criados de sua casa, esperando para levá-lo de volta.

Ele compreende que todo o propósito desta noite foi avisá-lo: adverti-lo. Ele recordará o arranjo fatídico — caso se prove fatídico. E os suaves cicios e murmúrios da pedra que se estilhaça? O som distante de muralhas que desmoronam, do gesso que sucumbe, de escombros esmagando frágeis crânios humanos? É o som do teto da cristandade, desabando sobre as pessoas abaixo.

Bonvisi diz:

— Monte um exército particular, Tommaso. Creio que precisa cuidar de sua retaguarda.

— Você sabe que sim. — Seu olhar varre o cômodo: um último olhar. — Boa-noite. Foi um excelente jantar. Eu apreciei os peixes. Você não gostaria de enviar seu cozinheiro para se reunir com o meu? Tenho um novo molho para animar a estação. É preciso noz-moscada e gengibre, algumas folhas picadas de menta seca...

O amigo lhe diz:

— Eu lhe imploro. Eu lhe imploro que tome cuidado.

— ... um pouco, bem pouco alho...

— Onde quer que você jante da próxima vez, por favor, não...

— ... e de farinha de pão, um punhado moderado...

— ... se sente com os Bolena.

## **II Meu muito estimado Cromwell**

*Primavera — Dezembro de 1530*

Ele chega cedo ao Palácio de York. As gaiotas capturadas, aprisionadas em suas gaiolas, grasnam para seus irmãos livres no rio, que rodopiam, gritam e mergulham além das muralhas do palácio. Os carroceiros chegam do rio, trazendo suprimentos, e dos pátios vem o cheiro de pão recém-assado. Algumas crianças trazem capim novo, atado em fardos para forração, e o saúdam pelo nome. Pela civilidade dos meninos, ele dá uma moeda a cada um, e eles param a fim de conversar.

— Então o senhor vai se encontrar com a mulher malvada. Ela enfeitiçou o rei, sabia? O senhor tem uma medalha ou um relicário, senhor, para se proteger?

— Eu tinha uma medalha. Mas perdi.

— O senhor deveria pedir ao nosso cardeal — diz um menino. — Ele dá outra ao senhor.

O aroma do capim verde é intenso; a manhã é bela. Os cômodos do Palácio de York lhe são familiares, e, ao atravessar os corredores

na direção das câmaras privadas, ele vê um rosto vagamente conhecido.

— Mark?

O menino se descola da parede onde estava encostado.

— Chegou um tanto cedo. Como tem passado?

Segue-se um dar de ombros enfastiado.

— Deve ser estranho estar novamente no Palácio de York, agora que o mundo está tão modificado.

— Não.

— Não sente falta de meu lorde cardeal?

— Não.

— Está feliz?

— Sim.

— Meu amo ficará contente em saber. — Enquanto se afasta, ele diz para si, talvez você nunca pense em nós, Mark, mas nós pensamos em você. Ou pelo menos eu penso, penso em você me chamando de assassino e prevendo minha morte. É verdade que o cardeal sempre diz, não há lugar seguro, não há quartos selados, tanto faz parar no meio da Cheapside berrando seus pecados ou confessá-los a um padre de qualquer lugar da Inglaterra. Mas quando falei ao cardeal sobre assassinato, de quando vi uma sombra na parede, não havia ninguém para ouvir; portanto, se Mark me julga um assassino, é apenas porque acha que eu pareço ser um.

Oito antessalas: na última, onde o cardeal deveria estar, ele encontra Ana Bolena. Veja só, lá estão Salomão e a rainha de Sabá, desenrolados novamente, de volta à parede. Há uma brisa; a rainha de Sabá ondeia em sua direção, rosada, redonda, e ele a reconhece: Anselma, dama feita de lã, pensei que jamais a veria novamente.

Ele mandou mensagem para a Antuérpia, indagando discretamente por notícias; Anselma se casou, disse Stephen Vaughan, e com um homem mais novo, um banqueiro. Pois se ele se afogar ou coisa do gênero, replicou, mande-me um bilhete. Vaughan escreveu em resposta: Thomas, por favor, a Inglaterra não está cheia de viúvas? E moças jovens e viçosas?

Perto da rainha de Sabá, Ana não impressiona: pálida e descarnada. Ela se coloca junto à janela, os dedos repuxando e desbastando um ramo de alecrim. Quando o vê, ela deixa cair o ramo e suas mãos mergulham de volta nas longas mangas.

Em dezembro, o rei deu um banquete para celebrar a elevação do pai de Ana a conde de Wiltshire. A rainha estava ausente e Ana se sentou onde Catarina se sentaria. Havia gelo no local, gelo na atmosfera. Na casa de Wolsey, não se falava em outra coisa. A duquesa de Norfolk (que vive enfurecida com algo) ficou furiosa porque a sobrinha tomou a precedência. A duquesa de Suffolk, irmã de Henrique, recusou-se a comer. Nenhuma das grandes damas dirigiu uma palavra à filha de Bolena. Mesmo assim, Ana assumiu seu lugar como primeira-dama do reino.

Mas ao fim da Quaresma, Henrique voltou para sua esposa; ele não ousa ficar com sua concubina quando chega a semana da Paixão de Cristo. O pai de Ana está em missão diplomática no exterior, assim como o irmão George, agora lorde Rochford, e assim como Thomas Wyatt, o poeta a quem ela torturava. Ela está só e entediada no Palácio de York; e portanto está reduzida a mandar chamar Thomas Cromwell e ver se ele tem alguma distração a oferecer.

Um alvoroço de cãesinhos — três — dispara das saias dela, latindo e avançando na direção dele.

— Não deixe que saiam — diz Ana.

Com mãos experientes e gentis, ele os pega no colo. São como as Bellas, o tipo de cão com orelhas de bordas irregulares e rabinhos espichados que qualquer mulher de comerciante teria do outro lado do Mar Estreito. Quando ele os devolve à dona, os cães já focinharam seus dedos e casaco, lamberam seu rosto e se espicharam em sua direção com olhos arregalados: como se ele fosse alguém que ansiavam por conhecer havia muito.

Delicadamente, ele coloca dois cãesinhos no chão e entrega o menor para Ana.

— *Vous êtes gentil* — diz ela. — Como meus bebês o adoram! Sabe, eu jamais conseguiria gostar daqueles macacos que Catarina

cria. *Les singes enchaînés*. As mãozinhas, os pescoços acorrentados. Meus bebês me amam por quem sou.

Ela é tão pequena. Seus ossos são tão delicados, a cintura tão fina; se dois estudantes de direito formam um cardeal, duas Anas formam uma Catarina. Várias mulheres estão instaladas em banquetas, costurando ou fingindo costurar. Uma delas é Maria Bolena. Ela mantém a cabeça baixa, numa atitude prudente. Outra é Mary Shelton, uma prima Bolena, ousada, alva e rosácea, que o olha de cima a baixo e — muito obviamente — pensa consigo mesma, Mãe do Céu, isso é o melhor que Lady Carey achava que podia conseguir? Nas sombras há outra moça, que tem o rosto virado, tentando esconder-se. Ele não sabe quem é, mas compreende por que ela olha fixamente para o chão. Ana parece inspirar esse comportamento; agora que ela pôs os cãezinhos no chão, ele se vê fazendo a mesma coisa.

— *Alors* — diz Ana delicadamente —, de uma hora para a outra só se fala a seu respeito. O rei não para de citar o Sr. Cromwell. — Ela profere a palavra como se não conseguisse pronunciar o inglês: Cremuel. — Como tem sempre razão, como está sempre correto em todos os pontos... E não nos esqueçamos, maître Cremuel nos faz rir.

— Sei que o rei às vezes ri. Mas e quanto à senhorita, madame? Em sua situação? Como se encontra?

Um olhar sombrio, por cima do ombro.

— Creio que eu raramente. Rio. Agora que pensei nisso. Não tinha pensado.

— É a este ponto que chegou a sua vida.

Fragmentos empoeirados, folhas e ramos secos caem de suas saias. Ela observa a manhã pela janela.

— Deixe-me colocar da seguinte forma — diz ele. — Desde que meu lorde cardeal foi derrubado, o quanto de progresso a senhorita viu em sua causa?

— Nenhum.

— Ninguém conhece os mecanismos dos países cristãos como meu lorde cardeal. Ninguém é mais íntimo dos reis. Pense em como o cardeal estaria ligado à senhora, Lady Ana, se a senhora fosse o

meio para eliminar esses mal-entendidos e restaurá-lo na graça do rei.

Ela não responde.

— Pense — continua ele. — O cardeal é o único homem na Inglaterra que pode conseguir aquilo de que precisa.

— Muito bem. Faça a defesa dele. Tem cinco minutos.

— Claro, posso ver que a dama está realmente ocupada.

Ana o encara com antipatia e fala em francês:

— O que sabe do modo como ocupo minhas horas?

— Senhora, nós teremos esta conversa em inglês ou francês? Isto fica totalmente a seu critério, mas escolhamos um ou outro, está bem?

Ele vê um movimento no canto dos olhos dela; a moça semiculta ergueu o rosto. Ela é comum e pálida; parece chocada.

— Tanto faz para o senhor? — pergunta Ana.

— Sim.

— Pois bem. Em francês.

Ele repete: o cardeal é o único homem que pode conseguir um veredicto do papa. Ele é o único homem que pode conquistar a consciência do rei e entregá-la limpa.

Ela escuta. Ao menos isto se pode dizer a seu favor. Cromwell sempre duvidava do quanto as mulheres eram capazes de ouvir sob as abafadas dobras de seus véus e mantilhas, mas Ana realmente dá a impressão de ouvir o que ele diz. Ao menos ela espera que ele conclua; não interrompe, até que finalmente o faz: pois bem, diz ela, se é isto que o rei deseja, e é isto que o cardeal deseja, ele que outrora foi o mais importante súdito do reino, então devo dizer, Sr. Cremuel, tudo isto está levando um tempo inacreditável para acontecer!

De seu canto, a irmã acrescenta, quase inaudível:

— E ela já não é nenhuma juvenzinha.

Desde que ele entrou na sala, as mulheres não adicionaram um só ponto a suas costuras.

— Posso continuar? — pergunta ele, persuadindo-a. — Resta um momento ainda?



— Ah, sim — responde Ana. — Mas apenas um momento: na Quaresma, minha paciência é racionada.

Ele aconselha que Ana ignore os caluniadores que alegam que o cardeal obstruiu sua causa. Ele informa como o cardeal se aflige porque o rei não consegue realizar o desejo de seu coração, que também sempre foi o desejo do próprio cardeal. Ele exprime como todos os súditos do rei depositam as esperanças de um herdeiro do trono em Lady Ana; e como ele tem certeza de que estão corretos em fazê-lo. Ele recorda as muitas cartas graciosas que ela escreveu ao cardeal em tempos idos: todas arquivadas por ele.

— Muito bem — ela diz, quando ele se cala. — Muito bem, Sr. Cremuel, mas tente novamente. Uma coisa. Nós pedimos uma única e simples coisa ao cardeal, e ele não a fez. Uma única coisa. Simples.

— A senhora sabe que não era simples.

— Talvez eu seja uma pessoa simples — diz Ana. — Não acha que eu seja?

— Talvez seja. Eu mal a conheço.

A resposta a irrita. Ele vê a irmã sorrindo.

Pode ir, diz Ana: ao que Maria se põe de pé e o acompanha até a saída.

Mais uma vez, as bochechas de Maria estão coradas, os lábios, abertos. Ela trouxe consigo a costura, o que ele acha estranho; mas, talvez, se deixasse para trás, Ana desfizesse todos os pontos.

— Sem fôlego de novo, Lady Carey?

— Achamos que ela estava a ponto de lhe dar uma bofetada. Virá nos visitar novamente? Mary Shelton e eu mal podemos esperar.

— Ela aguenta — diz ele, e Mary responde, de fato, pois ela gosta de discutir com alguém de seu nível. E no que está trabalhando aí?, ele pergunta, e ela mostra. É o novo brasão de Ana. Bordando isso em tudo, imagino, ele comenta, e ela abre um amplo sorriso; ah, sim, seus espartilhos, lenços, toucas e véus; ela arranja acessórios que ninguém jamais usou antes, só para ter seu brasão

bordado, sem falar nas tapeçarias de parede, nos guardanapos de mesa...

— E como vai a senhora?

Ela baixa os olhos, evita o olhar dele.

— Exausta. Um pouco magoada, eu poderia dizer. O Natal foi...

— Eles brigaram. Foi o que ouvi dizer.

— Primeiro ele brigou com Catarina. Depois veio aqui em busca de consolo. Ana disse, o quê?! Eu lhe avisei para não brigar com Catarina, você sabe que sempre sai perdendo. Se ele não fosse rei — ela comenta com gosto — daria para sentir pena dele. Pela vida de cão que elas lhe dão.

— Há rumores de que Ana...

— Sim, mas ela não está. Eu seria a primeira a saber. Se ela engordasse um centímetro, eu seria encarregada de ajustar suas roupas. Além disso, ela não pode estar porque eles não fazem... Nunca fizeram.

— Ela lhe diria?

— É claro; para tripudiar de mim! — Maria continua desviando o olhar. Mas parece sentir que lhe deve informações. — Quando estão a sós, ela deixa que o rei desate seu corpete.

— Pelo menos ele não procura você para fazer isso.

— Ele baixa a blusa dela e beija seus seios.

— É um homem habilidoso, se consegue encontrá-los.

Maria cai na gargalhada; uma risada tempestuosa e nada fraterna. Deve ter sido audível do lado de dentro, porque a porta se abre quase imediatamente e a mocinha oculta se esgueira para fora. Seu rosto é sério, completamente reservado; a pele é tão fina que chega a ser quase translúcida.

— Lady Carey — diz ela —, Lady Ana a chama.

Ela recita os nomes como se estivesse apresentando uma barata a outra barata.

Maria reclama, ah, por Deus!, e gira nos calcanhares, lançando a cauda do vestido com a facilidade da longa prática.

Para sua surpresa, a mocinha pálida troca um olhar com ele; às costas da retirada de Maria Bolena, ela rola os olhos para o céu.

No caminho de volta — oito antecâmaras a separá-lo do resto de seu dia —, ele sabe que Ana se colocou num ponto em que pode ser vista por ele, com a luz da manhã se derramando sobre a curva de seu colo. Ele vê o fino arco de suas sobranceiras, seu sorriso, a inclinação da cabeça sobre o pescoço longo e delgado. Ele identifica sua perspicácia, sua inteligência e seu rigor. Não esperava que ela ajudasse o cardeal, mas o que custa perguntar? Ele pensa, foi a primeira proposta que fiz a ela; e provavelmente não será a última.

Houve um momento em que Ana o ouviu com toda a atenção: seus penetrantes olhos negros. O rei também sabe como olhar; olhos azuis, com uma perceptível doçura. Será assim que olham um para o outro? Por um segundo ele compreende; mas apenas por um segundo. Ele se coloca junto a uma janela. Um bando de estorninhos se instala entre os rijos botões escuros de uma árvore desfolhada. Depois, como botões negros que florescem, eles abrem as asas; saltitam e trinam, pondo tudo em movimento, ar, asas, notas negras em música. Ele se dá conta de que os observa com prazer: que algo quase extinto, um gesto mínimo rumo ao futuro, deseja acolher a primavera; que, de alguma forma parca e desesperada, ele aguarda a Páscoa com expectativa, o fim do jejum da Quaresma, o fim da penitência. Existe um mundo além deste mundo negro. Existe o mundo do possível. Um mundo em que Ana pode ser rainha é um mundo em que Cromwell pode ser Cromwell. Ele vislumbra tal mundo; mas apenas por um segundo. O momento é fugidio. O que se percebe, no entanto, não pode ser obliterado. Não é possível retornar ao momento em que se esteve antes.

Na Quaresma, se você souber onde procurar, há açougueiros que vendem carne vermelha. Em Austin Friars, ele desce para falar com a equipe da cozinha e diz ao chefe:

— O cardeal está doente, ele está dispensado da Quaresma.

O cozinheiro tira o chapéu.

— Pelo papa?

— Por mim. — Ele passa os olhos pela fileira de facas em suas prateleiras, os cutelos para romper ossos. Ele pega uma faca,

examina o fio, conclui que precisa ser amolada e indaga: — O senhor acha que eu pareço um assassino? Em sua opinião sincera?

Silêncio. Após um instante, Thurston profere:

— Neste momento, senhor, eu teria de dizer que...

— Não, mas imagine que eu esteja caminhando para o Gray's Inn... Consegue me visualizar? Carregando uma pasta de papéis e um tinteiro de chifre?

— Bem, posso pensar em um escriturário a carregar tais coisas.

— Então, não consegue visualizar?

Thurston tira o chapéu novamente e o vira do avesso. Ele olha para o chapéu como se seu cérebro estivesse lá dentro, ou pelo menos como se ali houvesse alguma coisa do que dizer a seguir.

— Eu vejo o senhor com a aparência de um advogado. Não de um assassino, isso não. Mas, se me permite, o senhor sempre me pareceu um homem que sabe como desossar uma carcaça.

Cromwell dá ordens para que a cozinha faça enrolados de carne para o cardeal, recheados com salva e manjerona, perfeitamente amarrados e enfileirados nas bandejas para que os cozinheiros em Richmond não precisem fazer nada além de assá-los. Diga onde está escrito na Bíblia que um homem não pode comer enrolados de carne em março.

Ele pensa em Lady Ana, em seu insaciável apetite para a briga; pensa nas moças tristonhas ao seu redor. Ele manda cestas com tortinhas para aquelas damas, feitas de compotas de laranja e mel. Para a própria Ana, ele manda um prato de creme de amêndoas, temperado com água de rosas e decorado com pétalas de rosas e violetas cristalizadas. Ele já está acima de cavalgar pelo país levando comida pessoalmente; mas não tão acima. Não se passaram tantos anos assim desde a cozinha dos Frescobaldi em Florença; ou talvez sim, mas sua memória é clara, exata. Ele estava clareando geleia de mocotó, papeando numa mistura de francês, toscano e putney, quando alguém gritou: "Tommaso, eles o estão chamando lá em cima." Sem pressa em seus movimentos, ele meneou a cabeça para o menino de cozinha, que lhe trouxe uma bacia com água. Ele lavou as mãos e secou com um pano de linho; tirou o avental e o

pendurou num gancho. Ele imagina que talvez ainda esteja pendurado lá.

Ele viu um rapaz — mais jovem que ele — de quatro, esfregando os degraus. O garoto cantarolava enquanto trabalhava:

*"Scaramella va alla guerra  
Colla lancia et la rotella  
La zombero boro borombetta,  
La boro borombo..."*

— Com licença, Giacomo — disse ele. Para lhe dar passagem, o menino se deslocou para o lado, entrando na curva da parede. Uma mudança na luz varreu a curiosidade de seu rosto, apagando-o, encerrando o passado no passado, limpando o futuro. Scaramella vai à guerra... Mas quem foi à guerra fui eu, ele pensou.

Ele subiu as escadas. Em seus ouvidos, os rufos e ribombos do tambor militar da canção. Subiu as escadas e jamais desceu novamente. Num canto do escritório de contabilidade de Frescobaldi, uma mesa esperava por ele. *Scaramella fa la gala*, ele murmurou. Ele tomou seu lugar à mesa. Afiou uma pena. Seus pensamentos fervilhavam e rodopiavam, toscano, putney, pragas em castelhano. Mas quando ele registrou os pensamentos no papel, eles se derramaram em latim, perfeitamente polidos.

Mesmo antes que irrompesse da cozinha de Austin Friars, as mulheres da casa já sabiam que ele visitara Ana.

— E então? — interrogou Johane. — Alta ou baixa?

— Nem alta nem baixa.

— Ouvi dizer que ela é muito alta. Pálida, talvez?

— Sim, pálida.

— Dizem que é graciosa. Que dança bem.

— Nós não dançamos.

Mercy pergunta:

— Mas o que você acha? Ela conhece os evangelhos?

Ele dá de ombros.

— Nós não rezamos.

Alice, sua pequena sobrinha:

— O que ela estava vestindo?

Ah, isso eu posso dizer; ele dá preços e origem das roupas dela, do capuz à barra das saias, do pé aos dedos das mãos. No toucado, Ana emula o estilo francês, o capuz redondo realçando a bela ossatura do rosto. Ele explica isso e, embora o tom seja frio, mercantil, as mulheres parecem não apreciar a descrição.

— O senhor não gosta dela, gosta? — pergunta Alice, e ele responde que não lhe cabe ter uma opinião; e nem a você, Alice, ele diz, abraçando-a e provocando risadas. Nosso amo está de bom humor, diz a pequena Jo. E esta barra de pele de esquilo..., pergunta Mercy, e ele responde, Calábria. Ah, calabresa, comenta Alice, e torce o nariz. Eu devo dizer, Thomas, comenta Johanne, que, pelo visto, você chegou bem perto.

— Os dentes dela são bons? — pergunta Mercy.

— Pelo amor de Deus, mulher; quando ela enterrar os dentes em mim, eu lhe conto.

Quando soube que o duque de Norfolk sairia de Richmond para destruí-lo com os próprios dentes, o cardeal riu e disse:

— Nossa mãe, Thomas, é hora de partir.

Mas para viajar para o norte, o cardeal precisaria de fundos. O problema é apresentado ao conselho do rei, que diverge, e continua o debate em sua audiência.

— Afinal — diz Charles Brandon —, não se pode deixar um arcebispo partir para sua posse como um criado que roubou as colheres.

— Ele fez mais que roubar colheres — replica Norfolk. — Ele comeu o jantar que teria alimentado toda a Inglaterra. Ele surrupiou as toalhas de mesa, por Deus, e secou o que havia na adega.

O rei pode ser elusivo. Certo dia, em que Cromwell pensa ter uma hora marcada com Henrique, ele é recebido por seu secretário-mor.

— Sente-se — diz Gardiner. — Sente-se e ouça. Contenha-se em paciência enquanto eu lhe esclareço determinados assuntos.

Ele vê Stephen balançando para lá e para cá, o demônio do meio-dia. Gardiner é um homem com ossos de juntas frouxas, seus contornos fluindo em ameaça; ele tem grandes mãos peludas, e os nós dos dedos estalam quando fecha o punho direito dentro da palma esquerda.

Ele recebe a ameaça implícita, e a mensagem. Parando à porta, ele diz, tranquilamente:

— Seu primo manda lembranças.

Gardiner o encara. As sobrancelhas se eriçam, como os pelos das costas de um cão. Ele acha que Cromwell presume...

— Não falo do rei — este continua, tranquilamente. — Não Sua Majestade. Eu falo de seu primo Richard Williams.

Abismado, Gardiner exclama:

— Aquele velho boato!

— Ora, vamos. Não é desgraça alguma ser um bastardo real. Ou é o que pensamos, na minha família.

— Em sua família? E que noção de propriedade tem sua família? Não tenho interesse algum neste jovem, não reconheço qualquer parentesco com ele, e não farei nada por ele.

— Sinceramente, você não precisa fazer nada. Ele agora se chama Richard Cromwell. — Quando está saindo, e saindo de verdade desta vez, ele conclui: — Não perca seu sono com isto, Stephen. Eu andei pesquisando. Você pode ser parente de Richard, mas não é parente meu.

Ele sorri. Internamente, está enlouquecido de ódio, alimentando-se dele, como se seu sangue fosse fino e tomado de veneno diluído, como o sangue descolorido de uma cobra. Assim que chega à casa de Austin Friars, ele abraça Rafe Sadler e eriça o cabelo do rapaz como espetos.

— Deus me guie: menino ou porco-espinho? Rafe, Richard, estou me sentindo penitente.

— É a época — responde Rafe.

— Eu quero me tornar absolutamente calmo. Quero ser capaz de entrar no galinheiro sem fazer com que as galinhas ericem as penas.

Quero ser menos como o tio Norfolk e mais como Marlinspike.

Ele tem uma conversa longa e tranquila em galês com Richard, que ri dele porque as velhas palavras estão desaparecendo de sua memória e ele sempre escorrega em fragmentos de inglês, com uma sorradeira entonação fronteiriça. Ele dá às sobrinhas pequenas os braceletes de pérola e coral que comprou para elas há semanas mas esqueceu de dar. Ele desce à cozinha e faz sugestões, todas divertidas.

Ele convoca todos os funcionários da casa, seus funcionários.

— Precisamos planejar — diz ele — como proporcionaremos conforto ao cardeal na estrada para o norte. Ele quer viajar vagarosamente, para que o povo possa admirá-lo. Ele precisa chegar a Peterborough para a Semana Santa, e de lá viajar em estágios até Southwell, onde planejará seu progresso futuro a York. O palácio do arcebispo em Southwell tem bons quartos, mas talvez ainda precisemos levar construtores...

George Cavendish lhe disse que o cardeal começou a passar seu tempo em orações. Em Richmond, ele anda buscando a companhia de alguns monges que lhe recitam o valor dos espinhos na carne e do sal nas feridas, os méritos do pão e da água e dos obscuros prazeres da autoflagelação.

— Ah, essa é a gota d'água — declara ele, irritado. — Temos de colocá-lo na estrada. Ele ficará melhor em Yorkshire. — Ele diz a Norfolk: — Bem, meu senhor, como podemos fazer isso? O senhor quer que ele suma ou não? Quer? Então venha comigo para falar com o rei.

Norfolk resmunga. Mensagens são enviadas. Mais ou menos um dia depois, eles se veem juntos numa antecâmara, aguardando. Norfolk marcha pelo cômodo.

— Ah, por São Judas! — diz o duque. — Podemos procurar um pouco de ar puro? Ou vocês advogados não precisam disso?

Eles caminham pelos jardins; ou melhor, Cromwell caminha, o duque pisoteia.

— Quando nascem as flores? — pergunta o duque. — Quando eu era um menino, nunca tínhamos flores. Foi Buckingham, sabe, que



trouxe para cá este negócio de jardins ornamentais. Ah, Deus, quanta pompa!

O duque de Buckingham, um hábil jardineiro, foi decapitado por traição. Isso em 1521: menos de dez anos antes. Parece triste mencioná-lo agora, na presença da primavera, que canta de cada arbusto, cada ramo.

Eles recebem uma convocação. Quando se dirigem para a entrevista, o duque hesita e protela; seus olhos rolam e as narinas se dilatam, a respiração fica curta. Quando o duque pousa a mão sobre seu ombro, Cromwell é forçado a reduzir seu passo, e eles se arrastam — ele, resistindo ao impulso de se desvencilhar — como dois veteranos de guerra numa procissão de pedintes. *Scaramella va alla guerra...* A mão de Norfolk treme.

Mas é só quando chegam à presença do rei que ele compreende por que estar na mesma sala que Henrique Tudor incomoda o velho duque. O que faz com que o duque se retraia dentro das roupas são os arroubos de esplendor. Henrique os saúda cordialmente; diz que está um dia magnífico e que o mundo é de fato magnífico. Ele rodopia pelo aposento, braços abertos, recitando versos de sua própria autoria. Ele fala de qualquer coisa, menos do cardeal. Frustrado, Norfolk assume um tom vermelho-escuro e começa a murmurar. Despachados, eles começam a recuar. Henrique chama:

— Ah, Cromwell...

Ele troca olhares com o duque.

— Creio em Deus Pai... — resmungo o duque.

Mão às costas, ele indica: vá, lorde Norfolk, eu o encontro daqui a pouco.

Henrique está parado, braços cruzados, olhos no chão. Ele não diz nada até que Cromwell chega perto.

— Mil libras? — murmura Henrique.

O outro tem na ponta da língua: seria um começo dos 10 mil que, como bem sei, você deve ao cardeal de York há mais de uma década.

Mas ele não diz isso, claro. Nestes momentos, Henrique espera que o súdito caia de joelhos — duque, conde, plebeu, gordo ou magro, velho ou jovem. Cromwell ajoelha; ele sente o repuxão na

pele de uma cicatriz. Poucos chegam à casa dos quarenta desprovidos de feridas.

O rei gesticula: pode levantar. Ele acrescenta, num tom curioso:

— O duque de Norfolk lhe concede diversos sinais de amizade e favor.

O rei se refere à mão no ombro: a minúscula e inesperada vibração da palma ducal contra músculos e ossos plebeus.

— Mas o duque preserva todas as distinções de posição.

Henrique parece aliviado.

Um pensamento desagradável se instila em sua cabeça: e se você, Henrique Tudor, tivesse uma síncope e caísse a meus pés? Tenho permissão de levantá-lo, ou devo mandar chamar um conde para isso? Ou um bispo?

Henrique se afasta. Ele dá meia-volta e diz, em voz baixa:

— Sinto falta do cardeal de York, todos os dias. — Há uma pausa. Ele murmura: — Leve o dinheiro com nossa bênção. Não conte ao duque. Não conte a ninguém. Peça a seu amo que reze por mim. Diga-lhe que é o máximo que posso fazer.

Os agradecimentos que ele profere, ainda em uma situação genuflexória, são eloquentes e prolongados. Henrique o encara vagamente e diz, por Deus, Sr. Cromwell, você gosta de falar, não?

Ele sai, o rosto contido, lutando contra o impulso de sorrir. *Scaramella fa la gala...*

— Sinto falta do cardeal de York, todos os dias.

E então, então, o que ele disse?, pergunta Norfolk. Ah, nada, ele responde. Apenas algumas palavras especialmente duras que deseje que eu transmita ao cardeal.

\* \* \*

O itinerário é planejado. Os pertences do cardeal são colocados em barcas, destinadas a Hull, de onde seguirão por terra. Ele mesmo insistiu para conseguir um valor razoável para o preço das barcas.

Ele diz a Richard, sabe, mil libras não é muito quando você tem um cardeal para pôr em movimento. Richard pergunta:

— Quanto de seu próprio dinheiro será consumido nessa empreitada?

Certas dívidas jamais deveriam ser contabilizadas, ele responde. Eu sei o que me é devido, mas, por Deus, sei também o quanto devo.

Ele indaga a Cavendish:

— Quantos criados ele está levando?

— Apenas 160.

— Apenas. — Ele aquiesce. — Sei.

Hendon. Royston. Huntingdon. Peterborough. Ele mandou homens cavalgando à frente, com instruções precisas.

Na última noite, Wolsey lhe dá um pacote. No interior, um objeto pequeno e rijo, um selo ou anel.

— Abra quando eu tiver partido.

Ainda há gente entrando e saindo da câmara privada do cardeal, carregando baús e maços de papéis. Cavendish perambula entre a agitação, segurando um cibório de prata.

— Você virá para o norte? — pergunta o cardeal.

— No minuto em que o rei convocá-lo de volta, eu o buscarei, meu amo. — A um só tempo, Cromwell acredita e desacredita que isto possa vir a ocorrer.

O cardeal se põe de pé. Há uma pressão no ar. Ele, Cromwell, ajoelha para ser abençoado. O cardeal ergue a mão para ser beijada. Ele não usa seu anel turquesa. O fato não lhe escapa. Por um momento, a mão do cardeal repousa sobre o ombro do amigo, dedos abertos, o polegar no côncavo da clavícula.

É hora de partir. Tanto já foi dito entre os dois que é inútil acrescentar uma nota de rodapé. Não cabe a ele agora parafrasear o texto de sua associação, e nem anexar uma moral da história. Não é ocasião para abraços. Se o cardeal não dispõe de qualquer eloquência a oferecer, ele certamente não tem nenhuma. Antes que ele alcançasse a porta do aposento, o cardeal já se havia voltado para a lareira. Wolsey puxa a poltrona para perto da chama e ergue

a mão para cobrir o rosto; mas sua mão não está entre si e o fogo, e sim entre si e a porta que fecha.

Ele sai para o pátio. Vacila; num recesso enfumaçado onde a luz não chega, apoia-se contra a parede. Ele chora, e diz a si mesmo, que George Cavendish não apareça e me veja, nem anote isso e transforme numa peça.

Ele pragueja em voz baixa, em muitas línguas: contra a vida e contra si mesmo por ceder às suas demandas. Criados passam ao largo, dizendo: "O cavalo do Sr. Cromwell está aqui para buscá-lo! A escolta do Sr. Cromwell está no portão!" Ele espera até recuperar o autocontrole e só então sai, desembolsando moedas.

Quando chega em casa, os criados perguntam, devemos cobrir o brasão do cardeal? Não, pelo amor de Deus. Pelo contrário, retoquem a pintura. Ele recua um passo para ver melhor.

— Os corvos poderiam parecer mais vivos. E precisamos de um escarlate melhor para o barrete.

Ele mal consegue dormir; sonha com Liz. Pergunta-se se ela o reconheceria, o homem que ele jura que logo será: inflexível, moderado, o guardião da paz do rei.

Quase ao amanhecer, ele dormita, e acorda pensando: o cardeal está montando em seu cavalo agora mesmo... Por que não estou com ele? É 5 de abril. Johane o encontra na escadaria; pudicamente, ela o beija no rosto.

— Por que Deus nos testa? — sussurra ela.

— Acho que não vamos passar no teste — murmura ele.

Ele especula, talvez eu deva subir até Southwell pessoalmente? Eu vou para o senhor, responde Rafe. Cromwell dá uma lista ao rapaz. Mande esfregar todo o palácio do arcebispo. Meu amo levará a própria cama. Convoque toda a equipe de cozinha do King's Arms. Verifique os estábulos. Contrate músicos. Na última vez em que passei por lá, notei alguns chiqueiros instalados junto à parede do palácio. Encontre o dono, pague a ele e desmonte os chiqueiros. Não beba no Crown; a cerveja é pior que a do meu pai.

Richard diz:

— Senhor... é hora de deixar o cardeal.

— Isto é um recuo tático, não uma derrota.

Eles pensam que Cromwell se retirou, mas ele apenas entra numa sala contígua. Ele se esconde entre os armários de arquivos, e ouve Richard dizendo:

— Ele se deixa guiar pelo coração.

— É um coração experiente.

— Mas como pode um general organizar uma retirada quando não sabe onde está o inimigo? O rei está sendo tão hipócrita em relação a essa história.

— Ele poderia se retirar diretamente para os braços do rei.

— Jesus. Você acha que nosso senhor também está sendo hipócrita?

— No mínimo mais do que isso — comenta Rafe. — Veja, não há qualquer lucro para ele, jamais, em desertar o velho; o que ele conseguiria, afora o título de desertor? Talvez haja algo a ser ganho em manter a fidelidade. Para todos nós.

— Pois então, ao trabalho, garoto dos porcos. Quem mais pensaria nos chiqueiros? Thomas More, por exemplo, jamais pensaria neles.

— Ou ele estaria predicando ao criador de porcos. Meu bom homem, a Páscoa se aproxima...

— ...estais preparado para tomar a Hóstia Sagrada?

Rafe ri.

— Aliás, Richard, estais vós?

— Posso comer um pedaço de pão a qualquer dia da semana.

Durante a Semana Santa, chegam relatórios de Peterborough: houve mais gente aglomerada para ver Wolsey chegar do que jamais se viu na história da cidade. Enquanto o cardeal avança para o norte, Cromwell o segue no mapa das ilhas que tem na cabeça. Stamford, Grantham, Newark; o séquito em viagem chega a Southwell no dia 28 de abril. Cromwell teme que os Bolena, ou Norfolk, ou todos tenham encontrado alguma forma de implantar um espião na comitiva do cardeal.

O embaixador Chapuys, saindo às pressas de uma audiência com o rei, tocou sua manga, puxando-o de lado.

— Monsier Cremuel, pensei em bater em sua casa. Somos vizinhos, sabe?

— Eu teria gostado de sua visita.

— Mas fui informado de que o senhor agora tem andado em companhia do rei, coisa muito agradável, não? Seu velho amo, tenho notícias dele toda semana. Ele se preocupa com a saúde da rainha. Ele pergunta se ela está de bom humor e pede que ela acredite que logo será restaurada no coração do rei. E na cama. — Chapuys sorri. Ele se diverte. — A concubina não o ajudará. Sabemos que você tentou com ela e fracassou. Assim, Wolsey agora se volta para a rainha.

Ele se vê forçado a perguntar:

— E o que a rainha responde?

— Ela responde, espero que Deus em sua misericórdia creia possível perdoar o cardeal, pois eu jamais poderei. — Chapuys espera. Ele nada fala. O embaixador continua. — Imagino que o senhor esteja ciente da massa de destroços que restará se o divórcio for concedido, ou, digamos, de alguma forma extorquido de Sua Santidade, não? Em defesa de sua tia, o Imperador pode declarar guerra à Inglaterra. Seus amigos comerciantes perderão seu sustento, e muitos perderão suas vidas. Talvez seu rei Tudor seja deposto e a velha nobreza assuma o poder.

— Por que está me dizendo isso?

— Estou dizendo a todos os ingleses.

— De porta em porta?

Cromwell deve passar a mensagem ao cardeal, de que ele esgotou seu crédito com o imperador. O que isto fará além de impeli-lo a um apelo ao rei francês? Em qualquer dos casos, é uma ameaça de traição.

Ele imagina o cardeal entre os cônegos de Southwell, em sua poltrona na sala capitular, presidindo sob a alta abóbada como um príncipe à vontade em alguma clareira, cercado por relevos de folhas e flores. São tão delgadas que é como se as colunas, as travas brotassem, como se a pedra explodisse com vida em flor; os capitéis

são decorados com amoras, os fustes são caules sinuosos, rosas abraçam os pilares, flores e sementes surgem numa viga; rostos aparecem entre a folhagem, de cães, de lebres, de cabras. Há rostos humanos também, tão reais que quiçá até mudem de expressão; talvez baixem os olhos, perplexos com a portentosa forma escarlate de seu patrono; e, no silêncio da noite, quando os cônegos dormem, os homens de pedra assoviam e cantam.

Na Itália, ele aprendeu um sistema de memorização e o desenvolveu com imagens. Algumas são tiradas de bosques e campos, de arbustos e florestas: animais arredios ocultos, olhos brilhando entre as plantas rasteiras. Alguns são raposas e veados, alguns são grifos, dragões. Alguns são homens e mulheres: freiras, guerreiros, doutores da Igreja. Ele coloca objetos improváveis em suas mãos: Santa Úrsula empunha arco e flecha, São Jerônimo brande uma foice, enquanto Platão carrega uma concha de sopa e Aquiles leva uma dúzia de ameixas numa tigela de madeira. É inútil tentar lembrar com objetos comuns e rostos familiares. É preciso fazer justaposições impressionantes, imagens que sejam mais ou menos peculiares, ridículas ou até indecentes. Após criar as imagens, ele deve espalhá-las pelo mundo em localidades de sua escolha, cada uma com seu pacote de palavras, de imagens, que lhe retornarão quando necessário. Em Greenwich, um gato sem pelos pode espiá-lo por trás de um guarda-comida; no palácio de Westminster, uma cobra pendurada numa viga da casa pode encará-lo e sibilar seu nome.

Algumas destas imagens são planas, ele pode caminhar sobre elas. Algumas estão vestidas em peles e passeiam por uma sala, mas podem ser homens com cabeças viradas do avesso ou caudas peludas como os leopardos dos brasões. Alguns fecham a cara como Norfolk, ou ficam boquiabertos em perplexidade, como o lorde de Suffolk. Alguns falam, alguns grasnam. Ele as guarda, em ordem rigorosa, na galeria no fundo de sua mente.

Talvez por estar acostumada a criar essas imagens, sua cabeça é povoada com o elenco de mil peças, 10 mil interlúdios. É devido a esta prática que ele tende a vislumbrar a esposa morta vigiando numa escadaria, seu rosto branco voltado para cima, ou virando por

uma porta de Austin Friars ou da casa de Stepney. Então a imagem começa a se mesclar com a da irmã de Liz, Johane, e tudo que pertenceu a Liz começa a pertencer à irmã: seu meio-sorriso, seu olhar questionador, sua forma de estar despida. Até que ele diz, já basta, e a apaga de sua mente.

Rafe cavalga para o norte com mensagens para Wolsey, secretas demais para se colocar em cartas. Cromwell poderia ir ele próprio, mas, embora o Parlamento esteja suspenso, ele não pode viajar, pois teme o que seria dito sobre Wolsey sem sua presença para defendê-lo; e o rei pode desejar vê-lo de imediato, ou Lady Ana. “E embora eu não esteja com Vossa Eminência em pessoa”, ele escreve, “acredite que estou, e estarei, durante minha vida, com sua graça em coração, espírito, prece e serviço...”

O cardeal responde: Thomas Cromwell é “meu maior bem, confidente e refúgio seguro nesta calamidade”. Ele é “meu muito estimado Cromwell”.

Wolsey escreve para pedir codornas. Ele escreve para pedir sementes de flores.

— Sementes? — pergunta Johane. — Ele pretende lançar raízes?

O crepúsculo encontra o rei melancólico. Mais um dia de regresso em sua campanha para ser novamente um homem casado; claro, pois ele nega estar casado com a rainha.

— Cromwell — diz ele —, preciso achar minha forma de possuir aqueles... — Ele olha de soslaio, sem querer dizer o que pensa. — Compreendo que há dificuldades legais. Não finjo que as compreendo. E antes que você comece, não as quero explicadas.

O cardeal dotou a universidade em Oxford, assim como a escola em Ipswich, de terras que produzirão uma renda em perpetuidade. Henrique quer sua porção de prata e ouro, suas bibliotecas, seus rendimentos anuais e a terra que produz tais rendimentos; e ele não entende por que não pode ter o que deseja. Aquelas fundações foram financiadas pela riqueza de 29 mosteiros — suprimidos com permissão do papa, sob a condição de que os rendimentos fossem usados para as faculdades. Mas, diz Henrique, sabia que estou



começando a dar pouquíssima importância ao papa e suas permissões?

É começo de verão. O anoitecer é longo e a grama e o ar, perfumados. Seria de acreditar que numa noite como aquela, um homem como Henrique poderia deitar-se em qualquer cama que desejasse. A corte está cheia de mulheres ansiosas. Mas, após esta entrevista, ele caminhará pelos jardins com Lady Ana, com a mão dela pousada em seu braço, entretido em conversar; depois ele partirá para sua cama vazia, e ela, presume-se, para a dela própria.

Quando o rei pede notícias do cardeal, ele responde que o cardeal sente falta da luz do semblante de Sua Majestade; que as preparações para sua posse em York estão em andamento.

— Então por que ele não chega logo a York? A mim me parece que ele posterga, posterga... — Henrique o encara. — Uma coisa posso dizer a seu favor: você realmente é fiel a seu amo.

— Tudo que recebi do cardeal foi sempre bondade. Por que não seria fiel?

— E você não tem nenhum outro amo — diz o rei. — Lorde Suffolk me pergunta, de onde vem este camarada? Eu respondo que há Cromwells em Leicestershire, Northamptonshire; gente com terras, ou assim foram no passado. Imagino que você seja de algum ramo desafortunado daquela família, estou correto?

— Não.

— Talvez você não conheça seus próprios antepassados. Ordenarei que os heraldos investiguem o tema.

— Vossa Majestade é muito gentil. Mas eles terão pouco êxito.

O rei está exasperado. Cromwell declina de tirar vantagem do que está em oferta: uma linhagem, não importa quão magra.

— Meu lorde cardeal me disse que você foi órfão, disse que você foi criado num monastério.

— Ah. Esta era uma das historietas dele.

— Ele me contou historietas? — Diversas expressões se sucedem no rosto do rei: irritação, diversão, um desejo de recuperar tempos idos. — Suponho que sim. Ele me disse que você tem horror daqueles que escolhem a vida religiosa. E que por isso se dedicou tanto ao seu trabalho.

— Não era esta a razão. — Ele ergue os olhos. — Posso falar a respeito?

— Ah, pelo amor de Deus — exclama Henrique. — Eu bem que gostaria de alguém que falasse.

Ele fica abismado. E depois compreende. Henrique quer uma conversa, sobre qualquer assunto. Algo que não tenha nada a ver com amor, ou com caça, ou guerra. Agora que Wolsey se foi, não há muito escopo para isto; a menos que se queira conversar com um padre de alguma classe. E se mandam um padre, a que volta o assunto? Ao amor; a Ana; ao que ele quer e não pode ter.

— Se me pergunta sobre os monges, eu falo por experiência própria, e não por preconceito, e embora eu não tenha dúvidas de que certas fundações são bem governadas, minha experiência tem sido de desperdício e corrupção. Se me permite sugerir, se Vossa Majestade deseja ver um desfile dos sete pecados capitais, não deve organizar um baile de máscaras na corte, mas chegue sem avisar a um mosteiro. Eu vi monges que vivem como grandes lordes, vivem do dízimo de gente pobre que compraria uma bênção antes de comprar um pão, e esta não é uma conduta cristã. Também não tomo os mosteiros como os arcabouços de sabedoria que alguns acreditam que são. Por acaso Grocyn foi um monge, ou Colet, ou Linacre, ou qualquer um de nossos grandes pensadores? Eles eram homens de universidade. Os monges acolhem crianças e as usam como criados, e nem sequer lhes ensinam o latim mais reles. Eu não lhes negaria alguns confortos materiais. Ninguém pode viver em Quaresma. O que não tolero é a hipocrisia, a fraude, o ócio; os velhos relicários, os cultos surrados e a falta de inventividade. Quando foi que algo de bom saiu de um mosteiro? Eles não inventam, eles apenas repetem, e o que repetem está corrompido. Por centenas de anos, os monges seguraram a pena, e o que escreveram é o que consideramos nossa história, mas eu não acredito que seja realmente. Creio que eles suprimiram a história de que não gostam, e escreveram outra, favorável a Roma.

O olhar de Henrique parece atravessá-lo e chegar até a parede às suas costas. Ele espera. Henrique diz:

— São cães, então?

Ele sorri.

Henrique prossegue:

— Nossa história... Como deve saber, estou reunindo provas. Manuscritos. Opiniões. Comparações com a forma como as coisas são ordenadas em outros países. Talvez você possa conferenciar com um daqueles cavalheiros ilustrados. Colocar certa direção em seus esforços. Fale com o Dr. Cranmer; ele lhe dirá o que será necessário. Eu poderia fazer bom uso do dinheiro que flui anualmente até Roma. O rei Francisco é muito mais rico que eu. Não tenho um décimo de seus súditos. Ele cobra impostos do povo a seu bel-prazer. Quanto a mim, preciso convocar o Parlamento. Se não convoco, ocorrem revoltas. — Ele acrescenta, amargamente: — Se convoco, revoltas também.

— Não aprenda com o rei Francisco — diz ele. — Ele gosta demais da guerra, e negocia pouco.

Henrique sorri debilmente.

— Você pode não concordar, mas, para mim, este é o ofício de um rei.

— Há mais impostos a recolher quando o comércio é bom. E se há resistência aos impostos, talvez haja outras formas.

Henrique concorda.

— Pois bem. Comece pelas universidades. Vá conversar com meus advogados.

Harry Norris está a postos para escoltá-lo na saída dos aposentos privados do rei. Severo, sem um único sorriso, ele diz:

— Eu não gostaria de ser o coletor de impostos dele.

Ele pensa, será que os momentos mais notáveis da minha vida precisam acontecer sob o escrutínio de Henry Norris?

— Ele mandou matar os melhores homens do pai. Empson, Dudley. O cardeal não ficou com a casa de um dos dois?

Uma aranha surge de sob um banco e o presenteia com uma recordação.

— A casa de Empson, na Fleet Street. Cedida a nove de outubro, primeiro ano do reinado de Henrique.

— Este glorioso reinado — diz Norris: como se fizesse uma correção.

Gregory faz 15 anos no começo do verão. Ele monta a cavalo muito bem e há ótimos relatos sobre sua esgrima. Seu grego... bem, seu grego continua onde sempre esteve.

Mas ele tem um problema.

— As pessoas de Cambridge andam rindo de meus perdigueiros.

— Por quê? — Os cães negros são um par idêntico. Eles têm pescoços musculosos e curvilíneos e belas patas; conservam os olhos baixos, brandos e recatados, até que avistam sua presa.

— Eles dizem, por que ter cães que ninguém consegue ver à noite? Só bandidos têm cães desse tipo. Eles dizem que caço nas florestas, contra a lei. Dizem que caço texugos, como um caipira.

— O que você quer? — pergunta o pai. — Cães brancos, ou com algumas manchas coloridas?

— Qualquer um seria correto.

— Eu fico com seus cães negros. — Não que ele tenha tempo para passeá-los, mas Richard ou Rafe arranjará utilidade para eles.

— Mas e se os outros rirem?

— Por favor, Gregory — diz Johane. — Este é seu pai. Eu lhe asseguro que ninguém terá coragem de rir.

Quando o clima está chuvoso demais para caçar, Gregory se senta a devorar *A legenda áurea*; ele adora as vidas dos santos.

— Algumas dessas coisas foram verdade — diz o menino —, outras não. — Ele lê *Le Morte d'Arthur*, e, por ser uma edição nova, os outros se aglomeram a seu redor, lendo o frontispício sobre seu ombro. "Aqui começa o primeiro livro do nobilíssimo e valoroso príncipe rei Artur, outrora rei da Grã-Bretanha..." No primeiro plano da ilustração, dois casais se abraçam. Sobre um cavalo com as patas no ar há um homem com um chapéu de bufão, feito de tubos enroscados como gordas serpentes. O senhor usava chapéus desse tipo quando era jovem?, pergunta Alice, ao que ele diz, eu usava uma cor diferente a cada dia da semana, mas os meus eram maiores.

Às costas do homem, uma mulher está na garupa.

— Acha que representa Lady Ana? — pergunta Gregory. — Dizem que o rei não gosta de ficar longe dela, e portanto ele a empoleira no cavalo como a mulher de um agricultor.

A mulher tem olhos grandes, e parece nauseada pelos sacolejos; talvez seja Ana mesmo. Há um pequeno castelo, não muito mais alto que um homem, com uma tábua como ponte levadiça. Circulando acima, os pássaros parecem adagas voadoras. Gregory diz:

— Nosso rei descende deste Artur. Ele nunca morreu de fato, mas esperou na floresta, ou talvez num lago, esperando o momento propício. Ele tem muitos séculos de idade. Merlin é um mago. Ele aparece depois. Vocês verão. Tem 21 capítulos. Se continuar a chover, eu pretendo ler todos de uma vez. Algumas destas coisas são verdadeiras, e outras são mentira. Mas são todas ótimas histórias.

Quando o convoca novamente à corte, o rei deseja enviar uma mensagem a Wolsey. Um comerciante bretão cujo navio foi tomado pelos ingleses há oito anos reclama que não recebeu a indenização prometida. Ninguém consegue achar a papelada. Foi o cardeal quem administrou o caso; será que ele recordará?

— Estou certo de que lembrará — responde ele. — Não seria o navio com mica perolada como lastro, com o porão carregado de chifres de unicórnio?

Deus me livre!, exclama Charles Brandon; mas o rei ri e diz:

— Exatamente.

— Se há dúvida sobre o total devido, ou mesmo sobre todo o caso, posso cuidar do assunto?

O rei hesita.

— Não sei se você possui um *locus standi* neste assunto.

É quando, muito inesperadamente, Brandon dá sua opinião:

— Deixe que ele o faça. Quando este camarada acabar seu trabalho, os bretões deverão dinheiro ao senhor.

Os duques transitam em suas próprias esferas. Quando conferenciam, não é pelo prazer da companhia do outro; eles gostam de estar cercados por suas próprias cortes, por homens que os emulam e lhes são subservientes. Por prazer, é mais provável encontrá-los com um tratador de cães que com outro duque; assim, Cromwell passa uma hora amigável com Brandon, observando os

cães do rei. Ainda não é estação de caça, e portanto os cães são bem alimentados em seus canis; os latidos musicais se elevam no ar do anoitecer, e os rastreadores, silenciosos como foram treinados para ser, erguem-se nas patas traseiras e, salivando, acompanham a chegada de seu jantar. Os tratadores dos canis chegam com cestas de pães e ossos, baldes de sobras de carne e bacias de caldo de sangue de porco. Charles Brandon suspira, satisfeito: como uma viúva num jardim de rosas.

Um caçador chama para perto sua cadela favorita, branca com manchas castanhas, Barbada, 4 anos. Ele monta nela e ergue a cabeça do animal para mostrar seus olhos, nublados por uma fina membrana. Ele detestará sacrificá-la, mas duvida que a cadela seja de muita utilidade na estação de caça. Ele, Cromwell, abarca a mandíbula do animal na palma da mão.

— É só remover a membrana com uma agulha curva. Eu já vi como se faz. É necessário ter mão firme e rápida. Ela não vai gostar, mas, por outro lado, também não vai gostar de ser cega. — Ele passa a mão sobre as costelas do animal, sente o pulsar assustado de seu pequeno coração. — A agulha tem de ser fina. E desse exato comprimento. — Ele mostra aos outros, entre o indicador e o polegar. — Deixe-me conversar com o ferreiro.

Suffolk o olha de soslaio.

— Cromwell, és um sujeito muito prestativo.

Eles se afastam. O duque diz:

— Veja bem. O problema é minha esposa. — Ele espera. — Eu sempre quis que Henrique tivesse o que deseja, sempre fui fiel a ele. Mesmo quando ele falava em cortar minha cabeça porque me casei com sua irmã. Mas agora, o que devo fazer? Catarina é a rainha. Não é? Minha esposa sempre foi amiga dela. Ela está começando a falar... não sei, eu daria minha vida pela rainha, esse tipo de coisa. E com a sobrinha de Norfolk tomando precedência sobre minha esposa, que foi rainha da França... Não podemos tolerar isso. Compreende?

Ele assente. Compreendo.

— Além disso — diz o duque —, ouvi dizer que Wyatt está retornando de Calais. — Sim, e... Não sei se devo contar a ele.

Contar a Henrique, quero dizer. Pobre-diabo.

— Senhor, deixe isso de lado — diz ele. O duque recai naquilo que, em outro homem, seria descrito como silenciosa meditação.

Verão: o rei está caçando. Se quer falar-lhe, Cromwell precisa ir atrás dele, e se é convocado, deve comparecer. Enquanto o verão avança, Henrique visita seus amigos em Wiltshire, em Sussex, em Kent, ou fica em suas próprias casas ou naquelas que tomou do cardeal. Às vezes a pequena e robusta pessoa da rainha sai para cavalgar com um arco quando o rei caça em um de seus grandes parques, ou no parque de algum lorde, onde os veados são impelidos na direção dos arqueiros. Lady Ana também cavalga — em ocasiões diferentes — e desfruta da caçada. Mas há uma temporada para deixar as damas em casa e cavalgar no interior da floresta com os rastreadores e os perdigueiros; para levantar antes da aurora, quando a luz é nublada como uma pérola; para consultar os caçadores e depois soltar o cervo escolhido. Nunca se sabe onde a caçada acabará, ou quando.

Harry Norris lhe diz, rindo, logo será sua vez, Sr. Cromwell, se ele continuar a favorecê-lo dessa maneira. Um conselho: quando o dia começar e cavalgarem para longe, escolha um riacho e guarde-o em sua memória. Quando o rei já tiver exaurido três bons cavalos e a trombeta anunciar mais uma caçada, com certeza sonhará com aquele riacho, e se imaginará deitado nele. Folhas mortas e a água fria do rio, não vai querer outra coisa.

Ele examina Norris: sua adorável autodepreciação. Ele pensa, quando esteve com meu cardeal em Putney, quando ele caiu de joelhos na lama; por acaso foi quem ofereceu as imagens de sua lembrança à corte, ao mundo, aos estudantes do Gray's Inn? Pois se não foi você, quem foi?

Na floresta, uma pessoa pode acabar perdida, sem os companheiros. Pode encontrar um rio que não figura no mapa. Pode perder a presa de vista, e esquecer por que está ali. Pode encontrar um duende, ou o Cristo vivo, ou um velho inimigo seu; ou um novo inimigo, alguém que não conhece até ver seu rosto aparecendo

entre as folhas agitadas e a centelha de sua adaga. Pode encontrar uma mulher dormindo sob um teto de folhas. Por um momento, antes de ter certeza de que não a conhece, ele pode achar que é alguém familiar.

Em Austin Friars há poucas oportunidades para a solidão, ou para estar a sós com uma pessoa. Todas as letras do alfabeto o observam. No escritório contábil, há o jovem Thomas Avery, a quem ele treina para administrar suas finanças pessoais. A meio caminho entre as letras chega Marlinspike, passeando pelo jardim com seus olhos dourados observadores. No fim do alfabeto está Thomas Wriothesley, que se pronuncia "Risley". É um jovem inteligente, mais ou menos 25 anos e de boa família, filho do heraldo de York, sobrinho de um cavaleiro real da Ordem da Jarreteira. Na casa de Wolsey, ele trabalhava sob direção de Cromwell, e depois de Gardiner, como secretário-mor, para servi-lo. Nos últimos tempos, às vezes ele aparecia na corte, às vezes em Austin Friars. Um espião de Stephen, diziam os meninos — Richard e Rafe.

O Sr. Wriothesley é alto, tem cabelos louro-acobreados, mas sem a propensão de outros de mesma compleição — digamos, o rei — de ficar cor-de-rosa quando satisfeito ou salpicado quando irritado; está sempre pálido e frio, sempre no controle de sua agradável pessoa, sempre composto. Em Trinity Hall, ele era um grande ator nas peças estudantis, e tem certas afetações, uma preocupação consigo, com a forma como se apresenta; Richard e Rafe o imitam pelas costas, e dizem "Meu nome é Wri-oth-es-ley, mas como desejo poupar-lhe o esforço, pode me chamar de Risley". Os meninos dizem, ele só complica seu nome para vir aqui, assinar coisas e gastar nossa tinta. E também dizem, para quem conhece Gardiner, que ele é muito agastado para usar nomes longos, Gardiner só o chama de "você". Eles se divertem com essa piada e, por algum tempo, a cada vez que o Sr. W. aparece, os rapazes exclamam "É você!".

Cromwell diz, tenham piedade do Sr. Wriothesley. Homens de Cambridge merecem nosso respeito.



Ele gostaria de perguntar aos meninos, Richard, Rafe, e ao Sr. Wriothesley-me-chame-de-Risley: eu pareço um assassino? Existe um rapaz que acha que sim.

Este ano não houve peste no verão. Os londrinos agradecem de joelhos. Na véspera de São João, as fogueiras queimam por toda a noite. Pela manhã, lírios brancos são trazidos dos campos. Com dedos trêmulos, as filhas da cidade os trançam em guirlandas soltas que penduram nos portões da cidade e nas portas do casario.

Ele pensa naquela moça como uma flor branca; a jovem aia de Lady Ana, que se esgueirou pela porta. Seria fácil descobrir o nome dela, mas ele não sabe porque esteve ocupado demais com os segredos de Maria. Da próxima vez em que a vir... Mas qual é a utilidade de pensar nisso? Ela pertence a alguma casa nobre. Ele quis escrever para Gregory e dizer: eu vi uma jovem tão linda, vou descobrir quem ela é e, se eu manobrar nossa família com habilidade nos próximos anos, talvez você possa desposá-la.

Contudo, ele não escreveu isso. Na precária situação em que viviam, seria quase tão útil quanto as cartas que Gregory costumava escrever: *Querido pai, espero que o senhor esteja bem. Espero que sua cadela esteja bem. E agora não mais por falta de tempo.*

O lorde chanceler More diz:

— Venha me visitar, e conversaremos sobre as universidades de Wolsey. Tenho certeza de que o rei fará algo pelos pobres estudantes. Venha, por favor. Venha ver minhas rosas antes que o calor as estrague. Venha ver meu novo tapete.

É um dia abafado, cinzento; quando ele chega a Chelsea, a barca do secretário-mor está atracada e a bandeira Tudor pende flácida no ar carregado. Para além dos portões, a recém-construída mansão de tijolos vermelhos oferece sua vívida fachada para o rio. Ele caminha em direção à residência por entre as amoreiras. Parado no pórtico, sob as madressilvas, Stephen Gardiner. Os pátios em Chelsea estão repletos de pequenos animais de estimação, e quando ele se aproxima e seu anfitrião o saúda, ele vê que o chanceler da Inglaterra segura um coelho de orelhas caídas e pelo nevado; o

animal se abandona pacificamente às mãos dele, como luvas de arminho.

— Seu genro Roper nos acompanhará hoje? — pergunta Gardiner. — Que pena. Eu esperava vê-lo mudando de religião novamente. Queria ser testemunha disso.

— Um passeio pelo jardim? — propõe More.

— Pensei que poderíamos vê-lo jantando com um amigo de Lutero, como outrora, e depois retornando ao seio da Igreja no momento em que chegassem as groselhas e framboesas.

— Will Roper agora está firme — responde More — na fé da Inglaterra e de Roma.

Ele comenta:

— Realmente não é um bom ano para frutas delicadas.

More o observa de soslaio; ele sorri. Simpático, ele papeia enquanto os conduz para dentro da casa. Arrastando-se na retaguarda vai Henry Pattinson, um criado de More que ele às vezes chama de seu bobo da corte e a quem dá certa licença. O homem é um grande encenqueiro. Normalmente as pessoas acolhem um bobo para protegê-lo; no caso de Pattinson, o resto do mundo é quem precisa de proteção. Será que ele é realmente limitado? Há algo matreiro em More: ele gosta de constranger os outros; ter um bobo que não é bobo seria típico do lorde chanceler. Supostamente, Pattinson caiu do campanário de uma igreja e bateu a cabeça. Na cintura ele usa um barbante cheio de nós que às vezes diz ser seu rosário, às vezes seu açoite. E às vezes ele diz que é a corda que deveria ter impedido sua queda.

Entrando na casa, o visitante conhece a família pintada em tamanho natural em um quadro antes de conhecê-los em carne e osso; e More, consciente do duplo efeito que isso provoca, faz uma pausa para deixar que os outros contemplem e absorvam a imagem. A favorita, Meg, está sentada aos pés de seu pai com um livro nos joelhos. Reunidos informalmente em torno do lorde chanceler estão seu filho John; sua protegida Anne Cresacre, esposa de John; Margaret Giggs, que é também sua protegida; seu velho pai, Sir John More; as filhas Cicely e Elizabeth; Pattinson, com olhos arregalados; e a esposa Alice, com a cabeça baixa e usando uma

cruz, na beirada da pintura. O Mestre Holbein os agrupou sob seu olhar e os fixou para sempre: isto é, contanto que nenhuma traça os consuma, nenhuma chama, mofo ou putrefação.

Na vida real, há algo puído em seu anfitrião, um ligeiro indício de fios soltos; estando à vontade, ele usa um simples camisolão de lã. Para inspeção dos convivas, o novo tapete está esticado sobre duas mesas longas. O pigmento não é carmim, tem um tom rosado: não é alizarina, ele pensa, mas um corante vermelho misturado com soro de leite.

— Meu lorde cardeal gostava de tapetes turcos — murmura ele. — Certa vez o doge lhe mandou sessenta. — O fio é da lã macia de ovelhas da montanha, mas nenhuma das ovelhas era negra; onde a lã é mais escura, a superfície já tem um toque áspero devido ao tingimento desigual, e com o tempo e uso talvez se esfiape. Ele vira o canto do tapete, corre os dedos pelos pontos, contando-os às polegadas, uma ação de costume antigo. — Este é o nó turco — diz ele —, mas a estampa é de Pérgamo; estão vendo dentro dos octógonos, a estrela de oito pontas? — Ele alisa o canto e se afasta, volta, diz “aí está”; ele avança, põe a mão delicadamente sobre a falha, na interrupção do trançado, no losango ligeiramente deslocado, inadequadamente torcido. Na pior das hipóteses, o tapete na verdade é feito de dois tapetes atados como um só. Na melhor, foi trançado pelo Pattinson da vila, ou costurado no ano anterior por escravos venezianos numa oficina em algum beco. Para ter certeza, ele precisa virar o tapete inteiro do avesso.

O anfitrião indaga:

— Não foi uma boa compra?

É lindo, ele diz, não querendo estragar o prazer do outro. Mas pensa, da próxima vez leve-me com você. Sua mão passeia pela superfície, rica e macia. A falha no trançado pouco importa. Um tapete turco não está sob juramento. Há certas pessoas neste mundo que gostam de tudo muito justo e preciso, e há outras que permitem certa flexibilidade nas margens. E ele pertence aos dois tipos. Por exemplo, ele não permitiria uma ambiguidade descuidada num arrendamento, mas o instinto lhe diz que às vezes um contrato deve ser redigido de maneira não tão estrita. Arrendamentos,

mandados, estatutos, todos são escritos para serem lidos, e cada pessoa os lê à luz de seu próprio interesse. More diz:

— O que acham, cavalheiros? Caminhar sobre ele, ou pendurar na parede?

— Caminhar sobre ele.

— Thomas e seus gostos luxuriantes! — E eles riem. Quem visse pensaria que são amigos.

Eles saem para o aviário, e conversam animadamente enquanto os pintassilgos esvoaçam e cantarolam. Um netinho engatinha para perto; uma mulher de avental vigia o bebê. A criança aponta para os pássaros, emite expressivos sons de prazer, agita os braços. Ela vê Stephen Gardiner; sua boquinha se curva para baixo. A babá a pega no colo, antes que se derrame em lágrimas. Como será ter um poder tão natural sobre os jovens?, ele pergunta a Stephen, que fecha a carranca.

More o toma pelo braço.

— Pois bem, tratemos das universidades. Eu falei com o rei e nosso secretário-mor aqui fez o melhor que pôde; verdade, ele fez. O rei pode reinaugurar o Cardinal College em seu nome, mas não vejo esperança para Ipswich, afinal, é apenas... Sinto dizer isto, Thomas, mas é apenas o local de nascimento de um homem agora desgraçado, e portanto não tem qualquer interesse especial para nós.

— É uma pena para os estudantes.

— Sim, claro. Podemos jantar?

No grande salão de More, a conversa se dá exclusivamente em latim, embora a esposa do chanceler seja a anfitriã e não fale uma palavra do idioma. Eles têm o costume de ler uma passagem da escritura, como ação de graças.

— Hoje é a vez de Meg — diz More.

Ele está ansioso para exhibir sua adorada. A moça pega o livro e o beija; competindo com as interrupções do bobo, ela lê em grego. Gardiner tem os olhos fortemente cerrados; ele não parece devoto, mas exasperado. Cromwell observa Margaret. Talvez ela tenha uns

25 anos. A moça tem uma cabeça ágil e cabelos suaves, como a cabeça da pequena raposa que More diz ter domesticado — apesar de conservar o animal numa jaula, por segurança.

Os criados entram. É com Alice que eles trocam olhares enquanto posicionam os pratos; aqui, madame, e aqui? A família na pintura não precisa de criados, claro; eles existem por si mesmos, flutuando contra a parede.

— Comam, comam — diz More. — Todos exceto Alice, que vai acabar explodindo neste seu corpete.

Alice vira a cabeça ao ouvir seu nome.

— Esta expressão de dolorosa surpresa não é natural dela — prossegue More. — É produzida pelos cabelos que ela repuxa para trás e atravessa com grandes alfinetes de marfim, correndo o risco de machucar seu crânio. Ela acredita que sua testa é muito baixa. E é, claro. Ah, Alice, Alice — ele conclui —, ajude-me a lembrar por que me casei com você.

— Para cuidar da casa, pai — responde Meg em voz baixa.

— Sim, sim — diz More. — Apenas um olhar sobre Alice já me livra da mácula da concupiscência.

Cromwell percebe algo estranho, como se o tempo executasse alguma volta ou se atasse num nó; ele os viu na parede como Hans os congelara, e aqui eles representam a si mesmos, usando as várias expressões de apatia ou diversão, benignidade e graça: uma família feliz. Ele prefere seu anfitrião como Hans o pintou, o Thomas More da parede; é possível ver que ele está pensando, mas não o que ele está pensando, e é assim que deveria ser. O pintor os agrupou tão habilidosamente que não há espaço entre as silhuetas para qualquer outra pessoa. O observador só pode imaginar-se na cena como um borrão ou uma mancha; decerto, ele pensa, Gardiner é um borrão ou mancha. O secretário agita as mangas negras; ele debate vigorosamente com seu anfitrião. O que São Paulo quer dizer quando declara que Jesus foi criado um pouco abaixo dos anjos? Os holandeses sabem contar piadas? Qual é o brasão apropriado do herdeiro do duque de Norfolk? Isto foi um trovão à distância, ou o calor vai continuar? Exatamente como na pintura, Alice tem um macaquinho preso a uma corrente dourada. Na pintura, ele brinca

entre as saias dela. Na vida real, ele se senta em seu colo e se pendura nela como uma criança. Às vezes ela baixa a cabeça e murmura com ele, para que ninguém mais possa ouvir.

More não bebe vinho, embora o sirva aos convivas. Há diversas iguarias, todas com o mesmo sabor — carne de algum tipo, com um molho arenoso como a lama do Tâmis —, e depois coalhada e um queijo que ele diz ser feito por uma de suas filhas, protegidas, enteadas, uma das várias mulheres que enchem a casa.

— Porque é preciso mantê-las ocupadas — diz More. — Elas não podem viver com seus livros, e as jovens são propensas a má-criações e indolência.

— Certamente — Cromwell responde. — Daqui a pouco, elas estarão brigando nas ruas. — Sem querer, seus olhos são atraídos para o queijo, furado e gelatinoso como o rosto de um garoto de estábulo após uma noite fora.

— Henry Pattinson está agitado hoje à noite — comenta More. — Talvez tenha de ser sangrado. Espero que sua dieta não tenha sido demasiado rica.

— Ah — retruca Gardiner —, eu não teria preocupações dessa ordem.

O velho John More — que agora deve ter 80 anos — chegou para a ceia, e eles então lhe cedem a palavra; o velho gosta de contar histórias.

— Já ouviram falar de Humphrey, duque de Gloucester, e do mendigo que alega ser cego? Já ouviram falar do homem que não sabia que a Virgem Maria era judia?

Sempre se espera mais de um velho advogado astuto, mesmo em sua senilidade. Ele então começa a contar anedotas sobre mulheres estúpidas, das quais tem uma vasta coleção e, quando cai no sono, o anfitrião More tem outras. Lady Alice fecha a cara. Gardiner, que já ouviu todas aquelas histórias antes, trinca os dentes.

— Olhem lá, minha nora, Anne — diz More. — A moça baixa os olhos; seus ombros se retesam em preparação para o que vem pela frente. — Anne ansiava... posso contar a eles, minha querida? Anne ansiava por um colar de pérolas. Ela não parava de falar nisso, vocês

sabem como são as jovens. Assim, quando eu lhe dei uma caixa que chocalhava, imaginem a expressão dela. Imaginem a expressão dela novamente quando abriu a caixa. O que tinha dentro? Ervilhas secas!

A garota suspira profundamente. Ela ergue o rosto. Ele percebe o esforço que lhe custa fazer isso.

— Pai — ela diz —, não se esqueça de contar a história da mulher que não acreditava que o mundo é redondo.

— Ah sim, esta é muito boa. — More ri.

Quando observa Alice, pregando os olhos no marido com dolorosa concentração, Cromwell pensa, ela ainda não acredita.

Após o jantar, eles falam sobre o terrível rei Ricardo. Há muitos anos, Thomas More começou a escrever um livro sobre o rei. Ele não decidiu se redigiria em inglês ou latim, e portanto fez em ambos, embora jamais tenha terminado ou enviado qualquer parte para a gráfica. Ricardo nasceu para ser mau, diz More; estava escrito nele desde seu nascimento. Ele balança a cabeça.

— Atos de sangue. Jogos dos reis.

— Dias negros — diz o bobo.

— Que jamais retornem.

— Amém. — O bobo aponta para os convidados. — Que estes aqui jamais retornem também.

Há gente em Londres que diz que John Howard, avô do presente duque de Norfolk, esteve mais que vagamente envolvido no desaparecimento dos meninos que entraram na Torre e jamais saíram. Dizem os londrinos — e ele acredita que os londrinos têm razão — que os príncipes foram vistos pela última vez sob a vigilância de Howard; contudo, Thomas More acredita que foi o delegado Brakenbury quem entregou as chaves aos assassinos. Brakenbury morreu em Bosworth; não se levantará do túmulo para reclamar.

Fato é que Thomas More é unha e carne com o atual Norfolk e vive ansioso por negar que o ancestral do duque ajudou no desaparecimento de alguém, menos ainda de duas crianças de sangue real. Cromwell imagina o duque atual: em uma das mãos retesada e gotejante, ele segura um pequeno corpo de cabelos

dourados; na outra, o tipo de faca que um homem leva à mesa para cortar sua carne.

Ele volta a si: Gardiner, socando o ar, pressiona o lorde chanceler por provas. No momento, os resmungos e gemidos do bobo se tornam insuportáveis.

— Pai — diz Margaret —, por favor, mande Henry para fora.

More se ergue para censurá-lo e o leva pelo braço. Todos os olhos o seguem. Mas Gardiner tira vantagem do silêncio. Ele se inclina à frente, fala inglês em tons baixos.

— Quanto ao Sr. Wriothlesley. Por favor, ajude-me a recordar. Ele está trabalhando para mim ou para você?

— Para você, imagino, agora que foi nomeado guarda-selo. Eles dão assistência ao secretário-mor, não?

— Por que ele vive na sua casa?

— Ele não é um aprendiz em servidão. Pode ir e vir.

— Imagino que ele esteja cansado dos homens da Igreja. Ele quer saber o que pode aprender com... sabe-se lá como você se descreve, hoje em dia.

— Um indivíduo — ele replica, placidamente. — O duque de Norfolk diz que sou um indivíduo.

— O Sr. Wriothlesley só está de olho em sua própria vantagem.

— Eu espero que todos estejamos. Caso contrário, para que Deus nos daria olhos?

— Ele pensa em fazer fortuna. Todos sabemos que o dinheiro gruda nas mãos de Thomas Cromwell.

Como os pulgões se grudam às rosas de More.

— Não. — Ele suspira. — Ai de mim, o dinheiro apenas passa por elas. Você sabe, Stephen, como gosto de luxo. Mostre-me um tapete e eu caminharei sobre ele.

Após censurar e despachar o bobo, More se reúne aos convivas.

— Alice, eu avisei quanto a beber vinho. Seu nariz está brilhando.

O rosto de Alice fica rijo de antipatia e um tipo de medo. As mulheres mais jovens, que compreendem tudo que é dito, baixam as cabeças e examinam as mãos, remexendo e virando os anéis para vê-los sob a luz. Neste ponto, algo se abate sobre a mesa com um



estampido, e a irritação leva Anne Cresare a gritar em seu idioma natal:

— Henry, pare com isso!

Há uma galeria acima, com janelas ogivais; o bobo, inclinado para fora de uma dessas janelas, atira cascas de pão contra eles.

— Não se retraiam, senhores! — grita ele. — Estou atirando o corpo de Deus sobre os senhores.

Ele acerta o velho, que acorda num sobressalto. Sir John olha ao redor; com seu guardanapo, ele limpa a baba do queixo.

— Já basta, Henry — exclama More. — Você acordou meu pai. E está blasfemando. E desperdiçando pão.

— Deus do céu, ele deveria ser chicoteado — rosna Alice.

Cromwell olha em torno; ele sente algo que identifica como piedade, uma angústia pesada sob o esterno. Ele acredita que Alice tem um bom coração; e continua a acreditar, mesmo quando se despede, agradecendo em inglês, e ela solta:

— Thomas Cromwell, por que não se casa novamente?

— Ninguém me quer, Lady Alice.

— Bobagem. Seu amo pode estar arruinado, mas o senhor não é pobre, é? Tem seu dinheiro no exterior, foi o que fiquei sabendo. Tem uma boa casa, não tem? Tem acesso ao rei, segundo meu esposo. E pelo que dizem minhas irmãs na cidade, tem tudo funcionando muito bem.

— Alice! — exclama More. Sorrindo, ele segura o pulso da mulher e lhe dá uma sacudidela. Gardiner ri: uma profunda risota de tenor, como uma gargalhada saída de uma fenda na terra.

Quando saem para a barca do secretário-mor, o perfume dos jardins pesa no ar.

— More vai dormir às nove horas — conta Stephen.

— Com Alice?

— Dizem que não.

— Você tem espiões na casa?

Stephen não responde.

É crepúsculo; as luzes flutuam no rio.

— Por Deus, estou faminto — reclama o secretário-mor. — Deveria ter guardado uma das cascas do pão do bobo. Queria ter

agarrado aquele coelho branco; eu o comeria cru.

— Sabe, More não ousa ser direto.

— Realmente não ousa — diz Gardiner. Sob a cobertura da barca, ele se senta, curvado sobre si mesmo como se sentisse frio.

— Mas todos conhecemos as opiniões dele, que penso serem fixas e impermeáveis a argumentos. Quando ele tomou o posto, disse que não se envolveria com o divórcio, e o rei aceitou isso, mas eu me pergunto por quanto tempo mais.

— Eu não falo de se ser direto com o rei. Eu quis dizer com Alice. Gardiner ri.

— Verdade. Se compreendesse o que ele diz a seu respeito, Alice o arrastaria para as cozinhas e mandaria depená-lo e assá-lo.

— Imagine se ela morresse. Ele ficaria arrependido.

— Ele teria outra esposa na casa antes que ela esfriasse. Uma mulher mais feia ainda.

Ele pondera: vagamente, ele prevê uma oportunidade para fazer apostas.

— Aquela jovem — Cromwell diz. — Anne Cresacre. É uma herdeira, sabe? Órfã.

— Houve um escândalo, não foi?

— Depois que o pai dela morreu, os vizinhos a sequestraram, para casá-la com o filho. O rapaz a estuprou. Ela tinha 13 anos. Isso foi em Yorkshire... é assim que eles agem por lá. Meu lorde cardeal ficou furioso quando soube. Foi ele quem a resgatou. Ele a colocou sob o teto de More porque achou que ela estaria segura.

— E ela está.

Não da humilhação.

— Desde que se casou com ela, o filho de More vive das terras de Anne. Ela ganha uma centena por ano. Eu imaginava que ela poderia pagar por um colar de pérolas.

— Você acha que More está decepcionado com o filho? O rapaz não mostra talento algum para negócios. Aliás, ouvi dizer que você tem um menino assim. Logo também estará procurando uma herdeira para ele.

Cromwell não responde. É a verdade; John More, Gregory Cromwell, o que fizemos com nossos filhos? Nós os transformamos

em jovens cavalheiros indolentes — mas quem pode culpar-nos por desejar para eles a facilidade que não tivemos? Uma coisa se pode dizer a favor de Thomas More, ele jamais descansou por uma hora, passou a vida lendo, escrevendo, falando sobre o que acredita ser o bem da comunidade cristã.

Stephen diz:

— É claro, você pode ter mais filhos. Não está ansioso pela esposa que Alice vai conseguir para você? Ela não lhe poupou elogios.

Cromwell sente medo. É como Mark, o alaudista: as pessoas imaginam o que não podem saber. Mas ele tem certeza de que seu envolvimento com Johane é um segredo.

— Você nunca pensou em se casar? — indaga ele.

Um vento frio se espalha sobre as águas.

— Eu pertencço às ordens religiosas.

— Ora, vamos, Stephen. Você deve ter mulheres. Não?

A pausa é longa, tão silenciosa que ele pode ouvir os remos mergulhando no Tâmis, o leve ruído que provocam; ele ouve as pequenas ondas em seu rastro. Ele ouve um cão latindo, da margem sul. O secretário pergunta:

— Que tipo de interrogatório de Putney é este?

O silêncio dura até Westminster. Mas, ao todo, não foi uma viagem tão má. Como ele menciona ao desembarcar, nenhum atirou o outro no rio.

— Estou esperando que a água fique mais gelada — responde Gardiner. — E que eu possa amarrá-lo com pesos. Mas você tem um truque para emergir, não tem? Aliás, por que eu o trouxe a Westminster?

— Vou visitar Lady Ana.

Gardiner está afrontado.

— Você não me disse isso.

— Devo noticiar todos os meus planos a você?

Ele sabe que é o que Gardiner preferiria. O boato é de que o rei está perdendo a paciência com seu conselho. Henrique grita para os homens: “O cardeal tem um homem melhor que qualquer um de vocês, para assuntos administrativos”. Cromwell pensa, se meu lorde

cardeal retornar — coisa que pode acontecer a qualquer momento, num capricho do rei — então vocês estão todos mortos, Norfolk, Gardiner, More. Wolsey é um homem piedoso, mas, na verdade, só até certo ponto.

Mary Shelton o atende; ela ergue os olhos, abre um sorriso afetado. Ana está suntuosa em sua camisola de seda escura. Seus cabelos estão soltos, os pés delicados à vontade em sapatilhas de pelica. Está jogada sobre uma poltrona, como se o dia lhe tivesse arrancado todo o ânimo. Contudo, mesmo assim, quando ela ergue os olhos, eles despendem faíscas hostis.

— Onde esteve?

— Utopia.

— Ah. — Ela se interessa. — E como foi?

— Dame Alice tem um macaquinho que se senta em seu colo à mesa.

— Eu os odeio.

— Eu sei.

Ele passeia. Ana deixa que ele a trate de modo bastante normal, a não ser quando é acometida de súbito e feroz ataque de eu-que-serei-rainha, e o repreende. Ela examina o dedão de sua sapatilha.

— Dizem que Thomas More é apaixonado pela própria filha.

— Acho que talvez tenham razão.

Ana solta uma risadinha.

— É uma moça bonita?

— Não. Mas é culta.

— Eles falam de mim?

— Nunca a mencionam naquela casa. — Ele pensa, eu gostaria de saber a opinião de Alice.

— Então qual foi a conversa?

— Os vícios e tolices das mulheres.

— Imagino que tenha participado do assunto, não? De qualquer modo, é verdade. A maioria das mulheres é tola. E cruel. Eu vejo isso. Passo tempo demais cercada por mulheres.

— Norfolk e o senhor seu pai estão muito ocupados em reuniões com embaixadores. França, Veneza, o homem do imperador, tudo nestes últimos dois dias.

Ele pensa, estão montando uma armadilha para meu cardeal. Eu sei disso.

— Eu não imaginava que podia bancar informações tão boas. Mas fiquei sabendo que gastou mil libras com o cardeal.

— Eu espero receber de volta. Daqui e dacolá.

— Imagino que há gente grata. Se receberam as terras do cardeal como concessão.

Cromwell pensa, seu irmão George, lorde Rochford, seu pai Thomas, conde de Wiltshire, eles enriqueceram com a queda do cardeal, não? Veja o que George anda vestindo nos últimos dias, veja o dinheiro que gasta em cavalos e mulheres; mas não percebo grandes sinais de gratidão nos Bolena. Ele responde:

— Só extraio minha taxa como notário.

Ela ri.

— E parece viver bem dela.

— Sabe, há formas e formas... Às vezes as pessoas simplesmente me dizem coisas.

É um convite. Ana baixa a cabeça. Ela está prestes a se transformar em uma daquelas pessoas. Mas talvez não esta noite.

— Meu pai diz, nunca se pode ter certeza quanto àquele homem, nunca se sabe para quem ele está trabalhando. Eu deveria ter adivinhado... embora eu seja apenas uma mulher. Mas é perfeitamente óbvio que trabalha para si mesmo.

Isto nos torna semelhantes, ele pensa: mas não diz.

Ana boceja, um pequeno bocejo felino.

— A senhora está cansada. Devo deixá-la. Aliás, por que mandou me chamar?

— Nós gostamos de saber onde o senhor anda.

— Então por que o senhor seu pai não manda me chamar, ou seu irmão?

Ela ergue os olhos. Pode ser tarde, mas não tarde demais para o sorriso cúmplice de Ana.

— Eles não acham que o senhor atenderia.

Agosto: o cardeal escreve para o rei, uma carta cheia de queixas, dizendo-se perseguido por seus credores, “mergulhado em infelicidade e pavor” — mas as histórias que chegam a Henrique são diferentes. Ele oferece jantares, convidando toda a nobreza local. Ele faz caridade em sua antiga escala principesca, acerta processos judiciais, convence maridos e esposas separados a partilharem um teto novamente.

Antes, em junho, Me-Chame-Risley esteve em Southwell com William Brereton, cavaleiro da câmara particular do rei: ele buscava a assinatura do cardeal para uma petição que Henrique pôs em circulação e que pretendia enviar ao papa. É ideia de Norfolk, agregar a assinatura de nobres e bispos na carta que pede a Clemente que dê a liberdade ao rei. Ela contém certas ameaças veladas e vagas, mas Clemente está habituado a ser ameaçado — ninguém melhor que ele em desvencilhar-se de uma pergunta, em pôr um lado contra o outro, em manobrar os dois lados a seu favor.

O cardeal parece bem, segundo Wriothesley. E, pelo visto, suas obras ultrapassaram os reparos e as poucas renovações. Ele tem revirado o país em busca de cristaleiros, marceneiros e encanadores; quando o cardeal resolve melhorar o saneamento, é um portento. Ele nunca teve uma igreja paroquial, mas construiu a torre mais alta; nunca se alojou num lugar onde não aplicasse projetos de drenagem. Logo haverá terraplenagem, aquedutos e esgoto. Em seguida, ele instalará fontes. Onde quer que vá, ele é aplaudido pelo povo.

— O povo? — desdenha Norfolk. — Eles aplaudiriam um macaco bárbaro. Quem se importa com o que o povo aplaude? Que acabem todos na forca.

— Mas, neste caso, de quem você cobraria impostos? — retruca ele, e Norfolk o encara temerosamente, sem saber se ele está brincando.

Os rumores sobre a popularidade do cardeal não o alegam, amedrontam. O rei deu o perdão a Wolsey, mas se Henrique já se ofendeu uma vez, pode ofender-se novamente. Se conseguiram inventar 44 acusações — e se sua imaginação não for limitada pela verdade —, podem pensar em outras 44.

Ele vê Norfolk e Gardiner cochichando. Eles erguem os olhares para ele; fecham a cara e se calam.

Wriothesley permanece a seu lado, à sua sombra e seguindo seu rastro, escreve suas cartas mais confidenciais, as cartas para o cardeal e para o rei. Ele nunca diz, estou cansado. Ele nunca diz, já é tarde. Ele lembra tudo que se espera dele. Nem Rafe consegue ser tão perfeito.

É hora de colocar as meninas nos negócios da família. Johane reclama da costura inábil de sua filha; ao que parece, a menina transferiu a agulha sorrateiramente para a mão esquerda e elaborou um estranho pesponto que outra pessoa teria muito trabalho para imitar. Ela ganha a tarefa de costurar os despachos dele para o norte.

Setembro de 1530: o cardeal deixa Southwell, viajando em fáceis estágios para York. A parte seguinte de sua jornada se torna uma procissão triunfal. Gente de todo o campo enxameia para vê-lo, aguardando-o na margem da estrada, em pontos onde há uma cruz, para que ele deite as mãos mágicas sobre seus filhos; eles chamam de "confirmação", mas parece ser algum sacramento mais antigo. O povo se aglomera aos milhares, para pasmar-se diante dele; e o cardeal ora por todos.

— O conselho tem o cardeal sob observação — conta Gardiner, passando por Cromwell às pressas. — Eles mandaram fechar os portos.

— Diga a Wolsey que se eu tornar a vê-lo, vou mastigá-lo inteiro, carne, osso e banha — diz Norfolk. Ele escreve estas exatas palavras e as envia para o norte: "carne, osso e banha". Ele quase consegue ouvir os dentes do duque mordendo e triturando.

A 2 de outubro, o cardeal chega a seu palácio em Cawood, a 16 quilômetros de York. Sua posse é marcada para 7 de novembro. Chegam notícias de que ele convocou as autoridades da Igreja do norte; eles devem reunir-se em York no dia seguinte à posse. É um sinal de sua independência; alguns podem achar que é um sinal de revolta. Ele não informou o rei, não informou o velho Warham,

arcebispo da Cantuária; Cromwell imagina a voz do cardeal, suave e divertida, dizendo, ora, Thomas, por que eles precisam saber?

Norfolk o chama. Seu rosto está escarlate e ele chega a espumar quando começa sua gritaria. Ele esteve há pouco com seu armador para uma prova, e ainda está vestido com diversas partes da armadura — a couraça, a escarcela — e parece uma panela de ferro à beira da ebulição.

— Por acaso ele pensa que pode se entrincheirar lá no norte e conquistar um reino para si? O barrete de cardeal não é o bastante para ele, só uma coroa vai servir para o maldito Thomas Wolsey, maldito filho de açougueiro, e eu vou lhe dizer uma coisa, eu vou...

Ele baixa o olhar, caso o duque pare para tentar ler seus pensamentos. Ele pensa, meu amo teria sido um rei excelente; tão benigno, tão seguro e tão suave em seus trâmites, tão justo, tão rápido e perspicaz. Seu governo teria sido o melhor de todos, seus servos, os melhores servos; e como teríamos desfrutado de seu Estado.

Seu olhar segue o duque enquanto este se agita e espuma; mas, para sua surpresa, quando o duque se volta, ele dá um tapa na própria coxa metálica e uma lágrima — de dor, ou outra coisa — fervilha em seu olho.

— Ah, acha que sou um homem duro, Cromwell? Não sou tão duro a ponto de não ver em que situação o senhor foi deixado. Entende o que estou falando? Estou dizendo que não conheço homem algum na Inglaterra que teria feito o que fez por um homem desgraçado e caído. O rei diz isso. Até ele, Chapuys, o homem do imperador, ele diz, não se pode criticar o fulano-de-tal. Eu digo, é uma pena que tenha se associado a Wolsey. É uma pena que não trabalhe para mim.

— Bem — replica ele —, todos queremos a mesma coisa. Que sua sobrinha se torne rainha. Não podemos trabalhar juntos por isso?

Norfolk resmunga. Sob seu ponto de vista, há algo inadequado nessa palavra, “juntos”, mas ele não consegue articular o que é.

— Não esqueça o seu lugar.

Ele faz uma reverência.



— Eu estou cômscio do contínuo apoio de Sua Graça.

— Escute aqui, Cromwell, eu quero que faça uma visita à minha casa, em Kenninghall, e converse com a minha senhora. Ela é uma mulher de exigências monstruosas. Ela acha que eu não deveria ter outra mulher na casa para meu prazer, sabe? Eu pergunto, e onde mais ela deveria estar? Quer que eu me dê ao trabalho de sair numa noite de inverno e me aventure por estradas congeladas? Não consigo me expressar corretamente para ela; acha que poderia aparecer e argumentar a meu favor? — Ele acrescenta, apressadamente: — Agora não, claro. Não. Mais urgente é... ver minha sobrinha...

— Como ela está?

— Em minha opinião — diz Norfolk —, Ana está sedenta por sangue. Ela quer as tripas do cardeal numa bandeja, para alimentar seus cães, e pregar os membros dele sobre os portões da cidade de York.

É uma manhã escura e seu olhar é naturalmente atraído para Ana, mas uma silhueta espectral se move por perto, nos limites do círculo de luz. Ana diz:

— O Dr. Cranmer acabou de voltar de Roma. Ele não nos traz nenhuma notícia boa, claro.

Os dois se conhecem; Cranmer de vez em quando trabalhava para o cardeal; e, na verdade, quem nunca trabalhou? Agora ele está em ação pela causa do rei. Eles se abraçam cautelosamente: erudito de Cambridge, indivíduo de Putney.

Ele diz:

— Senhor, por que não visitou nossa faculdade? Isto é, o Cardinal College? Sua Eminência lamentou muito por não ter recebido sua visita. Nós lhe teríamos proporcionado todo conforto.

— Acho que ele queria uma estada mais longa — diz Ana, abafando uma risada.

— Mas, com todo respeito, Lady Ana, o rei praticamente me garantiu que assumirá pessoalmente a fundação de Oxford. — Ele sorri. — Talvez possa ser renomeada em sua homenagem?

Naquela manhã, Ana usa um crucifixo numa corrente de ouro. Às vezes, seus dedos o puxam impacientemente e depois ela esconde as mãos de volta nas mangas. É um hábito tão constante que as pessoas dizem que ela tem algo a esconder, uma deformidade; mas ele acha apenas que Ana é uma mulher que não gosta de mostrar a mão.

— Meu tio Norfolk diz que Wolsey passeia com oitocentos homens armados à sua retaguarda. Dizem que ele recebe cartas de Catarina... Isso é verdade? Dizem que Roma emitirá um decreto determinando que o rei se separe de mim.

— Seria um erro crasso da parte de Roma — diz Cranmer.

— Sim, seria. Porque ele não aceitará receber ordens. Por acaso ele é algum funcionário de paróquia, o rei da Inglaterra? Ou uma criança? Isso não aconteceria na França; o rei francês mantém seus clérigos na palma da mão. O Sr. Tyndale diz, um rei, uma lei, é a palavra de Deus para todo o reino. Eu li seu livro, *A obediência de um cristão*. Mostrei o livro pessoalmente ao rei e marquei as passagens que dizem respeito à sua autoridade. O súdito deve obedecer ao rei como se fosse seu Deus; me fiz entender bem? O papa conhecerá seu lugar.

Cranmer olha para ela com um esboço de sorriso; Ana é como uma criança que se está ensinando a ler e que de repente deslumbra o professor com uma súbita aptidão.

— Espere — diz ela —, eu tenho algo a lhe mostrar. — Ela dardeja um olhar: — Lady Carey...

— Ah, por favor — retruca Maria. — Não faça circular esta história.

Ana estala os dedos. Maria Bolena se adianta para a luz, uma visão de cabelos dourados.

— Dê cá — ordena Ana. É um papel, que ela desdobra. — Encontrei isto em minha cama, vocês acreditam? Na verdade, foi na noite em que aquela peste de cara azeda preparou a cama, e, claro, eu não pude tirar qualquer explicação dela; quando olho desconfiada para ela, cai no choro. Portanto, não consigo descobrir quem pôs isso lá.

Ela desdobra um desenho. Há três figuras. A figura central é o rei. Ele é grande e belo e, para assegurar que ninguém o confunda, está usando uma coroa. De cada lado, ele tem uma mulher; a mulher à esquerda não tem cabeça.

— Esta é a rainha — diz ela —, Catarina. E esta sou eu. — Ela ri.  
— Ana *sans tête*.

O Dr. Cranmer estica a mão para pegar o papel.

— Passe-o para mim, eu vou destruí-lo.

Ela amassa o papel dentro da mão.

— Eu mesma posso destruí-lo. Há uma profecia que diz que uma rainha da Inglaterra será queimada. Mas uma profecia não me assusta e, mesmo que seja verdade, vou correr o risco.

Plantada como uma estátua, Maria continua na posição em que Ana a deixou; suas mãos estão enlaçadas como se o papel ainda estivesse entre elas. Ah, Cristo, pensa Cromwell, vê-la longe daqui; levá-la para algum lugar em que ela pudesse esquecer que é uma Bolena. Ela me pediu uma vez. Eu não a atendi. Se ela me pedisse de novo, eu me negaria de novo.

Ana se vira contra a luz. Suas faces estão encovadas (como está magra agora!), os olhos acesos.

— *Ainsi sera* — diz ela. — Não me importa se alguém não gosta, assim será. Eu o terei.

Na saída, Cromwell e o Dr. Cranmer não falam, até que veem a mocinha pálida vindo em sua direção, a peste de cara azeda, carregando lençóis dobrados.

— Acho que essa é a chorona — diz ele. — Não olhe com desconfiança para ela.

— Sr. Cromwell — diz ela —, este inverno talvez seja longo. Mande-nos mais de suas tortinhas de laranja.

— Há tanto tempo que não vejo você... O que anda fazendo, por onde anda?

— Basicamente, costurando. — Ela responde cada pergunta em separado. — Aonde me mandam.

— E espionando, imagino.

Ela assente.

— Não sou muito boa nisso.

— Não sei. Você é bem pequena e passa despercebida.

Ele fala como um elogio; ela apenas o olha, compreendendo.

— Eu não falo francês. Então, se não se importa, não fale também. Senão nada posso relatar.

— Para quem está espionando?

— Meus irmãos.

— Você conhece o Dr. Cranmer?

— Não — responde ela, pensando que é uma pergunta real.

— Ouça — ele ensina —, você deve se apresentar.

— Ah. Entendo. Eu sou filha de John Seymour. De Wolf Hall.

Ele fica surpreso.

— Pensei que as filhas dele estivessem com a rainha Catarina.

— Sim. Às vezes. Agora não. Como eu disse, vou para onde me mandam.

— Mas onde você não é querida.

— Eu sou, de certa forma. Veja bem, Lady Ana nunca recusa uma dama de companhia da rainha que deseja passar algum tempo com ela. — Ela ergue os olhos, uma centelha momentânea. — Poucas querem.

Toda família em ascensão precisa de informações. Uma vez que o rei agora se considera solteiro, qualquer mocinha pode ter a chave para o futuro, e ele não aposta tudo em Ana.

— Bem, boa sorte — diz ele. — Vou procurar falar sempre em inglês.

— Eu ficaria muito grata. — Ela se curva. — Dr. Cranmer.

Cromwell se vira para observá-la enquanto ela se apressa a retornar para Ana Bolena. Uma pequena suspeita penetra sua mente, sobre o desenho na cama. Mas não, ele pensa. Não é possível.

Dr. Cranmer diz, sorrindo:

— Você tem um amplo leque de conhecidas entre as damas da corte.

— Não tão amplo. Ainda não sei que jovem Seymour é esta, pois há pelo menos três. E imagino que os filhos de Seymour são ambiciosos.

— Mal os conheço.

— O cardeal criou Edward. Ele é inteligente. E Tom Seymour não é um tolo como finge ser.

— O pai?

— Vive em Wiltshire. Nunca o vemos.

— Uma situação talvez invejável — murmura o Dr. Cranmer.

Vida no campo. O idílio rural. Uma tentação que Cromwell nunca conheceu.

— Quanto tempo passou em Cambridge, antes de ser convocado pelo rei?

Cranmer sorri.

— Vinte e seis anos.

Os dois estão com trajes de montaria.

— Pretende voltar para Cambridge hoje?

— Não para ficar. A família — os Bolena, ele quer dizer — me quer por perto. E quanto ao senhor, Sr. Cromwell?

— Um cliente particular. Não posso ganhar a vida com os olhares negros de Lady Ana.

Rapazes esperam com os cavalos. Das várias dobras de sua vestimenta, o Dr. Cranmer tira objetos embalados em panos. Um deles é uma cenoura cuidadosamente cortada ao comprido, o outro é uma maçã murcha, cortada em quatro. Como se fosse uma criança educada com uma guloseima, ele dá a Cromwell duas fatias da cenoura e meia maçã para alimentar o próprio cavalo; enquanto faz isso, diz:

— O senhor deve muito a Ana Bolena. Mais do que talvez imagine. Ela formou uma boa opinião a seu respeito. Entretanto, não sei se deseja ser sua cunhada...

Os animais esticam o pescoço, focinhando, as orelhas sacudindo de felicidade. É um momento de paz, como uma bênção. Cromwell responde:

— Nada é segredo, não é?

— Não. Não. Absolutamente nada. — O padre balança a cabeça.

— O senhor me perguntou por que não vou à sua universidade.

— Eu estava puxando assunto.

— Mesmo assim... segundo soubemos em Cambridge, o senhor realizou tamanhos benefícios para a fundação... todos os estudantes

e professores o elogiam... nenhum detalhe escapa ao Sr. Cromwell. Por outro lado, estou certo de que este conforto de que os senhores tanto se orgulham... — Seu tom, suave e impassível, não se modifica. — No porão dos peixes? Onde os estudantes morreram?

— Meu lorde cardeal levou isto muito a sério.

Cranmer diz, tranquilamente:

— Eu também.

— Meu amo nunca foi homem de passar por cima dos outros por suas opiniões. O senhor estaria seguro.

— Eu garanto que ele não encontraria qualquer heresia em mim. Nem mesmo a Sorbonne pôde me criticar. Não tenho nada a temer. — Um sorriso fraco. — Mas talvez... ah, bem... talvez no fundo eu seja apenas um homem de Cambridge.

Ele indaga a Wriothsley:

— Cranmer é assim mesmo? Ortodoxo em todos os pontos?

— Difícil dizer. Cranmer não gosta de monges. Provavelmente se darão bem.

— Gostavam dele no Jesus College?

— Dizem que era um examinador severo.

— Imagino que ele não deixe escapar muita coisa. Embora pense que Ana é uma donzela virtuosa. — Ele suspira. — E o que pensamos nós?

Me-Chame-Risley resmunga. Ele acabou de se casar com uma parente de Gardiner, mas sua relação com as mulheres não é de todo gentil.

— Ele parece um tipo de homem melancólico — diz ele. — O tipo que deseja viver apartado do mundo.

As sobranceiras louras de Wriothsley se erguem, quase imperceptivelmente.

— Ele lhe contou sobre a garçone?

Quando Cranmer chega à casa, Cromwell serve a delicada carne de cabrito montês; eles ceiam em particular e ele extrai a história do outro, lenta e facilmente. Ele pergunta ao médico de onde ele vem,

e quando o outro responde, de nenhum lugar que conheça, Cromwell devolve, pode me testar, eu estive em quase todos os lugares.

— Se já estive em Aslockton, nem sequer saberia que passou por lá. Se um homem viajar 25 quilômetros até Nottingham, basta uma noite fora de lá e o lugar desaparece completamente de sua cabeça.

Sua vila nem sequer tinha uma igreja; apenas alguns casebres e a casa de seu pai, onde a família viveu por três gerações.

— Seu pai é um nobre?

— Sim, sem dúvida. — Cranmer soa vagamente chocado: e o que mais ele poderia ser? — Os Tamworths de Lincolnshire estão em minha linhagem. Os Cliftons de Clifton. A família Molineaux, de quem deve ter ouvido falar. Ou não?

— E têm muitas terras?

— Se eu soubesse, teria trazido todos os documentos.

— Perdão. Nós, homens de negócios...

Os olhos de Cranmer pousam sobre ele, examinando-o. Cranmer assente.

— Alguns acres. E eu não sou o mais velho. Mas ele me criou bem. Ensinou-me a montar. Ele me deu meu primeiro arco. E meu primeiro falcão para treinar.

Morto, ele conclui, o pai morto há muito: o filho ainda busca sua mão no escuro.

— Quando eu tinha 12 anos, ele me mandou para a escola. Eu sofri lá. O professor era severo.

— Consigo? Ou com os outros também?

— Para ser honesto, creio que só comigo. Eu era fraco, sem dúvida. Creio que ele perseguia a fraqueza. Os professores fazem isso.

— E não podia reclamar com seu pai?

— Hoje eu me pergunto por que não fiz isso. Mas ele morreu logo. Eu tinha 13 anos. No ano seguinte, minha mãe me mandou para Cambridge. Fiquei feliz por poder escapar. Por me livrar do jugo de sua chibata. Não que a chama do conhecimento ardesse apaixonadamente. O vento do leste a apagava. Oxford,

especialmente Magdalen, onde vivia seu cardeal, era o melhor lugar naqueles tempos.

Cromwell pensa, quem nascia em Putney via o rio todos os dias e o imaginava abrindo-se para o mar. Mesmo quem nunca tinha visto o oceano formava uma imagem na cabeça daquilo que ouvia de gente de fora, que às vezes chegava subindo o rio. Ele sabia que chegaria o tempo de partir para um mundo de pátios de mármore e pavões, de colinas ardendo no calor, de fragrância de ervas esmagadas elevando-se à sua volta durante o caminhar. Ele planejava o que suas viagens lhe trariam: o toque da terracota quente, o céu noturno de outro clima, flores estranhas, o olhar petrificado dos santos de outros povos. Mas quem nascia em Aslockton, nas planícies sob um céu imenso, talvez conseguisse apenas imaginar Cambridge: nada além.

— Um homem de minha universidade — diz o Dr. Cranmer com certa hesitação — ouviu do cardeal que você foi sequestrado por piratas quando bebê.

Ele o encara por um momento, e depois sorri com demorado prazer.

— Que falta sinto de meu amo. Agora que ele foi para o norte, não resta ninguém para me inventar.

O Dr. Cranmer diz, cauteloso:

— Então não é verdade? Pois eu me perguntava se havia alguma dúvida quanto ao seu batismo. Temo que isso poderia ser uma questão, num caso assim.

— Mas o caso nunca aconteceu. Verdade. Os piratas me devolveriam.

O Dr. Cranmer franze o cenho.

— Você foi uma criança malcriada?

— Se eu o conhecesse naquela época, teria espancado o professor para o senhor.

Cranmer para de comer; não que tenha provado grande coisa. Ele pensa: em algum lugar de seu ser, este homem sempre acreditará que sou um pagão; agora não vou mais convencê-lo do contrário.



— Sente falta de seus estudos? Sua vida foi abalada desde que o rei o tornou embaixador e o atirou para o mar aberto.

— Na baía de Biscaia, quando eu voltava da Espanha, tivemos de abandonar o navio. Eu ouvi as confissões dos marinheiros.

— Deve ter sido uma coisa e tanto de se escutar. — Ele ri. — Berradas acima do furor da tempestade.

Após aquela viagem extenuante — e mesmo com o rei satisfeito com sua embaixada — Cranmer teria retornado à sua antiga vida; contudo, num encontro de passagem com Gardiner, ele mencionou que as universidades europeias talvez fossem consultadas quanto ao caso do rei. Tentaram os advogados canônicos; agora tentarão com os teólogos. Por que não?, disse o rei; tragam-me o Dr. Cranmer, e que ele se encarregue disso. O Vaticano declarou que não tinha nada contra a ideia, contanto que não oferecessem dinheiro aos teólogos: vindo de um papa com o sobrenome Médici, foi uma condição graciosa. Para Cromwell, esta iniciativa pareceu quase ineficaz — mas ele pensa em Ana Bolena, e pensa no que a irmã disse: ela já não é nenhuma juvenzinha.

— Ouça, encontrou uma centena de estudiosos numa miríade de universidades, e alguns dizem que o rei está certo...

— A maioria...

— E se encontrasse duzentos mais, que diferença faria? Clemente não está aberto à persuasão. Só à pressão. E eu não falo de pressão moral.

— Mas não é Clemente a quem temos de persuadir a respeito do caso do rei. É toda a Europa. Todos os homens cristãos.

— Temo que as mulheres cristãs serão ainda mais difíceis.

Cranmer baixa os olhos.

— Nunca consegui persuadir minha esposa de coisa nenhuma. Nem sequer teria pensado em tentar. — Ele faz uma pausa. — Somos dois viúvos, acho, Sr. Cromwell, e, se seremos colegas, não posso deixá-lo em dúvida ou à mercê das histórias que as pessoas lhe trarão.

A luz está se apagando em volta deles enquanto ele fala, e sua voz, cada murmúrio, cada hesitação se desvanece no crepúsculo. Do lado de fora da sala onde estão, a casa segue seu curso noturno e

ouvem-se batidas e arrastões, como se estivessem empurrando longas mesas, e um som abafado de risos e gritinhos. Mas ele ignora, dedicando sua atenção ao padre. Cranmer conta: Joan, uma órfã criada numa casa nobre que ele costumava frequentar; nenhuma família, nenhum dote de casamento; ele se apiedou dela. O murmúrio no salão forrado ergue espíritos do lodaçal, convoca os mortos: Cambridge ao crepúsculo, a névoa se insinua dos pântanos e candeeiros ardem num cômodo vazio, onde acontece um ato de amor. Não pude evitar casar-me com ela, diz o Dr. Cranmer, e, de fato, como um homem pode evitar isto? A faculdade retirou a bolsa de estudos, claro, pois não admitem acadêmicos casados. Joan naturalmente teve de abandonar sua casa e, sem saber o que mais fazer com ela, Cranmer a instalou no Delfim, taberna mantida por alguns contatos dele, alguns parentes — ele confessa, não sem baixar os olhos — sim, é verdade que o Delfim é conduzido por alguns de seus parentes.

— Não é nada do que se envergonhar. O Delfim é uma boa casa. Ah, você conhece: e ele morde o lábio.

Ele estuda o Dr. Cranmer: sua forma de piscar, o dedo cauteloso que ele posiciona sob o queixo, seus olhos eloquentes e as pálidas mãos postas. Portanto, diz Cranmer, Joan não era, ela não era, vê, uma garçonete, ou o que quer que as pessoas digam, e sei bem o que dizem. Era uma esposa com um filho no ventre, e Cranmer era um pobre erudito, preparando-se para viver com a mulher em honesta pobreza, mas, no fim das contas, isto não aconteceu. Ele pensava que poderia encontrar um emprego como secretário de algum nobre, ou como um tutor, ou que poderia ganhar o sustento através da escrita, mas todos esses planos foram em vão. Ele imaginava que poderiam sair de Cambridge, ou até da Inglaterra, mas, no fim, não precisaram. Ele esperava que algum de seus contatos fizesse algo por seu bem, antes que o bebê nascesse: mas quando Joan morreu no parto, ninguém pôde fazer nada por ele, não mais.

— Se a criança tivesse sobrevivido, eu teria salvo alguma coisa. Do jeito que foi, ninguém sabia o que me dizer. Não sabiam se me davam condolências pela perda de minha esposa ou se me

parabenizavam porque o Jesus College me aceitara de volta. Eu aceitei os sacramentos; por que não? Tudo aquilo, meu casamento, o filho que achei que teria, meus colegas pareciam ver tudo como alguma espécie de erro de cálculo. Como alguém que se perde na floresta. O sujeito volta para casa e nunca mais torna a pensar naquilo.

— Há pessoas estranhamente frias neste mundo. É coisa de padres, acho. Com todo respeito à sua pessoa. Eles se treinam para silenciar todos os sentimentos naturais. Mas, claro, é com a melhor das intenções.

— Não foi um erro. Nós tivemos um ano. Eu penso nela todos os dias.

A porta se abre; é Alice trazendo as velas.

— Esta é sua filha?

Em vez de explicar sua família, ele diz:

— Esta é minha adorável Alice. Este é seu trabalho, Alice?

Ela sobe e desce numa pequena genuflexão para o clérigo.

— Não, mas Rafe e os outros querem saber do que estão falando aqui por tanto tempo. Eles esperam para saber se haverá um despacho para o cardeal esta noite. Jo está pronta com agulha e linha na mão.

— Diga a eles que vou escrever de próprio punho, e que mandaremos amanhã. Jo pode ir dormir.

— Ah, nós não vamos dormir. Estamos correndo atrás dos cães do Gregory pelo corredor e fazendo um barulho que acordaria os mortos.

— Entendi por que não querem dormir.

— Sim, é excelente! — declara Alice. — Nós gritamos como lavadeiras, ninguém pensaria em se casar com a gente. Se nossa tia Mercy se comportasse como nós quando era jovem, levaria um safanão na cabeça até sangrar pelas orelhas.

— Então nós vivemos tempos felizes — diz ele.

Quando ela sai, e a porta se fecha em seu rastro, Cranmer indaga:

— As crianças não são açoitadas?

— Tentamos ensiná-las com exemplo, como Erasmo sugere, mas todos nós gostamos de correr com os cachorros para cima e para baixo e fazer barulho, não nos saímos muito bem nesse aspecto.

Ele não sabe se deve sorrir; ele tem Gregory; tem Alice, e Johanne e a menina Jo, e no canto dos olhos, na periferia de sua visão, a mocinha pálida que espiona as Bolena. Em seu aviário, ele tem falcões que se aproximam ao som de sua voz. O que este homem tem?

— Eu penso nos conselheiros do rei — comenta o Dr. Cranmer. — O tipo de homem que ele tem à sua volta agora.

E ele tem o cardeal, se é que o cardeal ainda pensa bem do amigo depois de tudo o que aconteceu. E se morrer, ele tem os cães negros do filho para se deitar a seus pés.

— São homens capazes — prossegue Cranmer —, que farão tudo o que ele deseja, mas me parece, não sei como lhe parece, mas me parece que estão completamente desprovidos de qualquer entendimento da situação do rei... de qualquer compaixão ou bondade. Qualquer caridade. Ou amor.

— É o que me faz pensar que Henrique trará o cardeal de volta. Cranmer estuda o rosto do outro.

— Temo que isto não será possível agora.

Ele deseja falar, expressar sua ira e sua dor reprimida.

— Houve gente que trabalhou para criar desentendimentos entre nós, para persuadir o cardeal de que eu não estive trabalhando por seus interesses, apenas pelos meus, que fui comprado, que vejo Ana todos os dias...

— Claro, você realmente a vê...

— E de que outra maneira posso saber que medida tomar a seguir? Meu amo não tem como saber, não pode compreender como estão as coisas por aqui no momento.

Cranmer indaga, educadamente:

— Mas não deveria ir até ele? Sua presença dissiparia qualquer dúvida.

— Não há tempo. A armadilha está pronta para ele, e eu não ousou me mover.

O ar está frio; os pássaros do verão se foram e advogados de asas negras se reúnem para o novo período nos campi do Lincoln e do Gray. A temporada de caça — ou pelo menos a temporada em que o rei caça todos os dias — logo chegará ao fim. O que quer que tenha acontecido em outra parte, quaisquer decepções e frustrações, tudo pode ser esquecido no campo. O caçador está entre os mais inocentes dos homens; viver o presente faz com que ele se sinta puro. Ao retornar para casa, à noite, seu corpo dói, a mente está repleta de imagens de folhas e céus; ele não quer ler documentos. Suas tristezas, suas perplexidades desapareceram, e ficarão a distância, contanto que — após comida e vinho, riso e histórias contadas — ele se levante pela manhã para fazer tudo outra vez.

Mas o rei do inverno, menos ocupado, começará a pensar em sua consciência. Começará a pensar em seu orgulho. Começará a preparar as recompensas para quem puder apresentar resultados.

É um dia de outono, com um sol esbranquiçado flutuando por trás de folhas trêmulas e quase soltas. Eles entram na zona de tiro. O rei gosta de fazer mais de uma coisa ao mesmo tempo: falar, atirar flechas ao alvo.

— Aqui podemos ficar a sós — proclama Henrique —, e estarei livre para abrir minha mente para você.

Na verdade, o número de pessoas que os acompanha equivale à população de um vilarejo — um Aslockton, talvez. O rei não sabe o que quer dizer “sozinho”. Estaria ele só em algum momento, mesmo em seus sonhos? “Sozinho” significa sem Norfolk tilintando em seu rastro. “Sozinho” significa sem Charles Brandon, que num acesso de fúria de verão o rei aconselhou a não aparecer e se manter a uma distância que não chegasse a menos de 80 quilômetros da corte. “Sozinho” significa apenas com o funcionário do arco e seus serviçais, sozinho com os cavalheiros que sempre o acompanham, que são seus amigos seletos e privados. A menos que o rei esteja com a rainha, dois destes cavalheiros dormem aos pés de sua cama; ou seja, já faz alguns anos que eles vivem em serviço.

Quando vê Henrique retesar o arco, ele pensa, agora vejo que ele é da realeza. Em casa ou viajando, em tempos de guerra ou paz, feliz ou entristecido, o rei gosta de praticar diversas vezes por

semana, como um típico inglês; usando sua altura, os belos músculos treinados de seus braços, ombros e peito, ele lança suas flechas assobiando direto na mosca. Em seguida estica o braço para que alguém desamarre e torne a amarrar a braçadeira real, para que alguém troque seu arco e lhe ofereça outros modelos para que ele selecione um. Um escravo servil lhe entrega um lenço para secar a testa e o recolhe do lugar onde o rei o joga; e depois, exasperado, uma ou duas flechas passam longe do alvo, o rei da Inglaterra estala os dedos para que Deus mude a direção dos ventos.

O rei exclama, aos berros para se fazer ouvir:

— De várias partes recebo conselhos de que eu deveria considerar meu casamento dissolvido aos olhos da Europa cristã, podendo assim contrair novo matrimônio a meu bel-prazer. E logo.

Ele, de pronto, nada grita em resposta.

— Mas há outros que dizem...

A brisa sopra e as palavras são levadas para longe, em direção à Europa.

— Eu sou um desses outros.

— Jesus Cristo! — reclama Henrique. — Deste jeito serei emasculado. Quanto tempo imagina que dura minha paciência?

Cromwell hesita em dizer, o senhor ainda está vivendo com sua esposa. Partilham um teto, uma corte, para todo lado que vão juntos, Catarina está no lugar de rainha, e o senhor, no de rei; o senhor disse ao cardeal que ela é sua irmã, e não sua esposa, mas se hoje o tiro ao alvo não for bom, se a brisa não estiver a seu favor ou se o senhor descobrir os olhos turvados por lágrimas súbitas, é só com a irmã Catarina que pode contar, pois não pode admitir nenhuma fraqueza ou fracasso a Ana Bolena.

Ele estudou Henrique ao longo da rodada de aquecimento. Ele toma um arco a convite do rei, o que causa certa consternação entre as fileiras de nobres que perambulam pela grama e se recostam nas árvores, usando suas sedas em tons outonais de amora, ouro e ameixa. Embora Henrique atire bem, ele não tem o movimento de um arqueiro nato; o arco do arqueiro nato parece fazer parte de seu corpo. Compare-o com Richard Williams, ou Richard Cromwell, como agora se chama. Seu avô Ap. Evan era um artista do arco. Cromwell

nunca o viu, mas pode apostar que ele tinha músculos como cordas e que todos eram usados, do calcanhar para cima. Estudando o rei, ele conclui que seu bisavô não foi o arqueiro Blaybourne, como diz o boato, mas Richard, duque de York. Seu avô era da realeza; a mãe era da realeza; ele atira como um nobre amador, e é rei da cabeça aos pés.

O rei diz, você tem um bom braço, um bom olho. Ele responde, autodepreciativo: ah, mas só a esta distância; nós fazemos um campeonato todos os domingos, em família. Vamos à Catedral de São Paulo para a missa e depois partimos para Moorfields, encontramos nossos colegas de guilda e arrasamos os açougueiros e merceiros, e depois jantamos juntos. Temos uma rivalidade com os taberneiros...

Henrique se volta para ele, impulsivo: e se eu fosse com você, em algum desses fins de semana? Se eu fosse disfarçado? Os comuns gostariam disso, não gostariam? Eu poderia atirar para vocês. Um rei deve se mostrar às vezes, não acha? Seria divertido, não seria?

Não muito, pensa Cromwell. Ele não pode jurar de pés juntos, mas acredita que há lágrimas nos olhos de Henrique.

— Por certo que venceríamos — responde ele. É o que alguém diria a uma criança. — Os taberneiros rugiriam como ursos.

Começa a chover e, quando eles partem em direção a um abrigado grupo de árvores, o desenho das sombras da folhagem obscurece o rosto do rei. Ele diz, Ana ameaça deixar-me. Ela diz que há outros homens e que está desperdiçando sua juventude.

Norfolk, em pânico, última semana de outubro de 1530:

— Ouça. Este camarada aqui — ele aponta o polegar grosseiramente para Brandon, que está de volta à corte, lógico —, este camarada aqui, há alguns anos, disputou com o rei na justa, e quase o matou. Henrique não baixou sua viseira, só Deus sabe por quê... Mas estas coisas acontecem. Este senhor aqui ergueu sua lança e bam!, direto no capacete do rei, e a lança se partiu, a um centímetro, um centímetro do olho dele. — Norfolk bate a mão

direita, pela força de sua demonstração. Retraindo-se, mas furioso, sério, ele continua. — Um ano depois, Henrique está seguindo seu falcão, num daqueles descampados planos e enganosos, você sabe como é, e ele chega a um riacho, usa uma vara para saltar o rio, o maldito instrumento se parte, que Deus o apodreça, e lá se vai Sua Majestade, caindo de cara e apoplético num metro de água e lama, e se algum criado não o arrastasse para fora, bem, senhores, eu tremo em pensar.

Ele pensa, respondida uma de minhas perguntas. Em caso de perigo, posso salvá-lo. Pescá-lo. Algo assim.

— Imaginem se ele morresse! — continua Norfolk. — Imaginem se uma febre o derrotasse, ou se ele caísse de seu cavalo e quebrasse o pescoço? E então? O bastardo, Richmond? Não tenho nada contra ele, é um bom menino, e Ana diz que eu deveria casá-lo com minha filha Mary, Ana não é nenhuma idiota, ela diz, vamos colocar um Howard em todo lugar, para todo lado que o rei olhe. Bem, eu não tenho nenhuma reclamação quanto a Richmond, exceto o fato de que ele nasceu fora do matrimônio. Ele pode reinar? Perguntem a si mesmos. Como os Tudor conseguiram a coroa? Por título? Não. Por força? Exatamente. Pela graça de Deus, eles venceram a batalha. O velho rei, ele tinha um punho de tal ordem que seria preciso andar muito para encontrar semelhante, ele tinha grandes livros em que anotava suas rixas, e quando perdoava? Jamais! É assim que se governa, senhores.

Ele se vira para sua plateia, para os conselheiros que esperam e assistem, e aos nobres da corte e da câmara privada; para Henry Norris, para seu amigo William Brereton, para o secretário-mor Gardiner; incidentalmente, por acaso, para Thomas Cromwell, que cada vez mais surge onde não deve. E continua:

— O velho rei procriou e, com a graça dos céus, gerou meninos. Mas quando Artur morreu, espadas foram afiadas na Europa, e afiadas para ceifar-lhe o reino. O Henrique que hoje governa era um menino de 9 anos. Se o velho rei não tivesse resistido por mais alguns anos, teríamos de travar todas as guerras novamente. Uma criança não pode segurar a Inglaterra. E um filho bastardo? Deus me dê forças! E já é novembro novamente!



É difícil ver falha no que o duque diz. Cromwell compreende tudo; até o último grito, espremido do coração do duque. É novembro, e um ano se passou desde que Howard e Brandon entraram no Palácio de York, tomaram o colar de chanceler do cardeal e o expulsaram de sua casa.

Há silêncio. Depois alguém tosse, outro alguém suspira. Um terceiro — provavelmente Henry Norris — ri. E é ele quem fala.

— O rei tem um filho nascido dentro do casamento.

Norfolk se vira. Ele enrubescer, um profundo púrpura sarapintado.

— Mary? — rosna ele. — Aquele camarão falante?

— Ela vai crescer.

— Estamos todos esperando — diz Suffolk. — Ela já tem 14 anos agora, não?

— Mas a cara dela — exclama Norfolk — tem o tamanho da unha de um dedão! — O duque mostra seu dedo para a assembleia. — Uma mulher no trono inglês, é um ultraje diante da natureza.

— A avó de Mary foi rainha de Castela.

— Ela não pode liderar um exército.

— Isabel liderou.

O duque indaga:

— Cromwell, por que está aqui? Ouvindo a conversa dos nobres?

— Meu senhor, quando Sua Graça grita, até os mendigos da rua podem ouvi-lo. Em Calais.

Gardiner se vira para Cromwell; ele está interessado.

— Acha que Mary pode governar?

Ele dá de ombros.

— Depende de quem a aconselhará. Depende de quem a desposará.

Norfolk declara:

— Temos de agir logo. Catarina tem metade dos advogados da Europa movendo a papelada para ela. Dispensa para cá. Dispensa para lá. A outra dispensa, com o maldito fraseado diferente, que dizem que eles têm na Espanha. Não importa. Isto já ultrapassa questões de papelada.

— Por quê? — pergunta Suffolk. — Sua sobrinha está grávida?

— Não! O que é uma pena. Porque se ela estivesse, Henrique teria de fazer algo.

— O quê? — indaga Suffolk.

— Não sei. Conceder o divórcio a si mesmo?

Há um burburinho, resmungos, suspiros. Alguns olham para o duque; outros, para os sapatos. Não há homem na sala que não deseje que Henrique tenha o que quer. Suas vidas e fortunas dependem disso. Cromwell vê o caminho à frente: uma trilha tortuosa através de um terreno plano, o horizonte enganosamente claro, o campo cortado por córregos, e o Tudor atual, com certa quantidade de lama salpicada por seu corpo e rosto, é pescado de volta ao ar puro, engasgado. Ele diz:

— Aquele bom homem que tirou o rei da vala, qual era o nome dele?

Norfolk retruca, secamente:

— O Sr. Cromwell gosta de conhecer as façanhas dos homens malnascidos.

Cromwell não crê que algum deles saiba a resposta. Mas Norris diz:

— Eu sei. O nome era Edmund Mody.

— Imundo combinaria mais — diz Suffolk. Ele gargalha. Os homens o encaram.

É Dia de Finados: como Norfolk disse, novembro novamente. Alice e Jo chegam para falar com ele. Elas têm Bella — a Bella atual — presa numa fita de seda cor-de-rosa. Ele ergue os olhos: em que posso ser útil às duas damas?

Alice responde:

— Senhor, já faz mais de dois anos desde que minha tia Elizabeth morreu, sua esposa. Poderia escrever para o cardeal e pedir a ele que peça ao papa para libertar nossa tia do purgatório?

— E quanto à sua tia Kat? E suas priminhas, minhas filhas?

As crianças trocam olhares.

— Nós achamos que elas não ficaram lá por tempo suficiente. Anne Cromwell tinha orgulho de mexer com números e se gabava de

que estava aprendendo grego. Grace era vaidosa com seu cabelo e vivia dizendo que tinha asas, o que era mentira. Nós achamos que talvez elas tenham que sofrer mais. Mas o cardeal poderia tentar.

Quem não pede não ganha, ele pensa.

Alice o encoraja:

— O senhor se dedica tanto à história do cardeal que ele não recusaria. E, embora o rei não favoreça o cardeal agora, o papa deve favorecer, não?

— E eu espero — diz Jo — que o cardeal escreva para o papa todos os dias. Mas eu não sei quem costura as cartas dele. E acho que o cardeal deveria mandar ao papa um presente por seu trabalho. Algum dinheiro, quero dizer. Nossa tia Mercy diz que o papa não faz nada quando não se fala em dinheiro.

— Venham comigo — diz ele.

Elas trocam olhares. Ele as empurra à frente. As pequenas pernas de Bella se agitam. Jo larga a coleira, mas mesmo assim Bella continua seguindo o grupo.

Mercy e a Johane mais velha estão sentadas, juntas. O silêncio não é amigável. Mercy está lendo, murmurando as palavras para si. Johane fita a parede, a costura sobre o colo. Mercy marca a página.

— O que é isso, uma missão diplomática?

— Diga a ela — ele ordena. — Jo, diga à sua mãe o que você me pediu.

Jo começa a chorar. É Alice quem fala e apresenta o caso.

— Nós queremos que nossa tia Liz saia do purgatório.

— O que vocês andam ensinando a elas? — ele interroga.

Johane dá de ombros.

— Muitos adultos acreditam no mesmo que elas.

— Por Deus, o que está acontecendo sob esse teto? Essas meninas acham que o papa pode descer ao mundo dos mortos com um monte de chaves? Enquanto isso, Richard se recusa a tomar a hóstia...

— Como é? — A boca de Johane se escancara. — Ele faz isso?

Mercy argumenta:

— Richard tem razão. Quando nosso Senhor disse, isto é meu corpo, Ele quis dizer, isto simboliza meu corpo. Ele não deu licença

aos padres para agirem como feiticeiros.

— Mas Ele disse, isto é meu corpo. Ele não disse isto é como se fosse o meu corpo, Ele disse isto é. Por acaso Deus pode mentir? Não. Ele é incapaz disso.

— Deus pode fazer qualquer coisa — responde Alice.

Johane a encara.

— Sua pequena atrevida.

— Se minha mãe estivesse aqui, ela lhe daria um bofetão por isso.

— Sem briga — ele decreta. — Será que pode ser?

A casa de Austin Friars é como uma miniatura do mundo. Nos últimos anos tem sido mais campo de batalha que casa; ou como um dos acampamentos de tendas em que os sobreviventes olham em desespero para seus membros mutilados e sonhos destruídos. Mas é ele quem deve comandá-las, estas últimas guerreiras endurecidas. Para que elas não capitulem na próxima escaramuça, é ele quem deve ensinar-lhes a arte defensiva de ver ambos os lados, fé e trabalho, o papa e os novos irmãos, Catarina e Ana. Ele olha para Mercy, que tem um meio-sorriso. Ele olha para Johane, que tem um rubor no alto das bochechas. Ele desvia os olhos de Johane e de seus próprios pensamentos, que não são exatamente teológicos. Cromwell diz às crianças:

— Vocês não fizeram nada de errado. — Mas elas têm os rostos desolados. Ele as tranquiliza. — Eu lhe darei um presente, Jo, por costurar as cartas do cardeal; e outro para Alice, tenho certeza de que nem sequer precisamos de uma razão. Vou trazer macaquinhos para vocês.

Elas se entreolham. Jo está tentada.

— O senhor sabe onde conseguir?

— Acho que sim. Eu estive na casa do lorde chanceler, e a mulher dele tem uma criatura dessas, e ele se senta no joelho dela e presta atenção a tudo que ela diz.

Alice comenta:

— Eles não estão mais na moda.

— Mas estamos muito gratas — ensina Mercy.

— Mas estamos muitos gratas — repete Alice. — Embora macacos não sejam vistos na corte desde que Lady Ana surgiu. Para estar na moda, nós poderíamos ter alguns filhotinhos de Bella.

— Quando for a hora — responde ele. — Talvez. — A sala está tomada por sutis correntes, e ele não compreende algumas delas. Ele pega a cadelinha, põe sob o braço e parte para providenciar mais dinheiro para o irmão George Rochford. Ele deita Bella em sua mesa, para que ela tire um cochilo entre seus papéis. Ela mastiga a ponta de sua fita, e sutilmente tenta desfazer o nó em sua garganta.

No dia 1º de novembro de 1530, um mandado de prisão para o cardeal é entregue a Harry Percy, o jovem conde de Northumberland. O conde chega em Cawood para prender o cardeal 48 horas antes da chegada planejada a York para sua posse. Wolsey é levado ao Castelo de Pontefract sob escolta, de lá para Doncaster, e de lá para Sheffield Park, lar do conde de Shrewsbury. Lá, na casa de Talbot, ele cai doente. A 26 de novembro chega o oficial da Torre, com 24 homens armados para escoltá-lo para o sul. De lá ele viaja para a Abadia de Leicester. Três dias depois, ele está morto.

O que era a Inglaterra, antes de Wolsey? Uma pequena ilha perdida em alto-mar, pobre e fria.

George Cavendish chega a Austin Friars. Ele chora quando fala. Às vezes ele enxuga as lágrimas e se desculpa. Mas em geral chora.

— Nem sequer terminamos nosso jantar — conta ele. — Meu amo estava na sobremesa quando o jovem Harry Percy entrou. Ele estava sujo de lama da estrada e trazia as chaves na mão, após tomá-las do porteiro e colocar sentinelas nas escadas. Meu amo se pôs de pé e disse, Harry, se eu soubesse, eu o teria esperado para jantar. Temo que o peixe esteja quase acabado. Devo orar por um milagre da multiplicação?

“Eu sussurrei para ele, meu amo, não blasfeme. E depois Harry Percy se adiantou: senhor, está preso por alta traição.”

Cavendish espera. Por acaso espera que Cromwell tenha uma explosão de fúria? Mas ele junta os dedos, como se estivesse

rezando, e pensa, Ana arquitetou isso, e provavelmente sentiu um prazer intenso e secreto; uma demorada vingança, por si, por seu antigo amante, outrora espinafado pelo cardeal e enxotado da corte. Ele indaga:

— Como ele estava, Harry Percy?

— Tremendo da cabeça aos pés.

— E meu amo?

— Exigiu ver a ordem, o mandado de prisão. Percy disse, há itens em minhas ordens que o senhor não pode ver. Ou seja, argumentou meu amo, se não pretende mostrá-los, eu não me renderei ao senhor, e temos aqui uma questão para resolver, Harry. Vamos, George, disse-me o cardeal, vamos conferenciar em meus aposentos. Eles o seguiram, a comitiva do conde, e por isso eu parei à porta e barrei sua entrada. Meu lorde cardeal entrou em sua câmara, controlando-se, e quando voltou, ele disse, Cavendish, olhe para mim: não temo nenhum homem sobre a terra.

Cromwell se afasta para não ter de ver a angústia do outro. Ele olha para a parede, para os forros, os novos forros canelados, e corre o indicador por seus sulcos.

— Quando o levaram, o povo da cidade estava aglomerado do lado de fora. Eles ajoelhavam na estrada e choravam. Pediam a Deus que lançasse uma vingança contra Harry Percy.

Ele pensa, Deus não precisa se incomodar: eu mesmo me encarregarei disso.

— Estávamos viajando para o sul. As nuvens se fechavam. Já era tarde quando chegamos a Doncaster. Nas ruas, o povo da cidade se espremia ombro a ombro, e cada pessoa segurava uma vela contra a escuridão. Nós achávamos que eles se dispersariam, mas passaram a noite inteira na estrada. E suas velas queimaram até o final. E fez-se a luz do dia, ou algo parecido.

— Isto deve ter encorajado meu amo. Ver as multidões.

— Sim, mas àquela altura... eu não lhe contei, deveria ter contado... Já fazia uma semana que ele não comia nada.

— Por quê? Por que ele fez isso?

— Alguns dizem que ele quis destruir-se. Eu não consigo acreditar nisso, uma alma cristã... Eu mandei fazer um prato de

peras para ele, assadas com temperos... Fiz bem?

— E ele comeu?

— Um pouco. Mas depois ele colocou a mão no peito e disse, há algo frio dentro de mim, frio e duro como uma pedra de amolar. E foi aí que começou. — Cavendish se levantou e também passou a caminhar pela sala. — Eu mandei chamar um boticário. Ele fez um pó e instruiu o cardeal a despejá-lo em três xícaras. Eu bebi de uma. Ele, o boticário, bebeu da outra. Sr. Cromwell, não confiei em ninguém. Meu amo tomou seu pó e a princípio a dor diminuiu, e ele disse, aí está, eram gases, e nós rimos, e pensei, amanhã ele estará melhor.

— E aí chegou Kingston.

— Sim. Como poderíamos dizer a meu amo que o oficial da Torre tinha chegado para buscá-lo? Meu amo se sentou num baú de viagem. Ele disse, William Kingston? William Kingston? Ele repetia o nome sem cessar.

E durante todo o tempo, um peso em seu peito, uma pedra de amolar, aço, uma lâmina cada vez mais afiada em seu ventre.

— Eu disse a ele, seja otimista, meu amo. O senhor se apresentará ao rei e limpará seu nome. E Kingston disse o mesmo, mas meu amo respondeu, estão me conduzindo ao paraíso dos tolos. Eu sei o que foi providenciado para mim, e qual morte está preparada. Naquela noite, não dormimos. Meu amo expeliu sangue negro dos intestinos. Na manhã seguinte, ele estava fraco demais para ficar de pé, e não podia cavalgar. Mas nós viajamos mesmo assim. E chegamos a Leicester. Os dias eram muito curtos, a luz escassa. Na manhã de segunda, ele acordou às oito. Eu acabava de trazer as pequenas velas e as dispus sobre o guarda-comida. Ele indagou, de quem é essa sombra que salta pela parede? E gritou seu nome. Deus me perdoe, eu disse que o senhor estava a caminho. Ele disse, as estradas são traiçoeiras. Eu respondi, meu amo, o senhor conhece o Sr. Cromwell, nem o diabo pode atrasá-lo: se ele diz que estará na estrada, ele estará.

— George, encurte essa história, não posso suportar ouvi-la.

Mas George precisa desfiar seu conto: na manhã seguinte, às quatro horas, uma tigela de canja de galinha, mas o cardeal não

quis comer. Hoje não é dia de se abster de carne? Ele pediu que a sopa fosse retirada. Àquela altura, já havia oito dias que estava doente, continuamente esvaziando os intestinos, sangrando e sentindo dor, e ele disse, acredite em mim, o fim disso será a morte.

Coloque meu amo numa dificuldade e ele encontrará uma solução; com sua habilidade e astúcia, ele encontrará uma solução, uma saída. Veneno? Se é verdade, então foi por sua própria mão.

Eram oito horas quando ele soltou o último suspiro. Em torno de sua cama, o som das contas de rosário em movimento; do lado de fora, as inquietas patas dos cavalos nos estábulos, a fina lua de inverno iluminando a estrada para Londres.

— Ele morreu durante o sono? — Cromwell gostaria que tivesse acontecido sem tanta dor. George responde, não, ele falou até o final. — Ele falou de mim novamente?

Qualquer coisa? Uma palavra?

— Eu o banhei e preparei para o enterro — diz George. — Sob sua fina camisa de Holanda, descobri um cilício... Sinto em lhe contar, sei que o senhor não aprecia estas práticas, mas esta é a verdade. Acho que ele nunca tinha feito isso até chegar a Richmond e conviver com os monges.

— O que foi feito dele? Do cilício?

— Ficou com os monges de Leicester.

— Deus todo-poderoso! Eles tentarão lucrar com isso.

— Sabe que eles não puderam providenciar nada melhor que um simples caixão de tábuas? — Quando diz isso, George Cavendish finalmente explode; neste ponto ele pragueja e diz: — Pelo sangue de Cristo, eu ouvi quando eles montaram o caixão às marteladas! Quando penso no escultor florentino e seu túmulo, o mármore negro, o bronze, os anjos à cabeceira e aos pés... Mas eu providenciei para que ele fosse vestido com suas roupas de arcebispo, e abri seus dedos para colocar o báculo com sua mão, exatamente como achei que o veria quando ele fosse empossado em York. Isso faz apenas dois dias. Nossas malas estavam feitas e nos preparávamos para a estrada; até que Harry Percy entrou.

— Sabe, George, eu implorei a ele que se contentasse com o que conseguiu recuperar da ruína, que fosse a York e ficasse grato por



estar vivo... No curso das coisas, ele teria vivido mais dez anos, eu sei que teria.

— Nós fomos ao governador e a todas as autoridades da cidade, para que o vissem no caixão, para que não houvesse falsos rumores de que ele estivesse vivo e refugiado na França. Alguns fizeram comentários sobre sua baixa linhagem, por Deus, como eu gostaria que o senhor estivesse lá...

— Eu também.

— Pois eles não disseram isso para o senhor, Sr. Cromwell, e tampouco ousariam. Quando a luz se foi, nós continuamos a vigília, com as velas queimando em torno do caixão até as quatro da manhã, que, como o senhor sabe, é a hora canônica. Depois nós assistimos à missa. Às seis nós o depositamos na cripta. E lá o deixamos.

Seis da manhã, uma quarta-feira, Dia de Santo André, o apóstolo. Eu, um simples cardeal. Lá eles o deixaram e viajaram para o sul, para encontrar o rei em Hampton Court. Que diz a George: "Nem por 20 mil libras eu gostaria que o cardeal morresse."

— Ouça, Cavendish — diz ele —, quando lhe perguntarem o que o cardeal disse em seus últimos dias, não conte nada a eles.

George ergue as sobrancelhas.

— Eu não disse. Não disse nada. O rei me interrogou. E lorde Norfolk.

— Se contar qualquer coisa a Norfolk, ele vai distorcer e transformar em traição.

— Mesmo assim, já que ele é o lorde tesoureiro, ele me pagou meus salários atrasados. Passei três quartos do ano em atraso.

— Quanto lhe pagavam, George?

— Dez libras por ano.

— Deveria ter-me procurado.

Estes são os fatos. Estes são os números. Se o Senhor do Mundo dos Mortos se erguesse amanhã na câmara privada e oferecesse o retorno de um homem morto, direto do túmulo, o milagre de Lázaro por 20 mil libras — Henrique Tudor seria forçado a reunir a soma. Norfolk como lorde tesoureiro? Muito bem; não importa quem tem o título, quem guarda as chaves ruidosas dos baús vazios.

— Sabe — continua Cromwell —, se o cardeal pudesse dizer, como costumava dizer a mim, Thomas, o que você deseja ganhar como presente de Ano-Novo, eu teria respondido que gostaria de dar uma olhada nas contas da nação.

Cavendish hesita; começa a falar; ele se detém; começa de novo.

— O rei me disse certas coisas. Em Hampton Court. “Três podem guardar sigilo, quando dois estão ausentes.”

— É um provérbio, acho.

— Ele disse: “Se eu soubesse que minha boina conhece meu pensamento, eu a atiraria no fogo.”

— Acho que isso também é um provérbio.

— Ele quis dizer que agora não pretende escolher conselheiro algum: nem lorde Norfolk, nem Stephen Gardiner, ou qualquer um, nenhuma pessoa próxima dele, para ser tão íntima quanto o cardeal foi.

Ele assente. Soa como uma interpretação razoável.

Cavendish parece doente. É o esforço das longas noites sem dormir, da vigília em torno do caixão. Ele está preocupado com as várias somas em dinheiro que o cardeal levava na jornada e que não tinha consigo quando morreu. Ele se preocupa agora em como levar seus próprios pertences de Yorkshire para sua casa; ao que parece, Norfolk lhe prometeu uma carroça e um auxílio de transporte. Cromwell fala sobre isso enquanto pensa no rei e, fora das vistas de George, torce os dedos, um por um, rigidamente na palma da mão. Maria Bolena tracejou certa forma em sua palma; ele pensa, Henrique, tenho seu coração na palma da minha mão.

Quando Cavendish parte, Cromwell vai até sua gaveta secreta e tira o pacote que o cardeal lhe dera no dia em que começou a viagem para o norte. Ele desata o barbante que o amarra. Há laços, nós, e, pacientemente, ele os desfaz; antes do que esperava, o anel de turquesa rola para sua mão, frio como se saísse do túmulo. Ele recorda as mãos do cardeal, os dedos longos, brancos e imaculados, firmes por tantos anos ao leme do navio do Estado; mas o anel se ajusta como se feito para Cromwell.

As vestes escarlates do cardeal agora jazem dobradas e vazias. Não se pode desperdiçá-las. Elas devem ser cortadas e transformadas em outras vestimentas. Quem sabe aonde chegarão com o passar dos anos? O olhar será atraído para uma almofada carmim, ou um retalho vermelho numa flâmula ou insígnia; captará um vislumbre escarlate no forro das mangas de um homem ou no corpete de uma prostituta.

Outro homem teria ido a Leicester para ver onde Wolsey morreu e falar com o abade. Outro homem teria dificuldade em imaginar, mas Cromwell não tem. No vermelho que domina o tapete, no peito encarnado do pintarroxo ou no tentilhão, no rubro de um selo de cera ou no centro da rosa: mesclado em sua paisagem, embalsamado em sua mente, capturado no cintilar de um rubi, na cor do sangue, o cardeal vive e fala. Olhe para mim: Não temo homem algum sobre a terra.

Em Hampton Court, no grande salão, eles encenam um interlúdio; o nome é "A queda do cardeal ao inferno". A peça o leva de volta ao ano anterior, ao Gray's Inn. Sob o olhar de funcionários da casa do rei, os carpinteiros andaram trabalhando furiosamente e por salário extra, erguendo as estruturas que sustentariam as telas pintadas com cenas de tortura. Nos fundos do palco, as telas são completamente cobertas de chamas.

O espetáculo é o seguinte: deitada, uma vasta figura escarlate é arrastada pelo chão aos urros por atores vestidos como demônios. Há quatro demônios, um para cada membro do morto. Os demônios usam máscaras. Eles têm tridentes para espetar o cardeal e obrigá-lo a se torcer, debater e suplicar. Cromwell queria que o cardeal tivesse morrido sem dor, mas Cavendish disse que não foi assim. Ele morreu consciente, falando do rei. Wolsey despertara do sono e perguntara, de quem é aquela sombra na parede?

O duque de Norfolk passeia pelo salão às gargalhadas:

— Não é ótima? É boa o bastante para ser impressa! Creio em Deus Pai, é isso mesmo que vou fazer! Vou mandar imprimir para levá-la comigo para casa, e vamos encenar tudo de novo no Natal.

Ana ri em seu assento, apontando, aplaudindo. Ele jamais a viu desta maneira: acesa, sorridente. Henrique está congelado junto dela. Às vezes ele ri, mas Cromwell pensa que, se pudesse chegar perto, veria medo em seus olhos. O cardeal rola pelo chão, chutando os demônios, mas eles o espezinham em seus figurinos de pelo negro e gritam, "Vamos, Wolsey, temos de levá-lo para o inferno, pois nosso amo Belzebu o aguarda para jantar!"

Quando a montanha escarlate ergue a cabeça e pergunta, "Que vinho ele serve?", ele quase se rende e ri. "Não tomo nenhum vinho inglês", declara o morto. "Nada daquele mijo de gato que lorde Norfolk põe na mesa."

Ana gargalha; ela aponta; aponta para o tio; o barulho se ergue até as vigas do teto, com a fumaça da lareira, os risos, a cantoria das mesas e os uivos do balofo prelado. "Não", eles garantem ao morto, "o diabo é francês", e ouvem-se vaias e assobios e a música começa. Os demônios agora prendem a cabeça do cardeal num laço. Eles o põem de pé, mas o cardeal os enfrenta. Ele atira socos nada falsos, e Cromwell ouve o resfolegar dos demônios, como se o ar lhes fosse arrancado do peito. Mas há quatro carrascos e só um grande saco escarlate de nada, que, pendurado, sufoca e se debate; a corte grita, "Para o chão! Para o chão com vida!"

Os atores jogam as mãos para o alto; eles saltitam de volta e derrubam o cardeal. Quando ele rola pelo chão, arfando, eles enterram os garfos em seu corpo e desenrolam intestinos de comprida lã vermelha.

O cardeal vocifera blasfêmias. Ele solta gases, e fogos de artifício explodem nos limites do palco. Com o canto do olho, ele vê uma mulher fugindo com a mão na boca; mas tio Norfolk segue marchando de um lado a outro, apontando:

— Vejam, ali estão os intestinos puxados, como o carrasco os arrastaria! Nossa, eu pagaria para ver isso!

Alguém grita:

— Que vergonha, Thomas Howard, você venderia a própria alma para ver Wolsey arruinado!

Cabeças se voltam, e Cromwell volta a sua, e ninguém vê quem falou; mas ele acha que talvez seja, quem sabe, Thomas Wyatt? Os

diabos da nobreza batem o pé do figurino e recuperam seu fôlego. Berrando "Agora!", eles atacam; o cardeal é arrastado para o inferno, que pelo visto se localiza atrás das cortinas no fundo do palco.

Cromwell os segue para os bastidores. Pajens correm com toalhas de linho para os atores, mas o influxo satânico os empurra para o lado. Um dos meninos leva uma cotovelada no olho e derruba sua tigela de água fervente no pé. Cromwell vê os demônios arrancando e atirando as máscaras num canto, praguejando; e assiste quando tentam despír seus figurinos demoníacos de tricô. Eles recorrem uns aos outros, rindo, e começam a puxar as roupas pelas cabeças dos colegas.

— É como o manto de Nesso — diz George Bolena quando Norris o liberta.

George balança a cabeça e lança os cabelos de volta ao lugar; sua pele branca está afogueada pelo contato com a lã grossa. George e Henry Norris são os diabos das mãos, os que pegaram o cardeal pelos membros superiores. Os dois diabos dos pés ainda buscam desvencilhar-se de seus trajes. Trata-se de um rapaz chamado Francis Weston e William Brereton, que — como Norris — está velho demais para isso. Eles estão tão absortos entre si — blasfemando, rindo, mandando trazer linho limpo — que não notam quem os observa, e, de qualquer modo, não se importam. Eles jogam água em si e nos colegas, secam o suor, arrancam as camisas das mãos dos pajens e as vestem pela cabeça. Ainda usando as patas de bode, eles desfilam de volta ao palco para fazer suas medidas.

No centro do espaço que deixaram, o cardeal está deitado, inerte, escudado do salão pelo cenário; talvez dormindo.

Cromwell se aproxima do monte escarlate. Ele para. Baixa os olhos. E espera. O ator abre um olho. "Isto deve ser o inferno", ele diz. "Deve ser o inferno, se esse italiano está aqui."

O morto arranca a máscara. É Sexton, o bobo: Sr. Tonto. Aquele que berrara tão desesperadamente um ano antes, quando quiseram separá-lo de seu amo.

Tonto estende uma das mãos para ser ajudado ao se levantar, mas Cromwell não pega. O homem se esforça para ficar de pé,

praguejando. Ele começa a despir os escarlates, sacudindo e rasgando o pano. Cromwell está parado, braços cruzados, a mão destra enterrada como um punho oculto. O bobo se livra de seu enchimento, volumosos travesseiros de lã. Seu corpo é franzino, encarquilhado, o peito coberto por pelos eriçados. Ele fala: “Por que vem a meu país, italiano? Por que não fica no seu próprio país, hein?”

Sexton é um bobo, mas não é doente da cabeça. Ele sabe muito bem que o outro não é italiano.

— Você deveria ter ficado por lá — diz Tonto, em seu próprio sotaque londrino. — A esta altura, devia ter sua própria cidadela murada. Uma catedral. Seu próprio cardeal de marzipã para comer depois do jantar. Ter tudo por um ano ou dois, hein, até que um animal mais forte apareça para arrancá-lo do bebedouro aos coices.

Cromwell recolhe o figurino que Tonto descartou. A cor é o escarlate flamante e barato da tinta de pau-brasil, que desbota rapidamente, e a roupa tem cheiro de suor desconhecido.

— Como pôde representar esse papel?

— Eu represento o papel que sou pago para representar. E você?  
— Ele ri: um ganido estridente que faz as vezes de insanidade. — Não surpreende que seu humor ande tão amargo hoje em dia. Ninguém lhe paga mais nada, não é? Monsieur Cremuel, o mercenário aposentado.

— Não tão aposentado. Eu posso acabar com a sua raça.

— Com aquele punhal que você leva onde antes tinha uma cintura?

Tonto se afasta num salto, dá uma cambalhota. Ele, Cromwell, se apoia contra a parede e o observa. Ele ouve uma criança chorando em algum lugar fora das vistas; talvez seja o garotinho que levou uma cotovelada no olho, novamente esbofeteado por ter derrubado a tigela ou talvez apenas por chorar. A infância era assim; a criança era castigada e depois castigada de novo por protestar. É assim que aprendiam a não reclamar; uma lição dura, mas nunca esquecida.

Tonto experimenta várias poses e gestos obscenos; como se ensaiasse para um espetáculo futuro.

— Eu sei em que vala você foi criado, Tom, e não foi uma vala muito longe da minha.

Ele se volta para o corredor onde, invisível além da tela divisória, o rei presumivelmente continua seu agradável dia. Tonto planta as duas pernas separadas, põe a língua para fora.

— O bobo decidiu em seu coração, não há papa. — Ele inclina a cabeça; e sorri. — Volte daqui a dez anos, Sr. Cromwell, e então me diga quem é o bobo.

— Está desperdiçando suas piadas comigo, Tonto. Exaurindo seu estoque.

— Os bobos podem dizer qualquer coisa.

— Não onde vale minha autoridade.

— E onde fica isso? Nem mesmo no quintal onde usaram de uma poça para batizá-lo. Volte a me procurar daqui a dez anos, se ainda estiver vivo.

— Você ficaria apavorado se eu voltasse morto.

— Porque eu vou ficar paradinho e deixar que me derrube.

— Eu poderia partir seu crânio contra a parede agora mesmo. Ninguém sentiria sua falta.

— Verdade — diz Sexton. — Pela manhã, eles me rolariam para fora e me deitariam sobre um monte de estrume. Que importa um bobo? A Inglaterra está lotada deles.

Ele fica surpreso por ainda haver alguma luz no dia; tinha imaginado que já era noite alta. Nestes pátios, Wolsey sobrevive; foi ele quem os construiu. Vire qualquer esquina e achará que ali está vendo o lorde cardeal, com um rolo das plantas dos arquitetos em mãos, a alegria com seus sessenta tapetes turcos, a esperança de hospedar os mais finos vidraceiros de Veneza — “Pois bem, Thomas, acrescente certos elogios venezianos às cartas, algumas frases sutis que venham a sugerir, no dialeto local e da forma mais delicada possível, que pago os melhores preços”.

E ele acrescentará que o povo da Inglaterra é acolhedor com estrangeiros e que o clima da Inglaterra é benigno. Aquela preciosa ave canora trina em galhos brilhantes e um rei dourado repousa

sobre uma montanha de moedas, entoando uma canção de sua própria autoria.

Quando chega à casa de Austin Friars, ele adentra um espaço que parece estranho e vazio. Ele levou horas para voltar de Hampton Court e já é tarde. Ele observa o local na parede onde o brasão do cardeal se destaca: o barrete escarlate, retocado recentemente a seu pedido.

— Podem apagá-lo agora.

— E o que devemos pintar, senhor?

— Deixem em branco.

— Poderíamos fazer uma bonita alegoria, não?

— Eu sei que sim. — Ele se vira e se afasta. — Deixem o espaço vazio.



### **III Os mortos se queixam de seu enterro**

*Natal de 1530*

As batidas no portão são ouvidas após a meia-noite. A sentinela acorda a casa, e, quando ele desce as escadas — uma expressão selvagem cobrindo o rosto e, de resto, já vestido —, encontra Johane em sua camisola de dormir, os cabelos soltos, a perguntar “O que significa isso?”. Richard, Rafe, os homens da casa passam direto por ela; plantado no salão de Austin Friars está William Brereton, cavalheiro da câmara do rei, com uma escolta armada. Ele pensa, vieram para me prender, e se aproxima de Brereton.

— Santo Natal, William? Acordou cedo ou vai dormir tarde?

Alice e Jo aparecem. Ele pensa na noite em que Liz morreu, quando as filhas ficaram abandonadas e perplexas em suas camisolas, esperando que ele voltasse para casa. Jo começa a chorar. Mercy aparece e tira as meninas dali. Gregory desce as escadas, vestido para sair.

— Se precisar de mim, estou aqui — diz ele, acanhado.

— O rei está em Greenwich — começa Brereton. — Ele exige sua presença agora.

Ele demonstra sua impaciência ao modo tradicional: batendo a luva na palma da mão e o pé no chão.

— Voltem para a cama — diz ele aos outros da casa. — O rei não me convocaria a Greenwich para me prender; não é assim que as coisas acontecem. — Não que ele saiba como de fato acontece; ele se volta para Brereton. — Para quê ele precisa de mim?

Os olhos de Brereton passeiam pela casa, para ver como vive essa gente.

— Não posso mesmo esclarecê-lo.

Ele olha para Richard e vê o quanto o rapaz deseja pregar um bofetão na boca daquele insignificante lorde. Exatamente como fui um dia, ele pensa. Mas agora sou tranquilo como uma manhã de maio. Eles saem, Richard, Rafe, o próprio Cromwell, seu filho, para a escuridão e o frio inclemente.

Uma escolta espera com tochas. Uma barca aguarda na escadaria de embarque mais próxima. Estão tão longe do Palácio de Placentia, e o Tâmisia está tão negro que é como se remassem no Estige. Os meninos se sentam diante de Cromwell, encolhidos, sem falar, parecendo um único parente composto; apesar de Rafe não ser seu parente, claro. Estou ficando como o Dr. Cranmer, ele pensa: os Tamworths de Lincolnshire estão entre meus parentes, os Cliftons de Clifton, a família Molineaux, de quem você deve ter ouvido falar, ou não? Ele olha para as estrelas, mas elas parecem fracas e distantes; como realmente devem ser, pensa.

Certo, o que ele deveria fazer? Tentar alguma conversa com Brereton? As terras da família ficam em Staffordshire, Cheshire, nas fronteiras galesas. Sir Randal faleceu naquele mesmo ano e seu filho recebeu uma polpuda herança, pelo menos mil ao ano em títulos da Coroa, outros 300 de monastérios locais... Ele faz o cálculo de cabeça. Não é cedo demais para herdar; o homem deve ter a mesma idade que ele, ou quase isso. Seu pai, Walter, teria feito amizade com os Breretons, uma gente encrenqueira, grandes perturbadores da paz. Ele recorda um processo contra a família na Câmara da Estrela, há cerca de 15 anos... Não parece bom material para entabular uma conversa. E Brereton também não parece interessado em nada semelhante.

Toda viagem termina; encerrada em algum cais, algum porto enevoado, onde tochas aguardam. Eles devem partir imediatamente para encontrar o rei nos recessos do palácio, em seus aposentos privados. Harry Norris os recebe; quem mais? Como ele está agora?, pergunta Brereton. Norris revira os olhos.

— Bem, Sr. Cromwell — começa ele —, acabamos por nos encontrar nas circunstâncias mais estranhas. Estes são seus filhos? — Ele sorri, passando os olhos pelos rostos dos meninos. — Não, claro que não. A menos que tenham mães diferentes.

Cromwell os apresenta: Sr. Rafe Sadler, Sr. Richard Cromwell, Sr. Gregory Cromwell. Ele vê uma centelha de decepção nos olhos do filho, e esclarece: este é meu sobrinho. Este, meu filho.

— Somente o senhor vem conosco — declara Norris. — E venha de imediato, o rei o está esperando. — Ele diz, por sobre o ombro: — O rei teme pegar um resfriado. Faça o favor de buscar o robe ocre, aquele com pele de marta, sim?

Brereton resmunga alguma resposta. Trabalho infeliz, sacudir peles quando poderia estar em Chester, acordando o populacho, batendo um tambor em torno dos muros da cidade.

É uma câmara espaçosa com uma grande cama esculpida; seus olhos passeiam por ela. À luz de velas, as cortinas da cama são negras como nanquim. A cama está vazia. Henrique está sentado numa banquetta de veludo. Ele parece sozinho, mas há um odor seco no aposento, um aroma de canela que o leva a pensar que o cardeal se encontra em algum lugar nas sombras, segurando as lascas de laranjas embaladas com especiarias que sempre levava consigo quando se via numa aglomeração de pessoas. Certamente, os mortos desejariam afastar o odor dos vivos; mas o que ele vê do outro lado do quarto não é a grande silhueta sombreada do cardeal, mas a forma oval, pálida e incerta que é o rosto de Thomas Cranmer.

Quando ele entra, o rei vira o rosto em sua direção.

— Cromwell, meu irmão morto veio a mim em um sonho.

Ele não responde. Qual seria a resposta sensata? Ele observa o rei. Não se sente tentado a rir. O rei prossegue:

— Durante os 12 dias entre o Natal e a Epifania, Deus permite que os mortos vaguem. Isso é bem sabido.

Ele indaga educadamente:

— E como lhe pareceu, seu irmão?

— Estava como em minha lembrança... mas pálido e muito magro. Havia uma chama branca a seu redor, uma luz. Mas sabe, Artur hoje teria 45 anos. É essa a sua idade, Sr. Cromwell?

— Por aí.

— Sou bom em adivinhar a idade das pessoas. Eu me pergunto com quem Artur se pareceria, se tivesse sobrevivido. Meu pai, provavelmente. Quanto a mim, estou parecido com meu avô.

Ele imagina que o rei perguntará, com quem você se parece? Mas não: o rei já decidiu que Cromwell não tem ancestrais.

— Ele morreu em Ludlow. No inverno. As estradas impenetráveis. Tiveram de levar seu caixão num carro de bois. Um príncipe da Inglaterra, partindo numa carroça. Não posso aceitar isso.

Brereton entra com o veludo ocre forrado com marta. Henrique se ergue e despe um manto de veludo, veste outro, mais felpudo e denso. O forro de marta desliza até suas mãos como se ele fosse um monstro-rei em que crescem pelos.

— Eles o enterraram em Worcester — continua o rei. — Mas isto me perturba. Não o vi morto.

Das sombras, o Dr. Cranmer diz:

— Os mortos não retornam para se queixar de seus enterros. São os vivos que ficam agastados com esses assuntos.

O rei abraça o manto que o envolve.

— Jamais tinha visto o rosto dele, até o sonho de hoje. E seu corpo refulgindo em branco.

— Mas não é o corpo dele — comenta Cranmer. — É uma imagem formada na mente de Vossa Majestade. Essas imagens são *quasi corpora*, parecem corpóreos. Leia Agostinho.

O rei não parece interessado em mandar buscar um livro.

— Em meu sonho, ele ficava parado e me observava. Parecia triste, tão triste. Parecia dizer que eu tomei seu lugar. Parecia dizer,

ocê tomou meu reino, e usou minha mulher. Ele retornou para cobrir-me de vergonha.

Cranmer diz, vagamente impaciente:

— Se o irmão de Vossa Majestade morreu antes que pudesse reinar, foi a vontade de Deus. E quanto a seu suposto casamento, todos sabemos e acreditamos que foi evidentemente contrário à escritura. Sabemos que o homem de Roma não tem poder para isentar alguém da lei de Deus. Admitimos que houve pecado; mas em Deus há misericórdia suficiente.

— Não para mim — diz Henrique. — Quando chegar o dia de meu juízo, meu irmão testemunhará contra mim. Ele retornou para me cobrir de vergonha e eu preciso suportar. — O pensamento o enfurece. — Eu, eu sozinho.

Cranmer está prestes a falar; Cromwell ganha sua atenção e imperceptivelmente balança a cabeça.

— Em seu sonho, seu irmão Artur falou com Vossa Majestade?

— Não.

— Ele fez algum sinal?

— Não.

— Então por que acreditar que ele deseja outra coisa que não o bem de Vossa Majestade? Creio que o senhor leu algo em seu rosto que não estava de fato lá, que é um erro que cometemos com os mortos. Escute-me. — Ele põe a mão sobre a pessoa real, sobre sua manga de veludo, o braço, e pressiona com força suficiente para se fazer sentir. — Conhece o ditado dos advogados, *Le mort saisit le vif*? O morto empossa o vivo. O príncipe falece, mas seu poder se transmite no momento de sua morte, não há lapso, nenhum intervalo. Se seu irmão o visitasse, não seria para lançar-lhe vergonha, mas para recordá-lo de que Vossa Majestade está investido do poder dos vivos tanto quanto dos mortos. É um sinal para que Vossa Majestade examine seu reinado. E o exerça.

Henrique ergue os olhos para ele. O rei está pensando. Ele afaga seu punho de marta e sua expressão é perdida.

— Será possível?

Mais uma vez, Cranmer faz menção de falar. Mais uma vez, Cromwell o interrompe.

— Sabe o que está escrito no túmulo de Artur?

— *Rex quondam rexque futurus*. O antigo rei é o futuro rei.

— Seu pai garantiu isto. Como príncipe de Gales, ele cumpriu a palavra para com seus ancestrais. Do exílio de toda uma vida, ele retornou e reclamou seu antigo direito. Mas não é o bastante recuperar um país; ele deve ser mantido. Mantido e assegurado, em todas as gerações. Se seu irmão parece dizer que Vossa Majestade tomou seu lugar, ele então deseja que o senhor se torne o rei que ele teria sido. Ele não pode cumprir a profecia, mas deseja que o senhor a cumpra. Para ele, a promessa, e para Vossa Alteza, a consecução.

Os olhos do rei se deslocam para Cranmer, que diz, rijo:

— Não vejo como discordar disto. Mas meu conselho continua a ser o de não levar os sonhos a sério.

— Ah, mas os sonhos dos reis não são como os sonhos dos outros homens.

— Talvez o senhor tenha razão.

— Mas por que agora? — pergunta Henrique, bastante razoável.

— Por que ele volta agora? Há vinte anos sou rei.

Cromwell engole a tentação de dizer, porque você tem 40 anos e ele está dizendo que é hora de crescer. Quantas vezes você encenou as lendas de Artur — quantos bailes de máscaras, quantos concursos, quantas companhias de teatro com escudos de papel e espadas de madeira?

— Porque este é um momento vital — responde ele. — Porque agora é a hora de se tornar o governante que está destinado a ser, e de tornar-se a única e suprema cabeça de seu reino. Pergunte a Lady Ana. Ela lhe dirá. Ela dirá a mesma coisa.

— Ela diz — admite o rei. — Ela diz que não devemos seguir nos curvando a Roma.

— E se seu pai aparecer num sonho, interprete da mesma forma que este. Que ele veio para fortalecer seu punho. Nenhum pai deseja que o filho seja menos poderoso do que ele foi.

Henrique sorri vagorosamente. Ele parece desenredar-se do sonho, da noite, da madrugada de terrores e mortalhas, de vermes e larvas, e se apruma. Ele fica de pé. Seu rosto se ilumina. O fogo

ilumina seu manto com listras de luz, e em suas profundas dobras bruxuleiam o ocre e o castanho, cores da terra, do barro.

— Pois bem — declara ele. — Eu compreendo. Agora compreendo tudo. Eu sabia quem tinha que chamar. Sempre sei. — Ele se vira e fala à escuridão: — Harry Norris? Que horas são? Quatro? Traga meu manto capelão para a missa.

— Talvez eu possa rezar a missa para Vossa Alteza — sugere o Sr. Cranmer, mas Henrique declina.

— Não, os senhores estão muito cansados. Eu os tirei de suas camas, cavalheiros.

É simples assim, peremptório assim. Eles se veem dispensados. Passam pelos guardas. Caminham em silêncio, de volta à sua gente, Brereton seguindo como uma sombra. Finalmente, o Dr. Cranmer fala:

— Bom trabalho.

Ele se volta. Agora quer rir, mas não ousa.

— Um toque habilidoso, “e se seu pai aparecer num sonho”... Presumo que não gosta de ser despertado na madrugada com frequência.

— Minha gente ficou alarmada.

Neste ponto, o doutor parece arrependido, como se tivesse sido frívolo.

— É claro — murmura ele. — Não sou um homem casado, por isso não penso nestas coisas.

— Também não sou casado.

— Não. Eu esqueci.

— O senhor faz objeções ao que eu disse?

— Foi perfeito em todos os sentidos. Como se tivesse sido pensado com antecedência.

— E como eu poderia ter pensado?

— Verdade. O senhor é um homem de vigorosa criatividade. Mesmo assim... De acordo com o Evangelho, sabe...

— De acordo com o Evangelho, acabei de somar uma noite de trabalho frutífero.

— Mas eu me pergunto — diz Cranmer, quase consigo mesmo —, eu me pergunto o que o senhor pensa que o Evangelho é. Acha que

é um livro de páginas em branco, em que Thomas Cromwell redige seus desejos?

Ele para. Coloca a mão sobre o braço do outro e diz:

— Dr. Cranmer, olhe para mim. Acredite em mim. Eu sou sincero. Não posso evitar se Deus me deu as características de um pecador. Ele deve ter alguma intenção por trás disso.

— Eu ousou concordar — comenta Cranmer. — Ele fez seu rosto de propósito, para desconcertar nossos inimigos. E esta sua mão, para tomar posse das circunstâncias. Quando o senhor segurou o braço do rei em seu punho, eu me retraí. E Henrique, ele o sentiu. — Ele meneia a cabeça. — O senhor é uma pessoa de grande força de vontade.

Clérigos podem fazer isso: falar do caráter dos outros. Dar veredictos; este parece favorável, ainda que, como um adivinho, o médico não tenha dito nada além do que ele já sabe.

— Vamos — diz Cranmer —, seus meninos devem estar ansiosos para ver que está tudo bem com o senhor.

Rafe, Gregory e Richard se aglomeram em torno dele: o que houve?

— O rei teve um sonho.

— Um sonho? — Rafe está chocado. — Ele nos tirou da cama por um sonho?

— Acredite em mim — comenta Brereton —, ele arranca as pessoas da cama por menos que isso.

— Dr. Cranmer e eu concordamos que os sonhos de um rei não são como os sonhos dos outros homens.

Gregory pergunta:

— Foi um pesadelo?

— De início. Ele achou que era. Agora não é mais.

Eles o observam, sem compreender, mas Gregory compreende.

— Quando eu era pequeno, sonhava com demônios. Eu achava que eles viviam sob a minha cama, mas o senhor me disse, que não poderia ser, não existem demônios deste lado do rio, os guardas não deixariam que eles cruzassem a Ponte de Londres.



— E você não fica aterrorizado quando cruza o rio para Southwark? — pergunta Richard.

Gregory responde:

— Southwark? O que é Southwark?

— Sabe — diz Rafe num tom de professor de escola —, tem horas em que vejo uma centelha de algo em Gregory. Não uma chama, logicamente. Só uma faísca.

— Como se você pudesse falar alguma coisa! Com uma barba dessas!

— Isso é uma barba? — pergunta Richard. — Essas cerdas vermelhas e falhadas? Pensei que fosse negligência do barbeiro.

Eles estão abraçados, em eufórico alívio. Gregory diz:

— Nós achamos que o rei tinha jogado você em algum calabouço.

Cranmer assente, tolerante, divertido.

— Seus filhos o amam.

Richard diz:

— Não podemos viver sem este homem no comando.

Ainda faltam muitas horas para o amanhecer. É como a madrugada sem luzes em que o cardeal morreu. Há cheiro de neve no ar.

— Suspeito que ele tornará a nos convocar — diz Cranmer. — Depois que pensar no que você disse e, digamos, de chegar aonde seu raciocínio o levaria?

— Mesmo assim, preciso ir à cidade e mostrar minha cara. — Mudar de roupas, ele pensa, e esperar pela próxima tarefa. Ele diz a Brereton: — Já sabe onde me encontrar. William.

Um cumprimento de cabeça, e ele se afasta.

— Dr. Cranmer, diga à dama que fizemos um bom trabalho noturno para ela. — Ele joga o braço sobre o ombro do filho e sussurra. — Gregory, aquelas histórias sobre Merlim que você leu; nós haveremos de escrever mais delas.

Gregory responde:

— Ah, eu não acabei de ler. O sol saiu.

Mais tarde naquele mesmo dia, ele retorna à câmara forrada de Greenwich. É o último dia de 1530. Ele retira as luvas de pelica perfumadas com âmbar. Os dedos de sua mão direita tocam o anel de turquesa, ajustando-o no lugar.

— O Conselho está esperando — diz o rei. Ele ri, como se por algum triunfo pessoal. — Vá ao encontro deles. Eles tomarão seu juramento.

Dr. Cranmer está com o rei; muito pálido, muito silencioso. O doutor meneia a cabeça, para cumprimentá-lo; e depois, surpreendentemente, um sorriso se derrama em seu rosto, iluminando toda a tarde.

Um ar de improviso paira sobre a hora seguinte. O rei não quer esperar e tudo se resume a quais conselheiros são encontrados em pouco tempo. Os duques estão em suas propriedades, recebendo suas cortes de Natal. O velho Warham, o arcebispo da Cantuária, está presente. Faz 15 anos que Wolsey o chutou de seu posto como lorde chanceler; ou, como o cardeal sempre dizia, aliviou-o de seu trabalho mundano, dando-lhe assim a oportunidade, em seus últimos anos, de abraçar uma vida de orações.

— Bem, Cromwell — diz ele. — Você, um conselheiro! Para onde vai este mundo! — Seu rosto é marcado, os olhos são como de peixe morto. Suas mãos tremem um pouco quando ele apresenta o livro sagrado.

Thomas Bolena está presente, conde de Wiltshire, lorde do Selo Privado. O lorde chanceler está aqui; ele pensa, irritado, por que More nunca se barbeia decentemente? Será que não consegue achar um tempo, reduzir sua agenda de autoflagelação? Quando More se desloca para a luz, ele vê que o homem está mais desganhado que de hábito; seu rosto está abatido e há manchas de cor roxa nas pálpebras.

— O que houve?

— Não ficou sabendo. Meu pai morreu.

— Aquele bom homem — diz Cromwell. — Sentiremos falta de seus sábios conselhos legais.

E suas histórias enfadonhas? Acho que não.

— Ele morreu em meus braços.

More começa a chorar; ou melhor, ele parece diminuir de tamanho, e é como se todo seu corpo derramasse lágrimas. Ele diz, meu pai era a luz da minha vida. Não somos aqueles grandes homens, somos uma sombra do que eles foram. Peça à sua gente em Austin Friars que reze por ele.

— É estranho, Thomas, mas desde que ele partiu, eu sinto minha idade. Como se até alguns dias atrás, eu fosse apenas um menino. Mas Deus estalou seus dedos e vejo que os melhores anos de minha vida já se foram.

— Sabe, depois que Elizabeth, minha esposa, morreu... — E de repente ele deseja dizer, minhas filhas, minha irmã, minha família dizimada, minha gente jamais despindo o luto, e agora meu cardeal perdido... Mas ele não acreditará, nem por um momento, que a dor drenou sua força de vontade. Nunca se pode conseguir outro pai, mas ele também não desejaria um; quanto a esposas, para Thomas More, elas não valem um centavo. — Não acredita agora, mas o sentimento retornará. Pelo mundo e tudo que precisa fazer nele.

— Também teve suas perdas, eu sei. Pois bem, muito bem. — O lorde chanceler funga, suspira, balança a cabeça. — Passemos ao que é preciso.

É More quem lê para ele o juramento. Cromwell jura dar conselhos leais, ser direto, imparcial em sua fala, ser sigiloso em seus modos, ser verdadeiro em sua fidelidade. Quando estão chegando à parte dos conselhos sábios e discretos, a porta é escancarada e Gardiner invade o salão, como um corvo que avistou uma ovelha morta.

— Eu não creio que os senhores podem fazer isso sem o secretário-mor — ele declara, e Warham murmura, pela Sagrada Cruz, vamos ter que jurá-lo desde o início novamente?

Thomas Bolena está afagando a própria barba. Seus olhos recaem sobre o anel do cardeal, e sua expressão passa de chocada a apenas sardônica.

— Se não conhecemos o procedimento — comenta ele —, tenho certeza de que Thomas Cromwell tem uma anotação a respeito. Deem a ele um ou dois anos e talvez todos nós nos descubramos supérfluos.

— Tenho certeza de que não viverei para ver isso — proclama Warham. — Lorde chanceler, podemos continuar? Ah, pobre homem! Chorando novamente. Sinto muito pelo senhor. Mas a morte chega para todos.

Por Deus, pensa ele, isto é o máximo que se consegue do arcebispo da Cantuária? Até eu poderia fazer melhor.

Ele jura defender a autoridade do rei. Suas preeminências, suas jurisdições. Ele jura defender seus herdeiros e sucessores legais, e pensa no menino bastardo, Richmond, e Maria, o camarão falante, e no duque de Norfolk mostrando a unha do polegar para a assembleia.

— Bem, está feito — declara o arcebispo. — E amém, afinal, que escolha temos? Podemos mandar aquecer uma taça de vinho? Este frio penetra até os ossos.

Thomas More diz:

— Agora que é membro do conselho, espero que diga ao rei o que fazer, e não apenas o que ele pode fazer. Se o leão conhecesse a própria força, seria difícil governá-lo.

Neva lá fora. Flocos escuros caem nas águas do Tâmis. A Inglaterra se prolonga além dele, o sol rubro do poente sobre campos nevados.

Ele recorda o dia em que o Palácio de York foi saqueado. Ele e George Cavendish de lado enquanto os baús eram abertos e as vestes do cardeal exibidas. As murças eram bordadas com fios de ouro e prata, com estampas de estrelas douradas, pássaros, peixes, cervos, leões, anjos, flores e rodas-de-catarina. Quando as vestes foram novamente embaladas e encerradas com pregos em seus baús de viagem, os homens do rei reviraram as caixas que continham os talares e gibões, cada um finamente pregueado por mãos especialistas. Passados de mão em mão, leves como anjos em repouso, eles refletiam a luz suave; abram um deles, disse um homem, vamos ver sua qualidade. Seus dedos repuxaram as peças de linho; um momento, permitam-me, interveio George Cavendish. Liberto, o tecido ondeou no ar, um branco deslumbrante e fino como a asa de uma mariposa. Quando as tampas dos baús de murças foram abertas, o aroma de cedro e especiarias se ergueu no ar,

obsuro, distante, seco pelo deserto. Mas os anjos esvoaçantes foram encaixotados em lavanda; a chuva de Londres se batia contra o vidro, e o perfume do verão inundou a tarde pálida.

## **QUARTA PARTE**

## **I Componha seu rosto**

*1531*

Talvez por dor ou medo, ou por algum defeito da natureza; talvez pelo calor do verão ou pelo som das trompas de caça desdobrando-se a distância, ou pelo turbilhão de poeira agitada em aposentos vazios; talvez porque a menina perdeu o sono, já que, desde a aurora, a corte de seu pai em retirada faz as malas ao seu redor; por alguma razão ela está encolhida, e seus olhos têm a cor da água de um rio. Por um momento, enquanto atravessa as formalidades preliminares em latim, ele vê que a menina se agarra com mais força ao espaldar do trono de sua mãe.

— Majestade, sua filha deveria sentar-se. — Antes que um embate de vontades aconteça, ele pega uma banquetta e a instala aos pés das saias de Catarina com uma pancada decidida.

Rígida em seu corpete de ossos, a rainha se inclina para trás e sussurra à filha. Aparentemente à vontade, as damas da Itália usavam construções de ferro sob as sedas. Era preciso infinita paciência, e não apenas na parte da negociação, para arrancá-las de suas roupas.

Mary baixa o rosto para cochichar a resposta; em castelhano, ela indica que está passando por sua indisposição de mulher. Os dois pares de olhos se erguem para encontrá-lo. O olhar da menina é quase desfocado; ele imagina que ela o vê como uma massa volumosa de sombras, num espaço de crescente angústia. Espinha ereta, Catarina murmura, como uma princesa da Inglaterra. Ainda agarrada ao espaldar do trono, Mary solta um profundo suspiro. Ela volta para ele seu rosto contraído: duro como o polegar de Norfolk.

É começo de tarde, muito quente. O sol desenha quadrados de lilás e ouro que se movem pela parede. Os campos ondedos de Windsor se derramam aos olhos dos três. O Tâmis recua de suas margens.

A rainha fala em inglês.

— Sabe quem é este? É o Sr. Cromwell. Aquele que agora escreve todas as leis.

Pego de surpresa entre idiomas, ele responde:

— Madame, prosseguiremos em inglês ou latim?

— Seu cardeal teria feito a mesma pergunta. Como se eu fosse uma estranha por aqui. Eu lhe respondo, como teria dito a ele, que fui nomeada pela primeira vez como princesa de Gales à idade de 3 anos. Tinha 16 quando cheguei aqui para desposar lorde Artur. Eu era virgem e tinha 17 anos quando ele faleceu. Tornei-me rainha da Inglaterra aos 24 e, para evitar toda e qualquer dúvida, digo que no momento tenho 46 anos, e ainda sou rainha, e a esta altura, creio, uma inglesa. Mas não repetirei a você tudo o que já disse ao cardeal. Imagino que ele lhe deixou anotações a respeito do assunto.

Ele sente que deve fazer uma mesura. A rainha prossegue:

— Desde que este ano começou, certas leis vêm passando no Parlamento. Até hoje, o talento do Sr. Cromwell era para empréstimos, mas por último descobriu que também tem talento para a legislação; quem quiser uma nova lei, só precisa solicitar-lhe. Ouvei dizer que à noite o senhor leva os rascunhos para sua casa em... onde fica sua casa? — Ela faz soar como se dissesse “seu covil”.

Mary comenta.



— Estas leis foram redigidas contra a Igreja. Duvido que nossos lordes as aprovem.

— Você sabe — continua a rainha — que o cardeal de York foi acusado sob os Estatutos de Praemunire de usurpar a jurisdição de seu pai como governante da Inglaterra. Agora o Sr. Cromwell e seus amigos declaram todo o clero cúmplice no crime, e exigem o pagamento de uma multa de mais de 100 mil libras.

— Não é uma multa. Nós chamamos de doação.

— Eu chamo de extorsão. — Ela se vira para a filha. — Se você se pergunta por que a Igreja não é defendida, só posso responder que há nobres nesta terra — Suffolk, é a quem ela se refere, Norfolk — que foram ouvidos a declarar que derrubarão o poder da Igreja e jamais suportarão, e eles usam esta palavra, jamais suportarão que outro clérigo se torne tão grande quanto nosso falecido legado. Eu concordo que não precisamos de um novo Wolsey. Mas não concordo com os ataques aos bispos. Para mim, Wolsey foi um inimigo. Mas isso não altera meus sentimentos por nossa Sagrada Mãe, a Igreja.

Cromwell pensa, Wolsey para mim foi um pai e um amigo. Isso não altera meus sentimentos por nossa Sagrada Mãe, a Igreja.

— O senhor e o presidente de Câmara, Audley, confabulam à luz de velas. — A rainha menciona o nome do presidente como se dissesse “seu criado de cozinha”. — E quando chega a manhã, induzem o rei a se declarar líder da Igreja na Inglaterra.

— Entretanto — diz a menina —, o papa é o líder da Igreja em todos os lugares, e é do trono de São Pedro que verte a legalidade de qualquer governo. E de nenhuma outra fonte.

— Lady Mary — insiste ele —, não deseja sentar-se? — Ele segura a princesa no momento exato em que os joelhos da menina vergam, e a coloca sentada na banquetta. — É apenas o calor — comenta ele, para que ela não fique constrangida. Mary ergue os olhos, rasos e cinzentos, com um olhar de simples gratidão; assim que ela se senta, o olhar é substituído por uma expressão tão pétrea quanto a muralha de uma cidade sitiada.

— Vossa Majestade disse “induzem”. Mas, acima de todos, a senhora sabe que o rei não pode ser governado.

— Mas pode ser influenciado. — Ela se volta para Mary, cujos braços agora cobrem sua barriga. — Ou seja, seu pai, o rei, é declarado líder da Igreja, e, para aliviar a consciência dos bispos, eles fizeram a inserção da seguinte fórmula: “até onde permitir a lei do Cristo”.

— O que significa isto? — pergunta Mary. — Não significa nada.

— Alteza, significa tudo.

— Sim. É muito astucioso.

— Eu suplico — argumenta ele — que considerem o caso desta forma, que o rei apenas definiu uma posição que já detinha antes, uma posição que antiquíssimos precedentes...

— Inventados nestes últimos meses.

— ...mostram como sendo do monarca por direito.

Sob sua complicada mantilha, a testa de Mary brilha de suor. Ela diz:

— O que é definido pode ser redefinido, não?

— Certamente — prossegue a mãe. — E redefinido em favor da Igreja: mas apenas se eu me dobrar aos desejos deles e me retirar da posição de rainha e esposa.

A princesa tem razão, ele pensa. Há espaço para negociações.

— Nada aqui é irrevogável.

— Não, espere para ver o que eu levarei à sua mesa de negociação. — Catarina ergue as mãos, pequenas, curtas e rechonchudas, para mostrar que estão vazias. — Só o bispo Fisher me defende. Só ele tem sido confiável. Só ele é capaz de dizer a verdade, isto é, que a Câmara dos Comuns está infestada de pagãos. — Ela suspira, as mãos caem junto ao corpo. — E agora, sob que persuasão meu esposo partiu sem um adeus? Ele nunca fez isto antes. Jamais.

— Ele pretende caçar nos campos de Chertsey por alguns dias.

— Com aquela mulher — acrescenta Mary. — Aquela criatura.

— Depois ele viajará pela estrada de Guildford para visitar lorde Sandys; ele deseja ver sua galeria nova no palácio Vyne. — Seu tom é tranquilo, apaziguador, como o do cardeal. Talvez semelhante demais? — De lá, dependendo do clima e da caça, ele viajará para o palácio Basing, de William Paulet.

— E quando devo encontrá-lo?  
— Ele retornará em 15 dias, com a vontade de Deus.  
— Quinze dias — diz Mary. — Sozinho com a criatura.  
— Antes disto, madame, Vossa Majestade deve instalar-se em outro palácio. Ele escolheu o More, em Hertfordshire, que, como a senhora sabe, é bastante confortável.  
— Considerando-se que foi casa do cardeal, certamente deve ser pródigo — ironiza Mary.  
Ele pensa, minhas próprias filhas jamais diriam isso.  
— Princesa, não deseja ter a bondade de cessar as injúrias contra um homem que jamais lhe fez mal algum?  
Mary enrubesce do pescoço à linha dos cabelos.  
— Não tive intenção de faltar com a bondade.  
— O falecido cardeal é seu padrinho. Vossa Alteza lhe deve suas preces.  
Os olhos de Mary hesitam diante dele; ela parece intimidada.  
— Eu rezo para reduzir seu período no purgatório...  
Catarina a interrompe.  
— Podem mandar uma caixa a Hertfordshire. Mandem um pacote. Mas não tentem mandar a minha pessoa.  
— Vossa Majestade terá consigo toda sua corte. A casa está pronta para receber duzentos ocupantes.  
— Eu escreverei ao rei. O senhor pode levar a carta. Meu lugar é junto dele.  
— Meu conselho — conclui ele — é que aceite com resignação. Ou ele talvez venha a...  
Ele aponta para a princesa; ele junta as mãos e torna a separá-las. Separar as duas.  
A menina tenta combater a dor. A mãe combate a tristeza e a ira, o desgosto e o medo.  
— Eu já esperava por isso — declara Catarina —, mas não imaginei que ele mandaria um homem como o senhor para me dizer.  
Ele franze o cenho: por acaso ela acha que seria melhor se viesse de Norfolk?  
— Dizem que você tinha um negócio como ferreiro; é correto? Agora ela perguntará, ferra cavalos?

— Era o ofício de meu pai.

— Começo a compreendê-lo. — Ela assente. — O ferreiro forja os próprios instrumentos.

Como um espelho para o clarão do sol, os muros caiados de quase 1 quilômetro de extensão refletem um calor branco. À sombra de um portão, Gregory e Rafe se acotovelam e empurram, insultando-se mutuamente com as ofensas culinárias que Cromwell lhes ensinou: Senhor, o senhor é um flamengo obeso que espalha manteiga no pão. Senhor, o senhor é um miserável romano, sua prole se alimenta de lesmas. Sr. Wriothesley está recostado ao sol, observando os garotos com um sorriso preguiçoso; borboletas coroam sua cabeça.

— Ah, aí está o senhor! — exclama ele. Wriothesley parece satisfeito. — Está perfeito para ser pintado, Sr. Wriothesley. Uma casaca azul-celeste e um feixe de luz precisamente colocados.

— Senhor? O que diz Catarina?

— Que nossos precedentes são falsos.

Rafe:

— Ela compreende que o senhor e o Dr. Cranmer viraram a noite para estudá-los?

— Ah, tamanha aventura! — brinca Gregory. — Virar a noite com o Dr. Cranmer!

Cromwell passa o braço em torno dos ombros estreitos e ossudos de Rafe e o aperta; é libertador estar longe de Catarina e da menina retraída como uma cadela açoitada.

— Certa vez, eu com Giovannino... bem com alguns meninos que conheci... — Ele se interrompe: o que estou fazendo? Eu não conto histórias a meu respeito.

— Por favor... — encoraja Wriothesley.

— Bem, nós mandamos fazer uma estátua, uma pequena divindade alada e sorridente, e depois nós a acertamos com machados e correntes para que parecesse antiga e contratamos um muladeiro para levá-la a Roma; lá, nós a vendemos a um cardeal. — Um dia muito quente, quando foram convocados à presença da eminência: brumoso, com trovões a distância e a poeira branca das

construções pairando no ar. — Eu lembro que ele tinha lágrimas nos olhos quando pagou. “E pensar que sobre estes pezinhos encantadores e estas asas adoráveis talvez tenha repousado o olhar do imperador Augusto”. Quando os meninos Portinari partiram para Florença, mal podiam andar pelo peso de seus bolsos.

— E o senhor?

— Eu peguei minha parte e fiquei por mais tempo para vender as mulas.

Eles descem a colina através dos jardins internos. Emergindo ao sol, Cromwell cobre os olhos como se para enxergar além do emaranhado de copas de árvores que se prolonga a distância.

— Eu disse à rainha, deixe Henrique partir em paz. Senão ele talvez não permita que a princesa viaje com a mãe para o norte.

Surpreso, Wriothsesley diz:

— Mas isso já está decidido. Elas serão separadas. Mary deve partir para viver em Richmond.

Cromwell não sabia. Ele espera que sua hesitação não seja perceptível.

— Claro. Mas ninguém disse à rainha, e vale a pena tentar, não?

Veja como é útil o Sr. Wriothsesley. Veja só como ele traz informações do secretário Gardiner.

— É terrível. Usar a menina contra a mãe — diz Rafe.

— Terrível, sim... mas a questão é, você já escolheu seu príncipe? Pois é isso que um homem deve fazer, você escolhe seu príncipe e sabe o que ele é. E a partir daí, depois que fez sua escolha, você lhe diz sim; sim, isto é possível, sim, isto pode ser feito. Se não gosta de Henrique, pode partir para o exterior e encontrar outro príncipe, mas eu lhe digo: se isto aqui fosse a Itália, Catarina já estaria gelada numa cova.

— Mas o senhor jurava que tinha respeito pela rainha — exclama Gregory.

— E tenho. E eu respeitaria o cadáver dela também.

— O senhor não tramaria a morte dela, tramaria?

Cromwell se detém. Ele põe a mão no braço do filho e o obriga a encará-lo de frente.

— Repense bem o que acabamos de conversar. — Gregory tenta se soltar. — Não, escute aqui, Gregory. Eu disse, você se rende às demandas do rei. Você abre o caminho para a vontade dele. Isto é o que faz um cortesão. Agora, entenda isto: é impossível que Henrique peça a mim ou a qualquer outra pessoa que faça mal à rainha. O que ele é, um monstro? Ele tem afeição por ela ainda hoje; e como não teria? E ele tem uma alma que espera ver salva. Henrique se confessa todos os dias a algum de seus dois capelães. Você acha que o imperador faz algo parecido, ou o Francisco de França? O coração de Henrique, eu lhe asseguro, é um coração cheio de sentimento; e a alma de Henrique, eu juro, é a alma mais examinada da cristandade.

Wriothsesley interrompe:

— Sr. Cromwell, é seu filho, não é um embaixador.

Ele solta Gregory.

— Podemos chegar ao rio? Talvez haja uma brisa.

No pavilhão inferior, seis pares de cães de caça se agitam e latem nas jaulas móveis em que serão transportados pelo país. Sacudindo as caudas, eles saltam por cima dos outros, torcendo as orelhas e se mordiscando; seus latidos e uivos alimentam a sensação de quase pânico que toma o castelo. Parece mais a retirada de um forte que o início de uma viagem de verão. Carregadores suados instalam a mobília do rei sobre as carroças. Dois homens com um baú reforçado ficam travados numa porta. Ele se recorda de si mesmo na estrada, uma criança espancada, enchendo carroças para ganhar uma carona. Ele se aproxima.

— Como isto foi acontecer, rapazes?

Ele equilibra um canto do baú e dirige os outros para as sombras; ele ajusta o ângulo de rotação com uma virada de mão; após breve titubeio e escorregões, eles saem à luz, gritando "Aí vamos!", como se tivessem resolvido o problema sozinhos. Ele ordena: depois, comecem a preparar a viagem da rainha para o palácio do cardeal no More, e eles respondem, surpresos, é sério, senhor? E se a rainha não quiser ir? Aí nós teremos de enrolá-la num tapete e jogá-la dentro de sua carroça, é o que ele responde. Ele entrega moedas e recomenda, devagar, está quente demais para

trabalhar tanto. Ele volta tranquilamente para perto dos meninos. Um homem puxa cavalos prontos para levar as carroças dos cães; assim que sentem o cheiro, os cães se lançaram num ladrar alvoroçado que ainda pode ser ouvido quando o grupo alcança as águas.

O rio está castanho, vagaroso; nas margens de Eton, um grupo de cisnes indiferentes flutua entre os juncos. O barco oscila sob os passageiros. Ele pergunta:

— E este não é Sion Madoc?

— Nunca esquece um rosto, hein?

— Não quando é feio.

— Já se olhou no espelho, *bach*? — O barqueiro está comendo uma maçã; detalhista, ele atira as sementes para fora.

— Como vai seu pai?

— Morto. — Sion cospe fora o cabo. — Algum desses é seu?

— Eu sou — responde Gregory.

— Esse é meu. — Sion indica o outro remador com a cabeça, um enorme jovem que enrubesce e desvia o olhar. — Nesse clima, seu pai fechava a oficina. Apagava o fogo e saía para pescar.

— Para chicotear a água com a vara — comenta ele — e socar a cara dos peixes. Ele entrava na água, arrastava os peixes para fora do rio e metia os dedos nas guelras: “O que está olhando, seu filho da puta escamoso? Está me encarando?”

— Ele não era homem de se sentar e tomar sol — continua Madoc. — Eu tenho muita história para contar, de Walter Cromwell.

O Sr. Wriothesley só observava. Ele não compreende o quanto se pode aprender com barqueiros e suas gírias rápidas e blasfemas. Aos 12 anos Cromwell falava fluentemente este dialeto natal, que agora lhe retorna à boca, algo natural, algo sujo. Há expressões gregas que ele domina e troca com Thomas Cranmer, com Me-Chame-de-Risley: uma língua nova, sem ranços, como fruta madura. Mas um erudito fluente em grego jamais se abate sobre seus ouvidos como Sion faz agora, expressando a opinião de Putney sobre os filhos da puta dos *Bolina*: Henrique trepa com a mãe, bom para ele. Ele trepa com a irmã, e para que mais serve um rei? Mas em algum ponto tem de parar. Não somos bestas do mato. Sion

chama Ana de cascavel, de salamandra sebosa do esgoto, e Cromwell recorda como o cardeal se referia a ela: minha viperina inimiga. Sion diz, ela trepa com o irmão, ao que ele responde, quê? Com o irmão George?

— Com qualquer irmão dela. Essa gente faz tudo em família. Eles conhecem uns truques franceses podres, como...

— Dá para baixar a voz? — Ele olha em torno, como se houvesse espiões nadando junto ao barco.

— ...e é assim que ela sabe que não vai acabar dando para o Henrique, porque se ela deixa o rei fazer e ganha um moleque, ele vai falar, muito obrigado, agora suma, menina... Então ela fica, ai, Vossa Majestade, eu não posso permitir, porque ela sabe que naquela mesma noite o irmão vai meter nela e a língua vai até os pulmões, e depois, perdão, irmã, o que faço com este pacotão, e ela, ah, não se preocupe, senhor meu irmão, enfie pela porta dos fundos, aí não vai dar nenhum problema.

Obrigado, ele responde, eu não fazia a menor ideia de como eles se arranjavam...

Os garotos entenderam cerca de uma palavra em cada três. Sion ganha uma gorjeta. Reencontrar a imaginação de Putney não tem preço. Ele aprecia o sorriso aberto de Sion: muito diferente da verdadeira Ana.

Mais tarde, em casa, Gregory diz:

— As pessoas podem falar dessa maneira? E receber dinheiro por isso?

— Ele estava dizendo o que pensa. — Ele dá de ombros. — Ou seja, se você quer saber o que as pessoas pensam...

— Me-Chame-de-Risley tem medo do senhor. Ele disse que, quando estava voltando de Chelsea com o secretário-mor, o senhor ameaçou atirar Gardiner para fora de sua própria barca e afogá-lo.

Esta não é exatamente a lembrança que ele tem daquela conversa.

— E Me-Chame achou que eu faria isso?

— Sim. Ele acha que o senhor é capaz de tudo.



No Ano-Novo, Cromwell deu a Ana como presente um jogo de garfos de prata com cabos de cristal de quartzo. Ele espera que ela os use para comer, e não para espetar os outros.

— De Veneza! — Ana fica contente. Ela ergue os garfos, para que os cabos fragmentem e reflitam a luz.

Cromwell traz outro presente, para que ela passe adiante. Está embalado num lenço de seda azul-celeste.

— É para a mocinha que sempre chora.

Ana fica ligeiramente boquiaberta.

— Não está sabendo? — Seus olhos faíscam com uma alegria negra. — Venha cá, vou falar em seu ouvido. — Seu rosto roça no dele. Sua pele é discretamente perfumada: âmbar, rosas. — Conhece Sir John Seymour? Nosso querido Sir John? O velho Sir John, como as pessoas o chamam?

Sir John talvez não seja nem 12 anos mais velho que o próprio Cromwell, mas a amabilidade é algo que envelhece; e, já que seus filhos Edward e Tom são agora os jovens ativos na corte, ele parece acomodar-se em sua aposentadoria.

— Agora entendemos por que ele nunca aparece — murmura Ana. — Agora que sabemos o que ele faz no campo.

— Eu pensei que ele caçava.

— Sim, e sua presa era Catherine Fillol, a esposa de Edward. Eles foram surpreendidos no ato, mas não consegui descobrir onde, se na cama dela ou na dele, ou num bosque, ou num celeiro de feno... Sim, certamente fazia frio, mas eles se esquentavam juntos. E agora Sir John confessou tudo, de homem para homem. Disse na cara do filho que, desde o casamento, ele se deita com a nora todas as semanas, ou seja, faz mais ou menos dois anos e, digamos, seis meses, portanto...

— Você pode arredondar para cerca de 120 vezes, presumindo que eles se abstinham nas principais festas...

— Adúlteros não param na Quaresma.

— Mesmo? E eu aqui achando que paravam.

— Ela teve dois filhos, portanto descontemos o resguardo do parto... E são meninos, você sabe. Assim, Edward ficou...

Ele consegue imaginar como Edward ficou. Aquele perfil puramente aquilino.

— Ele deserdará os meninos. Serão considerados bastardos. Ela, Catherine Fillol, será colocada num convento. Acho que ele deveria colocá-la numa jaula! Ele pede uma anulação. E quanto ao querido Sir John, imagino que não o veremos tão cedo na corte.

— Por que estamos sussurrando? Eu devo ser a última pessoa de Londres a saber.

— O rei não sabe. E o senhor entende como Henrique é decoroso. Portanto, se alguém tem que aparecer diante dele fazendo piadas sobre o assunto, que não seja nenhum de nós dois.

— E a filha? Jane, não?

Ana abafa uma risada.

— A cara de coalhada? Voltou para Wiltshire. Sua melhor decisão seria seguir a cunhada para o convento. A irmã Lizzie casou bem, mas ninguém deseja a moleirona, e agora é que ninguém desejará mesmo. — Os olhos dela recaem sobre o presente; ela pergunta, subitamente ansiosa, enciumada: — O que é?

— Apenas um livro de pontos de bordado.

— Que não seja nada exigente demais para os miolos dela. Por que o senhor lhe mandaria um presente?

— Sinto pena dela.

E mais agora, claro.

— Ah. O senhor não gosta dela, gosta? — A resposta correta é não, minha senhora Ana, eu só gosto de você. — Ademais, é apropriado que o senhor mande um presente a ela?

— Não é o mesmo que mandar contos de Boccaccio.

Ela ri.

— Eles têm uma ou outra história a contar a Boccaccio, aqueles pecadores de Wolf Hall.

Thomas Hitton, um padre, foi queimado assim que fevereiro acabou; ele foi aprisionado por Fisher, bispo de Rochester, como contrabandista das escrituras de Tyndale. Pouco depois, após banquete na frugal mesa do bispo, uma dúzia de convidados caiu

doente, todos vomitando, rijos de dor, e foram levados, pálidos e quase sem pulso, às camas e às ministrações dos médicos. O Dr. Butts disse que a sopa foi a causa; segundo testemunho dos servos, foi o único prato que todos tomaram em comum.

Há venenos que a própria natureza desenvolve e, antes de colocar o cozinheiro do bispo sob tortura, Cromwell teria visitado as cozinhas e passado uma concha pela caldeira. Contudo, ninguém mais duvida de que houve um crime.

Logo o cozinheiro admite que adicionou ao caldo um pó branco, que alguém lhe deu. Quem? Só um homem. Um estranho que disse que dar um purgante a Fisher e seus convivas seria uma boa piada.

O rei está enfurecido: ira e medo. Ele culpa os hereges. Dr. Butts, balançando a cabeça, puxando o lábio inferior, diz que veneno é o maior medo de Henrique, mais que o próprio Inferno.

Quem colocaria veneno no jantar de um bispo porque um estranho diz que seria engraçado? O cozinheiro não diz mais nada, ou talvez ele tenha chegado a um estágio em que não pode mais falar. Ou seja, ele diz a Butts, o interrogatório foi mal conduzido, e eu me pergunto por quê. O médico, um homem que ama o evangelho, ri tristemente e comenta: Se quisessem que o homem falasse, deveriam ter convocado Thomas More.

Corre o boato de que o lorde chanceler se tornou um mestre das artes gêmeas de esticar e esmagar os servos do Senhor. Quando hereges são aprisionados na Torre, ele assiste enquanto a tortura é aplicada. Há histórias de que, em sua guarida em Chelsea, ele mantém os suspeitos nos troncos enquanto lhes inflige tormentos e pregação: o nome do impressor, o nome do capitão do navio que trouxe estes livros para a Inglaterra. Dizem que ele usa o açoite, as algemas e o aparelho de tortura que chamam de cegonha. É um mecanismo portátil, no qual um homem é dobrado, joelhos contra o peito, com um aro de ferro às costas; através de um parafuso, o aro é apertado até quebrar as costelas. É preciso arte para evitar que o homem sufoque: pois, se sufocar, tudo que ele sabe estará perdido.

Durante a semana seguinte, dois convivas morrem; o bispo Fisher se recupera. É possível, pensa Cromwell, que o cozinheiro de fato tenha falado, mas aquilo que ele disse não é para os ouvidos dos súditos comuns.

Ele vai visitar Ana. Como um espinho entre duas rosas, ela está sentada entre a prima Mary Shelton e Jane, sua cunhada, Lady Rochford.

— Senhorita, sabia que o rei inventou uma nova forma de morte para o cozinheiro de Fisher? Ele será fervido vivo.

Mary Shelton engasga e cora como se tivesse levado um beliscão de algum galante. Jane Rochford rosna, "*Vere dignum et justum est, aequum et salutare*", e traduz para Mary: "Adequado."

O rosto de Ana não exhibe expressão alguma. Mesmo um homem letrado como Thomas Cromwell não consegue encontrar nada ali para ler.

— Como vão fazer isso?

— Não perguntei sobre os mecanismos. Quer que eu investigue? Acho que o processo envolve içá-lo por correntes, para que a multidão possa ver sua pele se soltando e ouvir seus gritos.

Façamos justiça a Ana, se alguém se aproximasse dela e dissesse, você será fervida, ela provavelmente daria de ombros: *c'est la vie*.

Por um mês, Fisher fica de cama. Quando ele se levanta e aparece em público, parece um cadáver ambulante. A intercessão dos anjos e santos não foi o bastante para curar suas entranhas ardidadas e devolver a carne a seus ossos.

São dias de brutal verdade de Tyndale. Os santos não são seus amigos e não o protegerão; eles não podem propiciar salvação a ninguém. Não é possível convocá-los a seu serviço com preces e velas, como se convocaria um homem para fazer a colheita. O sacrifício de Cristo ocorreu no Calvário; ele não é repetido na missa. Os padres não ajudam ninguém a chegar ao Paraíso; nenhum padre é necessário para intermediar entre Deus e o homem. Nenhum de seus méritos poderá salvá-lo. Só os méritos do Cristo vivo.

Março: Lucy Petyt, cujo esposo é um merceeiro e membro dos Comuns, chega para visitá-lo em Austin Friars. Ela veste pele de

ovelha negra — importada, aparentemente — e um modesto vestido de lã cinza; Alice recebe as luvas da visitante e sorratamente desliza um dedo para avaliar o forro de seda. Ele se ergue de sua mesa e toma as mãos de Lucy, conduzindo-a para junto do fogo e servindo uma taça de vinho temperado e aquecido. Mãos trêmulas, ela segura a taça e diz:

— Eu gostaria que John tivesse isto. Este vinho. Este fogo.

Havia neve na manhã do dia da incursão no Lion's Quay, mas logo um sol invernal se elevou, clareando as vidraças e talhando em profundo relevo as salas forradas das casas da cidade, ravinas de sombras e frios córregos de luz.

— É isto que não consigo tirar da cabeça, o frio — diz Lucy.

E o próprio More, o rosto aninhado entre peles, parado à porta com seus lacaios, pronto para vasculhar o depósito e os aposentos privados.

— Eu fui a primeira a recebê-lo, e o mantive ocupado com agrados; eu exclamei, meu querido, aqui está o lorde chanceler, em missão parlamentar. — O vinho aflora ao rosto de Lucy e solta sua língua. — Eu falava o tempo todo, já tomou seu desjejum, senhor, tem certeza?, e meus criados passavam na frente dele, para cá e para lá, impedindo seus movimentos. — Ela solta uma risadinha sem alegria, plangente. — E durante todo o tempo, John ocultava seus papéis atrás de um painel...

— Você fez bem, Lucy.

— Quando eles subiram ao segundo andar, John já estava pronto para More: Ah, lorde chanceler, seja bem-vindo à minha humilde casa. Mas, pobrezinho, John deixara cair seu Testamento sob a escrivaninha, meu olhar pousou direto no livro, eu me pergunto se os olhos deles não seguiram os meus.

A busca de uma hora não revelou coisa alguma; assim, o chanceler disse, tem certeza, John, de que não possui qualquer destes novos livros? Pois fui informado de que possui. (E o Tyndale ali, como uma mancha de veneno no piso.) Não sei quem poderia ter dito semelhante coisa, retrucou John Petyt. Eu tive orgulho dele, conta Lucy, esticando a taça para receber mais vinho, fiquei orgulhosa porque ele respondeu à altura. More disse: É verdade que

hoje não encontrei coisa alguma, mas você será levado por meus homens. Senhor tenente, pode escoltá-lo?

John Petyt não é jovem. Por ordens de More, ele dorme num colchão de palha colocado sobre a laje; visitantes são admitidos apenas para que levem a seus vizinhos a notícia do estado terrível em que o prisioneiro se encontra.

— Nós mandamos comida e roupas quentes — diz Lucy —, mas foram devolvidos por ordens do lorde chanceler.

— Há uma tarifa para subornos. Pague aos carcereiros. Precisa de dinheiro vivo?

— Se precisar, virei até aqui. — Ela baixa a taça para a mesa. — Ele não pode nos aprisionar a todos.

— Ele tem prisões suficientes.

— Para corpos, sim. Mas o que são corpos? Ele pode levar nossos bens, mas Deus nos dará prosperidade. Ele pode fechar as livrarias, mas ainda haverá livros. Eles têm seus velhos ossos, seus santos de vidro nas janelas, suas velas e altares, mas Deus nos deu a imprensa. — Lucy tem as faces afogueadas. Ela baixa os olhos para os desenhos sobre a mesa. — O que são estes, Sr. Cromwell?

— São projetos para o meu jardim. Pretendo comprar algumas casas aqui nos fundos, eu quero a terra.

Ela sorri.

— Um jardim... É a primeira coisa prazerosa de que ouço falar há muito.

— Espero que a senhora e John nos visitem e desfrutem dele.

— E isto... Deseja construir uma quadra de tênis?

— Se eu conseguir a terra. E aqui, está vendo? Quero cultivar um pomar.

Lágrimas tomam os olhos de Lucy.

— Fale com o rei. Nós contamos com o senhor.

Ele ouve um passo: de Johane. Lucy leva a mão a boca.

— Deus me perdoe... Por um momento, eu a confundi com sua irmã.

— É um erro comum — responde Johane. — E às vezes persistente. Sra. Petyt, sinto muito em ouvir que seu esposo está na Torre. Mas os senhores trouxeram esta desgraça para si mesmos.

Foram os primeiros a lançar calúnias contra o falecido cardeal. Agora, imagino que gostariam que ele estivesse de volta.

Lucy se retira sem uma palavra, apenas um longo olhar sobre o ombro. Ele ouve Mercy cumprimentando a visita fora da sala; com Mercy ela conseguirá uma palavra mais fraterna. Johane se aproxima do fogo e aquece as mãos.

— O que Lucy pensa que pode fazer por ela?

— Falar com o rei. Ou com Lady Ana.

— E fará isso? Não faça, não faça isso. — Johane enxuga uma lágrima com o nó do dedo; Lucy a perturbou. — More não vai torturar Petyt. A história vai correr e a cidade não suportaria isto. Contudo, talvez ele morra de qualquer maneira. — Johane ergue os olhos para ele. — Sabe, ela é bastante velha, Lucy Petyt. Ela não deveria usar cinza. Viu como as bochechas estão murchas? Ela não terá mais filhos.

— Entendi o ponto.

Johane cerra a mão na saia.

— Mas, e se acontecer? E se More torturá-lo? E ele der nomes?

— Que me importa isso? — Ele desvia o rosto. — More já sabe meu nome.

Ele e Lady Ana conversam. Ela pergunta, O que posso fazer?, e ele responde: a senhora sabe como agradecer o rei, imagino. Ela ri, e diz, como é? Minha virgindade por um merceeiro?

Quando pode, ele fala com o rei, mas Henrique lhe devolve um olhar indiferente e diz, o lorde chanceler sabe o que faz. Ana comenta, eu tentei. Como sabe, fui eu mesma quem colocou o livro de Tyndale nas mãos de Henrique, em suas régias mãos; o senhor acha que Tyndale poderia retornar a este reino? Houve negociações no inverno; cartas cruzaram o Canal. Na primavera, Stephen Vaughan, contato de Cromwell na Antuérpia, marcou um encontro: à noite, sob o véu da escuridão, num campo fora dos muros da cidade. Com a carta de Cromwell entregue em suas mãos, Tyndale chorou: eu quero voltar para casa, ele disse, estou farto disso, perseguido de cidade em cidade, de casa em casa. Quero voltar e,

se o rei apenas disser sim, e se disser sim para as escrituras em nosso idioma natal, ele poderá escolher seu próprio tradutor, eu jamais escreverei novamente. Ele pode fazer de mim o que quiser, torturar ou matar, mas ao menos deixe que o povo da Inglaterra ouça o evangelho.

A isto, Henrique não respondeu “não”. Ele jamais disse não. Embora a tradução de Tyndale e todas as outras estejam banidas, talvez um dia ele permita uma tradução de um erudito de sua própria escolha. Como poderia dizer menos que isso? Ele quer agradar Ana.

Mas chega o verão e ele, Cromwell, sabe que chegou ao limite e agora precisa traçar seu caminho de volta. Henrique é tímido demais; Tyndale, intransigente. Ele manda cartas para Stephen que soam como um bilhete de pânico: abandonar o navio. Ele não pretende sacrificar-se à truculência de Tyndale; por Deus, pensa Cromwell, eles se merecem, More, Tyndale, essas mulas que passam por homens. Tyndale não se pronunciará em favor do divórcio de Henrique; aliás, nem o monge Lutero. Seria de imaginar que eles sacrificariam um pequeno ponto de princípio para fazer amizade com o rei da Inglaterra: mas não.

E quando Henrique indaga, “Quem é este Tyndale para me julgar?”, Tyndale replica de pronto, rápido como um boato: qualquer cristão pode julgar outro.

— Um gato pode olhar para um rei — comenta ele. Aninhando Marlinspike nos braços, ele conversa com Thomas Avery, o rapaz a quem está ensinando seu ofício. Avery vive com Stephen Vaughan para aprender a prática com os comerciantes de lá, mas qualquer navio pode trazê-lo de volta a Austin Friars com sua bolsinha, contendo um colete de lã, algumas camisas. Ele chega fazendo estardalhaço, chamando Mercy, Johane e as meninas, para quem traz doces e novidades dos mercados de rua. Ele distribui soquinhos em Richard, Rafe e, quando ele está por perto, em Gregory, como se para dizer, estou de volta, mas sempre conservando sua bolsa bem enfiada debaixo do braço.

O rapaz o acompanha até o escritório.



— Senhor, nunca sentiu saudades de casa quando fazia suas viagens?

Ele dá de ombros: se tivesse uma casa, imagino que sentiria. Ele põe o gato no chão e abre a bolsa. Com o dedo, ele pesca um fio de contas de rosário; é para disfarçar, diz Avery, e ele responde, bom garoto. Marlinspike salta para a escrivadinha; o gato espia dentro da bolsa, tateando com uma pata.

— Os únicos ratos que há aí são feitos de açúcar. — O rapaz puxa as orelhas do gato, brinca com ele. — Não temos nenhum bichinho na casa do Sr. Vaughan.

— Stephen só pensa em trabalho. E é muito severo, hoje em dia.

— Thomas Avery, a que horas chegou ontem à noite? Já escreveu para seu patrão? Assistiu à missa? Como se ele se importasse com a missa! Tudo, menos “seus intestinos vão bem?”.

— Na próxima primavera, pode voltar para casa.

Enquanto falam, ele desenrola o colete. Com uma sacudidela, ele o vira do avesso e começa a desfazer uma costura com a tesoura.

— Bons pontos... Quem fez isso?

O rapaz hesita; e cora.

— Jenneke.

Ele puxa o papel fino do forro do colete, e o desdobra.

— Ela deve ter bons olhos.

— E tem.

— E belos olhos também?

Ele ergue os seus, rindo. O garoto o olha no rosto. Por um momento, ele parece alarmado, e prestes a falar; depois ele baixa os olhos e desvia o rosto.

— Só estou caçoando, Tom, não leve tão a sério. — Cromwell está lendo a carta de Tyndale. — Se é uma boa moça, e da casa de Stephen, qual é o problema?

— O que Tyndale diz?

— Você trouxe sem ler?

— Eu preferi não ler. Por precaução.

Por precaução, caso acabe como hóspede de Thomas More. Cromwell ergue a carta na mão esquerda; a mão direita se fecha distraidamente num punho.

— Que ele experimente chegar perto dos meus. Vou arrastá-lo pelo pátio de Westminster e bater aquela cabeça no calçamento até enfiar nela algum senso do amor de Deus e do que significa.

O rapaz sorri e se joga numa banquetta. Ele, Cromwell, torna a ler a carta.

— Tyndale diz não acreditar que poderá voltar um dia, nem se Lady Ana se tornar rainha... um projeto para o qual ele não move uma palha, devo acrescentar. Ele diz que não confiará num salvo-conduto, mesmo que assinado pelo próprio rei, enquanto Thomas More estiver vivo e no cargo, porque More afirma que não é necessário cumprir uma promessa feita a um herege. Pode ler se quiser. Nosso lorde chanceler não respeita nem a ignorância e nem a inocência.

O garoto se retrai, mas pega o papel. Mundo terrível este, onde as promessas não são cumpridas. Ele indaga, gentilmente:

— Diga-me, quem é Jenneke? Quer que eu escreva ao pai dela em seu favor?

— Não. — Avery ergue os olhos, alarmado; ele fecha o cenho. — Não, ela é uma órfã. O Sr. Vaughan se encarregou de sua criação. Todos estamos ensinando inglês a ela.

— Nenhum dote para você, então?

O rapaz parece confuso.

— Imagino que Stephen dará um dote a ela.

O dia está cáldo demais para a lareira. É muito cedo para acender velas. Em lugar de queimar, ele rasga a carta de Tyndale. Marlinspike mastiga um fragmento da carta com as orelhas eretas.

— Irmão gato — brinca ele. — Ele sempre amou as escrituras.

*Scriptura sola.* Só o evangelho guia e consola. De nada serve rezar para um tronco esculpido ou acender uma vela para um rosto pintado. Tyndale diz que “evangelho” significa “boas-novas”, significa cantar, significa dançar: dentro de certos limites, claro. Thomas Avery pergunta:

— Posso mesmo voltar para casa na próxima primavera?

Na Torre, John Petyt deve ter permissão para dormir numa cama; contudo, não há a menor chance de que ele volte para casa no Lion's Quay.

Quando conversavam em certa madrugada, Cranmer disse a ele, Santo Agostinho afirma que não precisamos indagar onde fica nossa casa, pois no fim todos retornamos ao lar do Senhor.

A Quaresma drena os espíritos, e, claro, foi inventada para isso. Visitando Ana, Cromwell encontra o rapaz Mark inclinado sobre o alaúde, dedilhando um tema sofrido; quando passa, ele dá um peteleco na cabeça do músico.

— Não dá para tocar algo mais animado?

Mark quase cai de sua banqueta. Cromwell sente que essas pessoas vivem em transe, vulneráveis a qualquer susto, a emboscadas. Acordando de seus devaneios, Ana pergunta:

— O que você acabou de fazer?

— Acertei Mark. Com um só dedo. — Ele demonstra.

— Mark? Quem? Ah. É esse o nome dele?

Nesta primavera, 1531, Cromwell se compromete a ficar alegre. O cardeal era um grande resmungão, mas sempre se queixava de uma forma divertida. Quanto mais Wolsey reclamava, mais otimista ficava seu braço direito Cromwell; o trato era este.

O rei também gosta de se lamuriar: diz que tem dores de cabeça; que o duque de Suffolk é estúpido; que o tempo está quente demais para esta época do ano; que o país está caminhando para o buraco. Ele também sente ansiedade; tem medo de feitiços, de gente que pense mal a seu respeito de qualquer forma, específica ou não. Quanto mais angustiado fica o rei, mais tranquilo fica seu novo funcionário, mais esperançoso, mais firme. E quanto mais o rei briga e reclama, mais seus peticionários buscam a companhia de Cromwell, tão infalível em sua afável cortesia.

Em casa, Jo se aproxima dele, parecendo preocupada. Agora ela é uma menina crescida, com uma seriedade de mulher, uma leve ruga na testa que a mãe Johane também tem.

— Senhor, como devemos pintar nossos ovos de Páscoa?

— Como pintaram no ano passado?

— Em todos os anos anteriores nós colocávamos barretes nos ovos, como os do cardeal. — Ela observa o rosto do tio para ler o

efeito de suas palavras; ele sabe que é um hábito seu, exatamente, e pensa, não só nossos filhos são nossos filhos. — Fizemos mal?

— Nem um pouco. Eu ficaria contente em saber. Teria levado um deles para o cardeal, ele apreciaria.

Jo coloca a mãozinha delicada na palma do tio. Ainda é uma mão de criança, a pele arranhada sobre as articulações, as unhas mordidas.

— Agora eu sou conselheiro do rei — diz ele. — Se quiser, pode pintar coroas.

Esta loucura com a mãe dela, esta prolongada loucura, tem que acabar. Johane também sabe disso. Ela costumava inventar desculpas para estar onde ele estava. Mas agora, se ele está em Austin Friars, ela fica na casa de Stepney.

— Mercy sabe — murmura Johane ao passar por ele.

O que surpreende é que tenha levado tanto tempo, mas há uma lição aqui; ele acha que as pessoas estão sempre vigiando, mas é a culpa, é o que provoca sobressaltos com sombras. Mas Mercy finalmente descobre que tem olhos na cabeça e uma língua para falar, e escolhe um momento em que pode estar a sós com ele.

— Fiquei sabendo que o rei achou uma forma de contornar ao menos um de seus obstáculos. Isto é, a dificuldade de como se casar com Lady Ana quando teve a irmã, Maria, em sua cama.

— Nós nos cercamos das melhores orientações — ele responde, tranquilo. — Por minha recomendação, o Dr. Cranmer foi a Veneza para consultar um ilustre corpo de rabinos e tomar opiniões sobre o significado das antigas escrituras.

— Quer dizer que não é incesto? Só é incesto quando o homem realmente é casado com uma das irmãs?

— É o que dizem os teólogos.

— Quanto custou isto?

— O Dr. Cranmer não saberia dizer. Os padres e estudiosos vão à mesa de negociação, e depois algum homem menos religioso chega com uma bolsa de dinheiro. Eles não têm que se encontrar pessoalmente, na entrada ou na saída.

— Isto não ajuda seu caso em nada — diz ela bruscamente.

— Não há solução para o meu caso.

— Ela quer falar com você. Johane.

— O que há para dizer? Todos sabemos...

Todos sabemos que esta história não pode dar em lugar algum. Até porque o esposo de Johane, John Williamson, ainda anda tossindo por aí: eles viviam atentos a isto, tanto aqui quanto em Stepney, para o chiado anunciativo numa escadaria ou no quarto ao lado; uma coisa se pode dizer por John Williamson, ele nunca pegará ninguém de surpresa. O Dr. Butts recomendou o ar do campo, e manter distância de vapores e fumaça.

— Foi um momento de fraqueza — ele diz. E depois... o quê? Outro momento. — Deus vê tudo. É o que me dizem.

— Precisa ouvi-la. — Quando se volta para ele, o rosto de Mercy está incandescente. — Deve isto a ela.

— Do meu ponto de vista, parece parte do passado. — A voz de Johane é incerta; com uma ligeira torção dos dedos, ela ajusta o capuz em meia-lua e joga o véu, uma nuvem de seda, sobre o ombro. — Por um longo tempo, eu não compreendi que Liz estava morta. Eu esperava vê-la entrando um dia.

Para ele, era uma constante tentação cobrir Johane de belas roupas, e ele resolveu o problema, como Mercy diz, atirando dinheiro aos ourives e tecelões de Londres, de modo que as mulheres de Austin Friars se tornaram proverbiais entre as esposas da cidade, que dizem por trás das mãos (mas com um murmúrio reverente, quase uma genuflexão), "Deus do céu, Thomas Cromwell, o dinheiro deve entrar como a graça de Deus".

— O que penso agora — diz Johane — é que o que fizemos, porque ela morreu, porque estávamos chocados, porque estávamos tristes, agora temos de deixar para trás. Isto é, nós ainda estamos tristes. Sempre estaremos tristes.

Ele a compreende. Liz faleceu em outra era, quando o cardeal ainda vivia em sua pompa e ele era seu braço direito.

Johane diz:

— Se você quiser se casar, Mercy tem uma lista. Mas, provavelmente, o senhor já tem sua própria lista. E nela não há

nenhuma conhecida nossa. Claro, se John Williamson tivesse... Que Deus me perdoe, mas a cada inverno penso que será o último para ele. Neste caso, claro, sem dúvida, quero dizer... Tão logo, Thomas, tão logo a decência permitisse, e não dando as mãos sobre o caixão dele... Mas, mesmo assim, a Igreja não permitiria. A lei não permitiria.

— Nunca se sabe — responde ele.

Johane joga as mãos no ar e as palavras se derramam.

— Dizem que sua intenção, que o que pretende é derrubar os bispos e tornar o rei chefe da Igreja e tirar os rendimentos de Sua Santidade e entregá-los a Henrique, para que este depois possa ditar a lei que quiser e despachar sua esposa se quiser, e casar-se com Lady Ana, e ele dirá o que é pecado e o que não é, e quem pode casar com quem. E a princesa Maria, Deus a proteja, será uma bastarda, e, após Henrique, o próximo rei será qualquer criança que aquela senhorita der a ele.

— Johane... quando o Parlamento se reunir novamente, você não gostaria de aparecer e dizer a eles o que acabou de falar? Isso nos pouparia muito tempo.

— Você não pode — exclama ela, abismada. — Os Comuns não votarão a favor disso. Os lordes também não. O bispo Fisher não permitirá. O arcebispo Warham. O duque de Norfolk. Thomas More.

— Fisher está doente. Warham está velho. Norfolk, ele me disse outro dia mesmo, com o perdão da má palavra, “Estou cansado de combater sob o estandarte do lençol sujo de sangue de Catarina, e se Artur a usou, ou se não pôde usar, estou cagan... quem se importa agora? — Ele se apressa em alterar as palavras extremamente rudes do duque. — “Abram caminho para minha sobrinha Ana”, disse ele, “e ela dará o pior de si.”

— O que seria o pior de Ana?

Johane está boquiaberta; as palavras do duque vão rolar pela Gracechurch Street, correr para o rio e cruzar a ponte, até passar de boca em boca, como pústulas, entre as senhoritas maquiadas de Southwark; pois assim são os Howards, assim são os Bolena; com ou sem Cromwell, a notícia do caráter de Ana chegará a Londres e ao mundo.

— Ela provoca o gênio do rei — explica ele. — Henrique reclama que nunca em sua vida Catarina se dirigiu a ele como Ana faz. Norfolk diz que ela usa um linguajar com o rei que ninguém usaria nem com um cão.

— Jesus! Por que será que ele não manda açoitá-la?

— Talvez ele acabe mandando, quando estiverem casados. Veja bem, se Catarina retirasse seu processo de Roma e admitisse o julgamento do caso na Inglaterra, ou se o papa aceitasse os desejos do rei, então tudo isso... tudo que você disse, não aconteceria, seria apenas... — A mão dele faz um ligeiro movimento de retirada, como se fechasse um documento. — Se Clemente se aproximasse de sua mesa em certa manhã, ainda não tão desperto, e assinasse com a canhota algum pedaço de papel que não leu, bem, quem poderia culpá-lo? Depois eu o deixaria, nós o deixaríamos em paz, de posse de seus rendimentos, de posse de sua autoridade, pois agora Henrique só quer uma coisa, e esta coisa é Ana em sua cama; mas o tempo passa e, acredite em mim, ele está começando a pensar em outras coisas que talvez venha a querer.

— Sim. Como mandar em tudo.

— Ele é um rei. Está habituado a isso.

— E se o papa continuar a teimar?

— Terá de suplicar por seus rendimentos.

— Mas o rei tomará o dinheiro do povo cristão? O rei é rico.

— E aí que você se engana. O rei é pobre.

— Ah. Ele sabe disso?

— Não sei se ele sabe de onde vem seu dinheiro, ou para onde vai. Enquanto meu amo cardeal estava vivo, nunca faltou ao rei uma só joia em seu chapéu, ou um cavalo, ou uma bela casa. Henry Norris cuida das finanças pessoais, mas, além disso, ele tem demasiado controle sobre as receitas para o meu gosto. Henry Norris — ele explica antes que ela tenha chance de perguntar — é a maldição da minha vida.

Ele não acrescenta, Henry Norris sempre está com Ana quando preciso vê-la a sós.

— Suponho que, se ele precisar jantar, pode vir aqui. Não este tal Henry Norris. Eu falo de Henrique, nosso miserável rei.

Johane se levanta; ela se vê no espelho e se esconde, como se tivesse vergonha do próprio reflexo, e recompõe seu rosto numa expressão mais leve, mais curiosa e desapegada, menos pessoal; ele percebe quando ela faz isso, erguendo uma fração de suas sobrancelhas, curvando os cantos dos lábios. Eu poderia pintá-la, ele pensa; se tivesse a habilidade. Eu a observei por tanto tempo; mas observar não traz os mortos de volta; quanto mais fixamos o olhar, mais longe eles se vão. Ele nunca imaginou que Liz Wykys sorria do céu ao que ele fazia com sua irmã. Não, ele pensa, o que eu fiz foi empurrar Liz para as sombras; e agora algo retorna à sua lembrança, algo que Walter disse certa vez: ele disse que sua mãe costumava fazer as preces a uma santinha esculpida que veio em sua trouxa quando ela chegou do norte ainda jovem, e que ela virava a santinha de costas antes de ir para a cama com ele. Walter dissera: Deus do céu, Thomas, era a porra da Santa Felicidade, se não me engano, e na noite em que fiz você, ela tinha a cara virada para a parede, tenho certeza.

Johane passeia pela sala. É um salão amplo e cheio de luz.

— Todas estas coisas — diz ela —, estas coisas que temos agora. O relógio. Aquele baú novo que você mandou Stephen enviar de Flandres, aquele com os entalhes de pássaros e flores. Escutei com meus próprios ouvidos, quando disse a Thomas Avery, ah, diga a Stephen que quero o baú, não importa quanto custa. Todas essas imagens pintadas de gente que não conhecemos, todos esses, não sei o quê, alaúdes e livros de música, jamais tivemos nada disso antes. Quando eu era menina, jamais me olhava no espelho, mas agora eu me vejo todos os dias. E um pente, o senhor me deu um pente de marfim. Nunca tive um pente só meu. Liz costumava trançar meu cabelo e enfiá-lo sob a touca, e depois eu trançava o cabelo dela; se não tínhamos a aparência que deveríamos ter, logo alguém nos dizia.

Por que somos tão apegados às severidades do passado? Por que nos orgulhamos tanto de ter suportado nossos pais e nossas mães, os dias sem lareira e os dias sem carne, os invernos gelados e as línguas afiadas? Até parece que tínhamos escolha. Mesmo Liz: certa manhã, quando os dois eram jovens, Liz o viu colocando a



camisa de Gregory para esquentar junto ao fogo e disse rigidamente, não faça isso, senão ele vai querer a mesma coisa todos os dias.

— Liz... Isto é, Johane...

A expressão dela significa: o senhor faz isso com frequência demais.

— Eu quero ser bom para você. Diga-me, o que posso lhe dar.

Ele espera que ela grite, como as mulheres fazem, “acha que pode me comprar!”, mas ela não grita, ela ouve, e ele pensa que ela está em transe, o rosto concentrado, os olhos nos dele, enquanto ela ouve a teoria de Cromwell sobre o que o dinheiro pode comprar.

— Houve um homem em Florença, um frei, Fra Savonarola, ele induziu toda a gente a pensar que a beleza era um pecado. Alguns acharam que ele era um feiticeiro e caíram sob seu encanto por alguma razão; eles acenderam fogueiras na rua e queimaram tudo que apreciavam, tudo que tinham feito ou trabalhado para comprar, rolos de seda, lençóis que as mães tinham bordado para seus enxovais, livros de versos escritos pela própria mão do poeta, promissórias e testamentos, listas de arrendamentos, títulos, cães e gatos, as camisas que vestiam, os anéis de seus dedos, as mulheres atiravam os véus, e sabe o que foi pior, Johane? Elas jogaram seus espelhos, para que não vissem seus rostos e soubessem o quanto são diferentes das bestas do campo e das criaturas que ganiam na pira. E quando os espelhos já estavam derretidos, elas voltaram para as casas vazias, deitaram no chão porque haviam queimado as camas, e quando se levantaram no dia seguinte, sentiam dores pelo corpo devido ao chão duro e não havia mesa para o desjejum porque elas usaram a mesa para alimentar o fogo, e nenhum banco onde sentar porque os fizeram em pedaços, e não havia pão para comer porque os padeiros atiraram as tigelas e o fermento e a farinha e as balanças no fogo. E sabe o que é pior? Eles estavam sóbrios. Na noite anterior, eles pegaram seus embornais de vinho... — Ele vira o braço, numa mímica de um homem atirando algo no fogo. — Portanto eles estavam sóbrios e suas mentes estavam lúcidas, mas eles olhavam em torno e não tinham nada para comer, nem para beber e nem onde sentar.

— Mas isso não é o pior. O senhor disse que o pior foram os espelhos, não terem como ver a si mesmos.

— Sim. Bem, pelo menos é o que eu acho. Espero sempre poder me olhar de frente. E você, Johane, sempre deveria ter um belo espelho para se ver. Pois é uma mulher que vale a pena admirar.

Ele poderia escrever um soneto, Thomas Wyatt poderia escrever um soneto para ela, e não conseguiria este efeito... Ela desvia o rosto, mas através do fino filme de seu véu, ele vê que ela enrubesce. Pois as mulheres insistem: diga-me, diga algo, diga-me o que está pensando; e foi o que ele fez.

Eles se separam amigavelmente. Até conseguem fazê-lo sem uma última vez em nome dos velhos tempos. Não que estejam literalmente separados, mas agora vivem sob termos distintos. Mercy diz:

— Thomas, mesmo quando estiver frio sob uma lápide, essa sua lábia vai levantá-lo da tumba.

A casa está quieta, calma. O burburinho da cidade está trancado do outro lado do portão; ele manda trocar os cadeados, reforçar as correntes. Jo lhe traz um ovo de Páscoa.

— Veja, nós guardamos um para você. — É um ovo branco sem qualquer pinta. Não tem rosto, mas um único cacho de cabelo da cor da casca de cebola aparece sob uma coroa inclinada. Você escolhe seu príncipe e sabe o que ele é: não sabe?

Jo diz:

— Minha mãe manda uma mensagem: diga a seu tio que quero ganhar de presente uma taça feita da casca do ovo de um grifo. É um leão com cabeça e asas de pássaro; ele está extinto agora, e você não pode mais encontrá-lo.

— Pergunte a ela de que cor ela quer.

Jo planta um beijo na bochecha dele.

Ele olha para o espelho e todo o salão iluminado se reflete de volta: alaúdes, retratos, cortinados de seda. Em Roma havia um banqueiro chamado Agostino Chigi. Em Siena, de onde ele veio, diziam que Agostino era o homem mais rico do mundo. Um dia ele recebeu o papa, e o jantar foi servido em pratos de ouro. Depois ele viu o resultado — cardeais satisfeitos e esparramados, a bagunça

que deixaram para trás, os ossos roídos e as espinhas de peixe, as conchas das ostras e as cascas de laranja — e disse, joguem tudo fora, poupemo-nos de lavar tudo isto.

Os convivas atiraram os pratos pelas janelas abertas direto no rio Tibre. A toalha de mesa manchada foi jogada logo em seguida; os guardanapos brancos voaram ao chão como gaivotas famintas mergulhando por restos de comida. Gargalhadas romanas se desdobraram pela noite.

Chigi mandara prender redes nas margens do rio e posicionara mergulhadores de prontidão para recuperar tudo o que foi jogado. Quando a aurora chegou, um alto funcionário de olho perspicaz se colocou junto à margem e conferiu a lista, marcando com um alfinete cada item recuperado que retornava das profundezas.

1531: é o verão do cometa. Na longa noite, sob a curva da lua nascente e a luz do novo e estranho astro, cavalheiros de vestes negras passeiam de braços dados no jardim, falando sobre salvação. Eles são Thomas Cranmer e Hugh Latimer, padres e funcionários da casa de Ana, liberados e que seguiram para Austin Friars por um bate-papo teológico: onde foi que a Igreja errou? Como podemos dirigi-la ao rumo correto novamente?

— Seria um equívoco — diz ele, observando-os da janela — pensar que algum desses cavalheiros concorda com o outro em qualquer ponto de interpretação das escrituras. Dê a eles uma temporada longe de Thomas More e eles passarão a perseguir uns aos outros.

Gregory está sentado numa almofada e brincando com sua cadela. Ele sacode uma pluma em seu focinho e ela espirra para diverti-lo.

— Senhor — pergunta ele —, por que suas cadelas sempre se chamam Bella e são sempre tão pequenas?

Às costas dele, Nikolaus Kratzer, o astrônomo do rei, tem seu astrolábio, seus papéis e tintas diante de si sobre a mesa de carvalho. Ele baixa a pena e ergue os olhos.

— Sr. Cromwell — diz ele tranquilamente —, ou meus cálculos estão errados, ou o universo não é como pensávamos.

— Por que os cometas são de mau agouro? Por que não são bons sinais? Por que prenunciam a queda e não a ascensão das nações?

Kratzer é de Munique, um homem moreno que aparenta a idade, dono de uma boca bem-humorada. Ele vem devido à companhia, à conversação culta, de qualidade, parte dela em seu idioma natal. O cardeal fora seu patrono, e Kratzer fez para ele um belo relógio de sol de ouro. Quando o viu, a grande eminência corou de prazer. “Nove faces, Nikolaus! Sete a mais que o duque de Norfolk.”

No ano de 1456, houve um cometa como este. Os estudiosos registraram, o papa Calisto o excomungou, e talvez ainda haja um ou dois velhos com vida que o testemunharam. Foi dito que a cauda tinha a forma de um sabre, e naquele ano os turcos fecharam o cerco a Belgrado. É melhor anotar qualquer portentoso que os céus tenham a oferecer; o rei busca os melhores conselhos. O alinhamento dos planetas em Peixes no outono de 1524 foi seguido por grandes guerras na Alemanha, pelo surgimento da seita de Lutero, revoltas civis e a morte de 100 mil súditos do imperador; além disso, três anos de chuvas. O saque a Roma foi anunciado dez anos completos antes do evento, através de ruídos de batalha no ar e sob o solo: o embate de exércitos invisíveis, ferro se chocando contra ferro e gritos espectrais de homens em agonia. O próprio Cromwell não estava em Roma para ouvi-los, mas conheceu muitos homens que diziam ter um amigo que conhecia um homem que tinha ouvido.

— Bem, se pode responder ao ler os ângulos, eu posso verificar suas conclusões — diz ele.

— Dr. Kratzer, para onde vai o cometa, quando não o vemos? — pergunta Gregory.

O sol declinou; o canto dos pássaros silencia; o aroma dos canteiros de ervas chega pela janela aberta. Kratzer está imóvel, um homem absorto em prece ou na pergunta de Gregory, olhos fixos em seus papéis, com os longos dedos nodosos reunidos. Lá embaixo, nos jardins, o Dr. Latimer ergue os olhos e acena para ele.

— Hugh está com fome. Gregory, chame nossos convidados para dentro.

— Primeiro vou repassar os números. — Kratzer balança a cabeça. — Lutero diz que Deus está acima da matemática.

Velas são trazidas para Kratzer. A madeira da mesa fica escura à noite, e nela a luz pousa como trêmulas esferas. Os lábios do acadêmico se movem, como os lábios de um monge rezando as Vésperas; números líquidos se derramam de sua pena. Ele, Cromwell, para à porta e os vê. Eles esvoaçam pela mesa, escumam e se dissolvem nos cantos do salão.

Thurston chega aos tropeções da cozinha.

— Às vezes eu tento entender o que certas pessoas acreditam que acontece por aqui! Melhor oferecer alguns jantares, ou será nossa desgraça. Todos esses cavalheiros caçando, e damas também, eles nos mandam carne suficiente para alimentar um exército.

— Dê aos vizinhos.

— Suffolk nos manda um balde todo dia.

— Monsieur Chapuys é nosso vizinho, ele não ganha muitos presentes.

— E Norfolk...

— Distribua nos portões dos fundos. Pergunte ao pároco quem tem fome.

— Mas o problema é todo o trabalho! Esfolar, fazer os cortes!

— Eu vou descer e dar uma mão, que tal?

— O senhor não pode fazer isso! — Thurston torce seu avental.

— Será um prazer.

Ele tira o anel do cardeal.

— Contenha-se! Contenha-se como um cavalheiro, senhor. Invente um processo, que tal? Escreva uma lei! Meu amo precisa esquecer que já conheceu esses ofícios.

Ele torna a se sentar com um pesado suspiro.

— Os seus patronos recebem cartas de agradecimento? Eu deveria assiná-las pessoalmente.

— Eles não cessam de agradecer — responde Thurston. — Uma dúzia de secretários escrevendo sem parar.

— Precisa de mais auxiliares de cozinha.

— E o senhor precisa de mais secretários.

Se o rei chama por ele, ele parte de Londres para onde quer que Henrique esteja. Em agosto ele se encontra entre um grupo de cortesãos que observam Ana, plantada numa poça de luz, vestida como Maid Marian e atirando flechas ao alvo.

— William Brereton, bom-dia — diz ele. — Não está em Cheshire?

— Sim. Apesar das aparências, estou.

Eu pedi por essa resposta, conclui ele.

— Imaginei apenas que estaria caçando em sua propriedade. Brereton fecha a cara.

— E eu tenho que lhe dar satisfação de meus movimentos?

Em sua clareira verde, em suas sedas verdes, Ana rilha e se enfurece. O arco não a agrada. Num acesso de raiva, ela o atira na grama.

— Ana já era assim no berçário. — Ele se vira para encontrar Maria Bolena a seu lado: um centímetro mais perto do que qualquer outra pessoa estaria.

— Onde está Robin Hood? — Ele mantém os olhos sobre Ana. — Eu trago despachos.

— O rei não lerá nada antes do anoitecer.

— Ele não estará ocupado àquela hora?

— Ana se vende polegada por polegada. Todos os cavalheiros dizem que o senhor é seu conselheiro. Ela quer um presente em dinheiro por cada avanço acima do joelho.

— Não é como você, Maria. Só um empurrãozinho e, boa menina, aqui estão seus 4 pences.

— Bem. Sabe como é: quando são reis dando o empurrãozinho...

— Ela ri. — Ana tem pernas bastante longas. Quando chegar à parte secreta, o rei já estará falido. As guerras francesas serão baratas, em comparação.

Ana atira para longe outro arco oferecido pela Srta. Shelton. Ela vai na direção da dupla pela grama. A touca dourada que segura

seus cabelos cintila com pontos de diamante.

— O que é isto, Maria? Outro assalto à reputação do Sr. Cromwell? — Alguns risos se ouvem entre o grupo. — O senhor me traz alguma boa-nova? — pergunta ela. Sua voz se abranda, e também sua expressão. Ela pousa a mão no braço dele. As risadas cessam.

Num gabinete com vista para o norte, fora do clarão do sol, Ana diz:

— Na verdade, eu tenho notícias para o senhor. Gardiner receberá Winchester.

Winchester era o bispado mais rico de Wolsey; Cromwell ainda tem todos os números na cabeça.

— A deferência talvez o torne mais amável.

Ela sorri: uma torção da boca.

— Não comigo. Stephen até trabalhou para se livrar de Catarina, mas ele preferiria que eu não a substituísse. Ele não faz segredo disso nem para Henrique. Eu gostaria que ele não fosse Secretário. O senhor...

— É muito cedo.

Ela assente.

— Sim. Talvez. Sabia que eles queimaram o Pequeno Bilney? Enquanto estávamos nos bosques, brincando de bandidos.

Preso por pregar em campo aberto e por entregar páginas do evangelho de Tyndale à plateia, Bilney foi levado ao bispo de Norwich. Ventava muito no dia em que ele foi queimado; o vento soprava as chamas para longe, e assim ele levou um longo tempo para morrer.

— Thomas More disse que ele se arrependeu enquanto ardia.

— Não foi o que ouvi das pessoas que testemunharam.

— Ele era um tolo — decreta Ana, enrubescida, profundamente irritada. — As pessoas deveriam dizer qualquer coisa para conservar a vida, até que venham tempos melhores. Isto não é pecado. O senhor não faria o mesmo?

Não é sempre que ele hesita dessa maneira.

— Ora, vamos, o senhor já pensou a respeito.

— Bilney se atirou ao fogo. Eu sempre disse que ele faria isso. Ele havia abjurado e foi solto, portanto não seria absolvido mais uma vez.

Ana baixa os olhos.

— Que felizes somos, nós que jamais encontramos o juízo de Deus. — Ela parece se sacudir de um devaneio, e estica os braços. Ela tem perfume de folhas verdes e lavanda. Ao crepúsculo, seus diamantes parecem frescos como gotas de chuva. — O Príncipe dos Ladrões deve estar em casa. Melhor partirmos para encontrá-lo. — Ana se apruma.

A colheita está chegando. As noites são violáceas e o cometa cintila acima dos campos cortados. Os caçadores recolhem os cães. Os veados estarão seguros após a Exaltação da Santa Cruz. Quando ele era criança, esta era a época em que os meninos que haviam passado o verão soltos pela rua voltavam para casa e faziam as pazes com seus pais, aparecendo sorrateiramente numa festa da colheita, quando toda a paróquia estava bêbada. Já antes do Pentecostes eles viviam do lixo que catavam, fazendo truques de mendicância, montando arapucas para aves e coelhos para cozinhá-los em panelas de ferro, apavorando e obrigando a disparar para casa todas as meninas que viam; em noites chuvosas e frias, eles se metiam em banheiros e celeiros para se aquecer, cantando e trocando charadas e piadas. Quando a estação acabava, era hora de levar a caldeira de porta em porta e enaltecer seus méritos, para vendê-la. “Esta panela nunca fica vazia”, ele alegava. “Se a senhora só tem algumas cabeças de peixe, jogue aqui dentro e um alabote vai surgir nadando.”

— Está furada?

— Esta panela é perfeita, e se não acredita em mim, madame, pode até mijar nela. Vamos, diga-me o que me dá por ela. Desde que Merlim era jovem que não aparece panela que se compare. Jogue um camundongo de sua ratoeira e num piscar de olhos ele será uma cabeça temperada de javali com a maçã prontinha na boca.

— Quantos anos você tem? — perguntava uma mulher.

— Eu não saberia dizer.



— Volte no ano que vem, e nós nos deitaremos em meu colchão de plumas.

Ele hesitava.

— No ano que vem, eu estarei longe.

— Vai sair pela estrada como um circo mambembe? Com sua panela?

— Não, pensei em ser ladrão de estrada. Ou tratador de ursos; é um emprego estável.

A mulher respondia:

— Espero que lhe sirva bem.

Nesta noite, após seu banho, seu jantar, sua cantoria, suas danças, o rei quer dar uma caminhada. Ele tem gostos campestres, gosta do que se chamaria vinho água-pé, nada muito pesado, mas ultimamente ele tem virado a primeira taça de uma só vez e logo meneia a cabeça para exigir mais; assim, ele precisa do apoio de Francis Weston quando se levanta da mesa. Há um pesado orvalho e cavalheiros com tochas patinam na grama. O rei respira algumas lufadas de ar úmido.

— Gardiner — comenta ele —, vocês não se dão bem.

— Não tenho qualquer disputa com ele — responde ele com suavidade.

— Pois então ele tem uma disputa com você. — O rei desaparece na escuridão noturna; em seguida, fala por trás da chama de uma tocha, como Deus falava de dentro da sarça ardente. — Eu posso administrar Stephen. Conheço suas medidas. Ele é o tipo de servo robusto de que necessito, hoje em dia. Não quero homens que se apavoram com controvérsias.

— Vossa Majestade deveria recolher-se. Estes vapores noturnos não são saudáveis.

— Falou como o cardeal. — Henrique acha graça.

Ele se aproxima do braço esquerdo do rei. Weston, que é jovem e de porte delgado, dá sinais de ceder nos joelhos.

— Apoie-se em mim, senhor — aconselha ele.

O rei pendura um braço em seu pescoço, uma espécie de chave de braço. Tratador de ursos é um emprego estável. Por um momento, ele pensa que o rei está chorando.

Ele não fugiu no ano seguinte, nem para tratar de ursos e nem para qualquer outro ofício. Foi no ano seguinte que os cónicos atacaram o país, rebeldes decididos a incendiar Londres, capturar o rei inglês e dobrá-lo à vontade da Cornualha. O medo era a vanguarda de seu exército; eles eram conhecidos por incendiar pastos e mutilar o gado, queimar casas com gente dentro, massacrar padres, devorar bebês e pisotear as hóstias dos altares.

O rei o solta abruptamente.

— Partamos para nossas camas frias. Ou será apenas a minha? Amanhã, você caçará. Se não tiver boa montaria, nós providenciaremos. Embora Wolsey dissesse que é algo impossível, vamos ver se posso cansá-lo. Você e Gardiner, vocês precisam aprender a trabalhar em conjunto. Neste inverno, os dois serão postos sob o jugo do arado.

Não são bois o que Henrique quer, mas bestas que trabalhem lado a lado, que se machuquem e se mutilem na batalha a seu favor. Está claro que, se permanecer na oposição a Gardiner, ele tem mais chances com o rei do que fazendo as pazes. Dividir e governar. Mas, de qualquer maneira, ele já governa.

\* \* \*

Embora o Parlamento não tenha sido reconvocado, o período da Festa de São Miguel é o mais agitado por que ele já passou. Grossos arquivos dos assuntos do rei chegam quase a cada hora, e a casa de Austin Friars fica lotada de comerciantes da cidade, monges e padres de vários tipos, peticionários em busca de cinco minutos de seu tempo. Como se pressentissem algo, uma mudança no poder, um espetáculo iminente, pequenos grupos de londrinos começam a se reunir do lado de fora de seus portões, apontando para as librés dos homens que entram e saem: o homem do duque de Norfolk, o criado do conde de Wiltshire. À janela, ele baixa os olhos para o

povo e sente que os reconhece; são os filhos dos homens que a cada outono se plantavam à porta da forja de seu pai, fofocando e se aquecendo. São rapazes como o rapaz que ele foi: ansiosos, esperando que algo aconteça.

Ele baixa os olhos para a aglomeração e compõe seu rosto. Erasmo diz que um homem deve fazer o mesmo a cada manhã antes de sair de casa: “Vista uma máscara, haja o que houver”. Ele aplica a lição em todos os lugares, cada castelo, taberna ou residência aristocrática, onde quer que desperte naquele dia. Ele manda algum dinheiro a Erasmo, como o cardeal costumava fazer. “Para prover seu mingau”, dizia Wolsey, “e abastecer a pobre alma de penas e tinta.”

Erasmo fica surpreso; só tinha ouvido coisas terríveis sobre Thomas Cromwell.

Desde o dia em que prestou juramento como conselheiro do rei, ele compõe seu rosto. Passou os primeiros meses do ano observando as expressões de outras pessoas, verificando quando registravam dúvida, reserva, rebeldia — para captar aquela fração de momento antes que as feições recaiam no suave semblante do cortesão, do facilitador, do adulator. Rafe lhe diz, não podemos confiar em Wriothesley, e ele ri. Eu sei onde estou pisando com Mechame-Risley. Ele está bem relacionado na corte, mas começou na casa do cardeal: e quem não começou? Entretanto, Gardiner foi professor de Wriothesley em Trinity Hall, e o rapaz viu nossa ascensão, viu que ambos ganhamos músculo, dois cães de briga, e agora não consegue decidir em quem apostar suas fichas. No lugar dele, talvez eu me sentisse da mesma maneira; no meu tempo era fácil, era só apostar suas fichas em Wolsey. Ele não tem medo algum de Wriothesley, ou de qualquer outro do tipo. É fácil calcular os atos dos homens sem princípios: enquanto lhes der de comer, eles o seguirão em seus calcanhares. Menos calculáveis e mais perigosos são homens como Stephen Vaughan, homens que escrevem: Thomas Cromwell, eu faria qualquer coisa por ti. Homens que dizem que o compreendem, cujo abraço é tão apertado e inflexível que poderia carregá-lo direto ao abismo.

Em Austin Friars, ele manda cerveja e pão para os pedintes que esperam aos portões: e sopa, quando as manhãs se tornam mais geladas. Thurston diz, está bem, se o seu objetivo é alimentar todo o distrito. No mês anterior você reclamava que as despensas estavam transbordando e as adegas, lotadas. São Paulo diz que precisamos saber como vicejar em tempos de penúria e tempos de abundância, com um estômago cheio ou vazio. Ele desce às cozinhas para falar com os meninos que Thurston empregou. Eles dão seus nomes e o que sabem fazer, e, sério, ele anota as habilidades num livro: Simon, sabe temperar salada e tocar tambor; Matthew, sabe rezar o Pai Nosso. Todos estes *garzoni* devem ter disposição para o treinamento. Um dia serão capazes de passar ao andar superior, como ele fez, e tomar um assento na sala contábil. Todos devem ter roupas abrigadas e decentes, e ser estimulados a usá-las em vez de vendê-las, pois ele recorda o profundo frio das despensas de seus dias em Lambeth. Nas cozinhas de Wolsey, em Hampton Court, onde as chaminés funcionavam bem e continham o calor, ele via flocos de neve perdidos flutuando dos telhados e repousando nos umbrais.

Nas manhãs áridas, quando ele sai de casa com sua comitiva de secretários, já há londrinos aglomerados. Eles dão passagem e o observam, nem amigáveis e nem hostis. Ele diz bom-dia e que Deus os abençoe, e alguns exclamam bom-dia de volta. Eles retiram os chapéus e permanecem com a cabeça descoberta até que ele passe, porque ele é um conselheiro do rei.

Outubro: monsieur Chapuys, o embaixador do imperador, chega a Austin Friars para jantar, e Stephen Gardiner está no menu.

— Mal recebeu Winchester, ele já foi enviado em missão — comenta Chapuys. — E o senhor acha que o rei Francisco gosta dele? Como diplomata, o que Gardiner pode fazer que Sir Thomas Bolena não podia? Ainda que eu compreenda que este é *parti pris*, já que é pai da dama. Gardiner é mais... ambivalente, o senhor não acha? Mais desinteressado, esta é a palavra. Não vejo o que o rei Francisco ganharia ao apoiar este casamento, a não ser que seu rei ofereça... o quê? Dinheiro? Navios de guerra? Calais?

À mesa com a família, monsieur Chapuys conversa agradavelmente sobre versos, pintura de retratos e seus anos de universidade em Turim; voltando-se para Rafe, cujo francês é excelente, ele fala de falcoaria, como algo que provavelmente seria interessante para um rapaz.

— O senhor deveria sair com nosso amo — comenta Rafe. — Hoje em dia, esta é praticamente sua única recreação.

Monsieur Chapuys volta seus claros olhinhos azuis para ele.

— O Sr. Cromwell agora desfruta dos jogos dos reis.

Erguendo-se da mesa, Chapuys elogia a comida, a música, a mobília. Nota-se que seu cérebro está funcionando, ouvem-se os pequenos cliques, como os mecanismos de um complexo cadeado, enquanto ele codifica suas opiniões para os despachos a seu amo, o imperador.

Depois, no gabinete, o embaixador deslancha suas perguntas, tagarelando sem pausa para ouvir a resposta.

— Se o bispo de Winchester está na França, como Henrique fará sem seu secretário? A missão diplomática do Sr. Stephen não pode ser curta. Talvez seja esta sua chance de se aproximar, não acha? Diga, é verdade que Gardiner é primo bastardo de Henrique? E seu menino, Richard, também? Estas coisas pasmam o imperador. Ver um rei assim, tão pouco régio. Talvez não seja surpresa alguma que ele busque casar-se com uma aristocrata pobre.

— Eu não diria que Lady Ana é pobre.

— Verdade, o rei enriqueceu a família dela. — Chapuys abre um sorrisinho. — É comum, neste país, pagar adiantado à moça por seus serviços?

— Na verdade, sim, e não se esqueça disso. Eu lamentaria vê-lo perseguido pelas ruas.

— Lady Ana, o senhor a aconselha?

— Eu trato de suas contas. Não é um grande favor, para uma amiga querida.

Chapuys gargalha com vontade.

— Uma amiga! Ela é uma bruxa, sabia? Ela tem o rei sob um feitiço, por isso ele se arrisca a tudo: ser expulso da cristandade, ter a alma condenada. E acho que ele sabe disso, em parte. Já o vi sob

os olhos dela, com a inteligência dispersa e fugidia, a alma inquieta e torturada, como uma lebre sob o olhar de um falcão. Talvez ela também tenha enfeitado o senhor. — Monsieur Chapuys se inclina à frente e pousa sua patinha de macaco sobre a outra. — Quebre o feitiço, *mon cher ami*. Não se arrependerá. Sou servo de um príncipe extremamente liberal.

Novembro: Sir Henry Wyatt está no salão de Austin Friars; ele observa o espaço em branco na parede, onde o brasão do cardeal foi coberto.

— Faz apenas um ano que ele se foi, Thomas. Para mim, parece mais. Dizem que, quando se é velho, um ano é igual ao anterior. Sou testemunha de que isto não é verdade.

Ora, vamos, exclamam as meninas, o senhor não está velho demais para contar uma história. Elas o puxam para uma das novas poltronas de veludo e o entronam. Se elas pudessem escolher, Sir Henry seria pai de todas, avô de todo mundo. Ele foi tesoureiro do atual Henrique e do Henrique anterior; se os Tudor são pobres, não é sua culpa.

Alice e Jo estavam no jardim, tentando agarrar o gato. Sir Henry gosta de ver um gato honrado numa casa; a pedido das crianças, ele explica por quê.

— Era uma vez — começa ele —, neste reino da Inglaterra, um tirano cruel que atendia pelo nome de Ricardo Plantageneta...

— Ah, era uma gente malvada, desse nome — exclama Alice. — Sabia que ainda restam alguns deles? — Ouvem-se risadas. — Bem, é verdade — retruca Alice, as bochechas ardendo.

— ...e eu, seu criado Wyatt, que conta esta história, fui atirado pelo déspota num calabouço para dormir sobre palhoça, um calabouço com uma única janela minúscula, e aquela janela com barras... Chegou o inverno — diz Sir Henry — e eu não tinha fogo; não tinha comida ou água, pois os guardas me esqueceram ali.

Sentado, Richard Cromwell ouve, o queixo na mão; ele troca olhares com Rafe e ambos olham para ele, que faz um breve gesto para silenciar os horrores do passado. Sir Henry, eles sabem, não foi

esquecido na Torre: seus guardas apertaram facas incandescentes contra sua carne e arrancaram seus dentes.

— Portanto, o que eu podia fazer? — continua Sir Henry. — Para minha sorte, o calabouço era úmido. Eu bebia a água que escorria pela parede.

— E a comida? — pergunta Jo. A voz um sussurro eletrizado.

— Ah, agora chegamos à melhor parte do conto. Um dia, quando eu achava que provavelmente morreria se não comesse, percebi que a luz de minha pequena janela foi bloqueada; olhando para cima, o que vejo? A forma de uma gata, uma gata londrina, preta e branca. “Olá, bichana”, eu disse a ela; a gata miou e, ao fazer isso, deixou cair sua presa. E o que ela me trouxe?

— Um pombo! — exclama Jo.

— Mocinha, ou você já foi prisioneira, ou já ouviu essa história antes.

As meninas esquecem que ele não tinha um cozinheiro, uma panela, uma fogueira; os rapazes baixam os olhos, oprimidos pela imagem de um prisioneiro que destroça uma massa de penas fervilhando de piolhos com as mãos acorrentadas.

— Depois, deitado sobre a palha, a próxima coisa que ouço é o bater dos sinos e um grito nas ruas, “Um Tudor! Um Tudor!”. Sem o presente da gata, eu não teria vivido para ouvi-lo, ou ouvir a chave se virando na tranca e o próprio rei Henrique exclamando, “Wyatt, este é você? Erga-se para receber sua recompensa!”.

Aqui, certo exagero perdoável. O rei Henrique não esteve naquela cela, mas sim o rei Ricardo; foi ele quem supervisionou o aquecimento da faca e, com a cabeça ligeiramente inclinada, ouviu os berros de Henry Wyatt; foi quem se afastou, nauseado pelo cheiro de carne queimada, e ordenou que a faca fosse esquentada mais uma vez, e novamente aplicada.

Dizem que, na noite anterior à morte na fogueira, o Pequeno Bilney pôs os dedos numa chama de vela e pediu a Jesus que o ensinasse a tolerar a dor. Não foi sábio, torturar-se antes da hora; mas, sábio ou não, Cromwell pensa a respeito.

— Agora, Sir Henry — diz Mercy —, o senhor precisa contar a história da leoa, porque não vamos dormir se não a ouvirmos.

— Bem, na verdade esta é uma história de meu filho, ele deveria estar aqui.

— Se ele estivesse aqui — diz Richard —, elas estariam arregalando os olhos e suspirando... sim, você também, Alice, e nem pensariam em qualquer história de leão.

Quando se recuperou de sua prisão, Sir Henry se tornou um homem influente na corte e um admirador lhe enviou como presente um filhote de leão. Eu a criei no castelo de Allington como se fosse minha filha, até que, como acontece com as mocinhas, ela desenvolveu vontade própria. Num dia, por descuido, e por minha culpa, ela saiu de sua jaula. Leontina, era como eu a chamava, fique quieta para que eu a leve de volta; mas ela então se agachou, absolutamente silenciosa, e me mirou, e seus olhos eram como fogo. Foi então que percebi que, mesmo depois de todo amor que lhe dei, eu não era seu pai: era seu jantar.

Alice diz, a mão na boca:

— Sir Henry achou que sua hora tinha chegado!

— De fato achei, e de fato teria chegado, se por acaso meu filho não tivesse adentrado o pátio. Num segundo, ele viu o perigo e a chamou, Leontina, aqui comigo!, e ela virou a cabeça. Naquele momento, com o olhar da leoa distraído, eu recuei um passo e depois outro. Olhe para mim, chamava Thomas. E naquele dia ele estava vestido de modo bem chamativo, com longas mangas esvoaçantes e um camisão solto que o vento inflava, e os cabelos louros, que ele deixava longos; provavelmente parecia uma tocha, imagino, alto e agitando-se ao sol, e por um momento ela ficou imóvel, intrigada, e eu recuava e recuava e recuava...

Leontina se vira; ela agacha; esquecendo o pai, ela começa a se aproximar do filho. Ele vê seus passos macios e sente o cheiro de sangue em seu hálito. (Enquanto isso, ele, Henry Wyatt, suando frio de pavor, dá meia-volta e corre em busca de ajuda.) Em sua voz suave e encantadora, nos murmúrios do amor, nos acentos da prece, Tom Wyatt fala com a leoa, pede a São Francisco que abra aquele coração bestial para sua graça. Leontina observa; escuta; abre a boca; ruge. O que ela diz?

*"Fi, fá, fum, sinto cheiro de gente."*



Tom Wyatt está imóvel como uma estátua. Servos com redes se aproximam pelo pátio. Leontina está a um passo de Tom, mas ela se detém novamente, escutando. Parada, incerta, ela move as orelhas. Ele vê a saliva de sua mandíbula rosada e sente o cheiro acre de seu pelo. Ela joga seu peso para as ancas. Tom sente seu hálito. Ela está pronta para o bote. Ele vê os músculos que estremecem, a mandíbula que se estica. A fera salta — mas rodopia no ar, com uma flecha entre as costelas. Ela se contorce, bate-se na cerca, urra, geme; outra flecha arremete contra seu denso flanco; ela rola novamente, chorando, e as redes caem sobre ela. Aproximando-se calmamente da leoa, Sir Henry atira a terceira flecha em sua garganta.

Mesmo na hora da morte, ela ruge. Ela tosse sangue e ataca; até hoje, um dos servos carrega a marca de sua garra. A pele da leoa é exibida na parede em Allington.

— E vocês me farão uma visita, pequenas damas — diz Sir Henry —, e verão que gigante ela era.

— As preces de Tom não foram atendidas — diz Richard, sorrindo. — Até onde estou vendo, São Francisco não fez nada a respeito.

— Sir Henry — Jo puxa sua manga —, o senhor não contou a melhor parte.

— É mesmo. Eu esqueci. Logo depois, meu filho Tom se afasta, o herói do dia, e esvazia o estômago sobre um arbusto.

As meninas voltam a respirar. Todos aplaudem. Na época, a história logo chegou à corte e o rei — mais jovem, com disposição mais doce — ficou um tanto impressionado. Até hoje, quando vê Tom, Henrique meneia a cabeça e murmura consigo:

— Tom Wyatt. Aquele que doma leões.

Um apreciador de frutas tenras, Sir Henry come suculentas framboesas com creme amarelo e depois lhe diz: “Uma palavra com você a sós”, e eles se recolhem. Em seu lugar, começa Sir Henry, eu pediria a Henrique o cargo de guarda da Casa de Joias. Através daquele posto, eu tinha uma visão geral da receita.

— Devo requisitá-lo agora?

— Faça Lady Ana pedir a Henrique.

— Talvez seu filho possa ajudar, pedindo a Ana.

Sir Henry ri; ou melhor, com um pequeno pigarrear ele indica que entende quando ouve uma piada. De acordo com os bêbados das tabernas de Kent e os servos da corte (por exemplo, o músico Mark), Ana fez a Thomas Wyatt todos os favores que um homem razoável desejaria, mesmo num bordel.

— Eu pretendo me retirar da corte este ano — comenta Sir Henry. — Já é hora de redigir meu testamento. Posso nomeá-lo meu executor?

— É uma honra.

— Eu não confiaria meus assuntos a ninguém mais. O senhor tem a mão mais firme que já vi.

Ele sorri, intrigado; nada em seu mundo lhe parece firme.

— Eu o compreendo — diz Wyatt. — Sei que nosso velho amigo escarlata quase o arrastou para a ruína. Mas olhe para si mesmo, comendo amêndoas, com todos os dentes na boca, cercado por sua família, prosperando em seus assuntos, com homens como Norfolk lhe dirigindo a palavra civilizadamente.

Sir Henry não precisa acrescentar, em contrapartida, há um ano eles estavam limpando os pés sobre sua pessoa. Sir Henry quebra um biscoito de canela entre os dedos e pousa os fragmentos sobre a língua, uma cuidadosa Eucaristia secular. Faz mais de quarenta anos desde a Torre, mas sua mandíbula destroçada ainda se enrijece e ele é acometido de dores.

— Thomas, tenho algo a lhe perguntar... Pode ficar de olho em meu filho? Ser um pai para ele?

— Mas Tom tem quanto, 28 anos? Talvez ele não queira outro pai.

— Não pode se sair pior que eu. Tenho muito de que me arrepende, principalmente do casamento dele... Tom tinha 17 anos, não queria casar, fui eu quem quis o matrimônio porque o pai dela era o barão Cobham e eu queria garantir meu lugar entre meus vizinhos em Kent. Tom sempre foi agradável aos olhos, e é também um rapaz dócil e cortês; seria de imaginar que ele satisfaria a moça,

mas duvido que ela tenha sido fiel por mais que um mês. Assim, claro, ele deu o troco na mesma moeda... O lugar está lotado das amantes dele, é só abrir um armário em Allington que caem moças de dentro. Ele resolveu sumir no exterior e em que deu isso? Terminou como prisioneiro na Itália. Nunca entenderei aquele caso. Desde a Itália, ele se tornou ainda mais insensato. Ele é capaz de escrever uma peça de *terza rima*, claro, mas na hora de se sentar e desvendar para onde foi seu dinheiro... — Sir Henry coça o queixo. — Mas aí está. Apesar dos pesares, não há rapaz mais valente que meu menino.

— Não deseja sair agora e se reunir aos demais? Quando nos visita nós tiramos um dia de folga, sabe?

Sir Henry se põe de pé. É um homem imponente, ainda que viva à base de caldos e purês.

— Thomas, quando foi que envelheci?

Quando eles retornam ao salão, descobrem uma peça em progresso. Rafe faz o papel de Leontina e o resto da família o atiga. Não que os meninos não acreditem no conto da leoa; eles apenas gostam de dar sua própria interpretação às coisas. Ele estende uma mão peremptória a Richard, que dá gritinhos sobre uma banqueta.

— Está com inveja de Tom Wyatt.

— Ah, não se irrite conosco, senhor. — Rafe recobra a forma humana e se joga num banco. — Conte-nos de Florença. Diga o que mais fez por lá, o senhor e Giovannino.

— Não sei se devo. Vão transformar minha história numa peça.

Ah, por favor, eles o persuadem, e ele olha em torno: Rafe ronrona para encorajá-lo.

— Têm certeza de que Me-Chame-de-Risley não está aqui? Muito bem... Quando tínhamos um dia de folga, nós derrubávamos prédios.

— Derrubavam? — indaga Henry Wyatt. — Verdade mesmo?

— O que quero dizer é que explodíamos. Mas não sem permissão do dono, e só quando achávamos que os edifícios estavam desmoronando e representavam um perigo para os transeuntes. Só cobrávamos pelo material explosivo, não por nossa expertise.

— Que, creio, era considerável, não?

— É muita escavação por apenas alguns segundos de diversão. Mas conheci certos garotos que fizeram disto um ofício. Em Florença, esta era só mais uma das coisas que podíamos fazer para nos divertir. Como pescar. Desta forma, ficávamos longe de encrencas. — Ele hesita. — Bem, não, não ficávamos. Para ser sincero.

— Me-Chame-de-Risley contou a Gardiner? Sobre seu Cupido? — pergunta Richard.

— O que acha?

O rei comentou com ele, ouvi dizer que transformou uma estátua em relíquia. Henrique achou graça, mas talvez também tenha feito uma anotação mental; ele riu porque a piada foi contra um clérigo, um cardeal, e ele anda com disposição para piadas do gênero.

E o secretário Gardiner disse:

— Estátua, estatuto, não há muita diferença.

— Em legislação, duas letras fazem toda a diferença. Mas meus antecedentes não são falsificados.

— Talvez exagerados? — indagara Gardiner.

— Majestade, o Concílio de Constança outorgou a seu ancestral, Henrique V, um controle sobre a Igreja na Inglaterra que nenhum outro rei cristão já exerceu neste reino.

— Estas concessões não foram aplicadas. Não com consistência. Por que isso?

— Não sei. Incompetência?

— Talvez agora tenhamos melhores conselheiros?

— Temos melhores reis, majestade.

Às costas de Henrique, Gardiner lhe dirige uma carranca de gárgula. Ele quase ri.

O ano se encerra. Ana diz, Venha para um humilde jantar do Advento comigo. Nós usaremos garfos.

Ele vai, mas não gosta do grupo. Ana transformou os amigos do rei, os cavalheiros da câmara privada, em seus bichos de estimação: Henry Norris, William Brereton, toda aquela gente, e o irmão, claro, lorde Rochford. Ana fica frágil em tais companhias, e é tão

impiedosa aos elogios quanto uma dona de casa que degola cotovias para a mesa. Se seu sorriso exato desaparece por um momento, todos se inclinam em sua direção, ansiosos por descobrir como agradá-la. Seria preciso andar muito para encontrar um grupo de maiores idiotas.

Se dependesse dele, ele estaria em qualquer outro lugar, e ele esteve em todos os lugares. Treinado nas conversas à mesa da família Frescobaldi, da família Portinari e, mais tarde, da mesa do cardeal, entre eruditos e gênios, ele dificilmente ficaria perdido entre os rapazinhos que Ana reúne à sua volta. Deus sabe que estes cavalheiros fazem o melhor que podem para causar-lhe desconforto; mas ele cria seu próprio conforto, sua calma, sua conversa exata e incisiva. Norris, que é um homem inteligente, e não é um garoto, idiotiza a si mesmo ao andar em tais companhias: e por quê? Porque ele anseia a proximidade de Ana. É quase uma piada, mas uma piada que ninguém conta.

Após aquela primeira ocasião, Norris o segue, toca sua manga e o obriga a encará-lo, frente a frente.

— Não vê, não é mesmo? Ana?

Ele balança a cabeça.

— Então qual seria o seu gosto? Alguma frau gorducha de suas viagens?

— Eu só poderia amar uma mulher por quem o rei não tivesse o menor interesse.

— Se isto é um conselho, diga o mesmo ao filho de seu amigo Wyatt.

— Ah, eu acho que o jovem Wyatt já compreendeu. Ele é um homem casado. Ele diz a si mesmo, transforme suas privações em versos. Todos nós ficamos mais sábios, passamos do sofrimento ao *amour propre*, não acha?

— Consegue olhar para mim — indaga Norris — e dizer que me tornei mais sábio?

Ele entrega um lenço a Norris; este seca o rosto e devolve o lenço. Ele pensa em Santa Verônica, secando com seu véu as faces do Cristo martirizado; ele se pergunta se as feições cavalheirescas de Henry estarão impressas no lenço quando ele chegar em casa e,

neste caso, ele penduraria o resultado na parede? Norris se vira, com uma risadinha.

— Weston, o jovem Weston, sabe, ele tem ciúmes de um rapaz que Ana convoca para cantar para nós em certas noites. Ele tem ciúmes do homem que vem para alimentar o fogo e da dama que tira as meias dela. Ele conta cada momento que Ana olha para alguém, e diz, aí, aí está, vê? Ela está olhando para aquele açougueiro gordo, ela olhou para ele 15 vezes em duas horas.

— O cardeal era o açougueiro gordo.

— Para Francis, qualquer labutador é igual ao outro.

— Sei bem como é isto. Uma boa-noite.

Boa-noite, Tom, diz Norris, dando-lhe um tapinha no ombro, ausente, distraído, quase como se fossem iguais, como se fossem amigos; ele volta os olhos novamente para Ana, seus passos retornam para seus rivais.

Seria qualquer trabalhador igual ao outro? Não no mundo real. Qualquer homem com mão firme e um facão pode ser um açougueiro: mas sem o ferreiro, onde ele conseguiria seu facão? Sem o homem que trabalha o metal, onde estão os martelos, as foices, as segas, tesouras e formões? Suas armas e armaduras, as pontas de lança, os dardos e os canhões? Onde estariam os navios do mar e suas âncoras? Onde estariam os ganchos de abordagem, seus pregos, trancas, dobradiças, espetos, tenazes? Onde estariam as vigas, painéis, tripés, os anéis de selaria, fivelas e freios dos cavalos? Onde estariam suas facas?

Ele recorda o dia em que ouviram que o exército corno estava chegando. Qual era sua idade então? Doze anos? Estava na forja. Tinha acabado de limpar os grandes foles e estava oleando o couro. Walter se aproximou e examinou o couro.

— Está pedindo untura.

— Certo — respondeu Thomas. (Era o tipo de diálogo que ele tinha com Walter.)

— Ele não vai se untar sozinho.

— Eu disse certo, certo, já vou fazer!

Ele ergueu os olhos. O vizinho, Owen Madoc, estava parado na entrada.

— Eles estão em marcha! A notícia já desceu o rio. Henrique Tudor está pronto para a luta. A rainha e os pequeninos estão na Torre.

Walter limpa a boca.

— Daqui a quanto tempo?

— Deus sabe. Aqueles putos podem voar — responde Madoc.

Ele se apruma. Em sua mão, surge uma marreta com cabo de freixo.

Nos dias seguintes, eles trabalharam até quase desmaiar. Walter se encarregou das armaduras para os amigos e Thomas pôs fio em tudo que podia cortar, rasgar e lacerar carne rebelde. Os homens de Putney não têm qualquer simpatia por aqueles hereges. Eles pagam seus impostos: por que os cónicos não fazem o mesmo? As mulheres têm medo de que os invasores ultrajem sua honra.

— Nosso padre disse que eles só fazem isso com as próprias irmãs — diz ele —, portanto, vocês estarão bem, querida Bet. Mas, por outro lado, o padre diz que eles têm membros frios e escamosos como o demônio, talvez vocês se interessem pela novidade.

Bet atira algo no irmão. Ele se desvia. Esta é a desculpa para todas as coisas que quebram na casa: joguei no Thomas.

— Bem, sei lá do que você gosta... — conclui ele.

Rumores proliferam naquela semana, dizendo que os cónicos trabalham sob a terra, e por isso seus rostos são escuros; que são meio cegos e por isso podem ser capturados com uma rede; que o rei dará 1 xelim por cada invasor capturado, 2 se for grande. Qual é o tamanho deles? Pois eles disparam flechas de uma jarda de comprimento.

Agora, todos os objetos da casa são vistos sob nova luz. Espetos, vigas, agulhas para lardear: qualquer coisa que sirva para defesa a curta distância. Os vizinhos sustentam o outro negócio de Walter, a cervejaria, como se acreditassem que os cónicos queiram beber álcool inglês. Owen Madoc entra e encomenda uma faca de caça, com guarda-mão, calha de sangue e lâmina de 12 polegadas.

— Doze polegadas? — indaga ele. — Vai perder o equilíbrio toda hora e acabar cortando a própria orelha.

— Você não será tão esperto quando os cónicos o agarrarem. Eles empalam e assam moleques como você na fogueira.

— Não pode apenas acertá-los com um remo?

— Eu vou acertar e calar sua boca — rosna Owen Madoc. — Seu merdinha, mesmo antes de nascer você já tinha o nome sujo.

Ele mostra a Owen Madoc a faca que fez para si, presa a uma corda sob sua camisa, com seu toco de lâmina, como um único dente feroz.

— O que acha?

— Cristo — diz Madoc. — Pense bem antes de enfiar essa coisa em alguém.

Assim que pousa sua marreta no parapeito da janela do Pégaso, Thomas pergunta à irmã, Kat, por que tinha um nome sujo mesmo antes de nascer?

Pergunte a Morgan Williams. Ele lhe dirá. Ah, Tom, Tom. Ela segura a cabeça do irmão e o beija. Não se meta nisso. Deixe que ele vá combater.

Kat espera que os cónicos matem Walter. Ela não diz isto, mas ele sabe.

Quando eu for o homem da família, ele diz, as coisas serão diferentes, garanto.

Morgan lhe explica — corando, porque é um homem educado — que os meninos costumavam seguir a mãe dele pela rua, gritando “Olha a velha égua prenha!”.

Sua irmã Bet diz:

— Outra coisa que esses cónicos têm, eles têm um gigante chamado Fortim, que está apaixonado por Santa Inês e a segue para todo lado, e assim os cónicos levam a imagem da santa em suas bandeiras para que o gigante os siga até Londres.

— Fortim? — zomba Thomas. — Espero que ele seja grande assim.



— Ah, você vai ver — diz Bet. — E aí não terá uma resposta tão rápida.

Morgan conta que as mulheres do distrito se aglomeravam em torno da mãe dele, fingindo preocupação: como vai ser quando ele nascer, ela está do tamanho de uma casa!

E assim, enquanto ele chegava ao mundo, urrando, os punhos cerrados e os cachos negros molhados, Walter e seus amigos cambaleavam por Putney, cantando. Eles berravam, “Aqui tem para todas, garotas!”, e “Esposa sem filho? Sirva-se aqui!”

Eles não anotaram a data. Thomas diz a Morgan, não me importo. Eu não tenho um mapa natal, e portanto não estou fadado a qualquer sina.

O destino decidiu que não haveria batalha em Putney. Quanto aos batedores e desertores, as mulheres estavam prontas com facas de pão e navalhas, e os homens com pás e picaretas para desfigurá-los, formões para furá-los e espetos de açougue para empalá-los. Na verdade, a grande batalha aconteceu em Blackheath: os cónicos foram feitos em mil pedaços, triturados pelo moedor militar dos Tudor. Todos estavam seguros: exceto contra Walter.

Sua irmã Bet diz:

— Você sabe aquele gigante, Fortim? Ele ficou sabendo que Santa Inês está morta. Ele cortou o braço fora e seu sangue escorreu tristemente para o mar. O sangue entrou por uma caverna que nunca se pode encher, que desce por um buraco e chega abaixo do fundo do mar e ao centro da terra, até o inferno. Portanto, ele está morto.

— Ah, bom. Eu realmente estava muito preocupado com o Fortim.

— Morto até a próxima vez — responde a irmã.

Assim, numa data desconhecida, ele nasceu. Aos 3 anos, ele já juntava gravetos para a forja.

— Estão vendo meu molequinho? — dizia Walter, dando-lhe tapinhas afáveis pela cabeça. Seus dedos tinham cheiro de queimado e a palma era sólida e negra.

Claro, nos anos recentes, estudiosos tentam dar um destino a Thomas Cromwell; homens versados em ler os céus tentaram fazer

um retrospecto de quem e como ele é, até o instante de seu nascimento. Júpiter em aspectos favoráveis, indicando prosperidade. Mercúrio no ascendente, oferecendo a faculdade da fala rápida e persuasiva. Kratzer afirma, se Marte não estava em Escorpião, não conheço meu ofício. A mãe tinha 52 anos e ninguém achava que ela podia conceber ou parir uma criança. Ela ocultou e disfarçou seus poderes sob as vestes, nas profundezas de seu ventre, o máximo que pôde. Ele nasceu e todos disseram, de onde veio isso?

Em meados de dezembro, James Bainham, um advogado do Middle Temple, abjurou suas heresias diante do bispo de Londres. Diz-se pela cidade que ele foi torturado e que o próprio Thomas More o interrogou enquanto a manivela do aparelho era girada, ordenando que o homem nomeasse outros membros infectados das ordens de advocacia. Alguns dias depois, um antigo monge e um comerciante de couro são queimados ao mesmo tempo. O monge recebia encomendas de livros através dos portos de Norfolk e depois, bastante estupidamente, através das docas de Santa Catarina, onde o lorde chanceler aguardava para detê-lo. O comerciante de couro estava em posse de *A liberdade do cristão*, de Lutero; o texto fora copiado por sua própria mão. São homens que Cromwell conhece, o desgraçado e torturado Bainham, o monge Bayfield, John Tewkesbury, que, Deus sabe, não era nenhum doutor em teologia. É assim que o ano acaba, numa nuvem de fumaça, uma mortalha de cinzas humanas cobrindo a praça Smithfield.

No Dia de Ano-Novo, ele acorda antes do amanhecer e depara-se com Gregory aos pés de sua cama.

— É melhor levantar. Tom Wyatt foi levado.

Ele salta da cama instantaneamente; a primeira coisa que pensa é que Thomas More atacou o coração do círculo de Ana.

— Onde ele está? Não o levaram para Chelsea?

Gregory parece intrigado.

— Por que o levariam para Chelsea?

— O rei não pode permitir; isto chega perto demais dele. Ana tem livros, ela os mostrou ao rei. O próprio Henrique já leu Tyndale. O que vem pela frente? More vai prender o rei? — Ele pega uma camisa.

— Não tem nada a ver com Thomas More. Alguns tolos foram presos por causa de uma baderna em Westminster, eles estavam saltando fogueiras na rua e começaram a quebrar janelas, sabe como essas coisas acontecem... — Gregory tem a voz cansada. — Depois eles começaram a brigar com a guarda e foram presos, e aí chegou uma mensagem. O Sr. Cromwell vai aparecer e dar ao carcereiro um presente de Ano-Novo?

— Cristo. — Ele se senta na cama, subitamente ciente de sua nudez, dos pés, tornozelos, coxas, pênis, sua capa de pelos corporais, seu queixo barbado: e do suor que escorre por seus ombros. Ele veste a camisa. — Eles que se contentem com esta aparência — diz ele. — E primeiro tomarei meu desjejum.

Gregory diz, com leve malícia.

— O senhor concordou em ser como um pai para ele. Isto é o que significa ser pai.

Cromwell se põe de pé.

— Vá chamar Richard.

— Já volto.

— Venha conosco se quiser, mas preciso de Richard, caso haja problemas.

Não há problemas, só um ligeiro bate-boca. A aurora chega quando os jovens nobres são soltos, desgrenhados, machucados, as roupas rasgadas e sujas.

— Francis Weston — cumprimenta ele —, bom-dia, senhor. — Ele pensa, se eu soubesse que estava aqui, teria o deixado na cadeia. — Por que não está na corte?

— Eu estou — responde o rapaz com uma lufada de hálito azedo. — Estou em Greenwich. Não estou aqui. Entende?

— Bilocação — diz ele. — Certo.

— Ah, Jesus. Ah, Jesus, meu redentor. — Thomas Wyatt se planta à luz ofuscante da neve, coçando a cabeça. — Não vai acontecer de novo.

— Até o ano que vem — comenta Richard.

Ele dá meia-volta e vê uma figura desajeitada caindo na rua.

— Francis Bryan. Eu deveria saber que esta proeza não estaria completa sem a sua pessoa. Senhor.

Exposto ao primeiro frio do novo ano, o primo de Lady Ana se sacode como um cachorro molhado.

— Pelas tetas da Sagrada Inês, estou congelando.

Seu colete está rasgado e o colarinho da camisa foi arrancado, e ele só tem um pé do sapato. Ele segura as calças para que não caiam. Há cinco anos, ele perdeu um olho na justa; agora ele perdeu seu tapa-olho, e a lívida órbita está exposta. Ele olha ao redor com o aparelho ocular que lhe resta.

— Cromwell? Não me lembro de sua companhia ontem à noite.

— Eu estava em minha cama, e teria gostado de continuar lá.

— E por que não volta? — Arriscando-se a um perigoso escorregão, ele joga os braços no ar. — Qual das esposas da cidade o aguarda? Você tem uma para cada dia do período de festas? — Ele quase ri, mas Bryan acrescenta: — Os senhores sectários não partilham suas mulheres?

Ele lhe dá as costas.

— Wyatt, faça com que ele se cubra, ou congelará suas partes. Já é suficientemente lamentável não ter um olho.

— Digam muito obrigado! — ordena Thomas Wyatt, estapeando seus companheiros. — Digam muito obrigado ao Sr. Cromwell e paguem o que lhe devem. Quem mais despertaria tão cedo num feriado, e com a bolsa aberta? Teríamos ficado aí dentro até amanhã.

Pelo visto, eles não têm um só xelim.

— Esqueçam — ele diz. — Eu ponho na conta.

## **II “Ai de mim, que hei de fazer por amor?”**

*Primavera de 1532*

Agora é tempo de considerar os pactos que conservam os pilares do mundo: o pacto entre governante e governado, e aquele entre marido e mulher. Ambos os arranjos repousam na sólida devoção de um aos interesses do outro. O senhor e o esposo protegem e sustentam; a esposa e o criado obedecem. Acima dos senhores, acima dos maridos, Deus a todos governa. Ele conta nossas pequenas rebeliões, nossas idiotices humanas; Ele estende seu longo braço, a mão constricta.

Imagine debater estes assuntos com George, lorde Rochford. Ele é o típico jovem douto da Inglaterra, educado e deveras lido; mas hoje o que o fascina é o cetim da cor do fogo que aparece entre os cortes de sua manga de veludo. Ele puxa o tecido da manga com a ponta do dedo, pregueando, pinçando e obrigando-a a aumentar de tamanho, e parece por fim um daqueles malabaristas que fazem correr esferas pelos braços.

É tempo de definir o que é a Inglaterra, seu escopo e fronteiras: não para contar e medir suas defesas portuárias e as muralhas

limítrofes, mas para estimar sua capacidade de autogoverno. É hora de definir o que é um rei, e que confiança e guarda ele deve a seu povo: qual proteção contra incursões morais ou físicas do exterior; qual imunidade contra as pretensões dos que gostariam de dizer a um inglês como ele deve falar com seu Deus.

O Parlamento se reúne em meados de janeiro. Os trabalhos do início da primavera quebram a resistência dos bispos à nova ordem de Henrique, instaurando uma legislação que — ainda que esteja suspensa por hora — cortará a receita para Roma e fará da supremacia do monarca na Igreja mais que mero conjunto de palavras. Os Comuns rascunham uma petição contra as cortes eclesiásticas, tão arbitrárias em seus procedimentos, tão presunçosas em sua suposta jurisdição; o documento questiona a autoridade desses tribunais, e mesmo sua existência. Eles passam por muitas mãos, mas, por fim, ele mesmo trabalha neles, virando a noite com Rafe e Me-chame-Risley, rascunhando emendas entre as linhas. Ele está incitando a oposição: embora secretário do rei, Gardiner se sente obrigado a liderar seus colegas prelados na resistência.

O rei manda convocar o Sr. Stephen. Quando ele entra, os pelos de sua nuca se eriçam e ele se retrai dentro da pele como um mastim levado a um urso. O rei tem a voz aguda para um homem alto, e quando está furioso ela se eleva a um ganido que dói nos ouvidos. Os clérigos são realmente seus súditos, ou apenas meio súditos? Talvez não sejam seus súditos coisa nenhuma, pois como poderiam ser se prestam juramento de obedecer e apoiar o papa? Henrique berra:

— Por acaso não é a mim que deveriam prestar juramento?!

Quando Stephen sai, ele se recosta contra o painel pintado. Às suas costas, uma tropa de ninfas pintadas saltita numa clareira. Ele saca um lenço, mas parece esquecer para quê; ele torce o pano na mão, que parece uma grande garra, enroscando-o em torno de suas articulações como uma bandagem. O suor escorre por seu rosto.

Ele, Cromwell, vai em seu socorro.

— Meu senhor bispo se sente mal.

Eles trazem uma banquetta e Stephen prega os olhos nela e depois nele, sentando-se em seguida com cautela, como se não pudesse confiar na carpintaria do objeto.

— Imagino que o ouviu?

Cada palavra.

— Se ele mandar prendê-lo, providenciarei para que tenha alguns confortos.

— Deus o amaldiçoe, Cromwell. Quem pensa que é? Que cargo ocupa? Você não é nada. Nada.

Nós temos que vencer o debate, e não apenas derrubar nossos inimigos. Ele faz uma visita a Christopher St. German, o idoso jurista cuja palavra é respeitada em toda a Europa. O velho o recebe educadamente em sua casa. Não há homem algum na Inglaterra, ele diz, que não acredite que nossa Igreja tem uma necessidade de reformas que se torna mais urgente a cada ano, e se a Igreja não puder fazê-las, então o rei e o Parlamento podem, e devem. Esta é a conclusão a que eu também cheguei, após algumas décadas estudando o assunto.

Claro, continua o velho, Thomas More não concorda comigo. Talvez seu tempo tenha passado. Afinal, Utopia não é um lugar onde um homem pode de fato viver.

Quando ele se encontra com o rei, Henrique vocifera sobre Gardiner: deslealdade, ele berra, ingratidão! Ele poderia seguir como meu secretário quando se coloca em direta oposição a mim? (É o mesmo homem que o próprio Henrique elogiara como firme controversista.) Ele se senta silenciosamente, observando Henrique, tentando apaziguar a situação por sua imobilidade; tentando envolver o rei num silêncio, para que Henrique possa ouvir a si mesmo. É uma coisa excelente, ser capaz de aplacar a fúria do Leão da Inglaterra.

— Eu acho... — diz ele, tranquilamente. — Com permissão de Vossa Majestade, o que eu acho... O bispo de Winchester, como sabemos, gosta de argumentar. Mas não com seu rei. Ele não ousaria fazer isso por esporte. — Ele faz uma pausa. — Portanto, ainda que equivocadas, suas opiniões são expressas honestamente.

— É verdade, mas...

O rei se interrompe. Henrique ouviu a própria voz, a voz que ele usara com o cardeal quando o derrubou. Gardiner não é Wolsey; no mínimo porque poucos se lembrarão de Stephen com tristeza, caso ele seja sacrificado. Contudo, ter o carrancudo bispo ainda em seu posto é útil, por enquanto; ele preserva a reputação de Henrique pela Europa, e por isso ele diz:

— Majestade, Stephen o serviu como embaixador no limite de seus poderes, e seria melhor reconciliar-se com ele por honesta persuasão do que forçar a mão pelo peso do desgosto. É o curso mais agradável, e mais honroso.

Ele observa o rosto de Henrique, que se anima com qualquer coisa que envolva a honra.

— Este é o conselho que daria em qualquer situação?

Ele sorri.

— Não.

— Você não está absolutamente seguro de que eu deveria governar num espírito de misericórdia cristã?

— Não.

— Eu sei que não gosta de Gardiner.

— E por isso Vossa Majestade deveria considerar meu conselho.

Você me deve uma, Stephen, pensa ele. A conta chegará a prestações.

Em sua própria casa, ele se encontra com parlamentares e cavalheiros das ordens de advogados e das companhias de guardas da cidade; com Thomas Audley, presidente da Câmara dos Comuns, e seu protegido Richard Riche, um jovem de cabelos dourados, belo como um anjo pintado, que tem uma mente ativa, rápida e secular; e com Rowland Lee, um clérigo franco e robusto, o homem menos santificado que alguém encontraria num longo dia de marcha. Nestes meses, as tropas de seus aliados na cidade são reduzidas por doença e morte accidental. Thomas Somer, seu conhecido de anos, faleceu pouco depois de sua libertação da Torre, onde foi trancado por distribuir o evangelho em inglês; amante de roupas finas e cavalos rápidos, Somer era um homem de espírito irreprimível, até se confrontar com o lorde chanceler. John Petyt foi solto, mas está doente demais para tomar parte dos Comuns. Ele o visita; ele agora



vive confinado em sua câmara. É doloroso ouvir como ele luta por fôlego. A primavera de 1532 traz os primeiros dias quentes do ano, mas não faz nada para aliviá-lo. Ele diz, sinto como se houvesse um aro de ferro em torno de meu peito, e eles o apertam cada vez mais. Thomas, você cuidará de Lucy após minha morte?

Às vezes, quando passeia pelos jardins com os parlamentares ou os capelães de Ana, ele sente falta do Dr. Cranmer junto à sua mão direita. Cranmer está ausente desde janeiro, em missão como embaixador do rei junto ao imperador; em suas viagens, ele visitará estudiosos na Alemanha para angariar apoio para o divórcio do rei. Ele lhe disse:

— O que farei se o rei tiver um sonho enquanto estiver fora?

Cranmer sorriu.

— O senhor resolveu sozinho da última vez. Eu só estive lá para concordar.

Ele vê o gato Marlinspike, enroscado em torno de um galho negro, as patas penduradas. Ele o aponta.

— Cavalheiros, aquele foi o gato do cardeal.

À vista dos visitantes, Marlinspike salta para o muro fronteiro e, com um movimento da cauda, desaparece para além do muro.

Nas cozinhas de Austin Friars, os *garzoni* aprendem a fazer wafers temperados. O processo envolve um bom olho, tempo exato e mão firme. Há diversos pontos em que a receita pode dar errado. A mistura deve ter a consistência certa, as chapas nas hastes de ferro devem estar bem untadas e quentes. Ouve-se um chiado animal quando as chapas se encontram, e o vapor sibila no ar. Se o cozinheiro se assustar e soltar a mão, terá uma sujeira enegrecida para raspar depois. É preciso esperar que o vapor suma e começar a contar o tempo. Se errar um passo, o cheiro de queimado se espalha no ar. Um segundo separa o sucesso do fracasso.

Quando leva aos Comuns uma lei para suspender o pagamento da anata a Roma, ele sugere uma divisão da Câmara, o que está longe de ser usual, mas, entre perplexidade e reclamações, os membros concordam: a favor da lei, para este lado; contra a lei, daquele lado. O rei está presente; ele observa e descobre quem está a seu favor e quem é contra, e no fim do processo demonstra sua

aprovação a seu conselheiro com um grave cumprimento de cabeça. Na Câmara dos Lordes, esta tática não serve. O rei deve comparecer em pessoa, três vezes, e argumentar em prol de seu caso. A velha aristocracia — famílias orgulhosas como o clã Exeter, com sua própria pretensão ao trono — é a favor do papa e de Catarina, e não tem medo de dizê-lo: ou não ainda. Mas Henrique identifica seus inimigos, e os divide, quando pode.

Uma vez que os meninos da cozinha conseguiram produzir o primeiro wafer elogiável, Thurston os obriga a fazer cem mais. A atividade se torna automática, a virada de pulso com que o cozinheiro rola o wafer semipronto com uma colher de pau e depois o vira sobre a grelha para dourar. Os sucessos — com o tempo, haverá apenas sucessos — estão gravados com o brasão dos Tudor e empilhados às dúzias nas belas caixas forradas que chegarão à mesa, frágeis discos dourados e perfumados com água de rosas. Ele manda um lote para Thomas Bolena.

Sendo pai da futura rainha, Bolena pensa que merece algum título especial, e faz saber que não lhe seria desagradável ser conhecido como Monsenhor. Ele conferencia com Bolena, com o filho e seus amigos, e depois parte para encontrar Ana, atravessando as câmaras de Whitehall. O patrimônio de Ana aumenta a cada mês, mas ele atravessa os corredores recebendo medidas dos criados dela. Na corte e nos salões de Westminster, Cromwell não se veste nem um pouco acima de sua posição de cavaleiro, com casacas folgadas de lã de Lemster, tão finas que fluem como água, em púrpuras e índigos tão próximos ao negro que é como se a noite tivesse sangrado sobre suas vestes; sua boina de veludo negro repousa sobre os cabelos escuros, e assim os únicos pontos de luz são seus olhos rápidos e os gestos de suas mãos sólidas e robustas; isto, e as centelhas de luz do anel de turquesa de Wolsey.

Em Whitehall — outrora Palácio de York — os construtores ainda estão em ação. O rei designou um aposento para Ana neste Natal. Ele a conduziu pessoalmente ao aposento, para vê-la arfando diante dos estandartes nas paredes, feitos de tecidos de prata e ouro, e da cama esculpida e seus cortinados de cetim rubro, bordados com imagens de flores e crianças. Henry Norris informou a ele que Ana

não perdeu o fôlego; ela apenas passou os olhos pelo aposento, vagarosamente, sorrindo e piscando. Depois, ela lembrou o que deveria fazer; fingiu sentir vertigem com tamanha honra, e foi só quando ela vacilou e o rei a cerrou em seus braços que os arquejos apareceram. Espero de todo coração, disse Norris, que todos possamos levar uma mulher a emitir este som, ao menos uma vez em nossas vidas.

Depois que Ana expressou sua gratidão, ajoelhada, Henrique teve de sair, claro; ele deixou o cômodo resplandecente, puxando-a pela mão, e retornou à festa de Ano-Novo e ao escrutínio público de sua expressão: na certeza de que pareceres a respeito circulariam por toda a Europa, por terra e mar, em mensagens cifradas e abertas.

Ao fim de sua caminhada através dos antigos corredores do cardeal, quando ele encontra Ana sentada com suas damas, ela já sabe, ou parece saber, o que seu pai e irmão disseram. Eles pensam que decidem as táticas dela, mas ela mesma é sua melhor estrategista, capaz de pensar em retrospecto e julgar o que saiu errado; ele admira qualquer pessoa capaz de aprender com os erros. Um dia, com as janelas abertas para as asas agitadas dos pássaros que constroem seus ninhos, ela comenta:

— Certa vez, me disse que só o cardeal poderia libertar o rei. Sabe o que acho agora? Acho que Wolsey seria a última pessoa capaz de fazê-lo. Porque ele era orgulhoso demais, porque queria ser papa. Se ele fosse mais humilde, Clemente teria feito sua vontade.

— Talvez haja algo de verdade nisso.

— Imagino que deveríamos aprender a lição — diz Norris.

Os outros dois se viram ao mesmo tempo. Ana diz:

— Mesmo, deveríamos?

E ele indaga:

— Que lição seria esta?

Norris se perde.

— Dificilmente algum de nós se tornará cardeal — retruca Ana.

— Nem Thomas, que aspira ser a maioria das coisas, desejaria esta posição.

— Sim? Eu não apostaria nisso.

Norris se retira sorrateiro como apenas um cavalheiro delicado sabe fazer, e o deixa para trás com as mulheres.

— E então, Lady Ana — ele indaga —, quando pondera sobre o falecido cardeal a senhora encontra algum tempo para rezar por sua alma?

— Acho que Deus já o julgou, e minhas preces não servem de nada, quer eu as faça, quer não.

Maria Bolena comenta delicadamente:

— Ele está brincando com você, Ana.

— Se não fosse pelo cardeal, estaria casada com Harry Percy.

— Pelo menos eu ocuparia a posição de esposa, que é um estado honorável, mas agora...

— Ah, mas prima — diz Mary Shelton —, Harry Percy enlouqueceu. Todos sabem. Ele está dissipando todo seu dinheiro.

Maria Bolena ri.

— Está mesmo, e minha irmã supõe que é por causa da decepção com ela.

— Mylady — ele se dirige a Ana —, não gostaria de viver nas terras de Harry Percy. A senhora sabe que ele faria como todos aqueles lordes do norte e a deixaria congelando numa torre, no alto de uma escada em espiral, e só lhe permitiria descer para jantar. E assim que estivesse sentada e os criados trouxessem um mingau de aveia com sangue de bois que mataram num saque, seu senhor irromperia pela porta, exibindo um saco; ah, querido, a senhora diria, um presente para mim?, e ele responderia, sim, madame, se lhe apraz, abrindo o saco e fazendo rolar sobre seu colo a cabeça decepada de um escocês.

— Ah, isso é horrível — murmura Mary Shelton. — É isso que eles fazem?

Ana leva a mão à boca, rindo.

— E — continua ele — a senhora sabe que prefere um peito macio de frango cozido, desfiado num molho de creme de estragão, como jantar. E um fino queijo envelhecido importado pelo embaixador da Espanha, que ele indubitavelmente desejava destinar à rainha, mas que de algum modo foi parar em minha casa.

— Eu poderia ser servida de melhor maneira? — indaga Ana. — Um bando de homens nas estradas, emboscando os queijos de Catarina.

— Bem, após orquestrar tamanho golpe, preciso ir — ele aponta para o alaudista no canto —, mas deixo-as com o apaixonado do olhar insistente.

Ana dirige os olhos ao rapaz, Mark.

— Ele realmente vive espiando. Verdade.

— Devo mandar que se retire? Este lugar já está cheio de músicos.

— Pode deixá-lo aqui — diz Mary Shelton. — Ele é um amor de rapaz.

Maria Bolena se ergue.

— Eu tenho que...

— Agora Lady Carey fará uma de suas conferências com o Sr. Cromwell — provoca Mary Shelton, num tom de quem dá uma informação útil.

Jane Rochford:

— Ela lhe oferecerá sua virtude mais uma vez.

— Lady Carey, o que há que não pode ser dito diante de todas nós?

Mas Ana meneia a cabeça. Ele pode sair. Mary pode sair. Presumivelmente, Mary passará mensagens que ela, Ana, é delicada demais para transmitir diretamente.

Do lado de fora, Mary exclama:

— Às vezes preciso respirar.

Ele espera.

— Jane e nosso irmão George, sabia que eles se odeiam? Ele não vai para a cama com ela. Quando não está com outra mulher, ele passa a noite inteira com Ana nestes aposentos. Eles jogam cartas. Jogam papa Júlio até o amanhecer. Sabia que o rei paga as dívidas de jogo de Ana? Ela precisa de mais renda, e uma casa própria, um retiro, não muito longe de Londres, algum lugar junto ao rio...

— E ela deseja a casa de quem?

— Não acho que ela pretenda expropriar outra pessoa.

— Casas costumam pertencer a alguém. — E ele tem uma ideia. E sorri.

Ela diz:

— Eu lhe disse para ficar longe dela, uma vez. Mas agora não podemos viver sem você. Até meu pai e meu tio dizem o mesmo. Nada se resolve, nada, sem o favor do rei e sem sua constante companhia, e hoje em dia, se o senhor não está com Henrique, ele quer saber onde está. — Ela recua um passo, observando-o por um momento como se ele fosse um estranho. — Minha irmã também.

— Eu quero um cargo, Lady Carey. Ser conselheiro não é o bastante. Preciso de um cargo oficial no palácio.

— Eu direi a ela.

— Quero um cargo na Casa de Joias. Ou no Erário.

Ela assente.

— Ana fez de Tom Wyatt um poeta. Fez de Harry Percy um louco. Tenho certeza de que ela tem algumas ideias do que pode fazer pelo senhor.

Alguns dias antes do Parlamento se reunir, Thomas Wyatt chega para pedir desculpas por tirá-lo da cama na madrugada de Ano-Novo.

— Tem todo o direito de sentir raiva de mim, mas estou aqui para pedir que não sinta. Sabe como é no Ano-Novo. Todos brindam e a taça circula e temos que esvaziá-la de uma vez.

Ele observa Wyatt, que caminha pelo quarto, curioso, inquieto e um tanto constrangido demais para se sentar e pedir desculpas cara a cara. Tom gira o globo terrestre pintado e pousa o dedo sobre a Inglaterra. Ele se detém para olhar imagens num pequeno altar, e dá meia-volta, intrigado; era de minha esposa, ele explica, guardei por ela. O Sr. Wyatt usa uma casaca de brocado cor de creme com barras de pele de marta, pela qual provavelmente não pode pagar, e um colete de seda ocre. Ele tem amáveis olhos azuis e uma crina de cabelos dourados, que estão rareando agora. Às vezes ele pousa as pontas dos dedos na testa, incerto, como se ainda sentisse a dor de cabeça do Ano-Novo; contudo, está na verdade verificando se a

linha dos cabelos não recuou nos últimos cinco minutos. Ele se detém e examina seu reflexo no espelho; e o faz com demasiada frequência. Por Deus, exclama. Vagando pelas ruas com aquela gente. Estou velho demais para este comportamento. Mas sou jovem demais para perder meus cabelos. Acha que as mulheres se importam com isso? Muito? Acha que se eu deixar crescer a barba, isso distrairá... Não, provavelmente não. Mas talvez eu deixe de qualquer modo. A barba do rei tem uma boa aparência, não?

— Seu pai não lhe deu nenhum conselho? — diz ele.

— Ah, sim. Beber um copo de leite antes de sair. Comer marmelos cozidos com mel; acha que funciona?

Ele está se esforçando para não rir. Ele quer levar a sério seu novo posto, como pai de Wyatt, e diz:

— O que eu quero saber é se seu pai nunca o aconselhou a guardar distância das mulheres que interessam ao rei.

— Eu fiquei longe. Lembra-se de que fui para a Itália? Depois fui para Calais por um ano. Quanto exílio um homem pode suportar?

Ele reconhece que a pergunta vale para sua própria vida. Wyatt se senta numa pequena banquetta, apoia os cotovelos nos joelhos e segura a cabeça, com as pontas dos dedos nas têmporas. Ele ouve as batidas de seu coração; ele pensa; talvez esteja compondo um verso? Ele ergue os olhos.

— Meu pai diz que, agora que Wolsey está morto, o senhor é o homem mais inteligente da Inglaterra. Bem, será que o senhor entenderá isto, se eu disser uma só vez? Se Ana não é virgem, não foi obra minha.

Ele serve uma taça de vinho.

— Forte — avalia Wyatt após tragá-lo. Ele examina o fundo da taça, e os próprios dedos que a detêm. — Acho que devo dizer mais.

— Se precisa, diga aqui, e apenas uma vez.

— Há alguém escondido atrás das cortinas? Alguém me disse que há criados em Chelsea que lhe passam informações. Hoje em dia, nenhum criado é seguro, há espiões por todo lado.

— E quando foi que não houve espiões? Havia uma criança na casa de More, Dick Purser, More o acolheu por culpa depois que o menino ficou órfão; eu não posso dizer que More matou o pai

diretamente, mas ele o pôs no tronco e na Torre, e isto acabou com sua saúde. Dick disse aos outros meninos que não acreditava que Deus estava na hóstia da Comunhão, e assim More mandou chicoteá-lo diante de toda a casa. Agora eu o trouxe para cá. O que mais podia fazer? Eu acolherei todos que ele maltrate.

Sorrindo, Wyatt passa a mão sobre a Rainha de Sabá: isto é, sobre Anselma. O rei deu a ele as belas tapeçarias de Wolsey. No começo do ano, quando ele foi encontrá-lo em Greenwich, o rei percebeu como ele erguia os olhos para a peça como numa saudação, e perguntou com um ligeiro sorriso, você deseja esta mulher?, ao que ele respondeu, Eu desejava, antigamente, explicando-se, desculpando-se. O rei respondeu, não tem problema, todos nós tivemos nossas loucuras na juventude, e não podemos casar com todo mundo, podemos?... E, em voz baixa, acrescentou, não esqueci que isto pertenceu ao cardeal de York, e, apressadamente, quando for para casa, abra um espaço para ela; eu acho que ela deveria viver lá.

Ele serve uma taça de vinho para si e outra para Wyatt, e diz:

— Gardiner pôs gente do lado de fora dos portões, vigiando quem entra e quem sai. Isto aqui é uma casa citadina, não é um forte; ainda que se alguém entrar aqui sem ser bem-vindo minha gente terá grande prazer em colocá-lo para fora. Nós gostamos de briga. Eu preferiria deixar meu passado para trás, mas não me é permitido. Tio Norfolk vive me lembrando de que fui um soldado comum, e que nem sequer estive em seu exército.

— O senhor o chama assim? — Wyatt ri. — Tio Norfolk?

— Só entre nós. Mas eu não preciso explicar o que os Howards acreditam ser seu por direito. E você cresceu como vizinho de Thomas Bolena, portanto sabe que não deve desafiá-lo, não importando o que sente pela filha. Mas espero que não sinta nada. Ou sente?

— Por dois anos — responde Wyatt — vivi com a alma esmagada por pensar que qualquer outro homem a tocaria. Mas o que eu tinha a oferecer? Sou um homem casado, e não sou o duque ou o príncipe que ela estava buscando. Ela gostava de mim, acho, ou gostava de ter alguém enlouquecido por ela. Isto a divertia. Quando ficávamos a



sós, ela nunca me deixava beijá-la, e eu sempre pensei que... Mas esta é a tática de Ana, vê? Ela diz sim, sim, sim, e depois diz não.

— E, claro, você é um grande cavalheiro.

— Como assim, por acaso eu deveria estuprá-la? Quando diz “pare”, ela fala a sério; Henrique sabe disso. Mas logo vinha outro dia e ela novamente me deixava beijá-la. Sim, sim, sim, não. O pior de tudo eram suas insinuações, ela quase se vangloriava de que dizia não a mim, mas sim a outros...

— Outros que são...?

— Ah, nomes, nomes estragariam o passatempo dela. A coisa é arquitetada para que pense, será este?, a cada homem que vê na corte ou mesmo em Kent. Será este, ou aquele? Assim, ficamos nos perguntando por que não somos o bastante, por que não conseguimos agradá-la, por que nunca temos uma chance.

— Eu acredito que você escreve os melhores poemas. Pode confortar-se com isto. Os versos de Sua Majestade podem ser um tanto repetitivos, para não dizer autocentrados.

— Aquela canção do rei, “Passatempo em boa companhia”. Quando escuto aquilo, sinto algo dentro de mim que deseja uivar, feito um cãozinho.

— Tem razão, o rei já passou dos 40; é melancólico ouvi-lo cantando sobre os dias em que era jovem e estúpido.

Ele observa Wyatt. O rapaz parece zozzo, como se tivesse uma dor persistente entre os olhos. Wyatt alega que Ana já não o atormenta, mas não é o que parece. Brutal como um açougueiro, ele indaga:

— Pois bem, quantos amantes acha que ela teve?

Wyatt baixa os olhos para os pés. Ele olha para o teto.

— Muitos? Ou nenhum? Ou centenas? Brandon tentou dizer a Henrique que ela foi usada. Mas o rei expulsou Brandon da corte. Imagine se eu tentasse. Duvido que sairia da sala com vida. Brandon se obrigou a falar porque pensa: e quando chegar o dia de Ana se entregar a Henrique, como será? Ele não vai perceber?

— Dê crédito a ela. Ana já deve ter pensando nisso. Além do mais, o rei não está apto para julgar virgindades. Ele mesmo admite.

Com Catarina, Henrique levou vinte anos para concluir que seu irmão esteve com ela primeiro.

Wyatt ri.

— Quando chegar o dia, ou a noite, Ana dificilmente poderá usar este argumento.

— Ouça. Este é meu ponto de vista: Ana não se preocupa com a noite de núpcias porque não há razão para se preocupar. — A intenção dele é dizer, porque Ana não é um ser carnal, ela é um ser calculista, com um cérebro frio e preciso em atividade por trás de seus ávidos olhos negros. — Creio que qualquer mulher que consiga dizer não ao rei da Inglaterra, por um longo tempo, tem a sapiência de dizer não a todos os outros homens, inclusive você, inclusive Harry Percy, e qualquer um que ela decida atormentar por diversão enquanto dirige sua carreira para onde lhe interessa. Portanto, eu acho que sim, você foi feito de trouxa, mas não exatamente da forma como imaginava.

— Por acaso isto pretende servir de consolo?

— Deveria sentir alívio. Se realmente tivesse sido amante dela, eu temeria por sua segurança. Henrique acredita na virgindade dela. Em que mais ele poderia acreditar? Mas quando estiverem casados, ele mostrará o quanto é ciumento.

— E eles realmente estarão? Casados?

— Acredite, estou fazendo um grande esforço junto ao Parlamento e acho que consigo dobrar os bispos. E depois disso, só Deus sabe... Thomas More diz que no reinado do rei João, quando a Inglaterra foi colocada sob interdito do papa, o gado não se reproduziu, o milho cessou de madurar, o capim parou de crescer e os pássaros caíam do ar. Se isso começar a acontecer — ele sorri —, tenho certeza de que poderemos reverter nossa política.

— Ana me perguntou: Cromwell, em que ele realmente acredita?

— Então vocês conversam? E sobre mim? Não apenas sim, sim, sim, não? Estou lisonjeado.

Wyatt parece triste.

— Será que não está enganado? Sobre Ana?

— É possível. No momento, eu acredito na ideia que ela tem de si mesma. É interessante para mim. Para nós dois.

Quando Wyatt está saindo:

— Volte em breve. Minhas filhas ouviram falar do quanto você é belo. Se acha que elas ficariam decepcionadas, pode ficar de chapéu.

Wyatt é parceiro regular do rei em partidas de tênis. Assim, ele compreende como dobrar seu orgulho, e convoca um sorriso.

— Seu pai nos contou sobre a leoa. Os meninos fizeram uma peça da história. Talvez queira visitar-nos um dia e representar seu próprio papel?

— Ah, a leoa. Hoje em dia, eu penso a respeito e não me parece algo que eu faria. Ficar parado numa clareira e atrair uma fera para mim. — Ele faz uma pausa. — Soa mais como algo que o senhor faria, Sr. Cromwell.

Thomas More visita Austin Friars. Ele recusa a comida, recusa a bebida, embora pareça necessitado de ambas.

O cardeal não teria aceitado não como resposta. Ele o obrigaria a se sentar e comer manjar. Ou, se fosse a estação, daria ao visitante um grande prato de morangos e uma colher bem pequena.

More diz:

— Nos últimos dez anos, os turcos tomaram Belgrado. Eles atearam fogo na grande biblioteca de Buda. Faz apenas dois anos que eles bateram aos portões de Viena. Por que abrir outra brecha nas muralhas da cristandade?

— O rei da Inglaterra não é um infiel. E eu tampouco.

— Não? Realmente não sei se ora ao deus de Lutero e dos alemães, a algum deus pagão que conheceu em suas viagens ou alguma divindade inglesa de sua própria invenção. Talvez sua fé esteja à venda. O senhor serviria ao sultão se o pagamento fosse bom.

Erasmus diz, teria a natureza criado algo mais suave, doce ou mais harmonioso que o caráter de Thomas More?

Ele fica em silêncio, sentado à escrivaninha — More o pegou trabalhando — com o queixo pousado sobre os punhos. É uma pose que provavelmente lhe dá alguma vantagem combativa.

O lorde chanceler parece prestes a rasgar suas vestes: o que só poderia melhorá-las. Outras pessoas talvez sintam piedade por ele, mas ele se abstém.

— Sr. Cromwell, o senhor acha que por ser conselheiro pode negociar com hereges pelas costas do rei. Está enganado. Sei de cartas suas que entram e saem para Stephen Vaughan, sei que ele se encontrou com Tyndale.

— Está me ameaçando? Só curiosidade.

— Sim — responde More amargamente. — Sim, é exatamente o que estou fazendo.

Ele vê que o equilíbrio do poder se modificou entre os dois: não como funcionários do Estado, mas como homens.

Quando More sai, Richard diz a ele:

— Ele não deveria. Ameaçar o senhor, quero dizer. Hoje, por causa do cargo, ele pode fazer isso, mas amanhã, quem sabe?

Ele pensa: eu era uma criança, 9 anos ou algo assim, quando fugi para Londres e vi uma mulher idosa sofrendo por sua fé. A lembrança flui por seu corpo e ele a afasta como se navegasse por ela, falando sobre o ombro:

— Richard, verifique se o lorde chanceler tem sua própria escolta. Se não, providencie uma, e tente colocá-lo num barco de volta para Chelsea. Não podemos deixar que ele passeie por Londres, fazendo sermões em cada portão que encontre.

Esta última parte, ele a diz em francês, sem saber por quê. Ele pensa em Ana, sua mão estendida, chamando-o em sua direção: *Maître Cremuel, à moi.*

Ele não recorda o ano, mas se lembra do clima de fins de abril, as espessas gotas de chuva salpicando as folhas novas. Ele não lembra a razão para a fúria de Walter, mas revive o medo que sentira em seu âmago, o coração ribombando contra as costelas. Naqueles dias, quando não podia esconder-se com seu tio John em Lambeth, ele partia para a cidade e procurava alguém com quem fazer amizade, para ganhar alguns centavos fazendo biscates nos atracadouros, carregando cestos ou enchendo carroças. Se alguém assoviava, ele seguia; e, agora ele sabe, por sorte não se envolveu com bandidos com quem acabaria marcado a ferro ou açoitado, ou

como um daqueles cadáveres pescados do rio. Naquela idade, ninguém possui bom-senso. Se alguém dizia, ali tem diversão, ele seguia o dedo em riste. Ele não tinha nada contra a velha, mas jamais tinha visto uma execução na fogueira.

Que crime ela cometeu?, ele perguntou, e os outros responderam, é uma lolardista. É alguém que diz que o corpo de Deus no altar é um pedaço de pão. Como assim, ele indagou, pão como o que o padeiro faz? Deixem o garoto passar à frente, eles disseram. Deixem que ele aprenda, será bom que veja de perto, daqui em diante ele sempre frequentará a missa e obedecerá a seu padre. Eles o empurraram à frente da multidão. Venha cá, querido, fique comigo, disse uma mulher com um sorriso aberto e uma imaculada touca branca. Só por assistir, já se é absolvido dos pecados. E qualquer um que leve esses depravados à fogueira será solto do Purgatório em quarenta dias.

Quando a lolardista apareceu, escoltada entre os guardas, o povo vaiou e berrou. Ele percebeu que se tratava de uma senhora, talvez a pessoa mais velha que já vira. Os guardas quase a carregavam. Ela não tinha touca ou véu. Seus cabelos pareciam arrancados de sua cabeça em certas partes. Atrás dele, as pessoas diziam, sem dúvida, ela mesma fez isso, em desespero por seu pecado. Às costas da lolardista seguiam dois monges, desfilando como gordos ratos cinza com crucifixos entre as patas rosadas. A mulher da touca branca apertou o ombro do menino: como uma mãe talvez fizesse, quando havia uma. Olhe só para ela, disse a mulher, 80 anos e mergulhada em podridão. Um homem comentou, não há muita carne sobre esses ossos, ela não durará muito, a não ser que o vento mude.

Mas qual foi o pecado dela?, ele insistiu.

Eu já lhe disse. Ela diz que os santos não passam de troncos de madeira.

Como aquele tronco em que ela será presa?

Sim, exatamente como esse.

O tronco também vai queimar.

Eles arranjam outro da próxima vez, respondeu a mulher. Ela largou o ombro do menino, cerrou as duas mãos e elevou os punhos

no ar, soltando um grito do fundo do peito, um chamado de caça numa voz estridente, como um demônio. A turba repetiu o grito. Eles rilhavam e empurravam para conseguir melhor visão, vaiavam, assobiavam e batiam os pés. Ao pensar na coisa horrenda que veria, ele se arrepiou. Ele se voltou para ver o rosto da mulher que era sua mãe entre a massa. Olhe bem, ela recomendou. Com a mais suave pressão dos dedos, ela virou o rosto do garoto para o espetáculo. Preste atenção agora. Os guardas pegaram as correntes e prenderam a velha ao tronco.

O tronco ficava no alto de uma pilha de pedras, e alguns senhores apareceram, padres, bispos talvez, ele não sabia. Os homens exigiram que a lolardista abandonasse suas heresias. Ele estava perto o bastante para ver que ela movia os lábios, mas não conseguiu ouvir o que ela dizia. E se ela mudar de ideia agora, será que vão soltá-la? Não estes homens, riu a mulher. Veja, ela está clamando pela ajuda de Satã. As autoridades se retiraram. Os guardas acumularam madeira e fardos de palha em torno da lolardista. A mulher tocou o ombro do menino. Tomara que estejam úmidos, não? Daqui temos uma boa visão; da última vez, fiquei atrás. A chuva parou, o sol surgiu entre as nuvens. Quando o carrasco chegou com a tocha, o fogo era translúcido à luz do sol, pouco mais que um movimento sinuoso, como enguias agitando-se numa bolsa. Cantando, os monges ergueram uma cruz para a lolardista, e foi apenas quando eles recuaram da primeira nuvem de fumaça que a multidão percebeu que o fogo estava aceso.

O povo se lançou à frente, aos berros. Os guardas faziam uma barreira com lanças e gritavam com vozes potentes, para trás, para trás, para trás, e a multidão reclamava, recuava e depois se atirava à frente outra vez, gritando e cantando, como se fosse um jogo. Redemoinhos de fumaça atrapalhavam a visão e muitos escaparam para os lados, tossindo. Sintam o cheiro dela!, eles berravam. O cheiro da velha porca! Ele prendeu a respiração para não aspirá-la. A velha urrava entre a fumaça. Agora ela chama pelos santos!, exclamava a multidão. A mulher se inclinou para falar no ouvido do menino. Sabia que eles sangram no fogo? Tem gente que pensa que eles só ressecam, mas eu já vi antes e sei.

Na hora em que a fumaça se dissipou e eles puderam ver novamente, a velha estava completamente incendiada. A multidão começou a aplaudir. Tinham dito que não duraria muito, mas durou — ou foi o que pareceu a ele, até que os gritos parassem. Ninguém reza por ela?, ele perguntou, e a mulher respondeu, para quê? Mesmo depois que já não havia mais ninguém para gritar, o fogo foi alimentado. Os guardas circulavam ao redor, pisoteando todo tufo de palha que voava para fora, chutando de volta qualquer coisa maior.

Quando a multidão se retirou para casa, tagarelando, dava para ver quem tinha ficado do lado errado da fogueira, pois tinham o rosto cinza pela fumaça da madeira. Ele queria voltar para casa, mas novamente pensou em Walter, que dissera naquela manhã que o mataria centímetro a centímetro. Ele viu os guardas golpeando os detritos humanos com barras de ferro. As correntes retinham os restos de carne, despedaçados e aderidos. Abordando os homens, ele indagou, para queimar ossos, qual deve ser o calor do fogo? Ele esperava que os homens tivessem conhecimento do assunto. Mas eles não compreenderam a pergunta. Quem não é ferreiro pensa que todo fogo é igual. Mas seu pai lhe ensinou os tons de vermelho: vermelho-poente, vermelho-cereja, o claríssimo vermelho-amarelo sem nome, a não ser que seu nome seja escarlata.

O crânio da lolardista estava jogado no chão, junto aos longos ossos de seus braços e pernas. A caixa torácica despedaçada não era maior que a de um cão. Um homem pegou uma barra de ferro e atravessou o buraco que antes comportara o olho esquerdo da mulher. Ele ergueu o crânio e o posicionou sobre as pedras, com o rosto virado para si. Depois ele girou sua barra e a derrubou sobre o alto da caveira. Mesmo antes que o golpe terminasse, ele já sabia que estava errado, torto. Estilhaços de ossos partidos voaram para o pó, como uma estrela, mas a maior parte da caveira continuava intacta. Jesus, exclamou o homem. Aqui, garoto, quer tentar? Um bom golpe vai acabar com ela.

Geralmente, ele dizia sim a todos os convites. Mas agora ele se afastava, as mãos às costas. Sangue de Cristo, comentou o homem, bem que eu gostaria de poder escolher. Logo depois, a chuva caiu. Os homens limpavam as mãos, assoaram os narizes e partiram do

trabalho concluído. Eles descartaram as barras de ferro em meio ao que restou da mulher, que agora não passava de fragmentos de ossos e uma espessa lama de cinzas. Ele pegou uma das barras de ferro, para o caso de precisar de uma arma, e examinou a extremidade estreita, cortada como um cinzel. Não sabia quão longe estava de casa, ou se Walter apareceria para pegá-lo. Ele tentava imaginar como alguém matava centímetro por centímetro, se era queimando ou cortando o outro em pedaços. Deveria ter perguntado aos guardas quando estavam ali, pois, como funcionários da cidade, deviam saber.

O cheiro da velha ainda pairava no ar. Ele especulava se agora ela estava no inferno ou se vagava pelas ruas; mas ele não tinha medo de fantasmas. Havia um tablado instalado para as autoridades e, embora tivessem retirado a tenda de cobertura, era suficientemente separado do chão para que o menino engatinhasse para baixo e se abrigasse. Pensando que mal não podia haver, ele rezou pela mulher. Enquanto rezava, ele mexia os lábios. A água da chuva se acumulava no tablado e caía em grandes gotas através das tábuas. Ele contava o tempo entre as gotas e as apanhava na mão em concha. Fazia isso apenas para se distrair. Chegou a noite. Se fosse um dia qualquer, agora ele teria fome e sairia para procurar comida.

Ao crepúsculo, alguns homens apareceram, e mulheres também; pela presença das mulheres, ele soube que não eram guardas ou pessoas que podiam machucá-lo. Eles se reuniram num vago círculo em torno do tronco e de sua pilha de pedras. Ele se arrastou para fora do tablado e se aproximou dos recém-chegados. Talvez queiram saber o que aconteceu aqui, ele disse. Mas o grupo não lhe dirigiu um olhar, tampouco palavras. Eles caíram de joelhos e ele achou que estavam rezando. Eu também rezei por ela.

Rezou? Bom garoto, disse um dos homens. Ele nem sequer ergueu os olhos. Se ele olhar para mim, ele pensou, vai ver que não sou bom, que não passo de um garoto imprestável que sai com seu cachorro e esquece de fazer a salmoura para a forja, e quando Walter berra, onde está a maldita bacia de esfriar!, ela não se encontra onde deveria. Com um embrulho no estômago, ele



recordou o que deixou de fazer e por que seria morto, e quase soltou um grito. Como se sentisse dor.

Agora ele via que os homens e mulheres não rezavam. Eles estavam de quatro. Eram amigos da executada, recolhendo seus restos. Uma das mulheres se ajoelhou, as saias espalhadas, segurando uma tigela de cerâmica. Mesmo no escuro, ele tinha visão aguçada, e através da fuligem e da lama detectou um fragmento de osso. Aqui tem um pouco, ele disse. A mulher esticou a tigela. Aqui tem outro.

Um dos homens se mantinha afastado, a certa distância. Por que ele não nos ajuda?, ele indagou.

É nosso vigia. Ele assoviará se os guardas aparecerem.

Eles nos prenderiam?

Rápido, rápido!, dizia outro homem.

Quando já tinha a tigela cheia, a mulher disse:

— Dê sua mão aqui.

Confiante, ele esticou a mão para ela. A mulher enterrou os dedos na tigela. Nas costas da mão dele, ela passou um borrão de lama e areia, gordura e cinzas. Joan Boughton, ela disse.

Ao recordar isso agora, ele se surpreende com sua própria memória falha. Ele jamais esqueceu a mulher, cujos restos mortais carregou sobre a própria pele como uma mancha pegajosa, mas por que sua infância não parece seguir uma cronologia, uma parte após a outra? Ele não lembra como chegou em casa, e o que Walter fez em lugar de matá-lo centímetro a centímetro, ou, primeiro de tudo, por que ele fugira sem fazer a salmoura. Ele pensa, talvez eu tenha derrubado o sal, e me apavorei demais para contar a Walter. Parece provável. Um medo cria um deslize, o deslize traz um medo ainda maior, e logo chega-se a um ponto em que o medo é esmagador, o espírito humano se rende e uma criança escapa num transe, sem rumo, e termina seguindo uma massa de gente e testemunhando uma execução.

Ele nunca contou aquela história a ninguém. Não vê problema em conversar com Richard ou Rafe sobre seu passado — dentro de certos limites — mas tampouco pretende entregar pedaços de si. Chapuys vem para jantar com frequência demais e se senta a seu

lado, tentando arrancar pedaços da história de sua vida assim como destrincha carne do osso.

Há quem diga que seu pai foi irlandês, sugere Eustache. Ele espera, fazendo pose.

Esta é a primeira vez que ouço falar disso, ele diz, mas garanto que ele era um mistério até para si mesmo. Chapuys geme; os irlandeses são um povo muito violento, ele comenta.

— Diga-me, é verdade que fugiu da Inglaterra aos 15 anos, após escapar da prisão?

— Certamente. Um anjo arrebentou minhas correntes.

Isto lhe dará algo para escrever ao Imperador. “Apresentei a alegação a Cremuel, que me respondeu com uma blasfêmia, inadequada para vossos ouvidos imperiais.” Chapuys nunca fica sem ter o que colocar nos despachos. Se há poucas notícias, ele manda fofocas. Cromwell seleciona boatos de fontes duvidosas, rumores que fornece ao embaixador de propósito. Como Chapuys não fala inglês, ele coleta as notícias em francês de Thomas More, em italiano de Antonio Bonvisi, e só Deus sabe em que língua — latim? — de Stokesley, bispo de Londres, cuja mesa ele também frequenta. Chapuys vende a seu amo imperador a ideia de que o povo da Inglaterra está tão descontente com seu rei que, com o apoio de algumas tropas espanholas, se erguerão em revolta. Claro, Chapuys está profundamente equivocado. Os ingleses podem até favorecer a rainha Catarina — vagamente, ao que parece; podem antipatizar ou não compreender medidas recentes do Parlamento, mas por instinto ele sabe que o povo se une contra interferência estrangeira. Eles gostam de Catarina porque esquecem que ela é espanhola, porque há muito que ela vive aqui. É o mesmo povo que se revoltou contra os estrangeiros no 1º de maio de 1517; o mesmo povo de coração duro, teimoso, apegado a seu pedaço de chão. Só uma força esmagadora — uma coalizão, digamos, de Francisco de França e o imperador — poderia dobrá-los. Claro, não se pode descartar a possibilidade de que uma coalizão como esta venha a acontecer.

Quando o jantar acaba, ele leva Chapuys de volta a seus criados, a seus grandes e sólidos rapazes, guarda-costas que fazem hora papeando em flamengo, muitas vezes a respeito do anfitrião.

Chapuys sabe que ele esteve nos Países Baixos; por acaso o embaixador imagina que ele não compreende o idioma? Ou seria uma elaborada tentativa de blefe mútuo?

Após a morte de Lizzie, houve dias, não há muito, em que ele acordava de manhã e, antes de falar com qualquer um, tinha que recordar quem ele era e por quê. Havia dias em que acordava de sonhos com os mortos e procurava por eles. Quando sua persona da vigília vacilava no limite de seus sonhos.

Mas aqueles dias já se foram.

Às vezes, quando Chapuys desenterra os ossos de Walter e transforma a vida em algo estranho até para si mesmo, ele se sente quase compelido a falar em defesa do pai, de sua infância. Mas não há razão para se justificar. Explicações não servem de nada. Expor sua história é uma fraqueza. É sábio esconder o passado, mesmo quando não há nada a esconder. O poder de um homem está na meia-luz, nos movimentos quase despercebidos de sua mão, na expressão indecifrável de seu rosto. O que intimida as pessoas é a ausência de fatos: a lacuna que ele abre, e onde outros derramam seus medos, fantasias, desejos.

No dia 14 de abril de 1532, o rei o nomeia Guardião da Casa de Joias. Neste cargo, como disse Henry Wyatt, é possível ter uma visão geral dos rendimentos e gastos do rei.

Como se admoestasse algum cortesão de passagem, Henrique exclama:

— Por que não devo, diga-me por que não devo, empregar o filho de um honesto ferreiro?

Ele esconde o sorriso por esta descrição de Walter; tão mais elogiosa que todas as outras elaboradas pelo embaixador da Espanha. O rei diz:

— Eu decido o que você é. Só eu. Tudo que você é, tudo que tem, virá de mim.

A ideia causa ao rei um prazer com que dificilmente se poderia antipatizar. Henrique anda tão bem disposto por aqueles dias, tão generoso e afável, que é preciso perdoar-lhe as ocasionais

afirmações de sua posição, quer sejam necessárias, quer não. O cardeal costumava dizer, os ingleses perdoam qualquer coisa de seu rei, contanto que ele não tente taxá-los. Wolsey também dizia: não importa qual é o título de determinado cargo; se um colega do conselho virava as costas, quando retornava ele descobria que eu já estava fazendo seu trabalho.

Ele se encontra em um escritório de Westminster num dia de abril quando chega Hugh Latimer, pouco depois de ser liberado da custódia no Palácio de Lambeth.

— Bem? — cumprimenta Hugh. — Talvez possa adiar seus rascunhos e me dar sua mão.

Ele se ergue de sua mesa e abraça o casaco negro empoeirado, os músculos, os ossos.

— E então, fez um belo discurso a Warham?

— Fiz de improviso, à minha maneira. Saiu fresco de minha boca, como da boca de um bebê. Talvez o velho esteja perdendo o apetite para fogueiras, agora que seu próprio fim está tão próximo. Ele define como uma ervilha ao sol; quando anda, dá para escutar os ossos chocalhando. Não posso assegurar, mas, de qualquer maneira, aqui estou.

— Em que condições ele o manteve?

— Minha biblioteca eram paredes vazias. Felizmente, meu cérebro está repleto de textos. Ele me libertou com uma advertência. Disse que, se não tenho cheiro de fogueira, no mínimo tenho cheiro de frigideira. Já ouvi isso antes. Já deve fazer dez anos que fui levado perante a Fera Escarlata por heresia. — Ele ri. — Mas Wolsey, ele me devolveu minha licença de clérigo. E o beijo da paz. E meu jantar. E então? Estamos um pouco mais próximos de uma rainha que ama o evangelho?

Um dar de ombros.

— Nós... Eles estão conversando com os franceses. Há um tratado no ar. Francisco tem uma tropa de cardeais que talvez nos emprestem suas vozes em Roma.

Hugh resmunga.

— Ainda esperando por Roma.

— É assim que tem de ser.

— Nós converteremos Henrique. Nós o converteremos ao evangelho.

— Talvez. Não de uma hora para outra. Pouco a pouco.

— Eu pedirei ao bispo Stokesley que me permita visitar nosso irmão Bainham. O senhor viria comigo?

Bainham é o advogado que foi preso e torturado por More no ano anterior. Pouco antes do Natal, ele foi levado ao bispo de Londres, abjurou e foi solto em fevereiro. É um homem normal; ele queria viver, como não? No entanto, assim que se viu livre, sua consciência lhe tirou o sono. Em certo domingo, ele entrou numa igreja lotada e se plantou diante de todos com a Bíblia de Tyndale na mão, e professou sua fé. Agora ele está na Torre, esperando para saber a data de sua execução.

— E então? — indaga Latimer. — Vem ou não?

— Eu não deveria dar munição ao lorde chanceler.

Ele pensa, talvez eu possa minar a resolução de Bainham. Dizer, acredite em tudo, irmão, jure por qualquer coisa e cruze os dedos às costas. Mas agora já não importa o que Bainham tem a dizer. A misericórdia não operará por ele, Bainham queimará.

Hugh Latimer se retira a passos longos. A misericórdia de Deus opera por Hugh. O Senhor caminha com ele, e entra a seu lado numa barca, e aporta sob a sombra da Torre; sendo assim, não há necessidade de Thomas Cromwell.

More diz que não importa se alguém mente para hereges, ou os engana para atraí-los à confissão. Hereges não têm direito ao silêncio, mesmo quando sabem que a fala os incriminará; se não falam, seus dedos são quebrados, são queimados com ferros, são pendurados pelos pulsos. É legítimo, e More diria mais; é abençoado.

Há um grupo na Câmara dos Comuns que janta com padres na taberna Queen's Head. Deles vem a afirmação — que se espalha entre o povo de Londres — de que qualquer um que apoie o divórcio do rei terá a alma condenada. Deus é tão devoto da causa destes cavalheiros, dizem, que um anjo comparece às sessões do Parlamento com um pergaminho, anotando quem vota e como vota,

e passando uma marca de fuligem sobre os nomes daqueles que temem mais a Henrique VIII que ao Todo-Poderoso.

Em Greenwich, um frei chamado William Peto, líder de seu ramo da ordem franciscana na Inglaterra, faz um sermão diante do rei, usando como seu texto e exemplo o infeliz Ahab, sétimo rei de Israel, que vivia num palácio de marfim. Sob a influência da maligna Jezebel, ele construiu um templo pagão e deu posições entre seu séquito aos sacerdotes de Baal. O profeta Elias disse a Ahab que cães lamberiam seu sangue, e assim foi, como é de se imaginar: pois somente os profetas exitosos são lembrados. Os cães de Samaria lamberam o sangue de Ahab. Todos os seus herdeiros varões pereceram. Seus corpos foram abandonados sem enterro pelas ruas. Jezebel foi atirada da janela de seu palácio. Cães selvagens despedaçaram seu corpo.

Ana diz:

— Eu sou Jezebel. O senhor, Thomas Cromwell, representa os sacerdotes de Baal. — Seus olhos chamejam. — Como sou mulher, eu sou a via por onde o pecado adentra o mundo. Sou o portão do demônio, o ingresso maldito. Sou o meio por onde Satanás ataca o homem, a quem ele não teve coragem de atacar, senão por meu intermédio. Bem, esta é a visão desses padres. Minha opinião é a de que há muitos sacerdotes com pouca formação e ocupação menor ainda. E eu gostaria que o papa e o imperador e todos os espanhóis fossem afogados no mar. E se alguém deve ser atirado da janela do palácio... *alors*, Thomas, eu sei quem eu gostaria de atirar. À exceção da menina Mary, pois os cães selvagens não encontrariam um só vestígio de carne para roer, e Catarina, que é tão gorda que rebotaria de volta.

Quando Thomas Avery chega em casa, ele baixa às pedras do calçamento o baú de viagem em que leva tudo que possui, e se ergue de braços abertos para encontrar seu senhor, como uma criança. As notícias de sua promoção governamental chegaram a Antuérpia. Ao que parece, Stephen Vaughan ficou vermelho-tijolo

de contentamento e tomou toda uma taça de vinho sem diluir com água.

Entre, ele diz, há cinquenta pessoas aqui para me ver, mas elas podem esperar, venha e me diga como vão todos do outro lado do estreito. Thomas Avery começa a falar imediatamente. Mas detém-se ao entrar pela porta de seu quarto. Ele olha para a tapeçaria presenteada pelo rei. Seus olhos passeiam pela tela, retornam ao rosto do amo e depois de volta à tapeçaria.

— Quem é esta dama?

— Não adivinha? — Ele ri. — É a rainha de Sabá visitando Salomão. Foi presente do rei. Pertenceu a meu lorde cardeal. Henrique viu que eu tinha apreço por ela, e ele gosta de dar presentes.

— Deve valer uma quantia considerável. — Avery admira a obra com respeito, como o jovem e astuto contador que é.

— Veja. Eu tenho outro presente, o que acha disto? Talvez seja a única coisa boa que já saiu de um mosteiro. Irmão Luca Pacioli. Ele levou trinta anos para escrever.

O livro é encadernado no mais profundo verde com arestas de ouro lavrado, e as páginas têm bordas douradas, de modo que a obra brilha sob a luz. Os fechos são incrustados de granadas escuras, lisas, translúcidas.

— Quase não ousou abri-lo — diz o rapaz.

— Por favor. Vai gostar.

É a *Summa de Arithmetica*. Ele abre os fechos e descobre uma gravura do autor diante de um livro e um compasso.

— É uma nova edição?

— Não exatamente, mas meus amigos em Veneza se lembraram de mim há pouco tempo. Claro, eu era criança quando Luca o escreveu, e você não existia nem em pensamento. — Seus dedos mal tocam a página. — Veja, aqui ele trata de geometria, vê as figuras? Aqui é onde ele diz, não vá para a cama até que os livros façam sentido.

— O Sr. Vaughan cita esta máxima. Ela já me obrigou a trabalhar até o amanhecer.

— E a mim. — Muitas noites em muitas cidades. — Sabe, Luca era um homem pobre. Ele saiu de Sansepulcro. Era amigo de artistas e se tornou um matemático perfeito em Urbino, uma pequena cidade nas montanhas, onde o conde Federigo, o grande *condottiere*, tinha uma biblioteca de mais de mil livros. Ele foi mestre na universidade de Perugia, mais tarde em Milão. Eu me pergunto por que um homem como este permaneceria como monge, mas, claro, houve praticantes de álgebra e geometria que acabaram atirados em calabouços como feiticeiros, talvez ele pensasse que a Igreja o protegeria... Eu assisti a uma de suas aulas em Veneza, deve fazer mais de vinte anos agora, eu tinha a sua idade, acho. Ele falou sobre proporção. Proporção na arquitetura, na música, nas pinturas, na justiça, no povo, no Estado; falou sobre como os direitos devem ser equilibrados, o poder de um príncipe e de seus súditos, e que o cidadão rico deve manter seus livros em ordem e dizer suas preces e servir aos pobres. Palestrou sobre a aparência que deve ter uma página impressa, como uma lei deveria ser redigida, e sobre um rosto, sobre o que o torna belo.

— E ele me dirá isto neste livro? — Thomas Avery volta a erguer o olhar para a Rainha de Sabá. — Imagino que elas sabiam, as pessoas que fizeram esta tapeçaria.

— Como vai Jenneke?

O rapaz vira as folhas com dedos reverentes.

— É um belo livro. Seus amigos em Veneza devem admirá-lo muito.

Então Jenneke já é passado, pensa ele. Está morta ou se apaixonou por outra pessoa.

— Às vezes — diz ele — meus amigos na Itália me mandam novos poemas, mas acho que toda a poesia se encontra aqui... Não que uma página de números seja um verso, mas qualquer coisa precisa é bela, qualquer coisa equilibrada em todas as suas partes, qualquer coisa proporcional... concorda?

Ele indaga por que Sabá tem tamanho poder de atrair o olhar do rapaz. É impossível que Avery já tenha visto, conhecido ou ouvido falar de Anselma. Ele pensa, eu falei de Anselma a Henrique, numa daquelas tardes em que contei um pouco a meu rei e ele me falou



muito; Henrique falou sobre como treme de desejo quando pensa em Ana, como tentou com outras mulheres — experimentando-as como expediente para reduzir a pulsão do desejo, para que pudesse pensar e falar e agir como um homem razoável — mas falhou com elas... Uma estranha admissão, mas Henrique acha que isto o justifica, pensa que isto afirma a razão de sua busca, pois nada persigo além de uma corça, diz o rei, uma estranha cerva, tímida e arisca, e ela me afasta dos caminhos trilhados por outros homens, e me conduz, sozinho, às profundezas da floresta.

— Bem, vamos deixar este livro em sua mesa. Para consolar você quando nenhuma das contas fizer qualquer sentido.

Ele tem grandes esperanças em Thomas Avery. É fácil empregar um menino para somar o total das colunas e colocá-lo debaixo de seu nariz, rubricá-lo e depois trancá-lo num baú. Mas qual é a utilidade disto? A página de um livro contábil existe para seu uso, como um poema de amor. Não para que alguém a aprove e a abandone em seguida; ela existe para abrir o coração às possibilidades. Como as escrituras: elas existem para que o homem pense a respeito e se entregue à ação. Ame ao próximo. Estude o mercado. Semeie a bondade. Traga números melhores no ano que vem.

A data da execução de James Bainham é marcada para 30 de abril. Ele não pode recorrer ao rei, não com qualquer esperança de perdão. Há muito, Henrique recebeu o título de Defensor da Fé, e ainda está disposto a mostrar que o merece.

Em Smithfield, no tablado construído para os dignitários, ele encontra o embaixador veneziano, Carlo Capello. Eles trocam medidas.

— Em que papel está aqui, Cromwell? Como amigo deste herege ou por virtude de sua posição? Aliás, qual é a sua posição? Só o diabo sabe.

— E tenho certeza de que ele há de contar a Vossa Excelência na próxima vez em que tiverem uma conversa em particular.

Envolto em seu manto de chamas, o homem agonizante grita, “Que o Senhor perdoe a Thomas More”.

A 15 de maio, os bispos assinam um documento de submissão ao rei, afirmando que não criarão novas leis eclesiásticas sem a licença do monarca e submeterão todas as leis existentes à revisão de uma bancada que incluirá laicos — membros do Parlamento e nomeados pelo rei. Os sacerdotes não se reunirão em assembleia sem a licença do rei.

No dia seguinte, ele se encontra numa galeria em Whitehall com vista para um pátio interno, um jardim, onde o rei espera e o duque de Norfolk perambula de um lado a outro. Ana está na galeria a seu lado. Ela usa um vestido vermelho-escuro de damasco estampado, tão pesado que seus pequenos ombros brancos parecem vergar dentro da roupa. Às vezes, numa espécie de pesquisa da imaginação, ele se imagina pousando a mão no ombro dela e seguindo com o polegar o côncavo entre a garganta e a clavícula; imagina seu indicador tracejando a linha onde os seios se inflam acima do corpete, como uma criança segue uma linha impressa.

Ela vira a cabeça e abre um meio-sorriso.

— Lá vem ele. Não está mais usando o colar de lorde chanceler. O que terá feito com ele?

Thomas More parece exausto e cabisbaixo. Norfolk aparenta tensão.

— Há meses que meu tio vem tentando arranjar isto — diz Ana. — Mas o rei não será dobrado. Ele não quer perder More. Henrique deseja agradar a todo mundo. Sabe como é.

— Ele conheceu Thomas More ainda jovem.

— Ainda jovem, eu conheci o pecado.

Eles se entreolham e sorriem.

— Veja ali — prossegue Ana. — O senhor acha que é o Selo da Inglaterra, aquilo que ele leva na bolsa de couro?

Quando Wolsey teve de devolver o Grande Selo, ele arrastou o processo por dois dias. Mas hoje, naquele paraíso particular, o rei aguarda com a mão aberta.

— Quem será agora? — indaga Ana. — Na noite passada, Henrique disse, meus lordes chanceleres só me causam infelicidade. Talvez eu deva viver sem eles.

— Os advogados não gostarão disto. Alguém deve governar as cortes.

— Então, quem você imagina?

— Faça a cabeça do rei para que ele aponte o presidente da Câmara. Audley fará um trabalho honesto. O rei pode testá-lo no papel por um período, se quiser, e depois, se não gostar dele, não precisará confirmá-lo. Mas creio que ele gostará. Audley é um bom advogado, e é independente, mas sabe como se fazer útil. E ele me compreende, acho.

— E pensar que alguém consegue isto! Deveríamos descer?

— Não consegue resistir?

— Não mais que o senhor.

Eles descem pela escadaria interna. Ana coloca as pontas dos dedos sobre seu braço. No jardim abaixo, há rouxinóis presos em gaiolas penduradas. Absolutamente mudos, eles se escondem da luz do sol. Um chafariz cascadeia numa bacia. O aroma de tomilho se eleva dos canteiros. De dentro do palácio, alguém ri fora das vistas, mas o ruído é interrompido como se uma porta se fechasse. Cromwell se inclina, pega um ramo de erva e esfrega o aroma na palma da mão. O perfume o transporta a outro lugar, muito distante dali. More faz sua medida a Ana. Ela retribui quase imperceptivelmente com a cabeça. Ana faz uma profunda medida a Henrique e se posiciona a seu lado, os olhos no chão, e Henrique segura seu pulso; ele deseja dizer-lhe algo, ou apenas estar a sós com a dama.

— Sir Thomas?

Ele oferece a mão. More recusa. Mas depois pensa melhor, dá meia-volta e a aceita. Seus dedos estão gelados.

— O que fará agora?

— Escrever. Orar.

— Eu recomendo que escreva só um pouco, e ore bastante.

— Ah, isto é uma ameaça? — More está sorrindo.

— Talvez seja. É minha vez, não acha?

Quando o rei avista Ana, seu rosto se ilumina. Seu coração flameja; na mão de seu conselheiro, ele arde ao toque.

Ele encontra Gardiner em Westminster, num de seus enfumaçados pátios de fundos, aonde a luz do sol jamais chega.

— Meu lorde bispo?

Gardiner junta as sobrancelhas de taturana.

— Lady Ana me pediu que pensasse numa residência de campo para ela.

— E o que tenho com isso?

— Deixe-me mostrar de que modo meus pensamentos se encadeiam. A casa deve estar localizada em algum lugar junto ao rio, conveniente para Hampton Court e para a viagem de sua barca para Whitehall e Greenwich. Deve estar conservada, já que Ana não tem paciência e não esperará por reformas. Algum lugar com belos jardins, bem estabelecido... E aí pensei, que a tal propriedade de Stephen em Hanworth, concedida pelo rei quando ele se tornou secretário-mor?

Mesmo à luz fraca, ele vê os pensamentos que se sucedem na cabeça de Stephen. Ah, meu fosso e minhas pequeninas pontes, meus roseirais e canteiros de morangos, meu jardim de ervas, minhas colmeias, meus lagos e pomares, ah, meus medalhões italianos de terracota, minha marchetaria, minha prataria, minhas galerias, minha fonte em concha, meu campo de cervos.

— Seria gracioso de sua parte oferecer a concessão a Ana. Antes que se torne uma ordem real. Uma boa ação para contrastar à teimosia dos bispos? Ora, vamos, Stephen. Você tem outras casas. Até parece que dormirá sob um monte de feno.

— Neste caso — retruca o bispo —, imagino que um de seus garotos apareceria com um cão furioso para me arrancar de meus sonhos.

Os pulsos de roedor de Gardiner latejam; seus olhos cintilam, negros e úmidos. Ele urra por dentro, de indignação e fúria reprimida. Contudo, se pensar a respeito, Stephen pode ficar um

tanto aliviado, pois a conta chegou cedo e ele tem condições de pagar.

Gardiner ainda é secretário-mor, mas ele, Cromwell, agora vê o rei quase todos os dias. Se Henrique deseja conselhos, ele os tem, e se o assunto está fora de sua alçada, ele encontra outra pessoa para fazê-lo. Se o rei tem uma reclamação, ele dirá, deixe comigo: isto é, se seu favor real me permite prosseguir? Se o rei está de bom humor, ele está pronto para rir, e se o rei está infeliz, ele é gentil e cuidadoso no trato com o monarca. O rei começou a tomar medidas de dissimulação, que o embaixador da Espanha não deixou de notar com olhos sempre aguçados.

— Ele o encontra em particular, e não em sua câmara de recepção — ele diz. — O rei prefere que seus nobres não saibam com que frequência ele o consulta. Se você fosse menor, seria levado e trazido numa cesta de roupas. Do jeito que as coisas vão, acho que aqueles cavalheiros tão maldosos da câmara privada não deixarão de contar aos amigos, que espalharão boatos sobre seu sucesso e calúnias a seu respeito, e farão tramas para derrubá-lo... Se me permite oferecer uma imagem que fará sentido para você. — O embaixador sorri. — Acertei na mosca?

Numa carta de Chapuys ao imperador, que por acaso viaja por meio do Sr. Wriothesley, ele é informado de seu próprio caráter. Me-Chame-de-Risley lhe recita a carta em voz alta:

— Ele diz que seus antecedentes são obscuros, sua juventude foi desgovernada e selvagem, que o senhor é um herege de longa data, uma desgraça para o cargo de conselheiro; mas, pessoalmente, ele acha que o senhor é um homem de bom humor, liberal, generoso, gracioso...

— Eu sabia que ele gostava de mim. Eu deveria pedir um cargo a ele.

— Ele diz que, pela maneira como o senhor adentrou a confiança de Henrique, só pode ter prometido que faria dele o rei mais rico que a Inglaterra já teve.

Ele sorri.

Em fins de maio, dois peixes de pródigas dimensões são tirados do Tâmis, ou melhor, agonizantes, encalham nas margens

lamacentas.

— Alguém espera que eu tome alguma providência a respeito? — pergunta ele quando Johane traz a novidade.

— Não — responde ela. — Pelo menos eu acho que não. É um portento, não? É um sinal, só isso.

Em fins de julho, ele recebe uma carta de Cranmer, vinda de Nuremberg. Antes desta, Cranmer escreveu dos Países Baixos, pedindo conselhos sobre suas negociações comerciais com o imperador, assuntos em que ele se sente fora de seu meio; e, de cidades ao longo do Reno, ele explicitou suas esperanças de que o imperador alcançasse um acordo com os príncipes luteranos, pois necessita de tal ajuda contra os turcos na fronteira. Cranmer fala do quanto luta para se tornar apto no habitual jogo diplomático inglês: oferecendo a amizade do rei inglês, exibindo promessas de ouro inglês e, ao mesmo tempo, abstendo-se de entregar as duas coisas.

Mas esta carta é diferente. Ela foi ditada, escrita na caligrafia de um secretário. Fala da ação do Espírito Santo no coração. Rafe lê a carta em voz alta para ele, e aponta algumas palavras na letra de Cranmer, no pé da página e subindo para a margem esquerda: "Algo aconteceu, que não deve ser confiado a uma carta. Pode causar agitação. Alguns diriam que fui imprudente. Necessito de seus conselhos. Guarde sigilo".

— Bem — comenta Rafe —, vamos perambular pela Cheap, gritando, "Thomas Cranmer tem um segredo, não sabemos qual é!"

Uma semana depois, Hans Holbein aparece em Austin Friars. Ele alugou uma casa em Maiden Lane e se hospeda no Steelyard enquanto ela é reformada.

— Deixe-me ver sua nova pintura, Thomas — ele diz ao entrar, parando diante do quadro. Ele cruza os braços e recua um passo. — Conhece essa gente? A semelhança é grande?

Dois banqueiros italianos associados contemplam o observador, mas anseiam por trocar olhares entre si; um veste sedas, o outro, peles; um vaso de cravos, um astrolábio, um pintassilgo, uma

ampulheta com metade da areia já corrida; através de uma janela arcada, um navio com cordames de seda e velas translúcidas flutua num espelho de mar. Hans dá as costas à imagem, satisfeito.

— Como ele consegue esta expressão nos olhos, tão dura e a um só tempo tão dissimulada?

— Como vai Elsbeth?

— Gorda. Triste.

— E é de surpreender? Vai para casa, faz um filho nela e volta para cá.

— Admito não ser um bom marido. Só mando o dinheiro para casa.

— Quanto tempo passará conosco?

Hans resmunga, traga sua taça de vinho e fala do que deixou para trás: fala sobre a Basileia, sobre os cantões e cidades suíças. Sobre as revoltas e batalhas travadas. Ter ou não ter imagens. Ter ou não ter estátuas. É o corpo de Deus, não é o corpo de Deus, é mais ou menos o corpo de Deus. É o sangue dEle, não é o sangue dEle. Padres podem casar, padres não podem casar. Há sete sacramentos, só há três. O crucifixo do qual nos aproximamos de joelhos e reverenciamos com nossos lábios, ou o crucifixo que desbastamos e queimamos em praça pública.

— Não tenho qualquer simpatia pelo papa, mas me canso disso. Erasmo fugiu para a companhia dos papistas em Freiburg e eu corro para você e Junker Heinrich. É assim que Lutero chama seu rei inglês: "Sua Infelicidade, o rei da Inglaterra". — Ele limpa a boca. — Tudo que quero é fazer um bom trabalho e que me paguem por isso. E prefiro não ter meus esforços anulados por algum sectário com um balde de cal.

— Veio até aqui em busca de paz e tranquilidade? — Ele balança a cabeça. — Tarde demais.

— Acabei de passar pela Ponte de Londres e vi que atacaram a estátua da Virgem. E derrubaram a cabeça do menino.

— Isso ocorreu há algum tempo. Deve ter sido aquele demônio, Cranmer. A gente só sabe quem o doutor realmente é depois que ele bebe um copo.

Hans sorri.

— Sente falta dele. Quem imaginaria que se tornariam amigos?  
— O velho Warham não está bem. Se ele morrer neste verão, Lady Ana pedirá a Cantuária para meu amigo.

Hans fica surpreso.

— E não para Gardiner?

— Ele desperdiçou sua chance com o rei.

— O pior inimigo de Stephen é o próprio Stephen.

— Eu não diria isto.

Hans ri.

— Seria uma grande promoção para o Dr. Cranmer. Mas ele não vai aceitar. Não Cranmer. Tamanha pompa. Ele gosta de seus livros.

— Ele vai aceitar. Será um dever para ele. Até os melhores entre nós são forçados a agir contra sua natureza.

— Como assim, Cromwell também?

— É uma afronta à minha natureza ter meu antigo chefe aparecendo para me ameaçar em minha própria casa, e aceitá-lo em silêncio, como eu faço. Esteve em Chelsea?

— Sim. É uma família triste.

— Eles alegaram que More se demitiu devido a problemas de saúde. Para não constranger ninguém.

— More diz ter uma dor aqui — Hans esfrega o peito — que o acomete quando ele começa a escrever. Mas os outros parecem muito bem. A família na parede, quero dizer.

— Agora não precisa mais ir a Chelsea para pleitear encomendas. O rei me colocou para trabalhar na Torre, estamos restaurando as fortificações. Ele mandou construtores, pintores e gravadores para lá, estamos desmontando os velhos aposentos reais e fazendo algo mais refinado, e vou construir novas acomodações para a rainha. Veja bem, neste país, reis e rainhas dormem na torre na noite anterior à coroação. Quando chegar o dia de Ana, haverá bastante trabalho para você. Haverá cerimônias a projetar, banquetes, e a cidade encomendará trabalhos em ouro e prata para presentear ao rei. Fale com os mercadores da Hansa, eles desejarão dar um espetáculo. Incite-os a planejar. Garanta o trabalho, antes que metade dos artesãos da Europa esteja aqui.

— Ela terá que usar novas joias?



— Ela ficará com as de Catarina. Ana ainda não perdeu todo o bom-senso.

— Eu gostaria de pintá-la. Ana Bolena.

— Não sei. Talvez ela não queira ser estudada.

— Dizem que não é bonita.

— Não, talvez não seja. Você não a escolheria para posar como a Primavera. Ou para uma estátua da Virgem. Ou uma alegoria da Paz.

— E então o quê? Eva? Medusa? — Hans ri. — Não responda.

— Ela tem grande presença, esprit... Talvez você não consiga colocá-lo numa pintura.

— Estou vendo que me acha limitado.

— Alguns temas resistem a você, tenho certeza.

Richard entra.

— Francis Bryan está aqui.

— O primo de Lady Ana. — Ele fica de pé.

— O senhor deve ir a Whitehall. Lady Ana está destruindo a mobília e estilhaçando os espelhos — informa Richard.

Ele pragueja entre dentes.

— Cuide do jantar de mestre Holbein.

Francis Bryan ri tanto que o cavalo se agita sob o dono, inquieto, e saltita de lado, pondo transeuntes em perigo. No momento em que chegam a Whitehall, ele já desenredou a história: Ana acabou de descobrir que a esposa de Harry Percy, Mary Talbot, está prestes a apresentar uma petição de divórcio ao Parlamento. Mary diz que o esposo não partilha de sua cama há dois anos e, quando ela finalmente perguntou o motivo, ele respondeu que já não podia seguir com uma farsa; que eles não eram um verdadeiro casal e jamais tinham sido, porque ele é esposo de Ana Bolena.

— Minha ama está furiosa — diz Bryan. Seu tapa-olho, bordado com pedras preciosas, cintila quando ele ri. — Ana diz que Harry Percy estragará tudo. Ela não decidiu se vai acabar com a vida dele num só golpe de espada ou despedaçá-lo aos poucos durante quarenta dias de tortura, como se faz na Itália.

— Essas histórias são muito exageradas.

Ele jamais testemunhou as explosões de ira de Lady Ana, nem mesmo chega a acreditar nelas. Quando ele é recebido, ela está marchando de um lado a outro, as mãos entrelaçadas, e parece pequena e tesa, como se tivesse sido costurada com pontos apertados demais. Três damas — Jane Rochford, Mary Shelton, Maria Bolena — seguem-na com os olhos. Uma pequena tapeçaria, que talvez deveria estar na parede, se vê amarfanhada no chão. Jane Rochford diz:

— Nós varremos os cacos de vidro.

— Sir Thomas Bolena, monsenhor, está sentado à mesa, diante de uma pilha de papéis. George se encontra junto dele, instalado numa banqueta. George tem a cabeça nas mãos; suas mangas estão apenas semibufantes. O duque de Norfolk olha para o interior da lareira, onde uma fogueira está pronta mas apagada, talvez tentando atear fogo à lenha com o poder de seu olhar.

— Feche a porta, Francis — ordena George —, e não deixe ninguém mais entrar.

Ele é a única pessoa na sala que não pertence à família Howard.

— Sugiro que façamos as malas de Ana e a enviemos a Kent — diz Jane Rochford. — A ira do rei, uma vez que desperta...

George:

— Não diga mais uma palavra, ou vou bater em você.

— É meu conselho honesto. — Jane Rochford, que Deus a proteja, é uma daquelas mulheres que não sabem quando parar. — Sr. Cromwell, o rei indicou que deve haver um inquérito. O tema será exposto ao conselho. Desta vez, não será possível contorná-lo. Harry Percy dará seu testemunho. O rei não pode fazer tudo o que fez, e tudo o que pretende fazer, a uma mulher que esconde um casamento secreto.

— Bem que eu gostaria de me divorciar de você — reclama George. — Eu gostaria que você tivesse um pacto secreto, mas, Jesus, não há a menor chance, eram tantos homens correndo na direção contrária que nem se via a grama no chão.

Monsenhor ergue a mão.

— Por favor.

— De que adianta chamar o Sr. Crowmell e não dizer a ele o que já aconteceu? — indaga Maria Bolena. — O rei já falou com a senhorita minha irmã.

— Eu nego tudo — responde Ana, como se o rei estivesse plantado à sua frente.

— Bom — responde ele. — Ótimo.

— Admito que o conde falou de amor comigo. Ele me escreveu versos, e, como eu era uma juvenzinha e não via qualquer mal nisso...

Ele quase ri.

— Versos? Harry Percy? Você ainda os tem?

— Não. Claro que não. Nada escrito.

— Isto facilita as coisas — diz ele tranquilamente. — E, claro, não houve qualquer promessa, qualquer pacto, nem mesmo conversas sobre isto.

— E — acrescenta Mary — nenhuma consumação de forma alguma. Não poderia haver. Minha irmã é uma notória virgem.

— E como ficou o rei, ele ficou...?

— Ele saiu do quarto e a deixou lá, plantada — conta Maria.

Monsenhor ergue os olhos. Ele limpa a garganta.

— Nesta exigência, há uma variedade de numerosas abordagens, creio eu, que talvez devêssemos...

Norfolk explode. Ele trepida pelo piso como Satã numa peça de Corpus Christi.

— Ah, pela mortalha três vezes cagada de Lázaro! Enquanto você escolhe uma abordagem, meu senhor, enquanto está selecionando um ponto de vista, a senhorita sua filha é caluniada de cabo a rabo pelo país, a mente do rei é envenenada e a sorte desta família se desfaz bem diante de seus olhos!

— Harry Percy — diz George. Ele ergue as mãos. — Escutem, querem me deixar falar? Segundo entendo, certa vez Harry Percy foi persuadido a esquecer suas alegações, ou seja, se ele foi dobrado uma vez...

— Sim — responde Ana —, mas o cardeal o dobrou, e, mui lamentavelmente, o cardeal está morto.

Há um silêncio: um silêncio doce como música. Sorrindo, ele observa Ana, o monsenhor, Norfolk. Se a vida é uma corrente de ouro, às vezes Deus pendura nela um pingente. Para prolongar o momento, ele cruza a sala e pega a tapeçaria do chão. Tear estreito. Base índigo. Nó assimétrico. Isfahan? Pequenos animais marcham tesos pela tela, serpeando entre canteiros de flores.

— Veja — aponta ele. — Sabe o que são estes? Pavões.

Mary Shelton se aproxima para espiar sobre seu ombro.

— O que são essas cobras com pernas?

— Escorpiões.

— Nossa Senhora, eles não mordem?

— Picam. Lady Ana, se o papa não pode impedi-la de tornar-se rainha, e eu não acho que ele possa, Harry Percy não deveria estar em seu caminho.

— Então escorrace-o para fora — ordena Norfolk.

— Eu imagino que não seria uma boa ideia digo, a família...

— Faça logo isso — interrompe Norfolk. — Vire a cara dele do avesso.

— Figurativamente, claro. Meu amo.

Ana se senta. Ela desvia o rosto do olhar das mulheres. Suas pequenas mãos estão cerradas. Monsenhor revira seus papéis. Perdido em pensamentos, George tira a boina e brinca com seu precioso alfinete, testando a ponta contra o macio de seu indicador.

Ele enrola a tapeçaria e a entrega educadamente a Mary Shelton.

— Grata — ela sussurra, corando como se ele tivesse proposto algo íntimo.

George solta um gritinho; ele conseguiu se espetar. Tio Norfolk rosna, irritado:

— Fedelho idiota.

Francis Bryan o acompanha até a saída.

— Por favor, sinta-se à vontade para me deixar agora, Sir Francis.

— Pensei em sair com o senhor. Quero aprender como o senhor faz.

Ele ajusta o passo, espalma a mão no peito de Bryan, empurra o outro de lado e ouve o estampido do crânio batendo contra a parede.

— Estou com pressa — ele conclui.

Alguém o chama pelo nome. Wriothsesley aparece numa esquina.

— Caminhada de cinco minutos até a placa da estalagem Mark and the Lion.

Me-Chame-de-Risley pôs homens seguindo Harry Percy desde que este chegou a Londres. Sua preocupação era a de que os sabotadores de Ana na corte — o duque de Suffolk e sua esposa, e os sonhadores que acreditam no retorno de Catarina — encontrassem o conde e o encorajassem num sonho do passado que, do ponto de vista deles, seria útil. Mas, ao que parece, nenhum encontro ocorreu: a menos que estejam acontecendo em casas de banho nas margens de Surrey.

Me-Chame-de-Risley vira decididamente em uma alameda, e eles emergem num pátio interno imundo. Ele olha em torno; duas horas com uma vassoura e um coração disposto e este lugar poderia ficar respeitável. A bela cabeça de ouro rubro de Wriothsesley cintila como um farol. São Marcos, rangendo acima de sua cabeça, tem o cabelo cortado como um monge. O leão é pequeno, azul e tem uma cara sorridente. Me-chame-Risley toca o braço de seu patrão: “Ali dentro.” Eles estão prestes a se agachar por uma porta lateral quando ouvem um assovio agudo vindo de cima. Duas mulheres se inclinam de uma janela e, com um grito e uma risada, jogam os seios nus por cima do parapeito.

— Jesus — ele comenta. — Mais damas da família Howard.

Dentro da Mark and the Lion, vários homens exibindo librés de Percy estão tombados por cima ou dormindo sob as mesas. O conde de Northumberland bebe numa sala particular. Seria particular se não fosse a portinhola de serviço, onde a toda hora assomam rostos bisbilhoteiros. O conde o vê.

— Ah. Eu o esperava, de certa forma. — Tenso, ele passa as mãos pelos cabelos tosados, e os fios se eriçam como cerdas por toda a cabeça.

Ele, Cromwell, vai até a portinhola, ergue um dedo para os espectadores e bate a janela na cara deles. Mas quando se senta com o rapaz, tem a voz suave como nunca.

— Bem, meu amo, o que podemos fazer aqui? Como posso ajudá-lo? O senhor diz que não deve viver com sua esposa. Mas ela não deve em beleza a nenhuma outra dama neste reino e, se tem defeitos, nunca ouvi falar deles, então por que não a aceita?

Mas Harry Percy não está ali para ser manobrado como um falcão tímido. Ele está ali para reclamar e choramingar.

— Se eu não podia aceitá-la no dia do nosso casamento, como posso fazê-lo agora? Ela me odeia porque sabe que não somos casados adequadamente. Por que só o rei pode pensar neste assunto, por que eu não posso? Se Henrique tem dúvidas sobre seu casamento, ele berra sobre isso por toda a cristandade, mas quando eu duvido do meu, ele manda o mais subalterno dentre sua criadagem para me bajular e me convencer a voltar para casa e fazer o melhor com o que tenho. Mary Talbot sabe que eu me comprometi com Ana, ela sabe onde meu coração vive e onde sempre viverá. Eu já disse a verdade antes, disse que fizemos um pacto diante de testemunhas e portanto nenhum de nós está livre. Fiz um juramento, e o cardeal me obrigou a rompê-lo; meu pai disse que me deserdaria, mas agora ele está morto e eu já não tenho medo de falar a verdade. Henrique pode ser rei, mas está roubando a esposa de outro homem; Ana Bolena é minha esposa por direito, como ele pretende apresentar-se no dia do juízo, quando estiver nu e privado de seu séquito diante de Deus?

Ele o deixa desabafar. Que ele se perca e gagueje incoerente... amor verdadeiro... juramentos... prometeu que me daria seu corpo, permitiu-me liberdades que só uma noiva permitiria...

— Meu amo — interrompe ele —, o senhor já disse o que tem a dizer. Agora me escute. O senhor é um homem cujo dinheiro está quase dissipado. Eu sou um homem que sabe como o senhor o gastou. O senhor é um homem que pediu empréstimos por toda a Europa. Eu sou um homem que conhece seus credores. Uma palavra minha e suas dívidas serão perdoadas.

— Ah, e o que eles podem fazer? — indaga Percy. — Banqueiros não têm exércitos.

— E tampouco o senhor os tem se seus cofres estão vazios. Olhe para mim agora. Compreenda isto. Detenha seu condado pelo rei. Sua tarefa é segurar o norte. Juntos, os Percy e os Howard nos defendem contra a Escócia. Agora imagine se os Percy já não puderem fazê-lo? Seus homens não lutarão por elogios...

— Eles são meus rendeiros, lutar é dever deles.

— Mas, meu senhor, eles precisam de suprimentos, precisam de provisões, precisam de armas, de muros e fortalezas em boas condições. Se o senhor não puder assegurar estas coisas, então é mais inútil. O rei arrancará seu título, suas terras e castelos, e os dará a alguém que faça o trabalho que o senhor não puder fazer.

— Henrique não fará isso. Ele respeita todos os títulos antigos. Todos os direitos antigos.

— Pois então digamos que eu farei. Digamos que estraçalharei sua vida. Eu e meus amigos banqueiros.

Como explicar isto a Percy? O mundo não se governa como ele imagina. Não em suas fortalezas de fronteira, nem mesmo em Whitehall. O mundo é dirigido na Antuérpia, em Florença, em lugares que ele jamais imaginou; em Lisboa, de onde navios com velas de seda zarpam para o oeste e são castigados pelo sol. Não entre muralhas de castelos, mas em casas contábeis; não pelo chamado do clarim, mas pelo clique do ábaco, não pelo rangido e pelo giro do mecanismo do canhão, mas pelo rabisco da pena sobre a nota promissória que paga pelo canhão, pelo armeiro, pela pólvora e pela munição.

— Eu o imagino sem dinheiro e título — prossegue ele. — Eu o imagino numa choupana, vestindo burel e trazendo um coelho para o cozido em casa. Imagino sua esposa por direito, Ana Bolena, esfolando e esquartejando esse coelho. Desejo-vos toda a felicidade.

Harry Percy desaba sobre a mesa. Lágrimas de ira brotam em seus olhos.

— Vós jamais fechastes um compromisso prévio — continua ele. — Qualquer promessa idiota que tenham feito não possui efeito legal algum. Qualquer entendimento que o senhor acredita ter

estabelecido, nunca existiu entre vós. E há outro problema, meu senhor. Se o senhor disser mais uma palavra sobre a liberdade de Lady Ana — ele recheia a palavra com um volume de repugnância —, terá de responder a mim, aos Howard e aos Bolena, e George Rochford não terá qualquer ternura para com sua pessoa, e lorde Wiltshire humilhará seu orgulho; quanto ao duque de Norfolk, se ele ouvir qualquer imputação contra a honra de sua sobrinha, ele o arrastará para fora do buraco onde o senhor estiver encolhido e arrancará suas bolas a dentadas. Pois bem, isto está claro, meu senhor? — ele pergunta, retomando a amabilidade inicial. Ele cruza a sala e volta a abrir a portinhola de serviço. — Podem espiar agora. — Rostos aparecem; ou, melhor dizendo, apenas testas e olhos que saltitam. Na saída, ele se detém e se volta para o conde. — E eu lhe digo uma coisa, para que não reste dúvida. Se o senhor acha que Lady Ana o ama, não poderia estar mais enganado. Ela o detesta. A única serventia que o senhor pode ter para ela agora, além de morrer, é retirar o que disse à sua pobre esposa e fazer todos os juramentos exigidos para limpar o caminho e deixar que Ana se torne rainha da Inglaterra.

Na saída, ele diz a Wriothsesley:

— Na verdade, eu sinto pena dele.

Me-Chame-de-Risley ri tão intensamente que precisa se apoiar na parede.

No dia seguinte, ele chega cedo à reunião do conselho do rei. O duque de Norfolk assume seu lugar como presidente da mesa, mas depois se retira quando chega a informação de que o próprio rei presidirá a sessão. “E Warham acabou de chegar”, alguém diz: a porta se abre, nada acontece, e depois, letargicamente, o ancião prelado entra arrastando os pés. Ele toma seu assento. Suas mãos tremem ao pousar no tecido à sua frente. A cabeça trepida sobre o pescoço. Sua pele tem a cor de um pergaminho, como no retrato que Hans fez dele. O velho passeia os olhos pela mesa com vagarosas piscadelas de lagarto.



Ele cruza a sala e se põe à frente de Warham do outro lado da mesa, indagando sobre sua saúde; trata-se de uma formalidade, pois é evidente que Warham está morrendo. Ele diz:

— Esta profetisa que os senhores estão abrigando em sua diocese, Eliza Barton. Como andam seus progressos?

Warham mal ergue os olhos.

— O que é que você quer, Cromwell? Minha comissão não encontrou nada contra a moça. Sabe disso.

— Ouvi dizer que ela anda declarando a seus seguidores que, se desposar Lady Ana, o rei só terá um ano de reinado.

— Eu não posso jurar por isso. Não ouvi com meus próprios ouvidos.

— Compreendo que o bispo Fisher foi visitá-la.

— Bem... ou ela o visitou. Ou um ou outro. Por que ela não deveria? Ela é uma jovem abençoada.

— Quem a controla?

A cabeça de Warham parece prestes a tombar de seus ombros.

— Talvez ela seja tola. Talvez esteja enganada. Afinal, ela é apenas uma simples camponesa. Mas ela tem um dom, disto tenho certeza. Quando as pessoas se veem em sua companhia, ela imediatamente adivinha o que as perturba, quais pecados pesam em suas consciências.

— Verdade? Preciso encontrá-la. Eu me pergunto se ela descobriria o que me perturba?

— Basta — diz Thomas Bolena. — Harry Percy chegou.

O conde se apresenta entre dois de seus guardas. Seus olhos estão vermelhos e o odor de vômito velho sugere que ele resistiu aos esforços de sua gente para limpá-lo. O rei entra. É um dia cálido e ele usa sedas claras. Rubis se aglomeram em seus dedos como bolhas de sangue. Ele toma seu assento. E pousa seu impassível olho azul sobre Harry Percy.

No papel de lorde chanceler interino, Thomas Audley dirige o conde por suas negativas. Compromisso prévio? Não. Promessas de algum tipo? Nenhum conhecimento — lamento muito ter que mencionar — carnal? Pela minha honra, não, não e não.

— Triste dizer, mas precisaremos de mais que sua palavra de honra — declara o rei. — O assunto chegou longe demais, senhor.

Harry Percy parece acometido de pânico.

— Então o que devo fazer?

Ele o instrui delicadamente.

— Aproxime-se de Sua Eminência da Cantuária, senhor. Ele está segurando o Livro.

Ou pelo menos é o que o velho tenta fazer. Monsenhor faz menção de ajudá-lo, mas Warham enxota suas mãos. Agarrado à mesa, fazendo o pano deslizar, ele se põe de pé.

— Harry Percy, o senhor vem hesitando e mudando de ideia neste assunto. O senhor afirmou, negou, afirmou e agora é trazido aqui para negar novamente, mas desta vez não apenas perante as vistas dos homens. Agora... o senhor colocará sua mão sobre esta Bíblia e fará o juramento, diante de mim e na presença do rei e de seu conselho, de que está livre de conhecimento ilícito de Lady Ana e de qualquer contrato matrimonial com ela?

Harry Percy esfrega os olhos. Ele estica a mão. Sua voz treme.

— Eu juro.

— Caso encerrado — proclama o duque de Norfolk. — Há de se perguntar como esta história chegou tão longe, não é? — Ele caminha para Harry Percy e o agarra pelo cotovelo. — Não ouviremos mais falar sobre isto, certo, garoto?

O rei intervém:

— Howard, já ouvimos que ele prestou o juramento, agora basta de perturbá-lo. Alguns aqui devem ajudar o arcebispo, não estão vendo que ele não se encontra bem? — Com o ânimo apaziguado, ele sorri para seu círculo de conselheiros. — Cavalheiros, agora partiremos para minha capela privada e assistiremos a Harry Percy tomando a Sagrada Comunhão para selar seu juramento. Depois Lady Ana e eu passaremos a tarde em reflexão e prece. Não quero ser perturbado.

Warham arrasta os pés para o rei.

— Winchester se veste para rezar a missa para Vossa Majestade. Eu voltarei para casa em minha diocese. — Com um murmúrio, Henrique se inclina para beijar-lhe o anel. — Henrique — prossegue

o arcebispo —, vejo que está promovendo em sua corte e conselho pessoas cujos princípios e moral dificilmente resistiriam a maior escrutínio. Eu o vi deificando seu próprio desejo e apetite, para tristeza e escândalo do povo cristão. Fui leal ao senhor, a ponto de violar minha própria consciência. Já devotei muito a Vossa Majestade, mas agora fiz a última coisa que farei na vida.

Em Austin Friars, Rafe espera por ele.

— Sim?

— Sim.

— Bem, e agora?

— Agora Harry Percy pode pedir mais dinheiro emprestado e se aproximar um pouco mais de sua ruína. Um progresso que terei prazer em facilitar. — Ele se senta. — Acho que um dia arrancarei o condado daquele homem.

— Como o senhor faria isto? — Ele dá de ombros: não sei. — O senhor não gostaria que os Howard tivessem mais influência sobre as fronteiras do que já têm.

— Não. É possível que não. — Ele pondera. — Pode trazer os papéis sobre a profetisa de Warham?

Enquanto espera, ele abre a janela e baixa os olhos para o jardim. A cor das rosas em seus canteiros foi desbotada pelo sol. Sinto muito por Mary Talbot, ele pensa; ela não terá vida fácil depois disso. Por alguns dias, apenas alguns, ela foi o grande assunto na corte do rei, em lugar de Ana. Ele pensa em Harry Percy, entrando para prender o cardeal, as chaves na mão; pensa na guarda que ele montou em torno do leito de morte do homem.

Ele se apoia na janela. Será que eu poderia ter pessegueiros? Rafe chega com o maço de papéis.

Ele corta a fita e aplaina as cartas e memorandos. Este assunto desagradável começou há seis anos, numa capela em ruínas nos limites dos pântanos de Kent, quando uma estátua da Virgem começou a atrair peregrinos e uma mulher de nome Elizabeth Barton passou a dar espetáculos para eles. Primeiro de tudo, o que a estátua fez para atrair atenção? Provavelmente se moveu; ou chorou

sangue. A moça é órfã, e foi criada na casa de um agente imobiliário de Warham. Ela tem uma irmã e nenhum outro familiar. Ele diz a Rafe:

— Ninguém lhe dava a menor atenção antes de ela alcançar mais ou menos 20 anos. Depois ela pegou alguma doença e, quando melhorou, começou a ter visões e a falar em vozes estranhas. Ela diz que viu São Pedro nos portões do céu com as chaves. Viu São Miguel pesando almas. Se alguém perguntar a ela onde estão seus parentes mortos, ela pode dizer. Se estão no Céu, ela fala com voz aguda. Se no Inferno, com voz grave.

— Poderia ter um efeito cômico — comenta Rafe.

— Você acha? Que garoto mais irreverente eu criei. — Ele lê, e depois ergue os olhos. — Às vezes ela passa nove dias sem comer. Às vezes cai ao chão subitamente. Não surpreende, não é? Ela sofre de espasmos, torções e transes. Soa bastante desagradável. Ela foi entrevistada por meu lorde cardeal, mas... — sua mão remexe os papéis —, não há nada aqui, nenhum registro do encontro. Eu me pergunto o que aconteceu. Provavelmente ele tentou incitá-la a comer o jantar, ela não deve ter gostado disso. Segundo consta, ela está num convento da Cantuária. A capela em ruínas ganhou um novo teto e o dinheiro está entrando para o clero local. Ela faz curas. Os paráliticos caminham, os cegos veem. Velas acendem sozinhas. Os peregrinos se aglomeram nas estradas. Por que sinto que já ouvi esta história antes? Ela vive com um bando de monges e padres à sua volta, que dirigem os olhos do povo para o céu enquanto esvaziam seus bolsos. E podemos presumir que são estes mesmos monges e padres que a instruíram a esbravejar sua opinião sobre o casamento do rei por aí.

— Thomas More a conheceu. E Fisher também.

— Sim, não me esqueci disso. Ah, e... veja aqui... Maria Madalena mandou uma carta para ela, com iluminaras em ouro.

— Ela consegue ler?

— Sim, pelo visto, consegue. — Ele ergue os olhos. — O que acha? O rei aguentaria ser insultado, se fosse por uma virgem santa. Imagino que ele está acostumado com isso. Ana o critica com bastante frequência.

— Provavelmente ele tem medo.

Rafe esteve na corte com ele; pelo visto, ele compreende Henrique melhor que certas pessoas que conviveram com ele por toda a vida.

— Claro que tem. Henrique acredita em donzelas simplórias que falam com santos. Ele tem disposição para acreditar em profecias, ao passo que eu... Eu acho que deveríamos deixar a coisa correr por um tempo. Vejamos quem a visita. Quem faz ofertas. Certas damas nobres andaram em contato com ela, querendo saber seu destino e pedindo por suas preces para sacar suas mães do Purgatório.

— A Sra. Exeter — exemplifica Rafe.

Henry Courtenay, marquês de Exeter, é o parente varão mais próximo do rei, sendo neto do velho rei Eduardo; assim, ele será útil ao imperador, se este chegar com suas tropas para enxotar Henrique e colocar um novo rei no trono.

— Fosse eu Exeter, não deixaria minha esposa dar ouvidos a uma garota de miolo mole que alimenta suas fantasias de que ela um dia será rainha. — Ele começa a redobrar os papéis. — Essa moça, sabe, ela alega ser capaz de ressuscitar os mortos.

No funeral de John Petyt, enquanto as mulheres estão no andar de cima fazendo companhia a Lucy, ele convoca uma reunião de improviso no andar de baixo do Lion's Quay, para falar com seus colegas do comércio sobre desordens na cidade. Antonio Bonvisi, amigo de More, pede licença e diz que irá para casa.

— Que a Trindade os abençoe e prospere — ele diz, recuando e levando consigo a ilha de gelo ambulante que o seguiu desde sua chegada inesperada. — Sabe — ele comenta, virando-se à porta —, se há alguma questão quanto a um auxílio à Sra. Petyt, eu ficarei feliz em...

— Não há necessidade. Ela ficou rica.

— Mas a cidade permitirá que ela continue a tocar o negócio?

Ele o interrompe:

— Eu tenho tudo sob controle.

Bonvisi assente e sai.

— É surpreendente que ele tenha dado as caras. — John Parnell, da Companhia dos Tecelões, tem uma história de conflitos com More. — Sr. Cromwell, se o senhor está encarregado disso, isto significa que... O senhor tem em mente propor a Lucy?

— Eu? Não.

Humphrey Monmouth:

— Será que podemos fazer nossa reunião primeiro e arranjar casamentos depois? Sr. Cromwell, estamos preocupados, como o senhor também deve estar, como o rei deve estar... Eu acho que todos aqui — ele olha em torno —, agora que Bonvisi se foi, todos aqui somos simpatizantes da causa que, com efeito, fez de nosso falecido irmão Petyt um mártir, mas é apropriado que guardemos a paz, que nos desassociemos de qualquer sinal de blasfêmias...

No último domingo, numa paróquia da cidade, no momento sagrado da elevação da hóstia e exatamente quando o padre pronunciou, "*hoc est enim corpus meum*", houve uma erupção de cânticos, "*hoc est corpus, hocus pocus*". E na paróquia adjacente, na celebração dos santos, quando o padre exige que recordemos nosso laço com os mártires sagrados, "*cum Joanne, Stephano, Mathia, Barnaba, Ignatio, Alexandro, Marcellino, Petro...*", alguém gritou, "e não se esqueça de mim e de minha prima Kate, e Dick com seu barril em Leadenhall, e sua irmã Susan e seu cachorrinho Posset".

Ele cobre a boca com a mão.

— Se Posset precisar de advogado, sabem onde me encontrar.

— Sr. Cromwell — diz um ancião encarquilhado da Companhia dos Curtidores —, o senhor convocou esta reunião. Dê o exemplo de gravidade.

— Há baladas escritas sobre Lady Ana — comenta Monmouth. — As palavras não são apropriadas para este grupo. Os criados de Thomas Bolena reclamam que são ofendidos na rua. Que as pessoas jogam esterco em suas librés. Os mestres precisam controlar seus aprendizes com firmeza. E conversas traiçoeiras deveriam ser denunciadas.

— A quem?

Ele diz:

— Experimentem a mim.

Ele encontra Johane em Austin Friars. Ela deu certa desculpa para ficar na casa: uma gripe de verão.

— Pergunte-me qual segredo sei — pede ele.

Para manter as aparências, ela limpa o nariz.

— Deixe-me ver. Por 1 xelim: sabe quanto o rei tem em sua tesouraria?

— Até o último centavo. Não é isso. Pergunte. Minha cara irmã.

Quando ela cansa de adivinhar, ele revela:

— John Parnell se casará com Lucy.

— Como é? E John Petyt nem esfriou ainda? — Ela desvia o rosto para se recuperar do que quer que esteja sentindo. — Seus amigos adeptos realmente não se separam. A casa de Parnell não está livre de sectários. Ele tem um criado na prisão do bispo Stokesley, ouvi dizer.

Richard Cromwell coloca a cabeça pela porta.

— Senhor. A Torre. Tijolos. Cinco xelins o milheiro.

— Não.

— Certo.

— Seria de imaginar que ela agora se casaria com um tipo de homem mais seguro.

Ele vai até a porta.

— Richard, volte aqui. — Ele se vira para Johane. — Acho que ela não conhece nenhum.

— Senhor?

— Baixe para 6 pences, e conte cada lote. O que deve fazer é escolher alguns em cada carregamento, e examiná-los com precisão.

Johane no interior da sala, às costas dele:

— De qualquer maneira, você fez a coisa mais sábia.

— Por exemplo, meça os tijolos... Johane, você acha que eu me casaria por alguma espécie de inadvertência? Por acidente?

— Perdão? — indaga Richard.

— Pois se você começa a medi-los, os oleiros entram em pânico, e verá na cara deles se estão tentando algum truque.

— Imagino que o senhor tenha alguma dama em vista. Na corte. O rei lhe deu um novo cargo...

— Secretário do inventário. Sim. Um posto no gabinete de finanças... Não aponta ao caminho florido de um caso de amor.

Richard desce, estrondeando pelas escadas.

— Sabe o que eu acho?

— Acha que eu deveria esperar. Até que ela, aquela mulher, seja rainha.

— Acho que é o transporte que encarece os preços. Até mesmo por barca. Eu deveria ter aberto um pavilhão e construído minhas próprias fornalhas.

Domingo, 1º de setembro, em Windsor: Ana se ajoelha diante do rei para receber o título de marquesa de Pembroke. Os cavaleiros da Jarreteira a observam em seus camarotes, as nobres damas da Inglaterra a flanqueiam e (após recusa da duquesa, que cuspiu uma praga à sugestão) a filha de Norfolk, Mary, carrega sua tiara numa almofada; os Howard e os Bolena estão *en fête*. O monsenhor acaricia a própria barba, assente e sorri enquanto Ana recebe congratulações murmuradas do embaixador francês. O bispo Gardiner proclama o novo título de Ana. Ela está vívida em veludo vermelho e arminho, e seus cabelos negros caem, ao estilo virginal, em mechas sinuosas até sua cintura. Ele, Cromwell, organizou os rendimentos de 15 cidadelas para custear a elevação.

Um *Te Deum* é rezado. Um sermão é dito. Quando a cerimônia acaba e as mulheres se inclinam para segurar a cauda do vestido de Ana, ele tem um vislumbre de azul, como uma alcíona, e ergue os olhos para ver a jovem filha de John Seymour entre as damas da família Howard. Um cavalo de batalha ergue a cabeça ao som das trombetas, e as grandes damas levantam o olhar e sorriem; mas quando os músicos tocam um floreado e a procissão deixa a Capela de São Jorge, ela conserva baixo seu rosto pálido, os olhos nos pés como se temesse tropeçar.

No banquete, Ana senta junto a Henrique na tribuna, e, quando se volta para falar com o rei, seus cílios negros tocam suas faces. Ela está quase lá agora, quase lá, o corpo teso como a corda de um arco, a pele polvilhada com ouro, tons de abricó e mel; quando sorri,



o que não faz com frequência, ela mostra dentes pequeninos, brancos e afiados. Ela diz a ele que planeja confiscar a barcaça real de Catarina e mandar queimar as iniciais H & C; ela obliterará todos os brasões de Catarina. O rei mandou buscar as joias de Catarina para que ela possa usá-las na viagem planejada à França. Ele passou uma tarde com ela, duas, três tardes no excelente clima de setembro, com o ourives do rei junto a ela, fazendo desenhos, e ele, o Guardião da Casa de Joias, acrescentando sugestões; Ana quer novos engastes. A princípio, Catarina se recusou a entregar as joias. Ela disse que não podia abrir mão da propriedade da rainha da Inglaterra e colocá-la nas mãos da desgraça da cristandade. Foi preciso uma ordem real para obrigá-la a entregar os despojos.

Ana recorre a ele para tudo; ela diz, rindo, "Cromwell, o senhor é meu homem". O vento é favorável e a maré corre por ele. Ele pode sentir o impulso sob seus pés. Seu amigo Audley certamente será confirmado como chanceler; o rei já se habitua a ele. Os velhos cortesãos se demitiram, para não servir Ana; o novo intendente da casa é Sir William Paulet, seu amigo desde a época de Wolsey. Muitos dos novos cortesãos são seus amigos dos tempos de Wolsey. E o cardeal não empregava idiotas.

Depois da missa e da nomeação de Ana, ele visita o bispo de Winchester, que está despindo seus hábitos canônicos e vestindo roupas mais adequadas para celebrações seculares.

— Vai dançar? — pergunta-lhe ele.

Ele se senta num parapeito de pedra, prestando pouca atenção ao que ocorre nas cortes abaixo, aos músicos que levam flautas e alaúdes, harpas e rabecas, oboés, violas e tambores.

— O senhor poderia fazer uma bela figura. Ou não dança mais, agora que é bispo?

A conversa de Stephen segue um rumo próprio.

— Seria de imaginar que fosse o bastante para qualquer mulher, não? Ser nomeada marquesa por seus próprios méritos? Ela se renderá a ele agora. Um herdeiro na barriga, por favor, Deus, antes do Natal.

— Ah, deseja o sucesso dela?

— Eu quero que o temperamento de Henrique seja apaziguado. E que algo resulte dessa história. Que não tenhamos feito tudo isto por nada.

— Sabe o que Chapuys anda dizendo a seu respeito? Que tem duas mulheres em sua casa, disfarçadas de rapazes.

— Eu? — Ele franze a testa. — Imagino que é melhor que ter dois rapazes disfarçados de mulheres. Isso sim seria um opróbrio. — Stephen solta uma gargalhada. Eles se dirigem juntos para o banquete. Trolly-lolly, cantam os músicos. “Passatempo em boa companhia, que amo e hei de amar até morrer.” A alma é musical por natureza, dizem os filósofos. O rei chama Thomas Wyatt para cantar com ele, e o músico Mark. “Ai de mim, que hei de fazer por amor? Por amor, ai de mim, que hei de fazer?”

— Tudo que lhe passar pela cabeça — responde Gardiner. — Não há limites, até onde vejo.

Ele diz:

— O rei é bom para quem acredita que ele é bom. — Ele murmura para o bispo, abafado pela música.

— Bem — comenta Gardiner —, quando há uma mente infinitamente flexível. Como a sua deve ser, estou vendo.

Ele fala com a Srta. Seymour.

— Veja — ela diz, levantando as mangas. O azul vibrante com que ela fez as barras, aquele vislumbre de alcíona, foi cortado da seda em que ele embalou o livro de pontos de bordado para ela. Como andam as coisas agora em Wolf Hall, ele pergunta, tão estrategicamente quanto possível. É como perguntar sobre uma família no rastro de um incesto? Ela responde em sua clara vozinha:

— Sir John está muito bem. Mas, em todo caso, Sir John está sempre bem.

— E os outros?

— Edward irado, Tom angustiado, a senhora minha mãe trincando os dentes e batendo portas. A colheita está chegando, as maçãs estão nos galhos, as criadas na ordenha, nosso capelão em suas preces, as galinhas botando ovos, os alaúdes afinados, e Sir John... Sir John como sempre está ótimo. Por que o senhor não inventa algum compromisso em Wiltshire e viaja até lá para nos

inspecionar? Ah, e se o rei conseguir uma nova esposa, ela precisará de matronas para servi-la, e minha irmã Liz está chegando à corte. O esposo é governador de Jersey, o senhor o conhece, Anthony Oughtred? Pessoalmente, eu preferiria partir para o norte e servir à rainha. Mas dizem que ela se mudará novamente, e que estão reduzindo o séquito dela.

— Se eu fosse seu pai... não... — Ele reformula: — Se eu tivesse de lhe dar um conselho, seria o de servir Lady Ana.

— A marquesa — ela pondera. — Claro, é bom ser humilde. Ela faz questão que sejamos.

— Este é um momento difícil para ela. Imagino que ela ficará mais branda após conquistar o desejo de seu coração.

No meio da frase, ele já sabe que isto não é verdade.

Jane baixa a cabeça e olha para ele por sob as pálpebras.

— Este é meu rosto humilde. Acha que serve?

Ele ri.

— Esse rosto pode levá-la aonde a senhorita quiser.

Enquanto os dançarinos descansam das galhardas, pavanas e almanas e se abanam, Cromwell e Wyatt entoam a cantiga do soldadinho: Scaramella foi à guerra, com seu escudo e sua lança. É melancólica, como são todas as canções, não importando a letra, quando a luz cai e a voz humana, desacompanhada, é mesclada às sombras do salão. Charles Brandon pergunta:

— De que fala esta canção, é sobre uma dama?

— Não, é sobre um menino que parte para a guerra.

— E qual é sua sorte?

— "*Scaramella fa la gala*". Para ele, tudo não passa de uma grande festa.

— Eram dias melhores — comenta o duque. — Para batalhar.

O rei canta com o alaúde; sua voz é forte, sincera, plangente: "Quando caminhei por ermos bosques." Algumas mulheres choram, talvez em grande parte pelos fortes vinhos italianos.

Na Cantuária, o arcebispo Warham jaz frio numa placa de pedra; moedas do reino são depositadas sobre suas pálpebras, como se para selar a imagem de seu rei em seu cérebro por toda a eternidade. Ele espera para ser enterrado no solo da catedral, na

úmida tumba vaga junto aos ossos de Becket. Sentada, rija como uma estátua, Ana tem os olhos postos em seu amante. Só seus dedos inquietos se movem; ela segura no colo um de seus cãezinhos, e suas mãos correm incessantemente por seu pelo, torcendo seus cachos. Quando silencia a última nota, velas são trazidas.

Outubro, e partimos para Calais — uma fileira de duas mil pessoas se prolonga de Windsor a Greenwich, de Greenwich cruzando os campos verdes de Kent para a Cantuária: um séquito de quarenta pessoas para um duque, 35 para uma marquesa, 24 para um conde, ao passo que um visconde deve ajeitar-se com vinte, e ele com Rafe e quaisquer funcionários que consiga enfiar nos buracos de ratos dos navios. Henrique deve encontrar-se com seu rei-irmão de França, que pretende conceder-lhe o favor de falar com o papa em prol de seu novo casamento. Francisco ofereceu casar um de seus três filhos — três filhos, quanto amor Deus deve ter por ele — com a sobrinha do papa, Catarina de Médici; ele diz que apresentará como condição do casamento que Roma recuse a apelação da rainha Catarina, e que seu rei irmão da Inglaterra tenha permissão para resolver seus assuntos conjugais em sua própria jurisdição, com seus próprios bispos.

Estes dois potentes monarcas se encontrarão pela primeira vez desde a reunião no Campo do Pano de Ouro, arranjada pelo cardeal. O rei diz que a viagem deve custar menos que a anterior, mas quando é questionado sobre especificidades, ele quer mais disto e dois daquilo — tudo maior, mais acolchado, mais pródigo e mais dourado. Ele leva os próprios cozinheiros e a própria cama, seus ministros e músicos, seus cavalos, cães e falcões, e sua nova marquesa, que a Europa chama de sua concubina. Ele leva os possíveis pretendentes ao trono, incluindo o yorkista lorde Montague e os lancastrianos Nevilles, para demonstrar como são domesticados e como os Tudor estão seguros. Ele leva as baixelas de ouro, os linhos, os pasteleiros, os depenadores de galinha e os provadores de

veneno, e leva até o próprio vinho: coisa que outros poderiam imaginar supérfluo, mas o que eles sabem?

Rafe, que o ajuda a embalar seus papéis:

— Eu compreendo que o rei Francisco falará a Roma em prol da causa do rei. Mas não sei bem o que ele ganha com o trato.

— Wolsey sempre disse que a preparação de um tratado já é o tratado. Não importa quais são os termos, só importa que haja termos. O que importa é a boa vontade. Quando isso se acaba, o tratado se rompe, não importa o que dizem os termos.

O que interessa são as procissões, a troca de presentes, os jogos reais de boliche, as arenas, justas e bailes de máscaras: tais coisas não são preliminares ao processo, elas são o próprio processo. Ana, acostumada à corte e à etiqueta francesa, aponta as dificuldades à frente.

— Se fosse uma visita do papa, então o rei da França poderia avançar para ele, talvez encontrando-o num pátio palaciano. Mas num encontro entre dois monarcas, quando estão sob as vistas, cada um deve dar o mesmo número de passos que o outro na aproximação. E isto funciona, a menos que um monarca dê passos muito curtos, forçando o outro a caminhar mais.

— Pelo amor de Deus — exclama Charles Brandon —, um homem assim seria um patife. Francisco faria isto?

Ana olha para ele, pálpebras semicerradas.

— Meu lorde Suffolk, a senhora sua esposa já está pronta para a jornada?

Suffolk cora.

— Minha esposa é uma antiga rainha da França.

— Eu sei. Francisco ficará contente em vê-la novamente. Ele a considerava muito bonita. Embora, claro, ela fosse jovem naquela época.

— Minha irmã ainda é bela — diz Henrique, pacífico. Mas uma tempestade ferve dentro de Charles Brandon, e ela irrompe com um berro semelhante a uma trovada.

— A senhorita espera que ela seja sua serviçal? Da filha de Bolena? Que lhe entregue suas luvas, madame, e que a sirva primeiro no jantar? Ponha na sua cabeça: este dia nunca chegará.

Ana se volta para Henrique, a mão se cerrando no braço dele.

— Sob seus olhos, ele me humilha.

— Charles — ordena Henrique —, deixe-nos agora e retorne quando recuperar o controle de sua pessoa. E nem um segundo antes. — Ele suspira e faz um sinal: Cromwell, retire-se com ele.

O duque de Suffolk está espumando e fumegando.

— Ar fresco, meu amo — sugere ele.

O outono já chegou; um vento áspero desce o rio e ergue um redemoinho de folhas úmidas, que se agitam no caminho da dupla como as bandeiras de algum exército em miniatura.

— Sempre achei que Windsor fosse um lugar frio. Não acha, meu amo? Eu falo da situação, não só do castelo. — Sua voz prossegue, tranquilizadora, moderada. — Se eu fosse o rei, passaria mais tempo no palácio de Woking. Sabe que jamais neva por lá? Tem sido assim há pelo menos vinte anos.

— Se fosse o rei? — Brandon desce batendo os pés. — Se Ana Bolena pode ser rainha, por que não?

— Eu retiro o que disse. Deveria ter usado uma expressão mais humilde.

Brandon resmunga.

— Ela jamais aparecerá, minha esposa, no séquito daquela prostituta.

— Senhor, é mais conveniente pensar que ela é casta. É o que todos fazemos.

— A senhora mãe dela treinou a filha, e eu lhe digo uma coisa, aquela foi uma grande vadia. Liz Bolena, Liz Howard, no passado, foi a primeira a levar Henrique para a cama. Eu sei destas coisas, sou o amigo mais antigo do rei. Dezessete anos, e ele não sabia nem onde colocar. O pai o criava como uma freira.

— Mas agora nenhum de nós acredita nessa história. Sobre a esposa do monsenhor.

— Monsenhor! Cristo do céu.

— Ele gosta de ser chamado assim. Não faz mal algum.

— Ela foi treinada pela irmã, Maria, e Maria foi treinada num bordel. Sabe o que eles fazem, na França? A senhora minha esposa me contou. Bem, ela não me contou, mas me escreveu em latim. O

homem tem uma ereção e ela o recebe na boca! Pode imaginar uma coisa dessas? Uma mulher que se presta a um procedimento tão asqueroso, pode chamá-la de virgem?

— Senhor... se sua esposa não quer ir à França, se não deseja persuadi-la... não poderíamos dizer que ela está indisposta? É algo que o senhor poderia fazer pelo rei, que, como sabe, é seu amigo. Isto o pouparia da... — Ele quase diz da língua afiada da dama. Mas declina da frase e diz outra coisa. — Salvaria as aparências.

Brandon concorda. Eles ainda se dirigem ao rio, e ele tenta acelerar o ritmo porque logo Ana estará aguardando sua volta com notícias de um pedido de perdão. Quando o duque se volta para ele, seu rosto é a imagem da infelicidade.

— De qualquer maneira, é verdade. Ela está doente. Seus lindos... — ele faz um gesto, as mãos abarcando o ar — tudo despencou. Mas eu a amo de qualquer maneira. Ela está muito magra. Eu digo a ela, Mary, um dia vou acordar e não vou conseguir encontrá-la, vou confundi-la com um fio do lençol.

— Eu sinto muito.

O duque esfrega o rosto.

— Ah, por Deus. Volte para Henrique, por favor? Diga a ele que não podemos fazer isso.

— Ele desejará sua presença em Calais, se a senhora sua esposa não pode ir.

— Não gosto de deixá-lo, compreende?

— Ana é implacável — ele explica. — Difícil de agradar, fácil de ofender. Senhor, ouça meu conselho.

Brandon resmunga.

— Todos ouvimos. Todos temos que ouvir. Você faz tudo, Cromwell. Agora você é tudo. Nós pensamos, como isso aconteceu? É o que todos nós nos perguntamos. — O duque funga. — Nós nos perguntamos, mas, pelo sangue fervido do Cristo, não temos a maldita resposta.

O fervido sangue do Cristo. É uma praga digna de Thomas Howard, o duque mais velho. Ele se pergunta, quando foi que me tornei o intérprete, o explicador dos duques? Mas ele não tem a

maldita resposta. Quando volta para o rei e a futura rainha, os dois se encaram apaixonadamente.

— O duque de Suffolk suplica por seu perdão — ele diz.

— Sim, sim — responde o rei. — Vereio-o amanhã, mas não muito cedo.

Daria para pensar que já são marido e mulher, com uma langorosa noite à frente, repleta de delícias conjugais. É o que ele imaginaria. Contudo, ele tem a palavra de Maria Bolena de que o marquesado só comprou para Henrique o direito de acariciar a parte interna da coxa de sua irmã. Maria lhe contou isto e nem sequer se deu ao trabalho de colocar em latim. Sempre que passa um tempo a sós com o rei, Ana informa a irmã de suas relações, sem poupar detalhes. Há de se admirar; sua exatidão medida, seu autocontrole. Ela usa seu corpo como um soldado, poupando recursos; como um dos professores da escola de anatomia em Pádua, ela divide o corpo e nomeia cada parte, esta é minha coxa, este é meu seio, esta é minha língua.

— Talvez em Calais — diz ele. — Talvez lá Henrique consiga o que quer.

— Ela precisará da certeza. — Mary se afasta. Ela se detém e se volta, o rosto perturbado. — diz Ana, Cromwell é meu homem. Eu não gosto que ela diga isso.

Nos dias seguintes, outras questões emergem para atormentar a comitiva inglesa. Qual dama real deve ser anfitriã para Ana quando eles encontrarem os franceses? A rainha Leonor não será — não se pode esperar isto, pois ela é irmã do imperador e o sentimento familiar é ofendido pelo abandono de Catarina por Sua Infelicidade. A irmã de Francisco, a rainha de Navarra, alegará doença para não receber a amante do rei da Inglaterra.

— Será a mesma doença que aflige a duquesa de Suffolk? — indaga Ana.

Quicá, sugere Francisco, não seria apropriado que a nova marquesa fosse recepcionada pela duquesa de Vendôme, sua própria *maîtresse en titre*?

Henrique fica tão furioso que sente até dor de dente. O Dr. Butts chega com seu baú de remédios. Um narcótico parece o mais



apropriado, mas, quando o rei acorda, ele está tão mortificado que, por algumas horas, não parece haver outra solução além de cancelar a viagem. Será que não podem compreender, não podem absorver, que Ana não é amante de homem algum, mas a futura noiva de um rei? Contudo, compreender algo assim não está na natureza de Francisco. Ele jamais esperaria mais de uma semana por uma mulher que desejasse. Princípios de cavalheirismo, dele? Ele, o mais cristão? Tudo que ele compreende, berra Henrique, é fornicar como um animal. Mas eu lhes digo, quando seu cio acabar, os outros cervos o derrubarão. Pergunte a qualquer caçador!

Finalmente, alguém sugere que a solução seria deixar a futura rainha para trás em Calais, em solo inglês onde não sofrerá insultos, enquanto o rei encontra Francisco em Boulogne. Calais, uma cidade pequena, será mais facilmente controlada que Londres, mesmo que o povo se aglomere nos portos para gritar "Putain!" e "Grande Vadia da Inglaterra". E se cantarem músicas obscenas, nós simplesmente nos recusaremos a compreendê-las.

Na Cantuária, com a comitiva real em adição aos peregrinos de todas as nações, todas as casas estão lotadas, das adegas aos sótãos. Cromwell e Rafe se hospedam com algum conforto e próximos do rei, mas há lordes em estalagens infestadas de pulgas e cavalheiros em quartos de fundos de bordéis, peregrinos forçados a se abrigar em estábulos e banheiros e a dormir sob as estrelas. Por sorte, o tempo é brando para outubro. Qualquer ano antes deste, o rei teria saído para rezar no santuário de Becket e deixar uma polpuda oferenda. Mas Becket foi um rebelde contra a Coroa, não o tipo de arcebispo que gostaríamos de encorajar no momento. Na catedral, o incenso ainda paira no ar pelo velório de Warham, e as preces por sua alma formam um burburinho constante, como o zumbido de mil abelhas. Cartas foram enviadas a Cranmer, que se encontra em algum lugar da Alemanha na corte de viagem do Imperador. Ana começou a se referir a ele como o arcebispo-eleito. Ninguém sabe quanto tempo levará até que ele volte para casa.

— Com seus segredos — brinca Rafe.

Claro, ele diz, seu segredo, escrito nas margens da página.

Rafe visita o santuário. É sua primeira vez. Ele volta de olhos arregalados, dizendo que o altar é coberto de joias do tamanho de ovos de gansa.

— Eu sei. Acha que são reais?

— Eles mostram uma caveira e dizem que é de Becket, está destroçada, mas os cavaleiros a recompuseram com uma placa de prata. Se quer ganhar dinheiro vivo, pode beijá-la. Eles têm uma bandeja com os ossos dos dedos. Têm um lenço com seu catarro e um frasco que sacodem na sua frente, dizendo que é seu sangue.

— Em Walsingham, eles têm um frasco do leite da Virgem.

— Cristo, eu imagino o que é. — Rafe parece nauseado. — O sangue, dá para notar que é água com alguma terra vermelha. A terra flutua em pedaços lá dentro.

— Bem, pegue aquela pena de ganso, arrancada das asas do anjo Gabriel, e vamos escrever para Stephen Vaughan. Talvez tenhamos que colocá-lo na estrada, para trazer Cranmer de volta.

— Quanto antes, melhor — diz Rafe. — Só aguarde um segundo, senhor, enquanto lavo Becket de minhas mãos.

Embora não queira ir ao templo, o rei deseja mostrar-se ao povo com Ana a seu lado. Deixando a missa, contra todos os conselhos, ele sai por entre as massas, com os guardas em sua retaguarda e os conselheiros ao seu redor. Ana projeta a cabeça no caule esguio de seu pescoço, virando-se para captar os comentários que chegam em seu rastro. Os súditos esticam a mão para tocar o rei.

Braço a braço com o rei, Norfolk, rijo de apreensão, os olhos por todo lado.

— Este procedimento não me agrada, Sr. Cromwell.

Ele mesmo, outrora rápido com uma faca, fica alerta para movimentos abaixo da linha da cintura. Mas a coisa mais próxima de uma arma é uma cruz elevada por diversos monges franciscanos. A multidão abre caminho para eles, uma aglomeração de padres leigos em seus hábitos, um contingente de beneditinos da abadia e, entre eles, uma jovem vestida com o hábito de beneditina.

— Majestade?

Henrique se volta.

— Por Deus, esta é a Santa Donzela — ele exclama. Os guardas se aproximam, mas Henrique ergue a mão. — Deixem-me vê-la. — Ela é uma moça grande, não muito jovem, 28 anos talvez; rosto simples, escuro, animado, com um ruborizado. A jovem se aproxima do rei e, por um segundo, ele se vê através dos olhos dela: um borrão de ouro vermelho e pele afogueada, um corpo pronto, priápico, a mão como um pernil que se estende para segurá-la por seu cotovelo de freira.

— Madame, tem algo a me dizer?

Ela tenta fazer uma medida, mas o punho do rei não permite.

— Eu fui informada pelo Céu — diz ela —, pelos santos com quem converso, de que os hereges ao seu redor devem ser levados a uma grande fogueira, e se Vossa Majestade não acender esta fogueira, então quem arderá sereis vós.

— Que hereges? Quem são eles? Não cultivo hereges em torno de minha pessoa.

— Há um aqui.

Ana se encolhe contra o rei: grudada no escarlate e no ouro da casaca real, ela derrete como cera.

— E se vós contrairdes alguma forma de casamento com esta mulher indigna, só reinareis por sete meses.

— Ora vamos, madame, sete meses? Arredonde esse número, que tal? Que tipo de profeta diz “sete meses”?

— Foi o que o Céu me disse.

— E quando acabarem os sete meses, quem me substituirá? Fale, diga quem você gostaria de ter como rei em meu lugar.

Os monges e padres tentam afastá-la; isto não fazia parte do plano deles.

— Lorde Montague, ele é do sangue. O marquês de Exeter, ele é sangue real. — Por sua vez, ela tenta se livrar do punho do rei. — Eu vejo a senhora vossa mãe cercada por fogueiras pálidas.

Henrique larga a mulher como se sua pele queimasse.

— Minha mãe? Onde?

— Eu estive procurando pelo cardeal de York. Vasculhei por Céu, Inferno e Purgatório, mas o cardeal não está lá.

— Não é evidente que ela é louca? — exclama Ana. — Ela é louca e deve ser açoitada. E se louca não for, deve ser enforcada.

Um dos padres retruca:

— Madame, ela é uma pessoa mui santa. Sua fala é inspirada.

— Tirem-na da minha frente — decreta Ana.

— Raios se abaterão sobre vós! — proclama a freira a Henrique. Ele ri, sem convicção.

Norfolk irrompe entre o grupo, os dentes crispados, o punho erguido.

— Arrastem essa mulher de volta a seu prostíbulo, antes que ela sinta o peso da minha mão, por Deus!

Na confusão, um monge acerta outro com a cruz; a Donzela é puxada para trás, ainda profetizando; o barulho da multidão se ergue, e Henrique agarra Ana pelo braço e a leva de volta pelo caminho que fizeram. Ele mesmo segue a Donzela, mantendo-se próximo à retaguarda do grupo, até que a multidão diminui e ele pode tocar o braço de um monge e pedir para falar com a profetisa.

— Eu fui funcionário de Wolsey — diz ele. — Quero ouvir a mensagem dela.

Confabulam, e eles lhe dão passagem.

— Senhor? — indaga ela.

— Poderia tentar encontrar o cardeal novamente? Se eu me dispuser a fazer uma oferta?

Ela dá de ombros. Um dos franciscanos responde:

— Teria de ser uma oferta substancial.

— E seu nome é?

— Sou o padre Risby.

— Posso atender suas expectativas, sem dúvida. Sou um homem abastado.

— Gostaria apenas de localizar a alma, para ajudar suas próprias preces, ou está pensando em custear missas, talvez, uma doação?

— O que recomendarem. Mas, claro, preciso saber que ele não está no Inferno. Não há utilidade em pagar por boas missas num caso perdido.

— Eu terei de falar com o padre Bocking — responde ela.

— O padre Bocking é o diretor espiritual desta dama.

Ele faz uma medida com a cabeça.

— Volte outra hora e me pergunte — diz a moça. Ela dá meia-volta e se perde na multidão. Ele distribuiu algum dinheiro ali mesmo, para a comitiva. Para o padre Bocking, quem quer que seja. Afinal, pelo visto, padre Bocking é quem estipula preços e faz a contabilidade.

A freira deixou o rei deprimido. E de que outro modo se deveria ficar se alguém diz que será atingido por um raio? Ao fim da tarde, ele reclama de uma dor de cabeça, uma dor no rosto e na mandíbula.

— Saiam — ele ordena aos médicos. — Vocês nunca conseguem curar nada, então por que teriam êxito logo agora? E quanto a senhora, madame — ele se dirige a Ana —, peça a suas damas que a coloquem na cama, não quero conversar, não posso suportar vozes agudas.

Norfolk resmunga entre dentes: o Tudor, sempre há algum problema com ele.

Em Austin Friars, se alguém tem um resfriado ou uma torção, os garotos encenam um interlúdio chamado "Se Norfolk fosse o Dr. Butts". Tem uma dor de dente? Arranque todos! Prendeu o dedo? Corte a mão fora! Dor de cabeça? Degole, você tem outra!

Agora, retirando-se da presença real, Norfolk se detém.

— Majestade, na verdade, ela não disse que o raio o mataria.

— Não mesmo — repete Brandon, animado.

— Morto não, mas destronado, morto não, mas arrebatado e estorricado, está aí algo para aguardar ansiosamente, não acham? — Lamentavelmente realçando suas circunstâncias, o rei vocifera para que um servo traga lenha e que um pajem aqueça um pouco de vinho. — Eu, o rei da Inglaterra, devo me sentar aqui com um fogo miserável e sem nada que beber? — Ele realmente parece sentir frio. — Ela viu a senhora minha mãe.

— Majestade — comenta Cromwell, cautelosamente —, sabeis que há uma imagem da senhora sua mãe num vitral da catedral? E o sol não o atravessaria, de modo a parecer que ela está envolta numa cascata de luz? Creio que foi o que a freira viu.

— Não acredita nestas visões?

— Acho que ela talvez não saiba distinguir o que vê no mundo real daquilo que vê em sua cabeça. Certas pessoas são assim. Talvez ela seja digna de piedade. Embora não muita.

O rei franze o cenho.

— Mas eu amava minha mãe. Buckingham dava muito crédito a visões. Ele tinha um frei que fazia profecias e dizia que ele seria rei.

Henrique não precisa acrescentar: Buckingham foi um traidor e já faz mais de dez anos que está morto.

\* \* \*

Quando a corte zarpa para a França, ele está no navio do rei, o *Swallow*. Ele se coloca no convés, vendo a Inglaterra recuar, com o duque de Richmond, o bastardo de Henrique, animado com sua primeira viagem marítima e também por estar em companhia de seu pai. Fitzroy é um belo menino de 13 anos, louro, alto para a idade e esbelto, como Henrique deve ter sido quando era um jovem príncipe, dotado de um sentido de amor-próprio e de sua própria grandeza.

— Sr. Cromwell — diz ele —, desde a ruína do cardeal que não o encontro. — Um momento constrangedor. — Fico feliz em ver que está prosperando. De fato está escrito no livro chamado *O cortesão* que muitas vezes vemos dons da natureza em homens de baixa estirpe.

— O senhor lê em italiano?

— Não, mas partes daquele livro foram traduzidas para o inglês a meu pedido. É um ótimo livro para minhas leituras. — Uma pausa. Ele vira a cabeça, baixando a voz. — Eu gostaria que o cardeal não estivesse morto. Porque agora o duque de Norfolk é meu tutor.

— E ouvi dizer que Vossa Alteza desposará Mary, filha dele.

— Sim. Eu não quero.

— Por que não?

— Eu já a vi. Ela não tem seios.

— Mas ela é inteligente, meu amo. E o tempo pode remediar o outro assunto, antes que vivam juntos. Se sua gente traduzir a parte do livro de Castiglione que se refere às damas nobres e suas qualidades, estou certo de que o senhor descobrirá que Mary Howard possui todas elas.

Ele pensa: vamos rezar para que não acabe como o casamento de Harry Percy ou de George Bolena. Ademais, seria pelo bem da menina; Castiglione diz que tudo que pode ser compreendido pelos homens também pode ser compreendido pelas mulheres, que seu entendimento é o mesmo, suas faculdades, e sem dúvida seus amores e ódios. Castiglione tinha amor por sua esposa Ippolita, mas ela morreu passados apenas quatro anos de casamento. Ele compôs um poema para ela, uma elegia, mas escreveu na voz de Ippolita, como se a falecida falasse com ele.

No rastro do navio, as gaivotas grasnam como almas perdidas. O rei chega ao convés e diz que sua mente clareou. Ele diz:

— Majestade, estávamos falando sobre o livro de Castiglione. O senhor encontrou tempo para ler?

— Sem dúvida. Ele exalta a *sprezzatura*. A arte de fazer tudo de modo gracioso e adequado, sem aparentar esforço. Uma qualidade que os príncipes também devem cultivar. — E acrescenta, um tanto dúbio: — O rei Francisco de França a possui.

— Sim. Mas afora a *sprezzatura*, o indivíduo deve exibir um digno comedimento público a todo momento. Eu estava pensando em encomendar uma tradução como presente para meu lorde Norfolk.

Na mente do rei, ainda deve estar a imagem de Thomas Howard na Cantuária, ameaçando socar a santa freira. Henrique sorri.

— Realmente, deveria fazê-lo.

— Sim, se ele não tomar como uma exprobração. Castiglione recomenda que um homem não encaracole os cabelos e nem depile as sobrancelhas. E Vossa Majestade sabe que ele faz as duas coisas.

O príncipe franze o cenho.

— Meu lorde de Norfolk? — Henrique solta uma estridente gargalhada, nada régia, nada digna e tampouco contida. É bem-vinda aos ouvidos. As madeiras do navio rangem. O rei mantém o

equilíbrio com uma das mãos no ombro de seu conselheiro. O vento infla as velas. O sol dança sobre as águas. — Mais uma hora e estaremos no porto.

Calais, este posto avançado da Inglaterra, seu último forte na França, é uma cidade onde ele tem muitos amigos, muitos fregueses, muitos clientes. Ele a conhece, Watergate e Lantern Gate, a Igreja de São Nicolau e a de Nossa Senhora, ele conhece suas torres e fortes, seus mercados, pátios e atracadouros, a Estalagem Staple onde o governador se hospeda, e as casas das famílias Whethill e Wingfield, lares com jardins sombreados onde os cavalheiros vivem em agradável retiro, afastados de uma Inglaterra que alegam não mais compreender. Ele conhece as fortificações — em ruínas — e, além das muralhas da cidade, os campos do Pale, seus bosques, vilas e lagos, seus córregos, diques e canais. Ele conhece a estrada para Boulogne e a estrada para Gravelinas, território do imperador, e sabe que cada monarca, Francisco ou Carlos, poderia tomar esta cidade com um só golpe decidido. Há duzentos anos que os ingleses chegaram ali, mas nas ruas se ouve mais francês e flamengo.

O governador saúda Sua Majestade; lorde Berners, velho soldado e professor, é o padrão da virtude à moda antiga, e não fosse seu manquejar e a evidente angústia pelos grandes gastos em que está prestes a incorrer, teria saído diretamente do livro *O cortesão*. Ele até providenciou para que o rei e a marquesa ficassem em aposentos com portas intercomunicáveis.

— Acho que será muito adequado, meu amo — diz ele. — Contanto que haja uma poderosa tranca de cada lado.

Isto porque Maria lhe disse, antes que levantassem âncoras:

— Até agora, ela não permitia, mas agora ela quer, e ele não. Henrique afirma que deve ter certeza de que, se ela ficar grávida, o bebê nascerá dentro do casamento.

Os monarcas se encontrarão por cinco dias em Boulogne, e depois cinco dias em Calais. Ana se desespera com a ideia de ser deixada para trás. Por sua inquietação, ele vê que ela sabe que este



é um território incerto, onde podem acontecer coisas imprevisíveis. Enquanto isso, ele tem negócios particulares para transacionar; ele deixa até Rafe para trás e desaparece numa estalagem num pátio de fundos na Calkwell Street.

É um estabelecimento de quinta, e cheira a fumaça de lenha, peixe e mofo. Numa parede lateral há um espelho embaçado, onde ele tem vislumbres de seu próprio rosto pálido, apenas os olhos vivos. Por um momento, seu reflexo o choca; ninguém espera ver a própria imagem num antro como este.

Ele se senta a uma mesa e espera. Após cinco minutos, há uma perturbação no ar nos fundos da sala. Mas nada acontece. Ele previu que o deixariam esperando; para matar o tempo, repassa em sua mente os números dos rendimentos do ducado da Cornualha para o rei no ano anterior. Ele está quase chegando aos números submetidos pelo tesoureiro de Chester quando uma forma escura se materializa e se define na pessoa de um velho com uma longa bata. O velho claudica adiante e logo é seguido por outros dois. Daria para confundir qualquer um com o outro: uma tosse oca, barbas longas. Seguindo alguma ordem de precedência que negociam através de resmungos, eles tomam seus assentos num banco à frente do visitante. Ele detesta alquimistas, e estes homens lhe parecem alquimistas: respingos indecifráveis em suas vestes, olhos lacrimejantes, fungação induzida por vapores. Ele os saúda em francês. Os velhos tremem e um deles pergunta em latim se não haverá nada para beber. Ele chama pelo garoto e, sem muita esperança, pergunta o que ele sugere.

— Beber em outro lugar? — sugere o rapaz.

Chega uma jarra de algo vinagrento. Ele deixa que os velhos bebam profusamente antes de fazer perguntas.

— Quem dos senhores é maître Camillo?

Os velhos trocam olhares. Levam o mesmo tempo que as Greias levavam para passar entre si seu único olho.

— Maître Camillo foi para Veneza.

— Por quê?

Mais tosse.

— Para fazer consultas.

— Mas ele pretende retornar à França?

— Bem provável.

— A coisa que os senhores têm, eu a quero para meu amo.

Um silêncio. Como seria, ele pensa, se eu tirasse o vinho deles até que me dissessem algo útil? Mas um dos velhos o precede, arrebatando a jarra; sua mão sacode e o vinho se esparrama pela mesa. Os outros soltam balidos de irritação.

— Imaginei que iriam trazer desenhos — continua ele.

Eles se entreolham.

— Ah, não.

— Mas há desenhos?

— Não exatamente.

O vinho derramado começa a ser absorvido pela madeira lascada. Eles mergulham num silêncio infeliz e ficam observando. Um velho se ocupa em enfiar o dedo através de um buraco de traça em sua manga.

Cromwell chama o garoto para pedir outra jarra.

— Não queremos negar-lhe nossa ajuda — diz o porta-voz. — Mas compreenda que Maître Camillo está, por hora, sob proteção do rei Francisco.

— Ele pretende fazer um modelo para o rei?

— É possível.

— Um modelo funcional?

— Qualquer modelo é, por sua natureza, um modelo funcional.

— Se ele considerar os termos de seu serviço minimamente insatisfatórios, meu amo Henrique ficará contente em recebê-lo na Inglaterra.

Há outra pausa, até que a jarra é trazida e o garoto sai. Desta vez, ele mesmo serve o vinho. Os velhos trocam olhares mais uma vez, e um declara:

— O magistrado acredita que Maître Camillo não apreciaria o clima inglês. As neblinas. E toda a ilha também é coberta de bruxas.

A entrevista foi insatisfatória. Mas é preciso começar por algum lugar. Na saída, ele diz ao garoto:

- Pode limpar a mesa.
  - Seria melhor esperar até que eles sequem a segunda jarra, monsieur.
  - Verdade. Leve alguma comida para eles. O que há?
  - Sopa. Eu não recomendo. Parece aquilo que sobra quando uma puta lava a camisola.
  - Nunca ouvi dizer que as moças de Calais lavassem alguma coisa. Você sabe ler?
  - Um pouco.
  - Escrever?
  - Não, monsieur.
  - Deveria aprender. Enquanto isso, use seus olhos. Se aparecer alguém mais para falar com eles, e se trouxerem algum desenho, pergaminho, rolos, qualquer coisa do tipo, eu quero saber.
- O menino diz:
- O que é, monsieur? O que eles estão vendendo?
- Ele quase revela ao menino. Que mal poderia haver? Mas o problema é que ele não consegue pensar nas palavras adequadas.

Em meio às conversas em Boulogne, ele recebe uma mensagem de que Francisco gostaria de vê-lo. Henrique delibera antes de lhe dar permissão; frente a frente, monarcas só deveriam lidar com outros monarcas, lordes e clérigos de alta posição. Brandon e Howard, bastante simpáticos a bordo do navio, andam distantes com ele desde que aportaram, como se para deixar claro aos franceses que não lhe concedem qualquer status; os dois fingem que ele é uma espécie de capricho de Henrique, uma novidade entre os conselheiros que logo desaparecerá em favor de um visconde, barão ou bispo.

O mensageiro francês lhe diz:

- Não se trata de uma audiência.

- Não — concorda ele. — Eu compreendo. Nada desse tipo.

Servido apenas por um punhado de cortesãos, Francisco espera sentado pela não audiência. Trata-se de um verdadeiro varapau, os

cotovelos e joelhos se projetando no ar, os grandes pés ossudos remexendo em vastas sapatilhas acolchoadas.

— Cremuel — começa ele. — Vamos lá, deixe-me compreendê-lo. O senhor é galês.

— Não, Majestade.

Tristes olhos caninos; eles o examinam de alto a baixo, e depois tornam a examinar.

— Não é um galês.

Cromwell compreende a dificuldade do rei francês. Como ele conseguiu seu passaporte para a corte se não é de alguma família de humildes servos dos Tudor?

— Foi o falecido cardeal quem me introduziu nos assuntos do rei.

— Sim, eu sei disso — comenta Francisco —, mas acho cá comigo que há algo mais acontecendo por aqui.

— Pode ser, Alteza — diz ele imediatamente —, mas certamente não se trata de qualquer ascendência galesa.

Francisco toca a ponta de seu nariz pendente, dobrando-o mais ainda na direção do queixo. Escolha seu príncipe: você não gostaria de olhar para este aqui todo dia. Henrique é tão sadio em sua tez branca e rosada, tão carnoso e limpo. Com o olhar evasivo, Francisco sugere:

— Dizem que, outrora, o senhor lutou pela honra da França.

Garigliano: por um momento, ele baixa os olhos como se recordasse um terrível acidente de rua. Algum esmagamento ou mutilação irreversível de membros.

— Num tempo muito desafortunado.

— Mesmo assim... estas coisas passam. Quem se lembra agora de Agincourt?

Ele quase ri.

— Verdade. Uma geração ou duas, ou três... quatro... e essas coisas já não são nada.

Francisco prossegue:

— Dizem que tem excelente trânsito com Aquela Dama. — Ele lambe os beiços. — Diga-me, estou curioso, o que meu rei-irmão pensa? Ele pensa que ela é donzela? Eu mesmo nunca a provei.

Quando esteve aqui na corte, ela era jovem, reta como uma tábua. No entanto, a irmã...

Ele gostaria de detê-lo, mas ninguém interrompe um rei. A voz francesa discorre sobre a nudez de Mary, do queixo aos dedos do pé, e depois a revira como uma panqueca e descreve o outro lado, da nuca aos calcanhares. Um cavalheiro entrega ao rei um quadrado de linho fino e, quando termina, Francisco seca os cantos da boca e devolve o lenço.

— Muito bem, basta — decreta Francisco. — Já vi que não admite ser galês, então este é o fim das minhas teorias. — Os cantos de sua boca se voltam para cima; os cotovelos se movem um pouco; os joelhos trepidam; a não audiência acabou. — Monsieur Cremuel — ele completa —, é possível que não nos tornemos a ver. Sua súbita sorte talvez não dure. Assim, venha, dê sua mão, como um soldado de França. E me acrescente às suas preces.

Ele se curva.

— Seu criado, senhor.

Quando está saindo, um dos cortesãos se adianta e, murmura “Um presente de Sua Alteza”, entrega a ele um par de luvas bordadas.

Deduzindo que outro homem ficaria lisonjeado, ele experimentaria as luvas. Quanto a ele, manipula os dedos das luvas, descobre o que está procurando e, delicadamente, agita a luva sobre a mão em concha.

Ele se dirige imediatamente a Henrique, e o encontra à luz do sol, disputando uma partida de boliche com alguns lordes franceses. Henrique consegue tornar um jogo de boliche tão barulhento quanto um torneio: gritos, resmungos, apostas, gemidos, pragas. O rei ergue os olhos para ele como se dissesse “E então?”. Seu olhar responde, “A sós”, e o do rei conclui, “Mais tarde”, e nenhuma palavra é pronunciada; durante todo o tempo, Henrique segue com suas brincadeiras e tapinhas nas costas e se estica, observando a bola que desliza sobre a grama tosada, e aponta em sua direção.

— Os senhores já conhecem este meu conselheiro? Eu lhes dou um aviso, nunca disputem qualquer jogo com ele. Pois ele não respeitará sua ancestralidade. Ele não tem brasão ou nome, mas acredita que nasceu para vencer.

Um dos lordes franceses comenta.

— Perder graciosamente é uma arte cultivada por todo cavalheiro.

— Eu espero cultivá-la também — retruca ele. — Se os senhores souberem de algum exemplo que eu possa seguir, por favor, me digam.

Isso porque ele nota que todos estão decididos a vencer o jogo, a arrancar uma moeda de ouro do rei da Inglaterra. Jogos não são um vício quando se pode pagar por eles. Ele pensa, talvez eu deva munir o rei de algumas moedas de jogo, cambiáveis apenas se apresentadas pessoalmente em algum escritório de Westminster, com tortuosa papelada anexada, taxas aos escrivães e um selo especial a ser afixado. Nos pouparia algum dinheiro.

Mas a bola do rei desliza suavemente em direção à marca. De qualquer maneira, Henrique está vencendo o jogo. Dos franceses, uma salva de polidos aplausos.

Quando ele e o rei estão a sós, ele diz:

— Aqui está algo que Vossa Majestade apreciará.

Henrique gosta de surpresas. Com o indicador grosso e a unha inglesa, rosada e limpa, ele examina o rubi nas costas de sua mão.

— É uma boa pedra — declara o rei. — Sou um bom juiz destas coisas. — Uma pausa. — Quem é o principal joalheiro por aqui? Peça a ele para aguardar minhas ordens. É uma pedra escura, Francisco a reconhecerá; eu a usarei em meu próprio dedo antes de nossos encontros. A França verá como sou servido. — Henrique está num excelente humor. — Darei o valor a você, em todo caso. — O rei meneia a cabeça para despachá-lo. — Claro, você tratará com o joalheiro para colocar um valor mais alto e combinará a divisão do lucro com ele. Mas eu serei generoso neste trâmite.

Componha seu rosto.

Henrique ri.

— Por que eu confiaria meus negócios a um homem que não soubesse administrar os próprios? Um dia Francisco lhe oferecerá uma comissão. Deve aceitá-la. Aliás, o que ele perguntou?

— Perguntou se sou galês. Parecia uma grande questão para ele, fiquei triste por desapontá-lo.

— Ah, você não o desapontou — elogia Henrique. — Quando isso acontecer, eu lhe direi.

Duas horas. Dois reis. O que você sabia, Walter? Imóvel no ar salgado, ele fala com o pai morto.

Quando Francisco viaja com seu rei-irmão para Calais, é Ana quem o conduz para a dança após o grande banquete da noite. As faces dela estão coradas e seus olhos cintilam por trás de sua máscara dourada. Quando baixa a máscara e observa o rei de França, ela abre um estranho meio-sorriso, não exatamente humano, como se por trás da máscara houvesse outra máscara. Pode-se ver o queixo do rei desabando; pode-se ver que ele começa a salivar. Ela enlaça os dedos de Francisco nos seus e o leva a um assento junto à janela. Os dois conversam em francês por uma hora, sussurrando, a régia cabeça lustrosa se inclinando na direção dela; às vezes eles riem, olhando-se nos olhos. Não há dúvida de que estão debatendo a nova aliança; mas ele parece pensar que ela tem outro tratado enfiado em seu corpete. Francisco ergue a mão dela. Ana se retrai, resistindo vagamente, e por um momento pareceu que ele pretendia pousar os dedinhos da dama sobre sua indescritível braguilha. Todos sabem que Francisco tentou a cura com mercúrio recentemente. Mas ninguém sabe se funcionou.

Henrique dança com as esposas de notáveis de Calais: a giga, o saltarelo. Com a esposa doente esquecida, Charles Brandon arranca gritinhos das parceiras, jogando-as no ar e lançando suas saias ao vento. Mas o olhar de Henrique não cessa de deslizar pelo salão até Ana, até Francisco. Sua espinha está rija de terror. Seu rosto expressa uma sorridente agonia.

Finalmente, ele decide, preciso acabar com isto: será verdade que de fato amo meu rei, como é dever de um súdito?

Ele desencava Norfolk do canto escuro em que o duque se esconde por medo de receber ordens de dançar com a esposa do governador.

— Meu amo, leve sua sobrinha embora. Ela já fez diplomacia demais. Nosso rei está enciumado.

— Como é? Que diabo de reclamação ele tem agora?

Contudo, num piscar de olhos, Norfolk vê o que está acontecendo. Ele pragueja e cruza o salão — entre os dançarinos, em vez de dar a volta. Ele agarra o pulso de Ana e o dobra para trás como se fosse quebrá-lo.

— Com sua permissão, Alteza. Senhorita, dancemos!

Norfolk a coloca de pé com um tranco. Eles dançam, embora não haja relação com qualquer outra dança vista em qualquer salão antes deste. Da parte do duque, um trovejar de cascos de demônios; da parte dela, um saltitar anêmico, com um braço erguido como uma asa quebrada.

Ele dirige um olhar a Henrique. O rosto do rei expressa uma satisfação sóbria e virtuosa. Ana deveria ser punida, e quem melhor que seu parente? Os lordes franceses se aglomeram, às risadinhas. Francisco observa estreitando os olhos.

Naquela noite, o rei se retira cedo da festa, despachando até os cavalheiros de sua câmara privada; só Henry Norris entra e sai, seguido por um criado que carrega vinho, frutas, uma grande colcha e depois um braseiro com carvão; o clima esfriou. Ouve-se a voz erguida de Ana. Portas se batem. Enquanto ele conversa com Thomas Wyatt, a Srta. Shelton chega galopando em sua direção.

— Minha ama deseja uma Bíblia!

— O Sr. Cromwell pode recitar o Novo Testamento inteiro — responde Wyatt, prestativo.

A moça parece agoniada.

— Acho que Ana quer o livro para prestar um juramento.

— Neste caso, não sirvo de nada para ela.



Wyatt segura as mãos de Mary.

— Quem a aquecerá esta noite, jovem Shelton? — Ela se desvencilha e dispara em busca das escrituras.

— Eu lhe direi quem. Henry Norris.

Ele observa a moça sair.

— Ela faz sorteios?

— Eu já tirei a sorte.

— O rei?

— Talvez.

— Recentemente?

— Ana arrancaria e assaria os corações de ambos.

Ele sente que não deveria ir muito longe, caso Henrique o convoque. Ele encontra um canto para um jogo de xadrez com Edward Seymour.

Entre as jogadas:

— Sua irmã Jane... — começa ele.

— Criaturinha estranha, não?

— Que idade ela tem?

— Não sei... 20 e poucos? Ela andava por Wolf Hall dizendo “Estas são as mangas de Thomas Cromwell”, e ninguém sabia do que ela estava falando. — Ele ri. — Muito satisfeita consigo.

— Seu pai tem algum pretendente para ela?

— Houve certa conversa sobre... — Ele ergue os olhos. — Por que pergunta?

— Só estou distraíndo você.

Tom Seymour irrompe pela porta.

— Boa-noite, irmão mais velho — ele exclama ao irmão. Ele arranca a boina do outro e esfrega seus cabelos. — Há mulheres esperando por nós.

— Meu amigo aqui desaconselha. — Edward limpa a boina. — Ele diz que são iguais às inglesas, só que mais sujas.

— A voz da experiência? — sugere Tom.

Edward recoloca sua boina com exatidão.

— Quantos anos tem nossa irmã Jane?

— Vinte e um, 22. Por quê?

Edward baixa os olhos para o tabuleiro, pega a rainha. Ele vê agora que ela está aprisionada e ergue os olhos em admiração.

— Como conseguiu fazer isso?

Mais tarde, ele se senta com uma folha de papel em branco à sua frente. Ele pretende escrever uma carta a Cranmer e lançá-la aos quatro ventos, em busca do destinatário pela Europa. Ele pega sua pena, mas não escreve; ele revisita em sua mente a conversa com Henrique, sobre o rubi. Seu rei imagina que ele tomaria parte numa tramoia de porão, do tipo que seria divertida nos dias em que ele envelhecia cupidos e os vendia a cardeais. Mas defender-se de tais acusações faz com que ele pareça culpado. Se Henrique não confia nele completamente, constitui isso alguma surpresa? Um príncipe vive só: em sua câmara do conselho, em sua câmara privada, e finalmente na antecâmara do Inferno, desnudado — como dizia Harry Percy — para o Juízo.

Esta visita juntou as rixas e intrigas da corte, aprisionou-as no pequeno espaço entre as muralhas da cidade. Os viajantes se tornaram íntimos como as cartas de um baralho: próximos, mas com cegos olhos de papel. Ele se pergunta onde se meteu Tom Wyatt, e em que tipo de confusão. Ele acha que não conseguirá dormir: mas não porque esteja preocupado com Wyatt. Ele se aproxima da janela. A lua, como que envergonhada, deixa um rastro de retalhos de nuvens negras.

Nos jardins, tochas ardem nos suportes de parede, mas ele se afasta da luz. O distante vaivém do oceano é firme e insistente como o pulsar de seu coração. Ele sabe que partilha desta escuridão, e num instante há um passo, um roçar de saias, um discreto arfar, uma mão deslizando por seu braço.

— Você — diz Maria.

— Eu.

— Sabia que eles destrancaram a porta entre as câmaras? — Ela ri, uma implacável hilaridade. — Ela está nos braços dele, nua como no dia em que nasceu. Agora, já não pode mudar de ideia.

— Esta noite, pensei que eles brigariam.

— E brigaram. Eles gostam de brigar. Ela alega que Norfolk quebrou seu braço. Henrique a chamou de Madalena e alguns outros nomes que esqueci, acho que eram damas romanas. Lucrecia não.

— Não. Ou pelo menos espero que não. Para que ela queria a Bíblia?

— Para obrigá-lo a jurar. Diante de testemunhas. Eu. Norris. Ele fez uma promessa de compromisso. Eles estão casados aos olhos de Deus. E ele jura que se casará com ela novamente na Inglaterra e a coroará rainha quando a primavera chegar.

Ele pensa na freira da Cantuária: se Vossa Majestade contrair qualquer forma de casamento com esta mulher indigna, só reinará por sete meses.

— Ou seja, agora — prossegue Maria — só resta saber se ele será capaz de cumprir o ato ou não.

— Maria. — Ele toma a mão dela. — Não me assuste.

— Henrique é tímido. Ele pensa que nós esperamos um desempenho majestoso. Mas se ele tiver vergonha, Ana saberá como ajudar. — Maria acrescenta, cuidadosamente: — Isto é, eu a aconselhei. — Ela desliza a mão pelo ombro dele. — Bem, agora, e quanto a nós? Foi um esforço muito exaustivo trazê-los até aqui. Acho que nós merecemos nossa recreação.

Nenhuma resposta.

— Ainda teme meu tio Norfolk?

— Maria, eu tenho pavor de seu tio Norfolk.

Mesmo assim, esta não é a razão por que ele hesita, e não exatamente se afasta. Ela roça seus lábios nos dele.

— Em que está pensando?

— Eu estava pensando que se eu não fosse o mais devoto criado do rei, poderia pegar o próximo barco para longe daqui.

— E para onde iríamos?

Ele não se lembra de ter convidado ninguém.

— Leste. Mas garanto que não seria um bom ponto de partida.

Fugir para leste dos Bolena, ele pensa. Para leste de todo mundo. Ele recorda o Mar do Meio, e não estas águas nórdicas; e uma noite em especial, uma cálida meia-noite numa casa em Larnaca: luzes venezianas se derramavam na perigosa orla, os sons

dos pés escravos nas lajotas, um perfume de incenso e coentro. Ele põe um braço em torno de Maria, encontrando algo macio, totalmente inesperado: pele de raposa.

— Muito esperta.

— Ah, nós trouxemos de tudo. Cada ponto. Caso tenhamos que ficar aqui até o inverno.

Um vislumbre de luz sobre a pele. O pescoço muito branco, muito suave. Tudo parece possível, se o duque permanecer em seus aposentos. Ele acaricia os pelos de raposa, até que os pelos encontram a pele. Ela tem ombros quentes, perfumados e um tanto úmidos. Ele pode sentir o latejar de seu pulso.

Um ruído às suas costas. Ele se volta, adaga na mão. Maria dá um berro, presa em seu braço. A ponta da arma volta ao repouso contra a casaca de um homem, sob o esterno.

— Calma, calma — diz uma voz inglesa sóbria e irritada. — Baixe essa coisa.

— Pelos céus! — exclama Maria. — O senhor quase assassinou William Stafford.

Ele força o estranho a recuar até a luz. Quando vê seu rosto, e não antes, ele retira a lâmina. Ele não sabe quem é Stafford: cavaliço de alguém?

— William, pensei que não viria — explica Maria.

— Pelo visto já tinha um reserva, caso eu não viesse.

— Não sabe o que é a vida de uma mulher! Quando achamos que temos algo marcado com um homem, e não temos; quando ele diz que nos encontrará, e não aparece!

É um clamor que vem do fundo do coração.

— Desejo-lhes uma boa-noite — diz ele. Maria se volta, como se pretendesse dizer, “ah, não vá”. — Já está na hora de fazer minhas preces.

Um vento chega do Mar Estreito, sacudindo os cordames no porto, chacoalhando as janelas no continente. Ele pensa, amanhã talvez chova. Ele acende uma vela e volta à carta. Mas sua carta não o atrai nem um pouco. As folhas farfalham nos jardins, nos pomares. Imagens se movem no ar além das vidraças, gaivotas voam como fantasmas: um vislumbre da touca branca de sua esposa Elizabeth,

quando ela o seguiu até a porta em sua última manhã. Só que ela não o seguiu: Liz estava dormindo, embalada em lençóis úmidos sob a colcha turca de cor amarela. Quando pensa na sorte que o levou até ali, ele pensa igualmente na sina que o arrastou naquela manhã, há cinco anos, para fora de Austin Friars como um homem casado, com papéis dos negócios de Wolsey sob o braço: ele era feliz naquele tempo? Não sabe dizer.

Naquela noite no Chipre, agora já há muito no passado, ele esteve prestes a entregar seu pedido de demissão ao banco, ou pelo menos de pedir cartas de recomendação que o levassem ao leste. Ele tinha curiosidade de ver a Terra Santa, suas plantas e pessoas, de beijar as pedras onde os apóstolos caminharam, de barganhar em bairros ocultos de cidades estranhas e em tendas negras onde mulheres veladas se moviam pelos cantos como baratas. Naquela noite, sua sorte estava em suspenso. Do quarto às suas costas, enquanto admirava as luzes do cais, ele escutou a risada rouca de uma mulher e o suave "al-hamdu lillah" enquanto ela sacudia nas mãos os dados de marfim. Ele ouviu quando ela lançou os dados, como eles se bateram e como chegaram ao repouso.

— Quanto foi?

O leste é um número alto. O oeste é baixo. E jogos não são vício, quando se pode pagar por eles.

— Três e três.

Isto é baixo? Ele tem de admitir que é. O destino não lhe deu um empurrão, mas apenas um leve tapinha.

— Preciso voltar para casa.

— Mas não esta noite. Está tarde demais para a maré.

No dia seguinte, ele sente os deuses às suas costas, como uma brisa. Ele se volta novamente para a Europa. Naquela época, seu lar era uma casa estreita com venezianas sobre um canal tranquilo; Anselma de joelhos, langorosamente nua sob a camisola longa de damasco verde, com seu lustroso cabelo negro à luz das velas; ajoelhada diante do pequeno altar que mantinha em seu quarto, tão precioso para ela. A coisa mais preciosa que possui. Peço licença, só um momento, ela lhe disse. Anselma rezou em sua própria língua, por vezes persuasiva, em outras quase ameaçadora; quiçá notou em

seus santos de prata alguma centelha de graça, ou percebeu algum reflexo em sua luminosa retidão, pois ela se ergueu e caminhou para ele, dizendo, “Estou pronta agora”, desamarrando as fitas de seda da camisola para que ele tomasse seus seios nas mãos.

### **III Missa da Manhã**

*Novembro de 1532*

Rafe assoma diante dele, dizendo que já são sete horas. O rei foi à missa.

Ele dormiu numa cama de fantasmas.

— Não queríamos acordá-lo. O senhor nunca dorme até tarde.

O vento é um suspiro abafado entre as chaminés. Gotas de chuva tamborilam contra a janela como cascalho, arrefecem e logo tornam a estrepitar.

— Talvez tenhamos que ficar em Calais por algum tempo — ele diz.

Há cinco anos, quando veio à França, Wolsey pediu-lhe para vigiar a situação na corte e informá-lo caso Ana e o rei fossem para a cama. Ele indagou, como saberei que aconteceu? O cardeal respondeu: “Creio que pela cara dele.”

No momento em que ele chega à igreja, o vento já parou e a chuva estiou, mas as ruas se converteram em lama e as pessoas que esperam para ver a saída dos lordes ainda têm as casacas puxadas sobre as cabeças, como uma nova raça de decapitados ambulantes.

Ele abre caminho por entre a massa, e depois pede licença e serpenteia por entre os nobres reunidos: *s'il vous plaît, c'est urgent*, abram caminho para um grande pecador. Eles riem e dão passagem.

Ana aparece de braço dado com o governador. Ele parece tenso — pelo visto, sua gota o atormenta —, mas é atencioso com ela, murmurando agrados que não provocam reação alguma; Ana tem sua expressão ajustada em cuidadosa indiferença. O rei está de braço dado com uma dama de Wingfield, o rosto erguido, conversador. Ele não presta qualquer atenção a ela. Henrique parece grande, amplo e benigno. Seu olhar régio varre a multidão, que se ajoelha perante o monarca. O rei sorri.

Quando deixa a igreja, Henrique põe o chapéu. É um chapéu grande, um chapéu novo. E, naquele chapéu, há uma pluma.



## **QUINTA PARTE**

## **I Anna Regina**

*1533*

As duas crianças estão sentadas num banco do salão de Austin Friars. São tão pequenas que suas pernas estão esticadas à frente do corpo e, como ainda usam cueiros, não se pode saber seu sexo. Sob as toucas, elas sorriem, mostrando as covinhas. Sua saúde e contentamento é mérito da jovem, Helen Barre, que ora desfia o rosário de sua história: filha de um pequeno mercador falido de Essex, esposa de um tal Matthew Barre que a espancava e a abandonou, "me largou", ela diz, apontando, "com aquela ali em minha barriga".

Os vizinhos sempre o procuram com problemas triviais: portas inseguras nas adegas; uma criação de gansos muito barulhentos; um casal que grita e atira panelas a noite toda, atrapalhando o sono da casa ao lado. Ele tenta não se afligir quando estas coisas tomam seu tempo, e Helen o irrita menos que a criação de gansos. Mentalmente, ele a despe de sua vulgar roupa de lã encolhida e torna a vesti-la com algum veludo estampado que vira no dia

anterior, 6 xelins o metro. Suas mãos, ele vê, estão esfoladas e inchadas pelo trabalho duro; ele as garante com luvas de pelica.

— Mas embora eu diga que ele me abandonou, pode ser que ele esteja morto. Ele era um grande bebedor e encrenqueiro. Um homem que o conhecia me disse que ele saiu perdendo numa briga, e que eu deveria procurá-lo no fundo do rio. Mas outro o viu nos atracadouros de Tilbury, com uma sacola de viagem. Portanto, o que sou? Esposa ou viúva?

— Eu vou investigar. Contudo, acho que você preferiria que eu não o encontrasse. Como você tem sobrevivido?

— Quando ele desapareceu, eu fazia costuras para um fabricante de velas de navio. Desde que cheguei a Londres para buscá-lo, eu me emprego como diarista. Trabalho como lavadeira num convento próximo da catedral de São Paulo, ajudando na lavagem anual de seus lençóis. Elas me consideram uma boa funcionária, dizem que me darão um colchonete no sótão, mas não aceitam as crianças.

Mais um exemplo da caridade da Igreja. Ele se depara com eles a toda hora.

— Não podemos permitir que se torne escrava de um grupo de mulheres hipócritas. Pode vir para cá. Tenho certeza de que será útil. A casa está sempre aumentando, eu vivo fazendo reformas, como você mesma pode ver.

Ela deve ser uma boa moça, ele pensa, para se recusar a ganhar a vida da forma óbvia; se fosse para a rua, não lhe faltariam ofertas.

— Fui informado de que está interessada em aprender a ler, para compreender o evangelho.

— Algumas mulheres que conheci me levaram para algo que chamam de escola noturna. Era um porão em Broadgate. Antes disso, eu já conhecia Noé, os Três Reis Magos e o pai Abraão, mas nunca tinha ouvido falar de São Paulo. Em nossa antiga fazenda, tínhamos duendes que derramavam o leite e sopravam tempestades, mas me disseram que eles não são coisa de cristãos. Eu gostaria que tivéssemos continuado com a fazenda, apesar de tudo aquilo. Meu pai não tinha qualquer tino para a vida na cidade. — Ansiosos, seus olhos seguem as crianças. Elas se lançaram para fora do banco e caminham com passos incertos para ver a pintura que cresce pela

parede, e a mãe prende a respiração a cada um de seus passos. O pintor é um alemão, um jovem que Hans recomendou para um trabalho simples, e como o rapaz não fala inglês, ele se volta para explicar às crianças o que está fazendo. Uma rosa. Três leões, vejam como eles saltam. Dois pássaros pretos.

— Vermelho! — exclama a criança mais velha.

— Ela conhece as cores — diz Helen, ruborizada de orgulho. — Ela também está começando no um-dois-três.

O espaço onde antes se via o brasão de Wolsey é repintado com o brasão a ele recém-concedido: azure, sobre banda entre três leões rampantes ou, uma rosa gules, cardos de sinople, entre dois corvos córnicos.

— Está vendo, Helen, aqueles pássaros pretos eram emblema de Wolsey. — Ele ri. — Há gente que gostaria de jamais tornar a vê-los.

— Há outras pessoas, como nós, que não compreendem.

— Você fala das pessoas da escola noturna?

— Elas dizem, como pode um homem que ama o evangelho ter-se afeiçoado a alguém como o cardeal?

— Sabe, eu nunca gostei das maneiras altivas dele, e de suas procissões diárias, da pompa de que ele desfrutava. E mesmo assim, desde que a Inglaterra existe, jamais houve homem mais ativo nos interesses da Inglaterra. Além disso — ele acrescenta, triste —, quando ganhávamos sua confiança, Wolsey era um homem de tanta graça e tranquilidade... Helen, pode se mudar hoje para cá?

Ele imagina as freiras e a lavagem anual de suas roupas de cama, e imagina o rosto horrorizado do cardeal. Lavadeiras seguiam o cortejo de Wolsey como prostitutas seguem um exército, acaloradas pelos esforços de hora em hora. No Palácio de York, Wolsey mandou fazer uma banheira tão funda que comportasse um homem imerso de pé na água, e o aposento era aquecido por um forno como os que se encontram nos Países Baixos, e mais de uma vez ele negociou acordos com a cabeça avermelhada do cardeal flutuando na superfície. Henrique tomou o lugar agora, e se atira na piscina com cavalheiros favorecidos, que se submetem a ser empurrados sob a água e semiafogados por seu amo, quando seu ânimo o conduz a isso.

O pintor oferece o pincel à menina mais velha. Helen cora. Cuidado, amor, ela avisa. Uma porção de azul é aplicada. Você é uma pequena artista, diz o pintor. *"Gefällt es Ihnen, Herr Cromwell, sind Sie stolz darauf?"*

Ele diz a Helen, ele me pergunta se estou satisfeito e orgulhoso. Se não está, seus amigos ficarão orgulhosos em seu lugar, ela diz.

Eu vivo traduzindo, ele pensa: quando não de idioma a idioma, então de pessoa a pessoa. Ana a Henrique, Henrique a Ana; naqueles dias em que ele quer consolo e ela está espinhosa como um arbusto de azevinho. Naqueles momentos (eles de fato existem) em que o olhar do rei se prolonga para outra mulher e ela percebe e parte em disparada para seus próprios aposentos. Ele, Cromwell, perambula como uma espécie de poeta público, levando afirmações de desejo de um lado a outro.

Ainda não são três horas, mas o salão já está em penumbra. Ele pega a criança menor, que se atira sobre seu ombro e cai no sono com a mesma velocidade com que despenca um homem ao ser empurrado de uma muralha.

— Helen — ele diz —, esta casa está cheia de rapazes faceiros, e todos se oferecerão para ensiná-la a ler, trarão presentes e tentarão adocicar seus dias. Aprenda, e aceite os presentes, e seja feliz aqui conosco, mas se alguém for abusado demais, precisa me dizer, ou dizer a Rafe Sadler. É o menino da barbicha ruiva. Bem, eu não deveria mais chamá-lo de menino.

Logo fará vinte anos que ele trouxe Rafe da casa do pai, num dia tenebroso e escuro como este, com chuva desabando dos céus e ele carregando a criança agarrada a seu ombro, e o levou para dentro de seu salão na Fenchurch Street.

\* \* \*

A tempestade os prendeu em Calais por dez dias. Navios saídos de Boulogne foram destruídos, a Antuérpia ficou inundada, grande parte dos campos submersos. Ele gostaria de enviar mensagens a seus amigos, indagando sobre suas vidas e propriedades, mas as

estradas estavam intransponíveis, e a própria Calais é uma ilha flutuante governada por um alegre monarca. Ele vai aos aposentos do rei para requisitar uma audiência — os negócios não param por mau tempo —, mas é informado de que “O rei não pode vê-lo esta manhã. Henrique e Lady Ana estão compondo temas para a harpa”.

Rafe troca olhares com ele e os dois se afastam.

— Vamos torcer para que eles tenham alguma cançãozinha para apresentar depois.

Thomas Wyatt e Henry Norris se embebedam juntos numa taverna de quinta categoria. Eles fazem juras de amizade eterna, mas seus acompanhantes se metem numa briga no pátio do estabelecimento e rolam pela lama.

Ele não vê Maria Bolena em lugar algum. Presumivelmente, ela e Stafford encontraram alguma toca onde pudessem compor juntos.

Ao meio-dia, sob luz de velas, Lorde Berners lhe mostra sua biblioteca, coxeando energicamente de mesa em mesa, manuseando com cuidado os velhos tomos dos quais fez eruditas traduções. Ali está um romance do rei Artur.

— Quando comecei a ler, quase desisti do projeto. Para mim é óbvio que é um conto fantástico demais para ser verdade. Mas, pouco a pouco, enquanto lia, tive a impressão de que havia uma moral na história. — Ele não diz qual é. — E aqui está uma tradução de Froissart para o inglês, tarefa que Sua Majestade em pessoa me convidou a empreender. Não pude fazer outra porque ele só me concedeu 500 libras. Gostaria de ver minhas traduções do italiano? São particulares, não as mandei para impressão.

Ele passa uma tarde com os manuscritos e os dois os debatem ao jantar. Lorde Berners detém um cargo que Henrique lhe concedeu em caráter vitalício, chanceler do erário, mas como Berners não está em Londres dedicando-se ao emprego, a posição não lhe traz muito dinheiro e nem a influência que deveria.

— Sei que o senhor é um bom homem de negócios. Poderia dar uma olhada em minhas contas, em sigilo? Não se encontram numa situação que se poderia chamar ordeira.

Lorde Berners deixa o visitante a sós com a lambança que ele chama de livros contábeis. Uma hora se passa: o vento assovia pelos

telhados, as chamas das velas tremulam, o granizo tamborila nas vidraças. Ele ouve o arrastar do pé deficiente de seu anfitrião: um rosto ansioso espreita pela porta.

— Quais são as boas?

Tudo o que ele encontra são dívidas. Isto é o que alguém consegue por se dedicar a estudos acadêmicos e a servir ao rei do outro lado do mar, quando poderia estar na corte com dentes, olhos e cotovelos preparados, pronto para se fazer valer de sua vantagem.

— Eu gostaria que o senhor tivesse me convocado antes. Sempre há algo a ser feito.

— Ah, mas quem o conhecia, Sr. Cromwell? — explica o velho. — Sim, recebi cartas, mencionando negócios de Wolsey, negócios do rei. Mas eu não o conhecia. Até agora, nunca me pareceu provável que eu viria a conhecê-lo.

No dia em que estão finalmente prontos para embarcar, o garoto da estalagem dos alquimistas aparece.

— Finalmente! O que me traz?

O menino mostra as mãos vazias, e desata a falar algo parecido ao inglês.

— *On dit* que aqueles magos retornaram a Paris.

— Pois então estou decepcionado.

— Monsieur, o senhor é difícil de achar. Fui ao lugar onde *le roi Henri* e a *Grande Putain* estão hospedados, "*je cherche milord Cremuel*", e as pessoas riram de mim e me bateram.

— Isto porque eu não sou um milorde.

— Neste caso, não sei o que seria um milorde em seu país.

Ele oferece uma moeda ao menino por seus esforços, e outra pela surra, mas o garoto recusa.

— Pensei em me colocar a seu serviço, monsieur. Decidi sair de viagem.

— Seu nome é?

— Christophe.

— Tem um nome de família?

— *Ça ne fait rien.*

— Seus pais?

Ele dá de ombros.

- Idade?
- Que idade me daria?
- Sei que sabe ler. Sabe brigar?
- Há muitas brigas *chez vous*?

Christophe é a seu modo atarracado. Só precisa nutrir-se e, dentro de um ano ou dois, será difícil de derrubar. Ele lhe dá 15 anos, não mais.

- Tem problemas com a lei?

— Na França — responde Christophe, debochado: como se dissesse, na distante Catai.

- É ladrão?

O garoto faz um movimento de golpe, com uma faca invisível na mão.

- Matou alguém?
- Ele não parecia muito bem.

Ele sorri.

— Tem certeza de que deseja chamar-se Christophe? Pode mudar agora, mas não depois.

- Monsieur me compreende.

Por Deus, claro que sim. Você poderia ser meu filho. E então ele o observa com atenção, para se certificar de que realmente não é; de que não é um dos moleques arruaceiros de que o cardeal falava, que ele deixou às margens do Tâmis, e quiçá junto a outros rios, em outros climas. Mas os olhos de Christophe são de um azul amplo e imperturbável.

— Não tem medo da viagem por mar? — pergunta ele. — Em minha casa em Londres há muitos que falam francês. Em breve poderá se tornar um de nós.

Em Austin Friars, Christophe o persegue com perguntas. Aqueles magos, o que é que eles tinham? Era o mapa de um tesouro escondido? — Ele agita os braços. — Eram instruções para uma daquelas máquinas voadoras? Era uma máquina para *faire* grandes explosões, ou um dragão militar, que cospe fogo?

Ele responde:

- Já ouviu falar de Cícero?



— Não. Mas estou disposto a investigá-lo. Até hoje, não ouvi nada sobre o bispo Gardineur. *On dit* que o senhor roubou os campos de morangos dele e deu para a amante do rei, e agora ele pretende — o garoto se interrompe e novamente faz sua imitação de um dragão militar — arruiná-lo completamente e persegui-lo até a morte.

— Ah, e muito depois disso, se conheço meu amigo.

Já houve descrições piores de sua situação. Ele deseja dizer: ela não é uma amante, não mais; contudo, este segredo — que logo se tornará um segredo público — não me pertence para passar adiante.

Vinte e cinco de janeiro, 1533, aurora, uma capela em Whitehall, seu amigo Rowland Lee como padre, Ana e Henrique fazem seus votos, confirmam o pacto que fizeram em Calais: quase em segredo, sem qualquer celebração, apenas um punhado de testemunhas, e o casal em silêncio, exceto por pequenas afirmações de intenção forçadas pela cerimônia. Henry Norris está pálido e sério: terá sido misericordioso, obrigá-lo a testemunhar duas vezes seguidas que Ana foi dada a outro homem?

William Brereton é uma testemunha, já que serve na câmara privada do rei.

— Está mesmo aqui? — ele lhe pergunta. — Ou está em algum outro lugar? Os cavalheiros me dizem que têm o dom de estar em dois lugares ao mesmo tempo, como os grandes santos.

Brereton o encara.

— O senhor anda escrevendo cartas para Chester.

— Assuntos do rei. Como não?

Eles conversam em murmúrios, enquanto Rowland junta as mãos dos noivos.

— Eu lhe direi apenas uma vez. Fique longe dos assuntos da minha família. Ou sairá perdendo, Sr. Cromwell, mais do que pode imaginar.

Ana é assistida por apenas uma dama, sua irmã. Quando partem — o rei arrastando a esposa, a mão em seu antebraço, para alguns exercícios de harpa — Maria se volta e lhe dirige um suntuoso

sorriso. Ela ergue a mão, polegar e indicador a um centímetro de distância.

Maria sempre disse, serei a primeira a saber. Serei eu a desatar o corpete dela.

Ele se dirige a William Brereton, delicadamente; e diz, cometeu um erro ao me ameaçar.

Ele retorna a seu escritório em Westminster. Ele se pergunta, será que o rei já sabe? Provavelmente não.

Ele se senta com seu rascunho. Velas são trazidas. Ele vê a sombra de sua própria mão deslizando sobre o papel, o próprio punho despido da luva de veludo. Ele não quer nada entre si e a folha de papel, a linha negra de tinta corrente; assim, ele tira os anéis, a turquesa de Wolsey e o rubi de Francisco — no Ano-Novo, Henrique fez deslizar o anel de seu próprio dedo e o devolveu ao conselheiro, no engaste que o joalheiro de Calais desenhou, e disse, como os governantes fazem, num surto de confiança, agora isto será um sinal entre nós, Cromwell, mande uma correspondência com isto e saberei que vem de sua mão, mesmo que não haja seu selo.

Um confidente de Henrique que observava o colóquio — Nicholas Carew — comentou, o anel de Sua Majestade cabe em você sem qualquer ajuste. E ele respondeu, realmente cabe.

Ele hesita, a pena parada. Ele escreve, "Este reino da Inglaterra é um império". Este reino da Inglaterra é um império, e assim é aceito no mundo, governado por um líder e rei supremo...

Às 11 horas, quando o dia chega ao máximo de sua claridade, ele faz a refeição com Cranmer no alojamento deste em Cannon Row, onde o doutor vive até que sua nova posição seja confirmada e ele possa morar no Palácio de Lambeth. Cranmer vem praticando sua nova assinatura, Thomas Eleito da Cantuária. Logo ele jantará com toda pompa, mas hoje, ainda como um estudioso esfarrapado, ele põe os papéis de lado para abrir espaço a uma toalha de mesa e um peixe salgado, sobre o qual ele faz um sinal da cruz.

— Isto não vai melhorar essa coisa — ele diz. — Quem está cozinhando para você? Vou mandar outra pessoa.

— E então, o casamento está feito? — É típico de Cranmer, esperar para ouvir a notícia, trabalhando seis horas em silenciosa

paciência, a cabeça baixa sobre os livros.

— Sim, Rowland fez jus ao ofício. Ele não casou Ana com Norris, nem casou o rei com a irmã dela. — Ele sacode seu guardanapo. — Eu sei uma coisa. Mas terá que me persuadir a contar.

Ele espera que, a título de persuasão, Cranmer confie o segredo que prometeu em sua carta, o segredo escrito nas margens da folha. Mas deve ter sido alguma indiscrição sem importância, agora esquecida. Já que o Eleito da Cantuária apenas se ocupa meticulosamente com escamas e pele, ele diz:

— Ela, Ana, já carrega um filho.

Cranmer ergue os olhos.

— Se é neste tom que conta, o povo vai pensar que o crédito é seu.

— Não está impressionado? Não está contente?

— Eu me pergunto que tipo de peixe isto pretende ser? — Cranmer comenta com vago interesse. — Naturalmente, estou maravilhado. Mas veja bem, eu já sabia, porque este casamento é limpo; por que Deus não o abençoaria com uma prole? E com um herdeiro?

— Claro, com um herdeiro. Veja. — Ele saca os papéis em que vem trabalhando.

Cranmer limpa os dedos e se inclina para a vela.

— Ou seja, após a Páscoa — ele diz, lendo a missiva —, fazer um apelo ao papa em qualquer assunto será contra a lei e contra a prerrogativa do rei. Aí está o processo de Catarina, morto e enterrado. E eu, Cantuária, posso decidir a causa do rei em nossas próprias cortes. Bem, demorou até demais.

Ele ri.

— O senhor demorou até demais. — Cranmer estava em Mântua quando soube da honra que o rei pretendia conceder-lhe. Ele começou um tortuoso retorno: Stephen Vaughan o encontrou em Lyons e o rebocou pelas estradas de inverno e através das nevascas da Picardia até o barco. — Por que demorou? Será que nem todo rapaz quer ser arcebispo? Bem, agora que estou lembrando, eu não queria. O que eu queria era ter meu próprio urso.

Cranmer o observa com expressão especulativa.

— Estou seguro de que é algo que pode ser arranjado.

Gregory lhe perguntou: como saber quando Cranmer está fazendo uma piada? Ele respondeu, não dá para saber, elas são raras como botões de macieira em janeiro. E agora ele passará algumas semanas com o vago temor de que um urso seja deixado em sua porta. Quando os dois se despedem naquele dia, Cranmer ergue os olhos da mesa e diz:

— Claro, oficialmente, eu não sei de nada.

— Sobre o filho?

— Sobre o casamento. Como serei juiz do antigo casamento do rei, não seria apropriado que eu soubesse que o novo já aconteceu.

— Verdade — ele concorda. — O que Rowland anda fazendo nas primeiras horas da manhã é assunto dele.

Ele deixa Cranmer com a cabeça baixa sobre os resquícios de sua refeição, como se estudasse como reconstituir o peixe.

Como a ruptura com o Vaticano ainda não estava completa, não poderia haver um novo arcebispo a menos que o papa o apontasse. Os enviados a Roma estavam autorizados a dizer qualquer coisa, prometer tudo, por enquanto, para induzir Clemente a concordar. O rei diz, apoplético:

— Sabe quanto custam as bulas papais, para Cantuária? E eu tenho que pagar por elas? Sabe quanto custa instaurar Cranmer? — Ele acrescenta: — Mas isto deve ser feito adequadamente, claro, nada omitido, nada reduzido.

— Se depender de mim, será o último gasto que Vossa Majestade terá com Roma.

— E você sabia — continua o rei, como se tivesse descoberto algo inacreditável — que Cranmer não tem um centavo próprio? Ele não pode contribuir com nada.

Ele pede um empréstimo em nome da Coroa a um rico genovês, um conhecido seu chamado Salvago. Para persuadi-lo a emprestar, ele manda à casa de Sebastian uma gravura que sabe que o amigo cobiça. Ela mostra um jovem parado num jardim, os olhos erguidos para uma janela vazia, onde é de se esperar que logo apareça uma dama; seu perfume já paira no ar, e pássaros intrigados observam

dos galhos a ausência dela, prontos para cantar. Em suas mãos, o jovem segura um livro; é um livro em forma de coração.

Cranmer passa o dia inteiro em comitês, em salões privados de Westminster. Ele está redigindo um texto para o rei, para provar que, ainda que o casamento de seu irmão com Catarina não tenha sido consumado, o fato não afeta o argumento da anulação, pois eles certamente pretendiam estar casados e esta intenção gera afinidade; ademais, nas noites que passaram juntos, sua intenção era gerar filhos, ainda que não tenham cumprido da maneira correta. De modo a não insinuar que Henrique ou Catarina estejam mentindo, os homens do comitê pensam em circunstâncias nas quais o casamento talvez tenha sido parcialmente consumado, ou ligeiramente consumado; para isto, eles imaginam todos os desastres e vergonhas que podem ocorrer entre um homem e uma mulher sozinhos num quarto escuro. Os senhores gostam do trabalho?, indaga Cranmer; observando as pessoas curvadas e empoeiradas, ele os julga dotados da experiência necessária. Em seus escritos, Cranmer insiste em se referir à rainha como “a mais serena Catarina”, como se para separar o rosto plácido, emoldurado por um travesseiro de linho, das indignidades forçadas na parte inferior de seu corpo: os arranhões do garoto, a bolinação entre suas coxas.

Enquanto isso, ao passear por uma galeria em Whitehall, Ana, a rainha oculta da Inglaterra, se destaca de seu grupo de acompanhantes masculinos; ela ri quando começa a trotar, quase saltitar, e eles esticam os braços para segurá-la, como se fosse perigoso, mas ela afasta as mãos deles, rindo.

— Sabem que tenho grande anseio por comer maçãs? O rei diz que isto significa que terei um bebê, mas eu respondi, não, não, não pode ser isto... — Ana rodopia, uma vez, outra vez. Ela cora, lágrimas fervilham em seus olhos e parecem voar de seu rosto como as águas de uma fonte desregulada.

Thomas Wyatt abre caminho entre a aglomeração.

— Ana... — Ele segura suas mãos, puxa o corpo para o seu. — Ana, controle-se, querida. Calma...

Ela se desfaz em uma tempestade de soluços, aninhando-se contra o ombro dele. Wyatt a detém com firmeza; seus olhos passeiam ao redor, como se de repente ele estivesse nu na estrada e procurasse algum viajante com uma vestimenta para cobrir suas vergonhas. Entre os observadores, Chapuys; o embaixador faz uma saída rápida e significativa, as perninhas agitadas, um sorrisinho estampado no rosto.

Assim, estas são as notícias transmitidas ao imperador. Seria ótimo ter o velho casamento anulado e o novo casamento confirmado para a Europa antes do anúncio do feliz estado de Ana. Entretanto, a vida nunca é perfeita para o servo de um príncipe; como Thomas More costumava dizer, não espere entrar no céu numa cama de plumas.

Dois dias depois, ele está a sós com Ana; ela está instalada diante de uma fresta da janela, olhos fechados, como uma gata que se aquece sob um fraco feixe de sol invernal. Ana estica a mão para o visitante, praticamente sem saber quem chegou; qualquer homem serve? Ele segura as pontas de seus dedos. Ela abre os olhos negros. É como uma loja quando a porta se abre: bom-dia, Sr. Cromwell, o que temos hoje para oferecer um ao outro?

— Estou cansada de Maria — ela reclama. — E gostaria de me livrar dela.

Ela se refere à filha de Catarina, a princesa?

— Ela deveria se casar e sair do meu caminho. Não quero ser obrigada a vê-la. Não quero ter que pensar nela. Há muito que imagino Maria casada com alguma pessoa insignificante.

Ele espera, ainda em dúvida.

— Não acho que ela seria uma má esposa, se o homem estivesse disposto a acorrentá-la à parede.

— Ah. Maria, sua irmã.

— O que o senhor pensou? Ah — ela ri —, achou que eu falava de Maria, a bastarda do rei. Bem, agora que me deu essa ideia, ela também deveria ser casada. Que idade ela tem?

— Dezessete no ano que vem.

— E ainda é uma anã? — Ana não espera a resposta. — Eu encontrarei algum senhor de idade para ela, um senhor idoso, muito

honrado e fraco, que não lhe dará filhos e a quem pagarei para ficar longe da corte. Mas, quanto a Lady Carey, o que fazer? Ela não pode se casar com o senhor. Nós implicamos com ela, dizendo que o senhor é seu escolhido. Certas damas têm uma preferência secreta por homens da plebe. Nós dizemos, Maria, ah, como você anseia por se aninhar entre os braços do ferreiro... Só de pensar, o senhor já parece acalorado.

— Está satisfeita? — ele indaga.

— Sim. — Ana baixa os olhos, e as pequenas mãos descansam sobre as costelas. — Sim, por causa disso. Veja bem — ela diz, vagarosamente —, sempre fui desejada. Mas agora sou valorizada. E isto é uma coisa diferente. Acho.

Ele faz uma pausa, para que ela tenha seus próprios pensamentos: ele percebe que são preciosos para ela.

— Pois bem — continua Ana —, o senhor tem um sobrinho, Richard, uma espécie de Tudor, embora eu não tenha a menor ideia de como isso sucedeu.

— Posso desenhar a árvore genealógica dele.

Ela balança a cabeça, sorrindo.

— Eu não lhe daria o trabalho. Desde que isto aconteceu — seus dedos deslizam para o ventre —, eu acordo pela manhã e mal lembro meu nome. Sempre me perguntei por que as mulheres ficam tão tolas, mas agora eu compreendo.

— Mencionou meu sobrinho.

— Eu já o vi com o senhor. Parece um rapaz determinado. Ele pode servir para Maria. Ela gosta é de peles e joias. O senhor pode provê-la destas coisas, não pode? E um bebê no berço a cada dois anos. E, quanto à paternidade, o senhor pode fazer seus próprios arranjos domésticos no assunto.

— Imaginei que sua irmã tinha uma relação. Não tem?

Ele não quer vingança: apenas esclarecimento.

— Ela tem? Ah, bem, as relações de Maria... geralmente passageiras e por vezes muito estranhas... como já deve saber não? — Isto não é uma pergunta. — Traga-os à corte, seus meninos. Quero vê-los.

Ele a deixa, os olhos tornando a se fechar, aproximando-se mais do calor, o pequeno raio de sol que é tudo que fevereiro oferece.

O rei concedeu-lhe aposentos no velho palácio de Westminster, para quando seu conselheiro trabalha até tarde demais para voltar para casa. Assim sendo, ele tem que caminhar mentalmente por seus cômodos de Austin Friars, recuperando imagens da memória, onde as deixou em parapeitos de janela, sob banquetas, nas pétalas das flores espalhadas aos pés de Anselma na tapeçaria. Ao fim de um longo dia, ele janta com Cranmer e Rowland Lee, que se agita entre os vários funcionários, incitando-os a trabalhar. Às vezes o lorde chanceler Audley se junta ao grupo, mas eles não se ocupam de qualquer formalidade, apenas se sentam como um bando de estudantes sujos de tinta e conversam até que chega a hora de Cranmer ir para a cama. Ele deseja desvendar estas pessoas, testar até onde pode confiar nelas, e descobrir suas fraquezas. Audley é um advogado prudente que pode peneirar uma frase como um cozinheiro cata pedrinhas numa saca de arroz. Um eloquente orador, ele é obstinado em seus pontos e dedicado à carreira; agora que é chanceler, Audley tem por objetivo fazer uma renda que combine com o cargo. Quanto às suas crenças, isto está aberto a negociações; ele acredita no Parlamento e no poder do rei exercido no Parlamento; quanto a assuntos de fé... digamos que suas convicções são flexíveis. Quanto a Lee, ele se pergunta se ele ao menos acredita em Deus — embora isto não o impeça de almejar um bispado.

— Rowland, não gostaria de levar Gregory para sua casa? Creio que Cambridge fez tudo o que podia por ele. E admito que Gregory não fez nada por Cambridge.

— Eu o levarei comigo para o norte — responde Rowland — quando viajar para confrontar os bispos nortistas. É um bom menino, Gregory. Não é dos mais decididos, mas eu compreendo. Nós ainda vamos torná-lo útil.

— Não planeja integrá-lo à Igreja? — indaga Cranmer.

— Eu disse — rosna Rowland — que vamos torná-lo útil.

Em Westminster, seus secretários entram e saem com notícias e fofocas e papelada, e ele mantém Christophe consigo, teoricamente



para cuidar de suas roupas, mas na verdade para fazê-lo rir. Ele sente falta da música que têm todas as noites em Austin Friars, e das vozes das mulheres, ouvidas de outros cômodos.

Ele passa a maior parte dos dias da semana na Torre, persuadindo os capatazes a manter seus homens trabalhando mesmo com neve e chuva; verificando as contas do tesoureiro e fazendo um novo inventário das joias e prataria do rei. Ele convoca os fiscais da casa da moeda e sugere um padrão preciso para as cunhagens de Henrique.

— O que eu gostaria de fazer — explica ele — é tornar nossas moedas inglesas tão perfeitas que os comerciantes do outro lado do mar nem sequer se deem ao trabalho de pesá-las.

— O senhor tem autoridade para isso?

— Por quê? O que está escondendo?

Ele redigiu um memorando para o rei, explicitando as fontes de seus rendimentos anuais e detalhando por quais gabinetes governamentais eles passam. É notavelmente conciso. O rei lê e relê. Ele vira o papel para checar se algo complicado e inexplicável está escrito no verso. Mas não há nada além do que já salta aos olhos.

— Não é algo novo — explica ele, quase se desculpando. — O falecido cardeal sabia de cor seus memorandos. Eu vou continuar fiscalizando a casa da moeda, se assim o desejar Vossa Majestade.

Na Torre, ele visita um prisioneiro, John Frith. A seu pedido, que não é o mesmo que nada, o prisioneiro é mantido acima do chão, limpo, com cama quente, comida suficiente e um suprimento de vinho, papel e tinta; contudo, ele aconselhou Frith a livrar-se de seus escritos se ouvir a chave na tranca. Ele espera enquanto o carcereiro o admite, os olhos no chão, já desgostoso do que verá; mas John Frith se ergue de sua mesa, um jovem educado e esbelto, versado em grego e diz, Sr. Cromwell, eu sabia que viria.

Quando ele toma as mãos de Frith, sente que não passam de ossos, frias, secas e com reveladores traços de tinta. Ele pensa, este jovem não pode ser tão delicado, se sobreviveu por tanto tempo. Frith era um dos estudantes trancados no calabouço da faculdade de Wolsey, onde os homens do evangelho eram mantidos porque não

havia outro lugar seguro. Quando a praga do verão se abateu no subsolo, Frith ficou no escuro com os cadáveres até que alguém se lembrou de libertá-lo.

— Sr. Frith — diz ele —, se eu estivesse em Londres quando foi preso...

— Mas durante sua estada em Calais, Thomas More esteve ocupado.

— O que o levou a retornar à Inglaterra? Não, não precisa me dizer. Se estava metido com o trabalho de Tyndale, prefiro não saber. Dizem que o senhor se casou, é verdade? Na Antuérpia? A única coisa que o rei não pode tolerar... Não, há muitas coisas que ele não pode tolerar, mas ele odeia padres casados. E odeia Lutero, e o senhor traduziu Lutero para o inglês.

— O senhor coloca o caso com extrema clareza para a minha promotoria.

— Ajude-me a ajudá-lo! Se eu conseguir uma audiência para o senhor com o rei... O senhor teria de se preparar, ele é um teólogo muito astuto... Acha que poderia abrandar suas respostas, para agradá-lo?

A fogueira está acesa, mas a cela ainda está fria. Ninguém escapa das névoas e exalações do Tâmis. Frith responde, a voz quase inaudível:

— Thomas More ainda tem crédito com o rei. E ele escreveu uma carta a Henrique, dizendo — Frith consegue sorrir — que eu sou Wycliffe, Lutero e Zwingli embolados num só e amarrados com um barbante; um reformista recheado com outro, como um ganso é recheado com uma galinha que é recheada com um faisão. More pretende me jantar, portanto, não macule sua credibilidade pedindo misericórdia. Quanto às minhas respostas apaziguadoras... Eu acredito, e direi diante de qualquer tribunal...

— Não faça isso, John.

— Direi diante de qualquer tribunal o mesmo que direi perante meu último juiz: que a Eucaristia não passa de pão, que não temos necessidade alguma de penitências, que o Purgatório é uma invenção sem base nas escrituras...

— Se alguns homens aparecerem e disserem, “venha conosco, Frith”, vá com eles. Serão meus homens.

— O senhor acha que pode me tirar da Torre?

A Bíblia de Tyndale diz, com Deus, nada há de impossível.

— Se eu não tirá-lo da Torre, então sua chance será quando for levado para interrogatório. Esteja atento para aproveitá-la.

— Mas com que propósito? — Frith fala com gentileza, como se falasse a um jovem pupilo. — Acha que pode me esconder em sua casa e esperar que o rei mude de ideia? Eu teria de fugir de lá e caminhar para a Cruz de São Paulo e proclamar diante dos londrinos aquilo que já disse.

— Seu testemunho não pode esperar?

— Não por Henrique. Acabaria aguardando até a velhice.

— Será queimado.

— E o senhor acha que não posso suportar a dor? Tem razão, não posso. Mas eles não me darão escolha. Como More diz, um homem dificilmente se transforma em herói se aceita ser queimado depois que já está acorrentado a um poste. Eu escrevi livros e não posso desfazê-los. Não posso desacreditar do que acredito. Não posso retroceder em minha vida.

Ele o deixa. Quatro horas: o tráfego no rio é esparso, um vapor fino e penetrante paira entre água e ar.

No dia seguinte, um dia claro e frio, o rei chega na barca real para ver o progresso do trabalho, com o novo enviado francês; eles falam confidencialmente, o rei caminhando com a mão sobre o ombro de Dinteville, ou melhor, em sua ombreira; o francês usa tantas camadas de roupa que parece mais amplo do que as portas, mas, mesmo assim, ele está tremendo.

— Nosso amigo aqui precisa de um pouco de exercício para aquecer o sangue — diz Henrique —, e ele é um desastre com o arco; quando fomos praticar da última vez, ele tremia tanto que achei que flecharia o próprio pé. Ele se queixa de que não somos verdadeiros falcoeiros, e por isso decidi que ele deve sair para falcoar com você, Cromwell.

Seria isso uma promessa de uma folga? O rei se afasta e os deixa.

— Não se estiver frio desse jeito — comenta o enviado. — Eu não me plantarei num descampado com o vento uivando, seria a minha morte. Quando veremos o sol novamente?

— Ah, por volta de junho. Mas nessa época os falcões estarão trocando as penas. Planejo ter meus animais voando novamente em agosto. *Nil desperandum*, monsieur, nós teremos diversão.

— Vocês não adiariam esta coroação, não? — É sempre assim; após um pouco de bate-papo e brincadeiras, salta de sua boca uma proposta de embaixador. — Pois quando meu senhor fez o tratado, ele não esperava que Henrique ficasse exibindo a suposta esposa e seu barrigão. Se ele a tivesse com discrição, seria um assunto diferente.

Ele balança a cabeça. Não haverá adiamento. Henrique alega ter o apoio dos bispos, dos nobres, dos juizes, do Parlamento e do povo; a coroação de Ana é sua chance de prová-lo.

— Esqueça — responde ele. — Amanhã nós receberemos o núncio papal. Você verá como meu amo o manobra.

Henrique chama os dois, desde as muralhas.

— Suba aqui, senhor, admire a vista de meu rio.

— O senhor se pergunta por que tremo? — indaga o embaixador francês, agastado. — O senhor se pergunta por que trepido diante dele? Meu rio. Minha cidade. Minha salvação, talhada e bordada só para mim. Meu deus inglês feito sob medida. — Ele pragueja entre dentes, e começa a subir.

Quando o núncio papal chega a Greenwich, Henrique o leva pela mão e diz francamente como seus ímpios conselheiros o atormentam, e como ele anseia pelo retorno da perfeita amizade com o papa Clemente.

Seria possível observar o rei a cada dia de toda uma década e não ver a mesma pessoa. Escolha seu príncipe: a cada dia, ele tem mais admiração por Henrique. Às vezes ele parece infeliz, às vezes fraco, às vezes é um menino, às vezes é mestre em seu ofício. Por vezes ele parece um artista, pela forma como seus olhos passeiam por sua obra; por vezes ele move a mão e o outro não parece perceber o movimento. Se seu destino fosse uma posição menor na vida, Henrique poderia ser um ator itinerante, e líder de sua trupe.

Por ordens de Ana, ele leva seu sobrinho à corte, e Gregory também; o rei já conhece Rafe, pois o rapaz está sempre ao lado dele. O rei se detém e observa Richard por um longo tempo.

— Eu percebo. Percebo mesmo.

Até onde ele pode ver, não há nada no rosto de Richard para mostrar que ele tem sangue Tudor, mas o rei examina o rapaz com o olhar de um homem que deseja parentes.

— Seu avô Ap. Evan, o arqueiro, foi um grande servo para o rei meu pai. Você tem uma bela constituição. Eu gostaria de vê-lo na arena. Gostaria de vê-lo defendendo suas cores na justa.

Richard se curva. E depois, porque é a essência da cortesia, o rei se volta para Gregory e diz:

— E o Sr. Gregory também é um belo jovem.

Quando o rei se afasta, o rosto de Gregory se abre num simples prazer. Ele pousa a mão no braço, no lugar onde o rei o tocou, como se transferisse a graça real para as pontas dos dedos.

— Ele é muito esplêndido. Ele é esplêndido mesmo! Acima de tudo que já imaginei. E falou comigo! — Ele se vira para o pai. — Como o senhor consegue falar com ele todos os dias?

Richard lança um olhar de soslaio ao primo. Gregory lhe dá um soquinho no braço.

— Apesar de seu avô arqueiro, o que ele diria se soubesse que seu pai era deste tamanho? — Ele mostra a estatura de Morgan Williams entre o polegar e o indicador. — Por todos estes anos, eu estive treinando no ringue. Eu cavalgava para o boneco do sarraceno e enterrava minha lança bem no meio, tum, exatamente no coração negro do sarraceno.

— Sim — comenta Richard com paciência —, mas, espertinho, você vai descobrir que um cavaleiro vivo é um oponente mais difícil que um infiel de madeira. Você nunca pensa nos custos: armaduras de visível qualidade, um estábulo de cavalos treinados...

— Nós podemos pagar — retruca Gregory. — Pelo visto, nossos dias como soldados rasos já estão no passado.

Naquela noite em Austin Friars, ele pede para falar com Richard a sós após o jantar. É possível que seja um erro de sua parte,

apresentar o caso como se fosse uma proposta comercial, soletrando para o rapaz o que Ana sugeriu para seu casamento.

— Não crie expectativas. Ainda temos que obter a aprovação do rei.

— Mas ela não me conhece — argumenta Richard.

Ele espera por objeções: não conhecer alguém, isto é uma objeção?

— Eu não vou obrigá-lo.

Richard ergue os olhos.

— Tem certeza?

Quando já forcei, quando foi que obriguei alguém a fazer alguma coisa, ele começa a dizer: mas Richard o interrompe.

— Não, nunca, eu concordo, só que o senhor é experiente em persuadir, e às vezes é bastante difícil, senhor, fazer a distinção entre ser persuadido pelo senhor e ser derrubado e pisoteado na rua.

— Sei que Lady Carey é mais velha, mas ela é muito bonita, acho que é a mulher mais bonita da corte, e ela não é estúpida como todo mundo acredita, e que não traz em si nem um traço da malícia da irmã. — Ele pensa: de uma estranha maneira, Maria vem sendo uma boa amiga para mim. — E, em vez de ser o primo não reconhecido do rei, seria seu cunhado. Todos lucraríamos.

— Um título, talvez. Para mim, e para o senhor. Excelentes casamentos para Alice e Jo. E quanto a Gregory? Para ele, pelo menos uma condessa. — Richard tem a voz impassível. Estaria convencendo a si mesmo? Difícil dizer. Com muitas pessoas, a maioria talvez, o livro de seu coração está sempre aberto para ele, mas por vezes é mais fácil ler estranhos do que a própria família. — E Thomas Bolena seria meu sogro. E Tio Norfolk realmente seria nosso tio.

— Imagine a cara dele.

— Ah, a cara dele. Sim, eu caminharia descalço sobre brasas para ver sua expressão.

— Pense a respeito. Não conte a ninguém.

Richard se retira com uma mesura de cabeça, mas sem qualquer outra palavra. Parece que ele interpreta “não conte a ninguém” como “não conte a ninguém, exceto Rafe”, porque dez minutos

depois, Rafe entra e se planta diante dele, encarando-o, as sobrancelhas erguidas. Pessoas ruivas podem parecer muito severas quando erguem sobrancelhas que na verdade não existem.

Ele diz:

— Não precisa contar a Richard que Maria Bolena certa vez se ofereceu a mim. Não existe nada entre nós. Não será como Wolf Hall, se isto é o que o senhor está pensando.

— E se a noiva pensa diferente? Eu me pergunto se o senhor não pensou em casá-la com Gregory.

— Gregory é jovem demais. Richard tem 23 anos, uma boa idade para casar, quando se pode arcar com isso. E você já passou disso; já está na hora de se casar também.

— Vou casar mesmo, antes que o senhor arranje uma Bolena para mim. — Rafe dá meia-volta e diz, gentilmente: — Só um problema, senhor, e acho que isto é o que Richard questiona... todas as nossas vidas e fortunas dependem agora daquela dama, e, além de ser volúvel, ela é mortal, e toda a história do casamento do rei nos mostra que um filho na barriga não é um herdeiro no berço.

Em março, chega de Calais a notícia de que lorde Berners morreu. A tarde passada em sua biblioteca, a tempestade rugindo do lado de fora: ele a recorda como um refúgio de paz, a última hora que teve para si. Ele deseja fazer uma oferta pelos livros de Berners — uma oferta generosa, para ajudar Lady Berners —, mas pelo visto os tomos saltaram de suas mesas e partiram, alguns na direção de Francis Bryan, sobrinho do falecido, outros para mais um de seus parentes, Nicholas Carew.

— Vossa Majestade perdoaria as dívidas de Berners — ele pergunta a Henrique — pelo menos durante a vida da esposa? O senhor sabe que ele não deixa...

— Nenhum filho. — A mente de Henrique já se adiantou: outrora vivi neste estado infeliz, nenhum filho, mas logo terei meu herdeiro.

Ele leva algumas tigelas de maiólica para Ana. Do lado de fora está pintada a palavra *maschio*, e dentro há imagens de rechonchudos bebês louros, cada um com seu pequenino falo. Ela ri.

Ele diz a ela, os italianos recomendam manter-se aquecida para gerar um menino. Aqueça o vinho para esquentar seu sangue. Nada de frutas frias, nem peixe.

Jane Seymour indaga:

— O senhor acha que já está decidido o que será, ou que Deus decide mais tarde? Acha que o próprio bebê já sabe o que ele é? Acha que poderíamos saber se olhássemos dentro da sua barriga?

— Jane, eu gostaria que você ainda estivesse em Wiltshire — reclama Mary Shelton.

Ana responde:

— Não precisa me aniquilar, Srta. Seymour. É um menino, e ninguém deve dizer ou pensar o contrário. — Ela fecha o cenho, e dá para perceber que ela está se retorcendo por dentro de tanto esforço, reunindo sua grande força de vontade.

— Eu gostaria de ter um bebê — comenta Jane.

— Tome cuidado — recomenda Lady Rochford. — Se sua barriga aparecer, senhorita, vamos emparedá-la viva.

— Na família dela — declara Ana —, lhe dariam um buquê. Eles não sabem o que significa moderação, lá em Wolf Hall.

Jane fica ruborizada e trêmula.

— Não falei por mal.

— Deixem-na em paz — ordena Ana. — É como encurralar um camundongo. — Ela se dirige a ele. — Sua lei ainda não foi aprovada. Diga-me qual é o motivo do atraso.

Ela se refere à lei que proíbe apelações a Roma. Ele começa a explicar para Ana a força da oposição, mas ela ergue as sobrancelhas.

— Meu pai fala a seu favor na Câmara dos Lordes, e Norfolk. Portanto, quem ousaria opor-se a nós?

— Na Páscoa já estará aprovada, pode contar com isso.

— A mulher que vimos na Cantuária, dizem que seu pessoal publicará um livro de suas profecias.

— Pode até ser, mas farei de tudo para que ninguém o leia.

— Dizem que no último dia de Santa Catarina, enquanto estávamos em Calais, ela teve uma visão da suposta princesa Maria coroada como rainha. — Sua voz prossegue, fluida, rápida. — Estes



são meus inimigos, esta profetisa e os que a rodeiam, Catarina, que trama com o imperador, sua filha Maria, suposta herdeira, a velha governanta de Maria, Margaret Pole, Lady Salisbury, ela e toda sua família são meus inimigos, seu filho lorde Montague, seu filho Reginald Pole, que está no exterior, as pessoas falam que é um pretendente ao trono, e então por que ele não pode ser trazido de volta, para examinarmos sua lealdade? Henry Courtenay, Marquês de Exeter, ele acredita que tem direito por linhagem, mas quando meu filho nascer, ele perderá sua prepotência. Lady Exeter, Gertrude, ela vive reclamando que os nobres estão perdendo lugar para homens de nascimento inferior, e o senhor sabe a quem ela se refere.

Minha ama, diz sua irmã, delicadamente, não se angustie.

— Não estou angustiada — retruca Ana. Com a mão sobre a criança em desenvolvimento, ela conclui, em voz baixa: — Essa gente deseja minha morte.

Os dias ainda são curtos, e a paciência do rei mais curta ainda. Chapuys se curva e se torce perante Henrique, dobrando-se e fazendo caras e bocas, como se sua intenção fosse tirar o rei para dançar.

— Eu li, com certa perplexidade, algumas conclusões do Dr. Cranmer...

— Meu arcebispo — diz o rei friamente. A grande custo, a posse aconteceu.

— ... conclusões relativas à Rainha Catarina...

— Quem? Você se refere à esposa de meu falecido irmão, a princesa de Gales?

— ... pois Vossa Majestade sabe que as dispensas foram emitidas de forma a permitir que seu próprio casamento fosse válido, com ou sem consumação do antigo casamento.

— Não quero ouvir a palavra dispensa — decreta Henrique. — Não quero ouvi-lo mencionando o que chama de meu casamento. O papa não tem qualquer poder para tornar lícito o incesto. Sou tão esposo de Catarina quanto o senhor.

Chapuys se curva.

— Se o matrimônio não fosse nulo — continua Henrique, paciente pela última vez —, Deus não me teria punido com a perda de meus filhos.

— Não sabemos se a abençoada Catarina já ultrapassou a idade da concepção. — Chapuys ergue um olhar sorrateiro e cauteloso.

— Diga-me, por que acham que faço isto? — O rei parece curioso. — Por lubricidade? É isso que acham?

Matar um cardeal? Dividir seu país? Cindir a Igreja?

— Parece extravagante — murmura Chapuys.

— Mas é isto o que pensa. Isto é o que diz ao imperador. Mas está enganado. Eu sou o intendente de meu país, senhor, e se agora tomo uma esposa numa união abençoada por Deus, é para ter um filho com ela.

— Mas não há garantias de que Vossa Majestade terá um filho. Ou qualquer bebê vivo.

— E por que eu não teria? — Henrique está vermelho. Ele está de pé, gritando, lágrimas de fúria escorrendo por seu rosto. — Não sou um homem como os outros? Não sou? Não sou?

Ele é como um cãozinho de colo, o homem do imperador, mas até ele sabe que, se faz um rei chorar, é hora de se retirar. Na saída, tirando o pó das roupas com seus habituais floreios cômicos, Chapuys diz a ele:

— Há uma distinção a ser feita entre o bem-estar do país e o bem-estar da linhagem Tudor. Ou não concorda?

— E então quem é seu candidato preferido ao trono? Favorecem Courtenay, ou Pole?

— O senhor não deveria escarnecer de pessoas de sangue real. — Chapuys sacode as mangas. — Ao menos, agora estou oficialmente informado do estado da dama, ao passo que antes eu só podia deduzi-lo de certos espetáculos tolos que testemunhei... Os senhores sabem o quanto estão apostando, Cremuel, no corpo de uma mulher? Rezemos para que nenhum mal se aproxime dela, não?

Ele pega o embaixador pelo braço e o obriga a encará-lo.

— Que tipo de mal? Explique o que quis dizer.

— Se o senhor fizer o obséquo de largar minha casaca. Obrigado. O senhor recorre mui rapidamente a brutalizar os demais, o que apenas mostra, como dizem, seu berço. — Suas palavras estão repletas de bravata, mas Chapuys está tremendo. — Olhem à sua volta, vejam como ela ofende a própria nobreza do país, com seu orgulho e sua presunção. O próprio tio não tem estômago para os truques dela. Os mais antigos amigos do rei inventam desculpas para ficar longe da corte.

— Espere até que ela seja coroada — retruca ele. — Veja como eles voltam correndo.

No dia 12 de abril, domingo de Páscoa, Ana aparece com o rei em missa solene e é ungida rainha da Inglaterra. A lei passou pelo Parlamento no dia anterior; ele espera uma recompensa modesta e, antes que a comitiva real se recolha para encerrar seu jejum, o rei o chama para perto e lhe dá o antigo posto de lorde Berners, chanceler do erário.

— Berners sugeriu seu nome. — Henrique sorri. Ele gosta de presentear; como uma criança, ele gosta de imaginar como o beneficiado ficará contente.

Durante a missa, ele deixa a mente divagar pela cidade. Quantas criações de gansos barulhentos aguardam sua chegada em casa? Quantas brigas de rua, quantos bebês abandonados em degraus de igrejas, quantos aprendizes descontrolados com quem ele poderia dar uma palavrinha? Será que Alice e Jo pintaram ovos de Páscoa? Agora elas já estão bastante crescidas, mas ocupam com alegria o papel de crianças da casa até que a nova geração surja. É hora de começar a pensar em maridos para elas. Se tivesse sobrevivido, Anne Cromwell talvez estivesse casada agora, e com Rafe, já que ele ainda não foi requisitado. Ele pensa em Helen Barre; com que rapidez ela aprendeu a ler, e como Austin Friars já não pode viver sem ela. Ele agora crê que o esposo está morto, e pensa, preciso falar com ela, preciso dizer que ela está livre. Ela é muito modesta para demonstrar qualquer prazer, mas quem não gostaria de saber que não está mais sujeita a um homem daquele tipo?

Por toda a missa, Henrique conversa sem parar, aos sussurros. Ele revira papéis e os repassa entre seus conselheiros; é só na

consagração que se joga de joelhos num fervor de reverência, quando o milagre acontece e um pedaço de pão vira o corpo de Cristo. Assim que o padre diz, "*Ita, missa est*", ele sussurra no ouvido de Cromwell, venha a meu gabinete, sozinho.

Contudo, primeiro os cortesãos reunidos devem apresentar-se a Ana. As aias recuam e a deixam só num pequeno espaço iluminado pelo sol. Ele os observa, os cavalheiros e conselheiros, entre os quais há diversos amigos de infância do rei, neste dia festivo. Particularmente, ele observa Sir Nicholas Carew; nada falta em sua reverência à nova rainha, mas ele não consegue conter um crispar dos lábios. Componha seu rosto, Nicholas Carew, seu antiquíssimo semblante de família. Ele ouve novamente a voz de Ana, estes são meus inimigos: e acrescenta Carew à lista.

Por trás da sala de audiências ficam os próprios aposentos do rei, que apenas seus íntimos conhecem, onde ele é servido por seus cavalheiros e onde pode ver-se livre de embaixadores e espiões. Este é o território de Henry Norris, e Norris educadamente o congratula por sua nova nomeação e se afasta, a passos silenciosos.

— Sabe que Cranmer está prestes a convocar uma corte para fazer uma dissolução formal do... — Henrique já disse que não quer mais ouvir falar de seu antigo casamento, e portanto ele nem sequer pronuncia a palavra. — Pedi a ele que fizesse a reunião no mosteiro de Dunstable, pois fica a, quanto?, 15, 18 quilômetros de Ampthill, onde ela está alojada; assim ela pode mandar seus advogados, se quiser. Ou comparecer à corte pessoalmente. Eu quero visitá-la, em segredo, apenas conversar com ela...

E assegurar que Catarina não invente qualquer surpresa.

— Deixe Rafe comigo enquanto estiver fora. — O rei está de bom humor, sendo tão facilmente compreendido. — Posso contar com ele para dizer o que Cromwell diria. Você tem um bom rapaz ali. E ele o supera quanto a conservar o rosto impassível. Quando nos sentamos no conselho, eu o vejo com a mão na frente da boca. Às vezes, sabe, eu mesmo quero rir. — Ele se atira numa poltrona, cobre o rosto como se quisesse proteger os olhos. Ele vê que, mais uma vez, o rei está prestes a chorar.

— Brandon diz que minha irmã está morrendo. Não há mais nada que os médicos possam fazer por ela. Aqueles cabelos louros que ela tinha outrora, cabelos como prata; minha filha teve cabelos semelhantes. Aos 7 anos, Maria era a imagem de minha irmã, como uma santa pintada na parede. Diga-me, o que devo fazer com minha filha?

Ele espera até ter certeza de que é realmente uma pergunta.

— Seja bom para ela, senhor. Faça as pazes com Maria. Ela não deve sofrer.

— Mas terei de transformá-la numa bastarda. Preciso confiar a Inglaterra a meus filhos legítimos.

— O parlamento resolverá isto.

— Sim. — Ele funga, e enxuga as lágrimas. — Depois que Ana for coroada. Cromwell, uma coisa, e depois podemos tomar nosso desjejum, porque estou com muita fome. Este projeto de casamento para meu primo Richard...

Em sua mente, ele percorre rapidamente os meandros da nobreza da Inglaterra. Mas não, ele percebe que se trata de seu Richard, Richard Cromwell.

— Lady Carey... — A voz do rei se abrandava. — Bem, eu pensei sobre o tema, e acho que não. Ou pelo menos, não neste momento.

Ele assente. Ele compreende seus motivos. E quando Ana compreendê-los, ela cuspirá fogo.

— Às vezes é um alívio para mim — diz Henrique —, não ter de me explicar o tempo todo. Talvez você tenha nascido para me compreender.

É um ponto de vista sobre a situação entre eles. Ele estava havia já uns seis anos neste mundo antes que Henrique nele surgisse, anos que usou muito bem. Henrique tira sua boina bordada e a atira ao chão, passando as mãos pelos cabelos. Como a crina dourada de Wyatt, seu cabelo está rareando, e expõe a forma de seu enorme crânio. Por um momento, ele parece uma escultura, como uma forma mais simples de si mesmo, ou um de seus ancestrais: exemplar da raça de gigantes que viveu na Bretanha e não deixou traço algum além dos sonhos de seus pequeninos descendentes.

Ele volta para Austin Friars assim que consegue escapar. É claro que ele pode ter um dia de folga, não? As aglomerações do lado de fora de seu portão se dispersaram, pois Thurston as alimentou com um jantar de Páscoa. Ele desce primeiro às cozinhas, para dar a seu criado um tapa na cabeça e uma moeda de ouro.

— Uma centena de bocas arreganhadas, juro — descreve Thurston. — E por volta do jantar, eles estarão de volta.

— É uma vergonha que existam mendigos.

— Mendigos, o cacete! O que sai desta cozinha é tão bom que há oficiais lá fora, com capuzes postos para que não possamos reconhecê-los. E eu vivo de casa cheia aqui, com ou sem sua presença; tenho franceses, alemães, florentinos, todos alegam conhecê-lo e todos querem o jantar segundo seu próprio gosto, eu recebo os criados aqui embaixo, uma pitada disto, uma colherinha daquilo. Ou alimentamos menos gente ou teremos que construir outra cozinha.

— Eu vou ver isso.

— O Sr. Rafe diz que o senhor comprou toda uma pedreira da Normandia para a Torre. Ele diz que os franceses estão todos cavando, caindo um atrás do outro em buracos no chão.

Uma pedra tão bela. Da cor da manteiga. Quatrocentos homens na lista de pagamento, e qualquer um que reste é imediatamente realocado para as obras em Austin Friars.

— Thurston, não deixe ninguém colocar pitadas ou colherinhas em nossos jantares. — Ele pensa, foi assim que o bispo Fisher quase morreu; a não ser que tenha sido um caldo mal fervido, no fim das contas. Ninguém poderia criticar o caldo de Thurston. Ele se aproxima da caldeira, fervilhando, e a inspeciona. — Onde está Richard, sabe?

— Cortando cebolas na escada dos fundos. Ah, o senhor se refere ao Sr. Richard? Lá em cima. Comendo. Onde mais vivem todos?

Ele sobe. Os ovos de Páscoa, ele vê, portam suas próprias e inconfundíveis feições. Jo pintou seu chapéu e seu cabelo como uma coisa só, e assim ele parece usar um chapéu com cobertura de orelha. E Jo deu ao tio pelo menos dois queixos.

— Bem, senhor — explica Gregory —, é verdade que o senhor está ficando robusto. Quando Stephen Vaughan esteve aqui, mal pôde acreditar que era o senhor.

— Meu lorde cardeal inflou feito a lua — comenta ele. — É um mistério, porque ele mal se sentava para jantar e logo saltava de novo para lidar com alguma exigência, e mesmo quando estava à mesa, ele quase não comia de tanto que falava. Estou com pena de mim mesmo, desde ontem à noite que não como um pão. — Ele pega um pão, e diz: — Hans quer me pintar.

— Espero que ele saiba trabalhar rápido — brinca Richard.

— Richard...

— Coma seu jantar.

— Meu desjejum. Não, esqueça. Venha comigo.

— O noivo feliz — diz Gregory, provocando.

— Você — ameaça o pai —, partirá para o norte com Rowland Lee. Se pensa que eu sou um homem duro, espere até conhecer Rowland.

Em seu escritório, ele indaga:

— Como anda sua habilidade com as lanças?

— Boa. Os Cromwell derrubarão todos os desafiantes.

Ele teme por seu filho; teme que Gregory caia, que seja mutilado, morto. Teme por Richard também; estes meninos são a esperança de sua casa.

— E então, eu sou mesmo? Um noivo feliz? — pergunta Richard.

— O rei disse não. Mas não por minha família, ou por sua família; ele se refere a você como primo. Neste momento, ele está em boa disposição para conosco, eu diria até excelente. Mas ele precisa de Maria para si. O bebê deve nascer no fim do verão e ele teme tocar Ana. E não deseja retornar à vida celibatária.

Richard ergue os olhos.

— Ele confessou isto?

— Ele me deixou deduzir. E, porque deduzi, agora transmito a informação a você, e ambos estamos pasmos. Mas nós nos recuperaremos.

— Acho que seria mais fácil de compreender se as irmãs fossem mais parecidas.

— Creio que sim.

— E ele é o líder de nossa Igreja. Não impressiona que os estrangeiros achem ridículo.

— Se ele fosse um modelo de conduta em sua vida privada, seria... surpreendente. Mas quanto a mim, veja bem, eu só posso me preocupar com seu governo. Se ele fosse opressivo, se pretendesse atropelar o Parlamento, se não desse qualquer atenção aos Comuns e governasse por si mesmo... Mas ele não faz isso. Portanto, não posso me incomodar com o modo como ele se comporta com suas mulheres.

— Mas se ele não fosse rei...

— Ah, concordo. Ele seria mandado para a cadeia. Contudo, mais uma vez, Richard: excetuando o caso de Maria, Henrique se comporta muito bem. Ele não encheu um berçário de bastardos, como os reis escoceses. Houve amantes, mas quem pode citá-las? Só a mãe de Richmond, e as Bolena. Ele vem guardando a discrição.

— Eu ousou dizer que Catarina sabia os nomes.

— Quem pode dizer se ele será um marido fiel? Você?

— Talvez eu não tenha a chance.

— Pelo contrário, eu tenho uma esposa para você. A filha de Thomas Murfyn? A filha de um lorde governador não é um mau partido. E sua fortuna será maior que a dela, eu farei questão disso. E Frances gosta de você. Eu sei porque perguntei a ela.

— O senhor pediu a mão da minha esposa para mim?

— Uma vez que fui jantar com eles ontem... Não há motivo para postergar, há?

— Na verdade, não. — Richard ri. Ele se recosta em sua poltrona. Seu corpo, seu admirável corpo, tão capaz, que tanto impressionou o rei, é banhado por alívio. — Frances. Ótimo. Eu gosto de Frances.

Mercy aprova. Ele não consegue imaginar como ela teria reagido a Lady Carey; ele nem abordou o assunto com as mulheres. Mercy diz:

— Não espere demais para arranjar um casamento para Gregory. Ele é muito jovem, eu sei, mas alguns homens jamais amadurecem até que tenham um filho.



Ele não tinha pensado nisto, mas talvez seja verdade. Neste caso, há esperança para o reino da Inglaterra.

Dois dias depois, ele está de volta à Torre. O tempo passa rápido entre a Páscoa e Pentecostes, quando Ana será coroada. Ele inspeciona os novos aposentos da rainha e ordena braseiros para ajudar a secar o gesso. Ele deseja começar os afrescos — e gostaria que Hans aparecesse, mas o artista está pintando Dinteville e diz que precisa acelerar o trabalho porque o embaixador pede a Francisco que o chame de volta, com uma carta queixosa em cada barco. Para a nova rainha, não faremos aquelas cenas de caça que se veem em todo lugar, ou as tenebrosas santas virgens com instrumentos de tortura, mas deusas, pombas, falcões brancos, abóbadas de folhas verdes. A distância, cidades situadas em colinas: ao fundo, templos, bosques, colunas desmornadas e céus azuis firmemente delineados, como se dentro de uma moldura, por limites de cores vitruvianas, mercúrio e cinábrio, ocre queimado, malaquita, índigo e púrpura. Ele desenrola os desenhos dos artesãos. A coruja de Minerva abre as asas sobre um painel. Uma Diana de pés descalços ajusta uma seta em seu arco. Uma corça branca a observa das árvores. Ele rabisca uma instrução ao supervisor: A flecha deve ser realçada em ouro. Todas as deusas têm olhos escuros. Como uma insinuação do escuro, o pavor o domina: e se Ana morrer? Henrique desejará outra mulher. E a instalará nestes aposentos. Seus olhos talvez sejam azuis. Ele terá de raspar os rostos e pintá-los de novo, com as mesmas cidades ao fundo, os mesmos montes violáceos.

Do lado de fora, ele se detém para acompanhar uma briga. Um pedreiro e o capataz de olaria se atacam com tábuas. Ele para a fim de assistir, juntando-se aos pedreiros.

— Por que brigam?

— Por nada. Os pedreiros sempre têm de brigar com os oleiros.

— Como os Lancaster contra os York?

— Isso.

— Já ouviu falar de um campo chamado Towton? O rei me disse que 20 mil ingleses morreram ali.

O homem fica boquiaberto.

— Quem estavam combatendo?

— Uns aos outros.

Era Domingo de Ramos, no ano de 1461. Os exércitos de dois reis se encontraram na nevasca. O rei Eduardo, avô de Henrique, foi o vencedor, se é que se pode dizer que alguém saiu vitorioso. Corpos compuseram uma ponte flutuante que cruzava o rio. Incontáveis outros se arrastavam, rolavam e patinavam em seu próprio sangue: alguns cegos, alguns desfigurados, alguns mutilados para sempre.

A criança no ventre de Ana é a garantia de que não haverá mais guerra civil. É o começo, o início de algo, a promessa de um novo país.

Ele entra na briga e berra para que os homens parem. Empurra os dois, que tombam de costas: dois ingleses débeis, ossos frágeis, dentes raquíticos. Os vencedores de Agincourt. Fica aliviado por Chapuys não estar presente para ver isso.

As árvores estão completamente em flor quando ele adentra Bedfordshire, com uma pequena comitiva em caráter não oficial. Christophe cavalga a seu lado, e o importuna: o senhor disse que vai me contar quem é Cícero, e quem é Reginald Pole.

— Cícero foi um romano.

— Um general?

— Não, ele deixava esta tarefa para outros. Como eu, por exemplo, talvez a deixe para Norfolk.

— Ah, Norferk. — Christophe submete o duque à sua peculiar pronúncia. — É ele quem mijá na sua sombra.

— Por Deus, Christophe! Eu só tinha ouvido falar em cuspir na sombra de alguém.

— Sim, mas é de Norferk que estamos falando. E Cícero?

— Nós advogados tentamos memorizar todos os seus discursos. Se houvesse qualquer homem andando por aí hoje em dia com toda a sabedoria de Cícero, ele seria... — Seria o quê? — Cícero estaria ao lado do rei.

Christophe não está impressionado.

— Pole, ele é general?

— É um padre. Bem, não exatamente... ele tem cargos na Igreja, mas não foi ordenado.

— Por que não?

— Sem dúvida para que possa casar-se. O que o torna perigoso é seu sangue. Ele é um Plantageneta. Seus irmãos vivem aqui neste reino sob nossos olhos. Mas Reginald está no exterior, e tememos que esteja tramando com o imperador.

— Mande alguém para matá-lo. Eu posso ir.

— Não, Christophe, eu preciso que impeça a chuva de arruinar meus chapéus.

— Como desejar. — Christophe dá de ombros. — Mas eu matarei um Pole ao seu comando, será um prazer.

A cidadela de Amphill, outrora fortificada, tem torres arejadas e uma esplêndida guarita. Fica numa colina com vistas para o campo de bosques; é um sítio agradável, o tipo de casa que alguém visitaria após uma doença, para recuperar as forças. Foi construída com dinheiro ganho nas guerras francesas, na época em que os ingleses costumavam fazê-las.

Para combinar com a nova posição de Catarina, princesa-mãe de Gales, Henrique reduziu sua criadagem, mas ela ainda é cercada por capelães e confessores, por oficiais da casa real com seus próprios séquitos de subalternos, por mordomos e carpinteiros, médicos, cozinheiros, auxiliares de cozinha, vinheiros, harpistas, alaudistas, criadores de galinhas, jardineiros, lavadeiras, boticários e um exército de aias do guarda-roupa, damas de companhia e suas respectivas criadas. Mas, quando ele entra, Catarina meneia a cabeça para que suas atendentes se retirem. Ninguém avisou Catarina para que ela se preparasse para a visita, mas ela deve manter espiões pelas estradas; daí seu frio espetáculo de ocupação: um livro de preces no colo, e alguma costura. Ele ajoelha diante dela e aponta as atividades com a cabeça.

— Certamente, madame, a senhora não se dedica às duas coisas ao mesmo tempo, não?

— Falaremos inglês hoje? Levante-se, Cromwell. Não percamos nosso tempo, como em nossa última entrevista, selecionando que

idioma usar. Afinal, hoje em dia o senhor é um homem deveras ocupado.

Com o fim das formalidades, ela começa:

— Primeiro. Eu não comparecerei a seu tribunal em Dunstable. Isto é o que veio descobrir aqui, não? Eu não reconheço este júri. Meu caso está em Roma, esperando pela atenção do Santo Padre.

— Ele é lento, não? — Ele lhe dirige um sorriso intrigado.

— Eu aguardarei.

— Mas o rei deseja resolver seus assuntos.

— Ele tem um homem para fazê-lo. Contudo, eu não o chamaria de arcebispo.

— Clemente emitiu suas bulas.

— Clemente foi ludibriado. O Dr. Cranmer é um herege.

— Talvez a senhora acredite que o rei é um herege?

— Não. Apenas um dissidente.

— Se um concílio geral da Igreja fosse convocado, o rei se submeteria a seu julgamento.

— Será tarde demais, se ele for excomungado e excluído da Igreja.

— Todos rezamos... e tenho certeza de que madame também reza, para que este dia nunca chegue.

— *Nulla salus extra ecclesiam*. Fora da Igreja, não há salvação. Até os reis são julgados. Henrique sabe disso, e tem medo.

— Madame, ceda à vontade dele. Por enquanto. Amanhã, quem sabe? Não elimine todas as chances de reaproximação.

— Ouvi dizer que a filha de Thomas Bolena terá um filho.

— Realmente, mas...

Acima de todos, Catarina deveria saber que isto não é garantia de nada. Ela compreende o que ele insinua; pensa a respeito; meneia a cabeça.

— Eu vejo circunstâncias em que ele talvez retorne para mim. Tive variadas oportunidades de estudar o caráter daquela dama, e ela não é paciente e nem amorosa.

Não importa; ela só precisa ter sorte.

— No caso de que eles não tenham filhos, a senhora deve pensar em sua filha, Lady Maria. Faça as pazes com ele, madame.

Talvez o rei confirme Maria como sua herdeira. Se a senhora ceder, ele lhe oferecerá todas as honras, e um grande patrimônio.

— Um grande patrimônio! — Catarina se ergue. Suas costuras deslizam de suas saias, o livro de preces desaba ao chão com a pancada grave do couro e seu dedal de prata estrepita pelas tábuas e rola para um canto.

— Antes que me faça mais ofertas ultrajantes, Sr. Cromwell, deixe-me oferecer-lhe um capítulo de minha história. Depois que lorde Arthur faleceu, passei cinco anos na pobreza. Não podia pagar meus criados. Nós comprávamos a comida mais barata que encontrávamos, de pouca qualidade, comida passada, peixe de ontem; qualquer pequeno comerciante tinha melhor mesa que a filha da Espanha. O falecido rei Henrique não me permitia retornar a meu pai porque dizia que nós lhe devíamos dinheiro. Ele me pressionava como alguém reclama à porta de mulheres que venderam ovos podres. Eu depusitei minha fé em Deus, não me desesperei, mas provei as profundezas da humilhação.

— E por que desejaria prová-las novamente?

Frente a frente. Eles se olham ferozmente.

— Presumindo — continua ele — que tudo que o rei pretende é humilhá-la.

— Seja direto.

— Se a senhora for julgada por traição, a lei tomará o curso habitual em seu caso, como se fosse qualquer outra súdita. Seu sobrinho ameaça invadir a Inglaterra em seu nome.

— Isto não acontecerá. Não em meu nome.

— Isto é o que tenho a dizer, madame. — Ele abrandava seu tom. — Eu digo que o imperador está ocupado com os turcos e, com todo respeito à sua pessoa, não é tão afeiçoado à tia a ponto de erguer um novo exército. Mas outros dirão, ah, cale-se, Cromwell, o que sabe? Eles dirão que temos que fortificar nossos portos, que temos de convocar tropas, que temos de colocar o país em estado de alerta. Chapuys, como a senhora sabe, ameaça constantemente com Carlos para bloquear nossos portos e confiscar nossos bens e nossos navios mercantes no exterior. Ele incita a guerra em cada despacho.

— Não tenho conhecimento algum do que Chapuys coloca em seus despachos.

É uma mentira tão descarada que ele é obrigado a admirá-la. Após sua declaração, Catarina parece enfraquecida; ela afunda novamente na poltrona, e antes que ele possa se adiantar para ajudá-la, ela se inclina pesadamente para recolher as costuras; seus dedos estão inchados e o movimento parece deixá-la sem fôlego. Ela repousa por um momento, recuperando-se, e está calma e deliberada quando torna a falar.

— Sr. Cromwell, sei que fracassei com os senhores. Isto é, falhei com seu país, que a esta altura é também meu. O rei foi um bom esposo para mim, mas não pude fazer aquilo para que uma esposa é mais necessária. Ainda assim, eu fui, eu sou, uma esposa; o senhor compreende que me é impossível acreditar que fui uma meretriz por vinte anos, não? Pois bem, a verdade é que eu não fiz grande bem à Inglaterra, mas tenho horror em trazer-lhe qualquer mal.

— Mas é o que está fazendo, madame. Talvez não o deseje, mas o mal está feito.

— A Inglaterra não será beneficiada com uma mentira.

— É nisto que o Dr. Cranmer acredita. Assim, ele anulará seu casamento, com ou sem sua presença na corte.

— O Dr. Cranmer também será excomungado. Isto não o abala nem um pouco? Será ele tão indiferente a tudo?

— Madame, este arcebispo é o melhor guardião da Igreja que vemos em muitos séculos.

Ele pensa no que Bainham dissera, antes de ser queimado: na Inglaterra, houve oitocentos anos de mistificação, e apenas seis anos de verdade e luz; seis anos, desde que o evangelho em inglês começou a chegar a nosso reino.

— Cranmer não é um herege. Ele acredita no mesmo que o rei acredita. Ele reformará o que necessita de reforma, só isso.

— Sei onde isto vai acabar. Vocês tomarão as terras da Igreja e darão ao rei. — Ela ri. — Ah, agora o senhor fica em silêncio? É isso que farão. É o que pretendem. — Ela soa quase bem-humorada, como alguns ficam quando descobrem que estão morrendo. — Sr. Cromwell, pode assegurar ao rei que não erguerei qualquer exército

contra ele. Diga-lhe que rezo todos os dias por seu bem. Certas pessoas, os que não o conhecem como eu, dizem, "Ah, ele cumprirá sua vontade, realizará seu desejo a qualquer preço". Mas eu sei que ele necessita estar do lado da luz. Ele não é um homem como o senhor, que apenas embala seus pecados em alforjes e os carrega de país a país, que assovia para convocar uma ou duas mulas quando o peso é demasiado e logo comanda uma fila delas e uma tropa de muladeiros. Henrique pode errar, mas ele precisa ser perdoado. Portanto, eu creio, e continuarei a crer, que ele abandonará este caminho de erro, de modo a estar em paz consigo mesmo. E a paz é o que todos almejamos, tenho certeza.

— Que plácida conclusão a sua, madame. "A paz é o que todos almejamos". Como uma abadessa. Aliás, tem certeza de que não deseja tornar-se uma?

Um sorriso. Um sorriso bastante amplo.

— Lamentarei muito se não tornar a vê-lo. O senhor é bem mais rápido em conversação do que os duques.

— Os duques retornarão.

— Estou preparada. Há notícias de minha senhora de Suffolk?

— O rei diz que ela está morrendo. Brandon não tem ânimo para nada.

— Posso acreditar nisso — ela murmura. — Suas rendas como rainha viúva da França morrerão com ela, e são a maior parte dos rendimentos do esposo. Mesmo assim, não duvido que o senhor arranjará um empréstimo para ele, com alguma taxa de juros ultrajante. — Ela ergue os olhos. — Minha filha ficará interessada em saber que vi o Sr. Cromwell. Maria acredita que o senhor foi bondoso com ela.

Ele só se lembra de ter dado à princesa uma banquetta para se sentar. Mary deve ter uma vida dura, se guardou aquele momento na lembrança.

— Segundo a norma, ela deveria ter continuado de pé, esperando por meu sinal.

Sua própria filha acometida por dores. Catarina até sorri, mas não cede um centímetro. Júlio César teria mais compaixão. Ou Aníbal.

— Diga-me — prossegue Catarina, testando o terreno —, o rei leria uma carta minha?

Henrique passou a rasgar ou queimar as cartas de Catarina sem ler. Diz que as cartas o repugnam com suas expressões de amor. Ele não tem coragem de dizer isso a ela.

— Então espere por uma hora — diz Catarina —, enquanto escrevo. A não ser que queira passar a noite conosco, quer? Eu gostaria de ter companhia para o jantar.

— Eu agradeço, mas preciso retornar; o conselho se reúne amanhã. Além disso, se eu ficasse, onde deixaria minhas mulas? Sem falar em minha equipe de muladeiros.

— Ah, os estábulos estão quase vazios. O rei faz questão de que eu tenha pouca montaria. Ele acredita que vou escapar de meu séquito, partir para a costa e fugir num navio para Flandres.

— E vai?

Ele recolhe o dedal e o entrega a Catarina, que sacode o objeto na mão como se fosse um dado e ela estivesse prestes a lançá-lo.

— Não. Eu ficarei aqui. Ou partirei para onde for mandada. Segundo a vontade do rei. Como é o dever de uma esposa.

Até a excomunhão, ele pensa. Isto a libertará de todos os laços, como esposa, como súdita.

— Isto também é seu — ele diz, abrindo a mão; nela, uma agulha, com a ponta virada para a rainha.

Circula o boato de que Thomas More está na pobreza. Ele ri do assunto com o secretário-mor Gardiner.

— Alice era uma viúva rica quando se casou com ele — comenta Gardiner. — E ela tem terras próprias; como ele pode ser pobre? E as filhas, ele as casou bem.

— E ele ainda recebe uma pensão do rei. — Ele examina certa papelada para Stephen, que se prepara para aparecer como principal conselheiro de Henrique, em Dunstable. Ele arquivou todos os depoimentos das audiências de Blackfriars, coisa que parece ter ocorrido em outra era.



— Que os anjos nos protejam — exclama Gardiner —, existe alguma coisa que não esteja arquivada?

— Se vasculharmos até os fundos desta cômoda, eu encontrarei as cartas de amor do seu pai para sua mãe. — Ele sopra a poeira do último maço. — Aí estão. — Os papéis caem na mesa. — Stephen, o que podemos fazer por John Frith? Ele foi seu pupilo em Cambridge. Não o abandone.

Mas Gardiner balança a cabeça e se concentra nos documentos, folheando, murmurando entre dentes, exclamando, “Ora, quem imaginaria!” e “Este é um bom argumento!”.

Ele toma um barco para Chelsea. O antigo Chanceler repousa em sua sala de estar, com a filha Margaret traduzindo do grego num murmúrio quase inaudível; quando ele se aproxima, ouve More censurando a moça por algum erro.

— Deixe-nos, filha — diz More, quando o vê. — Eu não a exporia à companhia deste demônio. — Contudo, Margaret ergue os olhos e sorri, e More se levanta da poltrona com certa rigidez, como se as costas doessem, e oferece um aperto de mãos.

É Reginald Pole, escondido na Itália, quem diz que ele é um demônio. A questão é que Pole fala sinceramente; para ele, não é uma alegoria, como numa fábula, mas algo que ele presume ser real, da mesma maneira em que toma a Bíblia por verdade.

— Bem — ele começa. — Ouvimos dizer que o senhor não pode participar da coroação porque não tem dinheiro para um novo traje. O bispo de Winchester pagará pela roupa em pessoa, se comparecer no dia.

— Stephen? Ele pagaria?

— Juro. — Ele se delicia com a ideia de voltar a Londres e pedir 10 libras a Gardiner. — Ou os tecelões farão uma coleta a seu favor, se quiser, para um novo chapéu e uma casaca.

— E como o senhor se vestirá? — Margaret indaga em tom afável, como se, a pedido de alguém, estivesse cuidando de duas crianças naquela tarde.

— Estão confeccionando algo para mim. Deixo isto a encargo de outros. Se eu puder evitar risadas, já será o bastante.

Ana disse, o senhor não se vestirá como um advogado no dia de minha coroação. Ela exclamou para Jane Rochford, que fazia anotações como uma secretária: ele deve vestir carmim.

— Sra. Roper — indaga ele —, não está curiosa para ver a rainha coroada?

O pai interrompe, falando por Margaret:

— É um dia de vergonha para as mulheres da Inglaterra. Nós ouvimos o que falam nas ruas, elas dizem que as esposas terão seus direitos de volta quando o imperador chegar.

— Pai, estou segura de que elas tomam cuidado para não dizê-lo na presença do Sr. Cromwell.

Ele suspira. Não é muito, saber que todas as jovens putas estão do seu lado. Todas as amantes e todas as filhas fugidas. Entretanto, agora que Ana está casada, ela está decidida a ser um exemplo. Lady Carey contou que Ana estapeou Mary Shelton por escrever uma charada em seu livro de preces, embora nem sequer fosse uma charada indecente. Hoje em dia, a rainha se senta extremamente ereta com a criança se movendo em seu ventre, o bordado em punho, e quando Norris, Weston e seus amigos aristocratas se aglomeram em seus aposentos e depositam elogios a seus pés, ela os encara como se estivessem espalhando aranhas pela barra de sua saia. Se não há intenção de abordá-la com um texto bíblico na ponta da língua, melhor não abordá-la de jeito algum.

— A Donzela apareceu para visitá-los novamente? A profetisa? — pergunta ele.

— Sim — responde Meg —, mas nós não a admitimos.

— Creio que ela foi visitar Lady Exeter. A convite.

— Lady Exeter é uma mulher tola e ambiciosa — decreta More.

— Pelo que sei, a Donzela disse a Lady Exeter que ela seria rainha da Inglaterra.

— Repito meu comentário.

— Os senhores acreditam nas visões dela? Isto é, na natureza sagrada das visões?

— Não. Acho que é uma impostora. Ela faz tudo para chamar a atenção.

— Só por isso?

— Não imagina do que as jovens são capazes. Eu tenho uma casa cheia de filhas.

Ele faz uma pausa.

— O senhor é abençoado.

Meg ergue os olhos; ela recorda as perdas dele, embora jamais tenha ouvido Anne Cromwell indagando, por que a Srta. More deveria ter preeminência? Ela diz:

— Houve donzelas videntes antes desta. Uma em Ipswich. Era apenas uma menina de 12 anos. Ela era de boa família, dizem que fazia milagres e não ganhava nada com isso, nenhum lucro pessoal, e morreu jovem.

— Mas por outro lado houve a Donzela de Leominster — diz More, com sombria diversão. — Dizem que agora é prostituta em Calais e, após o jantar, ri com seus clientes sobre todos os truques que pregou nos crédulos.

Quer dizer então que More não gosta de donzelas santificadas. Mas o bispo Fisher gosta. Ele a visita com frequência. Tem negócios com ela. Como se tirando as palavras de sua boca, More diz:

— Claro, Fisher, ele tem suas próprias opiniões.

— Fisher acredita que ela ressuscita os mortos — More ergue uma sobrancelha. — Mas só o bastante para que o cadáver faça sua confissão e receba a absolvição. Depois ele cai duro e morre de novo.

More sorri.

— Esse tipo de milagre.

— Talvez ela seja uma bruxa — sugere Meg. — Não acham? Há bruxas nas escrituras. Posso citar para os senhores.

Por favor, poupe-nos.

— Meg, eu lhe mostrei onde deixei a carta? — More diz. Ela se ergue, marcando a página do texto grego com um fio. — Eu escrevi para esta donzela, Barton... Madre Elizabeth, é como temos que chamá-la, pois agora ela é uma freira professa. Eu a aconselhei a deixar o reino discretamente, a parar de perturbar o rei com suas profecias, a evitar companhias de homens e mulheres da nobreza, a ouvir seus conselheiros espirituais e, em suma, a ficar em casa e dizer suas preces.

— Como todos deveríamos, Sir Thomas. Seguindo o seu exemplo. — Ele meneia a cabeça, vigorosamente. — Amém. E eu suponho que tenha guardado uma cópia?

— Vá buscar, Meg. Caso contrário, talvez ele não vá embora nunca.

More dá algumas instruções rápidas à filha. De sua parte, ele fica satisfeito em ver que ele não manda que a filha forje uma carta na hora.

— Na hora certa, eu sairia — ele responde. — Não vou perder a coroação. Tenho minhas roupas novas para usar. Não pretende comparecer e nos fazer companhia?

— Os senhores farão companhia uns aos outros, no Inferno.

É isto que esqueço, a veemência de Thomas More, sua capacidade de fazer piadas maldosas, mas não de ser alvo delas.

— A rainha parece bem. Sua rainha, quero dizer, não a minha. Ela parece bastante confortável em Amptill. Mas o senhor já sabe disso, claro.

Impassível, More responde, não tenho qualquer correspondência com a... com a princesa viúva. Que bom, ele comenta, porque estou espionando dois freis que levam as cartas dela para o exterior; começo a pensar que toda a ordem dos franciscanos está trabalhando contra o rei. Se eu mandar detê-los e não conseguir persuadi-los a confirmar minhas suspeitas, sabe que sou muito persuasivo, talvez eu tenha de pendurá-los pelos pulsos e começar uma espécie de concurso entre eles, para ver qual recobrará primeiro um sentido mais apurado de prudência. Claro, minha própria inclinação seria levá-los para casa, alimentá-los e enchê-los de bebida forte, mas, Sir Thomas, eu sempre o admirei, e portanto o senhor tem sido meu exemplo em tais procedimentos.

Ele precisa dizer tudo antes que Margaret Roper volte. Ele tamborila os dedos na mesa, para obrigar More a erguer a cabeça e prestar atenção. John Frith, ele prossegue. Peça uma audiência a Henrique. Ele o receberá como um filho perdido. Fale com o rei e peça para encontrar Frith cara a cara. Não lhe peço para concordar com John; o senhor acha que ele é um herege, talvez seja mesmo; eu só lhe peço que faça esta concessão, e diga ao rei que Frith é

uma alma pura, um excelente acadêmico, e portanto deve ter a vida poupada. Se a doutrina de Frith é falsa e a sua, verdadeira, pode convencê-lo a retornar a seu caminho, o senhor é um homem eloquente, é o grande persuasor de nosso tempo, e não eu. Traga-o de volta a Roma, se puder. Mas, se ele morrer, nunca saberá se podia recuperar sua alma, não é?

Os passos de Margaret.

— É esta, pai?

— Dê a ele.

— Há cópias das cópias, suponho?

— É de se imaginar que tomaríamos todas as precauções razoáveis — responde a moça.

— Seu pai e eu estávamos discutindo monges e freis. Se eles juram fidelidade aos líderes de suas ordens, que vivem em outros países e, por sua vez, são súditos do rei de França ou do imperador, como podem ser bons súditos de nosso rei?

— Eu imagino que eles ainda são ingleses.

— Conheço poucos que se comportam como tal. Seu pai a esclarecerá sobre o que estou contando.

Ele faz uma mesura para Margaret e toma a mão de More, apertando seus músculos na palma da mão; as cicatrizes desaparecem, surpreende como somem, e agora sua própria mão é branca, a mão de um cavalheiro, a carne correndo com facilidade sobre as articulações; contudo, outrora ele pensava que as queimaduras, as marcas finas que todo ferreiro adquire no curso de seu ofício, jamais desapareceriam.

Ele volta para casa. Helen Barre o recebe.

— Estive pescando — ele comenta. — Em Chelsea.

— Pegou More?

— Não hoje.

— Seus trajes chegaram.

— E?

— Púrpura.

— Deus do céu. — Ele ri. — Helen... — Ela o observa; parece estar esperando. — Não encontrei seu esposo.

Helen mantém as mãos no bolso do avental. Ela move as mãos, como se segurasse algo; ele vê que uma de suas mãos aperta a outra.

— Então o senhor acha que ele está morto?

— Seria razoável pensar assim. Falei com o homem que o viu entrando no rio. Parece uma boa testemunha.

— Deste modo, eu poderia casar de novo. Se alguém me quisesse.

Os olhos de Helen estão fixos no rosto dele. Ela não diz coisa alguma, só continua parada. O momento parece durar um longo tempo. Por fim:

— O que houve com nossa gravura? Aquela que tinha um homem segurando o coração em formato de livro? Ou melhor, o livro em formato de coração?

— Dei de presente a um genovês.

— Por quê?

— Precisava pagar por um arcebispo.

Helen se afasta, relutante, vagarosa. Ela desvia o olhar para longe do rosto dele.

— Hans está aqui, à sua espera. Ele está irritado. Diz que tempo é dinheiro.

— Eu vou recompensá-lo.

Hans tirou um tempo de folga de seus preparativos para a coroação. Ele está construindo um modelo vivo do monte Parnaso, na Gracechurch Street, e hoje precisa colocar as Nove Musas em seus pedestais e por isso não gosta de ser obrigado a esperar por Thomas Cromwell. Ele faz um estardalhaço na sala ao lado. Ao que parece, está arrastando a mobília.

Frith é levado para ser interrogado por Cranmer no palácio do arcebispo, em Croydon. O novo arcebispo poderia tê-lo recebido em Lambeth; mas a estrada para Croydon é mais longa, e atravessa a floresta. Nas profundezas desses bosques, eles dizem a Frith: seria um dia terrível para nós se você nos passasse a perna. Afinal, veja só como esta mata é fechada para o lado de Wandsworth. Daria

para esconder todo um exército ali. Nós passaríamos dois dias procurando, mais que isso até; e se você fosse para o leste, para Kent e o rio, estaria fora do alcance antes que conseguíssemos chegar daquele lado.

Mas Frith conhece sua senda; ele se encaminha para a morte. Os guardas fazem hora na estrada, assoviando, falando sobre o clima. Um deles urina, despreocupado, contra uma árvore. Outro segue o voo de um pardal entre os galhos. Mas quando eles se voltam, Frith ainda está aguardando, plácido, que sua jornada continue.

Quatro dias. Cinquenta barcas em procissão, providenciadas pelas Companhias de Guarda da cidade; duas horas de Londres a Blackwall, seus cordames ornados com sinos e bandeiras; uma brisa leve, porém ligeira, exatamente como ele encomendou a Deus em suas preces. Ordem reversa, âncora aos degraus do Palácio de Greenwich, para recolher a nova rainha em sua própria barça, que é a velha barca de 24 remos de Catarina, com novos brasões: ela é seguida por suas damas, sua guarda, todos os ornamentos da corte do rei, todas aquelas nobres e orgulhosas almas que juravam que sabotariam o evento. Barcos lotados de músicos; trezentas naves flutuando, estandartes e bandeirolas ao vento, a música ressoando de uma margem a outra, cada uma delas apinhada de londrinos; eles descem o rio levados pela correnteza, liderados por um dragão aquático cuspidor de fogo e acompanhados por festeiros soltando rojões. Zarpando para o mar aberto, navios disparam seus canhões em saudação.

Quando chegam à Torre, o sol já saiu. É como se o Tâmesa estivesse em chamas. Henrique espera para receber Ana quando ela aporta. Ele a beija sem formalidade, puxa o vestido da mulher para trás e o ajusta em seus flancos para mostrar sua barriga à Inglaterra.

Em seguida, Henrique nomeia cavalheiros: um enxame de Howards e Bolenas, seus amigos e seguidores. Ana descansa.

Tio Norfolk está perdendo o espetáculo. Henrique o mandou ao rei Francisco, para reafirmar a mais cordial aliança entre os dois

reinos. Norfolk, como chefe do cerimonial do Estado, deveria encarregar-se da coroação, mas há outro Howard o substituindo e, junto dele, Thomas Cromwell comanda tudo, inclusive o clima.

Cromwell conversou com Arthur Lord Lisle, que presidirá o banquete de coroação: Arthur Plantageneta, uma doce relíquia de tempos passados. Lisle deve partir para Calais assim que tudo acabar a fim de substituir lorde Berners como governador, e ele, Cromwell, deve orientá-lo antes da partida. Lisle tem uma longa e ossuda cara Plantageneta, e é alto como seu pai, o rei Eduardo, que sem dúvida teve diversos bastardos, mas nenhum tão distinto quanto este ancião que agora dobra o joelho rangente em reverência à filha de Bolena. Sua esposa, Honor, sua segunda mulher, é vinte anos mais jovem, pequena e delicada, uma esposa de brinquedo. Ela veste seda amarela, braceletes de coral com corações de ouro, e uma expressão de incansável insatisfação, beirando a irritação. Honor o examina de alto a baixo. Imagino que seja Cromwell? Se um homem falasse com ele neste tom, seria convidado a encontrá-lo lá fora e teria de pedir a alguém que segurasse sua casaca.

Segundo Dia: levar Ana a Westminster. Ele acorda antes da primeira luz, observando do parapeito enquanto as finas nuvens se dispersam sobre a margem de Bermondsey e um frio matutino, claro como a água, é substituído por um calor firme e dourado.

O desfile de Ana é liderado pela comitiva do embaixador francês, seguida pelos juízes em escarlata, os Cavaleiros da Ordem do Banho em azul-violeta de corte antigo, e depois os bispos, lorde chanceler Audley e sua comitiva, e os grandes lordes em veludo carmim. Dezesseis cavaleiros carregam Ana em uma liteira branca ornada com sinos de prata que tilintam a cada passo, a cada fôlego; a rainha veste branco, o corpo luminoso em sua estranha pele, o rosto conservado num sorriso consciente e solene, os cabelos soltos sob um círculo de gemas. Atrás dela, aias cavalgam em palafreiros com rédeas de veludo branco, e viúvas aristocratas em suas carruagens, os rostos carrancudos.

A cada curva do trajeto há desfiles e estátuas vivas; declamações da virtude da nova rainha e presentes de ouro dos cofres da cidade;



o emblema de Ana, o falcão branco coroado e entrelaçado com rosas; botões esmagados e triturados sob os pés dos robustos cavaleiros em marcha, emitindo um perfume que se eleva como fumaça. A rota é decorada com tapeçarias e estandartes pendurados, e, por ordens dele, o chão sob as patas dos cavalos foi coberto por cascalho para evitar escorregões, e as multidões são contidas atrás de grades, em caso de tumulto e empurra-empurra; cada guardião da lei que Londres pôde convocar está entre a massa, pois ele decidiu que, no futuro, quando este dia for lembrado e recontado àqueles que não estiveram aqui, ninguém poderá dizer, ah, a coroação da rainha Ana, este foi o dia em que me afanaram. Fenchurch Street, Leadenhall, Cheap, Paul's Churchyard, Fleet, Temple Bar, Westminster Hall. Há tantos chafarizes vertendo vinho que é difícil encontrar algum com água. E, do alto, os outros londrinos observam: aqueles monstros que vivem no ar, a incontável população citadina de homens, mulheres, feras de pedra e coisas que não são nem humanas nem bestas; coelhos com presas e lebres voadoras, pássaros de quatro pernas e serpentes aladas, diabretes com olhos arregalados e bicos de pato, homens coroados com folhas ou que têm cabeça de cabra ou carneiro; criaturas com caudas enroscadas e asas de couro, orelhas peludas, chifres, cascos fendidos no lugar dos pés, plumados e escamosos, rosnando, alguns rindo, outros cantando, outros arreganhando os lábios para mostrar seus dentes; leões e freis, mulas e gansos, demônios com crianças espremidas entre suas mandíbulas, completamente mastigadas à exceção dos tristes pés, de fora; de calcário ou chumbo, metálicos ou marmóreos, ganindo e gargalhando acima do povo, uivando e rilhando e ofegando sobre pilares, muros e telhados.

Naquela noite, com a permissão do rei, ele vai a Austin Friars. Visita seu vizinho Chapuys, que se retirou dos eventos do dia, trancando as janelas e tapando as orelhas para o som das fanfarras e as salvas de canhão. Ele chega numa procissão cômica liderada por Thurston, levando doces ao embaixador para melhorar seu desânimo e um pouco de fino vinho italiano enviado pelo duque de Suffolk.

Chapuys o recebe com um sorriso.

— Bem, o senhor teve sucesso onde o cardeal falhou. Henrique finalmente conseguiu o que queria. Eu digo a meu senhor, que é capaz de avaliar estas coisas de um ponto de vista imparcial: é uma pena para Henrique que ele não tenha contratado Cromwell há anos. Seus assuntos teriam avançado de maneira muito mais satisfatória.

Ele está prestes a dizer, o cardeal me ensinou tudo, mas Chapuys o atropela:

— Quando o cardeal se deparava com uma porta fechada, ele a bajulava: “Ah, bela e compreensiva porta!” Depois ele tentava ludibriá-la para abrir. E o senhor é igual, exatamente o mesmo. — Ele se serve de um pouco do presente de Suffolk. — Mas, como último recurso, o senhor a arromba com um chute.

O vinho é um daqueles vinhos fortes e nobres que Brandon aprecia, e Chapuys o bebe com prazer e diz, não compreendo, não compreendo coisa alguma neste país obscurantista. Cranmer agora é papa? Ou Henrique é papa? Talvez você seja papa? Meus homens que estavam entre o povo hoje disseram que ouviram poucas vozes em favor da concubina, e muitas que clamavam pela bênção de Deus a Catarina, a rainha por direito.

Ouviram mesmo? Não sei em que cidade estavam.

Chapuys bufa: eles têm toda razão em questionar. Naqueles dias, não havia nada além de franceses em torno do rei, e ela, Bolena, ela mesma é francesa em parte, e completamente comprada por eles; toda aquela família está no bolso de Francisco. Mas o senhor, Thomas, o senhor não é marionete destes franceses, é?

Ele o tranquiliza: meu querido amigo, nem por um segundo.

Chapuys chora; não é de seu feitio. Todo o mérito é do nobre vinho.

— Eu falhei com meu amo, o imperador. Fracassei com Catarina.

— Não se preocupe.

Ele pensa, amanhã será uma nova batalha, amanhã será um novo mundo.

Ele chega à abadia ao amanhecer. O desfile começa a se formar às seis horas. Henrique assistirá à coroação de um camarote coberto

por treliças, isolado no edifício decorado. Quando ele chegou ao camarote, por volta das oito horas, o rei já estava sentado numa almofada de veludo, em expectativa, e um criado, ajoelhado, servia seu desjejum. “O embaixador francês me acompanhará”, diz Henrique, e ele topa com o referido cavalheiro quando se retira.

— Ouvi dizer que fizeram o seu retrato, maître Cremuel. O meu também. Viu o resultado final?

— Ainda não. Hans anda muito ocupado. — Mesmo naquela bela manhã, ali sob a abóbada em leque, o embaixador estava azul de frio. — Bem, pelo visto, com a coroação desta rainha, nossas duas nações alcançaram um estado de perfeita amizade. Como melhorar a perfeição? Eu lhe pergunto, monsieur.

O embaixador se curva.

— Ladeira abaixo, a partir daqui?

— Sabe, podemos tentar... Tentar manter um estado de proveito mútuo, quando nossos soberanos estiverem novamente se estapeando.

— Outro encontro em Calais?

— Talvez dentro de um ano.

— Não antes?

— Eu não colocarei meu rei em alto-mar sem motivo.

— Nós conversaremos, Cremuel. — A mão espalmada, o embaixador o afaga no peito, sobre o coração.

O cortejo de Ana se forma às nove horas. Ela usa um manto de veludo púrpura, com barras de arminho. Tem 700 metros para percorrer, sobre o pano azul que se prolonga até o altar, e tem o rosto extasiado. A considerável distância, a duquesa-mãe de Norfolk carrega a cauda do vestido; mais perto, erguendo a barra do longo manto, o bispo de Winchester de um lado, o bispo de Londres do outro. Ambos, Gardiner e Stokesley, foram homens do rei no assunto do divórcio; mas agora eles parecem desejar grande distância do objeto vivo de seu novo casamento, que tem uma fina camada de suor sobre a testa alta e cujos lábios comprimidos parecem desaparecer de seu rosto na hora em que ela alcança o altar. Quem decidiu que os dois bispos deveriam carregar a barra do manto? Tudo está escrito num grande livro, tão antigo que praticamente

ninguém ousa tocá-lo ou respirar sobre ele; Lisle parece sabê-lo de cor. Pensa, talvez devesse ser copiado e impresso.

Ele faz uma nota mental e depois concentre-se em Ana: para que Ana não despenque quando verga o corpo para se prostrar com o rosto ao chão, em prece diante do altar. Os atendentes se adiantam para ajudá-la nos cruciais centímetros finais antes que seu ventre desabe sobre o pavimento sagrado. Ele se surpreende ao ver que está orando: este bebê, este coração parcialmente formado, batendo contra o chão de pedras, que ele seja santificado neste momento, e que seja como o pai de seu pai, como seus tios Tudor; que seja duro, alerta, atento às oportunidades, beneficiando-se da mais discreta virada da sorte. Se Henrique viver vinte anos mais, este Henrique que é criação de Wolsey, e fizer deste bebê seu sucessor, eu construirei meu próprio príncipe: à glorificação de Deus e da nação da Inglaterra. Pois não estarei tão velho. Veja Norfolk, ele já tem 60 anos, e seu pai tinha 70 quando combateu em Flodden. E eu não serei como Henry Wyatt para dizer, agora estou me retirando destes trâmites. Afinal, o que há além de trâmites?

Trêmula, Ana está novamente de pé. Cranmer, numa densa nuvem de incenso, pressiona o cetro entre as mãos dela, o bastão de ébano, e pousa brevemente sobre sua cabeça a coroa de São Eduardo, antes de substituí-la por uma coroa mais leve e mais sustentável, como se fora prestidigitação: suas mãos são ágeis como se ele tivesse passado toda a vida trocando coroas. O arcebispo parece um tanto animado, como se alguém lhe tivesse oferecido um copo de leite quente.

Ungida, Ana se afasta, o incenso turbilhonando ao seu redor, engolida em sua névoa: *Anna Regina* se recolhe a sua própria câmara, de modo a se preparar para o banquete em Westminster Hall. Sem cerimônia, ele abre caminho entre os dignitários — todos os que disseram que não estariam ali — e avista Charles Brandon, condestável da Inglaterra, montado em seu corcel branco e pronto para adentrar o salão a trote entre eles. É uma presença imensa e ofuscante, diante da qual ele desvia o olhar; Charles, ele pensa, tampouco viverá mais que eu. De volta à meia-luz, em direção a Henrique. Só uma coisa o detém: a visão da barra de uma túnica

escarlate, desaparecendo num canto. Sem dúvida é um dos juízes, que escapou da procissão.

O embaixador veneziano bloqueia a entrada do camarote de Henrique, mas o rei o afasta com um gesto, e diz:

— Cromwell, minha esposa não tinha ótima aparência, não estava belíssima? Não deseja vê-la e dar-lhe... — ele olha em torno para certificar-se de que estão a sós, e depois arranca o diamante de um dedo — dar-lhe isto? — Ele beija o anel. — E isto também?

— Espero poder transmitir o sentimento — ele responde, e suspira, como se fosse Cranmer.

O rei acha graça. Seu rosto está iluminado.

— Este é o mais feliz — ele comenta. — É meu dia mais feliz.

— Até o nascimento, majestade — acrescenta o veneziano, com uma mesura.

\* \* \*

É Mary Howard, a jovem filha de Norfolk, quem abre a porta para ele.

— Não, o senhor certamente não pode entrar — declara ela. — Absolutamente não. A rainha está despida.

Richmond tem razão, ele pensa; ela não tem nada de seios. Ainda. Para 14 anos. Vou encantar esta pequena Howard, ele pensa; e começa a rodopiar em torno da mocinha, elogiando seu vestido e suas joias, até que ouve uma voz de dentro, abafada como a voz de um túmulo. Num sobressalto, Mary Howard diz, ah, tudo bem, se ela manda, então o senhor pode vê-la.

Os cortinados da cama estão fechados. Ele os puxa. Ana está deitada em sua camisola. Ela parece descarnada como um fantasma, à exceção do volume impressionante de sua criança de seis meses. Em seus mantos cerimoniais, sua condição praticamente não aparecera, e foi só naquele sagrado instante em que ela deitou o ventre na pedra que ele notou seu corpo; corpo que agora jaz, esticado como num sacrifício: os seios inchados sob os lençóis, os pés descalços intumescidos.

— Mãe de Deus — exclama ela. — Será que o senhor não pode deixar as mulheres Howard em paz? Para um homem feio, o senhor é bem seguro de si. Deixe-me vê-lo. — Ela ergue a cabeça. — Isto é carmim? É um carmim bastante negro. Desobedeceu minhas ordens?

— Seu primo Francis Bryan diz que eu pareço um hematoma ambulante.

— Uma contusão no corpo político — ri Jane Rochford.

— Está disposta para fazer isso? — pergunta ele: quase dúbio, quase terno. — Parece exausta.

— Ah, eu acho que ela aguenta. — Não há qualquer orgulho de irmã na voz de Mary. — Ela nasceu para isso, não foi?

Jane Seymour:

— O rei está assistindo?

— Ele tem orgulho de sua esposa — ele fala com Ana, esticada em seu cadafalso. — Ele disse que nunca a viu mais bela. E lhe manda isto.

Ana emite um pequeno som, um gemido, algo entre gratidão e tédio: ah, o que é, mais um diamante?

— E um beijo, que eu disse que seria melhor se ele trouxesse em pessoa.

Ela não faz qualquer menção de pegar o anel. É quase irresistível, colocá-lo sobre a barriga e sair. Em vez disso, ele o entrega à irmã.

— O banquete aguardará por Vossa Alteza. Venha apenas quando se sentir preparada.

Ela se soergue, arfando.

— Estou indo agora. — Mary Howard se inclina e esfrega a parte inferior de suas costas com uma mão inexperiente, um movimento virginal e delicado como se estivesse afagando um pássaro.

— Ah, saia daqui — rosna a rainha ungida. Ela parece adoentada. — Onde estava na noite passada? Eu precisava do senhor. As ruas me celebravam. Eu os ouvi. Dizem que o povo ama Catarina, mas na verdade são apenas as mulheres, que têm pena dela. Nós lhes mostraremos algo melhor. Eles terão amor por mim, quando esta criatura estiver fora do meu corpo.

Jane Rochford:

— Ah, madame, mas eles amam Catarina porque ela é filha de dois soberanos coroados. Coloque em sua cabeça, madame, eles nunca vão adorá-la, não mais do que adoram... nosso Cromwell aqui. Não tem nada a ver com seus méritos. É apenas um fato. É inútil tentar contorná-lo.

— Acho que já basta — intervém Jane Seymour. Ele se volta para ela e vê algo surpreendente: ela se tornou adulta.

— Lady Carey — diz Jane Rochford —, precisamos colocar sua irmã de pé agora e dentro de suas vestes, portanto, queira acompanhar o Sr. Cromwell e desfrutar de sua confabulação de costume. Hoje não é dia de se romper com tradições.

À porta:

— Maria? — indaga ele, notando as manchas escuras sob os olhos dela.

— Sim? — ela responde, num tom de "sim, e agora, o que é?"

— Lamento que o casamento com meu sobrinho não tenha acontecido.

— Não que alguém tenha pedido minha mão, claro. — Ela sorri, rígida. — Nunca verei sua casa. E falam tanto dela.

— O que ouviu?

— Ah... que há baús transbordando de moedas de ouro.

— Jamais permitiríamos isto. Nós compraríamos baús maiores.

— Dizem que é dinheiro do rei.

— É tudo dinheiro do rei. Sua imagem se apoia nisto. Maria, ouça — ele toma a mão dela —, eu não pude dissuadir Henrique de esquecer o interesse por sua pessoa. Ele...

— Quanto o senhor tentou?

— Eu gostaria que estivesse segura conosco. Embora, claro, não se tratasse do grande casamento que poderia esperar, como irmã da rainha.

— Eu duvido que haja muitas irmãs que esperam pelo que recebo, todas as noites.

Ela terá outro filho de Henrique, ele pensa. Ana mandará estrangulá-lo no berço.

— Seu amigo William Stafford está na corte. Ao menos imagino que ele ainda é seu amigo, não?

— Imagine o quanto ele aprecia minha situação. De qualquer maneira, ao menos ouço palavras gentis de meu pai. O Monsenhor percebe que tem necessidade de mim novamente: Deus nos livre de ter o rei cobrindo uma égua de outro estábulo.

— Isto acabará. Ele a libertará, e lhe dará uma recompensa. Uma pensão. Eu falarei a seu favor.

— Um trapo sujo de cozinha recebe pensão?

Maria oscila sobre seus pés; parece zozona de infelicidade e fadiga; grandes lágrimas fervilham em seus olhos. Ele continua ali, tocando e enxugando as lágrimas, sussurrando e confortando Maria, e desejando estar em outro lado. Quando se liberta, ele lhe dirige um olhar sobre o ombro, e Maria continua parada à porta, desolada. Algo precisa ser feito por Maria, ele pensa. Ela está perdendo a beleza.

Henrique assiste de uma galeria, assomando sobre Westminster Hall enquanto sua rainha toma o assento no lugar de honra, as damas em volta, a flor da corte e da nobreza da Inglaterra. O rei se alimentou mais cedo e belisca de um prato de especiarias, mergulhando finas fatias de maçã em canela. Na galeria junto dele, *encore les ambassadeurs*, Jean de Dinteville coberto de peles contra o gelo de junho e seu amigo, o bispo de Lavaur, envolto numa túnica de fino brocado.

— Isto sempre foi deveras impressionante, Cremuel — diz Selve; seus astutos olhos castanhos estudam o outro, absorvendo tudo. Ele também absorve tudo: a costura e os enchimentos, os peitinhos e o tingimento; ele admira o profundo tom de amora do brocado do bispo. Dizem que estes dois franceses favorecem o evangelho, mas tal tolerância na corte de Francisco não poderia estender-se para além de um pequeno círculo de intelectuais que o rei, por sua própria vaidade, deseja patrocinar; Francisco de França jamais conseguiu cultivar seu próprio Thomas More, seu próprio Erasmo, o que naturalmente fere seu orgulho.



— Veja minha esposa, a rainha. — Henrique se inclina sobre a amurada. Seria melhor se ele apenas descesse. — Ela vale o espetáculo, não vale?

— Mandei renovar todas as vidraças todas as janelas — diz ele.  
— Para uma melhor visão da rainha.

— *Fiat lux* — murmura Selve.

— Ela se saiu muito bem — comenta Dinteville. — Hoje ela deve ter passado seis horas de pé. É preciso parabenizar Vossa Majestade por uma rainha tão forte quanto uma camponesa. Não é minha intenção ofender, claro.

Luteranos são queimados em Paris. Ele gostaria de discutir o assunto com os enviados, mas é impossível quando o odor de cisne e pavão assados chega do andar de baixo.

— Messieurs — ele indaga, enquanto a música se eleva em torno como uma maré, ondas argêntneas de som —, sabem do homem Guido Camillo? Ouvi dizer que ele está na corte de seu amo.

Selve e seu amigo se entreolham. Estão impressionados.

— O homem que constrói as caixas de madeira — murmura Jean. — Ah sim.

— É um teatro — explica ele.

De Selve concorda.

— Em que o próprio dono é a peça.

— Erasmo nos escreveu a respeito — comenta Henrique, sobre o ombro. — Ele ordenou que seus marceneiros criassem pequeninas prateleiras e gavetas, uma dentro da outra. É um sistema de memória para os discursos de Cícero.

— Se me permite explicar, a intenção é maior que isso. É um teatro seguindo a antiga planta de Vitrúvio. Mas não será usado para peças. Como disse meu lorde bispo, o dono do teatro deve se colocar no centro, e erguer os olhos para o alto. Ao seu redor, há um sistema de conhecimento humano acumulado. Como uma biblioteca, mas como se... Vossa Majestade consegue imaginar uma biblioteca em que cada livro contém outro livro, e, dentro deste, outro livro menor? Contudo, é mais que isso.

O rei desliza para a boca um confeito de anis, e mastiga.

— Já há livros demais no mundo. A cada dia surgem mais. Um homem não pode nem sonhar em ler todos.

— Não compreendo como sabe tanto sobre o assunto — exclama De Selve. — O mérito é todo seu, Maître Cremuel. Guido só fala seu próprio dialeto italiano, e ainda por cima gaguejando.

— Se seu amo se agrada de gastar seu dinheiro... — comenta Henrique. — Ele não é um feiticeiro, este Guido, é? Eu não gostaria de ver Francisco caindo nas mãos de um feiticeiro. Aliás, Cromwell, eu mandarei Stephen de volta à França.

Stephen Gardiner. Ou seja, os franceses não gostam de negociar com Norferk. Não surpreende.

— A missão será de longa duração?

De Selve o encara.

— Mas quem ocupará o papel de secretário-mor?

— Ah, Cromwell ocupará. Não é mesmo? — Henrique sorri.

Ele desce e, mal chegando ao salão, é interceptado pelo Sr. Wriothsesley. É um grande dia para os heraldos e seus funcionários, seus filhos e amigos; haverá polpudas comissões para eles. Cromwell comenta e Me-Chame-de-Risley retruca, haverá polpudas comissões para o senhor. Ele se desloca para perto das treliças, baixando a voz.

— Era algo previsível — diz Wriothsesley —, porque Henrique estava farto daquilo, da irritante oposição de Winchester a cada passo de seu processo. Ele está farto de argumentar; agora que é um homem casado, ele busca um pouco mais de *douceur*. Com Ana?, ele indaga, e Me-Chame ri: O senhor a conhece melhor do que eu. Se, como dizem, ela é uma dama de língua afiada, então o rei necessita mais ainda de ministros que sejam gentis com ele. Portanto, dedique-se a manter Stephen no exterior, e com o tempo o rei o confirmará no cargo.

Christophe, vestido para a ocasião, paira por perto e faz sinais a ele. Eu peço licença, ele diz, mas Wriothsesley toca sua túnica carmim, como se para dar sorte, e diz, agora é o senhor da casa e o senhor das celebrações, é a origem da felicidade do rei, fez o que o

cardeal não conseguiu, e muito mais. Mesmo isso — ele gesticula para o salão, onde, após engolir suas palavras, a nobreza da Inglaterra trabalha para deglutir 23 pratos —, até este banquete foi soberbamente administrado. Ninguém precisa pedir nada, tudo chega às mãos antes que se pense em requisitar.

Ele inclina a cabeça, Wriothesley se afasta, e ele convoca o garoto. Christophe diz, fui instruído a não transmitir nada confidencial na presença de Me-Chame, pois Rafe diz que ele vai saltitando a Gardineur para contar tudo o que ouve. Bem, senhor, eu tenho uma mensagem, o senhor deve visitar o arcebispo imediatamente. Assim que o banquete terminar. Ele ergue os olhos para a tribuna, onde o arcebispo se vê sentado junto de Ana, sob seu dossel de Estado. Nenhum dos dois come coisa alguma, embora Ana finja; ambos examinam o salão.

— Eu irei saltitando — diz ele, satisfeito com a expressão. — Aonde?

— Para seus antigos alojamentos, que ele diz serem pelo senhor conhecidos. Ele gostaria que guardasse segredo. Diz para não trazer nenhum indivíduo.

— Bem, você pode vir, Cristophe. Você não é um indivíduo.

O rapaz sorri.

Ele fica apreensivo; não gosta nada da ideia de cruzar os arredores da abadia, os grupos de bêbados à noite, sem ninguém para guardar-lhe as costas. Infelizmente, um homem não pode ter duas frentes.

Eles estão quase chegando ao alojamento de Cranmer quando a fadiga toma seus ombros como um manto de ferro.

— Vamos parar por um momento — ele diz a Christophe. Nas últimas noites, ele praticamente não dormiu. Ele respira fundo, na sombra; faz frio, e, quando ele passa entre os claustros, é engolfado pelo escuro. Os quartos ao redor estão fechados, vazios, nenhum som vindo de dentro. Às suas costas, gritos principiam das ruas de Westminster, como os urros dos perdidos após uma batalha.

Cranmer levanta o olhar; ele já está à escrivaninha.

— Estes são dias que jamais esqueceremos. Ninguém que perdeu este evento acreditaria. O rei falou palavras afetuosas a seu respeito hoje. Creio que ele pretendia que eu as transmitisse.

— Eu me pergunto por que perdi tempo pensando no custo dos tijolos para a Torre. Agora me parece um item tão sem importância. E amanhã haverá justas. Estará lá? Meu rapaz Richard está listado para os confrontos a pé, combate homem a homem.

— Ele vencerá — declara Christophe. — Paf, e o sujeito cai duro, e nunca se levanta de novo.

— Silêncio — ordena Cranmer. — Você não está aqui, menino. Cromwell, por favor.

Ele abre a porta nos fundos da câmara. Ele estica o pescoço: emoldurados pela porta, à meia-luz, ele vê uma mesa, um banco, e no banco uma mulher aguarda, jovem, tranquila, a cabeça baixa sobre um livro. Ela ergue os olhos.

— *Ich bitte Sie, ich brauch' eine Kerze.*

— Christophe, uma vela para a moça.

Ele reconhece o livro diante dela; é um tratado de Lutero.

— Posso? — Ele pede licença e pega o tomo.

Ele lê. Sua mente salta entre as linhas. Seria ela uma fugitiva que Cranmer está abrigando? Será que ele sabe o preço, se ela for capturada? Ele tem tempo de ler meia página antes que o arcebispo adentre a saleta, com uma desculpa atrasada.

— Esta mulher é...?

Cranmer responde:

— Margarete. Minha esposa.

— Deus do céu! — Ele atira o Lutero sobre a mesa. — O que fez? Onde a encontrou? Na Alemanha, evidentemente. Foi por isso que demorou a voltar. Eu entendo agora. Por quê?

Cranmer responde, humildemente:

— Não pude evitar.

— Sabe o que o rei fará quando descobrir seu segredo? O carrasco de Paris inventou uma máquina, com uma trave de contrapeso; devo desenhá-la para o senhor? Quando um herege é queimado, a máquina o mergulha no fogo e o levanta novamente, para que as pessoas possam ver os estágios de sua agonia. Agora

Henrique vai querer arranjar uma. Ou ele arranjará um aparelho para serrar sua cabeça do pescoço ao longo de quarenta dias seguidos.

A jovem ergue os olhos.

— *Mein Onkel...*

— E quem é ele?

Ela menciona um teólogo, Andreas Osiander: um luterano de Nuremberg. Seu tio e os amigos, ela diz, e os homens cultos de sua cidade, eles acreditam que...

— Pode ser a crença de seu país, madame, que um pastor deva ter uma esposa, mas aqui não. O Dr. Cranmer não lhe avisou?

— Por favor — implora Cranmer —, diga-me o que ela está falando. Ela me culpa? Ela deseja voltar para casa?

— Não. Não, ela diz que é bondoso. O que deu em você, homem?

— Eu lhe disse que tinha um segredo.

Realmente disse. No rodapé de uma carta.

— Mas mantê-la aqui, debaixo do nariz do rei?

— Eu a conservo no campo. Mas não pude recusar seu desejo de ver as celebrações.

— Ela saiu pelas ruas?

— Por que não? Ninguém a conhece.

Verdade. A proteção de uma estranha na cidade; uma jovem de touca e vestido alegre, um par de olhos entre outros milhares: é fácil esconder uma árvore na floresta. Cranmer se aproxima dele, e abre as mãos, recém-banhadas com óleo sagrado; belas mãos, dedos longos, os pálidos retângulos de suas palmas cruzados e recruzados por notícias de viagens marítimas e alianças.

— Eu o chamei aqui como meu amigo. Pois eu o considero meu melhor amigo neste mundo, Cromwell.

Assim, não há nada a fazer na amizade além de tomar estes dedos ossudos entre os seus.

— Muito bem. Encontraremos um jeito. Faremos sigilo sobre sua dama. Eu só me pergunto por que não a deixou com sua própria família, até que tenhamos o rei em nossa causa.

Margarete os observa, olhos azuis saltando de rosto para rosto. Ela se ergue e empurra a mesa para longe de si; Cromwell observa como ela executa o movimento e seu coração dá um salto. Pois ele já viu uma mulher fazendo isto antes, sua própria esposa, e recorda como ela colocava as palmas das mãos na superfície para se erguer. Margarete é alta, e o volume de seu ventre se revela logo acima do tampo da mesa.

— Jesus! — exclama ele.

— Eu espero que seja uma menina — diz o arcebispo.

— Para quando? — ele pergunta a Margarete.

Em vez de responder, ela toma sua mão. Margarete a coloca sobre sua barriga, apertando-a com a própria mão. No espírito das celebrações, a criança está dançando: a espanholeta, o Estampie Royal. Isto aqui talvez seja um pé; isto, um punho.

— Ela precisa de uma amiga — comenta ele. — Uma mulher para acompanhá-la.

Quando ele marcha para fora da sala, Cranmer o segue.

— Quanto a John Frith... — ele começa.

— O que tem?

— Desde que ele foi trazido a Croydon, eu o vi três vezes em conversas privadas. Um jovem valoroso, uma criatura das mais gentis. Conversei com ele por horas, e não lamento um só segundo, mas não consigo desviá-lo de seu caminho.

— Ele deveria ter fugido para os bosques. Este era o caminho dele.

— Nem todos de nós... — Cranmer deixa cair os olhos. — Perdoe-me, mas nem todos de nós conseguimos ver tantos caminhos quanto o senhor.

— Então deve entregá-lo a Stokesley agora, pois ele foi detido na diocese de Stokesley.

— Quando o rei me outorgou esta posição, quando insistiu que eu ocupasse este cargo, jamais pensei que uma de minhas primeiras ações seria confrontar um jovem como John Frith e tentar arrancá-lo de sua fé.

Seja bem-vindo a este mundo corrupto.

— Não posso mais adiar — conclui Cranmer.

— Sua esposa também não.

\* \* \*

As ruas em torno de Austin Friars estão quase desertas. Fogueiras estão acesas por toda a cidade, e as estrelas são obscurecidas pela fumaça. Seus guardas estão aos portões: sóbrios, alegra-se em notar. Ele se detém para trocar algumas palavras; há certa arte em ter pressa sem demonstrá-lo. Depois ele entra e diz:

— Quero ver a Srta. Barre.

A maior parte da casa saiu para ver as fogueiras e ficará fora até a meia-noite, dançando. Eles têm permissão para isso; quem mais deveria celebrar a nova rainha, senão eles? John Page aparece: algo a fazer, senhor? William Brabazon, pena em punho, um dos antigos membros da equipe de Wolsey: os assuntos do rei nunca param. Thomas Avery, recém-saído de suas contas: sempre há dinheiro entrando, dinheiro saindo. Quando Wolsey caiu, a criadagem o desertou, mas os servos de Thomas Cromwell ficaram para auxiliá-lo até o final.

Uma porta bate no andar de cima. Rafe desce, as botas estrondeando, os cabelos eriçados. Ele parece afogueado e confuso.

— Senhor?

— Eu não o chamei. Sabe se Helen está aqui?

— Por quê?

Naquele momento, Helen aparece. Ela está prendendo os cabelos sob uma touca limpa.

— Preciso que faça uma mala e venha comigo.

— Por quanto tempo, senhor?

— Não sei dizer.

— Para sair de Londres?

Ele pensa, farei algum arranjo. As esposas e filhas dos homens da cidade, mulheres discretas, elas arrumarão criados e uma parteira para Margarete, alguma mulher competente que colocará o filho de Cranmer entre suas mãos.

— Talvez por um tempo curto.

— As crianças...

— Nós cuidaremos de suas filhas.

Helen assente e se afasta às pressas. Ele gostaria de ter homens tão rápidos quanto ela a seu serviço. Rafe a chama.

— Helen... — Ele parece irado. — Para onde ela vai, senhor? O senhor não pode simplesmente arrastá-la no meio da noite.

— Ah, eu posso — ele responde, com paciência.

— Eu preciso saber.

— acredite em mim, não precisa. — Ele cede um pouco. — Ou, se precisa, este não é o momento. Rafe, estou cansado. Não vou discutir.

Talvez ele devesse ter deixado para Christophe e outros membros menos questionadores de sua casa a tarefa de levar Helen do calor de Austin Friars ao gelo dos claustros da abadia; ou poderia ter esperado pela chegada da manhã. Mas sua mente está aflita com a solidão da esposa de Cranmer, a estranheza da cidade *en fête*, o aspecto desértico de Cannon Row, onde bandidos certamente espreitam até nos arredores da abadia. Mesmo no tempo do rei Ricardo, o distrito era lar de bandos de ladrões que perambulavam à noite a seu bel-prazer e, quando a manhã chegava, aglomeravam-se novamente no privilégio do refúgio, sem dúvida para partilhar os espólios com o clero. Ele pensa, eu farei uma limpa naquele bando. Meus homens irão atrás deles como furões penetram um buraco.

Meia-noite: a pedra exala um hálito musguento, o calçamento está escorregadio com as emanções da cidade. Helen lhe dá a mão. Um criado os admite, olhos baixos; ele lhe passa uma moeda para que seus olhos não se elevem jamais. Nenhum sinal do arcebispo: ótimo. Uma lanterna está acesa. Uma porta entreaberta. A esposa de Cranmer está deitada numa pequena cama dobrável. Ele diz a Helen:

— Há aqui uma dama que precisa de sua compaixão. Cuide de sua situação. Ela não fala inglês. De qualquer maneira, nem precisa perguntar-lhe o nome.

— Aqui está Helen — diz ele. — Ela tem duas filhas. Helen a ajudará.



Olhos fechados, a Sra. Cranmer apenas assente e sorri. Mas quando Helen põe a mão delicada sobre a sua, Margarete estica o braço e a afaga.

— Onde está seu marido?

— *Er betet.*

— Espero que esteja rezando por mim.

No dia da execução de Frith, ele está caçando com o rei nos campos próximos a Guildford. Chove antes do amanhecer, uma violenta borrasca dobra as copas das árvores: chove por toda a Inglaterra, alagando as plantações. O ânimo de Henrique não se deixa abalar. Ele se senta para escrever a Ana, deixada em Windsor. Depois de retorcer a pena entre os dedos, virar e revirar o papel, ele perde a vontade: escreva para mim, Cromwell, eu ditarei.

Um aprendiz de alfaiate será executado com Frith na fogueira: Andrew Hewitt.

Catarina costumava pedir relicários, diz Henrique, para quando entrasse em trabalho de parto. Um cinturão da Santa Virgem. Eu o encomendei.

Duvido que a rainha desejará essas coisas.

E preces especiais a Santa Margarida. Estas são coisas de mulheres.

Melhor se deixadas ao encargo delas, senhor.

Mais tarde, ele ouve que Frith e o rapaz sofreram, que o vento soprou as chamas para longe repetidamente. A morte é um embusteiro; quando a chamamos, ela não vem. É um coringa e espreita nas sombras, com um véu negro sobre o rosto.

Há casos dos suores em Londres. O rei, que é a síntese de todo o seu povo, sente todos os sintomas todos os dias.

Agora Henrique observa a chuva que cai. Animando-se, ele diz, pode ser que melhore, Júpiter está ascendendo. Bem, diga a ela, à rainha...

Ele espera, a pena preparada.

Não, já é o bastante. Dê cá, Thomas, vou assiná-la.

Ele espera para ver se o rei desenhará um coração. Mas as frivolidades do namoro estão acabadas. O casamento é um negócio sério. *Henricus Rex*.

Acho que tenho uma cólica estomacal, comenta o rei. Acho que tenho uma dor de cabeça. Eu me sinto zozzo, e há manchas negras diante de meus olhos, isto é um sinal, não é?

Se Vossa Majestade repousar um pouco..., ele diz. E tomar coragem.

Sabe o que eles dizem sobre os suores. Alegre no desjejum, morto no jantar. Mas sabia que a doença pode matar em duas horas?

Ouvi dizer que algumas pessoas morrem de medo.

À tarde, o sol luta por aparecer. Rindo, Henrique esporeia seu corcel de caça sob as árvores gotejantes. Em Smithfield, Frith é recolhido por uma pá, sua juventude, sua graça, seu conhecimento e sua beleza: um compacto de lama, gordura e ossos carbonizados.

O rei tem dois corpos. O primeiro existe nos limites de seu ser físico; pode ser medido, e muitas vezes Henrique se mede, a cintura, a panturrilha, as outras partes. O segundo é seu duplo principesco, que paira, sem amarras, sem peso, e pode estar em mais de um lugar ao mesmo tempo. Henrique pode estar caçando na floresta, enquanto seu duplo principesco faz leis. Um combate, o outro ora pela paz. Um exhibe o halo do mistério de sua realeza: o outro está devorando um pato com ervilhas verdes.

Agora o papa diz que o casamento com Ana é nulo. Ele excomungará Henrique se este não voltar para Catarina. A cristandade o abandonará, corpo e alma, e seus súditos se erguerão e o destronarão, para a ignomínia, o exílio; nenhum solo cristão o abrigará, e quando ele morrer, seu corpo será enterrado com ossos de animais numa vala comum.

Ele ensinou Henrique a chamar o papa de "bispo de Roma" e a rir quando seu nome é mencionado. Mesmo quando é uma risada incerta, é melhor do que sua antiga genuflexão.

Cranmer convidou a profetisa, Elizabeth Barton, a uma reunião em sua casa em Kent. Ela tem uma visão de Mary, a antiga princesa, como rainha? Sim. De Gertrude, Lady Exeter, como rainha? Sim.

Educadamente, Cranmer explica: as duas visões não podem ser verdadeiras. A Donzela responde: Só relato o que vejo. Ele escreve que ela é animada e cheia de confiança; que está acostumada a lidar com arcebispos e que o toma por um novo Warham, que se aferrava a cada palavra sua.

Ela é um rato sob a pata do gato.

A rainha Catarina está de mudança, sua criadagem muito reduzida, para o palácio do bispo de Lincoln, em Buckden; uma velha mansão de tijolos vermelhos, com um grande salão e jardins que se derramam em bosques e campinas e segue para a paisagem pantanosa. Setembro trará as primeiras frutas do outono para ela, assim como outubro trará a neblina.

O rei exige que Catarina entregue as vestes em que a menina Mary foi batizada para seu próximo filho. Quando fica sabendo a resposta de Catarina, Thomas Cromwell ri. A natureza prejudicou Catarina, ele diz, ao não fazer dela um homem; ela teria superado todos os heróis da Antiguidade. A carta, em que ela é tratada de “Princesa Viúva”, foi colocada diante de Catarina; chocados, eles mostram a ele como ela rasgou o papel com a pena ao rabiscar por cima do novo título.

Os rumores abundam nas curtas noites de verão. A aurora os revela como cogumelos na grama úmida: membros da casa de Thomas Cromwell andaram procurando por uma parteira nas primeiras horas da manhã; ele está escondendo uma mulher em alguma de suas casas de campo, uma estrangeira que lhe deu uma filha.

— Não importa o que diga — ele recomenda a Rafe —, não defenda minha honra. Eu tenho mulheres nesse estado por todo lugar.

— Eles vão acreditar — diz Rafe. — O boato na cidade é de que Thomas Cromwell tem uma prodigiosa...

Memória, ele interrompe. Eu tenho um imenso arquivo. Um grande sistema de armazenamento, no qual estão gravados (sob seus nomes, e também suas ofensas) os detalhes de gente que se mete em meu caminho.

Todos os astrólogos dizem que o rei terá um filho. Mas é melhor não lidar com essa gente. Um homem o procurou meses atrás, oferecendo-se para fabricar uma pedra filosofal para o rei e, quando recebeu ordens de sumir das vistas, ele se tornou grosseiro e contrariado, como fazem estes alquimistas, e agora prediz que o rei falecerá este ano. Esperando na Saxônia, ele diz, está o filho mais velho do falecido rei Eduardo. Achavam que ele era um esqueleto oculto sob o pavimento da Torre, e que apenas seus assassinos sabiam onde estava? Pois se enganam, ele é um homem feito e está pronto para reivindicar seu reino.

Ele faz as contas: Eduardo V, se estivesse vivo, faria 64 anos em novembro. Ele está um pouco atrasado para o combate. Cromwell manda prender o alquimista na Torre, para que ele repense sua posição.

Nada mais chega de Paris. O que quer que seja que Maître Guido planeja, ele tem sido bastante discreto a respeito.

Hans Holbein diz: Thomas, finalizei suas mãos, mas ainda não dei muita atenção a seu rosto. Prometo que neste outono vou terminar.

Suponhamos que dentro de cada livro há outro livro, e, dentro de cada letra de cada página, há outro volume que se desdobra constantemente, mas estes volumes não tomam qualquer espaço na mesa. Suponhamos que o conhecimento possa ser reduzido a uma quintessência, contido numa imagem, um símbolo, contido num lugar que é lugar nenhum. Suponhamos que o crânio humano se expandisse, com espaços se abrindo em seu interior, câmaras ecoantes como colmeias.

Lorde Mountjoy, camareiro de Catarina, enviou uma lista de todas as necessidades para o parto de uma rainha da Inglaterra. Ele se diverte com a discreta e civilizada passagem do bastão; a corte e seu cerimonial continuam, e não importa quem são os encarregados, embora esteja claro que lorde Mountjoy o toma pelo homem à frente de tudo agora.

Ele vai a Greenwich e reorganiza os aposentos, preparando-os para Ana. São preparadas proclamações (sem data) a serem feitas ao povo da Inglaterra e aos governantes da Europa, anunciando o

nascimento de um príncipe. Ele sugere: apenas deixem a palavra “príncipe” incompleta, assim, se for necessário, podem mudar para... Mas eles o encaram como se ele fosse um traidor, e assim ele não conclui o raciocínio.

Quando uma mulher se recolhe para dar à luz, o sol pode brilhar, mas as janelas de seu quarto são fechadas para que ela possa criar seu próprio clima. Ela é conservada no escuro, para que possa sonhar. Seus sonhos a levam para longe, da terra firme a um pedaço de terra pantanosa, a um ancoradouro, a um rio onde a neblina se fecha sobre a margem oposta, e chão e céu são inseparáveis; ali ela deve embarcar em direção à vida e à morte, com uma figura muda ao leme, marcando o tempo dos remos. Nesta embarcação, são ditas preces que jamais chegarão aos ouvidos dos homens. Barganhas são seladas entre uma mulher e seu Deus. O rio é caudaloso, e entre uma silenciosa remada e a próxima, a maré pode virar.

A 26 de agosto de 1533, uma procissão escolta a rainha para os aposentos selados em Greenwich. Seu esposo lhe dá um beijo, *adieu e bon voyage*, e ela não sorri, nem fala. Está muito pálida, solene, uma diminuta cabeça coroada equilibrada na tenda oscilante de seu corpo, seus passos pequenos e circunspectos, um livro de preces nas mãos. No cais, ela volta a cabeça: um olhar prolongado. Ela o vê; ela vê o arcebispo. Um último olhar e, por fim, com suas aias firmando seus cotovelos, ela pousa o pé sobre o barco.

## II A saliva do demônio

*Outono e inverno, 1533*

É magnífico. No momento do impacto, os olhos do rei estão abertos, seu corpo preparado para *o atteint*; ele recebe o golpe perfeitamente, a força é absorvida por um corpo perfeitamente armado, movendo-se na direção correta, na velocidade ideal. Sua cor não se altera. Sua voz não estremece.

— Saudável? — indaga ele. — Pois então agradeço a Deus por seu favor a nós. Assim como agradeço aos senhores, milordes, por esta confortável informação.

Ele pensa, Henrique esteve ensaiando. Creio que todos nós estivemos.

O rei se afasta para os próprios aposentos. Mas diz, sobre o ombro:

— Ela se chamará Elizabeth. Cancelem as justas.

Um balido de um Bolena:

— As outras cerimônias correrão como planejado?

Sem resposta. Tudo como planejado, até que tenhamos ordem em contrário, decide Cranmer. Eu serei padrinho para a... a princesa.

Ele vacila; mal pode acreditar. Para si, Cranmer pediu uma filha, e recebeu uma filha. Seus olhos seguem o rei em retirada.

— Ele não perguntou sobre a rainha. Não perguntou como ela está.

— Isso pouco importa, não? — Edward Seymour, brutalmente explicitando o que todos estão pensando.

Henrique se detém em sua longa e solitária retirada, e dá meia-volta.

— Meu lorde arcebispo. Cromwell. Mas só vocês.

Na câmara de Henrique:

— Vocês imaginaram isto?

Alguns sorriam. Não ele. O rei desaba numa poltrona. Surge um impulso de pousar a mão em seu ombro, como se faz para qualquer ser inconsolável. Mas ele resiste; apenas dobra os dedos, por precaução, dentro do punho que segura o coração do rei.

— Um dia faremos um grande casamento para ela.

— Pobre criatura. A própria mãe desejará que ela desapareça.

— Vossa Majestade é bastante jovem — argumenta Cranmer. — A rainha é forte e sua família é fértil. Logo o senhor poderá ter outro filho. E talvez Deus esteja planejando alguma bênção particular através desta princesa.

— Estou certo de que tem razão, caro amigo.

Henrique soa dúbio, mas olha ao seu redor para extrair força do ambiente, como se Deus tivesse deixado alguma mensagem amigável escrita na parede, talvez: entretanto, só existem precedentes de hostilidade. Ele respira fundo e se ergue, sacudindo as mangas. Henrique sorri: e os outros quase o agarram em pleno voo, como se fosse um pássaro com um coração em disparada, o ato de vontade que transforma um homem devastado na luz de sua nação.

Mais tarde, ele diz baixinho a Cranmer:

— Foi como ver Lázaro ressuscitando.

Logo Henrique está passeando pelo palácio de Greenwich, tratando de colocar as celebrações em andamento. Nós somos bastante jovens, e da próxima vez será um menino. Um dia faremos

um grande casamento para ela. Acreditem, Deus planeja alguma bênção particular por intermédio desta princesa.

O rosto de Bolena se ilumina. É domingo, 16 horas. Ele sai e ri um pouco dos escrivães que puseram “príncipe” em suas proclamações e que agora têm de mudar o gênero do substantivo; depois ele volta a calcular os gastos para a casa da nova princesa. Ele aconselhou que Gertrude, Lady Exeter, esteja entre os padrinhos da criança. Por que só a Donzela pode ter uma visão dela? Fará bem a ela ser vista por toda a corte, fixando um sorriso forçado e erguendo o bebê de Ana para a pia batismal.

Trazida a Londres, a Donzela é mantida numa casa especial, onde as camas são macias e as vozes à sua volta, as vozes das mulheres Cromwell, quase não perturbam suas preces; onde a chave se volta na tranca oleada com um clique tão discreto quanto um osso de pássaro que se parte.

— Ela se alimenta? — ele pergunta a Mercy, que responde:

— Com o mesmo apetite que você... bem, não, Thomas, talvez não exatamente com o seu apetite.

— Eu me pergunto o que houve com o projeto da Donzela de se alimentar somente da hóstia da Comunhão?

— Aqueles padres e monges que a lançaram neste curso, eles não estão aqui para vê-la jantando, estão?

Longe do escrutínio dos clérigos, a freira começou a agir como uma mulher comum, reconhecendo as simples necessidades de seu corpo, como qualquer um que deseja viver; mas talvez seja tarde demais. Ele fica contente em ver que Mercy não diz, ahh, pobre alma inofensiva. Quando eles recebem a Donzela para interrogatório no Palácio de Lambeth, fica evidente que ela não é inofensiva por natureza. Alguém imaginaria que o lorde chanceler Audley, com o colar do ofício pendurado em sua esplêndida pessoa, seria o bastante para submeter qualquer moça de campo. Acrescente-se o arcebispo da Cantuária, e há de se supor que uma jovem freira sentiria certa reverência. Contudo, nenhum vestígio. A Donzela trata Cranmer com condescendência — como se ele fosse um noviço na



vida religiosa. Quando ele a desafia em qualquer ponto e pergunta, “Como sabe isso?”, ela sorri com benevolência e diz: “Um anjo me contou.”

Para a segunda sessão, Audley traz consigo Richard Riche, que fará anotações para o comitê e acrescentará quaisquer pontos que lhe ocorram. Ele agora é Sir Richard, ungido e promovido a procurador-geral. Em seus dias de estudante, ele ficou conhecido pela língua afiada e caluniosa, pela irreverência com seus superiores, por beber e fazer apostas altas. Mas se todos fôssemos julgados pelo que éramos aos 20 anos, quem poderia manter a cabeça erguida? Riche revelou um talento para redigir legislações que só fica devendo ao dele mesmo. Sob os cabelos macios e louros, as feições se crispam em concentração; os meninos o chamam Sir Bico. À visão de Riche organizando seus papéis com precisão, ninguém pensaria que ele já foi a grande desgraça do Inner Temple. Para provocar Riche, ele repete a frase num murmúrio, enquanto eles esperam que a Donzela seja trazida. Bem, Sr. Cromwell!, responde Riche, e quanto ao senhor e aquela abadessa em Halifax?

Ele sabe que é inútil negar a história, ou qualquer das anedotas que o cardeal contava a seu respeito.

— Ah, aquilo — ele comenta. — Não foi nada; em Yorkshire, é esperado.

Ele teme que a moça tenha escutado o fim da conversa, pois, ao tomar o assento designado para ela, a Donzela lhe dirige um olhar particularmente implacável. Ela arruma as saias, cruza os braços e espera que eles a divirtam. Sua sobrinha, Alice Wellyfed, está sentada numa banquetta junto à porta, de prontidão caso haja desmaios ou outros problemas. Entretanto, apenas uma olhada na Donzela já mostra que ela não corre maior risco de desmaiar que o próprio Audley.

— Posso? — indaga Riche. — Começar?

— Oh, por que não? — responde Audley. — O senhor é jovem e corajoso.

— Essas suas profecias: a senhora vive modificando as épocas dos desastres que prevê, mas vejo que declarou que o rei não reinaria por mais de um mês após seu casamento com Lady Ana.

Bem, os meses se passaram, Lady Ana é rainha coroada, e deu uma bela filha ao rei. Portanto, o que tem a dizer agora?

— Eu digo que aos olhos do mundo ele parece ser rei. Mas aos olhos de Deus — ela dá de ombros —, não mais. Não é um verdadeiro rei, do mesmo modo que ele — ela aponta para Cranmer com a cabeça — não é um verdadeiro arcebispo.

Riche não pretende ser desviado.

— Então haveria justificativa para iniciar uma rebelião contra ele? Destroná-lo? Assassiná-lo? Colocar outro em seu lugar?

— Bem, o que o senhor acha?

— E entre os pretendentes, sua escolha repousou na família Courtenay, e não nos Poles. Henry, marquês de Exeter, e não Henry, lorde Montague. Ou a senhora os confunde? — indaga ele, em tom simpático.

— Claro que não. — Ela cora. — Eu conheci ambos os cavalheiros.

Riche faz uma anotação.

Audley indaga:

— Veja bem, Courtenay, que é lorde Exeter, descende de uma filha do rei Eduardo. Lorde Montague descende do irmão do rei Eduardo, o duque de Clarence. Como a senhora mede estas reivindicações? Afinal, já que estamos falando de verdadeiros reis e falsos reis, alguns dizem que Eduardo foi um bastardo e que sua mãe o gerou com um arqueiro. Eu me pergunto se a senhora poderia esclarecer algo sobre isso?

— E por que ela esclareceria? — indaga Riche.

Audley revira os olhos.

— Porque ela fala com os santos nas alturas! Eles saberiam dizer.

Ele olha para Riche e é como se pudesse ler seus pensamentos: o livro de Maquiavel diz, o príncipe sábio extermina os cobiçosos, e se eu, Riche, fosse rei, os pretendentes e suas famílias estariam mortos. A moça se prepara para a pergunta seguinte como pode ser que ela tenha visto duas rainhas em suas revelações?

— Imagino que isto se resolverá em batalha? — ele sugere. — É bom ter alguns reis e rainhas de reserva, caso pretenda começar uma guerra em algum país.

— Não é necessário haver uma guerra — responde a freira.

Ah? Sir Bico se apruma: isso é novidade.

— Em vez disso, Deus está mandando uma praga para a Inglaterra. Henrique estará morto dentro de seis meses. E ela também, a filha de Thomas Bolena.

— E eu?

— O senhor também.

— E todos neste salão? Exceto a senhorita, claro. Todos incluindo Alice Wellyfed, que nunca lhe fez mal algum?

— Todas as mulheres de sua casa são hereges, e a peste apodrecerá seus corpos e almas.

— E quanto à princesa Elizabeth?

Ela se vira no assento, para dirigir suas palavras a Cranmer.

— Dizem que o senhor aqueceu a água quando a batizou, para poupá-la do choque. Deveria ter derramado água fervente.

— Ah, Cristo do céu! — exclama Riche.

Ele atira sua pena sobre a mesa. Riche é um jovem pai amoroso, com uma filha no berço.

Ele pousa a mão confortadora sobre a dele, o procurador-geral. Seria de imaginar que Alice necessitaria de consolo; mas, quando a Donzela a condenou à morte, ele dirigiu o olhar para a sobrinha nos fundos da sala e notou que seu rosto era uma imagem perfeita do desprezo. Ele se dirige a Riche.

— Ela não pensou nada disso em pessoa, a água fervente. É uma coisa que estão dizendo pela rua.

Cranmer se encolhe; a Donzela o atingiu, marcou um ponto. Cromwell, diz:

— Ontem eu vi a princesa. Ela está florescendo, apesar dos desejos dos odiosos. — Sua voz sugere calma: temos que colocar o arcebispo de volta na sela. Ele se dirige à vidente. — Diga-me: a senhora localizou o cardeal?

— O quê? — indaga Audley.

— Madre Elizabeth disse que procuraria por meu antigo amo numa de suas excursões pelo Céu, pelo Inferno e o Purgatório, e, na ocasião, eu propus arcar com os custos de sua viagem. Dei a seu

pessoal um valor de entrada... espero que vejamos algum progresso, não?

— Wolsey teria vivido mais 15 anos — declara a moça. Ele assente: ele mesmo disse isso. — Mas Deus o ceifou, como um exemplo. Vi demônios em disputa por sua alma.

— E sabe qual foi o resultado?

— Não houve resultado. Procurei por ele em todos os lugares. Pensei que Deus o havia extinguido. E então eu o vi certa noite. — Uma hesitação longa, estratégica. — Vi sua alma entre os que ainda estão por nascer.

Há um silêncio. Cranmer murcha em sua cadeira. Riche manuseia delicadamente a extremidade de sua pena. Audley mexe num botão de sua manga, torce e retorce até que o fio se enrijece.

— Se quiser, posso rezar por ele — prossegue a Donzela. — Deus geralmente ouve meus pedidos.

— Antes, quando a senhora tinha seus conselheiros ao seu redor, padre Bocking, padre Gold, padre Risby e o resto, neste ponto todos começavam a barganhar. Eu proporia mais uma soma por sua boa vontade, e seus diretores espirituais negociariam para aumentá-la.

— Esperem. — Cranmer pousa a mão nas costelas. — Podemos retroceder? Lorde chanceler?

— Podemos seguir em qualquer direção que meu lorde arcebispo deseje. Vamos dar a meia-volta, volta e meia vamos dar...

— Você vê demônios?

Ela assente.

— Como eles aparecem?

— Como pássaros.

— Um alívio — retruca Audley secamente.

— Não, senhor. Lúcifer fede. Suas patas são deformadas. Ele chega como um galo emporcalhado em sangue e excremento.

Ele ergue os olhos para Alice, pronto para mandá-la para fora. E pensa, o que foi feito desta mulher?

Cranmer diz:

— Deve ser desagradável para você. Mas eu compreendo que é uma característica dos demônios, mostrar-se em mais de uma forma.

— Sim, eles fazem isto para confundir. Ele aparece como um jovem.

— Mesmo?

— Certa vez, ele trouxe uma mulher para minha cela à noite. — Ela se detém. — Ele a bolinava.

Riche:

— Ele é conhecido pela falta de vergonha.

— Tanto quanto o senhor.

— E o que mais, madre Elizabeth? Após a bolinação?

— Levantou as saias dela.

— E ela não resistiu? — indaga Riche. — A senhora me surpreende.

— É o Príncipe Lúcifer, não duvido que ele tenha um certo jeito — diz Audley.

— Em minha cama, bem diante de meus olhos, ele teve de se aproveitar dela.

Riche faz uma anotação.

— Esta mulher, a senhora a conhecia? — Sem resposta. — E o demônio não tentou o mesmo com a senhora? Pode falar livremente. Isto não será usado contra a sua pessoa.

— Ele se aproximou para me seduzir. Pavoneando-se em sua casaca de seda azul, é a melhor que ele tem. E novas calças com diamantes descendo por suas pernas.

— Diamantes descendo pela perna — ele repete. — Isto sim deve ter sido uma tentação, não?

Ela balança a cabeça.

— Mas a senhora é bela e jovem; bela o bastante para qualquer homem, eu diria.

Ela ergue os olhos; uma centelha de sorriso.

— Mas eu não sou para o Senhor Lúcifer.

— O que ele disse quando o recusou?

— Ele me pediu em casamento.

Audley põe a cabeça entre as mãos.

— Eu respondi que fiz voto de castidade.

— Ele não ficou furioso quando não consentiu?

— Ah, sim. Ele cuspiu em meu rosto.

— Eu não esperaria nada melhor dele — retruca Riche.  
— Eu limpei seu cuspe com um lenço. É negro. Tem o cheiro do inferno.

— E como é isso?

— Como algo apodrecido.

— Onde está agora, o lenço? Não imagino que o mandou para as lavadeiras.

— Dom Edward ficou com ele.

— Ele mostra ao povo? Por dinheiro?

— Por ofertas.

— Por dinheiro.

Cranmer tira o rosto das mãos.

— Podemos fazer uma pausa?

— Um quarto de hora? — sugere Riche.

Audley:

— Eu lhe disse que ele era jovem e corajoso.

— Talvez nos reunamos amanhã — diz Cranmer. — Preciso orar. E um quarto de hora não será o bastante.

— Mas amanhã é domingo — argumenta a freira. — Houve um homem que saiu para caçar num domingo e caiu dentro de um poço sem fundo até o Inferno. Imagine só.

— Como poderia ser sem fundo — retruca Riche — se o inferno estava lá para recebê-lo?

— Bem que eu gostaria de sair para caçar — comenta Audley. — Cristo sabe que eu correria esse risco.

Alice se ergue de sua banquetta e faz sinal para sua escolta. A Donzela se põe de pé. Ela abre um largo sorriso. Ela fez o arcebispo se encolher, e ele mesmo gelar, e quase levou o procurador-geral às lágrimas com seu discurso sobre bebês escaldados. Ela pensa que está vencendo: mas está perdendo, perdendo, perdendo sem parar. Alice pousa mão delicada sobre seu braço, mas a Donzela a enxota.

— Nós deveríamos queimá-la — Richard Riche sugere do lado de fora.

Cranmer:

— Por mais que antipatizemos com sua conversa sobre o falecido cardeal aparecendo para seus olhos e sobre os demônios em seu

quarto de dormir, ela fala desta forma porque foi ensinada a repetir as alegações de certas freiras que vieram antes, freiras que Roma se alegra em reconhecer como santas. Não posso condená-las por heresia, retrospectivamente. Tampouco tenho provas para julgar esta mulher por heresia.

— Eu quis dizer, deveríamos queimá-la por traição.

É a pena para as mulheres; ao passo que o homem é semissufocado, castrado e vagarosamente estripado pelo executor.

Ele responde:

— Não há ação flagrante. Ela só expressou uma intenção.

— Intenção de erguer rebelião, depor o rei, isto não deveria ser traição? As palavras foram pronunciadas como traição, há precedentes, os senhores os conhecem.

— Ficarei impressionado se eles tiverem escapado à atenção do Sr. Cromwell — diz Audley.

É como se pudessem sentir o cheiro da saliva do demônio; os homens quase se acotovelam para sair ao ar, que é brando, úmido: um leve aroma de folhas, uma luz suave, verde-ouro. Ele percebe que, nos anos vindouros, a traição tomará novas e variadas formas. Quando a última ata sobre traição foi escrita, ninguém podia fazer circular suas palavras em livro ou página impressa porque a prensa móvel ainda não existia. Ele sente um momento de inveja dos mortos, daqueles que serviram aos reis em tempos mais vagarosos que estes; agora, os produtos de algum cérebro comprado ou envenenado podem ser disseminados pela Europa em um mês.

— Acho que novas leis são necessárias — sugere Riche.

— Eu me ocupo disso.

— E acho que esta mulher é tratada com demasiada complacência. Somos brandos demais. Estamos apenas brincando com ela.

Cranmer se afasta, ombros caídos, o hábito roçando nas folhas. Audley vai até ele, vivaz e decidido, um homem ávido por mudar de assunto.

— Então, segundo consta, a princesa vai bem?

Desembalada, a princesa foi posta sobre almofadas aos pés de Ana: um nó feminino, feio, purpúreo, urrando, com um tufo de cabelos claros eriçados e uma mania de chutar a camisola para cima, como se para exhibir sua característica mais infeliz. Ao que parece, foram inventadas histórias de que o bebê de Ana nasceu com dentes, que tem seis dedos em cada mão e pelos por todo o corpo, como um macaco; assim, o pai a mostrou nua aos embaixadores e a mãe a mantém sob as vistas, na esperança de combater os rumores. O rei escolheu Hatfield para corte da princesa, e Ana respondeu:

— Creio que poderíamos poupar gastos e fixar a ordem apropriada das coisas se a casa da Maria espanhola fosse desmontada e ela se tornasse membro da casa da princesa Elizabeth, minha filha.

— No cargo de...? — A criança está quieta; ele nota que ela acabou de comprimir o punho entre as mandíbulas, como se canibalizasse a si mesma.

— No cargo de serviçal de minha filha. O que mais ela seria? Não pode haver qualquer falsa igualdade. Maria é uma bastarda.

O breve alívio acabou; a princesa lança um guincho que poderia acordar os mortos. O olhar de Ana desliza de lado, seu rosto é dominado por um meio-sorriso de paixão e ela se inclina em direção à filha; contudo, as mulheres imediatamente invadem o recinto, alvoroçadas e rápidas; aos berros, a criatura é arrebatada, embalada, retirada, e os olhos da rainha seguem lamentavelmente a partida do fruto de seu ventre e sua procissão. Ele explica, gentilmente:

— Acho que ela tinha fome.

Noite de sábado: jantar em Austin Friars para Stephen Vaughan, em trânsito com tanta frequência: William Butts, Hans, Kratzer, Mechame-Risley. A conversa se dá em vários idiomas e Rafe Sadler traduz com destreza e facilidade, a cabeça virando de um lado para o outro: tópicos elevados e corriqueiros, assuntos de Estado e fofoca, a teologia de Zwingli, a esposa de Cranmer. Quanto à última,



não foi possível suprimir os rumores no Steelyard e na cidade; Vaughan diz:

— Henrique pode saber e fingir que não sabe?

— É perfeitamente possível. Ele é um príncipe de capacidades muito amplas.

Cada dia mais amplas, diz Wriothsesley, rindo; o Dr. Butts comenta, ele é um daqueles homens que precisam estar em atividade, e sua perna lhe tem causado problemas ultimamente, aquela velha ferida; mas, pensem bem, não é compreensível que um homem que não se poupa no campo de caça e na arena das justas adquira algum machucado com o tempo, se ele tem a idade do rei? Este ano ele fará 43, como sabem, e eu ficaria contente em conhecer sua opinião sobre o que os planetas sugerem, Kratzer, para os anos mais avançados de um homem cujo mapa é tão dominado por ar e fogo; aliás, eu sempre adverti sobre a lua do rei em Áries (signo irascível e impulsivo) na casa do matrimônio, não?

Ele comenta, impaciente, ouvimos muito pouco sobre essa lua em Áries enquanto ele esteve firme com Catarina por vinte anos. Não são as estrelas que nos fazem, Dr. Butts, é a circunstância e a *necessità*, as escolhas que fazemos sob pressão; nossas virtudes nos criam, mas virtudes não são o bastante, às vezes temos que empregar nossos vícios. Ou não concorda?

Ele gesticula para que Christophe encha as taças. Eles falam sobre a casa da moeda, onde Vaughan terá um cargo; sobre Calais, onde Honor Lisle parece mais ocupada com política do que seu esposo, o governador. Ele pensa em Guido Camillo em Paris, perambulando aflito entre as paredes de madeira de sua máquina da memória, enquanto o conhecimento se reproduz sozinho e invisível em suas cavidades e espaços internos ocultos. Ele pensa na Sagrada Donzela — agora já desmascarada como nada sagrada e nada donzela — sem dúvida sentada no jantar com suas sobrinhas. Ele pensa em seus companheiros de interrogatório: Cranmer ajoelhado em preces, Sir Bico fechando a cara para as transcrições do dia, Audley — o que o lorde chanceler estará fazendo? Polindo seu colar de ofício, ele conclui. Ele pensa em perguntar a Vaughan, sem que os outros ouçam, não havia uma moça em sua casa chamada

Jenneke? O que aconteceu com ela? Mas Wriothesley interrompe sua linha de raciocínio:

— Quando veremos o retrato de meu amo? Já faz algum tempo que vem trabalhando nele, Hans, já é hora de mandá-lo para casa. Estamos ansiosos para ver o que fez dele.

— Ele ainda está ocupado com os enviados franceses — responde Kratzer. — Dinteville quer levar seu retrato consigo para casa, quando for reconvocato...

Há algumas risadas às custas do embaixador francês, sempre fazendo as malas e tendo que desfazê-las novamente, quando seu amo ordena que fique onde está.

— Em todo caso, espero que ele não leve o retrato embora cedo demais — explica Hans —, porque pretendo mostrá-lo e receber encomendas por ele. Quero que o rei o veja, eu realmente gostaria de pintar Henrique, acham que eu conseguiria?

— Eu vou pedir ao rei — ele responde, com tranquilidade. — Deixe-me escolher o momento. — Seu olhar se dirige ao outro lado da mesa, para ver Vaughan corando de orgulho, como Júpiter numa abóbada pintada.

Depois que eles se levantam da mesa, os convidados comem confeitados de gengibre e frutas cristalizadas, e Kratzer faz alguns desenhos. Ele desenha o sol e os planetas movendo-se em suas órbitas de acordo com o plano que aprendeu do padre Copérnico. Ele mostra como o mundo gira em seu eixo, e ninguém no salão contesta. Sob seus pés, eles sentem o puxão e o peso, as pedras rangendo para se arrancar de seus leitos, os oceanos oscilando e se batendo nas praias, o salto vertiginoso das passagens alpinas, as florestas da Alemanha rompendo suas raízes para se libertar. O mundo não é o mesmo de quando ele e Vaughan eram jovens, e nem sequer continua como era nos dias do cardeal.

Os convivas partem quando a sobrinha Alice entra, passando entre seus sentinelas, envolta num manto; ela é escoltada por Thomas Rotherham, um de seus guardas, que vive na mansão.

— Não tema, senhor — diz ela —, Jo está sentada com madre Elizabeth, e nada escapa a Jo.

Não mesmo? Aquela menina perpetuamente às lágrimas por conta de suas costuras estragadas? Aquela garotinha encardida, às vezes encontrada rolando sob a mesa com um cachorro molhado ou perseguindo um latoeiro pela rua?

— Eu gostaria de lhe falar — prossegue Alice —, se tiver algum tempo para mim.

Claro, ele responde, tomando-a pelo braço e fechando a mão na sua; Thomas Rotherham empalidece — o que o intriga — e se retira.

Alice senta-se no escritório do tio. Ela boceja.

— Perdão. Mas ela dá trabalho, e por muitas horas. — Alice enfia uma mecha de cabelos sob a touca. — Ela está à beira do colapso. Ela é corajosa na frente dos senhores, mas chora à noite, porque sabe que é uma fraude. E mesmo quando está chorando, ela espia de sob as pálpebras para ver qual efeito está causando.

— Eu quero que isto acabe agora — ele responde. — Por todo o trabalho que ela causou, não fomos recompensados com um espetáculo edificante. Três ou quatro de nós, versados na lei e nas escrituras, reunidos dia após dia para tentar desmascarar uma mocinha atrevida.

— Por que não a deteve antes?

— Eu não queria que ela acabasse com o negócio das profecias, queria saber quem atenderia ao canto dela. E Lady Exeter caiu, e o bispo Fisher. E um monte de monges e padres tolos, cujos nomes já sei, e talvez uma centena cujos nomes ainda não descobri.

— E o rei matará todos eles?

— Poucos, espero.

— O senhor o aconselha a ser misericordioso?

— Eu o aconselho a ter paciência.

— O que vai acontecer com ela? Madre Eliza?

— Vamos indiciá-la.

— Ela não acabará num calabouço?

— Não, eu influenciarei Henrique a tratá-la com consideração, ele é sempre... frequentemente respeitoso com qualquer pessoa na vida religiosa. Mas Alice — ele vê que ela se desfaz em lágrimas —, acho que tudo isso foi pesado demais para você.

— Não, de jeito nenhum. Nós somos soldados em seu exército.

— Ela não anda apavorando você, falando sobre as ofertas pérfidas do demônio?

— Não, são as ofertas de Thomas Rotherham... ele quer casar-se comigo.

— Então é esse o problema dele! — ele se diverte. — Ele não pode pedir pessoalmente?

— Ele achou que o senhor o examinaria daquele seu jeito... como se o pesasse.

Como uma moeda cunhada?

— Alice, ele é dono de um bom pedaço de Bedfordshire, e sua propriedade vem prosperando muito bem desde que passei a administrá-la. E se gostam um do outro, como eu poderia objetar? Você é uma moça inteligente, Alice. Sua mãe — ele diz com ternura — e seu pai ficariam muito felizes com você, se pudessem vê-la.

É por isso que Alice está chorando. Ela deve pedir a permissão de seu tio porque este último ano a tornou órfã. No dia em que sua irmã Bet morreu, ele estava no norte com o rei. Henrique se recusava a receber qualquer mensageiro de Londres por medo de contágio, e assim Bet já estava morta e enterrada antes que o irmão soubesse de sua doença. Quando a notícia finalmente atravessou a barreira, o rei falou a ele com afeto, a mão sobre seu braço; falou de sua própria irmã, a dama de cabelos de prata como uma princesa de fábula, sacada de sua vida para os jardins do Paraíso que, segundo o rei, estariam reservados para a realeza morta; pois é impossível, disse Henrique, imaginar aquela dama em qualquer lugar de baixo nível, qualquer sítio de escuridão, atrás das barras do Purgatório, com as cinzas pairando no ar e o odor do enxofre, seu piche fervente e turbilhões de furiosas nuvens de granizo.

— Alice — continua ele —, enxugue suas lágrimas, procure Thomas Rotherham e acabe com o sofrimento dele. Não precisa comparecer a Lambeth amanhã. Jo pode vir, se ela é tão formidável quanto você diz.

Alice se detém na saída.

— Mas, eu tornarei a vê-la? Eliza Barton? Eu gostaria de vê-la antes que...

Antes que eles a matem. Alice não é inocente do mundo. Tanto melhor. Veja como os inocentes terminam; usados por gente mergulhada em pecado e cinismo, destroçados para seus propósitos e triturados sob seus calcanhares.

Ele ouve Alice subindo as escadas às pressas. Ele ouve sua voz chamando "Thomas, Thomas..." É um nome que alarmará metade da casa, interrompendo as preces da noite, saltando das próprias camas aos tropeções: sim, está procurando por mim? Ele cerra seu manto de pele em torno de seu corpo e sai para ver as estrelas. Os pátios de sua casa estão sempre bem iluminados; os jardins à luz das tochas são sítios de escavações, trincheiras abertas para fundações, terra acumulada em carrinhos e montes. A vasta estrutura de mourões da nova ala se contrasta com o céu; a meia distância, a nova plantação, um pomar citadino onde Gregory um dia colherá frutas, e Alice, e os filhos de Alice. Ele já tem árvores frutíferas, mas quer cerejas e ameixas como as que comia no exterior, e peras maduras para comer à moda toscana, para contrastar sua carne firme e acre com o bacalhau salgado de inverno. Depois, no ano seguinte, pretende construir outro jardim na residência de caça que tem em Canonbury, fazer dele um retiro da cidade, uma casa de veraneio. Ele também tem obras em andamento em Stepney, expansões: John Williamson supervisiona os construtores em seu lugar. Estranho, mas, como um milagre, a prosperidade da família parece tê-lo curado de sua tosse mortal. Eu gosto de John Williamson, ele pensa, como pude, com a esposa dele...? Além dos portões, gritos e exclamações, Londres jamais silencia ou se aquieta; tantos nos cemitérios, mas os vivos desfilam nas ruas, bêbados arruaceiros brigam na Ponte de Londres, fugitivos se esgueiram para roubar, prostitutas de Southwark berram seus preços como açougueiros vendendo carne morta.

Ele entra. Sua mesa o chama de volta. Num pequeno baú, ele guarda o livro de sua esposa, o livro de horas. Nele há preces que Liz inseriu em papéis avulsos. Diga o nome de Cristo mil vezes e ele afastará a febre. Mas, na verdade não afasta, não é? A febre vem de qualquer maneira, e mata. Junto ao nome do primeiro marido, Thomas Williams, ela escreveu o nome do segundo, mas ele nota

que ela jamais rabiscou o nome de Tom Williams. Ela anotou os nascimentos de seus filhos, e ele escreveu junto deles as datas das mortes das filhas. Ele encontra um espaço onde anotarás os casamentos dos filhos de suas irmãs: Richard com Frances Murfyn, Alice com seu guarda.

Ele pensa: talvez eu tenha esquecido Liz. Não parecia possível que aquele peso um dia seria erguido de seu peito, mas se abrandou o bastante para permitir-lhe seguir com sua vida. Eu poderia me casar novamente, e não é o que todos vivem dizendo? Ele pondera: agora nunca penso em Johane Williamson: não em Johane como ela foi para mim. Seu corpo outrora possuía um significado especial, mas aquele significado agora está desfeito; a carne criada sob seus dedos, sacralizada pelo desejo, torna-se a substância corriqueira de uma esposa da cidade, uma mulher envelhecida sem qualquer beleza especial. Ele diz a si mesmo, nunca penso em Anselma agora; ela é apenas a mulher na tapeçaria, a mulher na trama da tela.

Ele pega sua pena. Eu me recuperei de Liz, diz a si mesmo. Será? Ele hesita, a pena na mão, pesada de tinta. Ele estica a página e rabisca o nome do primeiro marido. E pensa, há anos que quero fazer isso.

É tarde. No andar de cima, ele fecha as janelas, onde a lua espia com olhos vazios, como um bêbado perdido na rua. Christophe, dobrando roupas, indaga:

— Existem *loups*? Neste reino?

— Acho que todos os lobos morreram quando as grandes florestas foram derrubadas. Os uivos que você ouve são apenas dos londrinos.

Domingo: à luz rosácea, eles saem de Austin Friars. Seus homens vestidos com novas librés de cinza marmorizado escoltam a comitiva da casa para onde a freira está detida. Seria conveniente, pensa ele, se eu tivesse a barca de secretário-mor, em vez de fazer arranjos improvisados quando temos de cruzar o rio. Ele já ouviu a missa, mas Cranmer insiste que todos ouçam mais uma. Ele observa a

moça e vê suas lágrimas fluindo. Alice tem razão; ela está no limite de seu embuste.

Por volta das nove horas, Elizabeth está desenovelando os fios que passou anos emaranhando. Ela confessa, em grande estilo, tão enérgica e rapidamente, que Riche mal consegue acompanhar o ritmo, e ela apela aos interrogadores como homens do mundo, como gente com poder de decisão:

— Os senhores sabem como é. A gente menciona uma coisa e as pessoas pulam em cima, “o que quer dizer, o que quer dizer?” A gente diz que teve uma visão e já não o deixam em paz.

— Não se pode decepcionar os outros? — indaga ele; ela concorda.

— É isto, não posso. Uma vez que se começa, tem que continuar. Se tentar recuar, eles me massacram.

Elizabeth confessa que suas visões são uma invenção. Ela jamais falou com indivíduos celestiais. Tampouco ressuscitou os mortos; era tudo uma fraude. Ela jamais teve participação em milagres. A carta de Maria Madalena, foi padre Bocking quem a escreveu, e era um monge quem dourava as cartas, num minuto ela recordará o nome dele. Os anjos saíram de sua própria imaginação, ela parecia vê-los, mas sabe agora que foram apenas clarões de luz contra a parede. As vozes que ela ouvia não eram vozes angélicas, e nem sequer eram distintas, mas apenas o ruído de duas irmãs cantando na capela, ou de uma mulher na estrada chorando porque foi espancada e roubada, ou talvez o barulho insignificante de pratos na cozinha; e aqueles rosnados e gritos que pareciam sair das gargantas dos condenados, eram alguém arrastando uma mesa pelo chão, era o choro de um cão perdido.

— Agora eu sei, senhores, que aqueles santos não eram reais. Não da mesma maneira que os senhores são reais.

Algo se partiu dentro dela, e ele se pergunta o que foi.

Ela diz:

— Existe alguma chance de que eu possa voltar para casa em Kent?

— Eu providenciarei para que seja arranjado.

Hugh Latimer está presente na comitiva, e dirige a ele um olhar duro, como se o outro fizesse falsas promessas.

— Não, é verdade — afirma ele. — Deixem isto comigo.

Cranmer diz à freira, delicadamente:

— Antes que possa partir para qualquer lado, será necessário que faça uma admissão pública de sua impostura. Uma confissão pública.

— Não tem vergonha de multidões, tem, mocinha?

Em todos estes anos, ela esteve na estrada como um espetáculo itinerante, e logo estará novamente, mas a natureza do espetáculo será outra; ele pretende exibi-la, arrependida, na Cruz de São Paulo, e talvez fora de Londres também. Ele sente que ela assumirá o papel de fraude com o mesmo afinco com que assumiu o papel de santa.

Ele diz a Riche: Niccolò nos diz que profetas desarmados sempre fracassam. Ele sorri e acrescenta: Eu repito isto, Ricardo, porque sei que gosta de seguir à risca os manuais.

Cranmer se inclina à frente e se dirige à Donzela, estes homens à sua volta. Edward Bocking e o resto, quais deles foram seus amantes?

Ela está chocada: talvez porque a pergunta tenha vindo dele, o mais doce de seus interrogadores. Ela apenas o encara, como se um dos dois fosse idiota.

Ele conclui, murmurando, talvez ela pense que amantes não seja a palavra correta.

Já basta. A Audley, Latimer e Riche, ele diz:

— Eu começarei a convocar os seguidores de Elizabeth Barton, e seus líderes. Ela entregou vários deles, se nos interessa seguir adiante com sua ruína. Fisher certamente, Margaret Pole talvez, Gertrude e seu esposo sem dúvida. Lady Maria, a filha do rei, bem possível. Thomas More, não, Catarina, não, mas um bom número de franciscanos.

O júri se levanta, se júri é como se chama. Jo fica de pé. Ela esteve costurando, ou melhor, descosturando, tirando a barra rosada de um painel de tapeçaria — este resquício de Catarina, do reino decadente de Granada, ainda sobrevive na Inglaterra. Ela dobra seu trabalho, joga a tesoura no bolso, alisa a manga e enterra a agulha



no tecido para uso posterior. Ela se aproxima da prisioneira e pousa a mão sobre seu braço.

— Temos que dizer *adieu*.

— William Hawkhurst — diz a moça —, eu recordo o nome agora. O monge que dourava as cartas de Maria Madalena.

Richard Riche anota.

— Não diga mais nada hoje — aconselha Jo.

— Virá comigo, senhorita? Para onde vou?

— Ninguém irá com você — Jo responde. — Acho que não compreendeu o sentido de tudo, Madre Eliza. A senhora está indo para a Torre, e eu vou para casa, para o meu jantar.

O verão de 1533 foi uma estação de dias sem nuvens, de um festim de morangos nos jardins de Londres, do zumbido de abelhas ocupadas, de noites cálidas para passear sob roseiras e ouvir das aleias o som de jovens cavalheiros batendo boca em seus jogos de boliche. A colheita de grãos é abundante até no norte. As árvores vergam sob o peso de frutas maduras. Como se o rei tivesse decretado que o calor deve continuar, a corte segue iluminada ao longo do outono. Monsenhor, pai da rainha, flameja como o sol, e ao seu redor orbita um planeta diurno menor, mas ainda chamejante, seu filho George Rochford. Mas é Brandon quem lidera as danças, galopando pelos salões com a noiva de 14 anos a reboque. Ela é uma herdeira e foi prometida ao filho de Brandon, mas Charles achou que um homem experiente como ele poderia fazer melhor uso da moça.

Os Seymour superaram o escândalo da família, e sua sorte está melhorando. Olhando para os pés, Jane Seymour diz a ele:

— Sr. Cromwell, meu irmão Edward sorriu na semana passada.

— Não é do feitio dele, o que o levou a isso?

— Ele ouviu dizer que sua esposa está doente. A esposa que ele deserdou. Aquela que meu pai... o senhor sabe.

— Ela corre risco de vida?

— Ah, muito provável. Daí ele arranjará outra. Mas ele a conservará em sua casa de Elvetham, e jamais deixará que ela

chegue a menos de uma milha de Wolf Hall. E quando meu pai visitar Elvetham, ela ficará trancada na lavanderia até que ele vá embora.

A irmã de Jane, Lizzie, está na corte com o esposo, o Governador de Jersey, que é algum tipo de parente da nova rainha. Lizzie chega embalada em seus veludos e rendados, os contornos tão firmes quanto os da irmã são indefinidos e vagos, os olhos audaciosos, acastanhados e eloquentes. Jane murmura no rastro dela; seus olhos são da cor da água, onde seus pensamentos deslizam como peixes dourados, pequenos demais para anzol ou rede.

Jane Rochford — cuja mente, segundo ele, se ocupa de menos — é quem percebe que ele observa as irmãs.

— Lizzie Seymour deve ter um amante — comenta ela —, não pode ser o marido que coloque rubor nas faces dela, ele é um velho. Ele já era velho quando combateu nas guerras escocesas. — As duas irmãs são apenas um pouco parecidas, Jane destaca; têm o mesmo hábito de baixar a cabeça e morder o lábio inferior. — Se não fosse por isso — diz, com um sorrisinho —, daria para imaginar que a mãe fez uso dos mesmos truques que o marido. Sabe, ela era uma beldade em seu tempo, Margery Wentworth. E ninguém sabe o que acontece em Wiltshire.

— Fico surpreso que não saiba, Lady Rochford. Parece saber da vida de todo mundo.

— O senhor e eu, nós conservamos os olhos abertos. — Ela baixa a cabeça, e diz, como se dirigisse as palavras para dentro, para o próprio corpo: — Se assim desejar, eu poderia ficar de olho nos lugares onde o senhor não pode ir.

Deus do céu, o que ela quer? Não será dinheiro, será? A pergunta é pronunciada com mais frieza do que ele pretendia:

— Em troca de que possível incentivo?

Ela fixa os olhos nos dele.

— Eu gostaria de sua amizade.

— Nenhuma condição se agrega a isso?

— Pensei que poderia ajudá-lo. Porque nossa aliada, Lady Carey, partiu para Hever, para visitar a filha. Ela já não é mais necessária agora que Ana retornou a seus deveres na câmara privada. Pobre

Maria. — Ela ri. — Deus deu a ela uma mão bastante boa, mas ela nunca soube como jogá-la. Diga-me, o que o senhor fará se a rainha não tiver outro filho?

— Não há razão para temê-lo. A mãe de Ana tinha um filho a cada ano. Bolena costumava reclamar que isso o empobrecia.

— O senhor já notou que, quando um homem tem um filho, ele fica com todo o crédito, e quando tem uma filha, ele culpa a esposa? E se eles não procriam, dizemos que é porque o útero dela é estéril. Ninguém diz que é porque a semente dele é ruim.

— É o mesmo nos evangelhos. O chão pedregoso fica com a culpa.

Os lugares pedregosos, o solo espinhoso e infértil. Após sete anos de casamento, Jane Rochford não tem filhos.

— Acredito que meu marido gostaria que eu morresse. — Ela comenta de bom humor. Ele não sabe como responder. Ele não pediu para ouvir suas confidências. — Se eu de fato morrer — ela continua, no mesmo tom animado —, mande abrir meu corpo. Eu lhe peço isto em amizade. Tenho medo de veneno. Meu marido e a irmã passam horas trancados, e Ana conhece toda sorte de veneno. Ela já se gabou de que dará a Maria um desjejum do qual ela não se recuperará. — Ele espera. — Eu falo de Maria, a filha do rei. Embora eu não duvide que Ana não teria escrúpulos em se livrar da própria irmã, se bem quisesse. — Ela ergue os olhos novamente. — Em seu coração, se for sincero, o senhor sabe que gostaria de conhecer as coisas que sei.

Ela é solitária, ele conclui, e alimenta um coração selvagem, como Leontina em sua jaula. Jane pensa que tudo lhe diz respeito, cada olhar ou conversa secreta. Ela teme que as outras mulheres sintam pena de sua situação; e ela odeia que sintam pena. Ele pergunta:

— O que sabe de meu coração?

— Eu sei onde o senhor o deixou.

— Nem eu sei tanto assim.

— Não é incomum entre homens. Eu posso lhe dizer quem ama. Por que não pede por ela, se a deseja? Os Seymour não são ricos. Eles venderão Jane para o senhor e ficarão felizes com o negócio.

— Se engana com a natureza de meu interesse. Eu tenho jovens rapazes em minha casa, tenho sentinelas, seus casamentos são minha responsabilidade.

— Ah, trálalá! — ela zomba. — Cante outra canção. Conte essa para as crianças do berçário. Conte para a Câmara dos Comuns, o senhor já vive mentindo para eles de qualquer maneira... Mas não pense que pode me enganar.

— Para uma dama que oferece amizade, tem maneiras bastante rudes.

— Vá se acostumando com elas, se quer minhas informações. Agora o senhor entra nos aposentos de Ana, e o que vê? A rainha em seu genuflexório. A rainha cosendo um abrigo para uma mendiga, usando pérolas do tamanho de grãos-de-bico.

É difícil não rir. O retrato é perfeito. Ana enfeitou Cranmer. Ele pensa que ela é o modelo de feminilidade religiosa.

— E o senhor acha que isto é o que realmente acontece? Imagina que ela cessou o envolvimento com jovens e destros cavalheiros? Charadas, versos e canções a seu respeito, acha que ela desistiu disso?

— Ela tem o rei para elogiá-la.

— Daquele lado, ela não vai ouvir um só elogio enquanto sua barriga não tornar a crescer.

— E o que impediria isto?

— Nada. Se ele é capaz.

— Cuidado. — Ele sorri.

— Nunca soube que é traição dizer o que ocorre na cama de um rei. Toda a Europa falou de Catarina: qual parte do corpo foi posta em que lugar, se foi penetrada ou não, e se foi, ela percebeu? — Ela ri. — A perna de Henrique lhe dói à noite. Ele teme que a rainha o chute durante os arroubos de sua paixão. — Jane cobre a boca com a mão, mas as palavras se insinuam para fora, estreitadas entre seus dedos. — Mas se ela fica parada sob o rei, ele diz, “o que foi, madame, tem tão pouco interesse em gerar meu herdeiro?”

— Eu não vejo o que ela poderia fazer.

— Ela diz que não sente nenhum prazer com ele. E ele... como ele brigou por sete anos para tê-la, ele não consegue admitir que a

relação esfriou tão cedo. Entretanto, já estava fria antes que eles retornassem de Calais, é o que eu penso.

É possível; talvez eles estejam cansados da batalha, exaustos. Entretanto, Henrique dá a ela presentes magníficos. E eles brigam demais. Será que brigariam tanto se fossem indiferentes?

— Pois bem — continua Jane —, entre os chutes e a perna dolorida, a falta de habilidade do rei e a falta de desejo da rainha, será um assombro se um dia tivermos um príncipe de Gales. Ah, ele seria um homem bastante ativo, se tivesse uma mulher diferente a cada semana. Se ele anseia por novidade, quem pode dizer que ela não sente o mesmo? O próprio irmão está a serviço dela.

Ele se vira para encará-la.

— Que Deus a perdoe, Lady Rochford.

— Para dirigir seus amigos para ela, foi o que quis dizer. O que achou que significava? — Uma risadinha áspera.

— Será que a senhora sabe o que quer dizer? Já faz bastante tempo que está na corte, sabe quais são os jogos disputados. Não é problema algum, se alguma dama recebe versos e elogios, mesmo sendo casada. Ela sabe que o marido escreve versos para outros lugares.

— Ah, ela sabe disso. Eu sei, pelo menos. Não há uma beleza num raio de 50 quilômetros que não tenha uma coleção de versos de Rochford. Mas se pensa que a galanteria para à porta da câmara privada, é mais inocente do que eu imaginava. Talvez o senhor esteja apaixonado pela filha de Seymour, mas não precisa imitá-la em possuir a astúcia de uma ovelha.

Ele sorri.

— Neste aspecto, as ovelhas são caluniadas. Os pastores dizem que elas se reconhecem. Que atendem por seus nomes. E que fazem amizade por toda a vida.

— E eu lhe digo uma coisa, quem entra e sai de todas as câmaras privadas é aquele garoto bisbilhoteiro, Mark. Ele é mediador para todos. Meu marido lhe paga em botões de pérolas, caixas de confeitos e plumas para o chapéu.

— Por quê? Lorde Rochford está sem dinheiro vivo?

— Está farejando uma oportunidade para a usura?

— Como não? — Ao menos, ele pensa, há um ponto em que os dois concordam: a antipatia gratuita por Mark. Na casa de Wolsey, Mark tinha ocupações, dava aulas aos meninos do coro. Aqui, ou onde quer que a corte esteja, ele não faz nada além de vagabundear em maior ou menor proximidade dos aposentos da rainha. — Bem, não vejo qualquer mal no garoto — ele comenta.

— Mark gruda como um carrapicho em seus superiores. Ele não conhece seu lugar. É um ninguém emergente, aproveitando sua chance porque estes são tempos desordenados.

— Suponho que poderia dizer o mesmo de mim, Lady Rochford. E tenho certeza de que diz.

Thomas Wyatt lhe traz cestas de avelãs e castanhas, sacas de maçãs de Kent, sacolejando na carroça do transportador até Austin Friars.

— Os cervos abatidos vêm em seguida — ele explica, saltando ao chão. — Eu vim com as frutas frescas, e não com as carcaças. — Seus cabelos têm cheiro de maçã, as roupas estão empoeiradas da estrada. — Agora terá de trocar uma palavra comigo — conclui Wyatt —, por arriscar uma casaca que vale...

— Os ganhos anuais do carroceiro.

Wyatt parece constrangido.

— Esqueci que o senhor é meu pai.

— Já censurei você, agora podemos voltar ao papo furado de moleques.

Parado sob um clarão do tímido sol do outono, ele pega uma maçã, descasca com uma faca afiada e a pele se solta da polpa e cai entre seus papéis, como se fora a sombra de uma maçã, verde sobre papel branco e tinta negra.

— Viu Lady Carey quando esteve no campo?

— Maria Bolena no campo: quantos prazeres orvalhados saltam à mente... Imagino que ela esteja acasalando em algum celeiro.

— Só quero tê-la por perto, para a próxima vez que a irmã entre em *hors de combat*.

Wyatt se senta entre os arquivos, uma maçã na mão.

— Sr. Cromwell, imagine se o senhor passasse sete anos longe da Inglaterra; imagine que fosse um cavaleiro de fábula, preso sob um feitiço. Olharia em torno e se perguntaria, quem são estes, esta gente?

Neste verão, Wyatt jurou que ficaria em Kent. Que leria e escreveria nos dias chuvosos, caçaria no bom tempo. Mas o outono chega, a noite se aprofunda, e Ana o atrai de volta, mais uma vez. O sentimento de Wyatt é sincero, ele crê: e, se ela é falsa, é difícil descobrir onde está a mentira. Nos últimos dias não se pode brincar com Ana. Não se pode rir. É preciso acreditar que ela é perfeita, senão ela encontra uma forma de puni-lo.

— Meu velho pai fala sobre os dias do rei Eduardo. Ele diz, entende agora por que não é bom que o rei despose uma súdita, uma inglesa?

O problema é: mesmo que Ana tenha remodelado a corte, ainda há gente que a conheceu outrora, na época em que ela chegou da França, quando se decidiu a seduzir Harry Percy. Tais pessoas competem para dar exemplos do quanto ela não é digna. Ou nem sequer humana. De como ela é uma serpente. Ou um cisne. *Una candida cerva*. Uma única corça branca, escondida entre folhas de prata; trêmula, ela se oculta entre as árvores, esperando pelo amante que a transformará novamente de animal em deusa.

— Mande-me de volta à Itália — pede Wyatt. — Os olhos escuros, lustrosos, oblíquos de Ana: sou assombrado por ela. Ana me procura em minha cama solitária à noite.

— Solitária? Não creio.

Wyatt ri.

— Tem razão. Eu me alivio quando posso.

— Você bebe demais. Vinho é água para você.

— Poderia ter sido diferente.

— Tudo poderia.

— Nunca pensa no passado?

— Eu nunca falo dele.

Wyatt suplica:

— Mande-me para algum lugar distante.

— Eu vou mandar. Quando o rei precisar de um embaixador.

— É verdade que os Médici pediram a mão da princesa Mary?

— Não é Princesa Mary, o senhor se refere a Lady Mary. Eu pedi ao rei que pensasse a respeito. Mas eles não são grandiosos o bastante para Henrique. Sabe, se Gregory mostrasse algum interesse em finanças, eu procuraria uma noiva para ele em Florença. Seria agradável ter uma moça italiana em casa.

— Mande-me de volta para lá. Empregue-me onde eu possa ser útil, para o senhor ou para o rei, pois aqui sou inútil, mais que inútil para mim mesmo, e não sou necessário para o prazer de ninguém.

— Ah, pelos ossos desbotados de Becket! Pare de sentir pena de si mesmo.

Norfolk tem sua própria opinião sobre os amigos da rainha. Ele chocalha um pouco ao expressá-la, seus relicários tilintando, as desgrenhadas sobranceiras cinza agitando-se sobre olhos arregalados.

— Estes homens, estes homens que perdem tempo com mulheres! Norris, eu esperava mais dele! E o filho de Henry Wyatt! Escrevendo versos. Cantando. Papeando, papeando, papeando! Qual é a necessidade de falar com mulheres? — ele indaga, sinceramente. — Cromwell, não conversa com mulheres, conversa? Afinal, qual seria o tópico? O que encontraria para dizer?

Eu falarei com Norfolk, ele decide, quando o duque retornar da França; pedirei que peça a Ana que seja cautelosa. Os franceses encontrarão o papa em Marselha, e, em sua ausência, Henrique deve ser representado por seu aristocrata de precedência mais elevada. Gardiner já está lá. Para mim, todo dia é como feriado, ele diz a Tom Wyatt, quando aqueles dois estão longe.

Wyatt responde:

— Acho que, àquela altura, Henrique talvez já tenha um novo interesse.

Nos dias seguintes, ele vigia os olhos de Henrique, que repousam em várias damas da corte. Talvez não haja nada neste olhar, a não ser o interesse especulativo de qualquer homem; só Cranmer pensa que se tem de casar com uma mulher se olha duas vezes para ela. Ele observa o rei dançando com Lizzie Seymour, a



mão se demorando em sua cintura. Ele vê que Ana observa, a expressão fria, crispada.

No dia seguinte, ele empresta algum dinheiro a Edward Seymour a termos muito favoráveis.

Nas úmidas manhãs de outono, quando só há meia-luz, seus criados saem cedo, entre as árvores úmidas e gotejantes. Eles só podem fazer *torta di funghi* se colhem os ingredientes frescos.

Richard Riche chega às oito horas, o rosto perplexo e alarmado.

— Eles me pararam no seu portão, senhor, e perguntaram, onde está sua bolsa de cogumelos? Ninguém entra aqui sem cogumelos.

— A dignidade de Riche está ultrajada. — Não creio que eles teriam pedido cogumelos ao lorde chanceler.

— Ah, teriam sim, Richard. Mas dentro de uma hora estará comendo os cogumelos com ovos cozidos e creme, e o lorde chanceler não. Podemos começar a trabalhar?

Ao longo de setembro, ele vem cercando os padres e monges que estiveram próximos da Donzela. Ele e Sir Bico examinam os papéis e conduzem os interrogatórios. Assim que são trancados, os clérigos já começam a negar a Donzela e a negar uns aos outros: jamais acreditei nela, foi o Padre Fulano-Beltrano que me convenceu, nunca procurei problema nenhum. Quanto ao contato deles com a esposa de Exeter, com Catarina, com Maria — cada um nega seu próprio envolvimento e se apressa em implicar seu irmão em Cristo. Os cúmplices da Donzela estiveram em constante contato com a casa de Exeter. A própria moça visitou muitas das principais casas monásticas do reino — a abadia de Syon, a ordem dos cartusianos de Sheen, a casa franciscana de Richmond. Ele sabe disso porque tem muitos contatos com monges insatisfeitos. Em cada casa há alguns, e ele procura os mais inteligentes. Catarina não encontrou a Donzela em pessoa. Por que deveria? Ela tem Fisher para atuar como intermediário, e Gertrude, esposa de lorde Exeter.

O rei exclama:

— É difícil acreditar que Henry Courtenay me trairia. Um cavaleiro da Jarreteira, um grande homem nas justas, meu amigo

desde que eu era um menino. Wolsey tentou separar-nos, mas eu não aceitei. — Ele ri. — Brandon, lembra de Greenwich, naquele Natal, qual ano foi? Lembra da batalha de bolas de neve?

Esta é toda a dificuldade de lidar com estes homens, que estão sempre falando de linhagens ancestrais, amizades de infância, e coisas que aconteceram quando ele mesmo ainda estava negociando lá na Antuérpia. Coloca-se as provas embaixo de seus narizes e eles começam a se emocionar com guerras de bolas de neve.

— Veja bem — prossegue Henrique —, a culpada é a esposa de Courtenay. Quando ele souber da totalidade das práticas de Gertrude, desejará livrar-se dela. Lady Exeter é volúvel e fraca como todo seu sexo, facilmente atraída para tramoias.

— Então conceda-lhe o perdão — ele sugere. — Escreva uma absolvição para ela. Coloque esta gente em dívida de gratidão para com Vossa Majestade, se quer que eles abandonem seu sentimento tolo por Catarina.

— Acha que pode comprar corações? — indaga Charles Brandon. Ele soa como se uma resposta positiva fosse entristecê-lo.

Ele reflete, o coração é como qualquer outro órgão, pode ser pesado na balança.

— Não é um preço em dinheiro que estamos oferecendo. Eu tenho suficientes provas para colocar a família Courtenay em julgamento, e todos os Exeter. Se nos abstermos de fazê-lo, daremos a eles a posse de sua liberdade e suas terras, e a chance de recobrar a honra de seu nome.

Henrique diz:

— O avô dele deixou o Corcunda para servir meu pai.

— Se dermos o perdão, eles nos tomarão por tolos — argumenta Charles.

— Não acho, senhor. Tudo que eles fizerem de agora em diante, farão sob minha vigilância.

— E quanto aos Poles, a lorde Montague: o que propõe para eles? — Ele não pode presumir que será perdoado.

— Vai obrigá-lo a suar, hein? — comenta Brandon. — Não sei bem se aprecio sua forma de lidar com homens nobres.

— Vão colher o que plantaram — diz o rei. — Silêncio, senhor, eu preciso pensar.

Uma pausa. A posição de Brandon é complicada demais para ser sustentada. Ele deseja dizer, castigue-os como traidores, Cromwell: mas, entenda, trucidie-os com respeito. De repente, seu rosto desanuvia.

— Ah, agora me recordo de Greenwich. A neve chegou à altura dos joelhos naquele ano. Ah, éramos jovens naquela época, Henrique. Não vemos mais neve como tínhamos quando éramos crianças.

Ele recolhe seus papéis e pede para ser dispensado. As reminiscências chegaram para ficar naquela tarde e há trabalho a fazer.

— Rafe, vá a cavalo para West Horsley. Diga à esposa de Exeter que o rei considera todas as mulheres volúveis e fracas; embora eu pense que ele tenha provas suficientes do contrário. Diga a ela para declarar por escrito que não possui sequer a inteligência de uma pulga. Diga-lhe que alegue ser excepcionalmente influenciável, até mesmo para uma mulher. Aconselhe-a a se humilhar e dê orientação quanto ao palavreado. Sabe como fazer isso. Nada pode ser humilde demais para Henrique.

É a estação da humildade. A notícia que chega dos debates de Marselha é de que o rei Francisco caiu aos pés do papa e beijou suas sapatilhas. Quando ouve a novidade, Henrique berra uma obscenidade e estraçalha o despacho entre as mãos.

Ele recolhe os pedaços, recompõe o papel numa mesa e lê.

— No fim das contas, Francisco manteve a palavra dada a Vossa Majestade — ele explica. — Para minha surpresa. Ele persuadiu o papa a suspender a bula de sua excomunhão. A Inglaterra tem algum espaço para respirar.

— Eu quero ver o papa Clemente em seu túmulo — rosna Henrique. — Deus sabe que ele é um homem de vida imunda, e que está sempre doente, e portanto deve morrer. Às vezes, rezo para que Catarina também seja levada pela glória. Isto é errado?

— Se Vossa Majestade estalar os dedos, uma centena de padres entrará correndo para diferenciar o certo do errado.

— Mas, pelo visto, prefiro ouvi-lo de você. — Henrique pondera, num silêncio sombrio e rijo. — Se Clemente morrer, quem será o próximo rufião no cargo?

— Eu apostei dinheiro em Alessandro Farnese.

— Sêrio? — Henrique se estica na poltrona. — Estão fazendo apostas?

— Mas já é pedra cantada. Ele distribuiu tanta propina à plebe romana por todos estes anos que, quando chegar a hora, eles aterrorizarão os cardeais.

— Refresque minha memória, quantos filhos ele tem?

— Eu sei de quatro.

O rei observa a tapeçaria na parede mais próxima, onde mulheres de ombros alvos caminham descalças num tapete de flores primaveris. — Talvez eu tenha mais um filho em breve.

— A rainha falou sobre isso ao senhor?

— Ainda não.

Entretanto, ele vê, todos vemos, o rubor das faces de Ana, a sedosa luminosidade de sua pessoa, o tom de comando dominando sua voz quando ela distribui favores e recompensas às pessoas ao redor. Na última semana, houve mais recompensas que olhares negros, e a esposa de Stephen Vaughan, aia na Câmara Privada, diz que Ana está atrasada em suas regras. O rei repete. “Ela está atrasada em suas...”, então se interrompe, corando como um menino de escola. Ele cruza o salão, abre os braços e o enlaça, luminoso como uma estrela, as mãos imensas com seus anéis flamejantes, dominando grandes pedaços do veludo negro da casaca do conselheiro.

— Desta vez é certo. A Inglaterra é nossa!

É arcaico, aquele grito de seu coração: como se ele estivesse plantado no campo de batalha entre bandeiras ensanguentadas, a coroa num arbusto de espinhos, seus inimigos mortos a seus pés.

Ele se desvencilha gentilmente, sorrindo. Ele desamassa o memorando que esmagou em sua mão quando o rei o agarrou; afinal, não é assim que os homens se abraçam? Eles se espremem, como se para derrubar um ao outro. Henrique lhe aperta o braço.

— Thomas, isto é como abraçar uma fortaleza. De que você é feito? — O rei toma os papéis e fica boquiaberto. — É isto que temos que fazer esta manhã? Esta lista?

— Não mais que cinquenta itens. Logo teremos acabado todo o trabalho.

Por todo o resto do dia, ele não contém o sorriso. Quem se importa com Clemente e suas bulas? Seria mais útil se ele parasse na Cheap e deixasse que o povo o apedrejasse. Faria mais diferença se ele se plantasse sob as guirlandas de Natal — que polvilhamos com farinha quando não há neve — e cantasse, “Ei, na-ni-ná, trá-lá-lá, entre o bosque tão verdinho”.

Num dia frio de fins de novembro, a Donzela e meia dúzia de seus principais cúmplices prestam penitência na Cruz de São Paulo. Algemados e descalços, eles são expostos ao açoite do vento. A multidão é grande e tempestuosa, o sermão é animado, dizendo o que a Donzela fazia em suas caminhadas noturnas, quando suas irmãs de religião estavam dormindo, e quais contos lúbricos sobre demônios ela espalhava para conservar o assombro de seus seguidores. Sua confissão é lida em voz alta, pedindo no fim que os londrinos orem por ela e implorando pela misericórdia do rei.

Ninguém reconheceria que era a mesma moça esbelta que tiveram em Lambeth. Ela parece acabada e dez anos mais velha. Não que tenha sido castigada: ele não admitiria isso para uma mulher, e, na verdade, todos confessaram sem sofrimento; a parte difícil foi impedir que complicassem a história com boatos e fantasias e não implicar meia Inglaterra. O único padre que persistiu em mentir, ele apenas o trancafiou com um informante, detido por assassinato: num piscar de olhos, o padre Rich se decidiu a salvar-lhe a alma, interpretar para o outro as profecias da Donzela e impressioná-lo com nomes de gente importante que ele conhecia na corte. Lamentável, mesmo. Mas foi necessário gerar aquele espetáculo, e ele o levará para a Cantuária, para que Madre Elizabeth se confesse em sua terra natal. É necessário romper a

influência da gente que fala em fim dos tempos e nos ameaça com pragas e danações. É necessário dissipar o terror que criam.

Thomas More está lá, espremido entre os dignitários da cidade; ele se dirige a Cromwell, quando os padres descem e os prisioneiros são conduzidos para fora da plataforma. More esfrega as mãos frias e sopra para aquecê-las.

— Ser usada foi o crime dela.

Ele pensa, por que Alice deixou que saísse sem suas luvas?

— Apesar de todos os testemunhos que tenho, ainda não consigo entender como ela chegou aqui, das margens dos pântanos a um cadafalso da Cruz de São Paulo. Ela certamente não fez nenhum dinheiro com isso.

— De que pretende acusá-la? — Seu tom é neutro, interessado, de advogado para advogado.

— A lei comum não trata de mulheres que dizem que podem voar ou ressuscitar os mortos. Eu apresentarei um pedido de confisco no Parlamento. Acusação de traição para os mentores. Quanto aos cúmplices, prisão perpétua, confisco, multas. Creio que o rei será circunspecto. Ou mesmo misericordioso. Estou mais interessado em desenredar os planos dessas pessoas que em definir suas penas. Não quero um julgamento com multidões de réus e centenas de testemunhas, amarrando as cortes por anos a fio.

More hesita.

— Ora, vamos, o senhor teria despachado essa gente da mesma maneira, quando era Chanceler.

— Talvez tenha razão. De qualquer maneira, não tenho nada a ver com isso. — Uma pausa. More argumenta: — Thomas. Em nome de Cristo, é claro que sabe disso.

— O que importa é que o rei saiba. Temos que firmar essa ideia na cabeça dele. Uma carta sua, talvez, indagando sobre a princesa Elizabeth.

— Eu posso fazer isso.

— Deixando claro que aceita os direitos e títulos da menina.

— Isto não é uma dificuldade. O novo casamento está feito e deve ser aceito.

— Acha que conseguiria se obrigar a elogiá-lo?

— Por que o rei deseja que outros homens elogiem sua esposa?

— Imagine que tivesse que escrever uma carta aberta. Para dizer que viu a luz no assunto da jurisdição natural do rei sobre a Igreja.

— Ele dirige o olhar para onde os prisioneiros são postos nas carroças. — Agora eles serão levados de volta à Torre. — Ele faz uma pausa. — Não fique à toa. Venha comigo, jante em minha casa.

— Não. — More balança a cabeça. — Prefiro ficar à deriva pelo rio e voltar para casa com fome. Se eu pudesse confiar em que apenas colocaria comida em minha boca... mas você também colocará palavras.

Ele o vê mesclando-se entre a massa de dignitários a caminho de casa, e pensa, More é orgulhoso demais para recuar de sua posição. Ele teme perder a credibilidade entre os eruditos da Europa. Temos que encontrar algum jeito de ele se retratar, e que não dependa de humilhação. O céu agora está limpo, um imaculado lápis-lazúli. Os jardins de Londres estão fervilhando de amoras. Aí vem um árduo inverno. Mas ele pressente uma força prestes a ceder, como a primavera se liberta da árvore morta. À medida que a palavra de Deus se espalha, os olhos do povo se abrem para novas verdades. Como Helen Barre, eles conheciam Noé e o Dilúvio, mas São Paulo não. Eles podiam recitar todos os sofrimentos de nossa Sagrada Mãe e dizer como os condenados são transportados para o Inferno, mas não conhecem os inúmeros milagres e dizeres de Cristo, nem as palavras e feitos dos apóstolos, homens simples que, como os pobres de Londres, dedicavam-se a simples ofícios iletrados. A história é muito maior do que eles jamais imaginaram. Ele diz a seu sobrinho Richard, você não pode contar ao povo apenas parte da história e depois parar, ou contar-lhes apenas as partes que escolhe. Eles viram sua religião pintada nas paredes das igrejas, ou talhada em pedra, mas agora a pena de Deus está pronta, e Ele se prepara para escrever suas palavras nos livros dos seus corações.

Mas, nas mesmas ruas, Chapuys vê os sinais da sedição, uma cidade prestes a abrir as portas para o imperador. Ele não estava no saque de Roma, mas há noites em que sonha com o evento como se o tivesse testemunhado: entranhas negras derramadas nos pavimentos ancestrais, os moribundos atirados nas fontes, o badalar

de sinos entre a neblina dos pântanos e a chama das tochas dos vândalos lambendo as muralhas. Roma caiu, e tudo que havia nela; não foram invasores, mas o próprio papa Júlio quem derrubou a velha São Pedro, que sobreviveu por 120 anos, o sítio onde o imperador Constantino em pessoa cavou o primeiro fosso com 12 pás de terra, uma para cada apóstolo; onde os mártires cristãos, aprisionados dentro de peles de feras selvagens, foram abandonados a morrer despedaçados por cães. Sete metros ele cavou para lançar as novas fundações, atravessando uma necrópole, atravessando 12 séculos de espinhas de peixes e cinzas, os instrumentos dos trabalhadores despedaçando os crânios dos santos. No lugar onde os mártires sangraram, foram deitados pedregulhos brancos como espectros: mármore, à espera de Michelangelo.

Na rua, ele vê um padre levando a hóstia: sem dúvida há um londrino morrendo. Os passantes descobrem as cabeças e ajoelham, mas um rapaz se inclina para fora de uma janela alta e grita, "Mostre o seu Cristo Ressuscitado! Tire um coelho do chapéu." Ele olha para o alto; o rosto do rapaz, antes de desaparecer, está ruborizado de fúria.

Ele comenta com Cranmer, essa gente precisa de uma boa autoridade, à qual possam obedecer adequadamente. Por séculos, Roma lhes pediu que acreditassem no que apenas crianças podem crer. Eles certamente julgarão mais natural obedecer a um rei inglês, que exercerá seus poderes sob o Parlamento e sob Deus.

Dois dias depois de ver More tremendo durante o sermão, ele entrega um perdão a Lady Exeter. Vem com algumas palavras ácidas do rei, dirigidas ao esposo. É dia de Santa Catarina: em honra da santa que foi ameaçada com martírio numa roda, todos devemos caminhar em círculos até alcançar nosso destino. Ao menos, essa é a teoria. Ele jamais viu qualquer um acima de 12 anos fazendo isso.

Há uma sensação de poder concentrado, um poder que penetra direto nos ossos, como o arrepio que sentimos quando seguramos o cabo de um machado nas mãos. Podemos golpear, ou deixar de golpear; mesmo que decidamos deter o golpe, ainda sentimos no interior a ressonância da coisa omitida.



No dia seguinte, em Hampton Court, o filho do rei, o duque de Richmond, desposa a filha de Norfolk, Mary. Ana arquitetou este casamento para a glorificação dos Howards; e também para impedir Henrique de casar seu bastardo, para vantagem do rapaz, com alguma princesa estrangeira. Ela persuadiu o rei a abrir mão do magnífico dote que poderia esperar e, triunfante em todos os seus desígnios, participa das danças, o fino rosto afogueado, os cabelos lustrosos trançados com pontas de diamante. Henrique é incapaz de tirar os olhos dela, e o mesmo ocorre a Cromwell.

Richmond atrai para si todos os outros olhos, trotando como um potro, exibindo seus adornos nupciais, rodopiando, saltitando, parando e marchando. Olhem para ele, dizem as damas mais velhas, e verão como o pai foi outrora: o perfeito rubor, a pele fina como a de uma moça.

— Sr. Cromwell — exige ele —, diga ao rei, o senhor meu pai, que quero viver com minha esposa. Ele diz que eu devo retornar à minha casa e que Mary ficará com a rainha.

— Ele tem preocupações com sua saúde, Alteza.

— Logo farei 15 anos.

— Ainda falta meio ano para seu aniversário.

A expressão alegre do menino desaparece; um olhar pétreo domina seu rosto.

— Meio ano não é nada. Um homem de 15 é competente.

— É o que ouvimos dizer — diz Lady Rochford, parada por perto, ociosa. — O rei seu pai trouxe testemunhas à corte para dizer que o irmão podia fazer o ato aos 15 anos, e mais de uma vez por noite.

— Também precisamos pensar na saúde de sua noiva.

— A esposa de Brandon é mais jovem que a minha, e ele a possui.

— A cada momento em que a vê — acrescenta Lady Rochford —, a julgar pela expressão alarmada no rosto dela.

Richmond se prepara para uma longa discussão, entrincheirando-se atrás de precedentes: é a forma de argumentação de seu pai.

— Minha bisavó, Lady Margaret Beaufort, não deu à luz aos 13 anos, o príncipe que seria Henrique Tudor?

Bosworth, a moral em frangalhos, o campo sangrento; o lençol manchado da maternidade. De onde viemos todos, pensa ele, senão destes mesmos trâmites de cantos e buracos: querida, entregue-se a mim.

— Nunca ouvi dizer que isso melhorou a saúde dela — argumenta —, ou seu temperamento. Ela não teve nenhum filho depois disso. — Ele sente súbita fadiga com a discussão, e a encerra com a voz cansada e monocórdia. — Seja razoável, senhor. Depois que provar, desejará fazê-lo a toda hora. Por cerca de três anos. É assim que funciona. E seu pai tem outros desígnios em mente para Vossa Alteza. Talvez ele o mande para presidir a corte em Dublin.

Jane Rochford acrescenta:

— Calma, cordeirinho. Há maneiras de arranjar isso. Um homem sempre pode encontrar uma mulher, quando ela está disposta.

— Posso falar como seu amigo, Lady Rochford? A senhora se arrisca no desprazer do rei se pretende intrometer-se nisto.

— Ah — ela responde despreocupadamente —, Henrique perdoará qualquer coisa de uma mulher bonita. Eles só buscam fazer o que é natural.

O rapaz diz:

— Por que tenho que viver como um monge?

— Um monge? Monges fornicam como bodes. O Sr. Cromwell aqui pode lhe contar.

— Talvez — prossegue Richmond — seja a madame rainha quem deseja afastar-nos. Ela não quer que o rei tenha um neto no berço antes que ela tenha um filho.

— Ora, não está sabendo? — Jane Rochford se dirige a ele. — Não chegou a seus ouvidos a história de que La Ana está *enceinte*?

Ela dá a ela o nome que Chapuys lhe deu. Ele vê o rosto do rapaz se revelar em absoluto desânimo. Jane continua.

— Temo que, no verão, já terá perdido seu posto, meu amor. Uma vez que ela tenha um filho nascido dentro do casamento, terá que silenciar os desejos de seu coração. Jamais reinará, e sua prole não herdará.

Não é sempre que vemos esfaceladas as esperanças de um príncipe, no mesmo tempo que se toma para apagar a chama de

uma vela entre os dedos, e com o mesmo movimento calculado, como se brotasse da facilidade do hábito. Ela nem sequer precisou lambe os dedos.

Richmond diz, o rosto desmoronando:

— Talvez nasça outra menina.

— É quase traição esperar por isso — retruca Lady Rochford. — E se for, ela terá um terceiro bebê, e um quarto. Eu pensei que ela não conceberia novamente, mas eu estava errada, Sr. Cromwell. Agora ela provou seu valor.

Cranmer está na Cantuária, caminhando descalço numa trilha de areia para sua investidura como primaz da Inglaterra. Ao fim da cerimônia, ele dismantela o mosteiro da Igreja do Cristo, cujos membros tanto encorajaram a falsa profetisa. Poderia ser um trabalho longo, entrevistar cada monge, separar suas histórias. Rowland Lee irrompe na cidade para acrescentar alguma força bruta ao assunto, e Gregory segue sem seus calcanhares; assim, ele se senta em Londres lendo uma carta de seu filho, em nada mais longa ou mais informativa que suas cartas de menino de escola: E agora sem mais, por falta de tempo.

Ele escreve a Cranmer: seja piedoso com a comunidade local, pois nada pode ser pior do que ser enganado. Poupe o monge que dourou a carta de Madalena. Eu sugiro que eles ofereçam um presente em dinheiro ao rei; Henrique ficará satisfeito com 300 libras. Limpe a Igreja do Cristo e toda a diocese; Warham foi arcebispo por trinta anos, a família dele está entrincheirada, seu filho bastardo é arquidiácono, passe uma vassourada em todos. Ponha gente de casa: seus tristes funcionários do centro-leste, formados sob céus sóbrios.

Há algo sob esta mesa, sob seu pé, em cuja natureza ele evita pensar. Ele empurra a cadeira para trás; é metade de um musaranho, um presente de Marlinspike. Ele o agarra e pensa em Henry Wyatt, comendo insetos em sua cela. Ele recorda o cardeal, resplandecente no Cardinal College. Ele atira o musaranho no fogo. O cadáver sibila e encolhe, ossos rompidos com um estalido vazio.

Ele toma de sua pena e escreve a Cranmer, livre sua diocese daqueles homens de Oxford e coloque homens de Cambridge de nosso conhecimento.

Ele escreve ao filho, venha para casa e passe o Ano-Novo conosco.

Dezembro: em sua angularidade congelada, com uma luz azul às suas costas, refletida de baixo pela neve, Margaret Pole parece ter saído de um vitral de igreja, com lascas de vidro ainda se derramando de seu vestido; na verdade, aquelas fagulhas devem ser diamantes. Ele pediu que a condessa Margaret o procurasse, ela o observa através das pesadas pálpebras, olha de cima de seu longo nariz Plantageneta, e sua saudação, marcada como gelo, dardeja pela sala. "Cromwell." Só isso.

Ela vem a trabalho.

— A princesa Mary. Por que ela deve deixar a casa de Essex?

— Lorde Rochford deseja a mansão para seu uso. É um bom campo de caça, sabe? Mary ingressará no serviço de sua irmã real, em Hatfield. Lá, ela não precisará de seus próprios intendententes.

— Eu me proponho a manter meu lugar no serviço dela, as despesas ficam por minha conta. Não podem me impedir de servi-la.

Quer apostar?

— Eu sou apenas o ministro da vontade do rei, e imagino que a senhora fica tão ansiosa quanto eu para realizá-la.

— Estes são os desejos da concubina. Nós não acreditamos, eu e a princesa, que são os desejos do próprio rei.

— Madame, a senhora deveria expandir sua credulidade.

Ela o observa do alto de seu pedestal: ela é filha de Clarence, a antiga sobrinha do rei Eduardo. Em sua época, homens como ele se ajoelhavam para falar com mulheres como ela.

— Eu estive na câmara da rainha Catarina no dia em que ela se casou. Para a princesa, eu sou como uma segunda mãe.

— Pelo sangue de Cristo, madame, a senhora acha que ela precisa de outra? A mãe que ela já tem acabará por matá-la.

Seus olhares se enfrentam, através de um abismo.

— Lady Margaret, se me permite aconselhá-la... a lealdade de sua família está sob suspeita.

— É o que os senhores dizem. É por isso que me separam de Maria, como punição. Se têm provas suficientes para me indiciar, então me mandem para a Torre com Elizabeth Barton.

— Isto seria completamente contrário aos desejos do rei. Ele a reverencia, madame. Sua ancestralidade, sua idade avançada.

— Ele não tem provas.

— Em junho do ano passado, pouco depois que a rainha foi coroada, seus filhos lorde Montague e Geoffrey Pole jantaram com Lady Maria. Depois, mal passadas duas semanas, Montague jantou com Maria novamente. Eu me pergunto, o que eles debateram?

— Pergunta mesmo?

— Não — responde ele, sorrindo. — O rapaz que servia o prato de aspargos era meu informante. O garoto que fatiou os abricós também. Eles falaram do imperador, da invasão, de como ele poderia ser atraído para algo assim. Portanto, Lady Margaret, veja tudo que sua família deve à minha vasta tolerância. Eu confio que eles retribuirão ao rei com lealdade futura.

Ele não diz, pretendo usar seus filhos contra seu irmão encrenqueiro no exterior. Ele não diz, tenho seu filho Geoffrey em minha lista de pagamento. Geoffrey Pole é um homem violento e instável. Nunca se sabe para que lado ele se inclinará. Ele recebeu 40 libras este ano para dobrá-lo em sua direção.

Os lábios da condessa se contraem.

— A princesa não deixará sua casa de boca calada.

— Meu senhor de Norfolk pretende cavalgar para Beaulieu, e dizer a ela que modifique suas circunstâncias. Claro, talvez ela o desafie.

Ele aconselhou ao rei: deixe Mary de posse de seu título como princesa, não diminua coisa alguma. Não dê ao primo dela, o imperador, uma razão para fazer guerra.

Henrique respondeu aos gritos:

— Não quer fazer o favor de ir à rainha e sugerir a ela que Maria deve conservar seu título? Pois eu lhe digo, Sr. Cromwell, eu não pretendo fazer isso. E se o senhor a deixar muito emotiva, como sei

que ficará, e ela cair doente e perder a criança, o senhor será o responsável! E eu não me inclinarei à piedade!

Do lado de fora da sala de audiências, ele se apoia contra a parede, revira os olhos e diz a Rafe:

— Deus do céu, não surpreende que o cardeal tenha envelhecido antes de seu tempo. Se ele pensa que a insatisfação dela abortará a criança, só pode ser porque ela não está bem presa na barriga. Na semana passada, eu era seu irmão de armas, nesta semana ele me ameaça com um fim sangrento.

Rafe responde:

— Ainda bem que o senhor não é como o cardeal.

Verdade. O cardeal esperava gratidão de seu príncipe; neste assunto, ele estava destinado a se decepcionar. Apesar de todas as suas capacidades, Wolsey era um homem dominado e exaurido por suas emoções. Ele, Cromwell, já não é mais sujeito às oscilações de humor, e quase nunca se cansa. Os obstáculos serão removidos, temperamentos serão aplacados, os nós, desatados. No encerramento do ano de 1533, seu espírito é robusto, sua vontade, forte, seu semblante, imperturbável. Os cortesãos veem que ele pode gerar os eventos, moldá-los. Ele pode conter os medos de outros homens, e dar-lhes a sensação de solidez num mundo estremeado: esta gente, esta dinastia, esta miserável ilha chuvosa no limiar do mundo.

Como forma de recreação ao fim do dia, ele examina as propriedades territoriais de Catarina e julga o que pode redistribuir. Sir Nicholas Carew, que não gosta dele e não gosta de Ana, fica perplexo ao receber dele um pacote de concessões, incluindo duas grandes cidadelas em Surrey para aumentar suas propriedades no campo. Carew pede uma audiência para expressar sua gratidão; ele tem de pedir a Richard, que agora é quem organiza a agenda de Cromwell, e Richard o insere numa data num prazo de dois dias. Como o cardeal costumava dizer, deferência é fazer as pessoas esperarem.

Quando Carew entra, ele se mostra gélido, autocentrado, o cortesão completo, eleva os cantos de sua boca. O resultado é um sorrisinho donzelesco, incongruente sobre a barba luxuriante.

— Ah, tenho certeza de que mereceis — diz ele, dando de ombros. — Sois amigo de infância de Sua Majestade, e nada lhe dá mais prazer que recompensar os velhos amigos. Sua esposa tem estado em contato com Lady Maria, não é? Elas são próximas? Peça a ela — ele recomenda educadamente — que dê bons conselhos à menina. Que a advirta a conformar-se ao rei em todas as coisas. A paciência dele anda curta ultimamente, e não posso responder pelas consequências de uma desobediência.

Deuteronômio nos diz, os presentes cegam os olhos dos sábios. Em sua opinião, Carew não é particularmente sábio, mas o princípio se prova útil; se não exatamente cego, ao menos ele parece deslumbrado.

— Considere como um presente adiantado de Natal — conclui, sorrindo. E empurra os papéis sobre a mesa.

Em Austin Friars, eles desativam despensas e constroem caixas-fortes. Eles farão a ceia em Stepney. As asas de anjo são levadas para lá; ele quer guardá-las até que haja uma nova criança na casa do tamanho correto. Ele as vê partindo, agitando-se em sua mortalha de linho fino, e vê a estrela de natal carregada numa carroça. Christophe pergunta:

— Como se faz para usá-la, aquela máquina terrível, cheia de pontas?

Ele abre parte da capa de lona, e mostra o brilho a Christophe.

— Jesus, Maria, José — exclama o rapaz. — A estrela que nos guia para Belém. Eu pensei que era uma máquina de tortura.

Norfolk desce a Beaulieu para dizer a Lady Maria que ela deve se mudar para a propriedade de Hatfield, e estar a serviço da pequena princesa e viver sob a tutela de Lady Ana Shelton, tia da rainha. O que se seguiu, ele relata na volta em tons aflitos.

— Tia da rainha? — repetiu Maria. — Não há mais que uma rainha, e esta é minha mãe.

— Lady Maria... — começou Norfolk, e as palavras a levaram às lágrimas. Ela correu para seu quarto e se trancou lá dentro.

Suffolk sobe o país até Buckden, para convencer Catarina a se mudar para outra residência. Ela ficou sabendo que pretendiam mandá-la para algum lugar ainda mais úmido que Buckden, e ela

alega que a umidade a matará; ou seja, ela também se tranca, cerrando todas as travas e berrando em três línguas diferentes que Suffolk vá embora. Catarina diz que não partirá para lugar algum, a menos que ele esteja disposto a derrubar a porta e imobilizá-la com cordas e arrastá-la. Coisa que Charles julga um tanto extrema.

Brandon soa extremamente decepcionado consigo quando escreve para Londres pedindo instruções: um homem com uma noiva de 14 anos esperando por suas atenções, tendo que passar as festas desta forma! Quando sua carta é lida em voz alta para o conselho, ele, Cromwell, explode em gargalhadas. Esta simples alegria o carrega para o novo ano.

Há uma jovem caminhando pelas estradas do reino, dizendo que é a princesa Maria, e que seu pai a atirou na mendicância. Ela foi vista tão ao norte quanto York e tão a leste quanto Lincoln, e o povo simples destes territórios a abriga e alimenta, e lhe dá dinheiro para colocá-la novamente na estrada. Ele designou funcionários para procurá-la, mas ainda não a capturaram. Ele não sabe o que faria com ela se de fato a detivesse. Já é punição suficiente ter que carregar o fardo de uma profecia e viver ao relento, desprotegida nas estradas de inverno. Ele a imagina, uma figura minguada e encardida, vadiando ao horizonte sobre as planícies lamacentas.



### **III O olhar de um pintor**

*1534*

Quando Hans traz o retrato concluído a Austin Friars, ele se sente constrangido pelo pintor. Ele se lembra de quando Walter dizia, olhe na minha cara, moleque, quando me contar uma mentira.

Ele fixa a extremidade inferior da pintura e permite que seu olhar se eleve. Um tinteiro, papéis, seu selo numa pequena bolsa, e um pesado volume, encadernado em verde-escuro: o couro adornado com ouro, as páginas de bordas douradas. Hans lhe pedira para ver sua Bíblia, rejeitou-a por ser simples demais, excessivamente manuseada. Ele revirou a casa e encontrou o mais belo volume que havia na mesa de Thomas Avery. É a obra do monge Pacioli, o livro sobre como conservar seus livros, encaminhado a ele por seus bondosos amigos de Veneza.

Ele vê sua mão pintada, pousada na mesa à sua frente, segurando um papel num punho folgado. É estranho, ver a si mesmo em partes, como se tivesse sido seccionado, dígito a dígito. Hans fez sua pele macia como a pele de um cortesão, mas o movimento que ele capturou, aquele dobrar dos dedos, é tão firme

quanto o do carrasco quando pega a espada de execução. E ele usa a turquesa do cardeal.

Ele teve um anel de turquesa próprio, um dia, presente de Liz quando Gregory nasceu. Era um anel com forma de coração.

Ele ergue os olhos, e vê seu rosto pintado. Não é uma grande evolução do ovo de Páscoa que Jo pintou. Hans o representou num pequeno espaço, inserindo uma pesada mesa para enquadrá-lo. Ele teve tempo livre para pensar enquanto Hans o desenhava, e seus pensamentos partiram para longe, para outro país. Mas não é possível rastrear aqueles pensamentos através destes olhos.

Ele pediu para ser pintado em seu jardim. Hans respondeu, só a ideia já me causa suores. Podemos simplificar, que tal?

Ele usa suas roupas de inverno. Sob as vestes, parece feito de uma substância mais impermeável que a maioria dos homens, mais compacta. Ele poderia estar usando uma armadura. Ele prevê o dia em que talvez tenha de fazê-lo. Há homens neste e em outros reinos (agora não só em Yorkshire) que o esfaqueariam assim que o vissem.

Ele pensa: duvido que consigam chegar ao coração. O rei indagara, de que você é feito?

Ele sorri. Não há traço de sorriso no rosto de seu duplo pintado.

— Certo. — Ele entra na outra sala. — Podem entrar e ver.

Eles enxameiam na sala, às cotoveladas. Há um silêncio breve, analítico. Que se prolonga. Alice diz:

— Ele lhe deu uma aparência bem robusta, tio. Mais do que necessário.

— Como Leonardo nos mostrou, uma superfície curva rechaça melhor o impacto das balas de canhão — brinca Richard.

— Eu não acho que o senhor seja assim — avalia Helen Barre. — Vejo que suas feições são bastante fiéis. Mas esta não é a expressão de seu rosto.

Rafe diz:

— Não, Helen, ele poupa este rosto para os homens.

Thomas Avery informa:

— O homem do imperador está aqui, ele pode entrar e dar uma olhada?

— Ele é bem-vindo, como sempre.

Chapuys entra com seu passo pomposo. Ele se posiciona diante da pintura; se aproxima, e saltita para trás. Está usando peles de marta sobre seda.

— Por Deus — diz Johane por trás da mão —, parece um macaco dançarino.

— Ah não, não me contenho! — proclama Eustache. — Ah, não, não, não, não, não. Seu pintor protestante errou a mão desta vez. Pois ninguém jamais o imagina sozinho, Cremuel, mas acompanhado, estudando os rostos das outras pessoas, como se o senhor mesmo fosse pintá-las. Leva outros homens a pensarem, não “como está a aparência dele?”, mas “como está minha aparência?”. Chapuys se afasta num pulo e rodopia, como se para agarrar a semelhança durante o movimento.

— Entretanto, olhando para isto, um homem teria pavor de desafiá-lo. Neste sentido, creio que Hans atingiu sua meta.

Quando Gregory retorna da Cantuária, o pai o leva sozinho para ver a pintura, ainda em seu casaco de montaria, enlameado da estrada; ele quer ouvir a opinião do próprio filho antes que o resto da casa o influencie.

— A senhora sua mãe sempre dizia que não me havia escolhido pela beleza. Fiquei surpreso, quando a pintura chegou, por descobrir que sou vaidoso. Eu me imaginava como era quando deixei a Itália, há vinte anos. Antes de seu nascimento.

Gregory está parado ombro a ombro com o pai. Seus olhos repousam no retrato. Ele não fala.

Ele sabe que seu filho é mais alto: não que precise muito para isso. Ele recua de lado, embora apenas em sua mente, para ver seu menino com o olhar de um pintor: um rapaz de bela pele branca e olhos castanhos, um anjo esbelto na segunda fileira de um afresco manchado pela umidade, em algum monte distante daqui. Ele pensa em Gregory como um pajem na floresta cavalgando sobre velino, perfeitos cachos escuros sob uma fina faixa de ouro; ao passo que os jovens que o cercam todos os dias, os garotos de Austin Friars, são musculosos como cães de briga, os cabelos tosados como cerdas, olhos afiados como pontas de espada. Gregory é tudo que

deveria ser. É tudo que tenho direito de desejar: sua franqueza, sua gentileza, a reserva e consideração com que ele contém seus pensamentos até que os tenha elaborado. Ele sente tanta ternura pelo filho que pensa estar prestes a chorar.

Ele se volta para a pintura.

— Temo que Mark tenha razão.

— Quem é Mark?

— Um garotinho tolo que vive atrás de George Bolena. Certa vez eu ouvi Mark dizendo que pareço um assassino.

— O senhor não sabia? — indaga Gregory.

## **PARTE SEIS**

## **I Supremacia**

*1534*

Nos festivos dias do período entre o Natal e o Ano-Novo, enquanto a corte se banqueteia e Charles Brandon está nos pântanos falando com uma porta, ele relê Marsílio de Pádua. No ano de 1324, Marsílio nos apresentou 44 proposições. Passada a festa da Epifania, ele se encaminha para demonstrar um punhado delas a Henrique.

O rei conhece algumas destas proposições, outras lhe são estranhas. Algumas são interessantes, em sua situação presente; outras foram criticadas como heresias. É uma manhã de um frio intenso que penetra até os ossos, o vento do rio penetra como uma faca no rosto. Ele entra casualmente para testar sua sorte.

Marsílio nos diz que quando Cristo veio a este mundo não foi como governante ou juiz, mas como súdito: súdito do Estado, como o encontrou. Jesus não buscou governar, tampouco transmitir a seus discípulos uma missão de governo. Ele não concedia mais poder a um seguidor que a outro; se alguém assim crê, que leia novamente os versículos sobre Pedro. Cristo não formava papas. Ele não

outorgava a seus seguidores o poder de criar leis ou impor tributos, duas coisas que os clérigos alegam ser direito seu.

Henrique comenta.

— Não me recordo do cardeal falando sobre isso.

— Se fosse cardeal, Vossa Majestade falaria?

Uma vez que Cristo não incitava seus seguidores a buscar um poder mundano, como é possível a afirmação de que os príncipes de hoje recebem sua autoridade do papa? Na verdade, todos os padres são súditos, assim como Cristo os deixou. Cabe ao príncipe governar os corpos de seus cidadãos, definir quem está casado e quem pode casar-se, quem é bastardo e quem é legítimo.

De onde o príncipe extrai este poder, e o poder de impor a lei? Ele os adquire por intermédio de um corpo legislativo, que atua em nome dos cidadãos. É do desejo do povo, expresso pelo Parlamento, que um rei deriva sua majestade.

Quando ele assim explica, Henrique parece forçar a audição, como se captasse o som de uma turba correndo pela estrada para arrancá-lo de seu palácio. Ele o tranquiliza quanto a este ponto: Marsílio não confere legitimidade alguma a rebeldes. Os cidadãos podem de fato se agrupar para derrubar um déspota, mas ele, Henrique, não é um déspota; é um monarca que governa dentro da lei. Henrique gosta de ser saudado pelo povo quando atravessa Londres, mas o príncipe sábio nem sempre é o príncipe mais popular; e ele compreende isto.

Ele tem outras proposições para apresentar ao rei. Cristo não concedia a seus seguidores lotes de terras, ou monopólios, cargos, promoções. Todas estas coisas são assunto do poder secular. Um homem que fez voto de pobreza, como pode ter direito à propriedade? Como monges podem ser donos de terras?

O rei diz:

— Cromwell, com sua facilidade para grandes números... — Ele olha à distância. Seus dedos manipulam a renda cor de prata de seu punho.

— O corpo legislativo — ele prossegue — deve assegurar a subsistência de padres e bispos. Depois disso, deve ser habilitado a usar as riquezas da Igreja pelo bem público.

— Mas como libertá-lo? — indaga Henrique. — Imagino que seja possível derrubar altares... — Com sua própria pessoa coberta de joias, Henrique pensa na magnitude de riquezas que poderia abarcar. — Se houvesse alguém com coragem.

É característico de Henrique, adiantar-se numa direção à qual o outro não exatamente se encaminhava. Ele planejava persuadi-lo a adotar um intricado processo legal de desapropriação e reintegração de posse: a afirmação de direitos ancestrais do soberano, a recuperação daquilo que sempre lhe pertenceu. Ele guardará na lembrança que Henrique foi quem primeiro sugeriu empunhar um formão e desengastar as safiras dos olhos dos santos. Contudo, ele está disposto a seguir o raciocínio do rei.

— Cristo nos ensinou como devemos lembrá-lo. Ele nos deixou pão e vinho, corpo e sangue. De que mais precisamos? Não vejo onde ele pediu que erigíssemos altares, ou que fosse instituído um comércio de partes do corpo, de cabelos ou unhas, ou onde nos pediu que construíssemos e venerássemos imagens de gesso.

— Você teria condições de estipular... — começa Henrique —, quem sabe... Não, imagino que não teria. — Ele se põe de pé. — Bem, o sol está brilhando, ou seja...

Melhor aproveitar. Ele reúne os papéis do dia.

— Eu posso concluir isto. — Henrique se retira para vestir a casaca de montaria duplamente acolchoada. Ele pensa: não queremos que nosso rei seja o miserável da Europa. Espanha e Portugal têm tesouros se derramando das Américas a cada ano. Onde está o nosso tesouro?

Olhe à sua volta.

Sua estimativa é de que o clero possui um terço da Inglaterra. Em breve, Henrique perguntará como a Coroa pode retomar a posse. É o mesmo que lidar com uma criança; um dia alguém chega com uma caixa, e a criança pergunta, o que tem aí? Depois ela vai dormir e esquece; no dia seguinte ela pergunta novamente, e não descansará enquanto a caixa não for aberta e os presentes distribuídos.

O Parlamento está prestes a se reunir. Ele diz ao rei: em toda a história, nenhum parlamento trabalhou tão duro quanto pretendo



obrigá-los a trabalhar.

— Faça o que tiver que fazer; eu o apoiarei — responde Henrique.

É como ouvir palavras que ele esperou ouvir por toda a vida. É como ouvir um perfeito verso de poesia, num idioma que já se conhecia mesmo antes de nascer.

Ele volta para casa satisfeito; mas o cardeal o aguarda numa curva. Ele parece estufado como uma almofada em suas vestes escarlates, e seu rosto exhibe uma expressão marcial e revoltosa. Wolsey diz: Você sabe que o rei tomará o crédito por suas boas ideias e lhe imputará a culpa pelas más ideias que ele tiver, não? Quando a sorte lhe der as costas, você sentirá seu açoite: sempre você; ele, jamais.

Ele responde, meu querido Wolsey. (Pois agora que os cardeais estão arruinados neste reino, ele se dirige ao outro como um colega, e não como patrão.) Meu querido Wolsey, não é exatamente assim; ele não culpou Charles Brandon por estilhaçar uma lança dentro de seu elmo, ele culpou a si mesmo por não ter baixado a viseira.

O cardeal responde, você acha que isto é uma arena de justas? Acha que há regras, protocolos, juízes para supervisionar o jogo limpo? Um dia, quando ainda estiver ajustando seus arreios, erguerá a cabeça e ele já estará estrondeando morro abaixo em sua direção.

O cardeal desaparece, com uma gargalhada.

Mesmo antes da assembleia dos Comuns, os oponentes se reúnem para combinar suas táticas. Seus encontros não são segredo. Criados entram e saem, e o método que ele utiliza com os conclaves dos Pole merece descrição: há jovens na casa Cromwell que não são demasiadamente orgulhosos para vestir um avental e carregar uma bandeja de linguados ou um pernil de boi. Os fidalgos da Inglaterra agora se oferecem como funcionários à sua casa, a seus filhos, sobrinhos e guardas, pensando que aprenderão governança com ele, como escrever em linguagem de secretário, como lidar com traduções do exterior e quais livros alguém deve ler para se tornar um cortesão. Ele recebe com seriedade a confiança nele depositada; educadamente, ele tira das mãos desses jovens senhores suas adagas e suas penas, e conversa com eles,

descobrimo por trás da paixão e do orgulho dos rapazes de 15 ou 20 anos o que eles realmente valem, quanto valem e quanto valeriam sob provações. Nada se aprende sobre os homens ao desdenhar deles e esmagar-lhes o orgulho. É preciso indagar o que podem fazer neste mundo, o que só eles podem realizar.

Os rapazes ficam perplexos com a pergunta, e suas almas se revelam. Talvez ninguém jamais tenha conversado com eles antes. Certamente não seus pais.

Os jovens são apresentados — por mais violentos ou incultos que sejam — a ocupações humildes. Eles aprendem os salmos. Aprendem o uso de uma lâmina de filetar e uma faca de descascar; só assim, por autodefesa e sem aulas formais, eles aprendem o *estoc*, a punhalada mortífera sob as costelas, a simples torção certa do pulso. Christophe se oferece como instrutor. Estes *messieurs*, ele diz, pode ter certeza de que são delicados. Eles cortam a cabeça do cervo ou a cauda do rato, e sabe-se lá o que mais, para enviar a seus queridos papais. Mas só eu e o senhor, e Richard Cremuel, só nós sabemos como derrubar um merdinha, e acabar com sua raça sem que ele consiga soltar um gritinho sequer.

Antes que chegue a primavera, alguns dos homens pobres que se plantam diante dos portões conseguem se infiltrar para dentro. Os olhos e os ouvidos dos iletrados são tão afiados quanto os dos aristocratas, e ninguém precisa ser erudito para ter bom juízo. Cavalariços e tratadores de cães entreouvem as confidências de condes. Um menino com lenha e foles escuta os segredos sonolentos da aurora, quando entra para acender a lareira.

Num dia de forte luz do sol, de calor súbito e enganoso, Me-chame-Risley entra a largas passadas em Austin Friars. Ele vocifera:

— Muito bom-dia, senhor. — Atira a casaca de lado, senta-se à sua mesa e puxa a banquetta para perto. Ele toma a pena e observa a ponta. — Muito bem, o que tem para mim? — Seus olhos cintilam e as pontas das orelhas são rosadas.

— Acho que Gardiner talvez esteja de volta — responde ele.

— Como soube? — Me-chame derruba sua pena. Ele se põe de pé num salto e fica andando de um lado ao outro. — Por que ele é

desse jeito? Sempre discutindo e batendo boca, e fazendo perguntas quando não se interessa pelas respostas?

— Gostava bastante disto quando estava em Cambridge.

— Ah, naquela época — diz Wriothesley, com desprezo por seu eu mais jovem. — Supostamente servia para treinar nossas mentes. Não sei bem.

— Meu filho diz que isso o esgotava, a prática da retórica acadêmica. Ele diz que é o exercício da argumentação irrelevante.

— Talvez Gregory não seja completamente estúpido.

— Eu gostaria muito de pensar que não.

Me-Chame-de-Risley enrubescce, adquirindo um tom de vermelho intenso.

— Não quis ofender. O senhor sabe que Gregory não é como nós. Do jeito que o mundo vai, ele é demasiadamente bom. Mas o senhor também não tem de ser como Gardiner.

— Quando os conselheiros do cardeal se reuniam, nós propúnhamos planos, e por vezes surgia alguma discordância, mas resolvíamos em debate; depois, refinávamos nossos projetos e os aplicávamos. O conselho do rei não funciona dessa maneira.

— E como poderia? Norfolk? Charles Brandon? Eles lhe farão oposição apenas por quem é. Mesmo que concordem com você, eles se oporão. Até quando souberem que está certo.

— Imagino que Gardiner o esteja ameaçando.

— Com ruína. — Ele fecha uma mão na outra. — Eu não levo a sério.

— Mas deveria. Winchester é um homem poderoso, e se ele diz que vai arruiná-lo, é o que pretende fazer.

— Ele afirma que sou desleal. Diz que, enquanto estive no exterior, deveria ter cuidado dos interesses dele, e não dos seus.

— Minha opinião é, você serve ao secretário-mor, a quem quer que esteja atuando no cargo. Se eu... — ele hesita — se... Wriothesley, eu lhe faço esta oferta, se eu for confirmado no posto, eu o encarregarei do Selo.

— Eu serei alto funcionário?

Ele percebe que Me-Chame-de-Risley está calculando a soma das comissões.

— Portanto, vá até Gardiner, peça desculpas, e faça com que ele lhe apresente uma oferta melhor. Defenda suas apostas.

Com expressão alarmada, Me-chame hesita.

— Ande logo, rapaz. — Ele agarra a casaca e a enfia nas mãos do outro. — Stephen ainda é secretário. Ele pode ter seus selos de volta. Informe apenas que ele terá que vir aqui e pegá-los pessoalmente.

Me-Chame ri. Ele esfrega a testa, confuso, como se tivesse saído de uma briga, e joga a casaca nos ombros.

— Não temos salvação, temos?

Rufiões inveterados. Lobos destrinchando carcaças. Leões disputando cristãos.

O rei o convoca, e a Gardiner, para examinar a proposta de lei que Cromwell pretende apresentar ao Parlamento para assegurar a sucessão dos filhos de Ana. A rainha está com eles; muitos cavalheiros frequentam menos suas esposas do que o rei, ele pensa. O rei cavalga, Ana cavalga. Ele caça, Ana caça. Ela toma os amigos de Henrique e os transforma em seus amigos.

Ela tem o hábito de ler por cima do ombro de Henrique; ela o faz agora mesmo, a mão exploradora deslizando pela sedosa corpulência do rei, através das camadas de suas vestes, e uma unha diminuta se infiltra entre o colarinho bordado da camisa real, erguendo um nada de tecido, uma fração apenas, da pele alva do esposo; a ampla palma de Henrique se move para afagar a mão dela, um gesto ausente, distraído, como se estivessem a sós. O esboço se refere repetidamente — e pelo visto apropriadamente — à “sua mais querida e absolutamente adorada esposa, Rainha Ana”.

O bispo de Winchester está boquiaberto. Como homem, ele não consegue desgrudar os olhos do espetáculo; contudo, como bispo, ele se obriga a pigarrear. Ana simplesmente não nota, e segue fazendo o que está fazendo, lendo a proposta em voz alta, até que ergue os olhos, abismada.

— Ela menciona minha morte! “Se porventura vossa supracitada querida e absolutamente adorada esposa Rainha Ana vier a

falecer...”.

— Não posso excluir a possibilidade — ele explica. — O Parlamento pode fazer qualquer coisa, madame, exceto o que vai de encontro à natureza.

Ela enrubesce.

— Não morrerei de parto. Eu sou forte.

Ele não se recorda de Liz perdendo a compostura quando estava grávida. Quando muito, ela se tornava gradativamente mais sóbria e frugal, e passava o tempo fazendo listas dos estoques dos guarda-comidas. Ana, a rainha, arranca o rascunho das mãos de Henrique. Ela o sacode com fúria. Está revoltada com o papel, enciumada da tinta.

— Esta proposta decide que, se eu morrer, digamos que eu morra agora, digamos que eu tenha uma febre e morra sem dar à luz, ele então pode colocar outra rainha em meu lugar.

— Querida — começa o rei —, não posso imaginar outra em seu lugar. É apenas uma hipótese. Deve-se fazer uma provisão a respeito.

— Madame — diz Gardiner —, se cabe a mim defender Cromwell, ele prevê apenas uma situação costumeira. A senhora não condenaria Sua Majestade a uma vida como perpétuo viúvo, não é? E nunca conhecemos nossa hora, não é mesmo?

Ana não dá a mínima atenção; é como se Winchester não tivesse falado.

— E se ela tiver um filho, diz aqui, aquele filho herdará. Diz, herdeiros varões legalmente gerados. E então o que acontecerá com minha filha e seu direito?

— Bem — explica Henrique —, ela ainda é uma princesa da Inglaterra. Se você ler um pouco mais abaixo no documento, ele diz isto... — Henrique fecha os olhos. Deus, dai-me força.

Gardiner se prontifica a providenciá-la:

— Se o rei não tiver um filho, não em matrimônio legal com mulher alguma, então sua filha será rainha. É o que Cromwell propõe.

— Mas por que tem de estar escrito desta forma? E onde está determinado que Mary, a espanhola, é uma bastarda?

— Lady Mary tem direito a figurar na linha de sucessão — ele explica —, e portanto a inferência é clara. Não precisamos dizer mais que isso. Madame, perdoe alguma frieza de expressão. Nós tentamos escrever as leis de modo econômico. E de modo que não sejam pessoais.

— Deus do céu — exclama Gardiner com prazer —, se isso não é pessoal, então o que seria?

O rei parece ter convidado Stephen à conferência para esnobá-lo. Claro, no dia seguinte poderia ser o contrário; ele poderia chegar e encontrar Henrique de braço dado com Winchester e passeando entre os flocos de neve. Ele:

— Nossa intenção é selar este ato com um juramento. Os súditos de Sua Majestade devem prestar o juramento de endossar a sucessão ao trono, como exposta neste documento e ratificada no Parlamento.

— Um juramento? — repete Gardiner. — Que tipo de legislação precisa ser confirmada com um juramento?

— Há sempre quem diga que um parlamento é influenciado, ou comprado, ou incapaz de representar a coisa pública de alguma forma. Sempre há aqueles que negarão a competência do Parlamento para legislar sobre certos assuntos, dizendo que devem ser deixados a alguma outra jurisdição; ou seja, a Roma. Mas acho que é um erro. Roma não tem voz legítima na Inglaterra. Com minha proposta de lei, pretendo afirmar uma posição. É uma proposta modesta. Eu a redigi, talvez o Parlamento se disponha a passá-la, e talvez seja do agrado do rei assiná-la. Depois, pedirei que o país a endosse.

— Então o que fará? — caçoa Stephen. — Pretende mandar seus rapazes de Austin Friars de cima a baixo do país, exigindo o juramento de cada fulano que desenterrem dos fundos das tabernas? Cada fulano e cada beltrano?

— E por que não pedir-lhes juramento? Acham que, porque não são bispos, eles são animais? O juramento de um cristão vale tanto quanto o de qualquer outro. Observe qualquer parte deste reino, meu lorde bispo, e encontrará miséria, privação. Há homens e mulheres nas estradas. Os criadores de ovelhas se tornaram tão

grandes que os pequenos são enxotados de seus acres e o lavrador perde sua posse e seu lar. Em uma geração, essa gente pode aprender a ler. O lavrador pode tomar o livro. Acredite, Gardiner, a Inglaterra pode ser outra coisa.

— Eu o irritei — observa Gardiner. — Exaltado, o senhor não compreende a pergunta. Não perguntei se eles têm palavra, mas quantos deles pretende fazer jurar. Mas, claro, nos Comuns o senhor apresentou uma proposta de lei contra as ovelhas...

— Contra os criadores de ovelhas — retruca ele, sorrindo.

O rei interfere:

— Gardiner, é para ajudar o povo; nenhum criador deve manter mais que dois mil animais...

O bispo interrompe seu rei como se fosse uma criança.

— Dois mil, sim, portanto, quando seus enviados estiverem percorrendo pelos distritos para contar ovelhas, talvez possam tomar o juramento dos criadores ao mesmo tempo, não? E destes seus lavradores, quantos em sua condição pré-letrada? E de qualquer prostituta que achem numa vala?

Ele é obrigado a rir. O bispo é tão veemente...

— Meu senhor, eu tomarei o juramento de todos que sejam necessários para assegurar a sucessão e unir o país a nosso favor. O rei tem seus funcionários, seus juízes de paz; e confiaremos na idoneidade dos lordes do conselho para fazer o processo funcionar, senão, tomarei satisfações.

Henrique acrescenta:

— Os bispos prestarão o juramento. Espero que sejam obedientes.

— Precisamos de alguns bispos novos — diz Ana. Ela nomeia seu amigo Hugh Latimer. O amigo dele, Rowland Lee. Ao que parece, ela realmente tem uma lista, que leva na cabeça. Liz fazia compotas. Ana faz clérigos.

— Latimer? — Stephen balança a cabeça, mas não pode acusar a rainha de favorecer hereges: não na cara dela. — Rowland Lee, segundo certo conhecimento meu, jamais subiu num púlpito em sua vida. Alguns homens entram na vida religiosa apenas por ambição.

— E quase sem qualquer talento para disfarçá-la — ele retruca.

— Eu faço o melhor que posso em meu caminho — responde Stephen. — Fui dirigido a ele. Em nome de Deus, Cromwell, eu o sigo.

Ele se volta para Ana, cujos olhos brilham de hilaridade. Nenhuma palavra lhe escapa.

— Meu lorde de Winchester, estive fora do país por um longo tempo, em sua embaixada — comenta Henrique.

— Espero que Vossa Majestade considere que foi para seu benefício.

— Certamente, mas o senhor não pôde evitar a negligência à sua diocese.

— Como pastor, o senhor deveria cuidar de seu rebanho — acrescenta Ana. — Contá-lo, talvez.

Gardiner faz uma mesura.

— Meu rebanho está seguro e sob controle.

Afora chutar o bispo escada abaixo, ou mandar que os guardas o arrastem para fora, o rei não pode ser mais claro que isto.

— Tanto melhor, fique à vontade para ocupar-se dele — murmura Henrique.

Um odor feral sempre se ergue do pelo de um cão prestes a brigar. Este cheiro se eleva agora na sala, e ele vê Ana virando-se de lado, melindrosa, e Stephen espalmado a mão no peito, como se para eriçar o pelo, para exhibir seu tamanho antes de mostrar as presas.

— Estarei novamente com Vossa Majestade dentro de uma semana — ele conclui. A dócil frase é pronunciada como um rosnado das profundezas de suas entranhas.

Henrique cai na gargalhada.

— Enquanto isso, ficamos contentes com Cromwell. Cromwell nos trata muito bem.

Tendo Winchester partido, Ana paira acima do rei novamente; os olhos se agitam de um lado a outro, como se ela o envolvesse em alguma conspiração. O corpete de Ana ainda tem as amarras justas, e apenas um ligeiro volume de seus seios indica sua condição. Não houve nenhum anúncio; nunca há anúncios, pois os corpos das mulheres são coisas incertas e erros podem acontecer. Mas toda a



corde tem certeza de que ela espera o herdeiro, e ela mesma diz isso; desta vez, maçãs não são mencionadas, e ela fica repugnada com todas as comidas por que ansiava quando esperava a princesa, e portanto há bons sinais de que será um menino. O projeto de lei que ele levará aos Comuns não é, como Ana pensa, alguma previsão de desastre, mas uma confirmação de seu lugar no mundo. Ela fará 33 anos. Por quantos anos ele riu de seu peito chato e sua pele amarelada? Até ele consegue ver sua beleza, agora que ela é rainha. Seu rosto parece esculpido na pureza de suas linhas, seu crânio é pequeno como o de um gato; a garganta tem uma luminosidade mineral, como se fosse salpicada com ouro de tolo.

Henrique diz:

— Stephen é um embaixador decidido, sem dúvida, mas não posso conservá-lo próximo a mim. Confiei a ele meus mais íntimos pensamentos, e agora ele se volta contra a minha pessoa. — O rei balança a cabeça. — Eu abomino a ingratidão. Abomino a deslealdade. É por isso que valorizo um homem como você. Você foi bom para seu antigo amo em sua tribulação. Nada poderia recomendá-lo mais do que isso, a meu ver. — Henrique fala como se não tivesse causado o problema pessoalmente; como se a queda de Wolsey tivesse resultado de um raio. — Outro que me decepcionou foi Thomas More.

— Quando redigir sua acusação contra a falsa profetisa Barton, mencione More, junto a Fisher — ordena Ana.

Ele balança a cabeça.

— Não passará. O Parlamento não a aceitará. Há suficientes provas contra Fisher, e os Comuns não gostam dele, pois o bispo se dirige a eles como se fossem turcos. Mas More veio a mim mesmo antes da prisão de Barton e me mostrou que estava isento de culpa no caso.

— Mas isso o assustará — insiste Ana. — Eu o quero apavorado. O pavor pode derrubar um homem. Já vi acontecer.

Três da tarde: velas são trazidas. Ele consulta a agenda do dia organizada por Richard: John Fisher o aguarda. É hora de se

enfurecer; ele tenta pensar em Gardiner, mas não contém a risada.

— Componha seu rosto — recomenda Richard.

— Ninguém imaginaria que Stephen me deve dinheiro. Eu paguei por sua instauração em Winchester.

— Peça a devolução, senhor.

— Mas eu já tomei a casa dele para a rainha. Ele ainda está de luto por isso. É melhor não levá-lo a extremos. Devo dar a ele um caminho de volta.

O bispo Fisher está sentado, as mãos esqueléticas pousadas numa bengala de ébano.

— Boa-noite, meu amo — ele cumprimenta. — Por que é tão crédulo?

O bispo parece surpreso por não começarem com uma prece. Mesmo assim, ele murmura uma bênção.

— Melhor seria que pedisse o perdão do rei. Implore por este favor. Suplique que ele considere sua idade e suas debilidades.

— Não sei qual foi meu crime. E, apesar do que o senhor pensa, não estou em minha segunda infância.

— Mas eu creio que está. De que outra forma daria crédito àquela mulher, Barton? Se o senhor se deparasse com um espetáculo de marionetes na rua, não acharia graça, não exclamaria “Vejam suas perninhas de pau caminhando, veja como mexem os braços?”. “Vejam como eles sopram suas cornetas?” Não diria?

— Não creio que já tenha visto um espetáculo de marionetes — responde Fisher, tristemente. — Ao menos não do tipo que menciona.

— Mas o senhor está em um, lorde bispo! Olhe à sua volta. Tudo isso não passa de um grande espetáculo de marionetes.

— E mesmo assim, tantos acreditaram nela — continua Fisher humildemente. — O próprio Warham, isto, é, Cantuária. Um exército, uma centena de homens devotos e eruditos. Eles confirmaram os milagres dela. E por que ela não deveria expressar seu conhecimento, sendo inspirada? Sabemos que, antes de se pôr a trabalho, o Senhor dá um sinal de si através de seus servos, pois é afirmado pelo profeta Amós...

— Não me venha com seu profeta Amós, homem. Ela ameaçou o rei. Previu a morte dele.

— Prever não é o mesmo que desejar, e muito menos tramar.

— Ah, mas ela nunca previa coisas que não desejava que acontecessem. Ela se sentava com os inimigos de Henrique e lhes dizia como as coisas se passariam.

— Se está mencionando lorde Exeter — retruca o bispo —, ele já foi perdoado, claro, assim como Lady Gertrude. Se fossem culpados, o rei tomaria providências.

— Isto não é verdade. Henrique deseja a reconciliação. Ele encontra em si o sentimento para ser misericordioso. Como poderia ser até no seu caso, mas o senhor deve reconhecer seus erros. Exeter não escreveu contra o rei, mas você sim.

— Onde? Mostre-me.

— Sua mão foi disfarçada, senhor, mas não para mim. Agora não tornará a publicar.

Os olhos de Fisher se lançam aos céus. Delicadamente, seus ossos se movem sob sua pele; sua mão comprime a bengala, cujo punho é um golfinho dourado.

— Seus impressores estrangeiros agora trabalham para mim. Meu amigo Stephen Vaughan ofereceu-lhes um pagamento melhor.

— Me persegue devido ao casamento — responde Fisher. — Não é por Elizabeth Barton. É porque a rainha Catarina pediu meu conselho e eu o dei.

— Diz que eu o persigo, quando tudo que peço é que se mantenha dentro da lei? Não tente desviar-me do tema de sua profetisa, ou eu o levarei para onde ela está e o trancarei na cela ao lado. Será que ficaria tão disposto a acreditar nela se Barton tivesse visões de Ana coroada rainha um ano antes do acontecido, e dos Céus sorrindo para ela na ocasião? Neste caso, eu lhe digo, teria afirmado que ela é uma bruxa.

Fisher balança a cabeça; ele se encolhe em sua confusão.

— Sabe, eu sempre me perguntei, sempre me intrigou por muitos anos, se Maria Madalena dos evangelhos era a mesma Maria que foi irmã de Marta. Elizabeth Barton me disse com toda a certeza que era. Neste assunto, ela não hesitou.

Ele ri.

— Ah, essa gente é familiar para ela. Elizabeth entra e sai de suas casas. Ela já dividiu pratos de sopa com Nossa Senhora em muitas ocasiões. Meu senhor, ouça bem, a simplicidade religiosa teve sua época, mas esse tempo acabou. Estamos em guerra. Não se engane por não ver soldados do imperador correndo pelas ruas; é uma guerra e o senhor está no campo inimigo.

O bispo faz silêncio. Ele se remexe um pouco em sua banquetta, fungando.

— Eu compreendo por que Wolsey o conservou. És um rufião, e ele também foi um. Eu fui padre por quarenta anos, mas jamais vi homens tão pecaminosos quanto os que hoje prosperam. Conselheiros tão malignos.

— Caia doente — ele conclui. — Recolha-se à cama. É a minha recomendação.

O ato de condenação contra a Donzela e seus aliados é apresentado à Câmara dos Lordes numa manhã de sábado, 21 de fevereiro. Fisher é citado e, por ordem de Henrique, também Thomas More. Cromwell vai até a Torre para ver a mulher Barton e verificar se ela tem algo mais a aliviar de sua consciência antes que sua morte seja marcada.

Barton sobreviveu ao inverno, arrastada pelo país em suas confissões a céu aberto, exposta em cadafalsos sob o vento cortante. Ele leva consigo uma vela, e a encontra atirada sobre sua banquetta como uma trouxa de farrapos mal amarrados; o ar está tão frio quanto estagnado. Ela ergue os olhos e diz, como se retomassem uma conversa, “Maria Madalena me disse que eu devo morrer”.

Talvez, ele pensa, ela ande conversando comigo em sua cabeça.

— Ela lhe deu uma data?

— Acha que isso ajudaria? — ela indaga. Ele se pergunta se Barton sabe que o Parlamento, indignado com a inclusão de More, talvez postergue o decreto contra ela até a primavera. — Fico feliz que tenha vindo, Sr. Cromwell. Nada acontece por aqui.

Ela não se apavorou nem mesmo com seu interrogatório mais prolongado, mais sutil. Para implicar Catarina no caso, ele tentou todos os truques que conhecia: nenhum resultado.

— Tem-se alimentado apropriadamente? — indaga ele.

— Ah, sim. E minhas roupas são lavadas. Mas eu sinto falta de quando ia a Lambeth, quando via o arcebispo, eu gostava daquilo. De ver o rio. De todas as pessoas se agitando ao redor, e dos barcos descarregando. O senhor sabe se serei queimada? Lorde Audley disse que eu seria queimada. — Ela fala como se Audley fosse um velho amigo.

— Eu espero que seja poupada disso. Cabe ao rei decidir.

— Nestas noites, tenho ido ao Inferno — ela diz. — Lorde Lúcifer me apresenta um trono. É talhado de ossos humanos e acolchoado com almofadas de chamas.

— É para mim?

— Que Deus o abençoe, não. Para o rei.

— Avistou Wolsey alguma vez?

— O cardeal está onde o deixei. — Sentado entre os não-nascidos. Ela se detém; uma pausa longa e distraída. — Dizem que pode levar uma hora para que o corpo queime. A Virgem Maria me exaltará. Serei banhada em chamas, como alguém que se banha numa fonte. Para mim, elas estarão frescas. — Ela o encara, mas, diante da expressão que encontra, desvia o rosto. — Às vezes eles inserem pólvora entre a lenha, não é? Assim fica mais rápido. Quantos partirão comigo?

Seis. Ele os nomeia.

— Poderiam ser sessenta. Sabia disto? Sua vaidade os arrastou para cá.

Enquanto fala, ele pensa: também é verdade que a vaidade deles a arrastou para cá. E ele vê que Barton teria preferido que sessenta morressem, ver Exeter e a família Pole caindo em desgraça; isto teria selado sua fama. Sendo assim, por que ela não nomeou Catarina como cúmplice da trama? Que triunfo para uma profetisa, derrubar uma rainha. Aí está, ele pensa, no fim as contas, eu não deveria ter sido tão sutil; deveria ter jogado com sua ambição pela infâmia.

— Eu não o verei novamente? — indaga ela. — Ou estará lá, em meu suplício?

— Esse trono — continua ele. — Essa poltrona de ossos. Seria melhor guardar isso para si. Não deixe que o rei ouça a respeito.

— Eu acho que ele deveria. O rei deve ser avisado do que o aguarda após a morte. E o que mais ele pode fazer comigo, pior do que já planeja?

— Não quer suplicar por sua barriga?

Ela cora.

— Não estou grávida. O senhor está caçoando de mim.

— Eu aconselharia qualquer pessoa a buscar mais algumas semanas de vida, por qualquer meio possível. Diga que foi usada na estrada. Diga que seus guardas a desonraram.

— Mas assim eu teria de dizer quem foi, e eles seriam levados diante de um juiz.

Ele balança a cabeça, com pena dela.

— Quando um guarda estupra uma prisioneira, não dá seu nome a ela.

De qualquer maneira, Barton não gosta da ideia, isto está claro. Ele a deixa. A Torre é como uma cidadela e sua rotina da manhã estrepita a seu redor; os guardas e homens da Casa da Moeda o saúdam, e o tratador das feras do rei se aproxima para dizer que é hora do almoço — eles se alimentam cedo, os animais — e ele não gostaria de vê-los comendo? Muito grato pelo convite, ele diz, declinando da oferta; em jejum, levemente nauseado, ele sente o cheiro do sangue estagnado e, da direção das jaulas, ouve os bufos e rugidos abafados. No alto das muralhas diante do rio, fora de vista, um homem assovia uma velha melodia, e no refrão começa a cantar; ele é um alegre lenhador, diz o homem. O que é uma absoluta inverdade.

Ele olha em torno, em busca de seus barqueiros. Ele se pergunta se a Donzela está doente, e se viverá o bastante para ser executada. Ela jamais foi machucada sob sua custódia, apenas atormentada; mantida desperta por uma ou duas noites, não mais do que os assuntos do rei tiram o sono de seu conselheiro. E, ele pensa, ninguém me vê confessando coisa alguma. São nove horas; na ceia

das dez, ele deve encontrar-se com Norfolk e Audley, que, ele espera, não estarão urrando e fedendo como as feras. Há um sol hesitante, gelado; rolos de vapor espiralam pelo rio, um rascunho de névoa.

Em Westminster, o duque enxota os criados.

— Se eu quiser uma bebida, eu mesmo me sirvo. Saiam, fora, fora daqui. E fechem a porta! Qualquer espiadela pela fechadura e eu os esfolo e salgo vivos todos vocês! — Norfolk se volta, praguejando entre dentes, e toma sua cadeira com um rosnado.

— E se eu implorasse a ele? — indaga o duque. — E se eu caísse de joelhos, e dissesse, Henrique, pelo amor de Deus, tire Thomas More do ato de condenação? — E se todos nós implorássemos — acrescenta Audley —, de joelhos?

— Ah, e Cranmer também — diz ele. — Nós levaremos Cranmer conosco. Ele não pode escapar deste interlúdio encantador.

— O rei jura — comenta Audley — que se o ato for reprovado, ele mesmo comparecerá ao Parlamento, a ambas as Câmaras se necessário, e insistirá.

— Talvez ele sofra uma derrota — pondera o duque. — E em público. Pelo amor de Deus, Cromwell, não deixe que ele faça isso. Henrique sabia que More estava contra ele, e mesmo assim permitiu que rastejasse a Chelsea para apaziguar sua consciência. Mas é minha sobrinha, suponho, quem quer More punido pela lei. Ela toma pelo lado pessoal. As mulheres fazem isso.

— Acho que o rei toma pelo lado pessoal.

— O que é uma fraqueza — diz Norfolk —, sob meu ponto de vista. Por que ele se importa com o julgamento de More a seu respeito?

Audley sorri, incerto.

— Está dizendo que o rei é fraco?

— Dizendo que o rei é fraco? — O duque se atira à frente e grasna na cara de Audley como se fosse um corvo falante. — O que é isso, lorde chanceler, falando por si? Geralmente o senhor espera que Cromwell fale, e depois é piu-piu daqui, piu-piu dali, sim-senhora-não-senhora, tudo que disser, Tom Cromwell.

A porta se abre e Me-chame-Risley aparece, em parte.

— Por Deus — esbraveja o duque —, se eu tivesse uma balestra, arrancaria sua cabeça fora! Eu disse que ninguém deveria entrar.

— Will Roper está aqui. Ele traz cartas de seu sogro. More quer saber o que o senhor fará por ele, já que admitiu que ele não tem nada a responder na justiça.

— Diga a Will que estamos ensaiando agora mesmo como suplicar ao rei que tire o nome de More do ato.

O duque emborca sua bebida, aquela que ele mesmo serviu. Ele atira sua taça de volta na mesa.

— Seu cardeal dizia, Henrique prefere entregar metade de seu reino a ceder, ele não abrirá mão de nenhum detalhe de sua vontade.

— Mas eu penso que... Não acha, lorde chanceler, que...

— Ah, sim — interrompe o duque. — Tudo o que quiser, Tom, ele acha. Quá, quá.

Wriothesley parece alarmado.

— Posso mandar Will entrar?

— Pois bem, estamos decididos? Implorar de joelhos?

— Só faço se Cranmer fizer — diz o duque. — Por que um homem laico haveria de desgastar suas juntas?

— Deveríamos mandar chamar lorde Suffolk também? — sugere Audley.

— Não. O filho dele está morrendo. Seu herdeiro. — O duque passa a mão na boca. — Ele está apenas a um mês de seu aniversário de 18 anos. — Seus dedos tremelicam em busca de suas medalhas sagradas, seus relicários. — Brandon tem um filho. E eu também. E Cromwell. E Thomas More. Só um menino. Deus abençoe Charles, ele terá que começar a procriar novamente com a nova esposa; será uma provação para ele, tenho certeza. — Norfolk solta uma gargalhada. — Se eu pudesse dar uma pensão e me livrar da senhora minha esposa, também arranjaría uma garota suculenta de 15 anos. Mas minha mulher não aceitaria.

É demais para Audley. Seu rosto fica rubro.

— Meu senhor, está casado, e bem casado, há vinte anos.

— E eu não sei? É como enfiar sua pessoa num saco de couro duro. — A mão ossuda do duque arremete para espremer o seu



ombro. — Arranje-me um divórcio, Cromwell, pode ser? Juntamente com meu lorde arcebispo, inventem algum fundamento. Eu prometo que não haverá nenhum assassinato envolvido.

— Onde houve assassinato? — indaga Wriothesley.

— Estamos nos preparando para assassinar Thomas More, não estamos? O velho Fisher, estamos afiando a faca para ele, é ou não é?

— Deus me livre. — O lorde chanceler se levanta, rodopiando a túnica numa meia-volta. — Não se trata de crimes capitais. More e o bispo de Rochester, eles são apenas cúmplices.

— Algo que em toda consciência é suficientemente grave — comenta Wriothesley

Norfolk dá de ombros.

— Podem matá-los agora ou depois. More não prestará seu juramento. Nem Fisher o fará.

— Eu tenho absoluta certeza de quearão — contesta Audley. — Nós usaremos uma persuasão eficiente. Nenhum homem razoável se recusará a jurar pela sucessão, pela segurança do reino.

— Então Catarina deve prestar juramento — continua o duque — de endossar a sucessão da filha de minha sobrinha? E quanto a Maria: ela deve jurar? E se elas se recusarem, o que propõe? Arrastá-las a Tyburn numa jaula e pendurá-las numa forca, estrebuchando, para que seu parente imperador as veja?

Ele e Audley trocam olhares. Audley diz:

— Meu senhor, não deveria beber tanto vinho antes do meio-dia.

— Ah, piu, piu — responde o duque.

Uma semana antes, ele estivera em Hatfield para ver as duas damas reais: a princesa Elizabeth e Lady Maria, filha do rei.

— Faça o favor de lembrar bem dos títulos — ele dissera a Gregory enquanto cavalgavam.

— O senhor já está desejando ter trazido Richard. — Gregory respondeu.

Ele não queria deixar Londres durante um período tão ocupado do Parlamento, mas o rei o persuadiu, dois dias e pode voltar, quero

que dê uma olhada nas coisas. A rota para fora da cidade era um regato de degelo, e, em bosques abrigados do sol, as poças ainda estavam congeladas. Um sol fraco tremeluzia para eles quando adentraram Hertfordshire, e lá e cá floresciam ameixeiras-bravas, sacudindo ao recém-chegado uma petição contra a extensão do inverno.

— Eu frequentei este lugar há alguns anos. Era a residência do cardeal Morton, sabe, e ele saía da cidade quando o tempo começava a esquentar. Quando eu tinha 9 ou 10, meu tio John me enfiava numa carroça de provisões com os melhores queijos e tortas, caso alguém tentasse roubá-los quando éramos parados.

— Não tinham guardas?

— Era dos guardas que ele tinha medo.

— *Quis custodiet ipsos custodes?*

— Eu, evidentemente.

— O que o senhor teria feito?

— Não sei. Morderia os ladrões?

A bela fachada de tijolos é menor do que em sua lembrança, mas é o que a memória faz. Os pajens e cavalheiros que agora acorrem, os criados para conduzir os cavalos, o vinho aquecido que os espera, o barulho e a agitação, é uma chegada diferente daquelas de muitos anos atrás. Transportar lenha e água, acender as fornalhas, essas tarefas estavam acima da força ou da habilidade de uma criança, mas ele não queria abrir mão delas, e trabalhava junto aos homens, sujo e faminto, até que alguém percebesse que ele estava prestes a desmaiar: ou até que desmaiasse de fato.

Sir John Shelton é o chefe dessa estranha casa, mas ele escolheu um momento em que Sir John estivesse ausente; falar com as mulheres, esta é sua ideia, em vez de escutar a conversa de Shelton sobre cavalos, cães e suas proezas da juventude após o jantar. Contudo, no pórtico, ele quase muda de ideia; descendo as escadas num passo rápido e crepitante chega Lady Bryan, mãe do caolho Francis e a encarregada da pequenina princesa. É uma mulher de quase 70 anos, bem instalada em sua qualidade de avó, e percebe-se que ela move a boca antes de entrar ao alcance de sua audição: Sua Alteza dormiu até as onze, gritou até meia-noite, esgotou-se, a

pobre rolinha!, caiu no sono por uma hora, acordou choramingando, as bochechas vermelhas, suspeita de febre, Lady Shelton acordou, médico alarmado, já nascem os dentes, uma época traiçoeira!, suco calmante, pegou no sono ao amanhecer, acordou às nove, comeu...

— Ah, Sr. Cromwell — diz Lady Bryan —, este não pode ser seu filho! Deus o abençoe! Que jovem alto, adorável! Que belo rosto ele tem, deve ter puxado a mãe. Que idade ele tem agora? — Em idade de falar, imagino.

Lady Bryan se volta para Gregory, o rosto animado como se na expectativa de partilhar com ele uma cantiga de roda. Lady Shelton adentra o recinto.

— Bom-dia, senhores. — Breve hesitação: a tia da rainha deve se curvar ao Guarda da Casa de Joias? No fim das contas, ela decide que não. — Imagino que Lady Bryan lhes deu um relatório completo sobre sua incumbência?

— Verdade, e talvez possamos ter um relatório seu?

— Não pretendem ver Lady Mary pessoalmente?

— Sim, mas preparados...

— Tem razão. Eu não entro armada, embora minha régia sobrinha recomende que eu use os punhos nela.

Lady Shelton o examina com os olhos; o ar crepita com a tensão. Como as mulheres fazem isso? Talvez seja possível aprender. Mais do que ver, ele sente seu filho recuando, até que seu movimento é detido pela cristaleira que exhibe as baixelas de ouro e prata da princesa Elizabeth. Lady Shelton diz:

— Sou instruída de que deveria, e aqui eu uso as palavras de minha sobrinha, espancá-la e esbofeteá-la como a bastarda que ela é, se Lady Mary não me obedecer.

— Ah, Mãe de Deus! — geme Lady Bryan. — Eu também fui ama de Mary, e se ela era teimosa quando bebê, não vai mudar agora, por mais que a espanque. Os senhores gostariam de ver o bebê primeiro, não? Venham comigo... — Ela toma Gregory sob custódia, a mão espremendo-lhe o cotovelo. E segue papagueando: veja você, com uma criança daquela idade, uma febre poderia ser qualquer coisa. Pode ser o começo de sarampo, Deus me livre. Poderia ser o começo de varíola. Com uma criança de seis meses, nunca se sabe

de que pode ser o começo... Uma artéria pulsa na garganta de Lady Bryan. Enquanto tagarela, ela lambe os lábios secos, e engole.

Ele compreende agora por que Henrique o enviou para cá. As coisas que estão acontecendo não podem ser descritas numa carta. Ele se dirige a Lady Shelton.

— Está dizendo que a rainha lhe escreveu sobre Lady Mary, usando estes termos?

— Não. Ela me passou uma instrução verbal. — Ela toma a frente dele. — Acha que eu deveria aplicá-la?

— Talvez devamos falar em particular — murmura ele.

— Sim, por que não? — ela responde: uma torção da cabeça, um breve murmúrio para trás.

A menina Elizabeth está envolta com firmeza nos lençóis, os punhos escondidos: mesmo assim, ela parece prestes a socar alguém. Cerdas ruivas aparecem sob a touca, e os olhos são vigilantes; ele jamais viu um bebê no berço tão predisposto a sentir-se insultado.

— Acham que ela se parece com o rei? — pergunta Lady Bryan.

Ele hesita, tentando ser justo com ambas as partes.

— Tanto quanto uma pequena donzela poderia parecer.

— Oremos para que ela não puxe a cintura dele — continua Lady Shelton. — Ele vem ganhando corpo, não é mesmo?

— Só George Rochford diz que não. — Lady Bryan se inclina sobre o berço. — Ele diz que ela é completamente Bolena.

— Sabemos que minha sobrinha viveu cerca de trinta anos em castidade — retruca Lady Shelton —, mas nem mesmo Ana poderia arranjar uma gravidez virgem.

— Mas esses cabelos! — comenta ele.

— Eu sei — suspira Lady Bryan. — Com toda consideração à dignidade de Sua Alteza, e com todo respeito à Sua Majestade, mas ela poderia ser exibida numa feira como um bebê-porco.

Lady Bryan segura a touca da criança na linha dos cabelos, e seus dedos trabalham com afinco, tentando esconder as cerdas fora das vistas. A menina comprime o rosto e soluça em protesto.

Gregory franze o cenho para o bebê.

— Poderia ser de qualquer um.

Lady Shelton ergue a mão para ocultar seu sorriso.

— O que quis dizer, Gregory, é que todos os bebês são parecidos. Venha, Sr. Cromwell.

Ela o puxa pela manga para levá-lo para fora. Lady Bryan é deixada para ajustar as cobertas da princesa, que, ao que parece, estão desarrumadas em algum detalhe. Sobre o ombro, ele murmura, pelo amor de Deus, Gregory. Houve gente que acabou na Torre por dizer menos que isso. Ele comenta para Lady Shelton:

— Não vejo como Mary poderia ser uma bastarda. Seus pais agiam de boa-fé quando a geraram.

Ela se detém, uma sobrancelha erguida.

— O senhor diria isto à minha sobrinha, a rainha? Quero dizer, na frente dela?

— Já disse.

— E como ela reagiu?

— Bem, Lady Shelton, eu lhe digo que, se ela tivesse um machado à mão, teria ensaiado cortar fora minha cabeça.

— Eu lhe direi algo mais, e pode levar à minha sobrinha se quiser. Se Mary fosse realmente uma bastarda, e a bastarda do cavaleiro mais pobre e despossuído que houvesse na Inglaterra, ela não receberia nada além de gentilezas sob meus cuidados, pois ela é uma boa jovem, e seria necessário um coração de pedra para não ter pena de sua situação.

Ela caminha rápido, a cauda do vestido varrendo as pedras do piso, adentrando o interior da casa. Os antigos servos de Mary estão por ali, rostos que ele já viu antes. Há partes remendadas em suas casacas, onde o emblema de Mary foi cortado e substituído pelo brasão do rei. Ele olha ao redor e reconhece tudo. Ele se detém aos pés da grande escadaria. Jamais lhe fora permitido subi-la; havia uma escada de fundos para os garotos como ele, que traziam madeira ou carvão. Certa vez ele rompeu as regras; e quando chegou ao topo, um punho se lançou das sombras e acertou a lateral de sua cabeça. O próprio cardeal Morton, à espreita?

Ele toca a pedra, fria como uma lápide: folhas de videira entrelaçadas com alguma flor sem nome. Lady Shelton o observa sorrindo, intrigada: Por que ele hesita?

— Talvez devêssemos trocar nossas roupas de montaria antes do encontro com Lady Mary. Ela pode sentir-se desrespeitada...

— Assim como talvez se sinta com sua demora. Ela criará um caso a respeito, de ambas as formas. Eu digo que tenho pena dela, mas, ah, ela não é fácil! Ela não partilha de nossa mesa no jantar e nem no almoço, pois não se senta em lugar abaixo da pequena princesa. E minha sobrinha real determinou que não devemos levar comida para o quarto dela, a não ser o pouco de pão que todos comemos no desjejum.

Ela o conduz a uma porta fechada.

— Eles ainda chamam este aposento de câmara azul?

— Ah, seu pai esteve aqui antes — ela diz a Gregory.

— Ele esteve em todos os lugares.

Ela se volta.

— Vejam como se saem, cavalheiros. Por falar nisso, ela não responderá apenas a “Lady Mary”.

É um longo aposento, quase despido de mobília, e o frio, como um embaixador dos espíritos, encontra os visitantes no pórtico. As tapeçarias azuis foram arrancadas e as paredes de gesso estão nuas. Mary está sentada junto ao fogo quase extinto: encolhida, minúscula e lamentavelmente jovem. Gregory sussurra, “Ela se parece com Malekin”.

Pobre Malekin, é uma menina-fantasma; ela se alimenta à noite, vive de migalhas e cascas de maçã. Às vezes, se alguém desce de madrugada e faz silêncio nas escadas, encontrará Malekin sentada junto às cinzas.

Mary ergue os olhos; surpreendentemente, seu pequeno rosto se ilumina.

— Sr. Cromwell. — Ela se põe de pé, dá um passo na direção dele e quase tropeça, com os pés emaranhados entre a barra de seu vestido. — Quanto tempo faz desde que o vi em Windsor?

— Eu mal sei — diz ele gravemente. — Os anos lhe foram generosos, madame.

Mary ri; ela agora tem 18 anos. Ela olha em torno como se buscasse a banquetta onde estava sentada. “Gregory”, Cromwell alerta, e seu filho se atira para segurar a ex-princesa antes que ela

se sente no ar. Gregory se move como se desse um passo de dança; ele tem sua utilidade.

— Sinto por deixá-los esperando. Sentem-se — ela gesticula vagamente — naquele baú.

— Acho que somos fortes o bastante para ficar de pé. Embora eu não pense que a senhorita seja. — Ele vê que Gregory o observa, como se jamais tivesse ouvido aquele tom amável. — Eles não a obrigam a viver sozinha, e junto a este fogo miserável, não?

— O homem que traz a lenha não se dirige a mim por meu título de princesa.

— A senhorita tem que falar com ele?

— Não. Mas seria uma rendição se eu não falasse.

Isso mesmo, ele pensa: torne a vida o mais dura possível para si mesma.

— Lady Shelton me contou sobre a dificuldade de... a dificuldade do jantar. Imagino que eu deva mandar um médico para vê-la?

— Nós temos um aqui. Ou melhor, a criança tem.

— Eu poderia mandar um médico mais útil. Ele pode prescrever um tratamento para sua saúde, e ordenar um desjejum maior, a ser tomado em seu próprio aposento.

— Carne? — indaga Mary.

— Em quantidade.

— Mas quem mandaria?

— Dr. Butts?

Ela abrandando sua expressão.

— Eu o conheci em minha corte em Ludlow. Quando era princesa de Gales. O que ainda sou. Como é possível que eu seja excluída da sucessão, Sr. Cromwell? Como pode ser legítimo?

— É legítimo se o Parlamento decidir que é.

— Existe uma lei acima do Parlamento. É a lei de Deus. Pergunte ao bispo Fisher.

— Eu penso que os propósitos de Deus são obscuros, e Deus sabe que não vejo Fisher como um esclarecedor adequado. Por outro lado, acho a vontade do Parlamento bem clara.

Mary morde o lábio; agora já não olha mais para ele.

— Ouvi dizer que o Dr. Butts se tornou um herege.

— Ele acredita no que Sua Majestade seu pai acredita.

Ele espera. Ela se vira, os olhos cinzentos fixados no rosto dele.

— Eu não chamarei o senhor meu pai de herege.

— Ótimo. É melhor que tais armadilhas sejam testadas primeiro por seus amigos.

— Não vejo como o senhor pode ser meu amigo, se também é amigo da criatura, isto é, da marquesa de Pembroke. — Ela não dará a Ana o título real.

— Aquela dama se encontra em um lugar onde não tem necessidade de amigos, apenas de criados.

— Pole diz que o senhor é Satã. Meu primo Reginald Pole. Que está no exterior, em Gênova. Ele diz que, quando nasceu, era como qualquer alma cristã, mas que em algum momento o diabo entrou em seu corpo.

— Lady Mary, sabia que eu costumava vir para cá quando menino, aos 9 ou 10 anos? Meu tio era cozinheiro de Morton, e eu era um pobre moleque catarrento que atava os ramos de espinheiro pela manhã para acender os fornos, e matava as galinhas para a fervura antes que o sol se levantasse. — Ele fala gravemente. — A senhorita imagina que foi naquela época que o diabo entrou em mim? Ou teria sido antes, em torno da época em que outras pessoas são batizadas? Compreenda que é de meu interesse saber.

Mary o observa, de soslaio; ela ainda usa uma mantilha de estilo antigo, e parece piscar obliquamente, como um cavalo cujo antolho saiu do lugar. Ele continua, em voz baixa:

— Não sou Satã. O senhor seu pai não é um herege.

— E eu não sou uma bastarda, imagino.

— De fato não. — Ele repete o que disse a Anne Shelton. — Madame foi concebida em boa-fé. Isto não significa que o casamento de seus pais tenha sido legítimo. A senhorita compreende a diferença, creio?

Ela passa o dedo sob o nariz.

— Sim, eu posso ver a diferença. Mas na verdade o casamento era válido.

— A rainha logo virá para visitar a filha. Se a senhorita apenas a saudasse com respeito, da forma como é apropriado saudar a



esposa de seu pai...

— ...com a diferença de que ela é sua concubina...

— ... então seu pai a levaria de volta à corte, e lhe seria dado tudo que hoje lhe falta, e o calor e o conforto da sociedade. Escute o que digo, eu falo para seu próprio bem. A rainha não espera sua amizade, apenas um espetáculo externo. Morda sua língua e faça uma mesura para ela. Estará acabado num piscar de olhos e mudará tudo. Faça as pazes com ela antes que o próximo filho de Ana nasça. Se ela der à luz um menino, não terá nenhuma razão depois para se reconciliar com a senhorita.

— Ela tem medo de mim — diz Mary — e continuará com medo, mesmo que tenha um filho. Ela teme que eu me case e que meus próprios filhos a ameacem.

— Alguém lhe fala sobre casamento?

Uma risadinha seca, incrédula.

— Eu era um bebê de peito quando fui casada com a França. Depois com o imperador, com a França novamente, com o rei, com seu primeiro filho, com seu segundo filho, com tantos filhos que agora já perdi a conta, e mais uma vez com o imperador, ou um de seus primos. Eu fui prometida em casamento até cansar. Um dia hei de levar a cabo.

— Mas não se casará com Pole.

Ela se retrai, e ele sabe que a proposta foi apresentada: talvez por sua velha governanta, Margaret Pole, talvez por Chapuys, que fica acordado até a aurora estudando as tabelas de descendência da aristocracia inglesa: para fortalecer seu direito, colocá-la acima de questionamento, casá-la com o Tudor meio espanhol, de volta à velha linhagem Plantageneta. Ele diz:

— Eu me encontrei com Pole. Eu o conheci antes que ele deixasse o reino. Pole não é o homem para desposá-la. Qualquer que seja seu marido, ele necessitará de um forte braço armado. Pole é como uma velha esposa sentada diante da lareira, apavorado pelo Bicho-Papão e o Lobo Mau. Ele não tem nada além de água benta nas veias, e dizem que chora copiosamente se seus criados matam uma mosca.

Ela sorri: mas leva a mão à boca como uma mordança.

— Isso mesmo — ele diz. — Não diga nada a ninguém.

Ela comenta através dos dedos:

— Não vejo muito bem para ler.

— Como assim, não lhe fornecem velas suficientes?

— Não, eu quero dizer que minha visão está piorando. Minha cabeça dói o tempo todo.

— Tem chorado muito? — Ela assente. — Dr. Butts lhe trará um remédio. Até lá, tenha alguém consigo para ler em voz alta.

— Elas leem. Elas leem para mim o Evangelho de Tyndale. Sabia que o bispo Tunstall e Thomas More juntos identificaram 2 mil erros neste suposto Testamento? É mais herético que o livro sagrado dos muçulmanos.

Conversa combativa. Mas ele vê que há lágrimas se acumulando.

— Tudo pode ser resolvido. — Mary vacila em sua direção e por um momento ele pensa que ela perderá o controle e se atirá a soluços contra sua casaca de montaria. — O médico chegará aqui em um dia. Agora a senhorita deve ter um fogo adequado, e seu jantar. Não importando onde deseje ser servida.

— Deixe-me ver minha mãe.

— Neste exato momento o rei não pode permitir. Mas isso talvez mude.

— Meu pai me ama. É só ela, é apenas aquela praga de mulher que envenena a cabeça dele.

— Lady Shelton seria bondosa, se a madame lhe permitisse.

— E quem é ela, para ser bondosa ou não? Eu sobreviverei a Anne Shelton, pode acreditar. E à sobrinha. E a todos os outros que se colocarem contra meu título. Que venham com seu pior. Eu sou jovem. Eu aguardarei suas mortes.

Ele pede licença para se retirar. Gregory o segue, o olhar fascinado se prolongando de volta à moça que retoma seu assento junto ao fogo quase morto: que torce as mãos e começa a espera, a expressão fixa.

— Toda aquela pele de coelho em que ela está enrolada — diz Gregory. — É como se tivesse sido corroída.

— Ela é filha de Henrique, sem dúvida,

— Por quê? Alguém diz que ela não é?

Ele ri.

— Eu não falei neste sentido. Imagine... se a velha rainha tivesse incorrido em adultério, seria fácil livrar-se dela, mas como se pode acusar uma mulher que jamais conheceu outro homem que não o seu? — Ele se corrige; até para os mais próximos defensores do rei, é difícil recordar que Catarina estava destinada a ser esposa do irmão, príncipe Arthur: — Conheceu dois homens, devo dizer. — Ele dirige um olhar ao filho. — Mary não o observou nem uma vez, Gregory.

— Por que achou que ela olharia?

— Lady Bryan pensa que você é lindíssimo. Não seria da natureza de uma jovem?

— Não acho que ela tenha uma natureza.

— Mande alguém alimentar o fogo. Eu mandarei fazer o jantar. Não é possível que o rei deseje que a filha passe fome.

— Ela gosta do senhor — comenta Gregory. — É estranho.

Ele vê que seu filho fala a sério.

— É algo impossível? Minhas filhas gostavam de mim, acho. Pobre Grace, nunca tenho certeza de que ela realmente soube quem eu era.

— Ela gostou quando o senhor fez as asas de anjo para ela. Ela falava que sempre as guardaria. — O filho vira o rosto; ele falava como se temesse o pai. — Rafe diz que o senhor será o segundo homem no reino em breve. Diz que já é, exceto em título. Ele afirma que o rei o colocará acima do lorde chanceler, e todos mais. Acima de Norfolk, até.

— Rafe se adianta demais. Ouça, filho, não fale sobre Mary a ninguém. Nem mesmo a Rafe.

— Eu ouvi mais do que devia?

— O que acha que aconteceria se o rei por acaso viesse a falecer amanhã?

— Todos ficaríamos muito tristes.

— Mas quem governaria?

Gregory move a cabeça na direção de Lady Bryan, do bebê em seu berço.

— Pelo parlamento, o bebê. Ou o filho ainda não nascido da rainha.

— Mas o que aconteceria? Na prática? Uma criança ainda não nascida? Ou uma filha que não tem sequer 1 ano? Ana como regente? Isso agradaria aos Bolena, nisso eu concordo.

— Então, Fitzroy.

— Há uma Tudor em posição mais alta.

Os olhos de Gregory se voltam novamente na direção de Lady Mary.

— Exatamente — ele diz. — Veja bem, Gregory, é muito bom ter um plano para o que fará em seis meses, o que fará em um ano, mas não serve de nada se não tem um plano para amanhã.

Após o jantar, ele se senta para conversar com Lady Shelton. Lady Bryan foi para a cama, mas depois desce novamente para passar sermão.

— Os senhores estarão exaustos pela manhã!

— Claro — responde Anne Shelton, gesticulando para dispensá-la. — Pela manhã, que não nos venham chamar para coisa alguma, ou vamos atirar longe a comida...

Eles conversam até que os criados se retiram bocejando para outros aposentos e as velas estão baixas, e assim os dois se recolhem, a aposentos menores e mais quentes, para conversar um pouco mais.

— Ofereceu bons conselhos a Mary — diz Lady Shelton —, espero que ela dê ouvidos, temo que haja tempos difíceis para ela à frente. Ela fala sobre meu irmão, Thomas Bolena, o homem mais egoísta que já conheci, não surpreende que Ana seja tão voraz, tudo que ela já ouviu dele foram conversas de dinheiro e de como ter uma vantagem escusa sobre os outros, ele teria vendido aquelas meninas nuas num mercado de escravos bárbaros se achasse que conseguiria um bom preço.

Ele se imagina cercado por criados com cimitarras, fazendo um lance por Maria Bolena; ele sorri, e volta a atenção à tia. Ela conta

segredos dos Bolena; e ele não conta segredo algum, embora ela pense que sim.

Gregory está dormindo quando ele entra, mas o rapaz se vira e diz:

— Meu pai querido, por onde andou, foi para a cama com Lady Shelton?

Estas coisas acontecem: mas não com Bolena.

— Que sonhos estranhos você deve ter. Lady Shelton está casada há trinta anos.

— Pensei em fazer companhia a Mary após o jantar — murmura Gregory. — Se eu não disse nada inadequado. Mas, por outro lado, ela é tão desdenhosa. Eu não poderia acompanhar uma moça tão soberba. — Ele se revira na cama de plumas, e cai no sono novamente.

Quando recobra o bom-senso e pede perdão, o velho bispo Fisher implora ao rei que considere suas doenças e fragilidade. O rei indica que o ato de condenação deve seguir seu curso: mas é seu hábito, ele diz, conceder misericórdia àqueles que admitem suas falhas.

A Donzela será enforcada. Ele não menciona nada sobre o trono de ossos humanos. Ele diz a Henrique que ela parou de profetizar e espera que ela não o desminta em Tyburn, com o laço em torno do pescoço.

Quando seus conselheiros se ajoelham diante dele e imploram que o nome de Thomas More seja retirado do ato de condenação, Henrique aceita o argumento. Talvez ele estivesse esperando por isso: ser persuadido. Ana não está presente, ou a coisa poderia ter acontecido de outra forma.

Eles se levantam e partem, tirando o pó das roupas. Ele pensa ouvir o cardeal rindo deles, de algum lugar invisível na sala. A dignidade de Audley não se abalou, mas o duque parece agitado; quando ele tentou levantar, os velhos joelhos o traíram e ele e Audley o ergueram pelos cotovelos e o colocaram de pé.

— Pensei que teria de ficar plantado ali por mais uma hora — reclama Norfolk. — Implorando e implorando.

— A piada é — ele diz a Audley — que More ainda recebe uma pensão da tesouraria. Imagino que seria melhor que isto acabasse.

— Agora ele tem espaço para respirar. Rezo a Deus que ele recupere o juízo. Ele organizou seus assuntos?

— Ele resolveu o que pôde para os filhos. Foi o que Roper me disse.

— Ah, advogados! — exclama o duque. — No dia em que eu cair, quem vai cuidar de mim?

Norfolk está transpirando; ele reduz o passo, e Audley também contém o seu, e assim eles agora caminham lentamente, com Cranmer seguindo em seu rastro como uma lembrança tardia. Ele se vira e toma seu braço. Cranmer esteve em todas as sessões do Parlamento: no banco dos bispos, que de outra forma teria ficado flagrantemente despovoado.

Enquanto ele passa seus grandes decretos pelo Parlamento, o papa escolhe aquele mês para finalmente dar seu parecer sobre o casamento da rainha Catarina — um julgamento tão atrasado que Cromwell chegou a pensar que Clemente desejava morrer antes de uma decisão. As dispensas originais, segundo Clemente, são legítimas; portanto, o casamento é válido. Os defensores do imperador soltaram fogos nas ruas de Roma. Henrique se mostra desdenhoso, sardônico. Ele expressa esses sentimentos com dança. Ana ainda pode dançar, embora sua barriga já apareça; ela passará o verão em repouso. Ele recorda a mão do rei na cintura de Lizzie Seymour. Nada saiu disso, a jovem não é nenhuma tola. Agora é com a pequena Mary Shelton que ele rodopia, erguendo-a no ar, fazendo cócegas, apertando seu corpo e tirando-lhe o fôlego com elogios. Essas coisas nada significam: ele vê Ana erguendo o queixo, desviando o olhar e recostando-se em sua poltrona, murmurando alguns comentários, a expressão atenta; seu véu roçando, no momento mais fugidivo, contra a casaca daquele cão sorridente que é Francis Weston. É claro que Ana pensa que Mary Shelton deve ser tolerada, ou até bem tratada; É mais seguro conservar o rei entre primas, quando não há irmã disponível. Onde está Maria Bolena? No campo, talvez, como ele, ansiando por um clima mais cálido.

E o verão chega, sem o interlúdio da primavera, imediatamente numa manhã de segunda, como um novo criado de sorriso aberto: 13 de abril. Eles estão em Lambeth — Audley, ele mesmo, o arcebispo —, o sol brilhando intensamente através das janelas, de onde ele observa os jardins do palácio. É assim que começa o livro *Utopia*: amigos, conversando num jardim. Nas trilhas abaixo, Hugh Latimer e alguns capelães do rei fingem lutar, puxando-se entre si como garotos de escola, Hugh pendurado nos pescoços de dois amigos clérigos e balançando os pés acima do chão. Tudo que eles precisam é de uma bola para que seja um feriado apropriado.

— Sr. More — ele diz —, por que não sai e aproveita a luz do sol? Mandaremos chamá-lo novamente em meia hora e lhe apresentaremos o juramento mais uma vez: e o senhor nos dará uma resposta diferente, sim?

Ele ouve as juntas estalando quando More se levanta.

— Thomas Howard se ajoelhou por você! — ele exclama.

Parece que foi há semanas. O trabalho por noites adentro e uma nova briga a cada dia o esgotam, mas também aguçam seus sentidos, e assim ele sente que, às suas costas na sala, Cranmer se agita em terrível ansiedade, e assim ele quer More fora do aposento antes que aquela represa exploda.

— Não sei o que esperam que meia hora possa fazer por mim — diz More. Seu tom é fácil, irônico. — Claro, talvez faça algo por vocês.

More pediu para ver uma cópia do Ato de Sucessão. Audley o desenrola; deliberadamente, ele inclina a cabeça e começa a ler, embora já tenha lido o documento uma dúzia de vezes.

— Muito bem — diz More. — Mas eu creio que me fiz bem claro. Não posso jurar, mas não me pronunciarei contra seu juramento, e não tentarei dissuadir ninguém mais contra ele.

— Isto não é o suficiente. E o senhor sabe que não é.

More assente. Ele se arrasta em direção à porta, trombando primeiro contra o canto da mesa, alarmando Cranmer, que se apressa a segurar o tinteiro. A porta se fecha às suas costas.

— E então?

Audley torna a enrolar o estatuto. Ele tamborila o rolo suavemente sobre a mesa, olhando para o local onde More se colocara. Cranmer diz:

— Ouçam, tenho uma ideia: e se deixarmos que ele jure em segredo? Ele jura, mas nós prometemos que não contaremos a ninguém? Ou, se ele não puder prestar este juramento, podemos perguntar qual juramento ele poderia fazer?

Ele ri.

— Isto dificilmente atenderia aos propósitos do rei — suspira Audley. Tamborilando, tamborilando. — Depois de tudo que fizemos por ele, e por Fisher. Seu nome retirado da condenação, Fisher multado e não trancafiado pelo resto da vida, o que mais eles podem querer? Nossos esforços se voltaram contra nós.

— Que seja. Bem-aventurados os pacificadores — responde. Ele quer estrangular alguém.

Cranmer diz:

— Vamos tentar novamente com More. Se ele se negar, deve ao menos expor suas razões.

Ele pragueja entre dentes, e dá as costas à janela.

— Nós conhecemos suas razões. Toda a Europa as conhece. Ele é contra o divórcio. Ele não acredita que o rei pode ser líder da Igreja. Mas ele dirá isso? Não Thomas More. Eu o conheço. Sabem o que detesto? Detesto ser parte desta encenação, que foi inteiramente planejada por ele. Odeio o tempo que se perde e que poderia ser empregado de melhor maneira, bem como nossos esforços, odeio ver nossas vidas passando, pois escrevam o que digo, todos sentiremos nossa idade antes que este espetáculo acabe. E o que detesto mais que tudo é que o Sr. More se senta na plateia e abafa o riso quando eu tropeço em minhas frases, pois ele escreveu todos os papéis. E os escreveu durante todos estes anos.

Cranmer, como um servente, enche uma taça de vinho para o amigo, inclinando-se em sua direção.

— Aqui está.

Na mão do arcebispo, a taça não pode evitar adquirir um ar sacramental: não é água tornada vinho, mas alguma mistura equívoca, este é meu sangue, isto é como meu sangue, isto é mais



ou menos parecido com meu sangue, beba em homenagem a mim. Ele devolve a taça. Os alemães do norte fazem um licor forte, *acquavitae*: um trago daquilo seria mais útil.

— Tragam More de volta — ele decide.

Um momento se passa e More aparece à porta, espirrando discretamente.

— Ora vamos — comenta Audley, sorrindo —, não é assim que um herói faz sua chegada.

— Eu lhe asseguro que não pretendo ser um herói em nenhum âmbito — responde More. — Eles estavam cortando a grama. — Ele aperta o nariz e espirra mais uma vez, e se arrasta na direção dos outros, repuxando o camisão no ombro, sentando-se na cadeira colocada para ele. Anteriormente, More se recusara a sentar.

— Assim é melhor — observa Audley. — Eu sabia que o ar fresco lhe faria bem. — Audley ergue os olhos, em convite; mas Cromwell assinala que ficará onde está, recostado junto à janela. — Não sei — continua Audley, de bom humor. — Primeiro, um não quer sentar. Depois é o outro que não senta. Veja — ele empurra uma folha de papel na direção de More —, estes são os nomes dos padres que vimos hoje, que prestaram juramento pelo ato, e que lhe servem de exemplo. E é de seu conhecimento que todos os membros do Parlamento estão em concordância. Pois bem, por que você não?

More ergue os olhos, sob as sobrancelhas baixas.

— Esta não é uma posição confortável para nenhum de nós.

— É mais confortável do que o lugar para onde você se dirige — retruca ele.

— Não ao Inferno — devolve More, sorrindo. — Eu acredito que não.

— Pois bem, se o juramento o condena, e quanto a todos esses? — Ele se descola da parede, agarra a lista de nomes de Audley, enrola o papel e o bate contra o ombro de More. — Eles estão todos condenados?

— Não posso falar pelas consciências deles, só falo por mim. Eu sei que, se eu fizer seu juramento, serei condenado.

— Há gente que invejaria sua compreensão dos desígnios da providência — ele retruca. — Contudo, você e Deus sempre andaram

em bons termos, não foi? Eu me pergunto como ousa. Você fala de seu criador como se ele fosse algum vizinho com quem você sai para pescar numa tarde de domingo.

Audley se inclina à frente.

— Sejam claros. Você não prestará o juramento porque sua consciência o aconselha contra ele?

— Sim.

— Será que poderia ser um pouco mais abrangente em suas respostas?

— Não.

— Você objeta, mas não dirá por quê?

— Sim.

— É a uma questão do estatuto que você objeta, ou à forma do juramento, ou ao próprio processo de prestar juramento?

— Prefiro não dizer.

Cranmer faz sua tentativa.

— Quando é uma questão de consciência, sempre deve haver alguma dúvida...

— Ah, mas isso não é um capricho. Eu fiz uma longa e diligente consulta interna. E nesse tema eu ouço a voz de minha consciência com clareza. — Ele coloca a cabeça de lado, sorrindo. — Não é assim com o senhor?

— No entanto, deve haver alguma perplexidade, não? Pois precisa indagar de si mesmo, uma vez que é um acadêmico e acostumado a controvérsias, a debates: como pode ser que tantos homens eruditos pensem algo, e eu pense o contrário? Mas uma coisa é certa, ou seja, que o senhor deve obediência natural a seu rei, como todo súdito. Ademais, quando entrou no conselho do rei, há muito tempo, prestou o juramento específico de obedecê-lo. Não pretende cumpri-lo agora? — Cranmer pisca. — Contraste suas dúvidas com aquela certeza, e faça o juramento.

Audley se recosta em sua poltrona. Olhos fechados. Como se para dizer, não nos esforçaremos mais que isto.

More responde.

— Quando foi sagrado arcebispo, apontado pelo papa, o senhor prestou seu juramento a Roma, mas dizem que, durante todo o dia,

conservou um papel dobrado em seu punho, dizendo que fazia o juramento sob protesto. Não é verdade? Dizem que o documento foi redigido pelo Sr. Cromwell aqui.

Os olhos de Audley se abrem: ele achou que More se havia encaminhado para a saída. Mas o rosto de More, sorridente, é uma máscara de malícia.

— Eu jamais jogaria desta forma — prossegue More, suavemente. — Eu não importaria ao Senhor meu Deus um espetáculo de marionetes deste quilate, muito menos aos fiéis da Inglaterra. Os senhores dizem que têm a maioria. Eu digo que quem a tem sou eu. Dizem que o Parlamento os apoia, e eu digo que os anjos e santos me apoiam, e toda a união dos cristãos mortos, pois todas as gerações que existiram desde a fundação da Igreja de Cristo, um corpo, indivisível...

— Ah, pelo amor de Deus! — interrompe ele. — Uma mentira não deixa de ser mentira apenas porque tem mil anos. Sua Igreja indivisível jamais apreciou qualquer coisa mais que perseguir seus próprios membros, queimando-os e desmembrando-os quando eles afirmaram sua própria consciência, rasgando-lhes o ventre e atirando suas entranhas aos cães. Chama a história em seu auxílio, mas o que é a história para você? É um espelho que lisonjeia Thomas More. Mas eu tenho outro espelho, eu o ergo e ele mostra um homem vaidoso e perigoso, e se eu o giro ele mostra um assassino, pois só Deus sabe quantos mais arrastará consigo, e que só ganharão o sofrimento, e não sua gratificação de mártir. Você não é uma alma simplória, portanto não tente simplificar a questão. Sabia que eu tinha respeito por você? Sabia que eu o respeitava desde que era criança? Eu preferiria ver meu próprio filho morto, e vê-los cortando-lhe fora a cabeça, a assistir como você recusa este juramento e dá apoio a cada inimigo da Inglaterra.

More ergue os olhos. Por uma fração de segundo, ele encontra o olhar de Cromwell e depois desvia o rosto, constrangido. Seu murmúrio baixo, divertido, ele poderia matá-lo só por isso.

— Gregory é um jovem bondoso. Não deseje sua morte. Se ele cometeu algum erro, ele o corrigirá. Eu digo o mesmo de meu

próprio filho. Qual é a utilidade dele? Mas meu filho vale mais que um argumento de debate.

Perturbado, Cranmer balança a cabeça.

— Este não é um argumento de debate.

— Fala de seu filho — ele prossegue. — O que acontecerá com ele? Com suas filhas?

— Eu os aconselharei a prestar o juramento. Não espero que eles partilhem de meus escrúpulos.

— Não estou falando disso, e o senhor sabe. É a próxima geração quem está traindo. Quer a bota do Imperador nos pescoços deles? O senhor não é um inglês!

— O senhor mesmo não chega a ser um — retruca More. — Guerreou pelos franceses, hein, financista para os italianos? Nem bem havia crescido e suas transgressões da juventude o enxotaram deste reino, e fugiu para escapar da cadeia ou da corda. Não, eu lhe direi o que é, Cromwell. O senhor é um italiano dos pés à cabeça, e tem todos os vícios, todas as paixões deles. — More se recosta na poltrona: um grunhido de riso sem alegria. — Esta incansável bonomia sua. Eu sabia que se esgotaria no fim. É uma moeda que trocou de mãos por vezes demais. Agora a pouca prata se erodiu, e vemos o metal sem valor.

Audley sorri.

— Parece que não notou os trabalhos do Sr. Cromwell na Casa da Moeda. Se sua cunhagem não é perfeita, não sei mais o que seria. — O chanceler não se contém, pois sua natureza é de um homem sorridente; alguém precisa manter a calma. Cranmer está pálido e suando, e ele pode ver a pulsação galopando nas têmporas de More.

Ele diz:

— Não podemos deixar que vá para casa. Contudo, a mim me parece que o senhor hoje não conta com todas as suas faculdades, e por isso, em vez de levá-lo à Torre, nós poderíamos colocá-lo sob a custódia do abade de Westminster... Isto lhe pareceria adequado, meu senhor da Cantuária?

Cranmer assente. More responde:

— Sr. Cromwell, eu não deveria zombar do senhor, deveria? O senhor se provou meu mais terno e especial amigo.

Audley faz um gesto com a cabeça para o guarda à porta. More se ergue com destreza, como se a ideia da custódia tivesse colocado uma mola sob seus pés; o efeito só é reduzido pela habitual complicação com suas vestes, a trapalhada enquanto ele se arruma; e mesmo depois ele parece recuar e se embaralhar com as próprias pernas. Ele pensa em Mary em Hatfield, erguendo-se de sua banquetta e esquecendo onde a deixara. Após alguma preparação, More é escoltado para fora da sala.

— Agora ele conseguiu exatamente o que queria — diz.

Ele apoia a palma da mão contra o vidro da janela e vê a mancha que se forma contra o velho vidro riscado. Uma massa de névoa subiu do rio; a maior parte do dia já passou para eles. Audley cruza o salão para se aproximar dele. Hesitante, ele para junto ao ombro do amigo.

— Se More ao menos indicasse qual parte do juramento ele acha objetável, talvez algo pudesse ser redigido para atender sua condição.

— Pode esquecer isso. Se ele indicar qualquer coisa, estará acabado. O silêncio é sua única esperança, e tampouco chega a ser grande coisa.

— O rei talvez aceite algum acordo — argumenta Cranmer. — Mas temo que a rainha não aceite. E realmente — ele conclui com voz enfraquecida —, por que deveria?

Audley pousa a mão em seu braço.

— Meu querido Cromwell. Quem pode compreender Thomas More? Seu amigo Erasmo lhe disse para ficar longe do governo, disse que ele não tinha estômago para isso, e estava certo. More jamais deveria ter aceitado o cargo que ocupo agora. Ele só aceitou para afrontar Wolsey, a quem odiava.

Cranmer comenta:

— Erasmo também o aconselhou a ficar longe da teologia. A menos que eu esteja errado?

— E como poderia estar? More publica todas as cartas de seus amigos. Mesmo quando eles o reprovam, ele faz um espetáculo de sua humildade e o usa para seu próprio benefício. Ele passou a vida

em público. Qualquer pensamento que lhe cruza a cabeça, ele dedica ao papel. Até hoje, More nunca manteve nada em privado.

Audley estica o braço à frente do amigo e abre a janela. Uma onda de canto de pássaros se eleva através dos bastidores da janela e se derrama no salão, as notas límpidas, fluidas do melro.

— Imagino que ele esteja redigindo um relato do dia de hoje — diz ele. — E enviará para fora do reino para imprimi-lo. Podem ter certeza, aos olhos da Europa somos os tolos e os opressores, e ele será a pobre vítima com a melhor frase de efeito.

Audley afaga o braço dele. Ele quer consolá-lo. Mas quem poderia ao menos começar a fazê-lo? Ele é o inconsolável Sr. Cromwell: o incognoscível, o inescrutável, o provavelmente irrevogável Sr. Cromwell.

No dia seguinte, o rei manda chamá-lo. Ele supõe que seja para censurá-lo pelo fracasso em tomar o juramento de More.

— Quem me acompanhará a esta festa? O Sr. Sadler?

Assim que ele chega à presença do rei, Henrique gesticula com uma peremptória varredura das mãos para que seus acompanhantes abram espaço e o deixem sozinho no círculo. Seu rosto é como um trovão.

— Cromwell, não tenho sido um bom senhor para você?

Ele começa a responder... generoso, e mais que generoso... minha própria e lamentável indignidade... se o decepcionei em qualquer particular, imploro por seu mais misericordioso perdão...

Ele poderia fazer isso o dia inteiro. Aprendeu com Wolsey.

Henrique explica:

— Pois meu lorde arcebispo pensa que não tenho sido bondoso para com você. Entretanto — ele prossegue, num tom que pressupõe algum mal-entendido —, sou um príncipe conhecido por minha generosidade. — A coisa toda parece intrigá-lo. — Você será secretário-mor. Logo seguirão as recompensas. Não compreendo por que não fiz isto há mais tempo. Mas diga-me: quando perguntado sobre os lordes Cromwell que outrora existiram na Inglaterra, você disse que não tem relação com eles. Pensou melhor a respeito?

— Para ser honesto, jamais dei grande atenção a isso. Eu não usaria a casaca de outro homem, tampouco me empossaria de seu brasão. Ele poderia se levantar do túmulo e tomar satisfação comigo.

— Meu lorde Norfolk diz que você gosta de ter berço inferior. Diz que você planejou que fosse assim, para atormentá-lo. — Henrique o toma pelo braço. — Creio que seria conveniente, muito embora não possamos ir longe neste verão, considerando a condição da rainha, que tenha aposentos instalados para si junto aos meus onde quer que nos hospedemos, para que possamos falar sempre que eu necessite de você. E onde for possível, aposentos que se comuniquem diretamente, para que eu não precise de intermediário. — Ele sorri para os cortesãos; eles se curvam, como uma maré. — Que Deus me fulmine — diz Henrique — se já pensei em menosprezá-lo. Eu sei quando tenho um amigo.

Do lado de fora, Rafe comenta:

— Que Deus o fulmine... Que horríveis pragas ele diz. — Rafe abraça seu senhor. — Já não era sem tempo. Mas ouça, eu tenho algo a lhe contar quando chegarmos em casa.

— Diga agora. É algo bom?

Um cavalheiro se adianta e informa:

— Sr. secretário-mor, sua barca o aguarda para levá-lo de volta à cidade.

— Eu deveria ter uma casa junto ao rio — ele pondera. — Como More.

— Ah, mas deixar Austin Friars? Pense na quadra de tênis — diz Rafe. — Nos jardins.

O rei fez seus preparativos em segredo. O brasão de Gardiner foi raspado da pintura do barco. Uma bandeira com o seu brasão se eleva junto da bandeira Tudor. Ele entra na barca pela primeira vez e, no rio, Rafe lhe conta a novidade. O balanço do barco sob seus pés é imperceptível. As bandeiras estão frouxas; é uma manhã parada, enevoadada, de sol incerto, e onde a luz toca pele, panos ou folhas novas há um lustro como o de uma casca de ovo: todo o mundo está luminoso, os ângulos abrandados, seu aroma aquoso e verde.

— Há meio ano que estou casado — diz Rafe —, e ninguém sabe, mas agora o senhor saberá. Eu me casei com Helen Barre.

— Ah, sangue de Cristo — ele exclama. — Debaixo de meu próprio teto. Por que fez isso?

Rafe fica mudo enquanto ele diz tudo: ela é uma adorável ninguém, uma pobre mulher sem qualquer vantagem para oferecer, poderia ter desposado uma herdeira. Espere só até contar a seu pai! Ele ficará ultrajado, dirá que não cuidei de seus interesses.

— E imagine se um dia o marido dela aparecer?

— O senhor disse a Helen que ela estava livre — argumenta Rafe. Ele está tremendo.

— E quem é livre entre nós?

Ele recorda o que Helen disse: “Desse modo, eu poderia casar de novo? Se alguém me quisesse?” Lembra agora como ela o encarou, um olhar longo e cheio de significado, mas que ele não leu. Ela poderia ter dado piruetas; ele também não teria notado, pois sua mente se deslocara para outro lado; aquela conversa já havia acabado para ele, que se ocupava de outras coisas. Se eu a quisesse para mim, e a tivesse tomado, quem poderia me reprovar por desposar uma lavadeira sem um tostão, ou mesmo uma mendiga saída da rua? As pessoas teriam dito, então era o que Cromwell queria, uma beldade com carne firme; não surpreende que ele tenha desdenhado as viúvas da cidade. Ele não precisa de dinheiro, não precisa de contatos, ele pode arcar com o preço de atender a seus apetites: ele é o secretário-mor agora, e o que mais depois?

Ele baixa os olhos para a água, ora castanha, ora límpida quando a luz a toca, mas sempre em movimento; o peixe em suas profundezas, as algas, os homens afogados nadando com suas mãos ossudas. Entre o lodo e o cascalho jazem fivelas de cinto, fragmentos de vidro, pequenas moedas tortas com as faces do rei já desgastadas. Certa vez, quando menino, ele encontrou uma ferradura. Um cavalo no rio? Ele sentiu que era uma descoberta muito afortunada. Mas seu pai dissera, se ferraduras dessem sorte, garoto, eu seria o rei da Cocanha.



Primeiro ele vai às cozinhas para contar as novas a Thurston.

— Bem — comenta o cozinheiro tranquilamente —, o senhor já estava fazendo o trabalho mesmo... — Uma risada. — O bispo Gardiner vai queimar por dentro. Seus miúdos vão fritar em sua própria gordura. — Ele tira um pano ensanguentado de cima de uma bandeja. — Está vendo estas codornas? Dá para encontrar mais carne numa vespa.

— Vinho madeira? — ele sugere. — Flambá-las?

— Como assim, três dúzias? Desperdício de bom vinho. Eu farei algumas para o senhor, se quiser. Vêm de lorde Lisle em Calais. Quando o senhor escrever para ele, diga que, se ele quiser mandar outro lote, queremos mais gordas ou nada. O senhor vai lembrar?

— Vou fazer uma anotação — ele responde, sério. — De agora em diante, talvez façamos reuniões do conselho aqui algumas vezes, quando o rei não estiver conosco. Podemos oferecer um jantar primeiro.

— Certo — Thurston abafa o riso. — Norfolk bem que poderia ganhar alguma carne naquelas perninhas de gravetos.

— Thurston, não precisa sujar as mãos, você tem ajudantes suficientes. Você poderia colocar uma corrente de ouro e só passear por aí.

— É isso que o senhor fará? — O som úmido da carne atirada na mesa; depois Thurston ergue os olhos para ele, limpando penas dos dedos. — Acho que prefiro continuar com a mão na massa. Caso as coisas deem uma virada para pior. Não que eu pense que vão virar. Mas, lembremos o cardeal.

Ele recorda Norfolk: diga a ele que vá para o norte, ou aparecerei onde ele estiver e vou destroçá-lo com meus próprios dentes.

Posso omitir a menção à "mordida"?

O ditado lhe vem à mente: *homo homini lupus*, o homem é o lobo do homem.

— Muito bem — ele diz a Rafe após o jantar. — Criou sua fama, Sr. Sadler. Será lembrado como um exemplo primoroso de como

desperdiçar seus contatos. Os pais o apontarão a seus filhos.

— Não pude evitar, senhor.

— Como assim, não pôde evitar?

Rafe responde, tão controlado quanto possível:

— Estou violentamente apaixonado por ela.

— Como se sente? É como estar violentamente enfurecido?

— Acho que sim. Talvez. No sentido de que nos sentimos mais vivos.

— Eu não acho que poderia sentir-me mais vivo do que já estou.

Ele se pergunta se o cardeal amou um dia. Mas claro que sim, por que ele está duvidando? A paixão avassaladora de Wolsey por Wolsey era ardente o bastante para incendiar toda a Inglaterra.

— Diga-me, naquela noite após a coroação da rainha... — Ele balança a cabeça, revira alguns papéis sobre a mesa: cartas do prefeito de Hull.

— Eu direi tudo que o senhor perguntar — responde Rafe. — Não consigo nem imaginar como pude ser menos que franco com o senhor. Mas Helen, minha esposa, ela pensava que era melhor manter segredo.

— Mas agora ela está esperando um filho, imagino, e por isso têm que se declarar, não?

Rafe enrubesce.

— Naquela noite, quando cheguei a Austin Friars procurando por ela, para levá-la à esposa de Cranmer... e ela desceu — seus olhos passeiam como se ele estivesse vendo a cena —, ela desceu sem sua touca, e você logo depois, com os cabelos eriçados, e você ficou furioso comigo por levá-la embora...

— Bem, sim — diz Rafe. Sua mão se ergue e ele abaixa os cabelos com a palma, como se fosse ajudar com a situação agora. — Todos estavam fora, nos festejos. Foi a primeira vez que eu a levei para a cama, mas não foi um erro. Ali ela já havia se prometido para mim.

Ele pensa, fico feliz por não ter criado em minha casa um jovem sem sentimentos, que só calcula vantagens. Quem não tem impulsos, vive, até certo ponto, sem alegria; sob minha proteção, os impulsos são coisa com que Rafe pode arcar.

— Ouça, Rafe, isto foi uma... bem, Deus sabe, uma loucura, mas não um desastre. Diga a seu pai que minha promoção no mundo assegurará a sua. Claro, ele vai bater os pés e berrar. É para isto que servem os pais. Ele vai gritar, lamento o dia em que entreguei meu menino à casa depravada de Cromwell. Mas nós vamos convencê-lo. Pouco a pouco.

Até agora, o rapaz ficara de pé o tempo todo; ele desliza para uma banquetta, as mãos nos joelhos, a cabeça inclinada para trás; o alívio domina todo seu corpo. Rafe realmente tinha tanto medo? De mim?

— Veja bem, quando seu pai colocar os olhos em Helen, ele compreenderá, a menos que... — A menos que o quê? Um sujeito teria de estar morto e enterrado para não notar: o corpo pujante e belo, os olhos tranquilos. — Só precisamos tirá-la daquele avental de lona com que ela anda por aí e vesti-la como a Sra. Sadler. E, claro, vocês desejarão uma casa própria. Eu ajudarei nisso. Sentirei falta das crianças, acabei me afeiçoando a elas, e Mercy também, todos gostamos delas. Se quiser que seu filho seja a primeira criança em sua casa, podemos conservá-las aqui.

— É bondade sua. Mas Helen jamais se separaria delas. Isso já está entendido entre nós.

Ou seja, eu jamais terei crianças em Austin Friars novamente, ele pensa. Bem, não a menos que eu tire uma folga dos assuntos do rei e saia por aí fazendo a corte? A menos que eu realmente dê ouvidos quando uma mulher falar comigo.

— O que acalmará seu pai, e pode dizer isto a ele, é que de agora em diante, quando eu não estiver com o rei, você estará. O Sr. Wriothesley manobrará os diplomatas e guardará os números, pois é um trabalho ardiloso que ele apreciará; Richard ficará aqui para chefiar a casa quando eu me ausentar e levar meu trabalho adiante, e eu e você serviremos a Henrique, doces como aias, e atenderemos a seus caprichos. — Ele ri. — Você é filho de cavalheiro. O rei pode promovê-lo a um cargo próximo de sua pessoa, à câmara privada. O que me seria útil.

— Não procurei por isto. Não planejei nada disso. — Rafe baixa os olhos. — Sei que jamais poderei levar Helen comigo à corte.

— Não no mundo de hoje. E eu não acho que vá mudar em nosso tempo de vida. Mas ouça, você fez sua escolha. Jamais se arrependa dela.

Rafe diz, emocionado:

— Como pude pensar em guardar um segredo do senhor? O senhor enxerga tudo.

— Ah. Só até certo ponto.

Quando Rafe se retira, ele retoma os trabalhos da noite e começa, metódico, a colocar os papéis no lugar. As propostas são aprovadas, mas sempre há uma nova proposta. Quando escreve leis, ele testa palavras para encontrar seu máximo poder. Como feitiços, elas devem fazer com que coisas aconteçam no mundo real, e como feitiços, só funcionam se as pessoas acreditam nelas. Se sua lei determina uma pena, é preciso ter poder de aplicá-la — tanto sobre ricos quanto pobres, sobre o povo das fronteiras escocesas e os pântanos galeses, sobre os homens da Cornualha e os de Sussex e Kent. Ele escreveu esse juramento, um teste de lealdade a Henrique, e pretende passá-lo por homens de cada burgo e vilarejo, e todas as mulheres de qualquer importância: viúvas com heranças, proprietárias de terras. Seus homens atravessarão florestas e descampados, exigindo que pessoas que mal ouviram falar de Ana Bolena reconheçam a sucessão da criança em seu ventre. Se um homem sabe que o nome do rei é Henrique, que preste o juramento; não importa se ele confunde este rei com o pai, ou com algum outro Henrique que veio antes. Pois, como os outros homens, os príncipes se perdem na memória da gente comum; seus perfis, naquelas moedas que o jovem Thomas peneirava da lama do rio, não passavam de uma ligeira irregularidade sob a ponta de seus dedos, e, mesmo quando ele as levava para casa e limpava, não sabia dizer quem eram. Ele indagou, é este o príncipe César? Walter respondeu, vejamos; depois ele atirou a moeda para longe de si, revoltado, dizendo, não é mais que um mísero centavo de um daqueles reis que combateram nas guerras da França. Vá para a rua e ganhe dinheiro, disse Walter, esqueça o príncipe César; César já era um velho quando Adão era um pirralho.

Ele então cantarolou, “Quando Adão cavava e Eva fiava, a fidalguia onde estava?”; Walter o perseguiu e o teria espancado se conseguisse agarrá-lo; aí esta uma cantiga rebelde para você, aqui nós sabemos o que fazer com rebeldes. Eles eram enterrados em covas rasas, os cónicos que chegavam ao país quando Thomas era menino; mas sempre há mais cónicos. E sob a Cornualha, abaixo e além de todo este reino da Inglaterra, sob os pântanos alagados de Gales e o território difícil da fronteira com os escoceses, há outra paisagem; há um império enterrado, que, ele teme, seus comissários não poderão alcançar. Quem ouvirá o juramento dos duendes e diabretes que vivem em arbustos e nos ocos das árvores, e dos selvagens que se escondem nas florestas? Quem colherá o juramento dos santos em seus nichos, e dos espíritos que se aglomeram em poços milagrosos, crepitando como folhas secas, e dos bebês abortados e enterrados em solo mundano: todos aqueles mortos invisíveis que pairam no inverno entre forjas e lareiras das vilas, tentando aquecer seus ossos expostos? Pois eles também são seus compatriotas: as gerações de mortos incontáveis, que respiram através dos vivos, que roubam sua luz dos homens, fantasmas sem sangue, de lorde e rufião, de freira e puta, os fantasmas de padre e frei que se alimentam da Inglaterra viva, e sugam a substância do futuro.

Ele baixa os olhos para os papéis sobre a mesa, mas seus pensamentos estão longe. Minha filha Anne disse, “Eu escolho Rafe”. Ele baixa a cabeça para as mãos e fecha os olhos; Anne Cromwell se coloca diante dele, 10 ou 11 anos de idade, forte e resoluta como um homem de armas, os pequenos olhos sem piscar, certa de seu poder de decidir seu destino.

Ele esfrega os olhos. Remexe os papéis. O que é isso? Uma lista. Uma meticulosa mão de escrivão, legível, mas que faz pouco sentido.

Dois carpetes. Um cortado em pedaços.  
7 lençóis. 2 travesseiros. 1 almofada.  
2 bandejas, 4 pratos, 2 tigelas.

Uma bacia pequena, pesando 12 lbs a 8d por quilo; em posse da Sra. Priora, pagou 4 xelins.

Ele vira o papel do avesso, tentando descobrir sua origem. Ele vê que está examinando o inventário dos bens de Elizabeth Barton, deixados para trás em seu convento. Tudo está confiscado para o rei, a propriedade pessoal de uma traidora: um pedaço de tábua que serve de mesa, três fronhas, dois castiçais, um casaco avaliado em 5 xelins. Uma velha manta foi doada em caridade à freira mais jovem de seu convento. Outra freira, uma tal de madre Alice, recebeu uma colcha.

Ele dissera a More, as profecias não a tornaram rica. Agora ele faz um memorando para si mesmo: "Madre Elizabeth Barton deve receber dinheiro para pagar o carrasco." Ela tem cinco dias de vida. A última pessoa que ela verá quando subir a escada é seu executor, com a garra esticada. Se no último momento ela não puder custear a propina, talvez sofra mais que o necessário. Barton imaginou quanto tempo alguém leva para queimar, mas não quanto tempo leva para que alguém sufoque na ponta de uma corda. Na Inglaterra, não há misericórdia para os pobres. Deve-se pagar por tudo, até por um pescoço quebrado.

A família de Thomas More prestou o juramento. Ele os visitou e Alice não lhe deixou dúvidas de que ela o considera pessoalmente responsável por fracassar em convencer seu esposo a obedecer.

— Pergunte a Thomas o que ele pretende, em nome de Deus. Pergunte a ele, será que é sábio, ele acha que é sábio deixar sua esposa sem companhia, seu filho sem conselhos, suas filhas sem proteção, e todos nós à mercê de um homem como Thomas Cromwell?

— Levou uma lição, senhor — murmurou Meg, com um semissorriso. A cabeça baixa, ela tomou a mão dele entre as suas. — Meu pai falou com muito afeto sobre o senhor. De como foi cortês com ele e como foi veemente, coisa que ele não julga favor menor. Ele crê que o senhor o compreende. Assim como ele o compreende.

— Meg? Certamente pode olhar para mim, não?

Mais um rosto baixo sob o peso de um toucado armado: Meg segura os véus que a envolvem, como se estivesse numa tempestade e eles oferecessem proteção.

— Posso deter o rei por um ou dois dias. Não creio que é desejo dele ver seu pai na Torre, a cada momento Henrique procura por algum sinal de...

— Rendição?

— Apoio. E depois... Não haveria honra alta demais.

— Duvido que o rei possa oferecer o tipo de honra que interessa a ele — comenta Will Roper. — Infelizmente. Venha, Meg, vamos para casa. Precisamos levar sua mãe ao rio antes que ela comece um bate-boca. — Roper estende a mão. — Sabemos que não é vingativo, senhor. Mas, Deus sabe, ele nunca foi um amigo de seus amigos.

— Houve um tempo em que o senhor mesmo era um homem da Bíblia.

— Homens podem mudar de opinião.

— Concordo plenamente. Diga isto a seu sogro.

Foi uma triste nota de despedida. Ele pensa, não alimentarei nenhuma ilusão de More, ou de sua família, de que eles me compreendem. Como poderiam, quando minhas manobras são obscuras até para mim?

Ele faz uma anotação: Richard Cromwell deve apresentar-se ao abade de Westminster para escoltar Sir Thomas More, prisioneiro, à Torre.

Por que hesito?

Vamos dar mais um dia a ele.

É 15 de abril de 1534. Ele convoca um secretário para arrumar e guardar seus papéis, aprontando-os para o dia seguinte, e se demora junto ao fogo, conversando; é meia-noite, e as velas estão baixas. Ele toma uma delas e sobe as escadas; Christophe ronca, espalhado ao pé de sua cama ampla e solitária. Deus do céu, ele pensa, minha vida é ridícula.

— Acorde — ele diz, mas num sussurro; uma vez que Christophe não responde, ele espalma as mãos sobre o garoto e o rola de um

lado ao outro, como se ele fosse a cobertura para uma torta, até que o garoto acorda, praguejando em francês de sarjeta.

— Ai, pelas bolas peludas de Cristo! — Christophe pisca violentamente. — Meu bom amo, não sabia que era o senhor, eu estava sonhando que era uma panqueca. Perdão, estou completamente bêbado, nós festejamos a conjunção da bela Helen com o afortunado Rafe. — Ele ergue um braço, fecha o punho e faz um gesto da mais absoluta obscenidade; seu braço se estende mortíco junto ao corpo, as pálpebras deslizam inelutavelmente para as bochechas, e, com um gemido final, ele retorna ao sono.

Ele arrasta o garoto para seu colchonete. Christophe está pesado agora, um rotundo filhote de buldogue; ele resmunga, murmura, mas não torna a despertar.

Ele põe suas roupas de lado, faz suas preces e coloca a cabeça no travesseiro: 7 lençóis, 2 travesseiros, 1 almofada. Ele dorme assim que a vela se apaga. Mas sua filha Anne o procura num sonho. Ela ergue a mão esquerda, lamentosa, para mostrar que não tem aliança de casamento. Anne torce os longos cabelos e os enrola em torno do pescoço como uma corda.

Alto verão: as mulheres correm aos aposentos da rainha com lençóis limpos dobrados sobre os braços. Seus rostos estão pálidos e perplexos e elas caminham com tanta pressa que todos entendem que não devem pará-las. Fogo é aceso nos aposentos da rainha para queimar o que foi sangrado. Se há algo a enterrar, as mulheres guardam o segredo entre si.

Naquela noite, encolhido junto a uma fresta da janela, o céu aceso por estrelas como adagas, Henrique dirá a seu secretário, eu culpo Catarina. Creio que ela me deseja mal. A verdade é que seu ventre é enfermigo. Por todos aqueles anos, ela me enganou; Catarina não podia gerar um filho, e ela e seus médicos sabiam disso. Ela alega que ainda me ama, mas está me destruindo. Ela vem à noite com as mãos frias e o coração gelado, e se deita entre mim e a mulher que amo; ela põe a palma em meu membro e suas mãos têm cheiro de túmulo.



Lordes e damas dão dinheiro para que aias e parteiras digam de que sexo era a criança, mas, a cada vez, as mulheres dão respostas diferentes. De fato, o que seria pior: que Ana tivesse concebido outra filha, ou que concebesse e perdesse um menino?

Alto verão: fogueiras são acesas por toda Londres, ardendo ao longo das noites curtas. Dragões cruzam as ruas, cuspidos fumaça e estrepitando suas asas mecânicas.

## **II O mapa da cristandade**

*1534-1535*

— Quer o cargo de Audley? — pergunta Henrique. — É seu, se disser que sim.

O verão acabou. O imperador não veio. O papa Clemente está morto, levando consigo seus julgamentos; o jogo recomeçará do zero, e o papa deixou a porta aberta, só uma fresta, para que o próximo bispo de Roma tenha uma conversa com a Inglaterra. Pessoalmente, ele bateria a porta; mas estes não são assuntos pessoais.

Agora ele pensa cuidadosamente: seria de seu interesse ser chanceler? Seria bom ter um cargo na hierarquia legal; então por que não no topo?

— Não tenho desejo algum de perturbar Audley. Se Vossa Majestade está satisfeito com ele, eu também estou.

Ele recorda como o cargo atou Wolsey a Londres, quando o rei estava em outros lugares. O cardeal vivia em atividade nas cortes de justiça; mas para isso já temos suficientes advogados.

Henrique responde, diga-me apenas o que considera melhor. Angustiado, como um amante, ele não consegue pensar nos melhores presentes. O rei diz: Cranmer me aconselha, ouça Cromwell, e se ele precisar de um cargo, uma taxa, um imposto, uma medida do Parlamento ou uma proclamação real, dê o que ele quer.

O cargo de arquivista-mor está vago. É um antigo posto judicial, na chefia de um dos grandes secretariados do reino. Seus predecessores eram homens eminentes em conhecimento, a maioria bispos: aqueles que jazem em suas tumbas com suas virtudes gravadas acima em latim. Ele nunca se sentiu tão vivo quanto ao torcer o cabo de uma fruta madura e arrancá-la da árvore.

— O senhor também tinha razão quanto ao cardeal Farnese — prossegue Henrique. — Agora temos um novo papa... bispo de Roma, devo dizer... Eu venci minhas apostas.

— Então? — ele diz, sorrindo. — Cranmer tem razão. Ouça meus conselhos.

A corte se diverte em saber como os romanos celebraram a morte do papa Clemente. Eles arrebataram seu túmulo e arrastaram seu corpo nu pelas ruas.

A mansão do arquivista-mor em Chancery Lane é a mais curiosa casa em que ele já entrou. Tem cheiro de podridão, mofo e banha, e se prolonga sinuosamente por trás de sua fachada torta, um aglomerado de pequenos cômodos com portas baixas; teriam sido anões todos os nossos predecessores, ou será que não estavam exatamente seguros de como construir um teto com pé-direito alto?

Esta propriedade foi fundada há trezentos anos, pelo Henrique de então; ele a construiu como refúgio para judeus que queriam converter-se. Se assim o fizessem — o que era aconselhável se desejavam proteção contra violência —, eles tinham de transferir todas as posses para a Coroa. Sendo assim, era justo que a Coroa os abrigasse e os alimentasse durante suas vidas.

Christophe corre à frente dele, para as profundezas da casa.

— Veja! — Ele enfia seu dedo através de uma imensa teia de aranha.

— Destruiu a casa dela, garoto sem coração. — Ele examina os restos da presa de Ariane: uma perna, uma asa. — Vamos partir, antes que ela volte.

Cerca de cinquenta anos depois que Henrique lhes concedeu a propriedade, todos os judeus foram expulsos do reino. Contudo, o refúgio jamais ficou exatamente vazio; mesmo hoje, duas mulheres vivem lá. Eu lhes farei uma visita, ele diz.

Christophe batuca nas paredes e pilastras, resoluto como se soubesse o que está buscando.

— Você não sairia correndo — diz ele, efusivo — se alguém batesse de volta?

— Ah, Jesus! — Christophe faz o sinal da cruz. — Imagino que cem homens morreram aqui, tanto judeus quanto cristãos.

Por trás dos lambris, é verdade, ele pode pressentir minúsculos ossos de ratos: uma centena de gerações, as articuladas patas dianteiras fechadas em eterno repouso. Seus descendentes prosperam, ele fareja no ar. Isto é trabalho para Marlinspike, ele comenta, se pudermos agarrá-lo. O gato do cardeal agora está livre, movendo-se à vontade pelos jardins de Londres, atraído pelo aroma das carpas dos lagos dos mosteiros citadinos, tentado — quem sabe — a atravessar o rio para ser espremido contra os peitos das prostitutas, seios frouxos esfregados com pétalas de rosas e âmbar gris; ele imagina Marlinspike se espreguiçando, ronronando, declinando de retornar à casa. Ele diz a Christophe:

— Eu me pergunto como posso ser arquivista-mor, se não guardo nem um gato.

— Os documentos não têm patas para sair correndo. — Christophe está chutando um rodapé. — Meu pé atravessa isto aqui — ele comenta, demonstrando.

Ele deixará os confortos de Austin Friars por estas minúsculas janelas com seus bastidores empenados, as passagens rangentes, as correntes de vento ancestrais?

— Seria uma viagem curta até Westminster — diz ele.

Seus objetivos se inclinam naquela direção. Whitehall, Westminster e o rio, a barca de secretário-mor descendo a Greenwich ou subindo a Hampton Court. Eu voltarei a Austin Friars com frequência, ele diz a si mesmo, quase todos os dias. Ele está montando uma tesouraria, um depósito seguro para todas as peças de ouro que o rei lhe confiar; o que quer que ele deposite poderá ser rapidamente transformado em dinheiro vivo. Seu tesouro chega pela rua em carroças comuns, para não atrair a atenção, embora haja batedores vigilantes. Os cálices são encaixados em estojos de couro macio feitos para eles. As tigelas e pratos viajam em sacos de lona, entremeados com tecidos de lã branca de 7 pences o metro. As joias são embaladas em seda e guardadas em baús com trancas novas e lustrosas: e ele detém as chaves. Há grandes pérolas com o lustro do oceano, safiras ardentes como a Índia. Há joias como as frutas que são colhidas numa tarde no campo: granadas como ameixas, diamantes rosados como cinórrodos. Alice diz:

— Por um punhado destes, eu mesma derrubaria qualquer rainha da cristandade.

— Sorte que o rei não a conheceu, Alice.

Jo comenta:

— Eu preferiria receber o equivalente em licenças de exportação. Ou contratos de exércitos. Alguém fará uma fortuna nas guerras irlandesas. Grãos, farinha, malte, cavalos...

— Verei o que posso fazer por você — responde ele.

Em Austin Friars, ele assegura a concessão por 99 anos. Seus bisnetos a terão: alguns londrinos desconhecidos. Quando lerem estes documentos, seu nome estará lá. Seu brasão estará talhado acima das portas. Ele pousa a palma no corrimão da grande escadaria, ergue os olhos para a luz empoeirada de uma janela alta. Quando fez este gesto? Em Hatfield, mais cedo neste ano: erguendo os olhos, ouvindo os ruídos da casa de Morton, há muito tempo. Se ele mesmo retornou a Hatfield, Thomas More não teria voltado também? Não seria seu passo leve o que ele esperava ouvir no andar de cima?

Ele começa a pensar novamente sobre aquele punho que surgiu de lugar nenhum.

Sua primeira ideia fora transferir os secretários e papéis ao Arquivo, e assim Austin Friars se tornaria um lar novamente. Mas para quem? Ele retoma o livro de horas de Liz, e, na página em que ela mantinha uma lista da família, ele vem fazendo alterações, adições. Rafe logo se mudará para sua nova casa em Hackney; e Richard está fazendo obras no mesmo bairro, com sua esposa Frances. Alice se casará com o guarda Thomas Rotherham e seu irmão Christopher está ordenado e beneficiado. As roupas do casamento de Jo já estão encomendadas; ela foi pedida por seu amigo John ap Rice, um advogado, um estudioso, um homem que ele admira e com cuja lealdade conta. Eu fiz bem por minha gente, ele pensa: nenhum deles está pobre, ou infeliz, ou incerto sobre seu lugar neste mundo de incertezas. Ele hesita, erguendo os olhos para a luz: ora dourada, ora azul quando uma nuvem passa. Quem quer que vá descer as escadas e chamá-lo, que o faça agora. Sua filha Anne com seus pés estrondosos: Anne, ele diria, será que não podemos colocar amortecedores de feltro nestes seus cascos? Grace deslizando como pó, embalada numa espiral, um redemoinho de vida... a lugar nenhum, dissipando-se, desaparecida.

Liz, venha para baixo.

Mas Liz guarda silêncio; não fica, não parte. Está sempre com ele, e sempre sem ele. Ele dá meia-volta. Esta casa será, portanto, um lugar de negócios. Como todas as suas casas se tornarão lugar de negócios. Meu lar será onde estiverem meus secretários e os arquivos; senão, meu lar será com o rei, onde ele estiver.

Christophe diz:

— Agora que estamos aqui na Casa do Arquivo, eu posso dizer, cher maître, como fico feliz porque o senhor não me deixou para trás. Pois em sua ausência eles me chamariam de cérebro de lesma e cabeça de nabo.

— *Alors...* — Ele dá uma olhada em Christophe —, sua cabeça realmente parece um nabo. Obrigado por atrair minha atenção para isso.

Instalado no Arquivo, ele avalia sua situação: satisfatória. Ele vendeu suas duas quintas em Kent, mas o rei lhe deu outra em Monmouthshire e ele está comprando mais uma em Essex. Ele está

de olho em locais de Hackney e Shoreditch, e adquire propriedades arrendadas em torno de Austin Friars, que pretende acrescentar a seus planos arquitetônicos, e depois construir uma grande muralha em torno do território. Ele faz pesquisas para se apossar de uma quinta em Bedfordshire, outra em Lincolnshire e duas propriedades em Essex que pretende colocar em testamento para Gregory. Tudo isto é coisa pouca. Não é nada se comparado ao que ele pretende ter, ou o que Henrique lhe deverá.

Enquanto isso, suas despesas assustariam a um homem mais fraco. Se o rei deseja algo feito, ele deve ter condições de empregar funcionários e financiar a empreitada. É difícil igualar os gastos de seus nobres conselheiros, e, contudo, há uma horda deles que vive na loja de penhores e o procura mês a mês para remendar os rombos em suas contas. Ele sabe quando deixar estas dívidas correrem; há mais de um tipo de moeda na Inglaterra. O que ele sente é que uma grande rede se prolonga ao seu redor, uma rede de favores oferecidos e favores recebidos. Os que desejam acesso ao rei já sabem que devem pagar por isso, e ninguém tem melhor acesso que ele. E, ao mesmo tempo, a mensagem se espalha: ajude Cromwell e ele o ajudará. Seja leal, seja diligente, seja inteligente pelo bem dele; e receberá uma recompensa. Aqueles que prometem seus serviços a ele serão promovidos e protegidos. Ele é um bom amigo e senhor; é o que se diz a seu respeito em todos os lugares. Caso contrário, são as habituais injúrias: seu pai era um ferreiro, um cervejeiro sem caráter, era um irlandês, um criminoso, um judeu, e o próprio Thomas era apenas um comerciante de lã, era um tosquiador, e agora é um feiticeiro: além de feitiçaria, de que outro modo ele teria assegurado as rédeas do poder em suas mãos? Chapuys escreve sobre ele ao imperador; sua vida pregressa continua um mistério, mas ele é excelente companhia, e conserva sua casa e seus criados em estilo magnífico. Ele é um mestre da linguagem, escreve Chapuys, um homem da mais eloquente articulação; embora seu francês, ele acrescenta, seja apenas *assez bien*.

Cromwell pensa, é bom o bastante para você. Um cumprimento de cabeça e uma piscadela já bastam para Chapuys.

Nos últimos meses, o conselho jamais desfrutou de um recesso. Um verão de duras negociações trouxe um tratado com os escoceses. Mas a Irlanda se revoltou. Só o próprio Castelo de Dublin e a cidade de Waterford defendem o rei, ao passo que os lordes rebeldes oferecem seus serviços e seus portos às tropas do imperador. Entre as ilhas, é o território mais inóspito, que não paga ao rei o que lhe custa guarnecê-lo; mas Henrique não pode dar as costas à região, por temer que outros venham a invadi-la. A lei é quase ignorada por lá, pois os irlandeses creem que podem comprar assassinato com dinheiro, e, como os galeses, põem preço em gado na vida de um homem. O povo é mantido na pobreza por impostos e expropriações, por confiscos e roubo descarado; corre uma piada de que os religiosos ingleses se abstêm da carne nas quartas e sextas, mas os irlandeses são tão devotos que se abstêm em todos os outros dias. Seus grandes lordes são homens brutais e imperiosos, traiçoeiros e volúveis, antagonistas inveterados, extorsionários e sequestradores, e pouco lhes importa a lealdade à Inglaterra, pois não são fiéis a nada e preferem a força das armas à lei. Quanto aos chefes nativos, estes não reconhecem limite natural a seus territórios. Alegam que em sua terra são donos de cada lago e colina de arbustos, dos bosques, do capim das pastagens e do vento que o agita; possuem cada animal e cada homem, e em tempos de escassez eles tiram o pão dos homens para alimentar seus cães de caça.

Não surpreende que não queiram ser ingleses. Isso interromperia seu status como senhores de escravos. O duque de Norfolk ainda tem vassallos em suas terras, e mesmo que as cortes de justiça tomem providência para libertá-los, o duque espera um pagamento por isso. O rei propõe enviar Norfolk para a Irlanda, mas ele diz que já passou suficientes meses inúteis por lá e que a única forma de mandá-lo será se construírem uma ponte para que ele possa voltar para casa no fim da semana sem molhar os pés.

Ele e Norfolk se enfrentam na câmara do conselho. O duque esbraveja, e ele se recosta, cruza os braços e o observa arengar. Vocês deveriam ter mandado o jovem Fitzroy para Dublin, ele diz ao



conselho. Um aprendiz de rei; para fazer uma encenação, armar um espetáculo, distribuir algum dinheiro.

Richard diz a ele:

— Talvez devêssemos ir à Irlanda, senhor.

— Acho que meus dias de campanha estão acabados.

— Eu gostaria de pegar em armas. Todo homem deveria ser um soldado uma vez na vida.

— Isto é seu avô falando por você. Ap Evans, o arqueiro. Por hora, concentre-se em dar um espetáculo nos torneios.

Richard se provou um homem formidável nas justas. É mais ou menos como Christophe diz: paf, e eles caem duros. Há de se imaginar que o esporte está no sangue de seu sobrinho, como está no sangue dos lordes que competem. Richard leva as cores de Cromwell, e o rei o ama por isso, como ama qualquer homem com talento, coragem e força física. Cada vez mais, sua perna problemática o obriga a se sentar entre os espectadores. Henrique entra em pânico quando sente dor, dá para ver em seus olhos, e fica inquieto quando se recupera. A incerteza sobre o próprio estado de saúde o torna menos inclinado para as despesas e problemas de organizar um grande torneio. Quando consegue disputar uma rodada — com sua experiência, seu peso e altura, seus soberbos corcéis e seu temperamento de aço —, Henrique é o provável vencedor. Mas, para evitar acidentes, ele prefere disputar contra oponentes que já conhece.

Henrique diz:

— O imperador, há dois ou três anos, quando estive na Alemanha, ele não teve uma indisposição maligna em sua coxa? Dizem que o tempo não o favorecia. Mas, em contrapartida, seus domínios oferecem uma mudança de clima. Ao passo que, de um lado a outro de meu reino, não se encontra mudança alguma.

— Ah, eu espero coisa pior em Dublin.

Henrique observa, desesperançado, a chuva pesada.

— E quando eu disputo, o povo grita para mim. Eles surgem das valas e gritam sobre Catarina, que eu deveria aceitá-la de volta. Será que gostariam que eu lhes dissesse como ordenar suas casas e esposas e filhos?

Mesmo quando o clima melhora, os temores do rei não diminuem.

— Ela escapará e erguerá um exército contra mim. Catarina. Não sabe o que ela seria capaz de fazer.

— Ela me disse que não entraria em disputa.

— E acha que ela nunca mente? Eu sei que ela mente. Tenho prova disso. Ela mentiu sobre a própria virgindade.

Ah, aquilo, ele responde, cansado.

Ao que parece, Henrique não crê na força de guardas armados, em trancas e chaves. Ele pensa que um anjo recrutado pelo imperador Carlos fará com que eles fracassem. Quando viaja, ele leva consigo um grande cadeado de ferro, que é afixado à porta de sua câmara por um criado que viaja com ele para esse propósito. Sua comida é provada para prevenir venenos, e sua cama é examinada, última atividade na noite, em busca de armadilhas ocultas, como agulhas; mesmo assim, porém, Henrique teme ser assassinado em seu sono.

\* \* \*

Outono: Thomas More está perdendo peso, um homenzinho esquelético emergindo daquilo que jamais foi uma superabundância de carne. Ele deixa que Antonio Bonvisi lhe mande comida.

— Não que cidadãos de Lucca saibam comer. Eu mesmo mandaria refeições, mas, se ele adoecer, sabe o que as pessoas diriam. Ele gosta de pratos de ovos. Não sei se aprecia alguma outra coisa.

Um suspiro.

— Pudins de leite.

Ele sorri. Estes são dias carnívoros.

— Não surpreende que ele não tenha saúde.

— Eu o conheço há quarenta anos — comenta Bonvisi. — Toda uma vida, Tommaso. Você não o machucaria, não é? Por favor, garanta-me, se puder, que ninguém o machucará.

— Por que acha que não sou melhor que ele? Ouça, não tenho necessidade alguma de colocá-lo sob pressão. Sua família e amigos já farão isso. Não é?

— Será que não poderia simplesmente deixá-lo para lá? Esquecê-lo?

— É claro. Se o rei permitir.

Ele arranja uma visita de Meg Roper. Pai e filha passeiam pelos jardins de braços dados. De vez em quando ele os observa de uma janela dos alojamentos do lorde tenente.

Chegando novembro, esta política falha. Na verdade, ela se vira e lhe morde a mão, como um cão que, por bondade, alguém tira das ruas. Meg diz:

— Ele me contou, e me pediu que dissesse a seus amigos, que não pretende envolver-se mais com juramentos de nenhum tipo, e que, se soubermos que ele jurou, devemos concluir que ele foi forçado, por maltrato e brutalidade. E se um documento for exibido ao conselho com a assinatura dele, não foi de sua mão.

Agora é exigido de More que preste juramento ao Ato de Supremacia, um ato que reúne todos os poderes e títulos assumidos pelo rei nos últimos dois anos. O ato não transforma o rei em líder da Igreja, como dizem alguns, mas afirma que o monarca é e sempre foi o chefe da Igreja. Se as pessoas não gostam de novas ideias, que tenham ideias antigas. Se querem precedentes, ele tem os precedentes. Um segundo decreto, que entrará em vigor no ano novo, define o escopo da traição. Será crime de traição negar os títulos ou jurisdição de Henrique, falar ou escrever maliciosamente contra o rei, declará-lo herege ou cismático. Esta lei abará os frades que espalham pânico e dizem que os espanhóis aportarão na próxima maré alta para tomar o trono para Lady Mary. Abará os padres que esbravejam em seus sermões contra a autoridade do rei e dizem que ele está arrastando seus súditos consigo para o Inferno. Será demais que um monarca espere do súdito que guarde uma língua civilizada dentro da boca?

Esta é nova, os outros lhe dizem, esta traição por palavras, e ele responde, não, pode ter certeza, isto é antigo. O ato fixa em lei estatutária aquilo que os juizes em sua sabedoria já definiram como

lei comum. É uma medida de esclarecimento. E eu sou absolutamente a favor da claridade.

Diante da recusa de More em prestar este segundo juramento, um ato de condenação é redigido contra ele, confiscando seus bens para a Coroa. Ele agora não tem esperança de liberdade; ou melhor, a esperança está em si mesmo. É seu dever visitá-lo e dizer que ele já não terá direito a visitas, ou passeios pelos jardins.

— Nada para ver, nesta época do ano. — More lança um olhar aos céus, uma faixa estreita de cinza através da janela alta. — Ainda posso ter meus livros? Escrever cartas?

— Por enquanto.

— E John Wood, ele ficará comigo?

Seu criado.

— Sim, claro.

— Ele me traz algumas notícias de tempos em tempos. Dizem que a doença dos suores irrompeu entre as tropas do rei na Irlanda. E tão tarde no ano.

A peste também emergiu; ele não contará isto a More, ou que toda a campanha da Irlanda é um desastre e um escoadouro de dinheiro e que ele gostaria de ter feito como Richard sugeriu e partido para combater ele mesmo em pessoa.

— O suor leva tantos — continua More — e tão rápido, e também no ápice de suas vidas. E se alguém sobrevive, não tem condições de combater os selvagens irlandeses, isto com certeza. Eu recordo quando Meg teve a doença, ela quase morreu. Já pegou? Não, o senhor nunca adoece, não é? — Ele papeia sem rumo, e depois ergue os olhos. — Conte-me, o que tem ouvido da Antuérpia? Dizem que Tyndale está lá. Dizem que ele vive limitadamente. Ele não ousa se afastar para além do distrito comercial inglês. Dizem que está aprisionado, quase da mesma maneira que eu.

É verdade, ou parcialmente verdade. Tyndale labutou na pobreza e na obscuridade, e agora seu mundo encolheu a um pequeno quarto; pois pela cidade do lado de fora, sob as leis do imperador, os impressores são marcados a ferro e seus olhos são arrancados, e irmãos e irmãs são mortos por sua fé, os homens decapitados, as mulheres enterradas vivas. More ainda tem uma viscosa rede na

Europa, uma teia de dinheiro; ele acredita que os homens de More seguiram Tyndale durante os últimos meses, mas todo o seu engenho, e de Stephen Vaughan no local, não foi suficiente para descobrir quais ingleses de passagem por aquela movimentada cidade eram agentes de More.

— Tyndale ficaria mais seguro em Londres — prossegue More. — Sob sua proteção, o protetor do erro. Ora, veja a Alemanha hoje. Entenda, Thomas, para onde a heresia nos leva. Ela nos leva a Münster, não é mesmo?

Sectários, anabatistas, tomaram a cidade de Münster. Os piores pesadelos — em que se acorda paralisado e pensa que morreu — são uma bênção em comparação a isto. Os burgomestres foram expulsos do conselho, e ladrões e lunáticos tomaram seus lugares, proclamando que o fim dos tempos chegou e que todos devem ser rebatizados. Os cidadãos que se negam são enxotados para além das muralhas, nus, para perecer na neve. A cidade está sob o cerco de seu próprio príncipe-bispo, que pretende vencê-la pela fome. Dizem que os defensores são, em sua maioria, mulheres e crianças deixados para trás; elas são mantidas sob terror por um alfaiate chamado Bockelson, que coroou a si mesmo rei de Jerusalém. Os rumores são de que os amigos de Bockelson instituíram a poligamia, como recomendado no Velho Testamento, e que algumas mulheres foram enforcadas ou afogadas por não se submeterem ao estupro oculto sob a lei de Abraão. Estes profetas se dedicam ao roubo à luz do dia, em nome da partilha dos bens em comum. Diz-se que eles tomaram as casas dos ricos, queimaram suas cartas, retalharam seus retratos, esfregaram o chão com finos bordados e rasgaram os registros que identificam quem possui o quê, de modo que os velhos tempos jamais possam retornar.

— Utopia — ele comenta. — Não é?

— Ouvi dizer que estão queimando os livros das bibliotecas da cidade. Erasmo foi para as chamas. Que tipo de demônio queimaria o doce Erasmo? Mas sem dúvida, sem dúvida — More meneia a cabeça —, Münster será restaurada à ordem. Filipe, príncipe de Hesse, amigo de Lutero, não duvido que ele vá emprestar seu canhão e canhoneiros ao bom bispo, e um herege abaterá o outro.

Os irmãos se reduzem a contender entre si, está vendo? Como cães raivosos espumando pelas ruas, que rasgam as entranhas um do outro quando se encontram.

— Eu lhe direi como Münster acabará. Alguém de dentro da cidade decretará rendição.

— Acha mesmo? Parece prestes a me oferecer uma aposta. Mas aí está, jamais fui muito jogador. E agora o rei tem todo o meu dinheiro.

— Um homem daqueles, um alfaiate, ergue-se por um ou dois meses...

— Um comerciante de lã, filho de ferreiro, ergue-se por um ano ou dois...

Ele se levanta, toma sua capa: lã negra, forro de pele de ovelha. Os olhos de More cintilam, ah, veja só, eu o pus para correr. Agora ele murmura, como se estivesse num jantar, precisa ir? Fique mais um pouco, não lhe é possível? More ergue o queixo.

— Então não verei Meg novamente?

O tom do homem, o vazio, a perda, toca seu coração diretamente. Ele se vira, para conservar sua resposta calma e contida.

— Só precisa dizer algumas palavras. Só isso.

— Ahh. Só palavras.

— E se não deseja dizê-las, eu posso colocá-las por escrito para o senhor. Assine embaixo e o rei ficará satisfeito. Eu mandarei minha barca para levá-lo de volta a Chelsea e desembarcá-lo no cais junto a seu próprio jardim; não há muito para ver, como diz, nesta época do ano, mas pense na recepção calorosa da casa. A senhora Alice aguardando, cozinhando, bem, só isto já bastaria para recuperá-lo; ela se coloca a seu lado, observando enquanto come, e, no minuto em que estiver limpando a boca, ela o tomará em seus braços e limpará a gordura de cordeiro aos beijos, ah, esposo, como senti saudades! Ela o carrega para sua câmara de dormir, tranca a porta e enfia a chave no bolso, e arranca suas roupas até que lá está More, de camisa e nada além de suas perninhas brancas de fora... bem, admita, a mulher tem seus direitos. Depois, no dia seguinte, pense, é só acordar antes do alvorecer, arrastar os pés para sua conhecida

cela e se açoitar, pedir seu pão e água, e às oito da manhã torna a vestir sua camisa de pelos, e por cima dela joga seu velho camisolão de lã, aquele de cor de sangue com o rasgo... pés para cima num banco, seu único filho traz suas cartas... quebra o selo de seu adorado Erasmo... Depois de ter lido suas cartas, pode passear lá fora, imaginemos que seja um dia de sol, e admirar seus pássaros engaiolados, e a raposinha em sua jaula, e pode dizer, eu também fui prisioneiro, mas agora não mais, pois Cromwell me mostrou que eu podia ser livre... Não deseja isso? Não quer sair deste lugar?

— O senhor deveria escrever uma peça — retruca More, admirado.

Ele ri.

— Talvez eu escreva.

— É melhor que Chaucer. Palavras. Palavras. Só palavras.

Ele se vira; encara More. É como se a luz se alterasse. Uma janela se abriu num país estranho, onde bate o vento frio da infância.

— Aquele livro... Era um dicionário?

More franze a testa.

— Como?

— Eu subi ao segundo andar em Lambeth, apenas por um momento... Eu subi correndo as escadas, levando sua porção de cerveja e seu pão de trigo, para evitar que tivesse fome se acordasse de madrugada. Eram sete da noite. O senhor estava lendo e, quando ergueu os olhos, pousou suas mãos sobre o livro — ele mostra a forma de asas —, como se o protegesse. Eu perguntei, Sr. More, o que há nesse grande livro? E me respondeu, palavras, palavras, apenas palavras.

More inclina a cabeça.

— Isto foi quando?

— Creio que eu tinha 7 anos.

— Ah, absurdo — responde More, simpático. — Eu não o conheci quando o senhor tinha 7 anos. Ora, era... — ele fecha o cenho — deve ter sido... eu estava...

— Prestes a partir para Oxford. Não recorda. Mas por que recordaria? — Ele dá de ombros. — Pensei que estava caçoando de

mim.

— Ah, é muito provável que estivesse — responde More. — Se tal encontro realmente aconteceu. Agora veja os dias presentes, em que vem aqui e ri de mim. Falando de Alice. E de minhas perninhas brancas.

— Acho que deve ter sido um dicionário. Tem certeza de que não lembra? Bem... minha barca está esperando, e não quero deixar os remadores lá fora no frio.

— Os dias são muito longos aqui — diz More. — As noites são mais longas. Meu peito está mal. A respiração é curta.

— De volta a Chelsea então, o Dr. Burns o visitará, “tsc tsc, Thomas More, o que andou fazendo consigo? Aperte o nariz e beba esta mistura espantosa...”

— Às vezes acho que não verei a manhã.

Ele abre a porta.

— Martin?

Martin tem 30 anos, os cabelos louros já escassos sob a boina; um rosto agradável com um sorriso enrugado. Sua cidade natal é Colchester, seu pai é alfaiate, e ele aprendeu a ler com o evangelho de Wycliffe, que seu pai escondia no telhado sob o forro. Esta é uma nova Inglaterra; uma Inglaterra em que Martin pode tirar o pó do velho texto e mostrá-lo a seus vizinhos. Ele tem irmãos, todos eles homens da Bíblia. Sua esposa está agora recolhida em sua terceira gravidez, já “metida nas palhas”, como ele coloca.

— Alguma novidade?

— Ainda não. Mas o senhor será o padrinho? Thomas se for um menino e, se for uma menina, o senhor lhe dará um nome.

Um toque das palmas e um sorriso.

— Grace — ele responde. Um presente em dinheiro fica subentendido; o começo da criança na vida. Ele se volta mais uma vez para o homem doente, agora curvado sobre sua mesa. — Sir Thomas diz que sua respiração fica curta à noite. Traga-lhe almofadas, travesseiros, tudo que encontrar, apoie seu corpo para aliviá-lo. Quero que ele tenha todas as oportunidades de viver para repensar sua posição, mostrar lealdade ao nosso rei e voltar para casa. E agora, eu lhes deixo uma boa tarde.



More ergue os olhos.

— Eu quero escrever uma carta.

— É claro. Terá tinta e papel.

— Quero escrever para Meg.

— Então mande-lhe uma palavra humana.

As cartas de More são pouco afetuosas. Até são endereçadas para a filha, mas são escritas para que sejam lidas por seus amigos da Europa.

— Cromwell...? — A voz de More o chama de volta. — Como vai a rainha?

More é sempre correto, não é como aqueles que escorregam e dizem, “a rainha Catarina”. Como está Ana?, é o que ele indaga. Mas o que ele poderia responder? Ele já está de saída. Já saiu pela porta. Na estreita janela, um entardecer azul substituiu o cinza.

Ele ouve a voz dela, na sala ao lado: baixa, incansável. Henrique está ganindo de indignação.

— Não fui eu! Não fui *eu*.

Na antecâmara, Thomas Bolena, monsenhor, com seu rosto longo constrito. Alguns adutores dos Bolena se entreolham: Francis Weston, Francis Bryan. Num canto, tentando tornar-se inconspícuo, o alaudista Mark Smeaton; o que ele está fazendo aqui? Não é exatamente um conclave de família: George Bolena está em Paris, em negociação. Foi lançada uma ideia de que a infanta Elizabeth deveria casar-se com um filho de França; os Bolena realmente acreditam que isso acontecerá.

— O que pode ter ocorrido — ele pergunta — para perturbar a rainha? — Seu tom é perplexo: como se ela fosse a mais plácida das mulheres.

Weston responde:

— É Lady Carey, ela está... digamos que ela se encontra...

Bryan ri secamente.

— Com um bastardo no bucho.

— Ah. Os senhores não sabiam? — O choque à sua volta é gratificante. Ele dá de ombros. — Eu pensei que era um assunto de

família.

O tapa-olho de Bryan, hoje amarelo ictérico, cintila para ele.

— O senhor deve vigiá-la bem de perto, Sr. Cromwell.

— Uma tarefa em que falhei — comenta Bolena. — Evidentemente. Maria alega que o pai da criança é William Stafford, e se casou com ele. O senhor conhece este tal Stafford, não?

— Só um pouco. E então — ele sugere, achando graça —, podemos entrar? Mark, não vamos resolver este assunto com música, portanto retire-se para onde possa ser útil.

Só Henry Norris está servindo ao rei: Jane Rochford, à rainha. O grande rosto de Henrique está pálido.

— Está me culpando, madame, por algo que fiz antes mesmo de conhecê-la.

Os outros entram escudando-se atrás dele. Henrique diz:

— Meu lorde de Wiltshire, não pode controlar nenhuma de suas filhas?

— Cromwell sabia — diz Bryan. Ele ri abafado.

Monsenhor começa a falar, gaguejando — logo ele, Thomas Bolena, diplomata famoso pela finesse de sua língua de prata. Ana o interrompe.

— Por que ela teria um filho de Stafford? Não acredito que seja dele. Por que ele concordaria em se casar com ela, senão por ambição? Bem, nisso ele deu um passo em falso, pois jamais pisará na corte novamente, e ela tampouco. Ela pode rastejar de joelhos para mim. Não me importa. Ela pode morrer de fome.

Se Ana fosse minha esposa, ele pensa, eu sairia durante a tarde. Ela parece emaciada e não consegue ficar quieta; não seria prudente confiar nela junto a uma faca afiada.

— O que fazer? — murmura Norris. Jane Rochford está afastada, próxima às tapeçarias, onde ninfas se enroscam em árvores; a barra de sua saia mergulha em um fabuloso riacho, e seu véu toca uma nuvem, de onde uma deusa espia. Ela ergue o rosto; sua expressão é de comedido triunfo.

Eu poderia mandar chamar o arcebispo, ele pensa. Ana não esbravejaria ou bateria os pés diante dele. Ela agarra Norris pela manga; o que será que está fazendo?

— Minha irmã fez isso para me afrontar. Ela pensa que passeará pela corte com sua barriga enorme e terá pena e rirá de mim, porque perdi meu próprio filho.

Thomas Bolena começa:

— Eu tenho certeza que, se o assunto fosse observado sob o...

— Fora daqui! — berra Ana. — Deixe-me, e diga a ela, à Sra. Stafford, que ela abandonou todo o direito de figurar entre minha família. Eu não a conheço. Ela não é mais uma Bolena!

— Wiltshire, vá — acrescenta Henrique, no tom de alguém que promete uma surra a um garoto de escola. — Eu lhe falarei mais tarde.

Ele indaga ao rei, inocente:

— Majestade, não vamos trabalhar hoje?

Henrique ri.

Lady Rochford corre ao seu lado. Ele não reduz o passo, e ela tem de agarrar suas saias.

— Sabia mesmo, secretário? Ou só disse isso para ver as caras deles?

— A senhora é hábil demais para mim. Conhece todas as minhas tramas.

— Sorte que conheço as de Lady Carey.

— Foi a senhora quem detectou o estado dela?

Quem mais?, ele pensa. Com seu marido George em viagem, Jane não tem ninguém a quem espionar.

A cama de Maria está coberta de sedas — vermelho-fogo, laranja, encarnado — como se um incêndio tivesse irrompido no colchão. Sobre banquetas e um assento de janela, uma trilha de camisões, fitas emaranhadas e luvas sem par. Seriam aquelas as mesmas meias verdes que ela um dia revelou até os joelhos, disparando na direção dele no dia em que se ofereceu em casamento?

Ele se detém à porta.

— William Stafford, hein?

Ela se apruma, as faces afogueadas, uma sapatilha de veludo na mão. Agora que o segredo foi descoberto, Maria afrouxou seu espartilho. Seus olhos apenas passam por ele.

— Boa menina, Jane, traga até aqui.

— Com licença, senhor. — É Jane Seymour, passando por ele na ponta dos pés com uma braçada de lençóis dobrados. Depois entra um garoto atrás dela, arrastando um baú de couro amarelo. — Bem aqui, Mark.

— Olhe para mim, senhor secretário — exclama Smeaton. — Fazendo-me útil.

Jane ajoelha diante do baú e o abre.

— Cambraia para forrá-lo?

— Esqueça a cambraia. Onde está meu outro sapato?

— É melhor partir logo — aconselha Lady Rochford. — Se encontrá-la, tio Norfolk a espancará com um porrete. A rainha sua irmã pensa que o rei gerou seu filho. Ela diz, por que haveria de ser de William Stafford?

Maria bufa.

— Ela sabe de tantas coisas... O que Ana entende de aceitar um homem por quem ele é? Pode dizer a ela que William me ama. Pode dizer a ela que ele se importa comigo quando ninguém mais o faz. Ninguém mais neste mundo.

Ele se inclina e sussurra:

— Srta. Seymour, não sabia que a senhorita era amiga de Lady Carey.

— Ninguém mais quer ajudá-la. — Jane mantém a cabeça baixa; sua face está ruborizada.

— Aqueles cortinados de cama são meus — prossegue Maria. — Arranquem-nos. — Bordado nas cortinas, ele vê, está o brasão do esposo, William Carey, morto há... sete anos? — Eu posso descoser os brasões. — É claro: que utilidade tem um homem morto e seus apetrechos? — Onde está minha bacia dourada, Rochford, você a guardou? — Ela dá um chute no baú amarelo; é estampado de todos os lados com o emblema de falcão de Ana. — Se me virem com isso, vão tirá-lo de mim e derrubar todas as minhas coisas na estrada.

— Se puder esperar uma hora — propõe ele —, mandarei alguém trazer outro baú.

— Ele estará estampado com as armas de Thomas Cromwell? Deus me ajude, eu não tenho uma hora. Eu sei disso! — Ela começa a arrancar os lençóis da cama. — Façam trouxas!

— Uma vergonha — exclama Jane Rochford. — E fugir como uma serva que roubou a prata? Ademais, não precisará dessas coisas em Kent. Stafford tem uma fazenda ou algo do tipo, não tem? Uma pequena propriedade? Mesmo assim, poderia vendê-las. Ou terá que vendê-las, imagino.

— Meu querido irmão me ajudará quando voltar da França. Ele não me renegará.

— Com todo respeito, eu discordo. Lorde Rochford compreenderá, como eu compreendo, que Lady Carey desgraçou toda a sua família.

Maria se vira para ela, lançando o braço como um gato que mostra a garra.

— Isso é melhor que o dia de seu casamento, Rochford! É como ganhar uma montanha de presentes. Não consegue amar, não sabe o que é o amor, e tudo que faz é invejar aquelas que de fato o conhecem, e se deliciar com seus infortúnios. Você é uma mulher desgraçada e infeliz, odiada pelo próprio marido, e eu tenho pena da senhora, e tenho pena de minha irmã Ana, eu não trocaria de lugar com ela, prefiro estar na cama de um cavalheiro pobre e honesto que só pensa em mim a ser como a rainha, capaz apenas de segurar seu homem com truques de velhas meretrizes... Sim, eu sei que é assim, Henrique contou a Norris o que ela lhe oferece, e é algo que não conduz a gerar filhos, isso eu lhe garanto. E agora ela teme todas as mulheres da corte; já viu como ela está, já a observou ultimamente? Sete anos ela tramou para ser rainha, e Deus nos proteja das preces atendidas. Ela achou que todos os dias seriam como sua coroação. — Sem fôlego, Maria vasculha o emaranhado de suas posses e atira um par de luvas a Jane Seymour. — Fique com estas, minha querida, com minha bênção. Você tem o único coração bondoso da corte.

Jane Rochford se retira, batendo portas.

— Deixe que ela vá — murmura Jane Seymour. — Esqueça Rochford.

— Já vai tarde! — exclama Maria. — Devo ficar agradecida por ela não ter revirado minhas coisas e oferecido um valor por elas. — No silêncio, suas palavras se batem, estrepitam, agitam-se na câmara como pássaros aprisionados que se desesperam e fazem cocô nas paredes. Henrique contou a Norris o que ela lhe oferece. À noite, seus engenhosos procedimentos. Ele está recompondo a frase: como certamente se faz necessário, não? Aposto que Norris é todo ouvidos. Cristo do céu, essa gente!

O garoto Mark está plantado atrás da porta, a boca escancarada.

— Mark, se está aí atrás como um peixe enalhado, vou mandar tirar filés e fritá-lo! — O garoto foge.

Quando a Srta. Seymour termina de amarrar as trouxas, elas parecem pássaros de asas quebradas. Ele as toma dela e torna a amarrá-las, não com fitas de seda, mas com um útil barbante.

— O senhor sempre carrega barbante consigo, senhor secretário?

Maria comenta.

— Ah, meu livro de poemas de amor! Shelton ficou com ele. — Ela corre para fora do aposento.

— Ela precisará dele — ele comenta. — Nada de poemas em Kent.

— Lady Rochford diria a ela que sonetos não aquecem ninguém. Não que eu já tenha recebido um soneto — diz Jane. — Assim, não tenho como saber.

Liz, ele pensa, tire sua mão morta de cima de mim. Você me censura por esta simples mocinha, tão pequena, tão magra, tão comum? Ele se vira.

— Jane...

— Senhor secretário? — Ela enterra os joelhos e rola de lado no colchão: agarrando o poste da cama, ela se ergue, estica os braços acima da cabeça e começa a desamarrar os cortinados.

— Desça daí! Eu farei isso. Mandarei uma carroça após a partida da Sra. Stafford. Ela não pode carregar tudo que possui.

— Eu posso fazer isso. O secretário-mor não lida com cortinados de cama.

— O secretário-mor lida com tudo. Fico surpreso por não fazer as camisas do rei.

Jane oscila suavemente acima dele. Seus pés afundam nas plumas.

— A rainha Catarina faz. Ainda.

— A viúva Catarina. Desça daí.

Ela salta de volta ao forro do chão, sacudindo as saias.

— Mesmo hoje, depois de tudo o que aconteceu entre eles. Catarina mandou um novo pacote na semana passada.

— Pensei que o rei a havia proibido.

— Ana diz que elas deveriam ser rasgadas e usadas para... bem, o senhor sabe para quê; num cagatório. Ele ficou irritado. Possivelmente porque não gosta da palavra "cagatório".

— Não mesmo. — O rei abomina linguagem vulgar, e não foram poucos os cortesãos temporariamente afastados por contar alguma anedota suja. — É verdade o que Maria diz? Que a rainha tem medo?

— Por hora ele tem suspirado pela Sra. Shelton. Bem, o senhor sabe disso. O senhor os observou.

— Mas certamente é algo inofensivo, não? Um rei é obrigado a ser galante, até alcançar a idade de vestir seu camisolão e se sentar junto ao fogo com seus capelães.

— Tente explicar isso a Ana, ela não vê desta forma. Ela queria mandar Shelton para longe. Mas seu pai e seu irmão não aceitaram. Porque os Sheltons são primos deles, e se Henrique está buscando em outro lugar, eles querem que seja perto de casa. O incesto anda tão popular hoje em dia! Tio Norfolk disse... quero dizer, Sua Graça...

— Tudo bem — ele comenta, distraído —, eu também o chamo assim.

Jane cobre a boca com a mão. É uma mão de criança, com pequenas unhas lustrosas. Eu me lembrarei disso quando estiver no campo e não houver nada para me divertir. E depois como ele responde, meu querido sobrinho Cromwell?

— Você deixará a corte? — Sem dúvida ela tem um marido em vista: algum lorde rural.

— Uma vez que servi por mais uma estação, espero que me liberem.

Maria irrompe no quarto, rilhando dentes. Ela segura duas almofadas bordadas acima do volume de seu ventre, que agora parece óbvio, e tem a outra mão livre para sua bacia dourada, onde está o livro de poesias. Ela joga as almofadas no chão, abre o punho e despeja um punhado de botões de prata, que estrepitam na bacia como dados.

— Shelton estava com estes. Maldita seja a gatuna.

— E não é como se a rainha gostasse de mim — continua Jane.  
— Ademais, já faz muito tempo que não vejo Wolf Hall.

Para presente de ano-novo ao rei, ele encomendou a Hans uma miniatura sobre velino, que mostra Salomão em seu trono recebendo a rainha de Sabá. A obra deve ser uma alegoria, ele explica, do rei recebendo os frutos da Igreja e a homenagem de seu povo.

Hans lhe crava um olhar de censura.

— Eu entendi o ponto.

Hans prepara esboços. Salomão está sentado, imponente. Sabá se vê diante dele, o rosto erguido fora de vista, de costas para o observador.

— Em sua mente — indaga ele —, consegue ver o rosto dela, ainda que esteja oculto?

— Se paga pela parte de trás da cabeça, é o que recebe! — Hans coça a testa, e se rende. — Não é verdade. Eu posso vê-la.

— Vê como uma mulher que encontra nas ruas?

— Não exatamente. Mais como alguém que se recorda. Como alguma mulher que se conheceu quando criança.

Eles estão sentados diante da tapeçaria que o rei deu a ele. Os olhos do pintor se desgarram para ela.

— Esta mulher na parede. Wolsey a teve, Henrique a tinha, e agora é sua.



— Eu lhe asseguro, ela não tem equivalente na vida real. — Bem, não a menos que Westminster tenha alguma meretriz muito discreta e versátil.

— Eu sei quem ela é. — Hans assente enfaticamente, os lábios comprimidos, olhos brilhantes e zombeteiros, como um cão que rouba um lenço para que se corra atrás dele. — Eles falam sobre isto na Antuérpia. Por que não vai até lá e a toma para si?

— Ela é casada. — Ele está perplexo; e pensar que seus assuntos privados são conversa comum!

— E acha que ela não o acompanharia?

— Já faz anos. Eu mudei.

— *Ja*. Agora você é rico.

— Mas o que seria dito de mim, se eu surrupiasse uma mulher de seu marido?

Hans dá de ombros. Eles são tão casuais, os alemães. More diz que os luteranos fornicam na igreja.

— Ademais — continua Hans —, há o problema de...

— De quê?

Hans dá de ombros: nada.

— Nada! Você me pendurará pelos punhos até que eu confesse?

— Eu não faço isso. Eu só ameaço fazer.

— Eu só quis dizer — explica Hans, apaziguador — que há o problema de todas as outras mulheres que querem casar com Cromwell. As esposas da Inglaterra, todas elas guardam cadernos secretos sobre quem vão arrebatam depois que envenenarem seus maridos. E o senhor está no topo de todas as listas.

Em seus momentos de ócio — na semana ele tem dois ou três — ele tem estudado os registros da Casa do Arquivo. Embora os judeus sejam proibidos no reino, nunca se sabe que tipo de destroço humano será atirado na costa pela maré da fortuna, e a casa só ficou vazia uma vez, durante um único mês em trezentos anos. Ele passa os olhos pelos registros dos sucessivos guardas, e, curioso, revira os recibos de suas dispensas dados pelos habitantes mortos, escritos em caracteres hebraicos. Alguns viveram cinquenta anos entre aquelas paredes, tremendo de pavor dos londrinos do lado de

fora. Quando ele atravessa as passagens tortuosas, sente os passos deles sob os seus.

Ele se dirige às duas moradoras que restam. São mulheres silenciosas e vigilantes, de idade indeterminada, e atendem pelos nomes de Katherine Wheteley e Mary Cook.

— O que vocês fazem? — Com seu tempo, ele quer dizer.

— Rezamos.

Elas o observam para captar suas intenções, boas ou más. Os rostos dizem, somos duas mulheres a quem nada resta além das histórias de nossas vidas. Por que deveríamos entregá-las a você?

Ele lhes envia aves de presente, mas se pergunta se elas comem carne abatida por mãos gentias. Próximo ao Natal, o prior da Igreja de Cristo na Cantuária lhe envia 12 maçãs de Kent, cada uma embalada em linho cinza, de um tipo especial que cai bem com vinho. Ele leva as maçãs às convertidas, com o vinho que escolheu.

— No ano de 1353 — diz ele —, só havia uma pessoa na casa. Lamento em pensar que ela viveu aqui sem companhia. Seu último domicílio foi a cidade de Exeter, mas eu me pergunto onde antes? Seu nome era Claricia.

— Não sabemos coisa alguma dela — responde Katherine, ou talvez Mary. — Seria de surpreender se soubéssemos. — Ela testa a maçã com a ponta do dedo. É possível que ela não reconheça sua raridade, nem que se trata do melhor presente que o prior pôde encontrar. Se não gostam delas, ele diz, ou mesmo que gostem, também tenho peras para cozer. Alguém me enviou quinhentas delas.

— Um homem que tinha intenção de se fazer notar — diz Katherine ou Mary, e a outra acrescenta: — Quinhentos quilos seria melhor.

As mulheres riem, mas a risada delas é fria. Ele vê que jamais conseguirá estabelecer termos amigáveis. Ele aprecia o nome Claricia e gostaria de tê-lo sugerido à filha do carcereiro. É nome de uma mulher com que se pode sonhar: uma mulher cuja alma se vê.

Quando o presente de ano-novo do rei fica pronto, Hans diz:

— É a primeira vez que eu faço o retrato dele.

— Logo fará outro, assim espero.

Hans sabe que ele prepara uma Bíblia em inglês, uma tradução está quase pronta. Ele pousa o dedo sobre os lábios; muito cedo para falar sobre isso, talvez no ano que vem.

— Se tivesse de dedicá-la a Henrique — indaga Hans —, ele poderia recusá-la agora? Farei um retrato dele para a folha de rosto, exibido em glória, líder da Igreja. — Hans marcha de um lado para o outro, rosnando alguns números. Está pensando em custos de papel e impressão, estimando os lucros. Lucas Cranach faz folhas de rosto para Lutero. — Aquelas imagens de Martinho e esposa, ele vendia gravuras aos cestos. E Cranach desenha todo mundo com cara de porco.

É verdade. Até aqueles nus argênteos que ele pinta têm graciosas caras de porco, e pés de lavrador, e orelhas medonhas.

— Mas se eu pintar Henrique, devo lisonjeá-lo, imagino. Mostrá-lo como ele era há cinco anos. Talvez dez.

— Fique com cinco. Ou o rei pensará que está caçoando dele.

Hans passa o dedo pela garganta, cede nos joelhos, põe a língua para fora como um enforcado; pelo visto, ele imagina todos os métodos de execução.

— Uma simples majestade seria o adequado — diz ele.

Hans sorri.

— Posso fazer isso por jarda.

O fim do ano traz frio e uma luz verde e aquosa, varrendo o Tâmis e a cidade. Cartas caem em sua escrivaninha com um cicio suave como grandes flocos de neve: doutores em teologia da Alemanha, embaixadores da França, Maria Bolena de seu exílio em Kent.

Ele rompe o selo.

— Ouça isto — diz ele a Richard. — Maria quer dinheiro. Ela diz que sabe que não deveria ter sido tão apressada. Diz que o amor sobrepujou a razão.

— Amor, era mesmo?

Ele lê. Ela não lamenta nem por um minuto que tenha partido com William Stafford. Maria diz que poderia ter conseguido outro esposo, com títulos e fortuna. Mas "se eu estivesse em liberdade e

pudesse escolher, eu lhe asseguro, secretário-mor, testemunhei que tanta honestidade há nele que prefiro implorar por meu pão com ele a ser a mais grandiosa rainha ungida”.

Maria não ousa escrever para sua irmã, a rainha. Ou seu pai, ou seu tio, ou seu irmão. Todos são cruéis demais. Portanto, ela escreve a ele... que se pergunta, será que Stafford lia sobre o ombro dela enquanto ela escrevia? Teria ela gargalhado e dito, Thomas Cromwell, um dia dei esperanças a ele.

— Quase nem me recordo de que Maria e eu nos casaríamos — comenta Richard.

— Isto foi em outros tempos, não estes.

E Richard é feliz; veja como tudo se arranjou, nós podemos prosperar sem os Bolena. Mas a cristandade foi revolucionada pelo casamento Bolena, para colocar a leitoa ruiva no berço; e se for verdade, e se Henrique tiver razão, e se toda a empreitada estiver amaldiçoada?

— Mande chamar Wiltshire.

— Aqui nos Arquivos?

— Bolena virá correndo com um assovio.

Ele o humilhará — em seu estilo agradável — e o obrigará a dar uma anuidade a Maria. A moça trabalhou para ele, levou-o nas costas, e agora ele deve conceder-lhe uma pensão. Richard se sentará nas sombras e tomará notas. Isto recordará Bolena dos velhos tempos: os velhos tempos de aproximadamente seis, sete anos atrás. Na semana anterior, Chapuys lhe dissera: neste reino agora, o senhor é tudo o que o cardeal foi, e mais.

É véspera de Natal quando Alice More chega para visitá-lo. Há uma luz fina e afiada, como a lâmina de uma velha faca, e nesta luz, Alice parece velha.

Ele a recebe como a uma princesa, e a conduz a uma das câmaras que mandou forrar e pintar, onde grandes labaredas saltam numa chaminé reformada. O ar tem aroma de galhos de pinho.

— É aqui que passará suas festas?

Alice fez um esforço para visitá-lo; amarrou os cabelos para trás com ferocidade, sob um toucado bordado com pérolas-arroz.

— Bem! Quando estive aqui antes, isto era um lugar velho e embolorado. Meu marido costumava dizer — e ele nota o tempo pretérito —, meu marido costumava dizer, tranque Cromwell nas profundezas de um calabouço pela manhã, e, quando retornar à noite, ele estará sentado numa almofada de veludo, saboreando línguas de cotovias, e todos os carcereiros lhe deverão dinheiro.

— Ele falava muito sobre me trancar em calabouços?

— Era apenas uma conversa. — Ela está inquieta. — Pensei que o senhor poderia levar-me para ver o rei. Eu sei que ele é sempre cortês com as mulheres, e gentil.

Cromwell balança a cabeça. Se levar Alice para ver o rei, ela falará sobre os tempos em que o rei costumava frequentar Chelsea e passear pelos jardins. Ela o perturbará: agitará sua mente, fará com que pense em More, coisa que, no presente, Henrique não faz.

— Ele anda muito ocupado com os enviados franceses. Ele deseja ter uma corte ampla nesta estação. A senhora terá que confiar no meu julgamento.

— O senhor foi bom para nós — diz ela, relutante. — Eu me pergunto por quê. E sempre tinha algum embuste.

— Nasci embusteiro — responde ele. — Não posso evitar. Senhora, por que seu marido é tão teimoso?

— Não o compreendo melhor do que compreendo a Santíssima Trindade.

— Então o que podemos fazer?

— Acho que ele explicaria suas razões ao rei. Somente para seus ouvidos. E se o rei disser de antemão que o absolverá de todas as punições.

— Quer dizer, dar-lhe licença para traição? O rei não pode fazê-lo.

— Santa Inês! Thomas Cromwell, dizendo ao rei o que ele pode fazer. Eu já vi um galo cantando num galinheiro, senhor, até o dia em que chega uma criada e torce o pescoço dele.

— É a lei da terra. O costume do país.

— Pensei que Henrique estava acima da lei.

— Não vivemos em Constantinopla, Sra. Alice. Embora eu não tenha crítica alguma aos turcos. Nós nos alegramos com os infiéis, hoje em dia. Contanto que eles mantenham as mãos do imperador atadas.

— Não me resta muito dinheiro — ela diz. — Tenho de arranjar 15 xelins toda semana para provê-lo. Eu temo que ele sinta frio. — Ela funga. — Por outro lado, ele poderia contar-me estas coisas pessoalmente. Ele não me escreve. É sempre ela, ela, sua querida Meg. Ela não é minha filha. Eu gostaria que a primeira esposa dele estivesse aqui, para me dizer se ela nasceu do jeito que é agora. Ela é fechada, sabe. Guarda para si suas ideias, e as dele. Ela agora me diz que Thomas lhe dava suas camisas para que ela lavasse o sangue, e que ele usava uma camisa de cilício sob o linho. Ele fazia isso quando nos casamos e eu implorei que parasse, e achei que ele tinha parado. Mas como eu poderia saber? Thomas dormia sozinho e passava a tranca na porta. Se ele tinha uma coceira eu não sabia, ele era obrigado a se coçar sozinho. Bem, não importa, era entre os dois, e eu não tinha parte.

— Sra. Alice...

— Não pense que não tenho ternura por ele. Thomas não se casou comigo para viver como um eunuco. Nós tínhamos nossas relações, de vez em quando. — Ela cora, mais furiosa que encabulada. — E quando é assim, não se pode evitar o tormento, se um homem pode ter frio, se talvez sinta fome, uma vez que a carne dele é uma com a sua. Sente-se por ele o mesmo que por um filho.

— Tire-o de lá, senhora, é algo que está em seu poder.

— Mais no seu do que no meu. — Ela sorri tristemente. — O seu rapazinho Gregory passará a estação em casa? Às vezes eu dizia ao meu marido, eu gostaria que Gregory Cromwell fosse meu menino. Eu seria capaz de assá-lo com uma capa de açúcar e comê-lo inteirinho.

Gregory chega ao lar para o Natal, com uma carta de Rowland Lee, dizendo que ele é um tesouro e sempre poderá retornar à sua casa.

— Pois então, devo voltar — indaga Gregory —, ou agora já terminei minha educação?

— Eu tenho um plano para melhorar seu francês no ano que vem.

— Rafe diz que sou criado como um príncipe.

— Por hora, você é tudo o que tenho para praticar.

— Meu querido pai... — Gregory pega sua cadelinha no colo. Ele a abraça, e lhe focinha os pelos da nuca. Ele espera. — Rafe e Richard dizem que, quando minha educação for suficiente, o senhor pretende casar-me com alguma velha viúva com uma grande pensão e dentes pretos, e que ela me sugará com sua depravação e me governará com seus caprichos, e ela deserdará de sua propriedade os filhos que tem e eles me odiarão e tramarão contra minha vida e um dia amanhecerei morto em minha cama.

O cão se enrosca nos braços de seu filho e volta para ele seus olhos brandos, redondos, indagadores.

— Eles estão caçoando de você, Gregory. Se eu conhecesse uma mulher assim, eu mesmo me casaria com ela.

Gregory assente.

— Ela jamais o governaria, senhor. E me arrisco a adivinhar que ela teria um bom parque de corças, que seria conveniente para a caça. E os filhos teriam pavor do senhor, mesmo que fossem homens feitos. — Ele parece parcialmente consolado. — O que é este mapa? São as Índias?

— Estas são as fronteiras escocesas — ele responde delicadamente. — O território de Harry Percy. Olhe, deixe-me mostrar. Estas são terras que ele entregou a seus credores. Não podemos permitir que continue, pois não podemos abandonar nossas fronteiras à própria sorte.

— Dizem que ele está doente.

— Doente, ou louco. — Seu tom é indiferente. — Ele não tem herdeiro, e jamais procura a mulher, então é muito improvável que venha a ter um. Ele se desentendeu com os irmãos e deve muito dinheiro ao rei. Portanto, faria sentido decretar o rei como seu herdeiro, não? Ele será convocado para selar isso.

Gregory parece abismado.

— Tomarão seu condado?

— Ele pode conservar o título. Nós lhe daremos algo para viver.

— Isso é por causa do cardeal?

Harry Percy deteve Wolsey em Cawood, quando ele cavalgava ao sul. Ele entrou, chaves na mão, salpicado de lama da estrada: senhor, está preso por alta traição. Olhe para mim, respondeu o cardeal: não temo nenhum homem sobre a terra.

Ele dá de ombros.

— Gregory, vá divertir-se. Leve Bella e pratique com ela seu francês; ela chegou a mim através de Lady Lisle de Calais. Não vou demorar. Tenho que organizar as contas do reino.

Para a Irlanda no próximo despacho, canhões de cobre e balas de ferro, aríetes e catapultas, pólvora, concertina e 4 centilibras de enxofre, quinhentos arcos de teixo e dois barris de cordas para arco; pás, pés de cabra, picaretas, couro de cavalo, duzentos cada; uma centena de machados de lenha, mil cavalos, 8 mil pregos. O joalheiro Cornelys não recebeu pagamento pelo berço que fez para o último filho do rei, aquele que nunca viu a luz; ele contabiliza 20 xelins desembolsados para Hans pintar Adão e Eva no berço, e é credor por uma compra de cetim branco, orlas e franjas douradas e a prata para modelar as maçãs do jardim do Éden.

Ele está em negociações com gente de Florença para a contratação de cem arcabuzeiros para a campanha irlandesa. Se têm de combater na floresta ou em terreno rochoso, eles não se recusam e protestam como os ingleses.

O rei diz, um ano-novo de sorte, Cromwell. E outros mais em seguida. Ele pensa, sorte não tem nada a ver com isso. De todos os seus presentes, Henrique fica mais encantado com a rainha de Sabá, com um chifre de unicórnio, e um espremedor de laranjas com um grande "H" de ouro aplicado.

No começo do ano-novo, o rei lhe confere um título inédito: vice-regente em assuntos espirituais, seu vice para questões eclesiásticas. Os boatos de que as casas religiosas serão demolidas vêm correndo pelo reino há três anos ou mais. Agora ele tem poder



de visitar, inspecionar e reformar mosteiros; se necessário, fechá-los. Praticamente não existe abade de cujos assuntos ele não esteja inteirado, por virtude de seu treinamento com o cardeal e pelas cartas que chegam dia a dia — alguns monges reclamando de abusos e escândalos e da deslealdade de seus superiores, outros buscando cargos dentro de suas comunidades, assegurando-lhe que uma palavra do lado certo os deixará para sempre em dívida com ele.

Ele diz a Chapuys:

— Você já esteve na Catedral de Chartres? Quando se caminha pelo labirinto desenhado no pavimento, parece não haver sentido nele. Mas se o seguirmos fielmente, somos levados diretamente ao centro. Direto para onde se deve estar.

Oficialmente, as relações entre ele e o embaixador estão praticamente cortadas. Extraoficialmente, Chapuys lhe envia um tonel de bom azeite de oliva. Ele retalia com galos capões. O próprio embaixador chega, seguido por um criado carregando um queijo parmesão.

Chapuys parece deprimido e resfriado.

— Sua pobre rainha passa a estação com poucos recursos em Kimbolton. Ela tem tanto medo dos conselheiros heréticos em torno de seu esposo que manda que toda sua comida seja preparada no fogo de seu próprio quarto. E Kimbolton é mais semelhante a um estábulo que uma casa.

— Bobagem — ele responde imediatamente. Ele entrega ao embaixador uma aconchegante taça de vinho temperado. — Só a tiramos de Buckden porque ela reclamou que era úmido. Kimbolton é uma excelente mansão.

— Ah, o senhor diz isso porque ela tem paredes espessas e um fosso enorme. — O cheiro de mel e canela se eleva na sala, galhos crepitam na lareira, e os troncos verdes que decoram o salão exalam seu próprio aroma resinoso. — E a princesa Mary está doente.

— Ah, Lady Mary vive doente.

— Mais um motivo para cuidar dela! — Mas Chapuys abrandava seu tom. — Se a mãe pudesse vê-la, seria um grande conforto para ambas.

— Muito conforto para seus planos de fuga.  
— O senhor é um homem sem coração. — Chapuys beberica seu vinho. — Sabe, o imperador está pronto para se tornar seu amigo.  
— Uma pausa, carregada de significado; nela, o embaixador suspira.  
— Correm boatos de que *La Ana* está desesperada. Que Henrique está procurando outra dama.

Ele respira fundo e começa a falar. Henrique não tem tempo para outras mulheres. Está muito ocupado contando seu dinheiro. O rei se torna cada vez mais fechado, não quer que o Parlamento conheça sua renda. Tenho dificuldade de convencê-lo a entregar qualquer quantia para as universidades, ou de pagar aos construtores, ou mesmo doar aos pobres. Ele só pensa em canhões. Munições. Construção de navios. Torres. Fortalezas.

Chapuys entorta a boca em desgosto. Ele sabe quando lhe jogam um anzol; se não soubesse, onde estaria o prazer nisso?

— Então eu devo dizer ao meu amo, devo dizer que o rei da Inglaterra está tão obcecado pela guerra que não tem tempo para o amor?

— Não haverá guerra alguma, a não ser que seu senhor a declare. Coisa que, com os turcos em seus calcanhares, ele tem pouco tempo para fazer. Ah, mas eu sei que os cofres dele não têm fundos. O imperador poderia arruinar a todos nós se quisesse. — Ele sorri. — Mas que bem isso faria a ele?

O destino dos povos se decide dessa maneira, dois homens em pequenas salas. Esqueça as coroações, os conchaves de cardeais, a pompa e as procissões. É assim que o mundo se transforma: um cálculo empurrado sobre a mesa, um golpe de pena que altera a força de uma frase, um suspiro da mulher que passa e deixa no ar uma trilha de flor de laranjeira ou água de rosas; sua mão fechando os cortinados do leito, o sussurro suave de pele contra pele. O rei — senhor das generalidades — agora deve aprender a trabalhar com os detalhes, conduzido por uma ambição inteligente. Como filho de seu prudente pai, ele conhece todas as famílias da Inglaterra e o que elas possuem. Ele tem registrados seus domínios em sua cabeça, até o último bosque e curso d'água. Agora que os bens da Igreja estarão sob seu controle, ele precisa conhecer seu valor. A lei que dita quem

possui o quê — a lei geral — acumulou uma complexidade parasitária — é como um navio coberto de cracas, um teto escorregadio com limo. Mas há suficientes advogados, e quanta habilidade é preciso para fazer uma raspagem como ordenado? Os ingleses podem ser supersticiosos, podem ter medo do futuro, talvez não saibam o que é a Inglaterra; mas suas habilidades de somar e subtrair não são pequenas. Westminster tem mil penas em ação, mas ele acredita que Henrique necessitará de novos homens, novas estruturas, novo pensamento. Enquanto isso, ele, Cromwell, põe seus comissários na estrada. Valor *ecclesiasticus*. Eu o estimarei dentro de seis meses, ele diz. Tal procedimento jamais foi tentado antes, é verdade, mas ele já fez muitas coisas com que ninguém jamais sonhou.

Um dia, no começo da primavera, ele retorna enregelado a Westminster. Seu rosto dói, como se seus ossos estivessem expostos ao clima, e insistente em sua lembrança está aquele dia em que Walter o esmurrou sobre as pedras do pátio: sua visão lateral da bota dele. Ele deseja voltar a Austin Friars, pois mandou instalar fornos e toda a casa fica quente; a casa da Chancery Lane só é cálida em certos cômodos. Ademais, ele quer estar atrás de suas paredes.

Richard diz:

— Seus dias de 18 horas não podem continuar para sempre, senhor.

— O cardeal vivia assim.

Naquela noite, em seu sono, ele viaja a Kent. Ele está examinando as contas da Abadia de Bayham, que será fechada por ordem de Wolsey. Pairando acima dele, os rostos hostis dos monges o levam a praguejar e dizer a Rafe, embale e carregue estes livros contábeis na mula, vamos examiná-los no jantar com uma taça de Borgonha branco. É alto verão. Na sela do cavalo, com a mula marchando em seu rastro, eles escolhem uma rota através dos vinhedos abandonados do monastério, penetrando a trilha em um sombreado silvestre, um côncavo verde de largas folhas no fundo do vale. Ele diz a Rafe, somos como duas lagartas deslizando sobre uma salada. Eles saem para uma enchente de luz solar, e diante

deles se ergue a torre do Castelo Scotney: suas paredes de arenito, ouro pontilhado de cinza, cintilam acima do fosso.

Ele acorda. Ele sonhou com Kent, ou esteve lá? Ainda sente as ondas de luz solar em sua pele. Ele chama Christophe.

Nada acontece. Ele ainda está deitado. Ninguém chega. É cedo: nenhum ruído no andar de baixo da casa. As janelas estão fechadas, e as estrelas se esforçam para entrar, abrindo passagem com pontas de aço entre as lascas de madeira. Ele pensa que na verdade não chamou Christophe, apenas sonhou que chamou.

Os muitos tutores de Gregory o presenteiam com um maço de contas. O cardeal está parado aos pés da cama, usando seu traje pontifical completo. O cardeal se transforma em Christophe, abrindo as janelas, movendo-se contra a luz.

— Está com febre, senhor?

De uma maneira ou de outra, ele sempre sabe, não? Eu tenho que fazer tudo, saber de tudo?

— Ah, é a febre italiana — ele responde, como se isso a descontasse.

— Então deveríamos chamar um médico italiano? — Christophe soa dúbio.

Rafe está aqui. Toda a casa está aqui. Charles Brandon está aqui, e ele crê que o duque é real, até que Morgan Williams, que está morto, entra, e William Tyndale, que está na Câmara Inglesa na Antuérpia e não ousa se afastar. Das escadas, ele ouve o eficiente e mortífero estampido das pontas de aço nas botas de seu pai.

Richard Cromwell berra, podemos fazer silêncio aqui? Quando ele berra, soa galês; ele pensa, eu não teria percebido isso num dia comum. Ele fecha os olhos. Damas se movem por trás de suas pálpebras: transparentes como pequenos lagartos, estalando suas caudas. As rainhas-serpentes da Inglaterra, de presas negras, altivas, arrastando seus linhos ensanguentados e as saias crepitantes. Elas matam e comem suas próprias crias; isto é bem sabido. Elas sugam o tutano de seus filhos mesmo antes do nascimento.

Alguém pergunta se ele deseja se confessar.

— Eu devo?

— Sim, senhor, ou será lembrado como um sectário.

Mas meus pecados são minha força, ele pensa; os pecados que cometi, que outros nem sequer encontraram a oportunidade de cometer. Eu os guardo junto ao peito; eles são meus. Ademais, quando eu for a juízo, pretendo chegar com um memorando na mão: eu direi a meu Criador, tenho cinquenta itens aqui, nada mais.

— Se tenho que confessar, quero Rowland.

O Bispo Lee está em Gales, eles respondem. Isso poderia levar dias.

O Dr. Butts entra, com outros médicos, um enxame deles enviado pelo rei.

— É uma febre que peguei na Itália — explica ele.

— Digamos que seja. — Butts franze a testa para ele.

— Se estou morrendo, tragam-me Gregory. Tenho coisas a dizer a ele. Mas se não estou, não interrompam seus estudos.

— Cromwell — diz Butts —, eu não poderia matá-lo nem se disparasse com um canhão. O mar o recusaria. Um naufrágio o enviaria de volta à costa.

Eles falam sobre seu coração; ele entreouve. Ele sente que não deveriam: o livro de meu coração é um livro particular, não é um livro de ordens deixado num balcão para os rascunhos de qualquer secretário. Eles lhe dão uma poção para engolir. Pouco depois, ele retorna aos livros contábeis. Os contornos continuam deslizando e os números se mesclando e, assim que ele consegue somar uma coluna, o total se desfaz e todo o sentido é subtraído. Mas ele segue tentando, tentando, somando, somando, até que o veneno ou a poção curativa solta o punho e ele acorda. As páginas dos livros ainda pairam diante de seus olhos. Butts pensa que ele está repousando como ordenado, mas, na privacidade de sua mente, pequenas figuras de pauzinhos com pernas e braços de tinta saltam dos livros e passeiam ao redor. Eles levam lenha para a fornalha da cozinha, mas a carne que chega atada para o corte se transforma novamente em cervos, que se coçam inocentemente nas cascas das árvores. As cotovias do fricassê tornam a se cobrir de plumas, saltitando de volta aos galhos ainda não cortados para lenha, e o mel das caldas voltou mais uma vez à abelha, e a abelha retornou à

colmeia. Ele pode ouvir os sons da casa abaixo, mas é alguma outra casa, em outro país: o tilintar de moedas trocando de mãos, e o arrastar de baús de madeira sobre um chão de pedras. Ele ouve sua própria voz, contando alguma história no dialeto da Toscana, no de Putney, no francês de campanha e no latim de um bárbaro. Talvez seja Utopia? No centro daquele lugar, que é uma ilha, há um lugar chamado Amauroto, a Cidade dos Sonhos.

Ele está exausto do esforço de decifrar o mundo. Exausto do esforço de sorrir ao inimigo.

Thomas Avery chega da contadoria. Ele se senta a seu lado e segura sua mão. Hugh Latimer chega e lê salmos. Cranmer aparece e o observa, dubio. Talvez ele tema que, em sua febre, ele pergunte, como anda sua esposa Grete estes dias?

Christophe lhe diz:

— Eu gostaria que seu velho amo, o cardeal, estivesse aqui para confortá-lo, senhor. Ele era um homem amável.

— O que sabe sobre ele?

— Eu roubei dele, senhor. Não sabia? Eu roubei suas baixelas de ouro.

Ele luta para se soerguer.

— Christophe? Você era o menino em Compiègne?

— Certamente era eu. Subindo e descendo as escadas com baldes de água quente para o banho, e a cada vez uma taça de ouro descia no balde vazio. Sinto por ter roubado dele, pois ele era tão gentil. “Ora, você de novo com seu baldinho, Fabrice?” O senhor deve compreender que Fabrice era meu nome em Compiègne. “Deem uma janta a esta pobre criança”, ele dizia. Eu provei abricós, que nunca tinha experimentado antes.

— Mas eles não o pegaram?

— Meu patrão foi pego, um grande ladrão. Eles o marcaram. Houve muito lamento e choro. Mas, está vendo, senhor, eu era destinado a fortuna maior.

Eu recordo, ele diz, recordo Calais, os alquimistas, a máquina da memória.

— Guido Camilo a está construindo para Francisco, para que ele seja o rei mais sábio do mundo, mas o tonto nunca aprenderá a usá-

la.

Isso é fantasia, exclama Butts, a febre está subindo, mas Christophe responde, não, eu lhe garanto, há um homem de Paris que construiu uma estrutura. É uma construção, mas está viva. Todo o volume é forrado com pequenas prateleiras. Nessas prateleiras se encontram certos pergaminhos, fragmentos de escrita, em essência funcionam como chaves, que levam a uma caixa que contém uma chave que contém outra chave, mas estas chaves não são feitas de metal, e estas caixas entremeadas também não são feitas de madeira.

E o que mais, cara de sapo?, pergunta alguém.

Elas são feitas de espírito. São aquilo que nos restará se todos os livros forem queimados. Elas nos permitirão recordar não apenas o passado, mas o futuro, e ver todas as formas e costumes que um dia habitarão a terra.

Butts comenta, ele está ardendo. Ele pensa no Pequeno Bilney, como ele pôs a mão sobre uma vela na noite anterior à sua morte, testando a dor. A vela queimou sua pele enrugada; na noite, ele gemera como uma criança e lambeu sua mão ardida, e pela manhã os conselheiros da cidade de Norwich o arrastaram à arena onde seus antepassados queimaram lollardistas. Mesmo quando seu rosto foi consumido pelas chamas, ainda colocavam diante dele os emblemas e as bandeiras do papado: seu tecido foi chamuscado e as franjas pegaram fogo, suas órbitas de olhos vazios se ressequiram como arenques e se encarquilharam na fumaça.

Ele pede, polidamente e em diversas línguas, por água. Não muito, diz Butts, pouco a pouco. Ele ouviu falar de uma ilha chamada Ormuz, o reino mais seco do mundo, onde não há nenhuma árvore, nenhuma plantação, apenas sal. Colocando-se no centro, você vê mais de 50 quilômetros em todas as direções da cinzenta planície: para além fica a linha do mar, cravejada de pérolas.

Sua filha Grace vem à noite. Ela traz sua própria luz emaranhada entre os cabelos brilhantes. Ela o observa, firme, os olhos fixos, até que chega a manhã, e, quando eles abrem as janelas, as estrelas estão sumindo e o sol e a lua se veem juntos num céu pálido.

Uma semana passa. Ele fica melhor e deseja que lhe tragam seu trabalho, mas os médicos proíbem. Como o trabalho pode andar?, ele pergunta, e Richard responde, senhor, nos treinou a todos, e somos seus discípulos, criou uma máquina de pensar que marcha em frente como se tivesse vida, e não precisa supervisioná-la a cada minuto de cada dia.

Mesmo assim, replica Christophe, dizem que *le roi* Henri está gemendo como se ele mesmo sentisse dor: ah, onde está Cremuel?

Chega uma mensagem. Henrique mandou dizer, estou chegando em visita, é uma febre italiana, portanto tenho certeza de que não a contrairei.

Ele mal pode acreditar. Henrique fugiu de Ana quando ela teve os suores, mesmo no ápice de seu amor por ela.

Ele diz, mandem Thurston subir. Eles o mantiveram numa dieta leve, comida de inválido, como carne de peru. Agora, ele diz, vamos planejar — o quê? — um leitão, recheado e assado da forma como certa vez vi feito num banquete papal. Precisarás de frango desfiado, toucinho e um fígado de cabra, picadinhos. Precisarás de sementes de funcho, manjeriço, menta, gengibre, manteiga, açúcar, nozes, ovos de galinha e um pouco de açafrão. Algumas pessoas colocam queijo, mas não fazemos o tipo correto aqui em Londres, e eu pessoalmente acho desnecessário. Se tiver dúvida quanto a alguma destas coisas, mande buscar o cozinheiro de Bonvisi, ele lhe dará instruções.

Ele continua:

— Mandem mensagem a meu vizinho prior George, diga-lhe que conserve seus freis fora das ruas quando da visita do rei, senão ele os reformará mais cedo que o devido.

Ele sente que todo o processo deveria andar mui vagarosamente, para que o povo veja a justiça contida nele; não há necessidade de chutar os religiosos para o olho da rua. Para sua ordem, os frades que vivem plantados diante de seus portões são uma desgraça, mas para ele são bons vizinhos. Eles cedem seu refeitório, e das janelas de suas câmaras à noite chega o som de alegres ceias. Todos os dias é possível encontrar um monte deles bebendo no Poço dos Dois Baldes, logo do lado de fora de seus



portões. A abadia se assemelha mais a um mercado, e a um açougue também. O distrito é repleto de jovens solteiros das casas comerciais italianas, servindo seu ano em Londres; muitas vezes ele os recebe e, quando eles deixam sua mesa (drenados de informações comerciais), ele sabe que os jovens correrão aos edifícios dos freis, onde audazes garotas de Londres se abrigam da chuva e esperam para negociar termos amigáveis.

É 17 de abril quando o rei faz sua visita. Ao alvorecer, há enxurradas. Por volta das dez horas, o ar está úmido como soro de leite. Ele já está fora da cama, sentado numa cadeira, da qual se ergue. Meu querido Cromwell: Henrique o beija com firmeza em ambas as faces, tomando-o pelos braços e (se ele imaginava ser o único homem forte do reino) decididamente colocando-o novamente em sua cadeira.

— Sente-se aí e não argumente comigo — diz Henrique. — Uma vez na vida, não argumente comigo, senhor secretário.

As damas da casa, Mercy e a cunhada Johane, estão arrumadas como madonas de Walsingham num dia de festa. Elas fazem uma profunda mesura, e Henrique desfila acima delas, vestido informalmente, casaca de brocados de prata, vasto colar de ouro sobre o peito, punhos refulgentes com esmeraldas da Índia. Ele não dominou por completo as relações familiares, e ninguém pode culpá-lo por isso.

— É a irmã do senhor secretário? — indaga Henrique a Johane. — Não, perdoe-me. Agora recordo que perdeu sua irmã Bet na mesma época em que minha adorada irmã pereceu.

É uma frase tão simples e humana, partindo de um rei; à menção de sua mais recente perda, lágrimas se acumulam nos olhos das duas mulheres, e Henrique, voltando-se a uma delas, e depois à outra, capta as gotas de suas faces com um cuidadoso indicador, e as estimula a sorrir. Ele rodopia as jovens noivas Alice e Jo como se fossem borboletas, e as beija na boca, dizendo que gostaria de tê-las conhecido quando era um rapaz.

— A triste verdade é; quanto mais envelhecemos, mais lindas ficam as mocinhas. Não nota, senhor secretário?

— Então, fazer 80 anos terá suas vantagens — responde ele. — Qualquer prostituta será uma pérola.

Mercy diz ao rei, como se conversasse com um vizinho: desista, Majestade, o senhor não tem essa idade toda. Henrique abre os braços e se exhibe para a família:

— Quarenta e cinco em julho.

Ele nota o silêncio incrédulo, que cumpre a tarefa: Henrique está lisonjeado.

O rei caminha no ambiente, observa todas as pinturas e pergunta quem são aquelas pessoas. Ele admira Anselma, a rainha de Sabá, na parede. E provoca risos ao pegar Bella e lhe falar no atroz francês de Honor Lisle.

— Lady Lisle enviou à rainha uma criatura ainda menor. Ele torce a cabeça para um lado e suas orelhas se eriçam, como se dissesse, por que está falando comigo? E assim ela o chama de Pourquoi. — Quando ele fala de Ana, sua voz exprime um sentimento verdadeiramente terno: como um mel claro. As mulheres sorriem, satisfeitas por verem seu rei dando tal exemplo — Você o conhece, Cromwell, já viu o cão nos braços de Ana. Ela o carrega para todo lado. Às vezes — e agora ele assente seriamente —, acho que ela o ama mais que a mim. Sim, venho em segundo lugar depois do cãozinho.

Ele continua sentado, sorrindo, sem apetite, observando enquanto Henrique come das baixelas de prata projetadas por Hans.

Henrique fala gentilmente a Richard, chamando-o de primo. O rei sinaliza para que Richard fique por perto enquanto ele conversa com seu conselheiro, e para que os outros recuem um pouco. E se o rei Francisco isto ou aquilo, eu deveria cruzar o mar pessoalmente para costurar alguma espécie de acordo, você faria a viagem pessoalmente quando estivesse restabelecido? E se os irlandeses, e se os escoceses, e se tudo fugir ao controle e tivermos guerras como na Alemanha e camponeses coroados a si mesmos, e se estes falsos profetas, e se Carlos me derrubar e Catarina tomar o campo, ela tem

temperamento combativo e o povo a adora, Deus sabe por que razão, pois eu não sei.

Se isto acontecer, ele responde, eu estarei longe desta cadeira e tomando o campo com minha própria espada em punho.

Uma vez que o rei desfrutou de seu jantar, ele se senta junto ao conselheiro e fala discretamente sobre si mesmo. O fresco e chuvoso dia de abril lhe traz à mente o dia em que seu pai morreu. Henrique fala de sua infância: eu vivia no palácio de Eltham, tinha um bobo chamado Ganso. Quando fiz 7 anos, os rebeldes córnicos chegaram, liderados por um gigante, lembra-se disso? Meu pai me mandou à Torre para me salvar. Eu dizia, deixem-me sair, eu quero lutar! Eu não tinha medo de um gigante do oeste, mas tinha pavor de minha avó, Margaret Beaufort, pois seu rosto era como uma máscara mortuária, e sua mão em meu pulso era como a mão de um esqueleto.

Quando éramos jovens, prossegue o rei, sempre nos diziam, sua avó deu à luz ao rei seu pai quando era uma criaturinha de 13 anos. Seu passado era como uma espada que ela mantinha erguida sobre nossas cabeças. O que é isso, Henrique, rindo na Quaresma? Quando eu, poucos anos mais velha que você, dava à luz um Tudor? O que é isso, Henrique, está dançando, que é isso, Henrique, brincando com bola? A vida dela era apenas dever. Ela mantinha 12 miseráveis em sua casa em Woking e uma vez mandou que eu me ajoelhasse com uma bacia e lavasse seus pés amarelos; ela teve sorte porque não vomitei neles. Minha avó tinha por hábito começar as preces a cada manhã às cinco horas. Quando se ajoelhava no genuflexório, ela gemia pelas dores em seus joelhos. E sempre que havia uma celebração, um casamento ou nascimento, um passatempo ou ocasião de festa, sabe o que ela fazia? A cada vez? Sem falta? Ela chorava.

E com ela, tudo girava em torno do príncipe Arthur. Sua estrela-guia e seu santo de devoção.

— Quando me tornei rei em lugar dele, ela se prostrou e morreu, por ressentimento. E em seu leito de morte, sabe o que ela me disse? — Henrique bufa. — Obedeça ao bispo Fisher em todas as coisas! Uma pena que ela não tenha dito a Fisher para me obedecer!

Quando o rei parte com seus cavalheiros, Johane chega para se sentar junto a ele. Eles conversam em voz baixa; embora tudo seja próprio para ser entreouvido.

— Bem, tudo correu tranquilamente.

— Temos que mandar um presente às cozinhas.

— Toda a casa se portou bem. Fico feliz por tê-lo visto.

— Ele é o que você esperava?

— Não o imaginava tão carinhoso. Entendo por que Catarina lutou tão bravamente por ele. Isto é, não apenas para ser rainha, que ela pensa ser direito seu, mas para tê-lo como esposo. Eu diria que ele é um homem bastante apto a ser amado.

Alice se intromete.

— Quarenta e cinco! Eu achei que ele era mais velho que isso!

— Você teria caído na cama dele por um punhado de granadas — zomba Jo. — Você mesma falou.

— Bem, e você por licenças de exportação.

— Parem com isso! — ordena ele. — Meninas! Imaginem se seus maridos as ouvissem!

— Nossos noivos sabem o que nós somos — responde Jo. — Somos umas criaturas cheias de si, não? Ninguém vem a Austin Friars procurando por tímidas serviçais. Eu me pergunto por que nosso tio não nos entrega armas.

— Os costumes me impedem. Caso contrário, eu mandaria as duas à Irlanda.

Johane observa a saída ruidosa das jovens. Quando elas estão fora do alcance da voz, ela olha sobre o ombro e murmura, você não dará crédito ao que vou dizer agora.

— Experimente.

— Henrique tem medo de você.

Ele balança a cabeça. Quem assustaria o Leão da Inglaterra?

— Sim, eu juro. Você deveria ter visto o rosto dele, quando disse que empunharia sua espada.

O duque de Norfolk chega para visitá-lo, tilintando desde o jardim onde seus criados seguram seu cavalo plumado.

— Fígado, hein? Meu fígado está em pedaços. E meus músculos vêm piorando nestes últimos cinco anos. Olhe para isso! — Ele mostra uma garra. — Eu tentei todos os médicos do reino, mas eles não sabem o que me aflige. Entretanto, nunca falham em me mandar suas contas.

Ele não tem sombra de dúvida de que Norfolk jamais pagaria por algo tão trivial quanto uma conta de médico.

— E as cólicas e diarreias — prossegue o duque — tornam minha vida mortal um Purgatório. Às vezes passo a noite inteira numa latrina.

— Sua Graça deveria levar a vida com mais tranquilidade — comenta Rafe. E não engolindo sua comida num segundo, ele quer dizer. E não correndo por aí numa urgência de cavalo mensageiro.

— Eu pretendo, acredite. Minha sobrinha deixa claro que não deseja nada de minha companhia e nenhum de meus conselhos. Eu me recolho à minha casa em Kenninghall, e Henrique pode me encontrar lá se tem necessidade de mim. Deus o recupere, Secretário. São Guálter é bom, ouvi dizer, quando um trabalho o consome demais. E São Ubaldo contra dor de cabeça, ele resolve o problema para mim. — Norfolk tasteia dentro da casaca. — Eu lhe trouxe uma medalha. Abençoada pelo papa. Perdão, o bispo de Roma. — Ele deixa o objeto sobre a mesa. — Imaginei que o senhor provavelmente não tem uma.

Ele se retira. Rafe pega a medalha.

— Deve estar amaldiçoada.

Nas escadas, ouvem o duque, a voz erguida, queixosa:

— Pensei que ele estava quase morto! Eles me disseram que ele estava quase morto...

Ele diz a Rafe:

— Acompanhe-o até a saída.

Rafe sorri.

— Suffolk também.

Henrique jamais perdoou a multa de 50 mil libras que impôs quando Suffolk se casou com sua irmã. De tempos em tempos ele recorda, e este é um desses tempos; Brandon teve de entregar suas

terras em Oxfordshire e Berkshire para pagar suas dívidas, e agora ele conserva pequenas propriedades no campo.

Cromwell fecha os olhos. É uma bênção imaginar, dois duques fugindo dele.

Seu vizinho Chapuys entra.

— Eu disse a meu amo em despachos que o rei o visitou. Meu amo fica impressionado que o rei visite uma casa particular, de alguém que nem sequer é um lorde. Mas eu disse a ele, o senhor deveria ver o trabalho que ele consegue de Cromwell.

— O imperador deveria ter um criado assim — ele responde. — Mas Eustache, você é um velho hipócrita, sabe? Você dançaria no meu túmulo.

— Meu querido Thomas, o senhor é sempre o único oponente.

Thomas Avery contrabandeia para ele o livro de enigmas do xadrez de Luca Pacioli. Logo ele já tem todas as charadas desvendadas e já desenhou alguns enigmas próprios nas páginas em branco do final. Suas cartas são trazidas e ele revisa a última rodada de desastres. Dizem que o alfaiate de Munster, o rei de Jerusalém com 16 esposas, teve uma briga com uma delas e cortou fora sua cabeça na praça do mercado.

Ele ressurge no mundo. Derrube-o e ele se levantará. A morte fez uma visita para inspecioná-lo, mediu-o, bafejou em seu rosto: por algum tempo, ele se sente leve, não mais ancorado ao mundo, cada dia fervilhando de possibilidades. Os Bolena o parabenizam entusiasticamente por seu retorno à saúde, e deveriam mesmo, pois, sem ele, como seriam o que agora são? Quando se encontram, Cranmer não para de se inclinar para lhe dar tapinhas nos ombros e apertar sua mão.

Durante sua convalescença, o rei cortou o cabelo. Henrique usa o corte para disfarçar sua crescente calvície, embora não dê certo, não mesmo. Seus leais conselheiros fizeram o mesmo, e logo o estilo se torna uma marca de lealdade entre eles.

— Por Deus, senhor — comenta Wriothsesley — se eu não tinha medo de você antes, eu tenho agora.

— Mas Me-Chame — ele responde —, você já tinha medo de mim antes.

Não há mudança no aspecto de Richard; comprometido com a arena de justas, ele mantém o cabelo curto para caber sob um capacete. O Sr. Wriothsesley tosado parece mais inteligente, como se isso fosse possível, e Rafe mais determinado e alerta. Richard Riche perdeu os vestígios de rapaz que lhe restavam. O grande rosto de Suffolk adquiriu uma estranha inocência. Monsenhor parece enganosamente ascético. Quanto a Norfolk, ninguém nota a mudança.

— Que tipo de cabelo ele tinha antes? — pergunta Rafe.

Mechas de cinza-ferro fortificam seu couro cabeludo, como se instaladas por um engenheiro militar.

A moda se espalha pelo país. Quando Rowland Lee irrompe na Casa do Arquivo, ele pensa que uma bala de canhão foi disparada em sua direção. Os olhos de seu filho parecem grandes e calmos, uma tranquila cor dourada. Sua mãe teria chorado por seus cachos de menino, ele diz, esfregando a cabeça do rapaz com afeto. Gregory responde:

— Teria mesmo? Eu mal me lembro dela.

Quando abril acaba, quatro monges são postos em julgamento por traição. O juramento lhes foi repetidamente oferecido, e recusado. Faz um ano que a Donzela foi executada. O rei mostrou clemência aos seguidores de Elizabeth Barton; agora, ele não tem a mesma disposição. É na Charterhouse de Londres que o delito se origina, aquela casa austera de homens que dormem sobre palha; foi lá que Thomas More testou sua vocação, antes que lhe fosse revelado que o mundo necessitava de seus talentos. Ele, Cromwell, visitou a casa, assim como visitou a comunidade recalcitrante de Syon. Ele falou delicadamente, falou rispidamente, ameaçou e bajulou; enviou clérigos eruditos para argumentar em prol do rei, entrevistou membros insatisfeitos da comunidade e os colocou para trabalhar contra seus irmãos. Tudo em vão. A resposta que deram foi: vão embora, vão embora e deixem-nos com nossa morte santificada.

Se eles acham que conservarão a tranquilidade de suas vidas de preces até o fim, estão enganados, pois a lei exige pena total por

traição, a breve passagem pela força e a meticulosa estripação pública, com um braseiro aceso para receber as entranhas humanas. É a mais horrível de todas as mortes, dor e fúria e humilhação tragados até a borra, o medo tão grande que o mais forte dos rebeldes se emascula antes mesmo que o executor faça o trabalho com a faca; antes de morrer, o condenado vê seus companheiros e, desvencilhado do laço, rasteja em círculos sobre as tábuas ensanguentadas, como um animal.

Wiltshire e George Bolena devem representar o rei no espetáculo, e também Norfolk, que, resmungando, foi arrastado do campo e instruído a se preparar para uma embaixada na França. Henrique pensa em assistir pessoalmente à morte dos monges, pois a corte usará máscaras, aproximando-se no alto de seus cavalos entre os oficiais e o populacho esfarrapado, que aparece às centenas para ver qualquer destes espetáculos. Mas a corpulência do rei dificulta seu disfarce, e ele teme que haja demonstrações em prol de Catarina, ainda uma favorita entre a porção mais ofensiva de todas as aglomerações. O jovem Richmond comparecerá em meu lugar, decide o pai; um dia ele talvez tenha que defender, em batalha, o título de sua meio-irmã, e portanto será útil para ele aprender as visões e sons da matança.

O rapaz o procura à noite, com as mortes programadas para o dia seguinte.

— Bom secretário, assumo meu lugar.

— O senhor tomará o meu, em minha reunião matinal com o rei?

— Ele sugere, firme e agradável: — Pense no caso desta forma; se Vossa Alteza alegar náuseas, ou cair de seu cavalo amanhã, ou vomitar diante de seu sogro, ele jamais deixará que esqueça. Se quer que ele lhe permita partilhar a cama com sua noiva, prove que é um homem. Conserve os olhos no duque, e espelhe sua conduta na dele.

Entretanto, o próprio Norfolk o procura quando a execução acaba.

— Cromwell, eu juro por minha vida que um dos monges falou quando seu coração já tinha sido arrancado. Jesus, ele chamava, Jesus, salve-nos, pobres ingleses.



— Não, meu senhor. Não é possível que ele tenha feito isso.

— Tem certeza absoluta?

— Eu sei por vasta experiência.

O duque se retrai. Deixe que ele pense que meus feitos passados incluem corações arrancados.

— Deve ter sido uma voz da multidão.

\*\*\*

Na noite anterior ao encontro dos monges com seu fim, ele assinou um salvo-conduto para Margaret Roper, o primeiro em meses. Claro, ele pensou, para que Meg esteja com o pai quando os traidores forem levados para suas mortes; ela certamente cederá em sua resolução, e dirá a seu pai, agora basta, o rei está dando asas à sua veia mortífera, o senhor deve prestar o juramento como eu prestei. Faça um protesto mental, cruze os dedos às costas; simplesmente mande chamar Cromwell ou qualquer funcionário do rei, diga as palavras, vá para casa.

Mas a tática falhou. Meg e o pai se plantaram de olhos secos numa janela quando os traidores foram levados, ainda em seus hábitos, em sua jornada a Tyburn. Sempre esqueço, ele reflete, como More não tem piedade de si, e tampouco se apieda dos outros. Já que eu teria protegido minhas próprias meninas de uma visão desta natureza, imaginei que ele também o faria. Mas ele usa Meg para fortalecer sua decisão. Se ela não cede, ele também não pode; e ela não cederá.

No dia seguinte, ele vai visitar More pessoalmente. A chuva se espatifa e sibila nas pedras do chão; muros e água são indistintos e, correndo por cantos estreitos, um vento uiva como uma corrente de inverno. Quando se desvencilha de sua capa molhada, ele papeia com o carcereiro Martin, ouvindo notícias da esposa e do novo bebê. Como o encontrarei?, ele finalmente indaga, e Martin responde, já notou como ele tem um ombro para cima e outro para baixo?

É consequência do excesso de escrita, ele responde. Um ombro na mesa, o outro caído. Bem, não importa, responde Martin: ele

parece um corcundinha talhado na ponta de um banco.

More tem uma barba crescida; está com a mesma aparência que se imagina nos profetas de Münster; mas ele odiaria a comparação.

— Secretário-mor, como o rei recebe as notícias do exterior? Dizem que as tropas do imperador estão em marcha.

— Sim, mas para Túnis, creio. — Ele lança um olhar à chuva. — Se fosse o imperador, não escolheria Túnis, em vez de Londres? Veja bem, eu não vim para discutir. Vim apenas para ver se está confortável.

More responde:

— Ouvi dizer que você fez meu bobo prestar juramento, Henry Pattinson. — Ele ri.

— Enquanto isso, os homens que morreram ontem seguiram seu exemplo, e se recusaram a jurar.

— Deixe-me esclarecer. Eu não sou exemplo. Sou apenas quem sou, só. Eu não digo nada contra o ato. Nada digo contra os homens que o redigiram. Nada digo contra o juramento, ou contra qualquer homem que o presta.

— Ah, sim — ele se senta no baú onde More guarda suas posses —, mas tudo o que não diz, não serve para um júri, sabia? Se o caso for levado a júri.

— Veio para me ameaçar.

— As proezas militares do imperador reduzem a paciência do rei. Ele pretende enviar-lhe uma comissão, que exigirá uma resposta direta quanto ao título de Henrique.

— Ah, estou seguro de que seus amigos serão ótimos comigo. Lorde Audley? E Richard Riche? Ouça. Desde que cheguei aqui, tenho-me preparado para minha morte, em suas mãos... Sim, suas, ou nas mãos da natureza. Tudo que peço é paz e silêncio para minhas preces.

— Quer ser um mártir.

— Não, o que quero é ir para casa. Estou fraco, Thomas. Sou fraco como todo mundo. Quero que o rei me tome como seu criado, seu súdito afetuoso, como jamais deixei de ser.

— Nunca compreendi onde se delimita a fronteira entre sacrifício e autodestruição.

— Cristo a delimitou.

— Não vê nada errado nesta comparação?

Silêncio. A qualidade estrondosa e combativa do silêncio de Thomas More, que ricocheteia pelas paredes. More diz que ama a Inglaterra, e que teme que todo o país seja condenado. Ele oferece algum tipo de barganha ao seu Deus, um Deus que ama o morticínio:

— É necessário que um homem morra pelo povo.

Bem, ele pensa consigo, só lhe digo o seguinte: barganhe o quanto quiser. Entregue-se ao carrasco, se precisa disso. O povo não quer saber. Hoje é 5 de maio. Em dois dias, a comissão o visitará. Nós pediremos que se sente e declinará. Ficará de pé diante de nós com cara de padre do deserto, e nós confortavelmente abrigados contra o frescor do verão. Eu direi o que sempre digo. O senhor dirá o que sempre diz. E talvez eu reconheça que venceu. Eu partirei e o deixarei, o bom súdito do rei — se é assim que se descreve —, até que sua barba cresça além dos joelhos e as teias de aranhas se enredem diante de seus olhos.

Bem, este era seu plano. Mas os eventos o sobrepujaram. Ele comenta com Richard, em toda a história daquela jurisdição sífilítica, algum maldito bispo de Roma teria agido em momento mais estupidamente inapropriado quanto este? Farnese anunciou que a Inglaterra deve ter um novo cardeal: o bispo Fisher. Henrique está enfurecido. Ele jura que enviará a cabeça de Fisher pelo oceano para encontrar com seu barrete.

Três de junho: ele parte em pessoa para a Torre, com Wiltshire em prol dos interesses dos Bolena, e Charles Brandon, parecendo pronto para sair para pescar. Riche para tomar notas; Audley para fazer piadas. Está úmido novamente, e Brandon comenta, este deve ser o pior verão da história, não? Sim, ele responde, bom que Sua Majestade não é supersticioso. Eles riem: Suffolk, um tanto incerto.

Alguns disseram que o mundo acabaria em 1533. O ano passado também teve seus adeptos. Por que este ano não? Sempre há alguém pronto para alegar que estes são os últimos dias, e citar o

vizinho como o Anticristo. As notícias de Münster são de que os céus estão caindo rápido. Os sitiados demandam rendição incondicional; os sitiados ameaçam suicídio em massa.

Ele lidera o caminho.

— Cristo, que lugar — comenta Brandon. A umidade estraga seu chapéu. — Não se sentem oprimidos?

— Ah, nós estamos sempre aqui. — Riche dá de ombros. — Para uma coisa ou outra. O secretário-mor é necessário na Casa da Moeda ou na Casa de Joias.

Martin lhes dá passagem. More ergue a cabeça quando eles entram.

— Hoje é sim ou não — ele diz.

— Nem mesmo um bom-dia e como vai... — Alguém deu a More um pente para sua barba. — Bem, o que ouço da Antuérpia? Ouvi dizer que Tyndale foi preso?

— Este não é o ponto — responde o lorde chanceler. — Preste o juramento. Responda sobre o estatuto. É um estatuto legítimo?

— Dizem que ele se perdeu na rua e que os soldados do imperador o capturaram.

Ele indaga friamente:

— Tinha conhecimento prévio?

Tyndale não foi só capturado, foi traído. Alguém o atraiu para fora de seu refúgio, e More sabe quem foi. Ele se imagina, como um segundo eu, participando de outra manhã chuvosa exatamente como esta, em que cruza a sala, arrasta o prisioneiro a seus pés e o espanca até arrancar-lhe o nome de seu agente.

— Ora, vamos, Sua Graça — ele se dirige a Suffolk — está com uma expressão violenta, por favor, mantenha a calma.

Eu?, diz Brandon. Audley ri. More diz:

— O demônio de Tyndale o abandonará agora. O imperador o queimará. E o rei não erguerá um dedo para salvá-lo, pois Tyndale não apoiou seu novo casamento.

— Talvez o senhor creia que ele mostrou bom-senso no caso? — indaga Riche.

— Deve responder — ordena Audley, com suficiente gentileza.

More está agitado, as palavras se atropelando. Ele ignora Audley, falando diretamente a ele.

— Não pode me obrigar a colocar-me em risco. Pois se eu tivesse uma opinião contra seu Ato de Supremacia, o que eu não admito, então seu juramento seria uma faca de dois gumes: eu colocaria meu corpo em risco se dissesse não ao ato, e minha alma se dissesse sim. Portanto, nada digo.

— Quando interrogou homens que julgava heréticos, não permitia evasão. Eram obrigados a falar ou os torturava se eles se negavam. Se eles foram forçados a falar, por que não o senhor?

— Os casos não são os mesmos. Quando eu extraio uma resposta de um herege, tenho todo o corpo da lei ao meu lado, todo o poder da cristandade. O que me ameaça aqui é uma lei em particular, uma única provisão de existência recente, reconhecida aqui, mas em nenhum outro país...

Ele vê Riche fazendo uma anotação. Ele vira o rosto.

— O fim é o mesmo. Fogo para eles. Machado para você.

— Se o rei lhe conceder essa misericórdia — acrescenta Brandon.

More se retrai; ele comprime os dedos sobre o tampo da mesa. Ele nota o gesto, indiferente. Pois então esta é uma forma de instilar nele o medo de uma morte mais prolongada. Mal termina de pensar e já sabe que não vai fazê-lo; é uma ideia infecta.

— Em números, creio que me vence. Mas andou observando um mapa recentemente? A cristandade não é mais o que costumava ser.

Riche diz:

— Senhor secretário, Fisher é mais homem que este prisioneiro diante de nós, pois Fisher discorda e assume as consequências. Sir Thomas, eu acho que seria um traidor às claras, se tivesse coragem.

More responde suavemente:

— Não é verdade. Não cabe a mim impor-me a Deus. Cabe a Deus atrair-me para ele.

— Nós notamos sua obstinação — comenta Audley. — Mas vamos poupá-lo dos métodos que usou com outros. — Ele se põe de pé. — É da vontade do rei que nós façamos o indiciamento e o julgamento.

— Em nome de Deus! Que mal posso causar neste lugar? Eu não faço mal a ninguém. Não digo nada de nocivo. Não penso nada prejudicial. Se isso não é o bastante para manter a vida de um homem...

Ele o interrompe, incrédulo.

— Não faz mal a ninguém? E quanto a Bainham, não se lembra de Bainham? Confiscou seus bens, trancafiou sua pobre esposa na cadeia, viu com seus próprios olhos como ele foi torturado, depois o trancou no calabouço do bispo Stokesley, manteve-o em sua própria casa por dois dias, acorrentado de pé num poste, mandou-o de volta a Stokesley, deu ordens de espancá-lo e humilhá-lo por uma semana, e mesmo assim seu ódio não se exauriu: em seguida, o mandou de volta à Torre e o torturou novamente, e por fim ele tinha o corpo tão devastado que tiveram de carregá-lo numa cadeira quando ele foi levado a Smithfield para ser queimado vivo. E Thomas More diz que não faz mal a ninguém?

Riche começa a recolher os papéis de More da mesa. Há suspeitas de que ele tenha passado cartas a Fisher no andar de cima: o que não é má coisa, se puder ser provada alguma colusão na traição de Fisher. More coloca as mãos sobre os documentos, os dedos abertos; depois dá de ombros, e os entrega.

— Fiquem com eles, se precisam. Já leem tudo que escrevo.

— A menos que saibamos em breve de uma mudança de atitude, ficaremos com sua pena e seus papéis. E seus livros. Mandarei alguém para buscá-los — ele diz.

More parece encolher. Ele morde o lábio.

— Se precisa levá-los, leve agora.

— Que acinte — exclama Suffolk. — O Sr. More nos toma por carregadores?

Ana diz:

— Tudo por minha causa. — Ele faz uma mesura. — Quando finalmente arrancar de More aquilo que tem perturbado sua singular consciência, descobrirá que o cerne de tudo é que ele não dobrará o joelho à minha realeza.

Ela é pequena, branca e furiosa. Longos dedos com pontas que se tocam, dobrando-se para trás; olhos faiscantes.

Antes que prossigam, ele precisa recordar Henrique do desastre do ano anterior; recordá-lo de que o rei nem sempre pode ter a vontade atendida, apenas por pedir. No verão anterior, lorde Dacre, um dos senhores do norte, foi indiciado por traição, acusado de conluio com os escoceses. Por trás da acusação estava a família Clifford, inimigos e rivais históricos dos Dacre; e por trás deles, os Bolena, pois Dacre apoiou a antiga rainha abertamente. O palco foi montado em Westminster Hall, com Norfolk presidindo sobre o júri, como Intendente Geral do Reino, e Dacre a ser julgado, como era seu direito, por vinte outros lordes. E assim... erros foram cometidos. É possível que toda a coisa tenha sido um erro de cálculo, um assunto empurrado com demasiada intensidade e pressa pelos Bolena. É possível que ele tenha errado por não se encarregar pessoalmente da promotoria; ele acreditou que seria melhor colocar-se nos bastidores, pois muitos homens de título o odeiam por ele ser quem é, e até correriam riscos para causar-lhe descontentamento. Ou talvez Norfolk tenha sido o problema, perdendo controle sobre a corte... Quaisquer que tenham sido as razões, as acusações foram retiradas, causando perplexidade e ira ao rei. Dacre foi levado direto à Torre pela guarda do rei, e ele foi mandado para fechar um acordo, que, ele sabia, só podia terminar com Dacre arruinado. Em seu julgamento, Dacre falou por sete horas em sua própria defesa; mas ele, Cromwell, pode falar por uma semana. Dacre admitiu ocultação de traição, um crime menor. Ele comprou o perdão real por 10 mil libras, foi libertado e partiu novamente ao norte, na miséria.

Mas a rainha ficou doente de frustração; ela desejava fazer de Dacre um exemplo. E as relações com a França não estão caminhando segundo sua vontade; alguns dizem que, à menção do nome dela, Francisco de França abafa o riso. Ela suspeita, e com razão, que seu braço direito Cromwell esteja mais interessado na amizade dos príncipes alemães do que numa aliança com a França; mas Ana tem de escolher o momento certo para brigar, e diz que não terá paz até a morte de Fisher, até que More esteja morto.

Assim, ela circula pela sala, agitada, nada régia, e sempre se desviando na direção de Henrique, tocando sua manga, tocando sua mão, e ele a enxota, a cada vez, como se ela fosse uma mosca. Ele assiste. Os dois nunca são o mesmo casal dia após dia: às vezes apaixonados, às vezes gélidos e distantes. Em geral, os namoricos e mimos são o mais doloroso de presenciar.

— Fisher não me causa nenhuma angústia — diz ele —, seu crime está claro. No caso de More... moralmente, nossa causa é impecável. Ninguém duvida da lealdade de More a Roma e seu ódio pelo título de Vossa Majestade como líder da Igreja. Contudo, legalmente, nosso caso é frágil, e More usará de todos os artifícios e procedimentos legais disponíveis. Não será fácil.

Henrique volta à vida num rompante.

— Eu tenho o senhor para fazer o que é fácil? Jesus perdoe minha simplicidade, eu o promovi a um lugar neste reino que ninguém, ninguém de seu berço já deteve em toda a história do país. — Ele baixa a voz. — Acredita que foi por sua beleza pessoal? O encanto de sua presença? Eu o mantenho, Sr. Cromwell, porque é ardiloso como uma sacola de serpentes. Mas não seja uma víbora em meu seio. Conhece minha decisão. Execute-a.

Quando se retira, ele está cômico do silêncio que se instala às suas costas. Ana caminhando para a janela. Henrique olhando para os pés.

Assim, quando Riche entra, trepidando com segredos ainda por revelar, ele está disposto a esmagá-lo como uma mosca, mas logo se controla e, em vez disso, esfrega as mãos: o homem mais satisfeito de Londres.

— Bem, Senhor Bico, confiscou os livros? E como ele está?

— Ele baixou a lona da janela. Eu perguntei por que razão, e ele disse, os bens foram levados, e eu agora estou fechando o negócio.

Ele mal pode tolerar a ideia de More sentado na escuridão.

— Veja, senhor — Riche tem um papel dobrado. — Nós tivemos alguma conversa. Eu anotei.



— Conte-me como foi. — Ele se senta. — Eu sou More. O senhor é Riche. — Riche o encara. — Devo fechar a janela? É melhor representar isto no escuro?

— Eu não pude — explica Riche, hesitante — deixá-lo sem fazer mais uma tentativa...

— Entendido. Tem seu método. Mas por que ele falaria com o senhor, se não falou comigo?

— Porque ele não me dá importância. Ele acha que eu não faço diferença.

— E olhe que é o procurador-geral — diz ele, caçoando.

— Pois bem, estávamos considerando hipóteses.

— Como assim, como se estivessem no Lincoln's Inn após o jantar?

— Para dizer a verdade, eu tive pena dele, senhor. More anseia por conversar e o senhor sabe que ele fala bastante. Eu disse a ele, imagine se o Parlamento passasse um ato dizendo que eu, Richard Riche, serei rei. O senhor não me tomaria por rei? E ele riu.

— Bem, o senhor admite que isto não é provável.

— Então eu o pressionei; ele disse, sim, majestoso Richard, eu assim o tomo, pois o parlamento pode torná-lo rei, e, considerando o que já fizeram, eu não ficaria nada surpreso se acordasse no reino do rei Cromwell, pois se um alfaiate pode ser rei de Jerusalém, imagino que a cria de um ferreiro pode ser rei da Inglaterra.

Riche faz uma pausa: ele está ofendido? Ele sorri.

— Quando eu for rei Cromwell, você será um duque. Bem, vamos direto ao ponto, Bico... ou não há um ponto?

— More disse, bem, o senhor apresentou a hipótese, eu lhe apresentarei uma hipótese mais complexa. Imagine que o Parlamento passasse um ato dizendo que Deus não deveria ser Deus? Eu diria que não teria efeito algum, pois o Parlamento não tem poder para fazer isso. Então More disse, sim, bem, meu jovem, pelo menos consegue reconhecer um absurdo. E ali ele parou, e me pregou um olhar, como se para dizer, agora vamos lidar com o mundo real. Eu disse a ele, eu lhe apresentarei um caso intermediário. O senhor sabe que nosso rei foi nomeado líder da Igreja pelo Parlamento. Por que não segue o voto, como seguiria se

ele me tornasse monarca? E ele respondeu, como se estivesse ensinando a uma criança, os casos não são semelhantes. Pois um é uma jurisdição temporal, e o Parlamento pode fazê-lo. O outro é uma jurisdição espiritual, e é isto que o Parlamento não pode exercer, pois a jurisdição está fora deste reino.

Ele encara Riche.

— Enforque-o por papista.

— Sim, senhor.

— Nós sabemos que é o que ele pensa. Apenas jamais afirmou.

— Ele disse que uma lei mais alta governa este e todos os reinos, e se o Parlamento ultrapassasse a lei de Deus...

— A lei do papa, ele quer dizer... Pois ele julga que são a mesma coisa, ele não pôde negar isto, pôde? Por que ele vive examinando sua consciência, a não ser para verificar noite e dia que está de acordo com a Igreja de Roma? Este é o seu conforto, este é o seu guia. A mim me parece que, se ele nega abertamente ao Parlamento sua autoridade, ele nega ao rei seu título. O que é traição. Mesmo assim — ele dá de ombros —, quão longe nos leva? Podemos mostrar que a negação foi maliciosa? Ele dirá, suponho, que era apenas uma conversa, para passar o tempo. Que você apresentava hipóteses, e que qualquer coisa dita neste âmbito não pode ser usada contra um homem.

— Um júri não compreenderá isso. Eles o obrigarão a declarar o que quis dizer. Afinal, senhor, ele sabia que não se tratava apenas de um debate entre estudantes.

— É verdade. Essas coisas não acontecem na Torre.

Riche lhe oferece o memorando.

— Eu o redigi fielmente, com o máximo de minha lembrança.

— Não tem uma testemunha?

— Eles estavam entrando e saindo, guardando os livros num caixote, ele tinha muitos livros. Não me culpe pelo descuido, senhor, pois como eu poderia saber que ele conversaria sobre qualquer coisa comigo?

— Eu não o culpo. — Ele suspira. — Na verdade, Bico, você é a menina de meus olhos. Confirmaria isso no tribunal?

Duvidoso, Richard assente.

— Diga-me que sim, Richard, ou que não. Vamos deixar tudo bem claro. Se perdermos mais um julgamento, podemos dar adeus a nossos meios de vida. E todo nosso trabalho terá sido em vão.

— Entenda, ele não conseguiu resistir à chance de me criticar — comenta Riche. — More nunca esquecerá o que eu fazia quando rapaz. Ele me usa para prolongar seu sermão. Bem, que ele faça seu próximo sermão no cadafalso.

Na noite da véspera da execução de Fisher, ele visita More. Ele leva consigo uma guarda forte, mas os deixa na câmara externa e entra sozinho.

— Eu me acostumei à janela fechada — diz More, quase alegremente. Não se importa de se sentar na penumbra?

— Não precisa temer o sol. Não há nenhum.

— Wolsey costumava gabar-se de que podia mudar o tempo. — More ri. — É bondade sua visitar-me, Thomas, agora que não temos mais nada a dizer. Ou temos?

— Os guardas virão buscar o bispo Fisher no começo da próxima manhã. Eu temo que eles acordarão você.

— Eu seria um mau cristão se não pudesse manter vigília com Fisher. — Seu sorriso se desfaz. — Ouvi dizer que o rei lhe garantiu misericórdia quanto à forma de sua morte.

— Uma vez que ele é um homem velho e frágil.

More comenta, com ácida doçura:

— Estou fazendo o melhor que posso, sabe? Um homem só pode definhar em seu próprio ritmo.

— Ouça. — Ele estica o braço sobre a mesa, toma a mão do outro e a aperta: com mais força do que pretendia. Meu punho de ferreiro, ele pensa, e vê que More se retrai, sente seus dedos, a pele seca como papel sobre ossos. — Ouça. Quando estiver diante da corte, apele imediatamente à misericórdia do rei.

More indaga, intrigado:

— Que bem isso me traria?

— Ele não é um homem cruel. Sabe disso.

— Sei? Ele não costumava ser. Henrique tinha uma disposição doce. Mas desde então ele modificou as companhias com que se associava.

— Ele é sempre suscetível a um pedido de misericórdia. Eu não prometerei que ele poupará sua vida, uma vez que o juramento não foi prestado. Mas ele pode lhe conceder a mesma clemência dada a Fisher.

— Não é tão importante, o que acontece ao corpo. Eu levei uma vida abençoada em alguns aspectos. Deus foi bom e não me testou. Agora que ele me testa, não posso decepcioná-lo. Eu guardei vigilância sobre meu coração, e nem sempre gostei do que encontrei nele. Se no fim ele terminar nas mãos do carrasco, que seja. Logo depois, estará nas mãos de Deus.

— E me julgaria sentimental, se eu dissesse que não quero vê-lo morto? — Nenhuma resposta. — Não tem medo da dor?

— Ah, sim, tenho muito medo, não sou um homem corajoso e robusto como você, não posso evitar ensaiar em minha cabeça. Mas só sentirei dor por um momento, e Deus não permitirá que eu lembre depois.

— Fico feliz por não ser como o senhor.

— Indubitavelmente. Ou não estaria sentado aqui.

— Eu quero dizer, com uma mente obcecada pelo além-mundo. Percebo que não vê nenhuma possibilidade de melhorar este mundo.

— E o senhor vê?

Quase uma pergunta petulante. Uma rajada de granizo bate contra a janela. Ambos têm um sobressalto; ele se põe de pé, inquieto. Ele preferiria saber o que há lá fora, observar o verão em seus tristes destroços, a se encolher atrás de uma lona e especular quais são os danos.

— Outrora eu tinha toda a esperança — ele pondera. — O mundo me corrompe, acho. Ou talvez seja apenas o clima, que me deprime e me faz pensar como você, que uma pessoa deve recuar ao interior, mais e mais até um mínimo ponto de luz, preservando a alma solitária como uma chama sob um vidro. Os espetáculos de dor e desgraça que vejo à minha volta, a ignorância, os vícios impensados, a pobreza e a falta de esperança, e ah, a chuva: a

chuva que cai sobre a Inglaterra e apodrece os grãos, apaga a luz no olhar de um homem e também a chama do saber, pois quem pode raciocinar quando Oxford é um pântano gigante e Cambridge se inunda rio abaixo, e quem aplicará as leis se os juízes estão nadando para salvar suas vidas? Na semana passada o povo estava em revolta em York. Com o trigo tão escasso, e custando o dobro do ano anterior, por que não se revoltariam? Eu preciso incitar juízes a dar exemplos, suponho, caso contrário todo o norte estará nas ruas com foices e forçado, a quem massacrarão senão uns aos outros? Realmente acredito que eu seria um homem melhor se o clima fosse melhor. Eu seria um homem melhor se vivesse numa nação onde o sol brilhasse e os cidadãos fossem ricos e livres. Se ao menos isso fosse verdade, Sr. More, não teria de orar por mim nem perto do quão intensamente ora.

— Como o senhor fala... — comenta More. Palavras, palavras, apenas palavras. — Eu realmente oro, claro, pelo senhor. Oro com todo meu coração para que veja que está enganado. Quando nos encontrarmos no Céu, como espero que aconteça, todas as nossas diferenças estarão esquecidas. Mas, por hora, não podemos apagá-las apenas com a vontade. Sua tarefa é me matar. A minha é continuar vivo. É meu papel e meu dever. Tudo que possuo é o chão sobre o qual piso, e este chão se chama Thomas More. Se o quer, terá que arrancá-lo de mim. Não pode realmente acreditar que eu o entregaria.

— Precisaré de pena e papel para redigir sua defesa. Eu lhe darei isso.

— Nunca desiste, não é? Não, secretário-mor, minha defesa está aqui em cima — ele toca a testa —, onde se encontra resguardada contra a sua pessoa.

Como é estranha a cela, quão vazia, sem os livros de More: está repleta de sombras.

— Martin, uma vela — ele clama.

— Virá amanhã? Para buscar o bispo?

Ele assente. Embora não vá testemunhar o momento da morte de Fisher. O protocolo dita que os espectadores se ponham de joelhos e tirem os chapéus para marcar a passagem da alma.

Martin traz uma vela num castiçal de agulha.

— Algo mais? — Eles fazem uma pausa enquanto Martin instala o objeto. Quando ele se retira, os dois prosseguem em silêncio: o prisioneiro, curvado, os olhos fixos na chama. Como saber se More começou um silêncio ou se está em preparação para um discurso? Há um silêncio que precede a fala, há outro silêncio que toma o lugar da fala. Não é necessário rompê-lo com uma afirmação, pode ser com uma hesitação: quicá... hipoteticamente falando... se fosse possível... Ele diz:

— Eu o teria deixado, sabe? Para viver sua vida. Para se arrepender de suas matanças. Se eu fosse rei.

A luz enfraquece. É como se o prisioneiro tivesse abandonado a sala, deixando em seu lugar apenas uma forma vaga. Uma brisa agita a chama da vela. A mesa nua entre os dois, vazia agora dos rascunhos inflamados de More, assumiu um aspecto de altar; e para que serve um altar, senão para um sacrifício? More finalmente rompe o silêncio.

— Se, no fim de tudo e depois de meu pedido, se o rei não me conceder, se o rigor total da pena... Thomas, como é feito? Seria de imaginar que, quando a barriga de um homem é rasgada, ele morre pela grande efusão de sangue, mas, ao que parece, não é assim... Eles têm algum implemento especial, que usam para drená-lo enquanto ele está vivo?

— Fico triste em ver que me julga um especialista.

Mas ele não disse a Norfolk, ou praticamente disse, que havia arrancado fora o coração de um homem?

Ele responde:

— É o mistério do executor. O segredo é guardado, para nos causar assombro.

— Que eu seja morto de forma limpa. Não peço nada, só isso. — Oscilando em seu banco, ele tem espasmos, entre um e outro pulsar do coração, dominado pela agitação corporal; ele grita, estremecendo dos pés à cabeça. As mãos tamborilam fracamente sobre o tampo vazio da mesa; e quando ele o deixa — “Martin, entre lá, dê um pouco de vinho a ele” — More ainda está gritando, trepidando, batendo na mesa.

A próxima vez em que o vir será em Westminster Hall.

No dia do julgamento, os rios transbordam das margens; o próprio Tâmis se eleva, borbulhando como algum rio do Inferno, e atira seus destroços sobre os cais.

É Inglaterra contra Roma, ele diz. Os vivos contra os mortos.

Norfolk presidirá. Ele lhe diz como deve ser. As primeiras acusações do indiciamento serão retiradas: elas envolvem uma diversidade de palavras ditas, em uma variedade de épocas, sobre o ato e o juramento, e a conspiração de traição de More com Fisher: cartas foram trocadas entre eles, mas, ao que parece, hoje estão destruídas.

— Em seguida, na quarta acusação, nós ouviremos as provas do Procurador-geral. Bem, Vossa Graça, isto distrairá More, pois ele não pode ver o jovem Riche sem ter uma síncope sobre seus delitos de juventude... — O duque ergue uma sobrancelha. — Bebendo. Brigando. Mulheres. Dados.

Norfolk coça o queixo cerdáceo.

— Já notei, um rapaz de aparência tão tranquila quanto aquele, mas ele realmente vive brigando. Para provar um ponto, vê? Ao passo que, nós, malditos brutamontes, velhos caras de pau, que nascemos com a armadura posta, não precisamos provar coisa alguma.

— Verdade — responde ele. — Somos os mais pacíficos dos homens. Meu amo, por favor, apresente-se agora. Não queremos outro erro como Dacre. Dificilmente sobreviveríamos a isso. As primeiras acusações serão retiradas. Nas seguintes, o júri estará alerta. E eu lhe dei um belo júri.

More enfrentará seus iguais; londrinos, os comerciantes das companhias de libré. São homens experientes, com todos os preconceitos da cidade. Eles já viram o bastante — todos os londrinos viram — da rapacidade e da arrogância da Igreja, e não aceitam de bom grado ouvir que não estão aptos a ler as escrituras em seu próprio idioma. São homens que conhecem More, e já há vinte anos. Eles sabem como More enviuvou Lucy Petyt. Sabem

como ele destruiu o negócio de Monmouth, porque Tyndale se hospedara em sua casa. Sabem como ele colocou espiões em suas casas, entre seus aprendizes, a quem eles tratavam como filhos, entre criados tão familiares e queridos que ouviam as preces de seus amos ao pé da cama todas as noites.

Um dos nomes leva Audley a hesitar.

— John Parnell? Talvez seja interpretado erroneamente. Você sabe que Parnell está atrás de More desde que este o julgou culpado no tribunal de chancelaria...

— Eu conheço o caso. Mas More meteu os pés pelas mãos, ele nem sequer leu os documentos, ocupado demais em escrever uma cartinha de amor a Erasmo ou trancafiar outra pobre alma cristã em seus calabouços de Chelsea. O que deseja, Audley, quer que eu vá a Gales para formar um júri, ou a Cumberland, ou a algum lugar em que eles tenham melhor opinião sobre More? Tenho que me contentar com homens de Londres, e, a menos que eu emposses um tribunal de recém-nascidos, não posso apagar suas memórias.

Audley balança a cabeça.

— Não sei, Cromwell.

— Ah, ele é um sujeito rápido — diz o duque. — Quando Wolsey caiu, eu disse, marquem este aí, ele é um sujeito rápido. Teria de acordar cedo todas as manhãs para estar à frente dele.

Na noite anterior ao julgamento, enquanto ele está revisando documentos em Austin Friars, uma cabeça aparece atrás da porta: uma pequena cabeça castanha de Londres, um crânio de cabelos tosados e um rosto jovem rústico.

— Dick Purser. Pode entrar.

Dick Purser olha em torno na sala. Ele trata dos ferozes cães de guarda que defendem a casa à noite, e jamais esteve naquela sala.

— Venha e sente-se. Não tenha medo. — Ele serve um pouco de vinho ao rapaz, numa taça veneziana que pertencera ao cardeal. — Experimente isso. Wiltshire me enviou, eu mesmo não achei grande coisa.



Dick toma a taça e a remexe perigosamente. O líquido é pálido como um fio de palha ou a luz do verão. Ele toma um gole.

— Senhor, posso acompanhá-lo no julgamento?

— Ainda dói, não? — Dick Purser era o menino que More chicoteou diante de toda a casa em Chelsea, por dizer que a hóstia era um pedaço de pão. Naquela época uma criança, hoje ele não é muito mais que isso; quando chegou a Austin Friars, dizem que chorava em seu sono.

— Arranje para si uma casaca com libré — ele responde. — E lembre-se de lavar as mãos e o rosto pela manhã. Não quero que me envergonhe.

É a palavra “vergonha” que surte efeito no jovem.

— Eu pouco me importei com a dor — explica ele. — Com todo respeito, senhor, todos sofremos o mesmo, quando não pior, de nossos pais.

— Verdade — comenta ele. — Meu pai me esmurrava como se eu fosse uma chapa de metal.

— O problema é que ele me deixou em carne viva. E as mulheres assistindo. A Sra. Alice. As meninas. Pensei que alguma delas falaria para me defender, mas quando me viram sem calças, ficaram apenas enojadas de mim. Elas riam. Enquanto o sujeito me chicoteava, elas riam.

Nas histórias, sempre cabe às mocinhas, às meninas inocentes, deter a mão do homem com o porrete ou o machado. Mas, ao que parece, nós nos desviamos a uma história diferente: as nádegas frágeis de uma criança contraídas pelo frio, seus pequenos testículos magros, seu pênis tímido encolhendo-se a um botão, enquanto as damas da casa abafam risadas e os criados zombam, e os lanhos se abrem em sua pele, e sangram.

— Agora está acabado e esquecido. Não chore. — Ele dá a volta na mesa. Dick Purser baixa a cabeça tosada contra o ombro de seu senhor e soluça, por vergonha, por alívio, por triunfo, pois logo terá sobrevivido a seu torturador. More atormentou John Purser até a morte, perseguindo-o pela posse de livros alemães; ele abraça o garoto, sentindo a pulsação agitada, seus tendões retesados, as fibras de seus músculos, e emite sons de conforto, como fazia com

seus filhos quando eram pequenos, ou como faz com um cão que levou uma pisada na cauda. Por vezes, ele lembra, o conforto é transmitido ao custo de uma ou duas pulgas.

— Seguirei o senhor até a morte — declara o menino. Seus braços, punhos cerrados, agarram seu amo: os nós de seus dedos lhe apertam a coluna. Ele funga. — Acho que vou ficar bem com uma casaca de libré. A que horas saímos?

Cedo. Com a equipe, ele chega a Westminster Hall antes de todo mundo, em prevenção a tropeços de última hora. A corte se reúne à sua volta, e quando More é trazido, o salão fica visivelmente chocado com sua aparência. A Torre jamais foi conhecida por fazer bem a um homem, mas More os alarma com sua figura esquelética e sua barba branca desgrenhada, parecendo mais um homem de 70 do que um homem com sua verdadeira idade.

— Ele parece ter sido maltratado — murmura Audley.

— E ele diz que nenhum truque me escapa...

— Bem, minha consciência está limpa — conclui o lorde chanceler, indiferente. — Ele teve todas as considerações.

John Parnell o cumprimenta com a cabeça. Como funcionário da corte e testemunha, Richard Riche lhe dirige um sorriso. Audley pede um assento para o prisioneiro, mas More se retesa na ponta da cadeira: preparado, combativo.

Ele olha em torno para verificar se há alguém tomando notas por ele.

Palavras, palavras, apenas palavras.

Ele pensa: eu me lembro do senhor, Thomas More, mas o senhor não se lembrava de mim. O senhor nem sequer me viu chegando.

### **III Rumo a Wolf Hall**

*Julho de 1535*

No entardecer do dia da morte de More, o tempo abre, e ele caminha pelo jardim com Rafe e Richard. O sol se mostra, uma névoa de prata entre trapos de nuvens. Os canteiros de ervas encharcados não têm aroma, e um vento arredio agita suas roupas, estapeia suas nuças e depois dá a volta para esbofeteá-los no rosto.

Rafe diz, é como estar no mar. Cada um deles caminha de um lado do senhor, e próximos, como se houvesse risco de baleias, piratas e sereias.

Já se passaram cinco dias desde o julgamento. Desde então, muito trabalho já sobreveio, mas eles não podem evitar a recordação de seus eventos, trocando entre si as imagens em suas mentes: o promotor geral adicionando uma última nota na acusação; More rindo quando algum secretário cometeu um equívoco em seu latim; os rostos frios e lisos dos Bolena, pai e filho, no banco do júri. More jamais ergueu a voz; continuava sentado na cadeira fornecida por Audley, atento, a cabeça um tanto inclinada à esquerda, manipulando sua manga.

Assim, quando More se voltou contra ele, a surpresa de Riche foi visível; ele deu um passo atrás e se firmou contra uma mesa.

— Eu o conheço de longa data, Riche, por que haveria de abrir minha mente a sua pessoa? — More, de pé, a voz exalando desprezo. — Eu o conheço desde sua juventude, um jogador e um apostador, sem qualquer fama louvável nem mesmo em sua própria casa...

— Por São Juliano! — exclamou o juiz Fitzjames; esta era sua exclamação habitual. Entre dentes, para ele, Cromwell: — Ele ganha com isso?

O júri não gostou: nunca se sabe de que um júri vai gostar. Eles interpretaram a súbita reação de More com choque e culpa ao ser confrontado com suas próprias palavras. Certamente, todos conheciam a reputação de Riche. Mas beber, jogar e brigar não são geralmente mais naturais em um jovem do que jejuns, terços e autoflagelação? Foi Norfolk quem interrompeu a explosão de More, a voz seca.

— Deixe de fora o caráter do homem. O que o senhor diz do assunto em questão? O senhor expressiu estas palavras?

Teria sido ali então que More esgotara seus truques? Ele se recompôs, ajeitando a túnica que escorregava pelo ombro; uma vez ajustada, ele fez uma pausa, conteve-se, encaixou uma mão na outra.

— Eu não disse o que Riche alega. Ou, se disse, não pretendi falar com malícia, portanto estou isento segundo o estatuto.

Ele captou a expressão de escárnio cruzando o rosto de Parnell. Não há nada mais duro que um burguês de Londres que se julga tomado por tolo. Audley ou qualquer outro dos advogados poderia ter explicado ao júri: isto é apenas como nós advogados debatemos. Mas os jurados não querem um debate entre advogados, eles querem a verdade: Disse, ou não disse? George Bolena se inclinou à frente: o prisioneiro não poderia nos fornecer sua própria versão da conversa?

More se vira, sorrindo, como se para dizer, um excelente ponto este, jovem Sr. George.

— Não fiz anotação alguma da conversa. Não tenho material para escrever, vê? Eles tomaram tudo. Pois, se o senhor recorda, lorde Rochford, foi por esta mesmíssima razão que Riche me procurou, para retirar de mim quaisquer meios de registro.

E ele fez nova pausa, e encarou o júri como se esperasse aplausos; eles encaravam de volta, rostos como pedras.

Qual foi o divisor de águas? Eles poderiam ter acreditado em More, uma vez que ele foi lorde chanceler em dado momento, e Sr. Bico, como todos sabem, era um grande arruaceiro. Nunca se sabe o que um júri pensará: ainda que ele tenha sido obviamente persuasivo ao reuni-los. Ele disse a todos naquela manhã: não sei qual é a defesa de More, mas não tenho esperança de que ele já tenha terminado ao meio-dia; imagino que todos tomaram um bom desjejum? Quando se retirarem, os senhores devem ficar à vontade, claro, mas se demorarem mais de vinte minutos, segundo meus cálculos, eu sairei para ver como estão passando. Para sanar suas dúvidas, ou qualquer ponto da lei.

Eles só precisaram de 15 minutos.

Agora, neste entardecer no jardim, dia 6 de julho, dia de Santa Godeleva (uma inculpável jovem esposa de Bruges, afogada num lago pelo marido), ele ergue os olhos para o céu, sentindo uma mudança no ar, uma brisa úmida como o outono. O interlúdio do sol fraco está acabado. Nuvens se aproximam e se acumulam em torres e muralhas sopradas de Essex, amontoando-se sobre a cidade, empurradas pelo vento sobre os vastos campos encharcados, sobre os pastos molhados e os rios cheios, atravessando as florestas gotejantes do oeste e se atirando ao mar em direção à Irlanda. Richard recolhe seu chapéu de um canteiro de lavanda e sacode as gotas, praguejando em voz baixa. Uma rajada de chuva os atinge nos rostos.

— Hora de entrar. Tenho cartas a escrever.

— Não trabalhe até altas horas esta noite.

— Não, vovô Rafe. Eu tomarei meu pão e leite e rezarei a Ave-Maria e irei para a cama. Posso levar meu cãozinho comigo?

— Claro que não! Para ouvi-los correndo pelo andar de cima até a manhã?

É verdade que ele não dormiu muito na noite anterior. Passada a meia-noite, ocorreu-lhe que o próprio More sem dúvida estava dormindo, sem saber que era seu último dia sobre a terra. Não é costume, até a manhã, preparar o condenado; assim, pensara, qualquer vigília que faço por ele, faço só.

Eles correm para dentro; o vento bate uma porta às suas costas. Rafe o toma pelo braço. Ele diz, aquele silêncio de More, nunca foi realmente silêncio, foi? Ele retumbava com sua traição. Até onde a retórica lhe serviu, foram os palavrórios, foram as objeções e querelas, as suaves ambiguidades. Era o medo das palavras diretas, ou a insistência em que as palavras diretas se pervertem; o dicionário de More, contra o nosso dicionário. É possível haver um silêncio cheio de palavras. Um alaúde retém, em seu corpo, as notas que tocou. A viola, em suas cordas, detém um acorde. Uma pétala murcha pode conservar seu perfume, uma oração pode estrepitar com pragas; uma casa vazia, quando os donos partem, ainda pode ressoar com fantasmas.

Alguém — provavelmente não Christophe — colocou sobre sua mesa um lustroso vaso de prata com centáureas. O azul-escuro na base das pétalas rugosas parece a ele a luz desta manhã; uma aurora tardia para julho, um céu pesaroso. Às cinco horas, o tenente da Torre já terá ido buscar More.

No térreo, ele ouve um fluxo de mensageiros entrando pelo pátio. Há muito a fazer, a organizar após a morte do homem; afinal, ele pensa, eu me ocupava do mesmo quando criança, fazia as arrumações no rastro dos jovens cavalheiros de Morton, e esta é a última vez que terei de fazê-lo; ele se imagina na aurora, derramando de um embornal de couro o resto de cerveja, espremendo as pontas das velas para levar à oficina para novo derretimento.

Ele ouve vozes no corredor, mas as ignora: ele volta às cartas. O abade de Rewley solicita um posto vago para seu amigo. O prefeito de York lhe escreve sobre redes e armadilhas para peixes; o Humber está correndo limpo e tranquilo, ele lê, assim como o Ouse. Uma

carta de Lorde Lisle em Calais, relatando algum conto emaranhado de autojustificativa: ele disse, depois eu disse, e então ele disse.

Thomas More aparece diante dele, mais sólido na morte do que fora em vida. Talvez ele fique aqui para sempre: tão ágil em raciocínio e tão inflexível, como apareceu em seu momento final perante a corte. Audley ficou tão satisfeito com a sentença de culpado que começou a passar o veredicto sem perguntar ao prisioneiro se ele tinha algo a dizer; Fitzjames teve de se esticar e cutucar seu braço, e o próprio More se ergueu da cadeira para detê-lo. O condenado tinha muito a dizer, e sua voz era vívida, o tom cortante, e seus olhos, seus gestos, em nada como os de um homem condenado, já morto na lei.

Mas nada havia de novidade nisso: pelo menos nada de novo para ele. Eu sigo minha consciência, declarou More, os senhores que sigam as suas. Minha consciência me convence — e agora falarei abertamente — de que seu estatuto é falho (e Norfolk rosna para ele) e que sua autoridade não tem fundamento (Norfolk ruge outra vez: — Agora vemos sua malícia em aberto). Parnell riu e o júri trocou olhares, assentindo uns aos outros; e enquanto todo Westminster Hall sussurrava, More proclamara novamente, exclamando acima do barulho, seu método matemático de traição. Minha consciência está com a maioria, o que me leva a saber que ela não se pronuncia em falso. Contra o reino de Henrique, tenho todos os reinos da cristandade. Contra cada um de seus bispos, tenho uma centena de santos. Contra seu único parlamento, tenho todos os concílios gerais da Igreja, remontando a mil anos.

Norfolk decretou: levem-no. Está acabado.

Terça-feira, oito horas. A chuva tamborila contra a janela. Ele rompe o selo de uma carta do duque de Richmond. O menino reclama que, em Yorkshire, onde está situado, ele não tem campos de caça, e portanto não pode proporcionar diversão alguma a seus amigos. Ah, pobre e pequenino duque, ele pensa, como posso aliviar sua dor? A viúva dos dentes pretos de Gregory, aquela que ele desposará; ela tem um campo, então talvez o jovem príncipe deva divorciar-se da filha de Norfolk e se casar com ela? Ele deixa a carta de Richmond de lado, tentado a atirá-la ao chão; ele segue em

frente. O imperador deixou a Sardenha com sua frota, partindo para a Sicília. Um padre da St. Mary Woolchurch diz que ele é um sectário e que não tem medo dele: tolo. Harry Lord Morley lhe envia um galgo. Há notícias de refugiados em êxodo da região de Münster, alguns rumando para a Inglaterra.

Audley dissera:

— Prisioneiro, a corte pedirá ao rei que lhe conceda clemência quanto à forma de sua morte. — Audley se inclinou à frente: secretário-mor, o senhor prometeu algo? Por minha vida, não: mas certamente o rei será bondoso com ele, não? Norfolk diz, Cromwell, pode aconselhá-lo neste assunto? Ele fará o que disser; mas, caso contrário, eu mesmo vou implorar a ele. Que assombro: Norfolk, pedindo clemência? Ele ergueu os olhos para ver Thomas More sendo levado, mas ele já havia desaparecido, os altos alabardeiros fechando o cerco às suas costas: o barco para a Torre o aguardava nos degraus do cais. Provavelmente era como voltar para casa: a familiar cela com a janela estreita, a mesa vazia de papéis, o toco de vela, a lona fechada.

A janela sacode; ele se assusta, e pensa, eu deveria trancar o quebra-vento. Ele se ergue para fazê-lo quando Rafe entra com um livro na mão.

— É o livro de preces de More, que ele tinha consigo no último momento.

Ele o examina. Por misericórdia, não há manchas de sangue. Ele o ergue pela lombada e deixa que as páginas se movam em leque.

— Já fiz isso — comenta Rafe.

More escreveu seu nome no livro. Há partes sublinhadas no texto: Não recorde os pecados de minha juventude.

— Uma pena que ele recordava os de Richard Riche.

— Devo mandá-lo à Sra. Alice?

— Não. Ela pode pensar que foi um dos pecados. — A mulher já teve de tolerar coisas demais. Em sua última carta, More nem sequer deu adeus a ela. Ele fecha o livro. — Mande para Meg. Provavelmente ele queria que fosse dela de qualquer maneira.

Toda a casa se agita ao seu redor; vento nas calhas, vento nas chaminés, uma corrente penetrante sob cada porta. Está frio o



bastante para uma lareira, diz Rafe, devo mandar acender? Ele concorda.

— Diga a Richard, na próxima manhã, vá para a Ponte de Londres e encontre o administrador da ponte. A Sra. Roper o procurará e pedirá pela cabeça de seu pai, para enterrá-la. O homem deve aceitar o que Meg oferecer e cuidar para que ela não seja impedida. E ficar de boca fechada.

Certa vez, em sua juventude na Itália, ele fez parte de um destacamento de enterro. Não é algo a que alguém se voluntaria; apenas se cumpre ordens. Eles ataram panos sobre as bocas e enterraram seus camaradas em solo profano; partiram com o cheiro de putrefação em suas botas.

O que é pior, ele pensa, ter suas filhas mortas antes que você, ou deixá-las para recolher seus restos?

— Há algo... — Ele franze a testa para seus papéis. — O que estou esquecendo, Rafe?

— Seu jantar?

— Mais tarde.

— Lorde Lisle?

— Já lidei com lorde Lisle. — Lidei com o rio Humber. Com o padre calunioso de Mary Woolchurch; bem, não lidei com ele, mas o coloquei em uma pilha de assuntos pendentes. Ele ri. — Sabe do que preciso? Preciso da máquina da memória.

Guido abandonou Paris, dizem. Ele fugiu de volta à Itália e deixou o aparelho construído pela metade. Dizem que, por algumas semanas antes de sua fuga, ele não falou e tampouco comeu. Seus defensores diziam que ele tinha enlouquecido, aterrado pelas capacidades de sua própria criatura: perdido no abismo do divino. Seus detratores afirmaram que demônios saíram das fendas e frestas do aparelho, e o apavoraram tanto que ele fugiu à noite vestindo sua túnica sem sequer uma casca de pão ou um pedaço de queijo para a jornada, deixando para trás todos os livros e suas roupas de mago.

Não é impossível que Guido tenha abandonado escritos na França. Por um pagamento, talvez possam ser obtidos. Não é impossível mandar segui-lo até a Itália; mas existe alguma utilidade

nisso? É provável, ele pensa, que jamais saibamos o que seu invento realmente era. Uma prensa móvel que pode escrever seus próprios livros? Uma mente que pensa por si? Se eu não a tenho, ao menos o rei de França também não tem.

Ele pega sua pena. Ele boceja, baixa a pena e torna a erguê-la. Eu serei encontrado morto em minha mesa, ele pensa, como o poeta Petrarca. O poeta escreveu muitas cartas não enviadas: escreveu a Cícero, que morreu 1.200 anos antes do nascimento do poeta. Escreveu a Homero, que possivelmente nem sequer existiu; mas eu, eu tenho o bastante a fazer com lorde Lisle, e as armadilhas de pesca, e os galeões do imperador ricocheteando pelo Mar do Meio. Entre um mergulho da pena, Petrarca escreve, "entre um e outro mergulho da pena, o tempo passa: e eu me apresso, eu me instigo, eu me arrojto à morte. Estamos sempre morrendo — eu, enquanto escrevo, tu, enquanto lêes, e outros enquanto ouvem ou tapam seus ouvidos; estão todos morrendo."

Ele recolhe o próximo maço de cartas. Um homem chamado Batcock quer uma licença para importar cem tonéis de anil. Harry Percy está doente mais uma vez. As autoridades de Yorkshire detiveram e dividiram os rebeldes entre os que serão acusados de vandalismo e homicídio culposo, e os que serão indiciados por homicídio doloso e estupro. Estupro? Desde quando protestos por comida envolvem estupro? Mas, eu esqueço, isto é Yorkshire.

— Rafe, traga-me o itinerário do rei. Vou verificá-lo e com isso acabo aqui. Acho que podemos ter alguma música antes de ir para a cama.

A corte partirá para o oeste nesse verão, tão longe quanto Bristol. O rei está pronto para a viagem, apesar da chuva. Eles sairão de Windsor, passando por Reading, Missenden, Abingdon, cruzando Oxfordshire, os ânimos melhorando — assim esperamos — com a distância de Londres; ele diz a Rafe, se o ar do campo de fato funcionar, a rainha retornará com uma grande barriga. Rafe responde, eu me pergunto se o rei aguentará a expectativa a cada tentativa. Ela esgotaria um homem mais fraco.

— Se nós deixarmos Londres no dia 18, podemos planejar alcançá-los em Sudely. Isto funcionaria?

— Melhor partir um dia antes. Consideremos a situação das estradas.

— Não existe nenhum atalho, existe?

Ele não passará nenhum rio a vau, mas usará pontes, e, contra sua inclinação, seguirá pelas estradas principais; mapas melhores seriam úteis. Mesmo nos tempos do cardeal, ele se perguntava: será que poderíamos empreender este projeto? Existem mapas, de certo tipo; castelos cravados pelos campos, com as guarnições detalhadamente representadas, campos de caça e parques marcados por contornos de árvores frondosas, com desenhos de cervos e javalis eriçados. Não surpreende que Gregory tenha confundido Nortúmbria com as Índias, pois os mapas são deficientes em todos os aspectos práticos; por exemplo, não dizem para que lado fica o norte. Seria útil saber onde ficam as pontes, e tomar nota da distância entre elas e quão longe estamos do mar. Mas o problema é, os mapas sempre são do ano anterior. A Inglaterra vive em remarcação, os penhascos se erodem, os bancos de areia se dissipam, fontes irrompem da terra morta. Elas se reagrupam enquanto dormimos, as paisagens que atravessamos, e até as histórias deixadas em nosso rastro; as faces dos mortos desaparecem em outros rostos, como uma cadeia de montanhas na bruma.

Quando ele era pequeno, 6 anos ou em torno disso, o aprendiz de seu pai fazia pregos dos restos de ferro: apenas pregos comuns de cabeça chata, ele dizia, para fechar tampas de caixão. Os bastões dos pregos se iluminavam na chama, um laranja intenso.

— Por que trancamos os mortos com pregos?

O rapaz quase não se deteve, formando cada cabeça com uma martelada perfeita.

— É para que aqueles bichos feios não saltem para correr atrás da gente.

Mas ele agora compreende a diferença. São os vivos que dão meia-volta e perseguem os mortos. Os crânios e ossos longos são derrubados de suas mortalhas e palavras como pedras são enfiadas entre o tiritar de suas mandíbulas: nós editamos seus escritos, reescrevemos suas vidas. Thomas More espalhou o rumor de que o

Pequeno Bilney, acorrentado ao poste, arrependeu-se quando a fogueira foi acesa. Ele não se contentou em tirar a vida de Bilney; ele teve de tirar-lhe a morte também.

Hoje, More foi escoltado ao cadafalso por Humphrey Monmouth, servindo em seu cargo como delegado de Londres. Monmouth é um homem demasiado bom para se regozijar com o reverso da fortuna. Mas talvez possamos nos regozijar por ele?

More se deita no bloco, ele o vê agora. Ele está envolto em uma grosseira capa cinza que ele recorda ter pertencido ao criado, John Wood. Ele fala com o decapitador, aparentemente fazendo alguma ironia para ele, limpando a garoa do rosto e da barba. Ele despe a capa, cuja barra está ensopada da água da chuva. Ele se ajoelha diante do bloco, os lábios se movem em uma prece final.

Como todas as outras testemunhas, ele joga sua capa às costas e se ajoelha. Ao som nauseante do machado na carne, ele lança um olhar para o alto. O cadáver parece ter saltado para trás com o golpe, e desabou como uma pilha de roupas velhas — dentro, ele sabe, as veias ainda pulsam. Ele faz o sinal da cruz. O passado se move pesadamente em seu interior, um deslocamento do chão.

— Pois bem, o rei — diz ele. — De Gloucester, ele parte para Thornbury. Depois para a casa de Nicholas Poynz em Iron Acton: por acaso Poynz sabe em que ele está se metendo? De lá para Bromham...

Nesse mesmo ano que se encerrou, um acadêmico estrangeiro escreveu uma crônica sobre a Bretanha que omite o rei Artur, alegando que ele jamais existiu. Um bom fundamento, se ele puder prová-lo; mas Gregory responde, não, ele está errado. Pois se estiver certo, o que acontecerá com Avalon? O que será da espada na pedra?

Ele ergue os olhos.

— Rafe, você é feliz?

— Com Helen? — Rafe cora. — Sim, senhor. Jamais houve homem mais feliz.

— Eu sabia que seu pai mudaria de ideia, depois que a visse.

— Tudo graças ao senhor.

De Bromham — agora estamos no início de setembro — em direção a Winchester. Depois a Bishop's Waltham, Alton, e de Alton a Farnham. Ele planeja a jornada, cruzando o país. O objetivo é ter o rei de volta em Windsor no início de outubro. Ele tem seu esboço de mapa cobrindo a página, a Inglaterra como um chuvisco de tinta; seu calendário, anotado com mão rápida, está abaixo.

— Ao que parece, tenho quatro, cinco dias livres. Aí está. Quem disse que eu nunca tiro uma folga?

Antes de "Bromham", ele faz um ponto na margem, e desenha uma longa seta cruzando a página.

— Bem, aqui, antes que partamos para Winchester, teremos tempo de sobra, e o que eu acho, Rafe, é que faremos uma visita à família Seymour.

Ele anota.

Começo de setembro. Cinco dias. Wolf Hall.

## Nota da autora

Em partes da Europa medieval, o ano novo oficial começava em 25 de março, Dia da Anunciação, a data em que, segundo a crença, um anjo anunciou a Maria que ela esperava o menino Jesus. Veneza adotou 1º de janeiro como o começo do ano novo ainda em 1522, e outros países europeus a seguiram em intervalos, mas a Inglaterra só aderiu em 1752. Neste livro, como na maioria das histórias, os anos são datados a partir de 1º de janeiro, que era celebrado como um dos 12 dias de Natal e era o dia em que os presentes eram trocados.

Após a morte de Wolsey, o nobre intendente George Cavendish se recolheu ao campo e, em 1554, quando Maria subiu ao trono, começou um livro, *Thomas Wolsey, falecido cardeal, sua vida e morte*. Foi publicado em muitas edições e pode ser encontrado online numa edição com ortografia original. Não é sempre preciso, mas é um relato muito tocante, imediato e legível sobre a carreira de Wolsey e o papel que Thomas Cromwell desempenhou nela. Sua influência em Shakespeare é clara. Cavendish levou quatro anos para concluir seu livro, e faleceu na mesma época em que Elizabeth subiu ao trono.

## **Agradecimentos**

Gostaria de agradecer a Delyth Neil, pelos galeses, a Leslie Wilson, pelos alemães, e a uma senhora de Norfolk, pelos flamengos. A Guada Abale, por me emprestar uma canção. A Judith Flanders, por me ajudar quando eu não conseguia ir à British Library. Ao Dr. Christopher Haigh, por me convidar para um esplêndido jantar na casa senhorial de Wolsey, em Christ Church. A Jan Rogers, por partilhar comigo uma peregrinação a Cantuária e uma bebida no Cranmer Arms, em Aslockton. A Gerald McEwen, por me conduzir por lá e por ser paciente com minhas preocupações. Ao meu agente, Bill Hamilton, e aos meus editores, pelo apoio e incentivo. Acima de tudo, à Dra. Mary Robertson; sua atividade como pesquisadora tem como foco a vida de Cromwell, mas ela incentivou-me e emprestou-me seus conhecimentos durante a elaboração desta obra de ficção, foi paciente com minhas especulações inconvenientes e foi suficientemente gentil para reconhecer o retrato que eu criei. Dedico este livro a ela, com todo o meu agradecimento e afeto.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub  
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.